

# HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO

---

DOCENTES  
EM CENTROS  
DE MEMÓRIA

**MHEPT**

Memórias e História da Educação  
Profissional e Tecnológica



# HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO

---

DOCENTES  
EM CENTROS  
DE MEMÓRIA

**MHEPT**

Memórias e História da Educação  
Profissional e Tecnológica

## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador

**Tarcísio de Freitas**

Vice-Governador

**Felício Ramuth**

Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação

**Vahan Agopyan**

## CENTRO PAULA SOUZA

Presidente

**Clóvis Dias**

Vice-Presidente

**Maycon Geres**

Chefe de Gabinete  
da Presidência

**Otávio Moraes**

Coordenadora Geral da Pós-  
Graduação, Extensão e Pesquisa

**Juliana Augusta Verona**

Coordenador Geral  
de Ensino Superior  
de Graduação

**Robson dos Santos**

Coordenador Geral  
de Ensino Médio e Técnico

**Divanil Antunes Urbano**

Coordenador Geral de Formação  
Inicial e Educação Continuada

**William Menezes**

Coordenadora Geral  
de Infraestrutura

**Bruna Fernanda Ferreira**

Coordenador Geral de  
Administração e Finanças  
**Armando Natal Maurício**

Coordenador Geral  
de Gestão de Pessoas

**Vicente Mellone Junior**

Coordenador da Assessoria  
de Comunicação

**André Velasques de Oliveira**

Coordenadora da Assessoria  
de Inovação Tecnológica

**Ariane Serafim**

Coordenadora da Assessoria  
de Relações Internacionais

**Marta Iglesias**

Coordenador Geral de Planejamento  
e Desenvolvimento Estratégico

**Marcelo Capuano**

Assessor de Relações Institucionais

**Aldie Trabachini**

# HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO

---

## DOCENTES EM CENTROS DE MEMÓRIA

Maria Lucia Mendes de Carvalho



São Paulo, 2025

# HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: DOCENTES EM CENTROS DE MEMÓRIA

## Coordenadoria Geral de Ensino Médio e Técnico (CGETEC)

Superintendente de Desenvolvimento de Materiais Educacionais e Programas Pedagógicos  
**Lucília Guerra**

Coordenadora de Projetos e Autora  
**Maria Lucia Mendes de Carvalho**

---

Projeto Gráfico e diagramação  
**Marta Maria Mendonça de Almeida**

Capa  
**Diego Pereira dos Santos**  
**Marta Maria Mendonça de Almeida**

Impressão  
**Gráfica ??? | Impresso em papel Offset 75g/m<sup>2</sup>**

## Ficha Catalográfica

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8/7262

---

Carvalho, Maria Lucia Mendes de

História oral na educação: docentes em centros de memória/Maria Lucia Mendes de Carvalho. – São Paulo: Centro Paula Souza, 2025.

364 p. : il. ; 22,5 cm. (Coleção docentes em centros de memória, v. 1).

Inclui bibliografia.

ISBN n° 978-65-87877-70-9 (Físico)

ISBN n° 978-65-87877-71-6 (Digital)

Docentes entrevistados: Américo Baptista Villela; Camila Polido Bais Hagio; Daniele Torres Loureiro; Joana Célia de Oliveira Borini; Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro; Aparecida Helena Costa; Júlia Naomi Kanazawa; Marcia Cirino dos Santos; Maria Teresa Garbin Machado; Paulo Eduardo da Silva; Jurema Rodrigues; Patrícia Campos Magalhães; Marlene Aparecida Guiselini Benedetti; Sueli M. Oliani Oliveira; Fâbia Dovigo Pais; Ednéia Chinellato; Kátia Vargas Abrucese; Liene Cunha Viana Bittar; Lucília Guerra; Júlia Falivene Roberto Alves; José Fernando Gabriel.

1. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. 2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO.  
3. CENTROS DE MEMÓRIA. 4. PATRIMÔNIO HISTÓRICO-EDUCATIVO. I. Título.

---

CDD 370.113

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b>	<b>9</b>
Almério Melquíades de Araújo.....	
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
Maria Lucia Mendes de Carvalho.....	
<b>ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL.....</b>	<b>30</b>
<b>1. AMÉRICO BAPTISTA VILLELA</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Bento Quirino, em Campinas.....</i>	<b>31</b>
<b>2. CAMILA POLIDO BAÍS HAGIO</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, em São Paulo .....</i>	<b>47</b>
<b>3. DANIELE TORRES LOUREIRO</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Fernando Prestes, em Sorocaba .....</i>	<b>61</b>
<b>4. JOANA CÉLIA DE OLIVEIRA BORINI</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Dr. Júlio Cardoso, em Franca .....</i>	<b>73</b>
<b>5. MARIA MEDIANEIRA NOUER ACHUTTI MONTEIRO</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Dr. Júlio Cardoso, em Franca .....</i>	<b>85</b>

<p><b>6. APARECIDA HELENA COSTA</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>Dr. Júlio Cardoso, em Franca</i> .....</p>	97
<p><b>7. JULIA NAOMI KANAZAWA</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>Cônego José Bento, em Jacareí</i> .....</p>	117
<p><b>8. MÁRCIA CIRINO DOS SANTOS</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>Dona Escolástica Rosa, em Santos</i> .....</p>	133
<p><b>9. MARIA TERESA GARBIN MACHADO</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>Prof. Alcídio de Souza Prado, em Orlandia</i> .....</p>	147
<p><b>10. PAULO EDUARDO DA SILVA</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>José Rocha Mendes, em São Paulo</i> .....</p>	161
<p><b>11. JUREMA RODRIGUES</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>Philadelpho Gouvêia Netto, em São José do Rio Preto</i> .....</p>	177
<p><b>12. PATRÍCIA CAMPOS MAGALHÃES</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba</i> .....</p>	195
<p><b>13. MARLENE APARECIDA GUISELINI BENEDETTI</b>  <i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>  <i>Trajano Camargo, em Limeira</i> .....</p>	213

<b>14. SUELI MARA OLIANI OLIVEIRA SILVA</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>	
<i>Prof. Matheus Leite de Abreu, em Mirassol .....</i>	<b>227</b>
<b>15. FÁBIA DOVIGO PAIS</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>	
<i>Pedro Ferreira Alves, em Mogi Mirim .....</i>	<b>241</b>
<b>16. EDNÉIA CHINELLATO</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>	
<i>João Jorge Geraissate, em Penápolis .....</i>	<b>253</b>
<b>17. KATIA VARGAS ABRUCESE</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>	
<i>Dr. Carolino da Motta e Silva,</i>	
<i>em Espírito Santo do Pinhal .....</i>	<b>271</b>
<b>18. LIENE CUNHA VIANA BITTAR</b>	
<i>Acervo escolar da Faculdade de Tecnologia</i>	
<i>Dr. Thomaz Novelino, em Franca .....</i>	<b>285</b>
<b>19. LUCÍLIA DOS ANJOS FELGUEIRAS GUERRA</b>	
<i>Unidade de Ensino Médio e Técnico,</i>	
<i>em São Paulo .....</i>	<b>301</b>
<b>20. JULIA FALIVENE ROBERTO ALVES</b>	
<i>Unidade de Ensino Médio e Técnico,</i>	
<i>em São Paulo .....</i>	<b>317</b>
<b>21. JOSÉ FERNANDO GABRIEL</b>	
<i>Centro de Memória da Escola Técnica Estadual</i>	
<i>João Belarmino, em Amparo .....</i>	<b>341</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>355</b>
<b>APÊNDICE</b>	
Documento de Registro de Entrevista para hospedar no sítio Memórias do Centro Paula Souza .....	<b>359</b>
<b>POSFÁCIO</b>	
Divanil Antunes Urbano .....	<b>363</b>

# PREFÁCIO

O trabalho docente, por sua natureza simultaneamente individual e coletiva, constitui um permanente processo de pesquisa empírica e de aprendizado cotidiano. A contínua interação de cada professor com dezenas de estudantes, dia após dia, transforma a sala de aula em um espaço dinâmico de construção de saberes.

Os imprevistos que emergem no cotidiano escolar — muitas vezes provocados por diferentes maneiras com que os alunos se apropriam dos conteúdos — exigem dos docentes respostas sensíveis, contextualizadas e adequadas à realidade de cada turma. Nesses momentos, o professor se reinventa, adapta metodologias e amplia sua escuta pedagógica, reafirmando a docência como um ofício de criação constante.

Para além da sala de aula, os intervalos entre as aulas, os conselhos de classe e as reuniões pedagógicas constituem espaços ricos de reflexão coletiva e de formação continuada. Infelizmente, por não serem formalmente registrados, esses momentos de construção de saberes docentes muitas vezes se perdem e deixam de ser compartilhados, comprometendo a valorização de práticas que poderiam inspirar outras experiências educacionais.

Nesse contexto, o programa História Oral na Educação: Memórias do Trabalho Docente tem cumprido um papel fundamental ao resgatar, preservar e divulgar parte desse patrimônio imaterial da educação profissional paulista. Por meio de entrevistas com os curadores dos Centros de Memória de 16 Etecs, o programa revela práticas didático-pedagógicas desenvolvidas em salas de aula, laboratórios, oficinas e em diversos espaços de contextualização profissional, dando visibilidade a experiências que, de outro modo, permaneceriam invisíveis.

Diante de currículos que se renovam com velocidade crescente, exigindo atualização constante de conhecimentos e metodologias, a escuta atenta dessas narrativas torna-se ainda mais relevante. A reflexão crítica sobre tais transformações contribui diretamente para o aprimoramento do trabalho das equipes pedagógicas, na missão de formar profissionais técnicos capazes de aprender ao longo de toda a vida, num mundo em contínua e acelerada mudança.

O projeto **Historiografia**, fruto da parceria entre o Centro Paula Souza e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), iniciado em 1997, tem sido um importante marco nesse movimento. Dele, derivaram outros projetos, como os Centros de Memória, os Encontros Anuais e diversas publicações, que hoje constituem um acervo valioso para pesquisas e práticas pedagógicas. Esses registros contribuem não apenas para a memória institucional, mas também para a qualificação da prática docente em escolas públicas e privadas de todo o país.

**Almério Melquiades de Araújo**  
São Paulo, 04 de agosto de 2025.

# INTRODUÇÃO

## MARIA LUCIA MENDES DE CARVALHO

Unidade de Ensino Médio e Técnico/GEPEMHEP

Essa publicação é parte do projeto de pesquisa “História oral na educação: docentes em centros de memória”, dentro do programa “HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO”, que tem por intenção difundir depoimentos de professores-pesquisadores que atuaram ou atuam como curadores em centros de memória de escolas técnicas e/ou faculdade de tecnologia, em diferentes regiões do estado de São Paulo, e que participam de eventos e publicações promovidas e/ou produzidas pelo GEPEMHEP (Grupo de Estudos e Pesquisas de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica) no Centro Paula Souza, cujo objetivo principal será identificar por meio dos documentos de registro de entrevistas com esses docentes, quais práticas escolares realizavam e se envolveram estudantes de Ensino Médio Técnico e Profissional, com a intenção de preservação, de salvaguarda e de difusão do patrimônio cultural histórico-educativo e da ciência e tecnologia, quando desenvolveram estudos e pesquisas documental nesses “lugares de memória”<sup>1</sup>.

É necessário informar que o Centro Paula Souza (CPS) é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação, que administra 228 Escolas Técnicas (Etecs), com mais de 224 mil estudantes estão matriculados nos Ensinos Técnico, Integrado, Médio e Especialização Técnica, incluindo habilitações nas modalidades presencial, semipresencial e online, oferecendo 262 cursos, e 81 Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais, com 91 mil alunos matriculados em 101 cursos de graduação tecnológica. Essa instituição, com mais de 316 mil alunos matriculados em cursos técnicos de nível médio e superior tecnológicos, voltados aos setores produtivos públicos e privados, ainda oferece Formação Inicial e Continuada e Pós-Graduação (*lato e stricto*

1 Para Nora (1993, p. 12-13): Os lugares de memória são antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora [...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais, [...] sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. [...]

*sensu*). A instituição também é reconhecida como Instituto de Ciência e Tecnologia (ICT), uma organização sem fins lucrativos de administrações públicas ou privadas, que tem como principal objetivo a criação e o incentivo a pesquisas científicas e tecnológicas. Esse reconhecimento se deu por unanimidade em reunião do Conselho das Instituições de Pesquisa do Estado de São Paulo (Consip), realizada em 14 de setembro de 2021. A Resolução SDE nº 60, de 30 de dezembro de 2021 foi publicada do Diário Oficial do Estado, em 4 de janeiro de 2022 e passou a vigorar a partir desta data. (Centro Paula Souza, 2025a; DOESP, 2022)

Em 2018, quando foi proposto o projeto “HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: memórias do trabalho docente” na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), como curadora do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica (CMEPTCPS), a minha intenção era entrevistar os professores-pesquisadores que eram curadores em Centros de Memória. Nesse ano, estávamos comemorando dez anos do programa “Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica”, originário do projeto “Historiografia da Escolas Técnicas mais Antigas do Estado de São Paulo”, em 1997, quando 11 escolas foram convidadas e professores indicados pelas direções das escolas técnicas mais antigas do estado de São Paulo. Os professores participantes nesse projeto, receberam como apoio institucional, doze horas de atividades específicas (HAE) semanais para realizarem diagnósticos dos acervos institucionais em suas unidades escolares. Esse diagnóstico gerou, com o apoio financeiro da FAPESP, o projeto pioneiro “Pesquisa sobre o ensino público no Estado de São Paulo: memória institucional e transformações histórico-espaciais”, possibilitou a criação dos primeiros oito Centros de Memória em escolas técnicas do CPS, proposto e coordenado pela professora Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes do Centro de Memória da Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, e sob a coordenação da professora Júlia Falivene Alves no Centro Paula Souza. (Carvalho; Moraes, 2023)

Em 2014, quando o CPS comemorava 45 anos, fiz uma entrevista de história oral de vida com a professora Júlia Falivene Alves sobre sua trajetória pessoal como educadora e coordenadora de projetos, que relatou sobre a origem do projeto de Historiografia, como sendo uma articulação entre a professora Carmen Sylvia Vidigal Moraes, pesquisadora no CMFEUSP, e o professor Almério Melquiades de Araújo, coordenador da Cetec/CPS:

A Historiografia das Escolas Técnicas Mais Antigas, e em 1997, ela foi até o Almério, que ela já conhecia e propôs que se fizesse um projeto com os documentos importantes que às vezes ficam jogados. [...] Como arquivo morto. E foi falar comigo e eu também me interessei. Foi assim, a Carmen e o Almério eles se conheciam e tinham muito afeto, e eles propuseram esse projeto para a FAPESP com esse nome imenso “Projeto Pesquisa

sobre o Ensino Público Profissional no Estado de São Paulo: memória institucional e transformações histórico-espaciais”. Ele foi aprovado, e a FAPESP fez a mesma coisa que a Vitae, que era equipar. Ela deu os armários deslizantes, ela deu material para trabalhar fotografias. Tudo que se relacionasse com equipar bem para que o arquivo histórico fosse seguro, não se deteriorasse, que fosse, e a escola tem ligação com a cidade, e que estudaram aqui, e tal e tal. E a coisa andou, e quantas escolas. [...] Foram quatro no início e estão dando certo, e ainda entrevistando pessoas que tinham trabalhado lá ou estudado lá. Enfim, a ideia era essa: – Conscientizar o pessoal que o arquivo é para o pesquisador e historiador, a mesma coisa que as ruínas são para os arqueólogos. (Alves, 2014, p. 16).

No Centro Paula Souza o programa “HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: memórias do trabalho docente” surgiu como projeto na Cetec, proposto para o Plano de Metas – 2018/Cetec e aprovado com o número 8.4.02.02, dentro do objetivo (8 – Apoio aos Projetos do Gabinete da Superintendência e da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação), no grupo de projeto (4 – Organização das ações relacionadas ao Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza), e na meta (2 – Ampliar a participação de docentes em projetos relacionados à memória da educação profissional em 10% e proporcionar oportunidades para participação de discentes) com o objetivo geral de catalogar narrativas e vídeos de entrevistas realizadas em projetos de HAE (horas atividades específicas) por professores-pesquisadores em “Memórias e História da Educação Profissional” com docentes, gestores e colaboradores da educação profissional e tecnológica, de diferentes épocas, a fim de produzir uma coleção de e-books sobre essa temática, com a intenção de contribuir com outros estudos e pesquisas que visam compreender a evolução da educação profissional e tecnológica no estado de São Paulo, ligando o passado ao presente, e propiciando prospecção do futuro. Esse projeto se transformou num programa, com a difusão no sítio de Memórias, no link percurso histórico, composto atualmente de 25 volumes, com 168 entrevistas em audiovisual e com documentos de registro de entrevistas padronizado pelo GEPEMHEP. (Centro Paula Souza, 2025b)

Para comemorar os dez anos do programa “Memórias e História da Educação Profissional”, decidi entrevistar curadores em centros de memória, e comecei pela visita ao Centro de Memória da Etec João Belarmino, em Amparo/SP, que não conhecia e com o propósito de entrevistar o professor de história José Fernando Gabriel, que era o indicado pela direção da escola para cuidar do acervo. Para essa comemoração organizei a exposição “10 anos de Curadoria em Centros de Memória” produzindo os painéis de centros de memória com objetos do patrimônio histórico educativo, cujas fotografias foram fornecidas por seus curadores, e estes

expostos na Galeria do Edifício Paula Souza, durante a 16ª Semana Nacional de Museus, cuja temática foi “Museus hiper conectados: novas abordagens, novos públicos”, onde funcionava o CMEPTCPS até outubro de 2022 (Carvalho, 2022). Posteriormente, essa exposição aconteceu durante o “V Encontro de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica: Concepções, Rupturas e Permanências”, entre 20 e 21 de setembro de 2018, no espaço museológico da sede administrativa (Figura 1), na Rua dos Andradas, 140 – Bairro Santa Ifigênia, onde está alocado o CMEPTCPS, no 6º andar, atualmente. (Carvalho, 2025b)



*Figura 1 – Exposição “10 anos de Curadoria em Centros de Memória” no espaço museológico da sede administrativa.*

*Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 20/09/2018.*

Waldirene Malagrine Monteiro (2015), que estuda e pesquisa trajetórias de vida e formação da profissionalidade docente, empregando como metodologia a história oral, considera que:

A fotografia assume o acontecimento e imprime, por meio dos guardados, a imersão e congelamento das histórias, bem como das descobertas e representações do mundo. O fotográfico permite abarcar dispositivos de construção e reconstrução de histórias de vida e formação. Dessa composição de realidades/ficções faz parte o registro do real, do ausente, dos indícios, do protagonismo e da memória. Nesse sentido, a fotografia pode escrever a vida. O recurso da fotobiografia, ao mesmo tempo que concerne às experiências, aprendizagens e imagens de si, é um instrumento disparador do olhar do outro, cujas observações e interpretações ampliam as possibilidades de produção do conhecimento. (Monteiro, 2015, p. 153)

Ainda em 2018, oferecemos na instituição um curso de história oral, em duas etapas, denominados Clubes de Memórias XXIX e XXX – “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, e que gerou 34 entrevistas gravadas em audiovisual, transcritas, e produzidos os documentos de registro de entrevistas, que estão difundidas no sítio de Memórias, no link percurso histórico, do referido programa, como volume um. Os professores-pesquisadores continuaram realizando entrevistas e empregando como metodologia de pesquisa a história oral de vida ou temática em seus projetos de HAE, propostos e aprovados anualmente, dentro de um projeto coletivo em Plano de Metas da Cetec, com estimativas de número de professores participantes e de horas atividades específicas, propostos por professores que participam do GEPEMHEP. Durante o período de isolamento social devido à Pandemia do Covid-19, como coordenadora de projetos de “Memórias”, entre agosto e outubro de 2020, decidi retomar a ideia de realizar entrevistas com os curadores em centros de memória, iniciando em 2018, e o fiz entrevistando 18 professores-pesquisadores, online pelo teams, apresentados no Quadro 1, mas sem transcrevê-las, o projeto ficou parado.

**Quadro 1** – Nome do Docente-pesquisador, da Escola Técnica ou Faculdade de Tecnologia, e município do estado de São Paulo onde está localizada a unidade do Centro Paula Souza.

<b>Nº</b>	<b>DOCENTE</b>	<b>ESCOLA TÉCNICA/ FACULDADE DE TECNOLOGIA</b>	<b>CENTRO DE MEMÓRIA (implantação)</b>
01	Américo Baptista Vilella	Etec Bento Quirino, em Campinas	1998
02	Camila Polido Bais Hagio	Etec Getúlio Vargas, em São Paulo	1998
03	Joana Célia de Oliveira Borini	Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca	2000
04	Maria Medianeira N. A. Monteiro	Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca	2000

<b>Nº</b>	<b>DOCENTE</b>	<b>ESCOLA TÉCNICA/ FACULDADE DE TECNOLOGIA</b>	<b>CENTRO DE MEMÓRIA (implantação)</b>
05	Aparecida Helena Costa	Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca	2000
06	Daniele Torres Loureiro	Etec Fernando Prestes, em Sorocaba	2000
07	Julia Naomi Kanazawza	Etec Cônego José Bento, em Jacareí	2000
08	Marcia Cirino dos Santos	Etec Dona Escolástica Rosa, em Santos	2000
09	Maria Teresa Garbin Machado	Etec Prof. Alcídio de Souza Prado, em Orlandia	2008
10	Paulo Eduardo da Silva	Etec José Rocha Mendes, em São Paulo	2011
11	Jurema Rodrigues	Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto	2012
12	Patrícia Campos Magalhães	Etec João Gomes Araújo, em Pindamonhangaba	2013
13	Marlene Aparecida G. Benedetti	Etec Trajano Camargo, em Limeira	2015
14	Sueli Mara Oliani Oliveira	Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol	2015

<b>Nº</b>	<b>DOCENTE</b>	<b>ESCOLA TÉCNICA/ FACULDADE DE TECNOLOGIA</b>	<b>CENTRO DE MEMÓRIA (implantação)</b>
15	Fábia Dovigo Pais	Etec Pedro Ferreira Alves, em Mogi Mirim	2015
16	Ednéia Chinellato	Etec João Jorge Geraissate, em Penápolis	2016
17	Kátia Vargas Abrucese	Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, em Espírito Santo do Pinhal	2019
18	Liene Cunha Bittar	Fatec Dr. Thomaz Novelino, em Franca	-
19	Lucília Guerra	Diretora do Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão/ Cetec/Centro Paula Souza – Administração Central	-
20	Marta Maria Mendonça de Almeida	Designer/Assessoria de Comunicação	-
21	Carlos Eduardo Ribeiro	Coordenador de Projetos/ Cetec/Centro Paula Souza – Administração Central /GEPemHEP	-
22	Maria Lucia Mendes de Carvalho	Coordenadora de Projetos/ Cetec/Centro Paula Souza – Administração Central/GEPemHEP	2013

*Fonte: Elaborado pela autora, em 2024.*

Em 16 de março de 2021, ainda em isolamento devido à pandemia, propus na Cetec e ministrei um curso de história oral, online, que denominei Clube de Memórias XXXVI – “História oral e o mundo empresarial”, e durante o evento convidei professores a participarem do projeto coletivo “História oral na educação: de

profissionais a empreendedores” a ser elaborado, sob a minha coordenação. Dos 31 participantes desse curso de história oral, somente 16 professores aceitaram o convite, a maioria, curadores em centros de memória institucional, que se inscreveram no projeto pela Plataforma Brasil, inserido pela coordenação do projeto coletivo, e registrado como CAAE 48473721.4.0000.8125, com duração de dois anos, iniciado em junho. Também convidei dois colaboradores, uma de design e, o outro, de informática, curador digital do sítio de Memórias do Centro Paula Souza. Após a aprovação do projeto por um comitê de ética indicado pela plataforma, com o Parecer nº 4.813.867/21, deu-se início ao projeto coletivo, que como resultados gerou uma publicação institucional e a difusão de 67 entrevistas com ex-alunos e/ou ex-professores que se tornaram empresários no sítio de Memórias (Carvalho, 2023; Centro Paula Souza, 2025b). Quanto a importância desses registros de memória individual e coletiva, Almeida *et al* (2024) consideram que:

A memória individual está intrinsecamente ligada à memória coletiva, visto que as recordações pessoais, quando compartilhadas publicamente, entrelaçam-se e impactam a lembrança coletiva. Essa memória compartilhada evolui a partir dos vínculos sociais, que se somam, unem, diversificam e retificam, formando a identidade de um grupo. A memória coletiva, originada das experiências individuais e enriquecida por narrativas comuns, mitos e registros, desempenha um papel fundamental na identidade cultural e histórica transmitida de diversas formas (histórias orais, escritos, imagens e símbolos) ao longo das gerações e, frequentemente, sofre influências sociais e políticas, incluindo ideologias, valores e conflitos. [...] Ela dá vitalidade aos objetos culturais, assegurando-lhes momentos históricos significativos e, dessa forma, contribui para a preservação de valores do passado para os grupos sociais, enquanto a memória individual é moldada pelas representações sociais e símbolos do grupo ao qual o indivíduo pertence (Almeida Junior; Lobregat; Pontes, 2024).

Em 17 de dezembro de 2024, registrei o projeto “História oral na educação: docentes em centros de memória” na Plataforma Brasil, que foi recebido pelo Comitê de Ética indicado para análise – CEP Faculdade Santa Marcelina, com o CAAE 85926524.8.0000.8125, em 24 de janeiro de 2025. Em 17 de março de 2025, com o retorno do CEP – Parecer 7.445.499, constando os aceites do projeto detalhado e do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), mas apresentando uma pendência, que era o fato das entrevistas terem sido realizadas antecipadamente a apresentação do projeto. Essa pendência foi justificada com carta de esclarecimento anexada na Plataforma Brasil, em 19 de março de 2025, e encaminhei por e-mail ao CEP, devido à importância da apreciação para avaliar os aspectos éticos da pesquisa, de modo a atender à Resolução nº 510/2016. E que para esse projeto

os professores-pesquisadores seriam novamente convidados, após avaliarem as transcrições de suas entrevistas de história oral de vida, poderiam aceitar ou não participar do projeto, informando ao CEP, que:

[...] A partir da aceitação do convite a cada um desses professores-pesquisadores, de participarem desse projeto, estes que são considerados colaboradores na pesquisa pela metodologia da história oral, e irei dar início à análise desses documentos de registros de entrevistas, a fim de atingir os objetivos propostos no referido projeto de pesquisa. Conforme destaquei no TCLE “Esta pesquisa aplicada de abordagem qualitativa, tendo como procedimentos de produção de dados de entrevistas de história oral de vida, com a pretensão de difundir quem são os professores-pesquisadores que atuaram ou atuam como curadores em centros de memória da instituição, de modo a relacionar as suas experiências pessoais e profissionais com suas práticas em espaços de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural histórico-educativo e da ciência e tecnologia com a intenção de estimular outros docentes a participarem dos projetos de memórias e história da educação profissional e tecnológica (Carvalho, 2025).

O projeto foi aprovado no SIPEP (Sistema Integrado para Planejamento e Execução do Projeto), em março de 2025, com o número 4.1.04.03 “História oral na educação: docentes em centros de memória”, dentro do Plano de Metas 2025 – Cetec, dentro do objetivo (4 – Pesquisa Extensão e Desenvolvimento), do grupo de projetos (1 – Difusão de conhecimentos e práticas desenvolvidas na Cetec) e da meta (4 – Envolver 10 unidades de ensino em projetos de desenvolvimento cultural. Fomentar e propagar manifestações artísticas e culturais nas unidades escolares, relacionadas a arte, fotografia, cinema, teatro, dança, música, sarau e slam), visando transcrever e difundir as entrevistas de história oral de vida de professores-pesquisadores que foram realizadas durante o período de isolamento da Pandemia do Covid 19, concedidas à autora, em 2020, que é coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), como trabalho remoto e pelo teams, e que precisavam ser transcritas, vídeos editados e uma publicação produzida com os dezenove depoimentos apresentados no Quadro 1. Também convidei dois colaboradores, a designer Marta Almeida, para criação da identidade visual do projeto e digitalização dessa obra, e o outro, de informática, o professor Carlos Eduardo Ribeiro, curador digital do sítio de Memórias do Centro Paula Souza (Carvalho, 2025b). A maioria desses docentes, continuam atuando como curadores em centros de memória de escolas técnicas, realizando pesquisa documental e produzindo artigos sobre memórias e história da educação profissional e tecnológica (Figura 2), conforme indica o Quadro II sobre as suas participações em publicações institucionais.



Figura 2 – Publicações institucionais do GEPEMHEP de 2011 a 2023.

Fonte: Centro Paula Souza, 2025b.

**Quadro 2 – Professores-pesquisadores em centros de memória institucionais e autores de capítulos em livros de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica.**

<b>PROFESSORES PESQUISADORES GEPEMHEP</b>	<b>CENTRO DE MEMÓRIA (CRIAÇÃO)</b>	<b>CIDADE</b>	<b>2011</b>	<b>2013</b>	<b>2015</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>	<b>2022</b>	<b>2023</b>
Maria Lucia Mendes de Carvalho	2013	São Paulo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Julia Naomi Kanazawa	2000	Jacareí	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Maria Teresa Garbim Machado	2008	Orlândia	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X
Américo Baptista Villela	1998	Campinas	X	-	X	-	X	-	-	X	X	X
Sueli S. dos Santos Batista	-	São Paulo	X	X	X	-	-	-	X	X	X	X
Fernanda Mello Demai	-	São Paulo	X	X	-	X	X	X	X	X	X	-
Joana Célia de Oliveira Borini	1998	Franca	-	X	-	X	X	-	X	X	X	X
Paulo Eduardo da Silva	2011	São Paulo	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-
Marlene Ap. G. Benedetti	2015	Limeira	-	X	-	X	X	-	X	X	X	X
Patrícia Magalhães	2013	Pindamonhangaba	-	X	X	X	-	-	-	-	-	-
Jurema Rodrigues	2012	São José do Rio Preto	-	-	X	X	X	-	X	X	X	X
Eunice Corrêa S. Belloti	-	Ourinhos	-	-	X	X	X	-	X	X	X	X

PROFESSORES PESQUISADORES GEPHEP	CENTRO DE MEMÓRIA (CRIAÇÃO)	CIDADE	2011	2013	2015	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Vagner Braz	2015	Mogi Mirim	-	-	-	X	X	-	X	-	-	-
Carlos Alberto Diniz	2017	Matão	-	-	X	-	X	-	X	X	X	-
Sueli Mara Oliani Oliveira	2015	Mirassol	-	-	X	-	X	-	X	X	X	X
Anderson W. Sanfins	-	Itatiba	-	-	X	X	X	X	-	X	-	-
Liene Cunha V. Bittar	-	Franca	-	-	-	-	X	-	-	X	X	X
Analder M. Honório	2017	Matão	-	-	X	X	X	-	X	X	X	-
Camila Polido Bais Hagio	1998	São Paulo	-	-	X	-	-	-	X	X	X	-
Daniele Torres Loureiro	1998	Sorocaba	-	-	-	-	-	-	-	X	-	X
Aparecida Helena da Costa	1998	Franca	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Shirley da Rocha Afonso	2013	São Paulo	-	-	X	-	-	X	X	X	X	-
Gilson Rede	-	São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X
Janice Zílio Martins Pedroso	2022	Santa Cruz Rio Pardo	-	-	X	-	-	-	-	-	-	X
Almério Melquíades Araújo	-	São Paulo	-	-	X	-	-	X	-	-	X	X

PROFESSORES PESQUISADORES GEPEMHEP	CENTRO DE MEMÓRIA (CRIAÇÃO)	CIDADE	2011	2013	2015	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
Maria Alice Pius	-	São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X
Fábia Dovigo	2015	Mogi Mirim	-	-	-	-	X	-	-	-	-	X
Kelen Gracielle Magri Ferreira	1998	São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X
Sibele Biondi Foltran	2019	São Paulo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	X

Fonte: Carvalho, em 2025.

Quanto a importância dessa publicação de história oral com curadores em centros de memória institucional, a historiadora Márcia Chuva (2023) que é professora do Programa de Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ao conceder uma entrevista a esse conselho, ressaltou a importância do patrimônio cultural e da memória para a sociedade ao definir que:

[...] Chamamos de patrimônio cultural todo bem a que são atribuídos sentidos e significados que o tornam referência para um grupo social, que com ele se identifica. Ao ser reconhecido como patrimônio, esse bem torna-se um elo entre passado e presente para aqueles que compõem esse grupo hoje. Todo patrimônio, portanto, se constitui a partir de uma forte carga simbólica, que produz um sentimento de pertencimento no tempo presente. [...] A preservação do patrimônio público é uma das estratégias mais importantes para a formação de uma sociedade capaz de lidar com diferentes modos de compreensão da sua história e, conseqüentemente, dos valores que deverão projetar o seu futuro. [...] (Chuva, 2023, p. 2-3)

No Brasil, quanto às políticas públicas de educação, é importante ressaltar que a Lei nº 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ampara os processos

de ensino e aprendizagem relacionados ao patrimônio cultural, considerando no seu artigo 3º, que o ensino deverá ser ministrado com base nos seguintes princípios:

- I. igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II. liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III. pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;
- IV. respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V. coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI. gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII. valorização do profissional da educação escolar;
- VIII. gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX. garantia de padrão de qualidade;
- X. valorização da experiência extraescolar;
- XI. vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais (Brasil, 2005, p. 7-8).

Os docentes que desenvolvem projetos de horas atividades específicas em escolas técnicas, geralmente entre 5 e 8 horas semanais, dentro de projetos coletivos de memórias da Cetec são estimulados a envolver estudantes do Ensino Médio Técnico Profissional em ações educativas, promovidas pelos centros de memória para difundir o patrimônio cultural histórico educativo e da ciência e tecnologia à comunidade escolar. Cruz e Montão (2023) relatam que:

[...] O ensino de História e a Educação Patrimonial constituem áreas interdisciplinares que dialogam entre si, mas também com outras disciplinas. O ensino de História numa perspectiva para além dos ‘grandes fatos’, ‘grandes personagens’ e centrada em ‘grandes centros’ se apresenta com novas possibilidades, inclusive voltar o seu olhar para o local, ou seja, para entender a História a partir da realidade do discente, buscando, assim, contribuir na construção da cidadania e da identidade. Dessa forma, a proximidade do Ensino de História com o estudo dos patrimônios histórico-culturais, na perspectiva de Educação Patrimonial, são meios relevantes na formação da consciência histórica, na construção identitária dos sujeitos históricos. Diante da relevância da Educação Patrimonial e com a mudança no currículo da Educação Básica brasileira, podemos nos questionar se houve espaço para tal temática na Base Nacional Curricular

Comum. Observamos que, na BNCC, a temática sobre Patrimônio aparece ao longo do texto, trazendo unidades temáticas e objetos do conhecimento que possibilitam refletir sobre o cotidiano escolar e a aproximação com a Educação Patrimonial, por mais que o documento não cite o termo em nenhum momento. Ao analisarmos a BNCC, pudemos observar que o documento traz essa preocupação com a Educação Patrimonial dentro do Ensino de História para o Ensino Fundamental I. Concluímos que, em determinados momentos, o documento apresenta temáticas relacionadas ao Patrimônio histórico-cultural, através de unidades temáticas e objetos de conhecimento que contemplam o tema, contudo, não se apresenta de forma homogênea em todos os anos, embora a abordagem privilegie alguns anos do Ensino Fundamental I. (Cruz; Montão, 2023, p. 3)

No Centro Paula Souza, Araújo *et al* (2019) organizaram uma publicação para apresentar aos docentes o padrão curricular para o Ensino Médio Técnico e Profissional de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no componente curricular “História”, ministrado nas primeiras e segundas séries, tendo por propostas desenvolver as competências e habilidades a seguir:

## HISTÓRIA

1. Analisar características do patrimônio histórico e tecnológico como processo de pesquisa das memórias nas organizações humanas.
  - 1.1. Identificar os processos sociais que orientam a dinâmica dos diferentes grupos de indivíduos.
  - 1.2. Caracterizar lugares de memória socialmente instituídos.
  - 1.3. Situar os momentos históricos e seus processos de construção da memória social.
  - 1.4. Identificar aspectos significativos nas produções de cultura do patrimônio nacional e estrangeiro.
2. Comparar criticamente a influência das tecnologias atuais e/ou de outros tempos nos processos sociais.
  - 2.1. Identificar as características nas transformações técnicas e tecnológicas.
  - 2.2. Caracterizar impactos das técnicas e tecnologias nos processos de produção.
  - 2.3. Identificar relações entre diferentes sociedades conforme o desenvolvimento científico e tecnológico.
  - 2.4. Pesquisar registros das técnicas e tecnologias nos processos sociais.
  - 2.5. Identificar modificações impostas pelas novas tecnologias à vida social e ao mundo do trabalho. (Araújo *et al*, 2019, p. 23-24)

Carvalho (2017, p. 39) relata que durante as capacitações oferecidas pela Cetec como formação continuada em serviço, acontecem discussões e reflexões com os professores para o desenvolvimento de gestão documental em Centros de Memória relacionadas com suas práticas nas instituições, e, de referenciais teóricos sobre o patrimônio histórico educativo<sup>2</sup>, o patrimônio cultural da ciência e tecnologia<sup>3</sup> e a cultura escolar nesses “lugares de memória”, e destaca que:

Uma instituição educacional do porte do Centro Paula Souza, a maior rede estadual de educação profissional e tecnológica do País, instituída por decreto estadual em 06 de outubro de 1969, e, pioneira em Cursos Superiores de Tecnologia, poderá, por meio de um Centro de Memória da Educação Profissional, divulgar valores instituídos, saberes e fazeres acumulados, possibilitando resgatar e reconhecer a história de professores, de funcionários e de estudantes que o construíram durante a sua trajetória [...] Nesses lugares de memória, o gerenciamento de acervos arquivísticos, bibliográficos e museológicos permitem os registros, a sistematização, a preservação e a conservação de documentos, de livros e de peças museológicas da cultura material, e que são fontes de informação para: atendimento de pesquisadores; apoio a montagens de exposições temáticas; estudos e pesquisas sobre a história da educação profissional e tecnológica; gestão e difusão de conhecimento, de comunicação e de identificação institucional (Carvalho, 2017, p. 39-40).

Para Fontanelli (2005, p. 17) os estudiosos que frequentam centros de memória e de informação, buscam “além dos documentos mais convencionais, depoimentos orais, obras de arte, monumentos, enfim ‘lugares de memória’, que foram criados com o objetivo de perpetuar eventos, homenagear personagens ou mesmo criticar ou enaltecer algum acontecimento histórico [...]”.

---

2 Segundo Maria Cristina Menezes, do CIVILIS/FE/Unicamp (2016, p.11): O Patrimônio Histórico-Educativo traz com ele a ‘sedução do arquivo’. Reunir manuais escolares, mobiliário e material de ensino, documentos escritos manuscritos e impressos, em instituições escolares ou em espaços criados para a guarda e a difusão da cultura escolar, representa o início de tantos projetos acadêmicos, que trazem o envolvimento de investigadores e grupos comprometidos com a preservação da memória e da cultura que a sustenta.

3 Marcus Granato e Fernanda Pires Santos (2015, p. 79-80), definem o patrimônio cultural da ciência e tecnologia como [...] o conjunto tangível e intangível relacionado à C&T, a que atribuem valores que justificam a sua preservação para as futuras gerações. Inclui o conhecimento científico e tecnológico produzido pelo homem, além dos saberes, das práticas de ensino e pesquisa, e de todos aqueles artefatos e espécimes que são testemunhos dos processos científicos, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, considerando documentos em suporte papel (arquivísticos e bibliográficos), instrumentos científicos, máquinas, montagens, coleções científicas de natureza diversa como arqueológicas, etnográficas, biológicas, além de construções arquitetônicas produzidas com a funcionalidade de atender às necessidades desses processos e desenvolvimentos (laboratórios, observatórios, paisagens e jardins).

Quanto à metodologia da história oral, no Centro Paula Souza o programa de “História oral na educação” foi instituído em 2013, capacitando professores para atuarem com essa metodologia no GEPEMHEP, realizando entrevistas livres, ao contrário dos questionários usados em história temática (Carvalho; Ribeiro, 2013). A seguir o roteiro da entrevista de história oral empregada com os professores-pesquisadores que constam nas transcrições dessa obra:

Bom dia. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista de história oral na educação para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Hoje, que é dia (mês e ano), online, com a finalidade de deixar registrado quem são os professores-pesquisadores que são curadores nos nossos centros de memória. Essa entrevista, posteriormente, será transcrita, devolvida para sua apreciação como colaborador (a), e, após autorização será difundida no Programa “História Oral na Educação” do Centro Paula Souza (site de Memórias). Eu gostaria de iniciar perguntando sobre a sua trajetória de vida enquanto educador (a), estudante, onde você nasceu, onde estudou, por quais escolas passou, como decidiu por essa profissão, quando ingressou no Centro Paula Souza, quando começou a trabalhar com memória. Todas essas informações são importantes para que as pessoas saibam quem somos nós.

Nos projetos de história oral na educação, o (a) entrevistado (a) participa da elaboração do documento final de registro da entrevista, da passagem da oralidade para a escrita, por isso o termo colaborador(a) (Melhy; Holanda, 2007). Segundo Richard Cândida Smith (2011),

A história oral prospera quando ultrapassa o modelo de simples coleção de histórias pessoais e se transforma em diálogo sobre o passado, estimulando novas interpretações históricas. O relato que eu conto só tem sentido quando estimula novas interpretações históricas. Uma vez compartilhada, já deixa de ser minha própria história. Cada entrevista pode ser um convite a uma cadeia de diálogos. Cria-se um elo que mantém vivos leitores e ouvintes na dinâmica da conversa, nas possibilidades de respostas na busca de novas direções e possibilidades de interpretações diversas sobre o que se viveu. A história oral pode democratizar o entendimento do passado porque nos permite imaginar a nossa experiência pessoal como algo que existe para ser compartilhado, como algo que poderia ser útil para uma comunidade de investigação mais ampla do que podemos imaginar. [...] Quando um pesquisador e um narrador se sentam para conversar sobre o passado, duas maneiras

muito diferentes de pensar sobre o passado começam a se comunicar. As diferenças surgem na compreensão do passado e abrem a possibilidade de uma intersubjetividade expandida. [...] (Smith, 2011, p. 156-57, 160)

Para Carvalho (2013, p. 45) os documentos existentes nos Centros de Memória ou nos arquivos escolares contribuem para contar a história da educação profissional e tecnológica, possibilitando compreender a evolução da tecnologia e do conhecimento nesses “lugares de memória” relacionados com o do patrimônio histórico, educativo e tecnológico, destacando que:

Os arquivos escolares contêm fontes documentais que podem contribuir com estudos e pesquisas para a produção de conhecimentos técnicos e tecnológicos, mas, se forem transformados em acervos permanentes e disponibilizados ao público interno e às instituições de pesquisa. Essas fontes documentais e as museológicas, que fazem ou fizeram parte das práticas em educação profissional e estão disponíveis nas escolas técnicas e tecnológicas, como: equipamentos, móveis e utensílios de laboratórios (de química, de eletrônica, de mecânica, de construção civil, de informática, entre outros, produzidos pelas indústrias em diferentes épocas) são patrimônios materiais que podem ser empregados nas práticas escolares para avaliar a evolução tecnológica e possibilitar discussões para entender o avanço ou retrocesso tecnológico; pesquisas para refletir e estimular a criatividade de professores e estudantes e gerar projetos de pesquisas para o desenvolvimento local. (Carvalho, 2013, p. 45)

Considerando que os estudantes do Ensino Médio Técnico Profissional chegam às escolas técnicas com conhecimentos sobre a importância do patrimônio cultural na sociedade, e que são estimulados em componentes curriculares a ampliar seus conhecimentos nesse campo, alguns deles participando de ações educativas nos centros de memória, é que busca-se por meio de entrevistas com professores-pesquisadores identificar as práticas escolares e pedagógicas desenvolvidas com os estudantes nos centros de memória. Escolano considera que,

Refletir sobre esses fatos que são constitutivamente históricos, e contribuir para a valorização da cultura experiencial da escola e dos modos de fazer que pertencem ao patrimônio profissional dos docentes é algo que compete aos historiadores da educação. É essa tarefa que permitirá entender e interpretar os modelos e métodos, da cultura escolar efetiva, isto é, da cultura que se produziu na própria realidade, a qual não corresponde necessariamente à que se desejou ou postulou [...] (Escolano, 2017, p. 62).





ENTREVISTAS  
DE HISTÓRIA  
ORAL

# 1.

## AMÉRICO BAPTISTA VILLELA

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Bento Quirino, em Campinas



Américo Baptista Villela é professor da Etec Bento Quirino e Historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o Ensino Médio e o Técnico em Contabilidade na Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Aurélio Arrobas Martins”. Ingressou na Universidade Estadual de Campinas, formando-se Bacharel e Licenciado em História (1991). Mestre em Educação pela Unicamp (2011). No mesmo ano, cursa a especialização em “História da África e das culturas afro-brasileiras” tendo como temática “Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula”.



*Centro de Memória da Etec Bento Quirino, em 2025.  
Fotografia: Américo Baptista Villela, em 15/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, professor Américo Baptista Villela, eu Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo hoje, que é dia 22 de setembro de 2020, essa entrevista de história oral na educação. Esse projeto que nós desenvolvemos lá no Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, esse tem por finalidade entrevistar os nossos professores que são curadores nos nossos centros de memória. Como você iniciou no projeto, e é curador no Centro de Memória da Etec Bento Quirino de Campinas, iniciou no projeto de “Historiografia das Escolas Mais Antigas” da professora Julia Falivene Alves, eu gostaria muito que você pudesse contar um pouco sobre a sua trajetória de vida enquanto estudante, onde você nasceu, onde estudou, assim conhecê-lo um pouco enquanto professor, como decidiu por essa carreira de docente, ingressou na Paula Souza, e também, se possível, até sobre essas suas atividades como museólogo atuando como historiador, mas também como museólogo no Museu da Cidade de Campinas.

**Américo Baptista Villela (ABV):** Boa tarde. Eu que agradeço a oportunidade de estar dando esse depoimento, tendo em vista a importância que esse trabalho tem demonstrado. Tem demonstrado através do suporte que dá a pesquisadores acadêmicos, tem demonstrado através da integração importante entre a docência do professor de ensino médio, no caso específico da Etec Bento Quirino, e a integração entre o ato de ensinar e o ato de ensinar o aluno a também a pesquisar, se utilizando das fontes documentais da escola, que estão armazenadas no Centro de Memória “Orleide A. Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino.

**ABV:** Bom, deixa eu me apresentar, meu nome é Américo Baptista Villela. Eu sou natural de Jaboticabal, 11 de março de 1970, e iniciei os estudos na Escola Técnica Estadual Aurélio Arrobas Martins, em Jaboticabal, no estado de São Paulo. Durante os meus anos como aluno do ensino fundamental, e posteriormente, do ensino médio, eu acabei despertando para a História. A bem da verdade, embora eu fosse um aluno com rendimento até bastante positivo em todas as disciplinas, a minha paixão mesmo acabou sendo a disciplina História, e isso muito por conta do meu percurso. Muito jovem, entrei no Centro Cívico, participei da campanha pelo retorno dos grêmios livres nos anos 80. Acabei construindo ou melhor dizendo reconstruindo o novo grêmio da Escola Estadual Aurélio Arrobas Martins, nesse processo todo acabei me tornando um leitor hábil e um curioso pela História do Brasil. Terminado o ensino médio eu tive a oportunidade e a sorte de ingressar no vestibular da Universidade Estadual de Campinas e, em 1988, portanto, eu iniciei os estudos no curso de História, no qual eu acabei me tornando Bacharel e Licenciado em História.

**ABV:** Durante ainda a graduação tive a oportunidade de desenvolver um projeto de iniciação científica sob a orientação do professor Dr. Paulo Celso Miceli, e que era intitulado “Para a América os americanos” que era um trocadilho para um manifesto. A bem da verdade, era uma proposta de pesquisa sobre o fluxo de imigração de norte-americanos para a região de Campinas, que resultará nos anos trinta, na criação do atual município de Americana. Esses norte americanos em sua maior parte eram procedentes do sul dos USA e, imigraram para o Brasil durante o período de reconstrução da economia do sul dos USA, que havia sido destruída pela guerra civil, e nessa iniciação nós trabalhávamos com depoimentos e, também, com fontes documentais da imprensa campineira, e depoimentos que colhemos com os descendentes desses imigrantes, que para cá vieram no século XIX. Então o meu primeiro contato com a história oral foi ainda na graduação. E logo depois, eu apresentei o relatório de pesquisa etc.

**ABV:** No entanto, a necessidade da sobrevivência, acabou me aproximando do Parque Ecologia Monsenhor Emílio José Salim, em Campinas, e acabei me tornando estagiário no Centro Integrado de Percepção Ambiental. Era um espaço recém-inaugurado, ali nós trabalhávamos com pesquisa sobre história da região de Campinas, mas bem com esse enfoque da questão ambiental. Como a presença do homem branco transformou essa paisagem natural, primeiro, com as rocas de subsistência, com instalações dos engenhos e, depois, foram sucedidos pelos grandes cafezais, e que levou a industrialização da cidade de Campinas. E então nessa conjuntura eu tive uma aproximação com a história da cidade de Campinas e, em paralelo, tive a oportunidade de trabalhar como professor, iniciar a docência, na EEPSP Professor Coriolano Monteiro, no município de Campinas, mas como ACT, não era ainda concursado.

**MLMC:** Que ano foi isso Américo?

**ABV:** A iniciação científica, foi em 89 a 90. O Parque Ecológico, de 90 para 91. E o início da docência em agosto 1991, mas na Coriolano Monteiro. Acabei me formando no final de 1991 e costumo dizer que eu dei sorte. Houve um concurso para prefeitura municipal de Campinas no cargo de Historiador, e eu recém-formado participei desse concurso, e acabei sendo aprovado, e iniciei minha carreira como Historiador no Museu da Cidade, que é um órgão da prefeitura municipal de Campinas. Só que, assim como houve coisas boas, também houve alguns percalços. Eu comecei a dar aulas na Coriolano Monteiro e, só que eu era ACT, e daí no fim do ano, não houve aula remanescente, eu era substituto, eu acabei sendo direcionado na época para a Delegacia de Ensino. Nós tínhamos na época, era fevereiro de 1992, quatro delegacias de ensino no município de Campinas, e eu fui para atribuição de aulas, e ali eu tive a oportunidade.... A professora Orleide Alves Ferreira, que hoje é homenageada no nome do centro de memória, ela era professora da Etec Bento Quirino, ainda não era Bento Quirino era EETSG Bento Quirino e ela estava em excepcionalidade, exercendo a direção da escola, ela pegava aulas e se afastava e vinha um substituto. E a professora Orleide Alves Ferreira havia sido vice-diretora da Escola Estadual Coriolano Monteiro e lá ela conheceu o meu trabalho. Na atribuição de aula, ela me viu e perguntou: o que eu estava fazendo ali e por que não estava na Coriolano? Eu expliquei o episódio, e então ela falou: não, então escolhe o Bento Quirino, porque eu sou diretora, eu assumo as aulas, e depois, eu me afasto para assumir a direção e você ingressa como meu substituto, e para minha felicidade isso acabou se concretizando e aí eu ingressei na EETSG Bento Quirino, e ainda como ACT, ainda não era concursado.



*Professor Américo Baptista Villela em Sala de Aula da Etec Bento Quirino, em 1994.  
Fotografia: Aluna Lis Peres, em 1994.*

**ABV:** Só que nesse período estava ocorrendo a transição das escolas técnicas estaduais de segundo grau do Estado de São Paulo para a administração do Centro Paula Souza. E me lembro ainda, salvo as melhores lembranças, que entre 93 e 94, nós ficamos ainda em uma situação que eu definiria como anômala. Por quê? Porque nós éramos professores da Secretaria do Estado da Educação, e conseqüentemente, a minha sede era no João XXIII, em Vinhedo, só que nós éramos cedidos para as escolas técnicas. E eu, em especial, na escola EETSG Bento Quirino. E aí ainda ficou uma coisa mais estranha, pois ao invés da gente ir direto para o Centro Paula Souza, a escola permaneceu uma época sob gestão da Secretaria de Ciência e Tecnologia, e que depois veio a se chamar Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico. Então acho que ficou entre 93 e 94 nessa condição, quando em 95, teve a transição para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza e o concurso. Quando eu prestei o concurso, novamente aquela situação, a professora Orleide ainda exercia a função de direção, ela passou no concurso bem na minha frente, e ela escolheu a Bento Quirino e ela escolheu com jornada completa, assim como existiam outros professores mais antigos na unidade e que passaram na minha frente, como a professora Terezinha. Enfim, não tinha aula livre para eu escolher o Bento Quirino, embora eu tivesse sido aprovado em concurso. E nessa situação eu teria que escolher uma escola, na qual houvesse pelo menos dez horas-aulas livres, e eu escolhi o Prof. Armando Bayeux da Silva, em Rio Claro, então eu dava 10 horas aulas em Rio Claro, e eu já trabalhava na prefeitura também, no Museu da Cidade, e eu completava a minha jornada na Bento Quirino substituindo a professora Orleide. Eu acho que eu tinha 16 aulas na Bento Quirino, e existiam outros professores que também substituíam a professora Orleide. Eu fiquei no Bayeux e no Bento Quirino, em 95 e 96, quando a professora Orleide fez uma redução voluntária de aulas, o que me permitiu escolher 10 horas aulas livres no Bento Quirino e aí eu me removi, eu fiquei só no Bento Quirino e no Museu da Cidade, órgão da prefeitura municipal de Campinas. Foi quando eu fiquei só no Bento Quirino, a professora Orleide, desde o início, sabia da importância histórica da escola, é uma escola que já completou mais de 100 anos recentemente, possuía um acervo riquíssimo, tanto de documentos de arquivo, tanto iconográficos e tridimensionais e ela nos pede, para os professores, era uma gartada recém-saídos da Unicamp. Éramos eu, o professor Ronaldo, infelizmente já falecido, a professora Sandra Morato, que havíamos sido todos colegas na Universidade Estadual de Campinas. E ela nos pede para tentar fazer um trabalho com essa documentação. Para essa conjuntura, nós três começamos nos mover e entramos em contato inicialmente com o pessoal do Centro de Memória da Unicamp, isso eu estou falando é 96: e pedimos, para o pessoal do centro de memória, em especial, o Fernando Abraão, a bibliotecária Paula, a responsável pelo arquivo fotográfico do CMU, que na época, era a Cássia Denise, que viessem fazer visita a escola para fazer uma avaliação da condição desse acervo que a gente estava descobrindo.

O acervo espalhado por diversas salas e não tinha nenhuma preocupação técnica. Eu entendo também por que a escola era muito grande, tinha muitos alunos, e ela viveu uma situação muito complicada enquanto esteve junto com a Secretária de Estado da Educação. A professora Orleide chegou e teve que recolocar a casa em ordem. Nós começamos tateando, nós sabíamos do valor do acervo, mas nós não tínhamos condições em função dessa circunstância de realizar um trabalho que nos agradasse, e que a gente achava como tecnicamente devia ser feito. Em 97, a professora Orleide, já tinha passado para o Centro e isso foi muito importante, a professora Orleide já tinha dado uma chacoalhada e estava relocando a locomotiva nos trilhos e nós sabíamos que 97 seria o aniversário dos 70 anos da incorporação do antigo Instituto Profissional Bento Quirino pelo governo do estado de São Paulo, e isso ocorreu em dezembro de 1927, bem como seria o aniversário de 80 anos de construção do primeiro prédio no qual a escola funcionou, prédio esse que na época era ocupado na época pelo COTUCA, da Unicamp, onde a escola funcionou e que fica na Rua Culto à Ciência. Eu dava aula no período noturno, na época tinha muitos alunos noturno e senhores de idade, eu tinha 26 ou 27 anos e cheguei a dar aula para alunos do curso técnico de 50 e nós organizamos uma festa e, também, lançamos uma cápsula do tempo e aí escola começou a dar uma valorizada maior nesse acervo, nesses documentos. Nós contamos com a visita de uma aluna que havia se formado em 1931, e uma aluna nossa era neta do sr. Valdomiro, não vou lembrar o sobrenome dele, mas o sr. Valdomiro que fez o curso de Marcenaria no Bento Quirino, e depois foi trabalhar na escola técnica de Casa Branca, e daí começou a dar visibilidade. Nós fizemos campanha pela imprensa, para divulgar o trabalho que estava sendo feito, foi quando finalmente nós tivemos contato com a Iomar.

**ABV:** A Iomar era uma estudante da Faculdade de Educação, orientanda da professora Carmen Sylvia Vidigal Moraes e, ela em visita a escola, nos convidou para ingressar “História espacial e as transformações no espaço físico geográfico das escolas profissionais”, popularmente o projeto era conhecido como Historiografia das mais Antigas Escolas Técnicas do Estado de São Paulo. O nome técnico....

**MLMC:** É imenso.

**MLMC:** Eu gostaria de fazer um parêntese agora. Em 1996, a Carmen junto com uma aluna, não sei se é Bruna Bonfim agora, ela chegou a visitar o professor Almério para falar sobre os acervos escolares, mas vocês já tinham começado antes da Carmen então?

**ABV:** Antes sim, nós já estávamos fazendo um trabalho de mapeamento. Nós temos no centro de memória, um relatório que nós tínhamos para o pessoal do Conselho Regional de Biblioteconomia, que visitou o acervo da Biblioteca, que infelizmente tinha sido sucateado, porque a Biblioteca tinha um espaço muito

grande e foi transformado em duas salas de aula. E a Biblioteca ficasse praticamente desativada, e tinha um professor que atendia os alunos, mas era muito pouco usada. E olha que nós estamos falando dos anos 90, onde as bibliotecas eram os principais espaços, eram não, são até hoje, mas nos anos 90 eram instrumentos de pesquisa para os alunos. Em 96, nós fizemos esse contato e recebemos a visita desse pessoal da Unicamp e recebemos a visita do pessoal da Unicamp.

**ABV:** O pessoal do centro de memória chegou a recomendar um estudo ou a possibilidade de estudo para tombamento do acervo da escola. Mas o projeto ganha força com a festa em 97, mas ainda é um projeto da escola, é uma coisa bem pontual. Quando nós ingressamos ao Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP é que a coisa ganhou corpo, ganhou uma institucionalidade. Tanto é que, nos anos 2000, nós conseguimos inaugurar o centro de memória, na época só centro de memória, a professora Orleide, como uma forma de homenageá-la, a professora Orleide mobilizou esforços dela, da comunidade acadêmica, e com apoio da USP e FAPESP, mas também ela conseguiu convencer a APM a fazer a reforma em um espaço para adequá-lo e para receber o acervo da escola. Então nós tínhamos uma sala muito boa, com uma área expográfica, que eu estimo de 60 a 70 m<sup>2</sup> para exposição. Nós tínhamos uma área muito grande, na qual nós acomodamos o acervo bibliográfico, e nós fizemos separação para as que precisariam de restauro, e chamávamos de obras raras. A bem da verdade, houve um recorte temporal para obras dos anos 30, e o próprio acervo da biblioteca, mais atual, que voltou a circular com o trabalho dos alunos, foi um momento que houve o engajamento dos alunos. Nos anos de 98 a 2000, até resultar na criação do centro de memória, nós nos reuníamos todos os sábados. Recentemente, eu estava olhando os livros com as assinaturas, porque os alunos iam aos sábados, e eles marcavam quando entravam e a hora que saiam, quantos livros eles higienizavam e as fotos, e eu estava até relembando esse momento. Então quando a professora Orleide Alves Ferreira deixa de exercer a função de diretora, na minha melhor lembrança, no ano de 2004, é que o centro de memória, ele vai ser batizado como Centro de Memória Orleide A. Alves Ferreira da Etec Bento Quirino, como uma forma de reconhecimento por todo o esforço que ela capitaneou para cuidar desse acervo.

**MLMC:** Américo, eu quero até te agradecer muito, por todo esse depoimento que você deu agora, porque dá para compreender e justificar a importância da patrona do centro de memória. Porque essa trajetória toda que você fez, eu mesmo desconhecia sobre essa origem. Eu fui visitar vocês, em 2001, naquele curso de fotografia, que foi oferecido para nós no projeto, que estávamos trabalhando nos centros de memória. Então esse teu depoimento, só por isso já tem uma importância imensa.



*Curso de fotografia no Centro de Memória da Etec Bento Quirino durante o projeto da FAPESP.  
Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2001.*

**ABV:** Isso ajudou a dar uma visibilidade para instituição, e mudou até as práticas administrativas dentro da escola, isso que eu acho muito interessante. Porque antes do projeto, era o arquivo morto da Diretora de Serviços, era o arquivo morto da Diretoria Acadêmica. E com as qualificações que o projeto nos permitiu fazer no Centro de Memória da Faculdade da Educação da USP, no Arquivo do Estado, no ISEB e em outros. A gente agia como agente socializador, e então a gente ia e fazia os cursos e voltava e replicava os cursos nas escolas, principalmente aos alunos, e para alguns funcionários.

**ABV:** Quando algum funcionário usava o termo arquivo morto, isso gerava consternação, os alunos diziam: – não existe arquivo morto, existe é um arquivo histórico, pois são pontos para a gente contar a história. Então foi extremamente interessante e, também, contribuiu com a própria relação que os alunos tinham com o patrimônio escolar. A escola sofria muito com fixações e depredações. Nesse processo de construção indo aos sábados, indo fora do horário da escola, não era período integral nessa época, e esses alunos ao invés de depredar, eles acabavam se tornando os guardiões, não só dos arquivos, dos documentos, mas também das quadras e dos banheiros. É interessante a gente observar a relação dos alunos com o patrimônio escolar. E, também, nós tivemos ali uma possibilidade de interlocução com os alunos das universidades. Então por exemplo, é um trabalho que eu iria apresentar no EDOME, nesse ano, estou fazendo um trabalho sobre as pesquisas que se desenvolveram sobre o acervo do centro de memória. Ao mesmo tempo que os alunos se utilizavam desse para se iniciarem na pesquisa historiográfica, os alunos da universidade iam lá, para utilizarem esse trabalho. Em 2001, teve um trabalho da disciplina de História da Educação III, cujo um grupo de alunos eram orientandos do professor Sérgio Castanho, que depois, veio a ser meu orientador, na minha dissertação, que na época Instituto Profissional

Bento Quirino, e depois, Escola Profissional Mixta Bento Quirino, teve o trabalho da Paula Leme, também disponível no banco de TCCs e dissertações da Universidade Estadual de Campinas, do qual ela faz uma análise do edifício arquitetônico da primeira sede do Bento Quirino e teve uma pesquisadora....

**MLMC:** Tem a Lunardi?

**ABV:** Eu estou tentando lembrar os nomes aqui.

**MLMC:** É que eu acho que a da Lunardi, é porque eu tive acesso a tese ou dissertação dela, porque ela falava sobre o Aprígio Gonzaga, que é até hoje referência para nós, eu acho que foi na Bento Quirino que ela fez a pesquisa.

**ABV:** E uma dissertação e um doutoramento que orientamos lá.

**MLMC:** Exatamente. Eu mesma fiz pesquisa, em 2007, sobre o Dispensário de Puericultura de vocês no acervo, e vocês tem um acervo muito rico.

**ABV:** Existe uma documentação bem significativa sobre o Dispensário de Puericultura, existem muitos álbuns, e que dão ensejos a situações muito engraçadas, como por exemplo, o segundo colocado no concurso de robustez, tem a edição infantil de 1937, era o Nivaldo. Esse Nivaldo, veio a ser um dentista muito conceituado aqui em Campinas, e foi meu dentista, e um dia eu levei uma reprodução. Nesse processo todo, o Bento Quirino chegou a ter um Laboratório Fotográfico em operação lá, que os alunos também adoravam, tudo financiado pela FAPESP com o apoio da APM. Eu levei uma reprodução dessa fotografia do Nivaldo, que eu diria nos dias de hoje a gente chamaria de obeso. E, ele foi o segundo colocado no concurso infantil e ele mesmo não sabia desse episódio.

**MLMC:** O que achei interessante quando eu fiz pesquisa lá nos jornais e vocês tinham uns quatro jornais. Porque Campinas, não só nessa época, Campinas sempre teve um destaque no estado de São Paulo e o que achei interessante foi encontrar matérias jornalísticas dos médicos contestando na década de 40. Nessa época, eu trabalhava com segurança alimentar que eram contra essa robustez, e na época, esses médicos tinham posições adequadas e contra o sistema.

**ABV:** Exatamente, essa era uma outra tônica. A bem da verdade existia todo um acompanhamento. Agora, existia também aquela questão do imaginário popular. Hoje, a gente se assusta com o discurso ante científico de algumas autoridades públicas, mas isso não é tão recente, o discurso científico vai se consolidando com muito embate, porque existem crenças que são muito arraigadas. Essa ideia que você colocou, do ponto de vista, desse álbum fotográfico em especial, do ponto de vista do que se considera hoje saudável, aquelas crianças não seriam. O dispensário teve uma importância muito grande para a nossa cidade, que foi a presença do Dr. Domingos Boldrini, que depois deu origem ao Centro Boldrini, que tem um trabalho junto à criança e ali tem muita coisa para ser descoberta Maria Lucia.

**MLMC:** Eu sei, por que eu mesmo tive que parar com esse estudo do Dispensário, eu escrevi dois artigos, que foi até a década de 70, que só acabou, quando acabou o curso de Economia Doméstica. Mas infelizmente a gente não tem tempo suficiente para trabalhar temas tão relevantes com documentos que nós temos nos centros de memória.

**ABV:** Eu estou chamando de pandemônio, eu estava analisando uma documentação, tem uma série de documentações como instrumento de saúde pública, e que daria ensejo para estudar entre uma escola profissionalizante, a Bento Quirino como instrumento de saúde pública da municipalidade. Tem uma série de documentos que estão relacionados a campanha de vacinações.

**MLMC:** Febre amarela.

**ABV:** Exatamente, só que é aquilo, eu vi os documentos, mas não tive tempo ainda de me debruçar sobre eles. A última coisa que eu estava tentando fazer, e que nós iríamos fazer, se não houvesse ocorrido a suspensão das atividades presenciais, foi o salvamento de um dos mais antigos Torno da Oficina Mecânica. Por quê? Porque ele estava destinado a ir para leilão, onde ele é destinado como sucata. Nós temos três alunos muito próximos do centro de memória, e eu acho que coloquei em um trabalho foto deles, e eles estavam interessados em restaurar esse torno. E aí nós conseguimos, como o apoio do atual diretor Prof. Luís Eduardo, que ele fosse retirado do processo para a venda e nós estávamos fazendo a pesquisa sobre o fabricante, e sobre as tecnologias envolvidas no processo de produção desse torno, e que seria restaurado. O TCC então desses alunos, do curso Técnico em Mecânica, seria a restauração desse torno, e pretendíamos também meio de musealizá-lo, dentro da oficina, e para isso foi muito importante a ajuda do professor Osmar, que é professor da escola hoje, mas que ele foi aluno, quando ainda funcionava no primeiro prédio.

**MLMC:** Essa entrevista está nesse programa de História Oral da Educação, com esse professor.

**ABV** Foi ele que falou da importância de preservação desse Torno não só pela antiguidade. Mas foi uma tecnologia na época bastante inovadora. Hoje nós conseguimos apoio do professor Carbone, professor da área de Mecânica, ele falou que essa máquina ela teria capacidade de fazer determinadas operações que nenhuma outra máquina da escola teria condições. Então, estava sendo um processo de pesquisa e descoberta muito interessante.

**MLMC:** Essa máquina foi produzida pelos alunos?

**ABV:** Não, não. Pelo que nós conseguimos levantar, ela foi de uma parceria entre o governo federal e estadual. Lá no centro de memória, eu não estou no centro de memória agora, e nós conseguimos localizar o processo de importação desse torno, é de 1947, o processo de importação, não que ele tenha chegado a escola, em 47.

Isso nós não conseguimos chegar. Ele foi produzido por uma metalúrgica, pela Nacional. E os alunos estavam pesquisando tudo isso, porque a ideia era reconstituir a história do objeto até onde fosse possível, mas pelo menos recuperar toda a questão tecnológica, a questão dos EPIs e toda essa preocupação. E um dos professores pretendia ainda que os alunos montassem um projeto de adequação desse torno para as novas normas de proteção dos trabalhadores. Mas, com o afastamento, não sei até onde a gente vai conseguir ir com isso. Porque o isolamento, além de dificultar os nossos contatos, trouxe muitas dificuldades. Tanto é que a Gabriela, que é uma das alunas que estava envolvida nesse projeto, está querendo ir até a escola porque precisa fazer fotos da máquina para o diário de campo, eles vão ter que defender o TCC até o final do ano, e nós estamos tentando fazer um processo que permita, porque os alunos não estão podendo acessar a escola, e por essas questões de saúde que estão postas. Tanto é que quando ela me falou, eu falei com ela: você não vai pegar ônibus de jeito maneira e aí ela até riu. E eu disse para ela, a gente pode organizar um dia, ou eu pego o carro e aí eu vou te buscar ou pega um táxi. Porque agora está mais tranquilo a infestação, aqui em Campinas, mas já esteve bem preocupante.

**MLMC:** Já aumentou essa semana aqui em São Paulo e no Rio de Janeiro. Olha, está difícil.

**ABV:** Infelizmente isso já era previsto depois que o povo fez depois do feriadão de 7 de setembro.

**MLMC:** Sem dúvida.

**ABV:** Então a gente culpa muito as autoridades pública, mas se esquece da parcela de responsabilidade que nos cabe.

**MLMC:** E daqueles que não acreditam nas ciências, e porque tem muita gente que ainda acha que é mentira (risos).

**ABV:** Exato e isso é que é o mais triste, com o número elevado de vítimas e as pessoas continuarem a fazer pouco caso disso. Não sei Maria Lucia, teria algum outro assunto.

**MLMC:** Eu estava te ouvindo sem interrompê-lo. Mas por exemplo, como eu te disse anteriormente, nós vamos fazer o nosso encontro, em março, e para novembro, nós queremos fazer a jornada. Os nossos encontros são temáticos e a jornada, eles são sempre temas bem variados. Talvez a gente vai incluir um eixo, e eu vou estar discutindo com vocês, como a gente sempre faz nos clubes de memórias. Mas eu tenho pensado na gente incluir alguma coisa, desse momento que nós estamos vivendo, que está sendo longo demais, e que ainda não sabemos para onde vamos, ainda temos uma série de inseguranças. Mas quando nós começamos a conversar sobre os Dispensários de Puericultura, eu pensei: – vai dar até para fazer um paralelo, naquela época da década de 30, e com o que estamos vivendo agora, pois eles existiram em várias escolas nossas. Quando o Getúlio Vargas criou

a Semana da Criança, algumas instituições acabaram com os Dispensários de Puericultura, como aconteceu em Sorocaba, em Franca, e parece que eles foram até 47, e a Carlos de Campos, parece que foi a única exceção, que foi até 1974, e daí nós temos muito material interessante e que nós poderemos fazer comparações. Outra questão que nós poderemos discutir é essa dos equipamentos.

**MLMC:** Você está fazendo o Clube de Memórias XXXV que a Júlia Naomi está oferecendo?

**ABV:** Com essa questão da realidade virtual, eu acabei me atrapalhando muito, e infelizmente eu não consegui fazer, porque eu tenho uma certa dificuldade com a tecnologia, e se a gente se inscreve e depois não dá conta.

**MLMC:** Tem bastante coisa para fazer (risos). Então, eu estou fazendo, porque eu estou acompanhando a Júlia, nós estamos trabalhando juntas, e então eu estou fazendo.

**MLMC:** E daí foi interessante que ela indicou um livro, que está no nosso arquivo histórico, de 1937, no acervo do nosso centro de memória central no site de memórias, do Horácio Augusto da Silveira. Esse livro até é meu, porque eu comprei em um sebo, mas achei tão importante que pedi para escanear e coloquei no site. Esse livro é exatamente quando ele está entrando para a Superintendência oficialmente, que foi criada entre 34 e 38, e ele lá cita a importância de começar a ter material didático, porque até essa época os alunos é que produziam inclusive os tornos. Nós temos torno na Getúlio Vargas que foi produzido pelos alunos. Todos aqueles materiais de medição, como os paquímetros, estes foram produzidos pelos alunos. Eu acho que esse pode ser um eixo temático para a gente discutir e fazer esses paralelos. Nós estamos vivendo um momento novo de ensino aprendizagem. Que tipo de material?

**ABV:** É extremamente interessante a gente pensar, porque no Bento Quirino nós temos também documentos de máquinas, que o Bento Quirino produziu e foram usadas na escola profissional de Botucatu, fotos e não as máquinas em si... Nós temos, por exemplo, esse depoimento do sr. Valdomiro, que eu não vou lembrar agora do sobrenome, que era avô da Cristiane, que foi nossa aluna, mas isso nos anos 90, e ele falou que se formou aqui e foi ser instrutor na escola de Casa Branca. Recentemente, a professora da escola do Espírito Santo do Pinhal, acho que é uma Escola agrícola?

**MLMC:** Isso, a Kátia (Kátia Vargas)

**ABV:** Ela me enviou fotos do mobiliário da escola agrícola, que tem lá as plaquinhas que foram produzidos no Bento Quirino. Seria bem interessante a gente tentar fazer um trabalho para recuperar essa articulação que existia entre as unidades, essa troca que o cara se forma em uma escola e vai trabalhar na outra, acho que seria bem interessante uma pesquisa nesse sentido.

**MLMC:** Tem uma publicação que está em arquivo histórico do site de memórias, que é do Eng. Mario Saito, já aposentado, e assim que ele aposentou, como ele fez o curso de Máquinas de Automóveis, em 1961, ele fez um levantamento lá no centro de memória da Getúlio Vargas, desde 1911 até o período que ele se formou, e ele colocou os nomes de todos os alunos, dos cursos e professores. Eu estou falando, porque esse material dá para a gente utilizar para verificar quem foi para onde, para cruzar. Tanto que a Camila estava fazendo um trabalho, porque a gente tem projeto de HAE, e nós continuamos trabalhando. Eu falei: Camila (Camila Polido Bais Hagio) você pode relacionar esses livros. Não sei se você viu o álbum que ela publicou no início do ano, que eu mandei para todo mundo e que está no nosso site de memórias, no link do centro de memória da GV. O Aprígio tinha mais de 3000 livros lá, mas acabou que a Nilza higienizou com os alunos e colocou em caixas com papel neutro, mais de 200 livros, e agora a Camila fez um catálogo dessas obras raras. E daí ela vai começar a contar agora toda a história de cada objeto, e eu falei que: – você pode relacionar com os cursos e utilizar esse material do Mario Saito, que está lá no nosso site, tem os escultores. Acaba que a gente tem várias esculturas aqui em São Paulo, inclusive, em Campinas, tem uma escultura ali perto da rodoviária, logo no começo da Campos Salles, que foi de um professor da Getúlio Vargas, o Ferdinando, que era um sueco. Então você começa a cruzar informações, que nós antes não tínhamos, e que o fato de nós estarmos no GEPEMHEP, tem contribuído.

**ABV:** Inclusive eu estava pesquisando os medalhões por que no testamento do Bento Quirino, ele pede para que cada uma das salas tenha uma homenagem ao: José Paulino Nogueira, Domingos Moraes e Antonio Carlos da Silva Teles, numa ata de 1927, a gente vê ali que esses medalhões, em dez anos foram furtados, e aí eles foram descobrir, eles foram investigar onde teria sido feita, e fossem refeitos, e esses medalhões.... (interrompeu a gravação)

**ABV:** Eles tinham sido forjados no Liceu Salesiano de São Paulo, e é por isso que eu falo que as escolas profissionais tinham uma articulação entre si. Nesse último trabalho que eu fiz sobre análise da legislação, deu para descobrir também, que a GV, era a menina dos olhos, e as outras escolas profissionais meio que se espelhavam e competiam, e queriam atingir o mesmo patamar dela, e é muito interessante isso.

**MLMC:** Você sabe que fiquei de escrever um artigo, e na verdade, eu quero escrever sobre o curso de “Processamento de Carnes”, que eu trabalhei no currículo, e foi por competências, em 2001, quando eu comecei a trabalhar na Cetec. E daí, eu peguei um livro da Júlia (Júlia Falivene Alves) que ela publicou em 2005, sobre a prova teste, e que fala do curso de transportes e como são construídas as provas testes de vestibulinho, e daí ela fala em psicometria. Esse termo ficou na minha cabeça para comparar com o Laboratório de Psicotécnica, que existia desde 1937, na Getúlio Vargas. Por que nessa década de 30 e 40, esses mobiliários que

eles faziam e esses equipamentos isso tudo eles eram vendidos. De repente, a gente consegue encontrar material sobre isso. Como é que isso ia para a escola? Era vendido para o governo do estado? Tanto que foi criado as associações, os grêmios, as associações de pais e mestres também para administrar esses recursos, que os alunos deveriam ganhar por hora-aula, por peças que eles produziam. E eu tenho tudo isso escrito, inclusive na transcrição da entrevista com o Mario Ianeta, têm duas entrevistas, que estão no nosso programa de História Oral, em Memórias, ele contando que foi contratado em 43, exatamente para poder pagar os alunos sobre esse trabalho, então você vê aí que tem muita coisa para a gente explorar e para conhecer e poder cruzar essas informações. Mesmo lá na Carlos de Campos, tem um armário que foi produzido lá na Escola de Amparo, e o Pompêo do Amaral pediu para construir para a sala dele, tem lugar para ele por o paletó, tem a biblioteca, tem as gavetas para os fichários. Os professores usavam muitos fichários naquela época. Então é muito interessante a gente estudar esses espaços e esses objetos.

**MLMC:** Américo, em cima da sua fala, que foi extremamente interessante, porque você fez uma retrospectiva. Quando você estava junto lá, em 2008, quando nós nos juntamos, e a partir de 2008, nós criamos o grupo, e estamos com ele até hoje, o GEPEMHEP e demos uma direcionada, para focar em escrever mais, e acaba que se a gente pesquisa mais no acervo, a gente acaba tendo menos tempo para trabalhar com a organização do acervo. Na época do projeto de Historiografia foi até a década de 50, mas mesmo na Carlos de Campos, ele não foi explorado totalmente, e foi organizado uma parte da década de 50, e depois fomos descobrindo mais documentos, e que não foi inserido no acervo, quer dizer, está lá, mais ainda não foi catalogado, os guias ainda precisam ser feitos. Tanto que para o ano que vem, além de na jornada tocarmos no assunto da pandemia, e comparar com o passado, também dar destaque para o nosso museu virtual. Eu e a Julia (Júlia Naomi) e mais dois ou três professores, a gente já inseriu agora, esse ano, mais de cem fichas de objetos. Porque a tese de doutorado da Julia na Faculdade de Educação inclui o museu virtual, e ela tem mais de dez mil objetos, lá no centro de memória de Jacareí, considerando o textual e tudo. Então nós estamos pensando em dar ênfase para isso também. Então eu gostaria de saber o que você acha de nós termos direcionado, se foi válido ou se teremos que rever, por isso que eu comentei para onde nós estamos querendo ir.

**ABV:** Eu acho que foi muito válido Maria Lucia. Diga-se de passagem, que essa é uma discussão que a gente já fazia durante o Historiografia, lá atrás. Isso que eu estou falando é 2001 – 2002. Nós que estávamos com a mão na massa, higienizando e catalogando, e até alguns alunos chegaram a criar sistemas locais para disponibilização dessas informações, nós já fazíamos esses questionamentos. Por quê? Porque a impressão que tinha é que nós estávamos trabalhando mais como historiógrafos, aqueles que organizam a documentação para que o historiador venha e construa a História, e a gente chamava atenção para esse detalhe, para nossa necessidade. Precisávamos organizar sim, pois é a base para se produzir conhe-

cimento, mas que nós não devíamos nos ater para esse trabalho. Isso que eu acho que é o grande feito do GEPEMHEP, organizar essa documentação também para as nossas pesquisas, mas eu diria que: – mais do que para as nossas, eu fico muito contente nos primeiros anos, que nós desenvolvemos nos primeiros semestres toda uma teoria e metodologia da História. E para alguns alunos a História está pronta e você tem que aprender e reproduzir. E daí você vê alguns trabalhos de alunos que são coisas fantásticas. Para alguns alunos eu estimei a fazerem banners, mas eles são envergonhados, ele estava discutindo a mudança no perfil do curso de Educação Física a partir do acervo fotográfico da escola. Ele via uma educação física mais militarizada com os alunos naquelas posições e faz uma comparação com fotos de Educação Física de hoje, saem alguns trabalhos assim que são muito interessantes. A Sofia mesmo fez para um dos nossos encontros, um trabalho no qual ela compara como era realizada a demonstração dos trabalhos da seção feminina nos anos 20, 30 e 70. Então eu acho que é muito importante que a gente faça isso, que a gente organiza essa documentação, sempre lembrando que a cada dia corremos um risco ou a felicidade de encontrar documentos novos. Recentemente, eu encontrei, por exemplo, um livro de ata de visitação das autoridades a escola. Então, inicia em 1927, com a visita do Aprígio Gonzaga e vem até os anos sessenta, e aí tem os inspetores, tem as autoridades municipais, tem alguns empresários. Como nós vivemos um bom tempo sem uma preocupação, e sem uma política sistemática de organização desses documentos, então tem essa possibilidade. E em cada salinha que você entra, que está algum tempo sem uso, você entra e descobre uma preciosidade como essa que eu acabei de falar.

**MLMC:** Quando eu falei do museu virtual, primeiro para a gente abrir para o pesquisador, a gente precisa ter um plano museológico, e daí nós vamos discutir sobre isso. Uma outra coisa: mas para ter o plano museológico, eu vou começar a pôr em discussão na Cetec a necessidade de um Regimento e de uma Portaria para criar o centro de memória. Nós temos que pensar que nós não somos eternos e que nós temos que deixar caminhos para os que virão. Os nossos livros pelo menos a intenção é salvaguardar o que temos hoje, então ele é um documento que mostra que as fontes, que temos hoje, e que estão nos centros de memória, e que nós trabalhamos com elas, e utilizamos nos nossos projetos. E para trabalhar de forma mais uniforme e a nível institucional, vou começar a discutir isso na instituição. Eu tenho feito isso de forma lenta, mas eu entendo as dificuldades. Às vezes eu recebo crítica, que não tem uma conta, mas isso não depende só do superintendente. Abrir uma conta, depende do governo do estado, então não é tão simples. Nós temos que ir caminhando como temos feito com a produção dos nossos livros.

**ABV:** Perfeito Maria Lucia, mas nós temos que entender também que essa atividade de pesquisa, que ela é um sonho, e que a gente tem chance de realizar, não podemos de deixar de reconhecer dos trabalhos que vem sendo desenvolvidos, desde os primórdios com a Carmen ...

**MLMC:** Desde a Orleide ...

**ABV:** Já resultou em coisas muito positivas. Hoje com o regimento das escolas, está lá da conservação desses documentos, desse patrimônio.

**MLMC:** O SP doc é fundamental para nós.

**ABV:** Exatamente. A gente tem um ritmo que é um pouco diferente ao ritmo do poder público. A gente quer resultados mais rápidos, mas a máquina pública demora para apresentar resultados. Mas eu avalio que todo o trabalho que tem sendo feito já tem demonstrado resultados bastante positivos, como reconhecimento pelo valor dessa documentação.

**MLMC:** Está nos Planos de Metas da Cetec, já há vários anos, inclusive como Pesquisa e Desenvolvimento.

**ABV:** Exatamente. O próprio grupo acabou ocupando um espaço institucional que antes não existia.

**MLMC:** Primeiro, eu agradeço muitíssimo ter entrado no projeto pela Julia Falivene. Porque a Júlia, teve uma importância enorme nesse projeto. Infelizmente, nos deixou neste ano. E, também, o apoio que o Almério (Almério Melquíades de Araújo) tem dado pela continuidade do projeto. Eu tenho pelo menos vinte projetos de HAE ligados aos projetos da Cetec anualmente. Como a gente prioriza a pesquisa, falta tempo para organizar com as orientações da Arquivologia, da Museologia, e para isso existem essas profissões, mas eu acho que a gente na medida do possível, e lentamente, o tempo é fixo e a gente não consegue ampliar o tempo.

**MLMC:** Américo, eu agradeço muito ter falado com você, e agora observei aqui, que estamos conversando a mais de uma hora, e certamente teríamos muito o que conversar para redirecionar o nosso trabalho. Mas como nós estabelecemos de 30 e 50 minutos para conversar com cada professor, para manter uma média de diálogo, essa entrevista vai ser transcrita, por que trabalhar com história oral é um trabalho de forma colaborativa vou mandar para você, daqui uma, duas ou três horas poderemos ter acesso a gravação dessa entrevista. E, também, vou te mandar os termos de autorização para podermos divulgar no site de memórias. Foi muito interessante conversar com você, aprendi coisas novas, conhecer essa trajetória da patrona foi muito interessante. Toda vez que a gente narra, narra com uma série de detalhes. Hoje você me trouxe fatos novos que eu desconhecia.

**ABV:** Eu é que agradeço essa oportunidade de estar contribuindo para o grupo se desenvolver.

**MLMC:** Então eu vou interromper a gravação, um momentinho. O que você achou?

**ABV:** Ficou bom Maria Lucia.

# 2.

## **CAMILA POLIDO BAÍS HAGIO**

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Getúlio Vargas, em São Paulo



Camila Polido Baís Hagio é Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo – FAU USP (2014), pós-graduação em Aperfeiçoamento em Artes Visuais pela UNICAMP (2008) e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP Bauru (2005). Trabalha como docente desde 2005 pelo Centro Paula Souza, e atualmente é professora da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas nos cursos técnicos de Edificações e Design de Interiores. Faz parte do GEPEMHEP desde setembro de 2016.



*Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas, em 2025.  
Fotografia: Camila Polido Baís Hagio, em 14/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, Camila.

**Camila Polido Baís Hagio (CPBH):** Bom dia.

**MLMC:** Professora Camila Polido Baís Hagio, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você hoje, dia 3 de setembro de 2020, estar concedendo essa entrevista para nós, do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, para o Programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. Esse convite para você participar desse CD que nós pretendemos montar com os curadores de centros de memória, ele vem porque, da importância do seu trabalho de ter retomado as instalações do Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas. Um projeto que começou lá na Historiografia, com a professora Júlia Falivene. É uma das primeiras escolas públicas técnicas que veio para o Centro Paula Souza, em 82. E daí foi muito gratificante você ter aceitado, e desde o período que você teve interesse de entrar para o projeto, você tem, ano a ano, apresentado projetos. E esse ano, no início do ano, publicou um catálogo muito importante sobre as obras raras encontradas no Centro de Memória da escola. Então, eu gostaria muito que você falasse da sua trajetória, da sua história de vida, onde você estudou, como é que você decidiu pela sua profissão de arquiteta, que professores te marcaram para essa decisão, como é que surgiu, como você decidiu ser professora e, finalmente, como você ingressou no Centro Paula Souza.

**CPBH:** Ótimo. Eu agradeço o convite também para contar um pouco desse meu processo. Como você comentou, eu sou arquiteta, eu me formei na UNESP, em Bauru, e eu nasci em Americana, no interior de São Paulo, e meu pai é arquiteto. Então, acho que muito dessa escolha, da minha carreira, vem da minha família.

Então, eu sempre gostei muito, via ele, acompanhava ele em obra, já começava a desenhar. Então, foi muito isso.

**CPBH:** E, na época que eu estava meio que estudando, para prestar vestibular, eu não queria ficar na minha cidade, eu queria ir morar fora. E aí, eu fiz a opção por só prestar Universidade Pública e fiquei muito feliz que passei na UNESP e fui morar em Bauru. Eu morei lá por cinco anos, gostei muito da formação, da estrutura da universidade. Ela tem um foco bastante na formação do indivíduo. Então, eu achei que foi muito válido essa experiência. E, depois que eu me formei, eu gostei muito da parte de artes. Eu acho que é muito importante a gente, como arquiteto, buscar outras referências, que não seja só arquitetura. Então, eu fui fazer uma especialização em Artes Visuais. Aí, eu fiz essa especialização na UNICAMP.

**CPBH:** Na época, eu estava morando novamente em Americana, passei um período por lá e foi lá que eu iniciei a minha carreira de docente. Então, quando eu me formei, eu voltei para o interior, para Americana, e trabalhei num escritório de arquitetura de um dos arquitetos lá de São Paulo, de Americana, e Roberto Rampazzo. Foi bem bacana, aprendi muita coisa lá. Só que, aí, com uma dica do meu pai, ele falou: – Olha Camila, como arquiteto, às vezes, a gente não tem projeto todo mês. Então, é importante a gente ter um emprego fixo, alguma coisa que segure um pouco que a gente consiga administrar as contas. E, meu pai, ele é professor há mais de 40 anos na Etec Polivalente de Americana. E, aí, ele me deu essa dica. Ele falou: – Olha, muitas vezes, o que segurava o meu escritório eram as aulas. Então, tinha concurso aberto na época e eu prestei.

**CPBH:** Logo depois que eu me formei, eu tinha seis meses de formada. Foi muito rápido. E eu amei dar aula, gostei muito, comecei com uma aula só. Então, essa experiência foi bem bacana e, até hoje, eu continuo dando aula e, hoje, a minha atividade principal é dar aula. E, aí, eu também, junto com as aulas continuei trabalhando nesse escritório. Meu atual esposo, ele morava em São Paulo e a gente resolveu que a gente iria se casar. E, aí, eu falei: – bom, então eu vou para São Paulo. Ele tinha um emprego aqui já, um emprego bom. E, como a gente trabalha numa rede estadual, eu tinha a possibilidade de conseguir transferência. Então, eu trabalhei para isso e, aí, em 2010, eu me mudei para São Paulo.

**CPBH:** Eu comecei trabalhando na Etec Carlos de Campos. Foi a primeira unidade que eu consegui aulas, né, quando eu fiz essa transferência para o interior. Eu fiquei uns dois anos trabalhando em Americana e em São Paulo. Então, alguns dias da semana eu ficava lá para trabalhar na Etec Polivalente e alguns dias da semana aqui na Etec Carlos de Campos. E foi numa formação de docente do Centro Paula Souza, naquela formação, o antigo Esquema 1, que eu conheci alguns professores e, aí, me indicaram que estavam precisando de professor na Getúlio Vargas. Então, eu aproveitei, né, e entrei em contato com o corpo docente da GV e comecei a dar aula lá na GV.

**MLMC:** Em que ano você fez o Esquema?

**CPBH:** Eu fiz em 2010, o ano que eu vim para São Paulo. E, aí, em 2011, eu comecei a dar aula na GV. E, aí, eu continuei na GV e na Carlos de Campos. Aí, eu me desliguei mesmo da Etec de Americana, do interior. Então, eu fiquei só aqui na capital, nas duas escolas. E, aí, em 2012, eu ingressei no mestrado.

**CPBH:** Eu fiz... eu sou mestre, em “Arquitetura e Design”. Fiz esse mestrado na Universidade de São Paulo. E, como eu comentei, eu gostei muito da questão da docência, da área acadêmica. E a ideia era me aprofundar, buscando novos cursos, novas formações. E, aí, fiz o mestrado. Eu o apresentei em 2014. E, com o mestrado, eu acabei me afastando, das aulas da Carlos de Campos. E fiquei só com as aulas da Getúlio Vargas. Era mais fácil, para... Eu moro mais perto da Etec Getúlio Vargas e eu consegui conciliar melhor as aulas com o mestrado. Apenas em uma unidade.

**CPBH:** E, em 2014, também, eu tive a minha filha, a Manoela. E, logo depois da... Eu acabei optando por deixar algumas aulas. Então, eu fiquei com uma carga horária bem reduzida. Eu tinha carga quase completa nas Etecs. Aí, eu acabei optando por só voltar para Getúlio Vargas com uma carga horária mais reduzida para poder me dedicar a ela. E, aí, nesse momento de retomada das aulas, tudo, eu fiquei sabendo, em uma reunião pedagógica, a professora Aoki (Ana Maria Aoki Gonçalves) foi lá e comentou que tinha um projeto de História das escolas e que a Getúlio Vargas não tinha ninguém. Então, nesse momento, eu falei: – nossa, é interessante, porque eu gosto dessa parte, acho que tem um pouco de história, tem a ver com a minha formação em arquitetura. E eu tinha disponibilidade de horário, porque eu estava com uma carga horária reduzida.

**CPBH:** Então, em 2016, eu fui ao primeiro encontro do grupo de História e Memória do Centro Paula Souza, que a Maria Lucia coordena. E foi um encontro bastante marcante, porque estava a Júlia (Júlia Falivene Alves) e a Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes), as professoras que começaram esse projeto, de Historiografia nas primeiras escolas públicas, né, voltadas para o ensino profissional. E a fala delas foi muito inspiradora, e aí eu falei: – não, eu realmente quero ingressar no projeto.

**CPBH:** E aí, depois desse momento, eu conversei bastante com a Maria Lucia. Tive, assim, o final de 2016 para conhecer um pouco mais o que era o projeto, como a GV se encaixava, né, nessa história, e o que já tinha sido feito. Porque já teve, esse projeto desenvolvido anteriormente na Getúlio Vargas. Então, na época que as professoras Carmen e Júlia montaram, por volta dos anos 2000, a Getúlio Vargas era uma das integrantes. Inclusive, fizeram um trabalho bem, muito bem-feito, vários professores ficaram envolvidos, a professora Nilza Ruth (Nilza Ruth de Camargo) estava lecionando junto comigo, então eu a conheci, que foi uma das pioneiras, na implantação do projeto e do centro de memória na Getúlio Vargas. Eu

troquei bastante informações com ela, e ela me contou, que elas tinham um espaço físico, eles tinham organizado todo o material para esse centro de memória, desde a fundação da escola, que é em 1911, até a década de 50, que era o período que compreendia o projeto que tinha esse vínculo com a FAPESP. E só que por conta, de um desinteresse da direção, enfim, o projeto perdeu o espaço, não tinha mais aquele espaço físico, e ela também não tinha mais projetos, relacionados a esse centro de memória.

**CPBH:** E aí, em 2016, eu falei: – não, eu vou retomar. E a primeira coisa que eu vi, né, a gente estava... todo o material que elas tinham selecionado, catalogado, eles estavam em um depósito, trancado lá, em um depósito na nossa escola. E tinham muitas caixas, e a que me chamou mais atenção foi a caixa de livros raros. Então tinha lá muitas caixas com esse nome, e eu falei: – nossa, eu quero ver o que tem aqui dentro. Então eu fui, aos poucos, abrindo e vendo as caixas. Tinha livros, tem, a gente tem alguns livros antigos de arquitetura, que foram os primeiros que eu comecei a mexer.



*Sala com os acervos históricos do centro de memória do projeto de Historiografia, como depósito, na Etec Getúlio Vargas, em 2016.*

*Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas, em 09/04/2025.*

**CPBH:** E assim, a gente não tinha nenhum espaço físico para colocar todo esse material que estava se deteriorando. Ele ficava bem embaixo de um banheiro, esse depósito onde colocaram o material, e estava até tendo problema de infiltração de água. Então, nossa primeira tarefa, foi tentar achar um espaço novo para o centro de memória, para poder colocar esse material, e saber o que tinha sido feito no projeto anterior, e o que a gente poderia fazer desse momento em diante.

**CPBH:** E, em 2017, e, em 2018, eu acabei me dedicando a isso. A montar, a conhecer melhor todo esse projeto, e como que a Getúlio Vargas, então, poderia contribuir, com o grupo de estudos. E eu tive bastante ajuda de uma outra professora, que foi a Patrícia Mendes Fildimaque, ela também teve por dois ou três anos envolvida no projeto, e a gente conseguiu um espaço provisório na GV, e a gente conseguiu, então, tirar todo esse material que a gente tinha lá nesse depósito, e organizar, assim, previamente nesse espaço. Acho que a direção também foi bem importante nesse momento.



*Professores Maria Lucia Mendes de Carvalho, Paulo Eduardo da Silva, Camila Polido Baís Hagio e Patrícia Mendes Fildimaque na Etec Getúlio Vargas, em 2017.*

*Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas, em 09/04/2025.*

**CPBH:** Na época, quando eu descobri a existência do projeto, do grupo de estudos, a coordenadora era a professora Regiane Cruz, e ela foi uma grande incentivadora, para eu pegar o projeto e falar: – não, acho que tem o seu perfil, e acho que a GV precisa de alguém, para continuar contando a história e retomar o trabalho que havia sido feito. O diretor era o professor Salerno (José Antônio

Galinberti Salerno), ele está até hoje no cargo, e, também sempre apoia, sempre possibilita, esse destino de um espaço físico para a gente. O trabalho é muito grande e a velocidade com que ele acontece não é exatamente o que a gente deseja. Então, a gente conseguiu esse ano só que agora em 2020 um espaço definitivo para o centro de memória. E no começo do ano a gente já transferiu todo o material do espaço provisório para o espaço definitivo. Mas, porém, com a pandemia acabou ficando, a gente não conseguiu trabalhar mais no espaço físico. E durante então esses anos eu me dediquei a conhecer um pouco mais a história da Getúlio Vargas, que acho que é muito grande, e eu não conheço tudo, ainda estou descobrindo, e focando nesse catálogo de livros raros e especiais. Então eu cataloguei mais de 200 livros que compõem esse catálogo, esse nosso acervo, e o que foi bastante interessante é que eles podem contar a história junto com outros documentos que a gente tem da nossa instituição.

**CPBH:** Então assim, nesses livros a gente tem dedicatórias ao primeiro diretor da escola, temos assinaturas de vários professores que passaram pela escola, então além de mostrar um pouco os cursos que a gente tinha na escola, mostra um pouquinho também dos personagens que construíram a escola.



*Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas durante visita técnica às professoras pesquisadoras.  
Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 05/02/2024.*

**MLMC:** Camila, você acha que agora, com aquele trabalho que o Mário Saito fez, ele fez aquele levantamento dos nomes de todos os alunos que se formaram lá, desde 1911, até acho que, não sei se ultrapassou a década de 60, mas foi o período que ele estudou lá, que ele fez Máquinas de Automóveis, e ele é muito grato à escola. Talvez, como lá tem o nome dos cursos, talvez aquele documento possa colaborar para elaborar as fichas de registro de objetos, associando cada livro, cada livro como objeto, e supondo que ele tem relação com aqueles cursos em função da temática. Até esse último artigo que nós estamos lendo do Fabiano Cataldo (Fabiano Cataldo e Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro), que ele utiliza o livro como objeto e destaca as marcas, o que eu achei interessante foi alguns referenciais teó-

ricos que ele utilizou e que ele mostra, como nós fazemos, contamos a história do objeto a partir do presente. Cada um de nós vai interpretar de forma diferente, e é isso que vai acontecer no caso das obras raras, mas são pistas que nos ajudam a ir trocando experiências entre nós, entre os que passaram pela escola, e por isso que a gente, inclusive, incluiu revisão nas fichas de objetos, porque a gente vai acrescentando conforme nós vamos fazendo novas descobertas sobre eles. Espero que te ajude bastante esse documento.

**CPBH:** Então esse trabalho do Mário Saito compreende a escola nos períodos que ela estava instalada no Brás, então vai até 1963. Quando, em 64, a Getúlio Vargas é desmembrada em unidades e a unidade do Ipiranga permanece com o nome Getúlio Vargas, aí a gente não tem esse registro ainda, então ele vai até 63. A escola do Ipiranga nasce em 1964.

**CPBH:** É um documento muito valioso esse trabalho que ele fez. A gente tem lá no Centro de Memória e ajuda bastante a entender, conhecer os alunos que passaram por lá, os cursos que eram oferecidos desde os anos iniciais até a década de 60. Ele é uma referência para a gente, sim.

**MLMC:** Você sabe que, voltando a esse Clube de Memórias, que a Júlia Naomi está organizando e está ministrando, o Clube de Memória XXXV, você vai gostar muito do livro que ela recomendou para ler na atividade quatro do Horácio da Silveira. Esse livro eu adquiri num sebo (risos). Faz parte da minha coleção pessoal. É um livro institucional do Horácio da Silveira, só que eu achei que ele seria tão importante para nós, que eu escaneei e coloquei de forma digital no Centro de Memória central. A Júlia nem sabia disso, que esse livro faz parte da minha coleção pessoal. Tanto que, agora, o Carlos Eduardo (Carlos Eduardo Ribeiro) vai fazer o mesmo que ele fez para o Fundo, ele está desenvolvendo o software para as coleções. Porque lá no Centro de Memória, lá no Edifício Paula Souza, eu tenho várias caixas de professores que trouxeram objetos comemorativos, trouxeram material didático e tal do seu período. E eu estou chamando isso de coleção pessoal, porque não é exatamente localizado dentro da instituição, mas faz parte da história da instituição. E daí eu verifiquei esse problema. Eu falei: – olha, esse aqui é da minha coleção e ele está junto no fundo. Então, assim que isso estiver pronto, eu vou tirar dali e colocar no fundo. Mas, o que é interessante nessa obra para a Getúlio Vargas, é que ela trata da Getúlio Vargas. Ele fala de alguns problemas da educação profissional. E ele trata exatamente da criação do curso técnico na Getúlio Vargas. E como ele envolveu o curso técnico, que ele surgiu anexo ao Instituto Profissional Masculino. Como surgiu o curso de dietistas, anexo ao Instituto Profissional Feminino. Isso que me chamou atenção.

**MLMC:** Outra coisa que me chamou atenção é que na capa é uma doação para uma empresa, esse livro institucional. Então, foi a empresa que depois mandou para o Sebo. Eu adquiri de um Sebo. Agora, eu gostei muito da sua entrevista,

você mostrando essa relação, a colocação que teu pai fez e que você seguiu. E isso eu acho uma coisa muito interessante no Centro Paula Souza, inclusive é ter esses profissionais, que eu acho que é uma necessidade, que estão no mercado e estão também na educação, principalmente por ser profissional.

**CPBH:** Sim, eu acho que a gente está formando jovens ou pessoas para o mercado de trabalho. Tanto é que a gente tem as pesquisas que o Centro Paula Souza faz sobre as demandas dos cursos a serem oferecidos. E eu acho importante a gente trazer a experiência profissional para os nossos cursos. Então, a gente tem muito professores, principalmente da parte técnica, que trabalham na indústria e se dedicam às aulas. E assim, na Getúlio Vargas tem alguns professores que eu estou levantando, também com muita história para contar. Temos professores também com mais de 40 anos de escola. Alguns que foram alunos e agora são docentes. Eu tive também o prazer de entrevistar a professora Rozzane (Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz) que é do curso de Edificações. Ela foi aluna e é professora há muito tempo na Getúlio Vargas. Então, a gente tem, eu acho que é bacana que o Centro Paula Souza possibilita a gente formar uma carreira na instituição. Então, a gente vê que as pessoas que entram realmente se dedicam e ficam muitos anos na instituição. E o Centro de Memória da Getúlio Vargas, eu peguei um pequeno pedacinho para trabalhar nesses primeiros anos que eu estou no Centro de Memória, mas tem muita coisa que a gente pode estudar e pesquisar. Eu acho que até somente uma pessoa lá é pouco. A gente poderia ter muito mais professores porque tem uma riqueza que é muito grande o nosso acervo. A gente tem desde os primeiros livros de matrícula dos alunos de 1911. Então, a gente tem muito documento, muita informação para resgatar e para olhar, para desvendar um pouco melhor a nossa história. E a gente tem, eu acho que muitas histórias também são contadas para a gente, que a gente precisa comprovar o que aconteceu e a organização do Centro de Memória é importante nessa questão, para a gente então ter acesso aos dados, aos documentos que comprovem toda essa história. E a gente tem uma reportagem falando que o primeiro automóvel totalmente montado no Brasil foi feito na Escola Profissional Masculina. Só que a gente tem uma reportagem, a gente não tem mais informações sobre isso. Então, seria interessante, eu acho que retomar essa organização do Centro de Memória, que eu ainda acho que está num processo bastante inicial, de pegar tudo que as professoras tinham feito no projeto dos anos 2000 e agora, organizar tudo isso novamente. Eu acho que a gente ainda tem muito trabalho pela frente, mas a gente tem também muitas possibilidades de pesquisa, de descobertas com esse material que a gente tem disponível.

**MLMC:** Então, Camila, sabe, eu acho assim, eu entendo isso que você colocou, que o ideal seria que nós tivéssemos mais professores. No entanto, tudo isso tem um custo institucional, e outro, nós temos várias áreas. Então, eu sempre, eu já fico muito feliz de nós termos o professor Almério Melquiades, apoiando esse projeto há mais de 23 anos, né. Nós, que estamos aí há 12 anos à frente do proje-

to, dando continuidade a todo esse trabalho, que a Júlia Falivene começou, com o apoio da professora Carmen Sylvia Vidigal Moraes, lá do Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP, e principalmente, assim, não é fácil conseguir publicar os livros institucionais todos os anos, porque sempre tem alguns problemas financeiros. Então, eu vou com muita calma negociando, para trazer para o nosso projeto, até porque eu acredito na importância desse projeto para a educação. Então, considerando os problemas que a gente tem, né, de recursos, eu acho assim, o Museu Virtual, que eu quero enfatizar o ano que vem, ele pode contribuir para a gente desenvolver práticas com os alunos. De repente, a gente começar a fazer seminários internos nas instituições, que o professor pode participar para fazer pôster dentro da área dele e se apropriar do Museu Virtual, porque daí ele não vai ter muito trabalho, a informação está ali, ele vai fazer leituras. Porque todos nós acabamos nos envolvendo com determinadas, assim, a gente faz recortes mesmo dentro das nossas áreas, mesmo como especialista de outras áreas, e o tempo é extremamente escasso, e principalmente depois da pandemia vai ficar mais escasso ainda. Porque a gente teve que se apropriar agora de outras tecnologias que não vão embora mais, e que para produzi-las talvez leve muito mais tempo do que preparar a aula presencial, porque presencial você, enquanto sujeito, está lá transferindo, trocando conhecimento, enquanto para você colocar público, uma apresentação, deixar um vídeo, que você reproduziu, isso requer muitas horas de trabalho. Então, nós estamos vivendo um momento difícil, que nós vamos ter que avaliar por onde nós vamos sair, mas eu acho assim, dentro do nosso campo da memória, a gente vai ter que buscar essas outras saídas para difundir e promover inclusive o que nós fazemos, que, como você disse, dá muito trabalho.

**CPBH:** (hum, hum, ...)

**MLMC:** Eu queria que você falasse um pouquinho, para finalizar a nossa entrevista, como é que você vê o grupo contribuindo, esse trabalho que a gente faz coletivo. A gente faz o trabalho coletivo de formação continuada de professores dentro da Cetec (Unidade de Ensino Médio e Técnico), exatamente com a intenção de preparar os nossos encontros, de projetar os nossos projetos; assim, de fazer um pré-projeto para propor no ano seguinte. Como é que você vê? Tem funcionando? O que poderia ser alterado?

**CPBH:** Eu acho que esses encontros são essenciais para o grupo. Eu acho que nele a gente troca muita informação, principalmente, assim, eu não sou da área de História ou de Biblioteconomia, então, de Arquivo. Então, eu acho que cada um, cada membro do Centro de Memória, traz um pouquinho da sua experiência e aí a gente vai trocando e ganhando. E mesmo porque também algumas informações que têm no meu podem ser as mesmas que tem no de outros, nós somos uma instituição só, apesar de ser muitas unidades, a gente é uma instituição. E, nesses clubes de memórias, eu tenho bastante contato com outros professores, como o

professor Paulo (Paulo Eduardo da Silva) da Etec Rocha Mendes, que também foi desmembrada da Getúlio Vargas. Então, muitas peças, que fazem parte da história da Getúlio Vargas, estão na nossa unidade do Ipiranga, quanto na unidade do Rocha Mendes. Então, acho que esse intercâmbio de informações é essencial. Os encontros presenciais eram fantásticos, para a gente poder trocar. Deve ser, de alguns centros de memória que desde o começo dos anos 2000, e continuam ativos. Então eu acho que eles trazem muito material e muitas informações e mostram como é possível manter com um professor mais dedicado e com a direção também apoiando, e que é importante manter. Eu estou há três ou quatro anos no projeto e nesse período a gente conseguiu muitas coisas e a gente conseguiu a doação de algumas peças com molde de um professor muito importante da escola, e talvez se não tivesse ninguém, na época, se dedicando ao centro de memória, a gente não teria conseguido o acesso a essa doação.

**MLMC:** Que professor foi esse?

**CPBH:** Então, foi o Ferdinand Frick (August Ferdinand Frick) ele foi escultor dos profetas que ficam na porta da Catedral da Sé, ele foi professor de escultura. E hoje a gente tem o molde de uma escultura que ele fez para uma praça de Campinas. A gente inclusive fez uma exposição sobre essas obras e sobre esse professor.

**MLMC:** Ela está na Av. Campos Salles.

**CPBH:** Isso. A gente tem o molde agora e alguns outros trabalhos menores dele. Então ter uma pessoa a frente no Centro de Memória foi importante para a gente receber esse material e entender a importância dele, e, também divulgar para nossa comunidade e até para uma comunidade maior. Inclusive saiu no arquivo do estado...

**MLMC:** Saiu no Diário Oficial do Estado de São Paulo.

**CPBH:** Isso mesmo.

**MLMC:** Muito interessante.

**MLMC:** Camila, você sabe que eu coordeno projetos de Memória no Centro Paula Souza, mas também me apaixonei por uma área quando trabalhava no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2001, e daí ficou essa ligação e eu fiquei fazendo pesquisa no campo da alimentação e nutrição. Quando o filho do professor Francisco Pompêo do Amaral faleceu, em 2015, o neto me passou dois livros de 250 páginas quase com reportagens, cartas e uma série de documentos que o Pompêo do Amaral montou, como se fosse o nosso currículo lates de agora. Eu imagino que ele montou isso, pelas datas nos documentos, que ele montou isso quando ele foi concorrer, em 1963, a correspondente nacional na Academia Nacional de Medicina, por que ele precisava entregar um currículo, que eu inclusive localizei lá, durante o meu doutorado, com 23 páginas, e foi fantástico.

**CPBH:** Hum, hum ...

**MLMC:** Ao receber esses dois livros, livros atas, e lendo, porque eu comecei inventariando os documentos para saber quantos documentos tinham nesses dois volumes. Daí eu encontrei reportagens do Pompêo se relacionando com o José Rocha Mendes, que foi deputado. Porque o José Rocha Mendes lutou muito contra a carestia, em meados da década de 50 para o final. E o Pompêo, nesse período, ele ganhou três prêmios nacionais: Leite Problema Nacional e o Problema da Alimentação, e daí, ele era convidado pelo José Rocha Mendes, como técnico e especialista para dar depoimento, então você vê como as informações vão se cruzando e a importância dos arquivos pessoais. E, eu estou contando isso porque por exemplo, o Paulo Eduardo da Silva, ele é curador do Centro de Memória da Etec Rocha Mendes e ele não tinha, ele só tinha uma foto do patrono da escola. E agora, logo que eu tive acesso a esses documentos, eu fotografei e mandei fotos para ele, do patrono mais jovem e atuante. Então você vê como a gente vai trocando informações e vai conhecendo a nossa história. E o que eu acho mais importante nesse nosso projeto para a instituição é conhecer os cursos e os currículos, porque nós temos o Laboratório de Currículos. E então dá para a gente avaliar se houve avanço, se houve retrocesso, e até para evitar retrocesso as vezes. Então eu acho o nosso trabalho, o Almério (Almério Melquíades de Araujo) deve perceber isso, e por isso sempre apoia e estimula e incentiva. Você vê, nós há anos temos mais de vinte projetos aprovados todos os anos para os professores, que eu acompanho dos professores, e nos nossos encontros temos esse objetivo de apresentar os resultados das pesquisas anuais que a gente faz mesmo a distância. Como a gente estava conversando no início, você vê mesmo com a pandemia, dificultou, mas nós não estamos lá nos arquivos escolares, mas aquilo que a gente já dispõe, você vê nós participamos da 18ª Semana Nacional de Museus, participamos da Semana Nacional de Arquivos, e se não fosse um trabalho acumulativo nós não teríamos acesso. Então o site de Memórias que a instituição apoia, e o que a gente está construindo, o Museu Virtual, esse museu está sendo constituído pela luta na Cetec para ampliar o espaço, antes a gente não tinha esse espaço todo, porque o espaço virtual custa e bites custa caro. Às vezes, as pessoas me questionam com relação as fichas, porque agora tem um chat para devolver as fichas, e então a gente tem que se preocupar com o que está colocando e agora acrescentamos os links que os artigos que estão no site de memórias, a gente pode registrar. Então dia a dia nos vamos apreendendo uns com os outros. Eu também aprendendo muito com vocês. Eu só estou velhinha na idade, mas trabalhar com vocês é um prazer imenso, porque tem muita novidade. Eu também sou da área de Engenharia, e não da área de Arquivologia ou nem de Biblioteconomia, mas eu vou estudando e me apropriando e, também dos conhecimentos dessas áreas que são fundamentais para as nossas áreas e inclusive para as nossas áreas que são de tecnologia.

**CPBH:** Sim.

**MLMC:** Então para finalizar Camila eu gostaria de fazer uma pergunta, como eu falei que me apaixonei pelo campo da alimentação e nutrição e nunca mais vou me separar dele, a não ser quando a vida não permitir mais, eu gostaria de perguntar: – o que te apaixona? Tem alguma área, eu tenho visto que você tem escrito na área de arquitetura, e eu inclusive fico muito feliz por você estar fazendo isso, mas eu também gostaria de perguntar isso: – como é que você vislumbra o seu trabalho no centro de memória?

**CPBH:** Então, eu gosto muito da minha área de formação, de Arquitetura, e, Artes eu também gosto bastante, e então eu percebo que eu tendo nas minhas pesquisas, as minhas buscas e nos artigos que eu tenho escrito tendem a contemplar mais essas áreas, que são as que eu tenho mais conhecimento e me aprofundo um pouco melhor. Então sobre os prédios da Getúlio Vargas, a questão da escultura, dessas obras que nós recebemos do Ferdinand Frick, assim como das esculturas. Então eu gosto de conhecer a História da Educação que é importante, mas eu sempre procuro trazer um viés para a minha formação, um olhar para minha formação.

**MLMC:** E que é importante, porque mesmo eu no nosso grupo, quando eu comecei o projeto, eu também tive que priorizar, então o que eu fiz: – eu escolhi Mecânica, Artes, Desenho, porque a continuidade do Desenho é a Informática, e a minha área que era Nutrição, e depois, começou um pessoal com Edificações, são cinco áreas. É lógico que depois se entra um professor. Eu mesmo puxo para a Química e Dietética, porque eu sou Química também, porque fica mais fácil a gente dialogar com aquilo que a gente conhece.

**CPBH:** Sim, com certeza.

**MLMC:** Agora são áreas fundamentais e que vão ficar continuar. Esse ano eu fiz parceria com a Fatec SP, e o curso que eu escolhi – Edificações. Na verdade, eu comecei o ano passado, quando eu convidei a professora Maria Alice (Maria Alice Pius) que eu já tinha convidado há uns quatro anos antes. E esse ano eu comecei a ler sobre Mecânica, Mecânica de Precisão e tal, e eu quero ver até se eu escrevo um artigo sobre isso, mas você vê que está dentro das nossas áreas, porque eu acho que outras áreas foram derivadas dela. Então, os outros que vierem poderão abordar essas áreas, os novatos.

**CPBH:** Então é importante esse trabalho que o grupo se propõe e é sempre uma construção que a gente se propõe. É um trabalho que não tem um fim. A história continua e a ideia é contribuir para o futuro.

**MLMC:** Camila, eu ficaria conversando com você muitas horas, mas eu vou ter que interromper, e vou transcrever e, depois, eu vou mandar para você conferir, porque em história oral é um trabalho de mão dupla na autoria. Eu vou te mandar os termos de autorização para difundir no site de memórias a transcrição da entrevista. Eu fico muito grata, primeiro por você fazer parte do GE-

PEMHEP, que muito nos orgulha, e pelo trabalho que você desenvolve na Getúlio Vargas no centro de memória.

**CPBH:** Eu que agradeço a oportunidade e a confiança no meu trabalho. Obrigada.

**MLMC:** Até logo.

**CPBH:** Até.

# 3.

## **DANIELE TORRES LOUREIRO**

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Fernando Prestes, em Sorocaba



Daniele Torres Loureiro é graduada em Administração Pública pela Universidade Federal de São João Del Rei (2019) e em Automação de Escritórios e Secretariado pela Faculdade de Tecnologia de São Paulo (1998). É pós-graduada em Planejamento e Implementação de Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense e em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável pela Faculdade de Educação São Luís. Em 2012 e 2013 ministrou aulas no curso de pós-graduação em Administração e Organização de Eventos no Senac Sorocaba. Possui 8 anos de experiência como Secretária, e desde 2003, é professora em escolas técnicas e membro do GEPEMHEP.



*Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, em Sorocaba/SP, em 2025.  
Fotografias: Daniele Torres Loureiro, em 12/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, professora Daniele Torres Loureiro, eu agradeço muito você, hoje, que é dia 19 de outubro de 2020, estar concedendo essa entrevista de história oral na educação para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Essa entrevista vai fazer parte do programa de “História oral na educação” e “memórias do trabalho docente”. O convite para essa entrevista devesse a professora ser curadora do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, em Sorocaba.

**MLMC:** Então nós gostaríamos deixar o registro sobre a sua trajetória de vida enquanto educadora, estudante, onde você nasceu, onde estudou, por quais escolas passou, como decidiu por essa profissão, quando ingressou na Paula Souza, quando começou a trabalhar com memória. Todas essas informações são importantes para as pessoas saberem quem são os professores que nos últimos anos. Nos últimos anos não, estamos trabalhando há quase 15 anos, e é importante que as pessoas saibam quem somos nós. Então por isso nós começamos esse trabalho de entrevistar os curadores dos centros de memória

**Daniela Torres Loureiro (DTL):** Professora Maria Lucia, eu gostaria de agradecer esse convite, é uma honra muito grande estar fazendo parte desse projeto, que é um projeto que como curadora da Fernando Prestes eu tenho grande afetividade. Então é uma honra realmente estar fazendo parte disso. As perguntas posso responder.

**MLMC:** Sim, por favor, desde a sua origem (risos).

**DTL:** Ok. Eu nasci em São Paulo, capital, mudei para Sorocaba aos 14 anos. Depois disso, eu estudei em escolas públicas em São Paulo, depois eu vim para cá, e fiz o colégio no Ciências e Letras, hoje é o Colégio Objetivo. Eu fiz o curso Técnico em Processamento de Dados, e atualmente Técnico em Informática, e depois disso, como eu sempre gostei dessa área de tecnologia, e eu então vi o curso de Automação de Escritório e de Secretariado da Fatec SP. E gostei bastante da estrutura curricular do curso, então eu fui aluna, da segunda turma do curso de Automação de Escritório e Secretariado.

**MLMC:** São Paulo ou Sorocaba?

**DTL:** São Paulo, aqui em Sorocaba tinha a Fatec, mas era para Processamentos de Dados. Eu prestei o vestibular e não passei aqui para Processamentos de Dados, e então eu vi a estrutura do curso de Automação de Escritórios, e então resolvi prestar o vestibular, passei e cursei. Foram anos bem interessantes da minha vida de juventude. Fiquei bastante tempo, porque eu ficava na Fatec, o curso era período integral, e eu ficava na Fatec, das 7:30 da manhã e as vezes até 11 horas da noite. É válido comentar, porque acho que é uma história que está correlato e acho que é válido comentar sobre alguns professores que eu me lembro: – eu fui aluna: – da professora Frida, do professor Jaques e, na época, a diretora da Fatec era a professora Helena Peterossi.

**MLMC:** É isso que eu ia te perguntar, de que ano a quem ano você estudou na Fatec.

**DTL:** Eu estudei, na realidade eu tranquei um ano, eu estudei e eu fiquei de 93 a 98.

**MLMC:** Você fez o curso Técnico de Processamento de Dados você fez na Etec?

**DTL:** Não, não é na Etec, eu fiz no Colégio Ciências e Letras, a primeira nomenclatura dele era Instituto de Ciências e Letras de Sorocaba e depois se transformou no Colégio Objetivo, que existe até hoje. Era um curso técnico que eles ofereciam, que hoje é o médio técnico, era um curso técnico integrado, a gente tinha algumas matérias, não sei se posso dizer que as matérias eram mais condensadas. Nós não tínhamos todas as matérias que teria no ensino médio normal, não era período integral, era das 7 ao meio-dia, era esse o nosso horário de estudo. Então na legislação escolar tinha esse curso e depois passou para três anos integrado, enfim, mas não era Etec, não passei no curso, e aí fui fazer Automação de Escritório e Secretariado por que tinha um pouco de programação e tinha essa parte de tecnologia e o estava aliado ao Secretariado, também era uma área que eu tinha interesse. Eu gostei bastante da estrutura do curso e eu vivi cinco anos na Fatec de forma intensa. Eu fui estagiária e foi nesse período da professora Helena. Eu trabalhei com a professora Aline Carminati que era uma das poucas estagiárias que fazia 8 horas de estágio, referente aos meus professores que eu lembro até hoje.

A professora Frida que era uma Professora de Alemão, muito rígida. A professora Maria Cristina, não sei se ela ainda está no Centro Paula Souza, ela era de Português, e Coordenadora do curso, na época. O Eduardo era Secretário do curso e que cuida da área de gestão documental hoje no Centro Paula Souza.

**MLMC:** O Eduardo Pimenta?

**DTL:** Isso, o Eduardo Pimenta. Exato.

**MLMC:** Ele trabalhava na Fatec? Que cargo?

**DTL:** Ele secretariava a professora Maria Cristina que era coordenadora do curso. Então, tudo que a gente precisava se comunicar, era com o Eduardo, precisava solicitar alguma declaração, era ele que dava esse suporte para o aluno.

**DTL:** A professora Joyce, acho que ainda é a coordenadora do curso, porque o curso de Automação ainda está vigente na Fatec, e o professor Juarez, que eu não sei se ele é da direção, ou da direção da Fatec, mas na época, ele me dava aula de Inglês era professor rígido, e eu fiquei um pouco mais no curso por causa da matéria dele. Eu tinha bastante dificuldade, mas enfim, tinha a Célia Rita da Secretaria, que também era uma pessoa que tinha bastante representatividade na Fatec e o professor César Silva, que era superintendente. E, agora acho que ele está no FAT, mas também foi meu professor de Administração.

**MLMC:** Ele era vice superintendente?

**DTL:** Isso. Era vice superintendente.

**MLMC:** E logo depois que você se formou, você disse que trabalhou um ano com estágio na Fatec SP, e depois você voltou para Sorocaba?

**DTL:** Isso, depois eu voltei para Sorocaba. Sim, terminei o curso da Fatec SP indo e voltando todos os dias, durante um período. Fui trabalhar em uma empresa que fornecia internet, de telecomunicações, depois trabalhei em uma indústria de refrigerantes, também na área de secretariado, aqui em Sorocaba. Posteriormente, fui para a área de saúde, como secretária de um diretor de planos de saúde, aqui da Santa Casa de Sorocaba na época. Então esse senhor foi quem me deu essa oportunidade, ele me ofereceu um curso no Senac SP, eu fiz esse curso e depois ele me pediu, que eu reproduzisse essas informações para os funcionários. Na época da Fatec eu nem falava em público, tinha muito medo, e a minha voz sumia e foi um desafio grande. E por causa disso, eu prestei um concurso aqui na Fernando Prestes para iniciar a minha carreira como docente.

**MLMC:** E que ano foi isso, Daniele?

**DTL:** Foi em 2001. Faz já um tempinho.

**DTL:** Em 2001, passando em uma avenida aqui em Sorocaba, tinha um outdoor, solicitando professores de Automação de Escritórios. Porque até hoje ainda é

pouco conhecido esse curso. Até hoje as pessoas perguntam o que é isso? E quando eu vi que estava precisando de professor na Fernando Prestes, fui até a escola, prestei uma prova e fiz uma aula, e tudo isso por causa do desafio dessa empresa que eu trabalhei. Passei, porém não fui chamada de imediato, e aí fiquei dois anos aguardando. Prestei outros concursos, e um dia pesquisando sobre um outro concurso no Diário Oficial, eu vi que estava escrito que em cinco dias ia expirar o meu concurso. E daí fui até a Escola e comecei a ministrar as aulas, eles agradeceram, e aí eu comecei com as aulas.

**MLMC:** Isso em 2003?

**DTL:** Isso, eu ingressei em março de 2003, na Fernando Prestes, foi um desafio enorme. E aí eu dando outros passos e assumindo outras aulas. Inclusive, não existia na época o catálogo de requisitos. Então, eu dei aula de várias disciplinas, dei aula de Contabilidade, Ética, de Empreendedorismo no curso de Design de Interiores. E foi aí que eu conheci da professora Stella (Stella Maris Cano Ronzani), que foi quem iniciou o projeto de Historiografia na Fernando Prestes, a partir daquele projeto da professora Júlia (Júlia Falivene Alves). Ela e a professora Rose (Rosemari Santos de Paula) e o professor Oswaldo (Oswaldo Luiz Casconi) em Sorocaba. A professora Stella, uma coisa que ela comentou comigo, que ela ia se aposentar, isso em 2005.



*Fachada do Centro de Memória da Etec Fernando Prestes, desde a sua criação em 2000.*

*Fonte: Arquivo pessoal Daniele Torres Loureiro, em 2025*

**DTL:** Em 2005, ela iria deixar o projeto de Historiografia. E daí ela....

**MLMC:** Oi

**DTL:** Sumiu...

**MLMC:** Sumiu, e a internet tem dessas coisas, de vez em quando dá uma paradinha, e por isso eu falei: – oi (risos)

**DTL:** A professora Stela, que era uma das curadoras no centro de memória no início do projeto de Historiografia, e ela foi minha coordenadora no curso de Designer de Interiores na disciplina de Empreendedorismo. E ela viu a forma como eu preenchia os Diários de Classe. E daí ela falou: – você gostaria de assumir o projeto, e até então eu não conhecia. Isso foi em 2005, e eu gostei, ingressei e fiquei dois anos no projeto de Historiografia. A professora Rose também saiu do projeto, e ficou uma nova equipe: eu, a professora Renata Brosco, que atualmente é coordenadora pedagógica na Fernando Prestes, e o professor Oswaldo Casconi. Desenvolvemos vários trabalhos, exposições, dando sequência ao trabalho que as duas professoras tinham iniciado dentro do projeto Historiografia, que elas pegaram desde o início, se envolveram em levantamento de documentos. E nós começamos com essa parte de objetos. Até então não tinham objetos no Centro de Memória, antes eram mais organização de documentos escritos e nós começamos a recolher objetos que tinham em vários depósitos da escola. E daí montamos uma exposição que foi, como eu posso dizer.



*Daniele Torres, Luis Koritiake, Renata Brosco e Oswaldo Casconi em exposição no Sesc, em 2005.*

*Fonte: Arquivo pessoal Daniele Torres Loureiro, em 2025.*

**MLMC:** Itinerante.

**MLMC:** Eu lembro disso.

**DTL:** Sim. Nós recebemos a sua visita, junto com a Maria Cristina que era da USP, e depois, nos encontramos naquele congresso de educação lá em Minas. Então assim, foi um trabalho muito intenso, e eu tinha uma dedicação no projeto

de Historiografia, nos anos de 2005-2006. No início de 2005, eu fiquei somente no projeto de Historiografia, e em 2006, eu assumi a Coordenação do curso de Secretariado, e daí por alguns desgastes, eu optei por sair da escola, com muita dor no coração em relação ao projeto de Historiografia e pedi exoneração. E daí fiquei trabalhando para o Centro Paula Souza em uma classe descentralizada em uma escola de Votorantim, pela FAT, e depois fui para uma escola infantil especial, aqui em Sorocaba, e fiquei lá três anos. E depois, fui convidada a retornar à escola no curso de Secretariado. Isso foi em 2010, onde eu ministrei aulas na Etec de Votorantim, na Etec Armando Pannunzio, onde participei na Biblioteca Ativa e, também ministrei aulas na Rubens de Faria, no curso de Técnico Jurídico. E atualmente estou apenas na Fernando Prestes.



*Professoras Daniele Torres Loureiro, Maria Cristina Vendrameto e Maria Lucia Mendes de Carvalho no VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, em Uberlândia, em 2006.*

*Fonte: Arquivo pessoal Daniele Torres Loureiro, em 2025.*

**DTL:** Em 2008, o centro de memória ficou quietinho lá, montado, porém não tinha atividades. Em 2016, a professora Ivani reassumiu atividades, junto com o professor Chicão, quando ele precisou sair, a professora Ivani me convidou novamente para retomar as atividades no Centro de Memória. Desde então, a gente vem desenvolvendo projetos e algumas ações educativas, fizemos exposições de fotografias, participações na organização no Chá Santo Antônio e, também dos encontros de memória e apresentado alguns trabalhos. Fiquei um ano aí, um pouco paralisada por conta da situação da minha mãe. Retomei por causa dos objetos com a professora Júlia (Júlia Naomi Kanazawa), e estamos montando o catálogo de objetos. E trabalho que eu desenvolvo dentro do centro de memória, que eu tenho muito carinho e muito apreço, e que é um espaço que eu defendo, com unhas e dentes. As vezes algumas pessoas gostam muito do trabalho, mas nem sempre o

projeto tem a valorização que ele deve ter, eu defendo muito esse trabalho. Desde que eu estou na escola, é um trabalho muito gratificante, já fiz entrevistas com alguns professores, tentando registrar os cursos de Secretariado, Contabilidade e de Informática, que são três cursos da década de 80 para buscar e registrar a história do curso de coisa que me deixou bastante... e foi feita entrevista com a coordenadora do curso, a professora Benedita, e foi retomado o projeto de Escola Aberta, pelo professor Jovanil (Divanil Urbano), e ela entrou em contato pedindo informações sobre o curso de Contabilidade, com entrevistas com os alunos da década de 80. Isso me deixou contente, de ter tido essa repercussão, sobre a importância de registrar essa história. Então assim dos trabalhos desenvolvidos, foi a questão de higienização, aprendi e participei de várias oficinas de higienização e também de cuidados com os documentos, e, também fotografias, algumas oficinas, isso lá em 2005 e 2006. E agora sobre o que os objetos que podem contribuir para confrontar com a História da Educação Profissional. Enfim, o que eu posso dizer que é um trabalho bastante gratificante dentro do Centro de Memória.

**MLMC:** Daniele está sendo muito gratificante conversar com você. Porque eu assumi esse projeto, em 2008, a convite do professor Almério (Almério Melquiades de Araújo), e por insistência da professora Julia Falivene, que infelizmente nos deixou esse ano (faleceu).

**MLMC:** E daí quando eu assumi, eu sentia, como eu fiz parte do grupo do projeto de Historiografia na Carlos de Campos, sendo uma das professoras na Carlos de Campos, eu sentia falta de pesquisa nos documentos. Eu considerava que uma forma de salvaguardar esse trabalho, como você disse poucos valorizam, mas que tem uma importância muito grande, inclusive para reavaliar os currículos e as práticas. Hoje, visualizar o passado para comparar com o que estamos fazendo, e até para futuras alterações, eu considero fundamental o nosso trabalho. E para isso precisaria se debruçar e fazer pesquisa nos acervos. Eu trabalhei em 2007, com a professora Renata, porque eu montei um projeto sobre os Dispensários de Puericultura, e ela fez pesquisa na Fernando Prestes. A Joana fez em Franca, e em Campinas, a Ligia, e eu fiz na Carlos de Campos. Então a gente até publicou e apresentamos em congresso trabalho. Mas teve um período, e como eu sou Coordenadora de Projetos, e eu tenho que emitir pareceres sobre os projetos e esses projetos atendendo os objetivos do plano de metas da instituição. Então se o professor não elabora os projetos, ou então não elabora o projeto, pesquisando nos documentos, eu não posso dar um parecer positivo. Então eu tinha que avisar o professor, às vezes eu aprovava um projeto com 5 horas de HAE, observava o comportamento do professor, e com alguns professores eu conseguia evoluir. Tanto que nós temos um grupo, do qual você faz parte, e é isso mantém vivo o projeto, que é um grupo de estudos e pesquisas em memórias e história da educação profissional e, que me orgulha muito participar desse grupo com vocês. E, eu também tenho pesquisa específica, no campo da alimentação e nutrição, eu acho importante eu também desenvolver

essas atividades de pesquisas, porque assim nós podemos dialogar e podemos ver as nossas dificuldades. Nós sabemos que são muitas, e ainda mais você que trabalhou com Automação de Escritórios, e você a gente tem poucos recursos. A semana passada eu fiz dois cursos, do SP sem papel, e até agora eu não tenho computador no Centro de Memória, e então assim como proceder, eu não tenho como levar alunos lá. Então nós temos uma série de dificuldades que nós vamos vencendo, mas...

**DTL:** Uma coisa que eu vejo, assim: – Na época, em 2005, todas as direções sempre valorizaram o Centro de Memória, mas alguns um pouco mais e outros um pouco menos. A direção atual é bastante atuante, mas o professor Luiz Antonio Koritiake, que faleceu, ele tinha um apreço muito grande e nós recebíamos um apoio também muito grande no centro de memória para o desenvolvimento das atividades, e até um estagiário pago pela APM para auxiliar e nós tínhamos.

**MLMC:** E quando foi criada aquela sala maravilhosa que eu conheci e aquela exposição na frente que eu visitei, foi na época dele?

**DTL:** No início, com a professora Leila eu não trabalhei e na sequência com o professor Koritiake. Com a professora Leila eu nunca trabalhei, mas o professor Koritiake era bastante presente, tinha estagiário, foi nessa época que veio um computador para nós e o escâner acabou ficando porque veio do projeto.

**MLMC:** O computador com o escâner era do projeto da FAPESP, mas que ficou desatualizado com o tempo.

**DTL:** Sim, ficou desatualizado. Muitas vezes eu acabo desenvolvendo trabalhos com o meu notebook. A gente teria que ter outra estrutura em relação a essa tecnologia. Mas assim, as ações para atrair as pessoas, nós sempre recebemos bastante visitas, e eu sempre incentivei os alunos a visitarem o centro de memória. E, em todos os chás de Santo Antonio, o centro de memória está sempre presente. Mas, na época do professor Luis Koritiake, a gente tinha, ele ia até lá. Aquilo era um departamento da escola, que tinha que estar em funcionamento e tinha que estar em atividade. Então, eu sinto um pouco diferente a representatividade, do que era naquela época, e do que é ao longo desses outros anos.

**MLMC:** Eu vejo, por exemplo, o da Julia (Júlia Naomi Kanazawa), a direção da escola lá, ela tem um funcionário que ajuda a Júlia lá no centro de memória, ela já inventariou dez mil objetos para produzir um catálogo. Então, você vê, que já conseguiu um espaço a parte para os maquinários. Eu sempre falo que o Centro de Memória (Etec Cônego José Bento) é o nosso modelo. Eu também sinto falta na Carlos de Campos, e por isso eu produzi aquele catálogo da sala de Alimentação e Nutrição, porque é um documento para saber que objetos a gente tem lá, com ISBN, tudo direitinho. Porque é fundamental isso para salvaguardar os objetos. Nós estamos trabalhando com o Museu Virtual, mas é fundamental e necessário produzir um catálogo. Porque o catálogo dá informações gerais sobre os objetos.

**DTL:** Esse é um trabalho bastante bacana, e quando a gente leva alunos lá e nós tivemos o curso de Marcenaria, e tem plantas e objetos de móveis e de exposições, e a gente mostra isso para esses alunos. E vocês falam que o TCC é difícil e a gente pergunta: – o que vocês acham desses modelos? Tem um vestido lá, meio icônico que foi uma aluna que produziu, e quando eles veem esses trabalhos, e os alunos colocam que tem uma dificuldade e eram trabalhos belíssimos que eram desenvolvidos. Eu acho fundamental essa preservação dos objetos, para que eles conheçam e uma coisa que chama atenção são os mimeógrafos, que alunos atuais não conhecem, e eles aprendem sobre esses objetos e a escola, e eles valorizam o papel deles na escola com os visitantes. Então esse catálogo é fundamental, e para eles terem, e esse fato comparativo que você colocou. Eu acabei puxando mais para a Fatec porque essa foi a minha primeira formação, mas como a gente vai tendo desafios enquanto professor, eu fiz uma licenciatura, fiz uma pós-graduação em Educação a Distância.

**MLMC:** Telecurso TEC você começou a fazer?

**DTL:** Isso. Exato, por dois ou três anos eu fiquei no Telecurso TEC, por dois anos eu estava na monitoria a distância, trabalhei também no desenvolvimento de materiais para o Telecurso TEC e senti a necessidade de fazer uma segunda graduação, até para poder ter essa base e acompanhar, e recentemente, me formei em Administração Pública, pela Universidade Federal de São João Del Rey, cheguei até a prestar ENEM para ingressar e fazer essa universidade.

**MLMC:** Interessante.

**DTL:** Acho importante que quando a gente está na área da docência, sempre buscar atualização e novos caminhos para acompanhar o mercado. Então dentro da minha trajetória profissional eu sempre busquei isso. Atualmente, eu tenho me dedicado ao centro de memória e diminuí, estou somente no curso de Secretariado, diminuí um pouco as minhas atividades, porque é totalmente diferente da área de educação, mas é algo que eu sempre tive muita vontade e sempre gostei de animais e abri um PET Shop e tenho me dividido entre a docência, o centro de memória e esse novo trabalho. Não sei se tem relevância.

**MLMC:** Claro é sua história de vida

**MLMC:** Tudo o que você falou de se aprimorar, eu fiz pós-doc em Museologia e Patrimônio, e eu nunca imaginei que o faria, pois sou engenheira e química, e sempre adorei pesquisa nessa área, mas a medida que o seu trabalho exige, você tem que ir atrás de informação. Ainda mais nós que coordenamos equipes. Achei muito interessante você fazer esse curso de Administração. A sua escola precisa ainda contar sobre a origem da escola, por que ela nasceu com os cursos ferroviários lá, que teve um peso importantíssimo, porque primeiro foi em Sorocaba e depois, criado o centro ferroviário e depois foi criada a Superintendência, até por causa dos cursos ferroviários.

**DTL:** O curso ferroviário sempre teve muita(...) A Fernando Prestes teve esse papel. Porque o Fernando Prestes foi patrono da escola. Mudando os nomes das escolas, para ETE, tem legislação nesse sentido, mas mudando a nomenclatura da escola. Então a gente tem um vazio entre 1929, que começou com Escola Profissional Mista de Sorocaba, e depois, tem alguns registros que mostra como Escola Profissional Fernando Prestes. Eu fui com uma aluna no Gabinete de Leitura, que é particular, e a gente procurou em vários jornais. Pesquisei em várias legislações do Centro Paula Souza, pesquisei no Diário Oficial, sobre como quando alterou.

**MLMC:** Mas já era Fernando Prestes, quando funcionava naquele prédio onde hoje é a Etec Rubens de Faria e Souza.

**DTL:** Sim, só que não tem uma legislação, quando se tornou Fernando Prestes. A gente sabe que tinha uma proximidade com a família Prestes em Sorocaba. E nos livros tem um período como Escola Profissional Mista, depois como Escola Profissional Fernando Prestes, e depois, o nome é retirado, e a gente acredita que deve ser por conta da Revolução de 1932.

**MLMC:** Isso aconteceu na Carlos de Campos, quando ele faleceu deram o nome da Escola Profissional Feminina Carlos de Campos, de 1931 a 1933, a escola recebeu o nome de Escola Normal de Artes e Ofícios, e depois, Instituto Profissional Feminino, você vê que o nome Carlos de Campos some um período, depois em um período, volta no nome da escola. Você sabe que ano ele faleceu?

**DTL:** Foi em 1927.

**MLMC:** Em 1927, não foi. Porque em 1941, ele era governador do estado e o Pompêo do Amaral participou com ele de uma exposição.

**DTL:** Lá na escola nós temos um livro sobre o Fernando Prestes, porque quando completou 150 anos eles enviaram para nós uma medalha comemorativa, eu não lembro a data.

**MLMC:** Essa conversa está interessante porque aconteceu na Carlos de Campos.

**MLMC:** Para pesquisar esses nomes eu procurei os decretos, apareceu um decreto que era Carlos de Campos, e outra coisa que eu observo, foi por carimbos de livros na Biblioteca e foi pela documentação que nós fomos estabelecendo os períodos e a gente achou interessante estabelecer esses grupos, porque a medida que a gente vai organizando esses grupos.

**DTL:** Essa pesquisa foi feita o ano passado, inclusive com uma aluna do Secretariado, no ano passado. Eu preciso continuar e não consegui concluir o arquivo sobre o patrono da escola. O ano foi bastante difícil.

**MLMC:** Eu lembro

**DTL:** Foi feita essa pesquisa na Assembleia Legislativa e, na época, entramos em contato com o Jornal Cruzeiro do Sul, aqui. Acreditamos que existiam grupos políticos diferenciados, e nesse mesmo período foram trocados nomes de praças e ruas. Então a gente acredita que o da escola tem essa relação também.

**MLMC:** Tem uma tese do Lauro de Carvalho, que está em publicações no nosso site de memórias, porque ele trabalhou com recortes de jornais. Todo esse trabalho que você fez sobre o patrono você pode colocar no catálogo. Eu dei destaque sobre qual foi a origem da escola, quais eram os grupos, para as pessoas observarem como é que os cursos evoluíram.

**DTL:** Bacana, bacana. Excelente. Eu tive uma reunião com a Julia, a alguns meses, e a gente consegue trabalhar na direção do grupo. Porque eu acho muito produtivo, pois a Júlia (Julia Naomi Kanazawa) nessa conversa, ela sugeriu uma ação educativa, que foi feita junto aos alunos do Secretariado. Os alunos de outras salas do curso também contaram história e não ficou só naquela iniciativa inicial, e foi dado continuidade, e é bastante produtivo quando a gente tem esses encontros e consegue ter novas ideias.

**MLMC:** Daniele eu ficaria horas conversando com você, mas eu vou ter que transcrever essa entrevista, é um trabalho colaborativo, assim que eu transcrever vou enviar para você para até completar nomes. Eu te agradeço muito por nos ter concedido essa entrevista hoje.

**DTL:** Eu é que agradeço, Maria Lucia, e estou sempre à disposição para o que precisar.

**MLMC:** Obrigada.

**DTL:** Obrigada você.

# 4.

## JOANA CÉLIA DE OLIVEIRA BORINI

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Dr. Júlio Cardoso, em Franca



Joana Célia de Oliveira Borini é licenciada em Geografia pela UNESP de Franca/SP (1979), Pedagogia pela Faculdade de Educação “Antônio Augusto Reis Neves” (1993). Pós-Graduações “Lato Sensu” em Metodologia do Ensino Superior (1993), em Análise de Texto e a Interdisciplinaridade (1995). Concluiu o curso de Língua Espanhola – Plenitud – Núcleo de Idiomas (1999). Participou de diversos congressos nacionais e internacionais, sendo o último presencial em 2018, Montevideo-Uruguai e em 2021, online em Portugal. Foi professora de Geografia na Etec Dr. Júlio Cardoso de 1994 a 2023, onde desenvolveu projetos de HAE (horas de atividades específicas) no Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, participando do GEPEMHEP do Centro Paula Souza, até se afastar em maio de 2022, devido ao Programa de Demissão Incentivada pelo governo do estado de São Paulo.



*Centro de Memória Prof. Alfredo Henrique Licursi da Etec Dr. Júlio Cardoso  
Fotografias: Assessoria de Comunicação do Centro Paula Souza, em 2015.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, Joana.

**Joana Célia de Oliveira Borini (JCOB):** Bom dia, Maria Lucia.

**MLMC:** Hoje, que é dia 7 de agosto de 2020, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, curadora do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do centro de memória, dentro do programa “História oral na educação: memórias do trabalho docente”. A sua entrevista é muito importante para nós, porque você está no projeto de Historiografia, praticamente, desde o início, junto com a professora Julia Falivene Alves. É uma das curadoras do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso de Franca.

**MLMC:** Então, eu gostaria muito que você contasse para nós a sua trajetória na educação profissional, mas começando assim: onde você nasceu, onde estudou, como você chegou na Escola Dr. Júlio Cardoso, que você foi aluna. Depois, como escolheu a profissão para ser professora de Geografia, e nessa profissão, por quais escolas você passou nessa cidade, até você ingressar na Paula Souza.

**JCOB:** Bom dia, para mim é uma alegria fazer parte dessa história da educação. Eu sou de uma família muito humilde, nasci no município de Pedregulho, que fica no nordeste do estado de São Paulo. Eu estudei na zona rural até 7 anos, depois fomos para Franca, que era uma cidade que estava se destacando, na época, na parte industrial, na indústria de calçados. Minha família enorme, nós somos em oito irmãos, e mais três adotados, e fomos morar em Franca. Já havia feito até a quarta série na zona rural, aí teria que fazer admissão para ingressar no ginásio. E, eu fiz admissão lá na escola mesmo, na Escola Industrial, teve um vestibulinho. Fiz esse vestibulinho, fiz admissão e, em seguida, ingressei já no ginásio, e peguei

toda essa mudança. Em 66, que eu fiz admissão, e em 67, iniciei a primeira série do curso ginásial, juntamente com Corte e Costura, e fiz até a quarta série ginásial até 1971. Ano que iria iniciar o colégio técnico, com a mudança da lei 5.692/71, houve uma reformulação e o ensino técnico começa na Escola Industrial e como os cursos do ensino técnico, que corresponderia ao ensino médio, não me interessou, porque tinha Mecânica, Eletrônica e Eletrotécnica.

**MLMC:** Que ano que você fez o vestibulinho?



*Joana Célia de Oliveira recebendo diploma do Ginásio Industrial Dr. Júlio Cardoso, em 1971.  
Fonte: Arquivo pessoal de Joana Célia de Oliveira Borini, em 2025.*

**JCOB:** Eu fiz em 1966 o vestibulinho, eu fui fazer o curso de admissão, aí depois, comecei a fazer, e fiz a primeira, segunda, terceira e quarta série, e depois ginásial. Não me interessava o curso técnico, e eu fui para uma outra escola pública de nível médio, e eu fiz o colegial, primeiro, segundo e terceiro. Em seguida, eu teria que fazer vestibular para entrar na faculdade. Lá na escola eu tive uma professora e um professor de Geografia, inclusive esse professor de Geografia, ele chegou a ser diretor da Júlio Cardoso, que ele tem o nome do Centro de Memória, que é Alfredo Licursi.

**MLMC:** Ele era professor de Geografia, o patrono do centro de memória, então?

**JCOB:** Isso, ele era professor de Geografia lá na Escola Industrial e, nesse colégio, que eu estudei, que era o Torquato Caleiro. Eu achava muito interessante as aulas, e eu sempre gostei de Mineralogia, eu sempre gostei dessa parte de Geologia, e ele levava muitas rochas e muito mineral nas aulas. Tanto é que hoje eu tenho coleção de minerais e rochas por conta desses dois professores. Então eu fui para o lado da Geografia, por quê? Tinha a Unesp, estava começando, antes era

um Instituto, e aí passou para a Unesp, e tinha o curso de Geografia, de História, de Pedagogia, e Letras, mas eu me interessei mais pelo curso de Geografia e depois, eu fiz História também. Eu sempre gostei.

**MLMC:** E a onde você fez História e Geografia?

**JCOB:** Na Unesp.

**MLMC:** De qual cidade?

**JCOB:** Na Unesp de Franca, de Franca mesmo. Na época, a Unesp estava criando cursos descentralizados, e então eu fui a última turma de Geografia da Unesp, porque o curso descentralizou e foi para Rio Claro.

**MLMC:** De que ano a que ano você fez a Unesp?

**JCOB:** A Unesp eu terminei o curso em 1979. Eu fiz História, mas primeiro Geografia. Como eu já tinha feito Geografia, eu fiz só as matérias complementares do curso de História. Isso eu terminei em 1979. Então depois, não tinha mais o curso nem de Geografia e nem de História. Porque depois foi descentralizado. História ficou, só foi Geografia. (silêncio)

**MLMC:** E daí depois que você se formou como é que foi a sua trajetória?

**JCOB:** Olha minha trajetória, eu terminei em 79. Quando foi em fevereiro de 80, teve um concurso público, e eu passei nesse concurso público, e como não tinha vaga na região de Franca, eu ingressei em São Paulo, em Arujá. Eu fiquei em Arujá, meio semestre, e daí eu fui para Amparo, daí tinha transferência e eu fui para Amparo, e fiquei em Amparo mais seis meses. E Amparo fica perto de Serra Negra, na região de Campinas. E depois, eu consegui transferir para uma cidade que fica próxima de Franca, Restinga e eu fiquei lá por quase dez anos.

**MLMC:** Como era o nome da cidade?

**JCOB:** Restinga, fica a quinze minutos de Franca. É bem pequenininha, fica na divisa de município, bem próximo. Nessa época, eu fui convidada para dar aula no CEFAM, que era escola de Magistério. Nessa época, que eu trabalhava no CEFAM, eu estava fazendo uma especialização na faculdade, na UNIFRAN, Universidade de Franca, e eu estava fazendo um curso que era “Didática no Ensino Superior”. Nós éramos um grupo muito unido, éramos mais ou menos 22 pessoas, e tinha uma professora, a Nilma, ela dá aula até hoje lá na Dr. Júlio Cardoso, e ela avisou que ia ter o concurso, isso era foi em 94, e que iria passar para o Centro Paula Souza, e foi onde eu fiz o concurso e ingressei. Em 95, eu ingressei e estou até hoje.

**JCOB:** Quando foi em 99, a Escola foi convidada para participar do projeto de Historiografia, da Júlia (Júlia Falivene Alves) e da Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes), e no ano seguinte, eu fui convidada, e esse projeto começou em 1999, a

escola era de 1924, e estava entre as nove escolas mais antigas do estado de São Paulo. E no seguinte, eu fui convidada, porque os outros professores que ingressaram eles não eram da área de humanas, eram da área de exatas, alguns deles, e eles não se interessaram pelo projeto. E daí eu fui convidada, e para mim foi um prato cheio. Como a escola tem uma grande importância para mim, por que eu fui aluna, e voltei como professora, então para mim foi assim muito importante participar desse projeto. (silêncio)

**MLMC:** E quando foi o seu ingresso na Paula Souza?

**JCOB:** Em fevereiro de 1995.

**MLMC:** Então, como você ficou sabendo? E como funcionou o seu ingresso?

**JCOB:** Eu fiquei sabendo do concurso que ia ter na faculdade, porque eu estava fazendo o curso de especialização, de pós-graduação. Eu fiquei sabendo e aí me inscrevi. O concurso foi em São Paulo, naquela época não era como hoje. E todos os professores que davam aula no Colégio Técnico, todos tiveram que fazer o concurso. E aí eu fiquei sabendo depois, que tinha professor que tentou. E o que foi que aconteceu, eu fiquei sabendo, porque muitos professores que davam aula lá e que não passaram no concurso, inclusive o professor de Geografia não passou, e eu e a Madalena ficamos em primeiro e segundo lugar, e nós pegamos todas as aulas de todos os cursos, na época. Então essa foi a minha trajetória no Centro Paula Souza.

**MLMC:** E daí quando você ingressou em 95.

**JCOB:** Eu fui convidada em 95 para participar de um projeto e organizar a Biblioteca. A Biblioteca era pequenininha, e a primeira organização que teve na Biblioteca, depois do Centro Paula Souza, fui eu que fiz. Então eu tive que organizar os livros.

**MLMC:** E você tem esse inventário? Você tem essa relação de livros?

**JCOB:** Então, depois que passou eu não fiquei nesse projeto, mas eu fiquei dois anos nesse projeto. Na época, eu lembro que o diretor disse: – você é que vai organizar a biblioteca. Como eu não tinha nenhuma noção, eu fui lá na Unesp, conversei com a bibliotecária, e eu lembro que a bibliotecária me deu todas as dicas, e eu escrevi o projeto, e esses livros foram inventariados, e esse livro eu ainda estou procurando, porque tem todo esse inventário que eu fiz. Interessante que todos os números dos livros eu coloquei de acordo com a bibliotecária.

**MLMC:** Isso daria um projeto para o ano que vem, para fazer um catálogo desses livros raros.

**JCOB:** Então você acredita, que eu preciso ver se eu consigo achar esse livro, que eu fiz um inventário, porque eu comecei em 95. (gravação falhando e cachorro latindo ao fundo) Eu vou tentar localizar esse livro e depois eu te falo, se eu encontrar esse livro.

**MLMC:** É porque daí a gente monta um projeto para o ano que vem.

**JCOB:** Uma coisa triste, quando a biblioteca foi reformulada, que são seis ou sete anos atrás, tinha muitos livros que estavam ultrapassados, e então o que foi que aconteceu: – esses livros foram descartados. Sabe quando fazia aquela citação para ver se tinha alguma coisa que interessava. Mas nessa mudança, eu consegui pegar livros da Enfermagem. Nós temos muitos livros da Enfermagem, e a Cida até conseguiu pegar. Alguns livros de Marcenaria, alguns livros de Mecânica, então são poucos livros antigos que nós temos no Centro de Memória. Por quê? A biblioteca era pequena, e o Centro Paula Souza mandou muitos livros das disciplinas técnicas, mas não tinha muito espaço. Mas ainda tem muito livros antigos lá e muitos livros bons.

**MLMC:** Você sabe que de 2001 a 2002, eu estava lá na Carlos de Campos, e teve uma reformulação na biblioteca, mas eu preciso me certificar se nessa época, preciso checar se foi nessa época que o livro deixou de ser patrimônio. Felizmente, eu ainda estava lá, e eu recuperei muitos livros da minha área de pesquisa, e a professora de Português também recuperou, porque senão teriam sido perdidos.

**JCOB:** Eu peguei um livro de Geografia, um Atlas. Esse livro de Geografia era do início do século XX, mas os que eu peguei estão bem guardados no centro de memória.

**MLMC:** Mas tendo esse histórico inicial dá para a gente recuperar, e tem alguns livros que tem em outras escolas e dá para fazer esse intercâmbio e por isso vale a pena ter o projeto.

**JCOB:** Isso. Então, se eu achar esse inventário vai dar para verificar o que ainda está biblioteca e o que foi descartado, aí seria interessante. Foi em 95 que eu fiz esse inventário.

**MLMC:** E como é que foi o seu ingresso no projeto de Historiografia com a professora Julia Falivene Alves?

**JCOB:** Foi muito interessante. Naquela época, era tudo novo, e eu sempre tudo que eu faço, eu procuro dedicar o máximo que eu posso. Naquela época, foi em 2000, e eu dava aula de Gestão Empresarial, e ainda tinha essa disciplina que era Projetos, e aí eu era muito ligada aos alunos e nós formamos um grupo muito interessante, que eram voluntários. E esses voluntários se deixasse eles queriam ficar todo dia a tarde lá escola, e então nós começamos a organizar esses documentos, que iam chegando cada dia mais para acondicionar no arquivo deslizante e a gente participava. A Julia incentivava muito a gente a fazer projetos para atrair as pessoas e a fazer visitarem o centro de memória. Eu me lembro que a gente fazia concursos literários, abria algumas coisas assim para os alunos participarem. Só depois que a Julia saiu, é que a gente se envolveu com as pesquisas. E para mim foi um prato cheio, mas antes a gente já estava na sua gestão, a gente começou as pesquisas. Mas antes a gente tinha que organizar as exposições no centro de memória.



*Gustavo Santos Miranda, estudante de Ensino Médio e monitor de memórias com as professoras Joana Célia Borini, Maria Medianeira Achutti e Maria Lucia Mendes de Carvalho no Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2007.*

*Fonte: Arquivo pessoal de Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**MLMC:** Posso fazer uma pergunta: nesse concurso literário que os alunos participavam, eles escreviam também? Ou era oficina de leitura.

**JCOB:** Eles participavam e escreviam. Teve um concurso de poesia. Teve um concurso que parece que eu tenho até guardado lá, e eu achei interessante, que foi um desenho da fachada da escola, e um desses desenhos ficou maravilhoso, pena que ele fez um desenho na frente de um papel duro, tipo papel cartão, e ele continuou no verso. E não tem como colocar num quadro porque vai perder um lado.

**MLMC:** Faz com vidro, põe vidro dos dois lados.

**JCOB:** Eu estava pensando nisso agora. Perfeito, inclusive em um dos encontros de ex-alunos, porque a gente faz muito encontros de ex-alunos, e em um dos encontros com ex-alunos, nós colocamos não me lembro se foi em uma caneca, eu não me lembro se foi aquela gravação da inauguração da escola. Eu vou te mandar qualquer dia e você vai ver que desenho maravilhoso, que foi esse. Então esses concursos eles participavam e tem outra coisa, na época da Julia, o que a gente fazia? Para atrair pessoas para conhecer o centro de memória, nós começamos até naquele aquele artigo que eu escrevi que tinha contadores de história para crianças. Nós tivemos quatro anos contadores de história. E todo ano tinha as crianças que as professoras de primeira à quarta séries levavam alunos para assistir. E depois a gente envolvia os próprios alunos, e eles se transformaram em contadores de história, de 400 alunos, de 500 alunos. Teve um ano, que tivemos a visita de quase 1.000 alunos. E interessante que essas crianças que iam, muitos deles se transformaram em

alunos, e quando eles entram eles falam: – professora lembra que nós participamos dos contadores de história, e então tudo isso está registrado com fotografias e tudo mais. Depois mudou o foco, que eu achei espetacular quando você já entrou, porque daí já era a pesquisa, e de certa forma a gente envolvia os alunos, e envolve até hoje, não tanto. Geralmente, eles fazem ensino médio de manhã, e a tarde alguns trabalham, e alguns fazem outros cursos, mas alguns ainda continuam nos ajudando.

**MLMC:** Mas eles não têm interesse em apresentar pôsteres nos nossos eventos, eles poderiam mandar pôsteres como faz a Julia Naomi.

**JCOB:** Então o ano passado eles fizeram pôsteres, mas não deu tempo de inscrever para eles apresentarem. No ano passado eles fizeram sobre o patrono. Eles fizeram pôsteres da Etec Júlio Cardoso. Na época, a escola não tinha dinheiro para fazer o poster, foram os alunos de Informática, inclusive eles fizeram o logo do centro de memória. Mas o logo ia nas plaquinhas que eles fizeram, ficou interessante esse logo que eles fizeram, nas cores da escola que é vermelho e branco.

**MLMC:** Que ano foi feito esse logo?

**JCOB:** Não deu tempo da inscrição para eles apresentarem. O poster está pronto.

**MLMC:** Joana eu gostaria que você falasse um pouco, como você vai definindo as suas temáticas anuais para trabalhar com os projetos de pesquisa, que você vai escrevendo seus artigos, e que você é uma grande colaboradora do GEPEMHEP nos nossos livros, e eu gostaria que você deixasse um pouco registrado sobre as suas práticas.

**JCOB:** É interessante, na medida que a gente vai organizando os arquivos, e nós temos muitos documentos para higienizar, e toda vez que a gente faz esse trabalho e envolvendo os estudantes, vão mexendo nos documentos e eu vou acompanhando, e esses documentos eu vou separando. Por exemplo, quando eu escrevi sobre o curso de Marcenaria, como foi que surgiu essa ideia: – Um professor de Educação Física, falou assim: Joana vem aqui, essas máquinas do curso de Marcenaria e ferramentas vão ser levados para a Escola Agrícola, e ele disse vai lá que você vai conseguir pegar algumas ferramentas do curso, e daí eu fui procurar os nomes e quando eu não sabia o nome, eu via na internet, via a fotografia do objeto e pegava a descrição. Em 95 ou 96, ele foi desativado, e foi aí que surgiu a ideia e eu comecei a pesquisar, fiz entrevistas com ex-alunos que fizeram curso de Marcenaria e acabei escrevendo esse artigo. A banda marcial, por exemplo, quando eu estudei na escola, ainda não era banda, era fanfarra, mas a fanfarra era muito famosa em Franca, e quando organizamos a exposição permanente no centro de memória. Esses objetos estavam espalhados em diversos lugares e quando conseguimos o surdo, o atabaque, o repique e atrás do Ronaldo, professor e maestro da banda, me concedeu uma entrevista e levou um caderno com recortes de jornais que a banda foi tão famosa que gravou um LP na época, e toda essa documentação se transformou em um artigo. Então em um ano eu começo a pensar em mexer no arquivo, e a pesquisar, e já tenho a documentação. Esse ano, por exemplo, quando você nos convidou para escrever sobre o ginásio industrial, eu já

comecei a organizar a documentação, e eu tinha muita documentação. E ainda mais que eu estudei nesse período, então eu procuro assim: de um ano para o outro eu vou observando na medida que os alunos estão fazendo a higienização dos documentos, eu já vou separando e na medida que for possível para eu escrever sobre o assunto.

**MLMC:** Joana, essa época de pandemia te atrapalhou muito?

**JCOB:** Muito, Maria Lucia.

**MLMC:** Eu por exemplo, a minha sorte é que estou há 20 anos no Centro Paula Souza, e faço parte de muitas publicações, e então eu fico pensando naquilo que está no nosso site, o que tem me ajudado é o nosso site de memórias, que tem uma série de documentos lá, que tem me ajudado a escrever.

**JCOB:** Eu também essa documentação. Quando começou as aulas eu consegui cinco voluntários. E eu peguei os livros de matrículas de 1959 a 1979. Eu encontrei vinte livros de matrículas, mais os livros de notas que estavam separados. E aí o que eu fiz: eu comecei já em fevereiro a fazer a pesquisa, mesmo antes do projeto ser aprovado e não deu para fazer tudo do jeito que eu queria, mas eu consegui. E daí quando veio a pandemia, nós fomos proibidos de entrar na escola, eu sou grupo de risco. E daí eu falei com a diretora e daí ela deixou a gente ir para fotografar os documentos e daí eu fotografei. Eu encontrei um jornal de 1965, o jornal chamado “Trabalho e Cultura”, riquíssimo, saía uma tiragem de 2000 exemplares, e muitos exemplares estavam lá e o cotidiano da escola eu escrevi baseado nesse jornal. Mas ainda bem que o meu artigo deu mais de 8000, deu quase 9000, e eu tive que cortar muita coisa.

**MLMC:** Olha esse projeto por causa da pandemia, como você disse tem muita coisa dessa época. A ideia é trabalhar em parceria junto com a Unesp, e daí eu comecei a trabalhar antes com vocês. Eu, embora, eu tenha estudado na Secretaria da Educação, eu vivenciei essa reforma, nós temos quase a mesma idade, e então eu sou contemporânea com você, e vivenciei as mesmas coisas, então é muito gostoso conversar sobre essa época: – aconteceu isso ou aconteceu aquilo.

**JCOB:** Então as entrevistas com professores e com ex-alunos não foram possíveis fazer. Mas, mesmo assim eu coloquei um depoimento com um ex-aluno, que ele gravou pelo whatshapp mesmo, é pequenininho. Mas, outra coisa, essa turma que formou em 74, que é a primeira turma do colégio técnico, eles fizeram o ginásial. Interessante que essa turma que fez o ginásial lá na escola, para você ter uma ideia, eles montaram um grupo, são do curso de eletrônica, mecânica e eletrotécnica. Eles montaram um grupo, que eles devem tanto a escola, que eles montaram um grupo para reformar a escola, você acredita. Eles criaram até conta em banco, para pintura, organização. Vamos ver o que vai dar. Essa turma eu poderia entrevistá-los pois eles fizeram o ginásio e depois o colégio técnico.

**MLMC:** Olha isso dá para fazer um volume só com eles, não é?

**JCOB:** Eu fazia isso por causa da pandemia.

**MLMC:** Mas já fica o projeto. É muito interessante porque é a comunidade se envolvendo com a escola.

**JCOB:** Isso, isso é muito interessante, levar a comunidade e os ex-alunos para dentro da escola.

**MLMC:** E dessa turma tem alguém que é professor?

**JCOB:** Dessa turma, lá na escola, não, não tem. Mas tem um professor da turma que fez o Ginásial, tem um professor de Física, e ele estudou em 1976, então ele terminou em 1970 o ginásial. Ele também conta muita coisa da época.

**MLMC:** E sobre o nosso trabalho no GEPEMHEP? Porque quando eu falo com as pessoas e faço entrevistas, elas dizem que mudou muito, porque eu faço recortes e mudou até o título para Memórias da Educação Profissional e Tecnológica, e daí a minha preocupação era em fazer o registro da nossa própria história. Porque eu sentia falta da gente organizar os documentos, fazer esses registros e relatar, que era também o objetivo da Júlia Falivene. A minha preocupação era a gente fazer o registro da nossa própria história, tanto é que o nosso grupo continua até hoje trabalhando nos objetivos que foram propostos no projeto de Historiografia, um exemplo disso é o museus virtual que foi requerido pelo professor Almério, em 2014, e que nós estamos trabalhando no desenvolvimento dele, mas o objetivo era sistematizar isso, colocar nos computadores, e hoje com o avanço da tecnologia a gente consegue trabalhar em rede, e por isso o Carlos Ribeiro está trabalhando no desenvolvimento do software todo esse período, e cada vez a gente vai aprimorando. Então eu gostaria de saber o que você achou dessas mudanças e qual foi a contribuição.

**JCOB:** Essa mudança foi essencial. Embora nós tivéssemos todo apoio. Mas só com esses registros é que mostrou a grandiosidade que é esse projeto. Principalmente, depois que foi criado esse grupo e começou a registrar as publicações, os eventos, os encontros, e então tudo isso veio assim a contribuir muito com a história da educação.

**MLMC:** Eu me preocupo muito com os Laboratórios de Currículos, que eles se apropriem desses conteúdos, na hora que eles vão fazer revisão curricular.

**JCOB:** É interessante que quando a gente encontra uma biografia na internet, a gente já vai lá no site, e já tem todas as publicações, tudo organizado. Eu acho muito bem-organizado e, a gente tem a facilidade de pesquisar os centros de memória, e encontrar as publicações e os eventos. E tudo isso foi muito importante e essencial na história da educação. Olha, eu admiro vocês que organizam tudo isso, deve dar um trabalho danado.

**MLMC:** Muito mais do que as horas que a gente recebe (risos). Mas nós trabalhamos muito mais do que as horas que recebemos, porque a leitura consome muito tempo. Não é só separar o documento.

**JCOB:** Se fosse só separar o documento seria fácil, mas a gente encontra muito apoio, e uma coisa interessante também, é que todas as novidades que você tem, e todas as leituras dos artigos que você faz você, você compartilha com a gente, então isso é muito importante porque nos ajuda quando a gente vai escrever um artigo.

**MLMC:** Eu tomo cuidado, exatamente, primeiro porque a gente já começa a discutir um ano antes, com vocês o que a gente deve fazer, o que vocês acham, e depois nesse diálogo com os professores do GEPEMHEP, a gente vai aprimorando e definindo a temática para o próximo ano, e depois, a gente sempre faz um texto dos eixos temáticos com as referências bibliográficas e isso ajuda no nosso diálogo com o grupo, faz parte deste trabalho em grupo, e é necessário mesmo, tanto que nas discussões nas oficinas, como para a gente trabalhar no mesmo formato, discutir, porque a instituição é única.

**JCOB:** Você falou nos eixos temáticos e eu acho que os eixos temáticos, ajudou demais, porque a gente definiu o que a gente ia fazer dentro do artigo. Foi muito bom e a gente agradece muito.

**MLMC:** Você sabe que eu estou lendo agora, porque eu recebi a incumbência de estudar a educação tecnológica, então eu comecei a estudar os relatórios do Centro Paula Souza, porque eu trabalho em cima dos documentos e foi muito interessante observar essa evolução de como o Centro Paula Souza foi crescendo e o quanto é importante esse documento, dos relatórios, e dá para identificar quem são os parceiros, os nossos cursos são criados em função da comunidade e do desenvolvimento local, e por isso a importância desses currículos flexíveis, tem a questão da legislação, mas o formato com que nós vamos imprimindo nos cursos nas regiões. Olha tem muita coisa interessante para estudar Joana.

**JCOB:** Mas a gente não está por conta disso, mas é muito importante e interessante a leitura desses documentos e os artigos dos nossos colegas. E eu leio muito os artigos dos nossos colegas. Outro dia eu estava lendo um da Maria Teresa (Maria Teresa Garbin Machado) que ela escreveu sobre a escola de Orlandia, que uma escola que eu visitei quando estava no ginásio, e eu me interessei muito pelos artigos que a Maria Teresa escreveu.

**MLMC:** Você vê a organização do centro de memória em grupos, porque as escolas sofreram várias denominações e, também como as escolas foram evoluindo, porque algumas escolas surgiram como escolas práticas. A gente só descobriu isso por causa das nossas oficinas, do grupo discutindo que a mesma política aconteceu em Itatiba, aconteceu em Orlandia, e alguns anos atrás eu vi que aconteceu na Guaracy, em São Paulo, aqui na capital, como uma escola prática. Se não é esse trabalho conjunto, a gente não percebe essa evolução, mas só o fato de estarmos juntos, e sermos um grupo coeso trocando ideias, é fantástico.

**JCOB:** Eu tenho certeza, que sobre os colégios técnicos, e tem muita coisa que uma conseguiu, e a outra não, e vai complementando a pesquisa de uma e da

outra. Eu estudei e não sabia que o fundo da escola só mudou em 1975, se bem que eu entrei lá em 1966, e já era Ginásio Industrial, mas a lei é de 1961, e eu estudei lá e não sabia. E achei isso muito interessante. (problemas com a gravação) Eu estudei na ditadura militar e muita coisa que acontecia, a gente só foi compreender depois. E isso é interessante que eu estava na escola na época, que era o trabalho de pintura e esse jornal de 65, foi a primeira edição, e eles criticam o governo, em 1965, eu achei interessante.

**MLMC:** Bom Joana, nós fizemos 50 minutos de entrevista, eu não sei se você gostaria de colocar mais alguma coisa para dar uma fechada, porque certamente vamos fazer uma próxima entrevista, e de preferência, não numa época de pandemia, e se possível, lá no seu centro de memória, como eu pretendia fazer e não deu para realizar o Clube de Memórias XXXIII a não ser de forma virtual, mas o pessoal gostou muito do centro de memória de vocês, deu para dar uma boa noção de espaço e de como vocês estão organizando, e eu quero agradecer muito essa organização.

**JCOB:** Eu quero agradecer a sua dedicação, quero agradecer tudo o que você faz pelo grupo, que não é pouco.

**MLMC:** Nós fazemos.

**JCOB:** Mas se não fosse a sua retaguarda. Eu costumo dizer, e eu falo sempre isso, que eu te agradeço muito pela oportunidade que nos dá, principalmente de escrever, e eu nunca pensei em escrever e muito mais de publicar e já foram vários que eu escrevi, e isso eu te agradeço, pela oportunidade que você nos dá, e joga para nós e para o grupo para a gente escolher e todos os anos você sugere ou o tema já é escolhido por você, mas no início a gente diz: não vou conseguir. E no final a gente vê o trabalho organizado e escrito e isso é muito gratificante. Por isso eu quero te agradecer por essa oportunidade, por essa dedicação que você tem, e nós precisamos fazer uma entrevista com você, por que você deve ter muito mais para dizer. Muito obrigada mesmo.

**MLMC:** Eu vou transcrever essa entrevista, vou encaminhar para você como colaboradora rever o texto caso eu não tenha compreendido adequadamente, para depois a gente poder disponibilizar no programa de História oral na educação nosso site de memórias.

**MLMC:** Muito obrigada, Joana.

**JCOB:** Olha Maria Lucia, eu gostaria de saber sobre o encontro de memórias, se vai ser presencial.

**MLMC:** Eu já vou conversar com você sobre isso. Já vou conversar.

**JCOB:** Está ok. (encerrou gravação)

# 5.

## **MARIA MEDIANEIRA NOUER ACHUTTI MONTEIRO**

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Dr. Júlio Cardoso, em Franca



Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro se formou em Secretariado Executivo Bilíngue, pela Faculdade Anhembí Morumbi, hoje Universidade Anhembí Morumbi, no ano de 1988, em São Paulo/SP. Em 2000, ingressou na Etec Dr. Júlio Cardoso, Franca/SP, como docente, no curso Técnico em Secretariado, ministrando aulas na área de Gestão e Negócios. Fez Licenciatura em Secretariado – Esquema I (2008) pelo Centro Paula Souza, e pós-graduação (Lato Sensu) em “Secretariado Executivo: Assessoria Empresarial e Educacional”, na área de Concentração de Ciências Sociais, Negócios e Direito, no Centro Universitário Claretiano, em Batatais/SP (2016).



*Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso  
Fotografias: Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro, em 23/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, Maria Medianeira Monteiro.

**Maria Medianeira Nouer Achutti Monteiro (MMNAM):** Boa tarde, Maria Lucia.

**MLMC:** Eu agradeço muito você hoje, que é dia 6 de outubro de 2020, estar concedendo essa entrevista de História Oral de Vida para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. A sua entrevista é muito importante para nós, porque você é uma professora que já participa do projeto, desde o início, lá no projeto de Historiografia. É uma das curadoras do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca. Então, é importante deixar esse registro de memórias, do trabalho dos nossos professores.

**MLMC:** Eu gostaria muito que você contasse, então, onde você nasceu? Como é que foi essa trajetória escolar? Por que você escolheu essa carreira, que você exerce hoje, e trabalha conosco no Centro Paula Souza? Como você chegou até o Centro?

**MMNAM:** Certo Maria Lucia, em primeiro lugar, eu quero agradecer a oportunidade de estar aqui hoje com você oferecendo essa entrevista. Bom, eu não sou daqui de Franca. Eu nasci no Rio Grande do Sul, em Santa Maria. Mas, São Paulo

sempre esteve no meu coração, porque minha mãe é paulista. Meu pai, que era do Rio Grande do Sul. Então, eu e minhas irmãs nascemos lá. E, aos poucos, viemos de Santa Maria a Porto Alegre, de Porto Alegre a Curitiba e de Curitiba a São Paulo, que era o grande sonho da minha mãe e nosso. Chegando em São Paulo, fiz os estudos, iniciei os estudos em Porto Alegre, depois em Curitiba, no Fundamental, e terminei o Ensino Médio, em São Paulo. Ingressei na multinacional como secretária trainee. E lá eu ingressei na Universidade de Secretariado Executivo Bilingue. Permaneci nessa empresa por seis anos, aí eu me casei e me mudei para Franca.

**MLMC:** Que ano foi isso?

**MMNAM:** Isso em 1988, em janeiro de 88. Chegando em Franca, a indústria calçadista estava, assim, a todo vapor aqui em Franca. E eu tinha um ideal de trabalhar nos calçados Samelo. E aí consegui.

**MMNAM:** Enviei o currículo, e tudo, fizeram entrevista e eu fui admitida como secretária da presidência, do presidente na época. E permaneci lá por um ano, porque depois eu engravidei, isso em 1989. Na época não tínhamos escola maternal aqui em Franca.

**MMNAM:** E como eu não tinha ninguém da família também, só a família do meu marido, eu optei por sair do calçado Samelo, ter meus filhos, e depois retornar à minha vida profissional. Foi quando, em 1900, não, no ano de 2000, eu já tinha tido os meus três filhos. E num almoço de domingo, na casa de amigos, uma amiga, que é professora de espanhol na Universidade de Franca, me informou que havia aberto o curso técnico em secretariado na industrial. Ela falou: – por que você não envia seu currículo? E eu, nossa, imediatamente, na segunda-feira, levei meu currículo. Cheguei lá, entreguei o currículo e vim para casa. Cheguei em casa, o telefone toca, era a escola me solicitando, pedindo que eu fosse até lá para conhecer e conversar com a diretora. Então, no dia seguinte, eu fui e aí eles me disseram na Secretaria de Recursos Humanos que o curso já havia iniciado há 15 dias sem a professora do secretariado. Ela me disse assim: – você já vai iniciar dando aulas, eu vou marcar a sua banca, vai ter que aguardar, porque precisa sair no diário oficial, mas você já inicia conosco dando aulas. Então, eu iniciei as aulas antes do concurso público. Depois de um mês, marcaram a banca, me entregaram os temas, três temas, e eu vim para casa, estudei que nem uma doida, liguei para minha mãe, pedi livros para que ela fosse na livraria, porque aqui também era difícil encontrar esses livros. E aí ela me despachou por Sedex os livros, eu num fim de semana eu devorei os livros para me preparar para essa banca. Fui para a banca e foi uma surpresa, porque o tema que foi ali na hora escolhido foi um tema que eu trabalhava e eu já conhecia, porque eu trabalhava na multinacional, quando eu estava em São Paulo, que era arquivo permanente. E foi esse tema que eu fui discorrer ali na banca. Foi tranquilo, foi muito bom. Ao final das perguntas, eles falaram que eu já era da casa, que era muito bom me ter ali no curso e eu fui aprovada e estou lá há

20 anos. É um prazer para mim estar aqui na Etec Dr. Júlio Cardoso, porque eu não precisei sair da área de formação. Eu continuei na minha área de formação, independentemente de estar trabalhando numa empresa, na carreira de secretariado. Mas a docência também me faz estar em dia com o tema e tudo mais.

**MMNAM:** E olha, a Etec Dr. Júlio Cardoso é uma escola de muito renome aqui em Franca. É uma escola que todos querem estar lá, estudando ou dando aulas. É uma referência na cidade, na região. E eu me sinto assim... Quando eu falo da escola, é tão engraçado, que quando eu falo da escola, do nosso trabalho no Centro de Memória, lá no Centro de Memória, para os alunos do ensino médio, todos pensam que eu sou ex-aluna, que eu sou francana (risos), porque eu falo com tanta ênfase. E convivendo ali com os colegas, a Jô (Joana Célia de Oliveira Borini), que também é uma pessoa que ama a escola, eu acho que eu peguei um pouquinho disso também. E o ambiente lá é excelente, a clientela é muito boa, os meninos entram lá querendo estudar mesmo, querendo um futuro melhor, e sabem que vão conquistar isso estudando na industrial.

**MLMC:** Nesses 20 anos, houve muita transformação no curso Técnico em Secretariado?

**MMNAM:** Houve, a grade curricular que muda a cada cinco anos, mas eu não sinto assim tanta dificuldade, porque... a gente sempre procura pesquisar, ler muito, trocar informações com outras pessoas. Então, eu acredito que o curso está atual, atualizado, está em dia, e o termômetro que eu tenho é das alunas no mercado de trabalho. As empresas aqui em Franca, elas dão prioridade na hora das contratações para os nossos alunos, porque sabem que esses alunos saem da escola preparados para o mercado de trabalho. Então, esse é o maior termômetro para os nossos cursos técnicos. No caso do Secretariado também, as meninas eu procuro incentivá-las, mas também formá-las de tal modo que elas obtenham sucesso aí fora. Graças a Deus, até hoje, temos conseguido muitas alegrias nessa área.

**MLMC:** E com relação ao seu ingresso no Centro de Memória, como foi?

**MMNAM:** Ah, sim. Então, quando eu ingressei em 2000, eu ouvia nas reuniões que a Magda (Magda Barbosa dos Santos Rodrigues), na época diretora, estava implantando o Centro de Memória. E eu fiquei atenta, ouvindo o que seria, a tratar dos arquivos, da documentação. E como eu entrei, fazia muito pouco tempo, e as minhas disciplinas eram rotinas e eram também informação, gestão da informação, de documentos, eu falei: – nossa, eu preciso entrar nesse grupo. Aí fui falar. Ela, no primeiro grupo, eu não pude ir porque ela já tinha...

**MLMC:** Selecionado.

**MMNAM:** Selecionado as colegas que iriam com ela a São Paulo. Mas, de qualquer forma, cheguei na sala dela, pedi licença e me coloquei à disposição. Falei, olha, esse assunto muito me interessa, porque tem tudo a ver com o curso e

as aulas que eu ministro. Seria muito interessante. E ela, numa segunda viagem, me convidou. E já, de cara, eu fui já participando das oficinas, lá com a Júlia (Júlia Falivene Alves), com a doutora... Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes). Com a doutora Carmen. E já me encantei pelo assunto, porque era a minha área. Definitivamente era a minha área. E lá fui ficando. Fui trabalhando, participando de tudo. E eu via só o pessoal. O pessoal, logo de início, todo mundo... Ah, que legal, vamos para São Paulo. Mas depois, quando vê que o trabalho é documental e arquivo, o pessoal vai... Não tem tanto interesse.

**MLMC:** Arquivo para higienizar.

**MMNAM:** (risos) Olha, a hora que nós montamos esse centro de memória, foi uma loucura. Porque aí fizeram um mutirão com o Ensino Médio, porque os menininhos, eles vão para o ensino médio de manhã e muitos ficavam à tarde para outras aulas, para reforço. Então fizemos um mutirão com o ensino médio. Olha, mas foi uma loucura. Assim, no bom sentido. Esses meninos vasculharam essa escola de cima abaixo, mas resgataram toda a documentação, todos os objetos. E nós tínhamos uma sala vazia à primeira vista. E foi chegando, e foi chegando, e foi chegando. Então nós marcávamos as reuniões com os principais alunos, com meia dúzia de alunos. E transferíamos a eles todo o conhecimento que nós adquiriríamos na oficina em São Paulo. Aí, depois que eles aprendiam, eles repassavam para os colegas. Então foi um efeito dominó o início do centro de memória. Quando nós vimos, o ensino médio todo já sabia lidar com o centro de memória. E foi assim que nós fomos montando e organizando toda a documentação. Numa sala vizinha, colocamos todos os objetos. Então eu ficava com a documentação e a Jô ficava com os objetos.



*Maria Medianeira com estudantes monitores de memórias na antiga sala do Centro de Memória, s/d.*

*Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2019.*

**MLMC:** Medianeira, quando eu visitei vocês, não sei se foi 2001 ou 2002, que tem até aquela fotografia que está com você, com a Joana e com o Gilberto (Gustavo Santos Miranda).

**MMNAM:** Sim.

**MLMC:** Naquela época eu não comentei, mas agora eu lembro que fiquei impressionada com todos aqueles arquivos que vocês tinham, todos no envelope, todos organizadinhos em prontuários. Agora eu estou compreendendo melhor, conhecendo a sua origem profissional. (risos)

**MMNAM:** Sim. E foi assim que nós nos preparamos para os 80 anos da escola, em 2004. Porque, nesses 80 anos, nós íamos inaugurar o centro de memória para toda a comunidade. Ele já existia, claro, porém a Magda nos transferiu dessa sala, que você conheceu, para outra sala bem maior, onde nós temos uma exposição permanente logo que entramos. E, no fundo, com uma divisória que foi colocada de vidro, nós temos a sala de pesquisa, com os arquivos. E lá nós trabalhamos, fazemos todo esse trabalho de pesquisa e repassamos aos nossos alunos também, que entram como voluntários, para nos ajudar nesse trabalho que você assiste uma vez por ano nas suas capacitações.



*Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, espaço que pertenceu a oficina de Fundação,s/d.*

*Fonte: Acervo do Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, em 2019.*

**MLMC:** Mas você sabe, Medianeira, aquele espaço novo lá era maravilhoso, porque foi o de fundição.

**MMNAM:** Sem dúvida.

**MLMC:** E ele reflete isso.

**MMNAM:** Exatamente. Por isso que foi escolhida aquela sala. A Magda tem uma visão global. Quando era gestora da escola, é impressionante. Ela enxerga longe. E aí essa sala é emblemática para nós. Por isso que eu escolhi algumas pesquisas que fiz da Mecânica, da Fundição, porque tinha tudo a ver com o ambiente que nós vivíamos lá e vivemos hoje.

**MLMC:** Eu lembro que, quando fui visitá-los, estava montando um curso Técnico de Calçados.

**MMNAM:** Sim, eu lembro. No Agrícola.

**MLMC:** Isso. Ele nem foi para frente. Era um curso curto de parceria com a Bertin. E daí a Bertin decidiu fazer um trabalho com o Senai e não deu continuidade nessa parceria. Mas eu cheguei a montar os módulos e daí fui visitar Franca. Tanto que fui visitar o Senai, que tem um senhor, uma senhora unidade de calçados.

**MMNAM:** Também.

**MLMC:** E daí, ao visitá-los, no Centro de Memória, eu lembro que fui com a Joana naquele material inservível e lá tinham várias máquinas do curso de calçados que você tinha estudado no passado.

**MMNAM:** Tem. E que hoje estão lá em exposição permanente no Centro de Memória.

**MLMC:** Eu adorei saber disso. E vocês têm mais de 300 objetos. Porque agora, nessa capacitação, nessa visita que foi feita, embora virtual, deu para perceber a distribuição dos objetos. Eu fiquei muito feliz de ver que todos aqueles equipamentos estão lá.

**MMNAM:** Nós levamos para lá. Porque estava indo quase para caçamba. Um dia lá, a Jô quase infartou. Um dia, a Jô está na escola de manhã. Ela dá aula de manhã e eu à noite. Mas eu procuro marcar meus horários de Centro de Memória quando ela está também e quando a Cida (Aparecida Helena Costa). Porque aí é bom, porque colocamos tudo em dia, os assuntos sobre o Centro de Memória e tudo mais. E, nesse dia, a escola estava se desfazendo de alguns objetos e quando a Jô fica sabendo que tem objetos que poderiam estar no Centro de Memória e estavam em uma caçamba para levar embora, para ir para o lixo, sei lá. Essa Jô quase infartou, Maria Lucia.

**MLMC:** Eu acho que vai para a Casa Civil, e depois eles mandam para outras escolas.

**MMNAM:** É, eu sei que eles iam se desfazer dos objetos. A Jô foi à sala do diretor, acho que na época era a Ana Augusta. Foi lá, mas falou até não poder mais. Aí a Ana Augusta embargou e conseguiu restituir alguns objetos importantes para o Centro de Memória. Porque não é possível.

**MLMC:** Você lembra que ano foi isso?

**MMNAM:** Que ano foi isso? Deixa, eu ver: – 2000 e... Não sei ao certo, mas 2014, 2015. Acredito. Posso depois perguntar.

**MLMC:** Quando eu fiz essa pergunta, provavelmente, quando nós começamos a trabalhar, em 2014, começamos a trabalhar o Museu Virtual.

**MMNAM:** É, então.

**MLMC:** A pedido do professor Almério (Almério Melquíades de Araújo).

**MMNAM:** Exatamente.

**MLMC:** Daí começamos a recuperar os objetos.

**MMNAM:** Exatamente. Que bom saber disso. E a Jô tem um amor pela escola, porque ela é ex-aluna. Ela formou lá. E ela viu aquilo lá. Ela falou que não é possível. Nossa, mas ela... A hora que eu cheguei, eu cheguei depois que já estava tudo acertado, ela falou: – Mê, você não sabe o que aconteceu. Mas, olha, graças a Deus, ela não teve nada, ela passou bem, e a coisa terminou bem também, porque ela restituiu alguns objetos importantes. Ela é da Augusta? Meu Deus!

**MLMC:** A Augusta não é aquela que foi entrevistada, aquela professora que foi entrevistada? Ela tem um mobiliário que foi produzido por lá?

**MMNAM:** Exatamente. Ela mesma, que era diretora na época.

**MLMC:** Ainda bem que ela valorizou esse patrimônio.

**MMNAM:** Ela valorizou. E nós tivemos sorte que, depois da Magda, veio o Mauriel, que dava todo o apoio a nós, depois a Ana Augusta e agora o Ayrton, que também é ex-aluno e ama a escola e valoriza o Centro de Memória como ninguém. Então, nós tivemos essa felicidade dessa transição de gestores a nosso favor.

**MLMC:** Vocês já fizeram a galeria de diretores lá?

**MMNAM:** Já. Quando completamos 80 anos, já temos esse quadro lá, com a placa, com todos desde 1924. Teria que agora continuar aos dias de hoje.

**MLMC:** Mas vocês têm também as fotografias deles?

**MMNAM:** Temos. Temos. Temos, sim.

**MLMC:** Isso é bom. Isso é muito bom. É muito bom.

**MMNAM:** E assim nós pudemos preservar. Olha, eu digo para a Jô brincando que nós somos, nós atuamos como leão de chácara no Centro de Memória, porque ninguém se interessa por esse trabalho. Todos falam assim: – Ah, não, está em boas mãos, pode ficar com vocês. Porque ninguém se interessa por esse trabalho.

**MLMC:** Porque sabem que dá muito trabalho, não é?

**MMNAM:** Exatamente. E já tivemos colegas que são ex... Um colega, inclusive, ele é ex-aluno da escola e continua lá ministrando aula, mas ele, assim, ele falou assim: – nossa, para que ter esse Centro de Memória? Isso daí é só coisa velha. Por mim, eu colocava uma caçamba aí na porta e punha tudo no lixo. Nossa, a Jô quase morreu quando ouviu isso. A Jô se dói, que é uma coisa. Eu já parto assim para... É porque não falou perto de mim, eu nem estava nessa hora. A Jô que me contou, porque eu teria dado uma resposta à altura, mas, olha, é lamentável. Então, a gente trabalha com essa pressão também, Maria Lucia.

**MLMC:** Olha, você está comentando sobre um assunto, essa questão de as pessoas não valorizarem o patrimônio histórico educativo, que às vezes eu observo em profissionais que atuam com ciência da informação. E ele trabalha com ciência da informação, desenvolvendo software para as nossas necessidades atuais, mas sem a menor preocupação da preservação desse material, desse conteúdo. E daí quando você às vezes fala para ele: – você não vê que nós não temos nem máquina mais para o disquete, o CD está deixando de existir, daí eles param assim. Todo esse conhecimento vai ser... Como é que a gente vai recuperar isso? Então, essa preocupação tem que ter.

**MMNAM:** Todo mundo tem que ter.

**MLMC:** Porque a pessoa produz e não se preocupa, sabe?

**MMNAM:** Exatamente.

**MLMC:** Isso, não é?

**MMNAM:** Exatamente. É complicado isso. Então, lá na escola, o centro de memória tem a nossa cara, minha, da Jô e da Cida agora. A Cida ingressou em 2014, mas eu e a Jô vivemos isso desde lá do início. Eu em 2000, a Jô entrou em 2002, e sempre foi essa coisa. Nós sempre protegemos esse centro de memória a todo custo, porque se nós abrimos a guarda não resta nada. Porque eles falam assim, essa sala devia ser laboratório, sala de aula.

**MLMC:** Isso que você está falando é exatamente o que aconteceu na Carlos de Campos. Nós perdemos a Sala de Memória, só que eu fiquei muito feliz, porque foi para o Dispensário de Puericultura, que era o meu sonho. E hoje nós temos lá cinco salas, e que eu fiz o catálogo em 2017, porque agora tem um documento que comprova a existência desses objetos.

**MMNAM:** E aí não pode desfazer, não é?

**MLMC:** E por isso a nossa luta, não só a minha como a da Júlia Naomi, que agora está conosco lá na Cetec, de trabalhar com a cultura material, de produzir esses catálogos, porque estamos trabalhando no museu virtual, mas, para chegar no museu virtual, tem que passar pela organização do catálogo.

**MMNAM:** É verdade.

**MLMC:** No ano que vem, vamos centrar bastante esforço nisso com vocês, que vocês se dividirem para produzir esses catálogos.

**MMNAM:** Ah, claro.

**MLMC:** Porque é uma forma de salvaguardar esses objetos.

**MMNAM:** Sem dúvida, sem dúvida. E mesmo o espaço físico do centro de memória você precisa ver como os alunos adoram aquilo lá. Principalmente os alunos do ensino médio, que têm mais tempo. E a Jô, eles também adoram a Jô, porque a Jô é uma mãezona e tudo o que ela ensina cai no vestibular, então eles são apaixonados por ela. E quando ela os convida para serem voluntários no centro de memória, todos querem e todos vão. E aí eu passo a conhecê-los e como eles adoram ir lá, ficar lá e aprender. Então, são excelentes voluntários, são crianças assim, muito espertas, muito estudiosas, curiosas, e aprendem rapidinho, nossa. O trabalho rende viu. (risos)

**MLMC:** Você sabe que eu acho que sobre essas práticas híbridas que a gente vai estar discutindo no próximo ano, acho que até no nosso evento mesmo, porque sem saber da pandemia, eu escrevi sobre inovações e eu incluí um artigo do Pedro Demo que já falava de práticas híbridas. Só que agora nós demos um salto com essa pandemia.

**MMNAM:** É verdade.

**MLMC:** E daí os alunos vão poder se apropriar desses objetos para estudar a história, para criar a história, a partir das entrevistas com ex-alunos e ex-professores, e vai ser muito interessante. Eu acho que nós vamos poder colocar o centro de memória em evidência.

**MMNAM:** Ah, que ótimo. É muito bom isso. Porque, olha eu já ouvi de colegas, é impressionante, deu falar do centro de memória e a pessoa perguntar: – mas, onde é que é esse centro de memória aqui na escola. Eu digo: não acredito que estou ouvindo essa pergunta. A pessoa não sabe. Não sabe, nossa é um lugar que todo mundo conhece.

**MLMC:** Mas, Medianeira quando eu trabalhei para o meu doutorado, e tinha que criar aquela rede para o Pompêo do Amaral, e daí eu criei aquela rede de colaboradores, da comunidade de destino para história oral, e foi muito interessante observar que tinham professores bem diferentes da década de 50, tinham aqueles que conheciam todos os centímetros da escola, como a gente faz, e tinham aqueles que iam lá, faziam o seu trabalho, e iam embora. Então quando a gente vê esse questionamento.

**MMNAM:** Exatamente.

**MLMC:** Exatamente isso.

**MMNAM:** É verdade, diferente mesmo. É impressionante, e olha: – não é professor novo não. É professor que já está lá a mais tempo que eu, por isso eu fiquei tão indignada com a pergunta, eu não acredito.

**MLMC:** Olha, essa entrevista está sendo realizada hoje, no dia 6 de outubro, que nós comemoramos 51 anos de Centro Paula Souza.

**MMNAM:** Ah, que bárbaro. Muito bom.

**MLMC:** É um marco.

**MMNAM:** Muito bom, fico feliz, mais feliz ainda.

**MLMC:** Porque é uma data que para nós que somos da educação profissional é importante.

**MMNAM:** Importantíssima.

**MLMC:** Tanto que nós estaríamos juntos hoje, no nosso encontro.

**MMNAM:** É verdade, eu lembrei disso hoje, que o seu encontro seria hoje. E é uma felicidade para mim então, estar aí com você, nesse dia, duplamente festivo.

**MLMC:** Então, mas em março pelo menos vamos estar juntos. Porque eu não pensei em fazer virtual nosso encontro. É uma oportunidade que nós temos, quando a gente faz os encontros anuais, de todos apresentarmos os resultados dos nossos trabalhos e das nossas pesquisas, eu escolhi esse dia. Eu falei com a minha chefia, a Lucília Guerra, e ela concordou de a gente transferir para os dias 11 e 12 de março do ano que vem, e estaremos juntos.

**MMNAM:** Sei. E você acha que dará certo? Não terá problema quanto a pandemia.

**MLMC:** Essa é a nossa esperança, nós vivemos de esperança. Por enquanto, não temos ideia ainda, está tudo muito lento, o retorno está sendo muito lento.

**MMNAM:** É verdade.

**MLMC:** Enquanto não tiver a vacina. Mas de qualquer forma, nós temos que ir planejando, para ter uma perspectiva, mesmo que tenha que prorrogar depois.

**MMNAM:** Ah, entendi.

**MLMC:** Porque eu acho que se a gente não se planejar, nós temos o dia a dia do nosso trabalho. Eu tenho tudo pronto, eu já recebi todos os trabalhos, está tudo ok para realizarmos o evento. Porque, para o ano que vem nós vamos organizar uma jornada. Tem outro projeto.

**MMNAM:** Claro, claro, sem dúvida. Deus queira que dê tudo certo, e vamos em frente. (risos)

**MLMC:** Medianeira eu gostei muito de estar conversando com você, eu tenho entrevistado os professores entre 30 e 50 minutos no máximo. Porque eu tenho que manter o recorte temporal, então eu vou encerrar essa entrevista e vou fazer a transcrição e te encaminhar. Porque a transcrição é sempre um trabalho colaborativo entre autor e coautor.

**MMNAM:** Sem dúvida.

**MLMC:** Daí assim que você liberar, você já me envia os termos de autorização para que a gente possa publicar depois essa entrevista, num volume que eu pretendo fazer só com os curadores em centros de memória, dentro do nosso programa “História oral na educação: memórias do trabalho docente”.

**MMNAM:** Está ótimo, eu agradeço muito isso. Então, foi muito bom falar com você sobre o nosso centro de memória, que é a nossa pupila (risos). É muito importante para nós.

**MLMC:** Obrigada.

**MMNAM:** Obrigada e boa tarde Maria Lucia. Muito obrigada.

# 6.

## APARECIDA HELENA COSTA

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Dr. Júlio Cardoso, em Franca



Aparecida Helena Costa é Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Centro Universitário Uni-Facef; e graduada em Ciências Econômicas pelo Centro Universitário Uni-Facef; em Licenciatura em Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul; e Pedagogia pela Universidade UNIVESP. É professora da Etec Dr. Júlio Cardoso de Franca, atuando como coordenadora de curso do Ensino Médio e do Novotec. Participou de projetos de pesquisa no GEPEMHEP do Centro Paula Souza.



*Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Dr. Júlio Cardoso, s/d.  
Fonte: Arquivo pessoal de Aparecida Helena Costa, em 2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, Aparecida Helena Costa. Hoje, que é dia 27 de agosto de 2020, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, para ser inserida no Programa de Memórias e História da Educação, no Programa de “História Oral da Educação: memórias do trabalho docente”, principalmente porque você, ao ingressar na Etec Dr. Júlio Cardoso, em Franca, teve conhecimento do nosso projeto de memória, lá iniciado com a professora Medianeira (Maria Medianeira Nouer Acchuti Monteiro), que foi uma das pioneiras, daí veio a professora Júlia... Hoje eu estou complicada. Joana Borini.

**Aparecida Helena Costa (AHC):** É, Joana Borini (Joana Célia de Oliveira Borini).

**MLMC:** A Joana Borini, e daí você, quando ingressou, não sei se foi em 2014, você vai me precisar isso, você foi trabalhando conosco e foi uma alegria. Por isso que, para nós, é importante ter o seu depoimento, porque desde esse momento que você ingressou, você depois já começou com projetos de HAE e sempre estive conosco no GEPEMHEP. Então, eu gostaria que você deixasse um registro da sua história oral de vida, onde você nasceu, onde você estudou, o que te fez ir por esse caminho da Administração, a sua relação com o centro de memória, com a escola.

**AHC:** Muito bem. Então, eu vou começar, onde que eu nasci? Eu nasci em uma fazenda, com o nome de Fazenda Brejinho, que fica entre Jeriquara e Ituverava. Mas o meu registro de nascimento é de uma cidadezinha chamada Jeriquara,

que é próxima aqui a Franca. Então, eu vivi nessas fazendas com os meus pais, os meus irmãos, até os seis anos. Por falar em pais e irmãos, o meu pai está com 83 anos, a minha mãe com 76. Eu tenho sete irmãos, sendo três mulheres e quatro homens. Tenho 16 sobrinhos e quatro sobrinhos-netos, mais um para nascer. É importante eu falar o aspecto da família, porque ao longo da minha vida eu tenho que conciliar trabalho e família, estudo e família, faculdade e família, e assim por diante. Então, eu vim para Franca, para morar em Franca, e eu tinha em torno de cinco a seis anos. Da minha família, eu sou a única que fez a pré-escola, e às vezes eu acho que é até isso que tenha interferido no fato de eu gostar dessa área, de gostar de estudar, de buscar conhecimento. Eu acho que esse pré-primário, o jardim da infância, é um momento em que a gente trabalha muita criatividade, muitas brincadeiras, relacionamentos, e isso contribuiu muito para que eu fosse, ou seja, a pessoa que eu sou hoje. Então, a escola, o pré-primário, eu não me lembro, mas ela modificou o lugar. A professora, me lembro, se chamava professora Marlene. E aí, da primeira até a sétima série, eu fiz uma escola próxima aqui à minha casa, se chamava Professora Ana Maria Junqueira.

**AHC:** Essa semana eu ainda sonhei com essa escola, e eu e o diretor da Etec estávamos fazendo uma reforma na escola. É interessantíssimo, porque nós estamos fazendo esse projeto agora na nossa Etec, na escola industrial. Então, essa escola tem muitas histórias, período em que a gente fazia educação física, eu me lembro do laboratório de ciências, também me lembro das vendas, porque a escola se chamava Ana Maria Junqueira. Inclusive, há pouco tempo, eu trabalhando lá no centro de memória, eu achei o jornal do acidente dessa Ana Maria Junqueira. Ela morreu jovem num acidente de carro, e no trabalho dela como professora. Está aí esse aspecto que a gente conta sobre a história. Então, nessa Ana Maria Junqueira, nessa escola, tinha uma lenda, e eu tinha muito medo do banheiro da Ana Maria Junqueira. E às vezes eu sonho até hoje com esse banheiro da Ana Maria Junqueira, que é o que ela aparecia lá, coitada. Nada disso, é uma pessoa que tem um semblante lindo. Então, eu estudei lá até a sétima série; depois, eu fui para uma outra escola chamada Barão da Franca. Nessa escola eu fiz a oitava e o primeiro colegial. Na Ana Maria Junqueira eu saí um ano antes, porque ela era até a oitava série. Depois eu saí na sétima, para ficar mais fácil, já para ingressar no ensino médio. Mas eles retomaram e continuaram, a nossa turma foi a primeira turma a fazer o colegial na escola. Então, no primeiro colegial eu voltei para a Ana Maria Junqueira, porque ela ficava mais próxima aqui de casa. E nesse período, em alguns períodos, eu fui líder de sala. Até eu me lembro, quando a gente fala da questão de você ser popular, no terceiro colegial eu era líder desses meninos, e eles colocaram lá uns sete apelidos para mim: Cidola, Cidoca, Ciducha, Cidosol. E a Cidosol pegou esse apelido. Inclusive, nós temos um grupo de WhatsApp dessa turma, a gente quer se encontrar. E a gente brinca até hoje com esses apelidos e as coisas que aconteciam com a gente no período de escola.

**MLMC:** E o que significou esse apelido? O que significava?

**AHC:** Era Cidosol, coisa de inseticida, né? Tinha uma inseticida que tinha esse nome. Então, eles me chamavam Cidobril, Cidorraxa, Ciducha, porque eu acho que a Xuxa fazia muito sucesso no período. Então, assim, a meninada no período associava um monte de coisa e quando o professor foi pegar os nomes, ele falou que nome é esse? Quem é esse aluno? E assim, eu sempre levei muito na brincadeira essa questão do apelido. É uma das coisas que a gente aprende com os pais da gente. Eu vejo que hoje, às vezes, as crianças sofrem. A gente fala muito a questão do bullying, do preconceito, isso e aquilo. E a minha mãe, se eu chegasse em casa e dissesse assim para ela: – mãe, me chamaram de preta na escola. E ela falava assim: – Ah, e daí? Você é preta mesmo? Mãe, me chamaram disso ou daquilo na escola. E ela falava: – não, mas é você mesmo. Por que você está achando ruim? Então, ela sempre falava que o apelido, quando a gente acha ruim, aí ele pega. Então, por isso que eu nunca dei muita atenção para essa questão do apelido. Outra coisa, quando a gente trata a gestão de conflito, os pais da gente falavam para nós também. Se apanhar na escola, chegar em casa, você vai apanhar de novo.

**MLMC:** Eu me lembro muito bem disso. Eu lembro dessa colocação em casa também (risos).

**AHC:** Exatamente. Os pais da gente, era o que eles diziam para a gente. Resolva os seus problemas na rua. Você arrumou um problema na rua, você resolve. Então, eu passei por algumas situações, que eu falo assim, de gerenciar o conflito, que nessa escola até que eram situações que eu falava assim, até hoje, esse amadurecimento que eu tenho é em função disso. Por exemplo, tem uma história... E tem que ter autonomia, né?

**MLMC:** Dava autonomia para a gente, você tem razão.

**AHC:** Exatamente. O cuidado que a gente tinha que ter. No período da escola, eu tenho um irmão que estudava comigo e ele era muito danado. Ele brigava na escola, ele fazia várias coisas na escola. Aí, eu me lembro que numa Páscoa, a professora, ela fazia para gente, ela levava a folha com desenho do coelhinho, a gente pintava o coelhinho, depois dobrava, e ficava o coelhinho na frente, e nas costas, um lugar para colocar um ovinho. E aí, naquele período, era o único ovo de Páscoa que a gente tinha, era aquele. Era um ovinho de 50 gramas, que ela colocava atrás do coelhinho. É uma bênção aí, né? Dos professores que fazem para os alunos muito mais do que lhes é proposto. Por isso que a gente guarda os nomes de muitas professoras, o carinho das professoras. Então, a professora colocava um ovinho para a gente, era o único ovo de Páscoa que a gente tinha. E eu colocava na mão e levava com o maior cuidado para casa, para comer no domingo, isso acontecia na sexta. Aí, nesse dia, eu saindo da escola com o meu ovinho assim na mão,

encontrei com uns 15 meninos, e mais um menino chorando. E aí, os meninos... E aí, eu já tinha saído do portão da escola, aí os meninos falaram assim para ele, aí a irmã dele, vamos bater nela. Falei, ah, meu Deus do céu, que situação, né? Aí, e o menino? Ele era loirinho, de olhos azuis, o pai dele era de uma situação bem considerável, e a gente pobre naquela situação difícil. E aí, a menina puxava o saco dele. Aí, eu descobri o que aconteceu. Meu irmão, quando saiu com o ovinho dele, com o maior cuidado, ele chegou e quebrou o ovinho do meu irmão. Porque ele tinha uma condição melhor, o pai dele tinha um chocolate melhor para ele. Então, aquele chocolate para ele não tinha valor. E aí, ele quebrou o chocolate do meu irmão. Meu irmão pegou e bateu nele e correu. E aí, quando eu saí da escola, encontrei esse menino com essa menina toda querendo bater, que eu era irmão. E aí, eu falei assim, agora...

**MLMC:** Eu vou te pedir para falar um pouquinho mais perto do... Porque está ficando...

**AHC:** Aí, eu conversei com o menino, falei, não, pode deixar quando chegar em casa. Vou contar para o meu pai, meu pai vai bater nele. Pode deixar que ele não vai ficar de graça, não. Levei o menino na casa dele, chorando. Levei o menino na casa dele, que morava na rua de baixo, e eu morava duas abaixo. E os meninos, os colegas deles me chutando o calcanhar. Até a casa dele, chutando o calcanhar, querendo me bater. E eu querendo trabalhar. Aquela situação, desculpe, quando os pais da gente falam que resolva sua situação na rua, naquele período....

**MLMC:** E quantos anos você tinha nessa época?

**AHC:** Uns oito, nove anos. Eu tinha uns oito, nove anos. Então, assim, hoje, quando nós trabalhamos nessa situação de conflito, é claro que a gente não tem que passar por isso, mas quando a gente passa por uma situação, a gente tem que saber administrar, a inteligência intelectual que a gente desenvolve ali na prática.

**AHC:** Então, nessa escola, eu passei por essas situações. Mas era um perigo. E que nós vivíamos de um modo diferente de outros. As pessoas se respeitavam um ao outro. Isso era uma coisa extrema e assim por diante. Então, eu falo que eu, como pessoa, desse aspecto de alívio conflito, de trabalhar em equipe, a infância, ela tem um peso muito grande em relação a isso. Por isso, eu acredito que a importância da escola, porque a escola é tão importante para a gente, não só na formação tradicional, mas também na formação do indivíduo. Aí, está, o período de colegial foi tranquilo, eu terminei o colegial.

**MLMC:** Eu não sei o que está acontecendo Cida, parece que está mais distante a sua voz.

**AHC:** Melhorou agora?

**MLMC:** Melhorou. Quando você chega mais próximo, sim.

**AHC:** É, eu vou segurar o microfone. Então, quando eu sinto esses aspectos, quando eu estava já no primeiro, segundo colegial, às vezes a gente recebia uns folhetinhos das faculdades. E aí eu me lembro que eu até prestei o vestibular para o UNESP, eu queria fazer Letras no período, eu não tinha condição de pagar uma faculdade. A propósito, quando a gente cita o aspecto de educação e trabalho, eu comecei a trabalhar na oitava série, fiz 15 anos, já comecei a trabalhar, em 1988. E, aí eu acordava 20 para 5, trabalhava até 5 horas da tarde, chegava em casa, tomava banho, jantar, e ia para a escola estudar das 7 às 11. Então, todo dia era essa rotina, era muito puxado, muito corrido.

**MLMC:** E você começou a trabalhar com o quê?

**AHC:** 15 anos.

**MLMC:** Porque eu também comecei a trabalhar na oitava série, viu? (risos) Eu passei para a noite no ginásio e comecei a trabalhar.

**AHC:** Na verdade, Maria Lucia, tem uma outra história aí. 15 anos, foi quando eu tive registro em carteira. Mas eu me lembro, como a gente passa por uma situação difícil, a gente tentava arrumar dinheiro, de qualquer jeito, a gente tentava ganhar a vida. Então, eu e o meu irmão, durante algum período, a gente fez trisse. Trisse é aquele, uns detalhes bordados que têm normalmente nos sapatos masculinos. Então, a Franca é um polo calçadista. E aí, nesse período, a gente fazia esse trisse. Eu tentei costurar sapato, mas eu não dei conta, porque machucava todos os dedos da gente. Eu era muito criança, com 8, 9 anos, a gente ia fazer esses trabalhos. Aos 12 anos, eu trabalhava meio período numa banca de pesponto. Então, foi com 15 anos, eu já tinha uma certa bagagem. E aí, quando eu cito um aspecto, depois eu entro no aspecto da faculdade, dos cursos técnicos. Mas quando eu falo esse aspecto da gente ser de uma família muito simples, da pobreza mesmo, e uma forma de ganhar dinheiro, eu falo essa questão do empreendedorismo. E eu e o meu irmão, a gente tinha, sei lá, seis anos, sete anos. E naquele período lá, quem tinha carro era uma situação muito boa. Então, a maioria do pessoal transitava de cavalos pelas ruas e assim por diante. E eu e o meu irmão, a gente ia um com a caixinha, o outro com a pазinha, colocava essas fezes do cavalo na caixinha, a gente juntava. Portanto, a vizinha da frente da minha casa, ela tinha uma condição social melhor, tinha um jardim bonito. E aí, a gente pedia para organizar o jardim dela. Falava, pode arrumar o seu jardim? Ela deixava. Então, a gente desbrotava as plantas, arrancava os matinhos, colocava lá, e ela dava um dinheiro para a gente. Era com aquele dinheiro que a gente comprava balas, refrigerantes, o que a gente tinha vontade. Eu não pedia dinheiro para os meus pais, porque eu sabia que a condição da gente era muito simples. Então, acho que é algo que também me ajudou muito a reforçar essa minha condição de empreendedorismo, de busca por conhecimento, de sair daquela situação em que a gente vivia. Nós não passávamos fome, mas passávamos necessidade, por-

que a gente estava de prazo. Então, se a gente queria um doce, refrigerante, alguma coisa assim, a gente tinha dinheiro para isso. E eu não pedia dinheiro para os meus pais, porque eles passavam por uma situação difícil. A gente tinha essa consciência. Naquele passado, a gente tinha essa consciência.

**MLMC:** Mas, Cida, esse seu depoimento é muito importante, porque eu tenho uma trajetória semelhante à sua. Eu comecei a trabalhar na oitava série também, sabe? E a minha mãe também foi uma pessoa que começou a trabalhar cedo. Então, a gente vai aprendendo com os pais. Eu acho que é por isso que a gente acaba tendo essa autonomia, sabendo trabalhar em equipe.

**AHC:** Maria Lucia, eu falo assim, ao longo desse período, até depois que eu saí da faculdade, alguma coisa assim, eu sempre procurei um meio. Não que eu seja uma pessoa materialista, mas eu tenho necessidades e quero atender essas necessidades. Então, desse período em diante, eu sei fazer unha. Eu já trabalhei de manicure. Eu faço uma cera depiladora que é fantástica. Eu mesma me depilo, mas nunca trabalhei com depiladora. Cabelo, nessa pandemia, sou eu que corto o cabelo da minha mãe e do meu pai. Sou eu que pinto meu cabelo. Então, eu faço a minha unha. A gente aprende diante das dificuldades a sanar essas necessidades que nós temos. Então, eu gosto muito de cozinhar. Eu aprendi a cozinhar, limpar uma casa muito bem. Eu trabalhei de doméstica em alguns períodos de diarista, em períodos em que a gente fica desempregado. Você vai buscar o caminho e o recurso para você sanar aquela necessidade financeira. Eu tenho até o hábito, às vezes, dizer para os meus alunos assim, se eu perder o emprego, eu faço um novo. Então, eu tenho que correr atrás. Eu tenho que buscar outro trabalho, alguma coisa assim, para desenvolver. Eu acho que isso é uma característica muito positiva para nós. Eu falo muito para os meus alunos. Eu falo assim: – olha, na casa de vocês, aproveitem que vocês estão em casa. Aprendam a limpar a casa, a lavar roupa, a passar, a cozinhar, porque se algum dia você vai para a faculdade e você vai morar sozinho, você vai precisar fazer essas atividades. Então, é algo que não é pesado. É algo que é prazeroso.

**MLMC:** Você sabe que quando teve aquele colégio vocacional, na década de 60, tinha o colégio vocacional, tinham uns quatro. Tinha em Batatais, tinha aqui em São Paulo, e esse colégio vocacional tinha o curso de Economia Doméstica. Mas os meninos também aprendiam, sabe, assim, prendas também. Porque, exatamente em cima disso que você está falando, todos têm que aprender, homens e mulheres, e principalmente agora, com essa mudança da tecnologia, você vê, nós estamos começando a trabalhar em casa. Então, homens e mulheres têm que saber cuidar das suas vidas.

**AHC:** É, esse aspecto que, num passado, a pessoa não pode trazer isso para hoje, porque num passado era assim, a mãe ou a mulher, ela ficava em casa, ela cuidava dos afazeres domésticos e dos filhos. E o marido que trabalhava fora era

ele que trazia o dinheiro das compras, daquilo que eles iam viver, a parte financeira. Em função disso, essas tarefas domésticas ficaram incumbidas para a mulher, porque ela ficava em casa. Agora, hoje, a mulher trabalha. Então, a mulher trabalha, o homem trabalha, nós precisamos chegar em casa e fazer as nossas tarefas. Eu penso dessa maneira. Mas, hoje, as pessoas sempre moram muito sozinhas, homens e mulheres morando sozinhos. Então, precisam de se envolver nessas atividades. E é o que eu te falei, a gente não pode olhar para, por exemplo, fazer uma refeição com algo que é difícil, que realmente se torna difícil. São os bloqueios que nós explotamos. Mas, é igual, tem um restaurante aqui que fala assim, é uma frase até de um artista. Cozinhar é uma felicidade. Felicidade maior é cozinhar para quem a gente ama. Então, essa é uma das minhas características aqui em casa também. Como tia, o tio faz o quê? Faz um tipo assim, faz um arroz para o outro, faz um arroz no arado para o outro. Então, é uma coisa que eu faço por gosto. Eu gosto de fazer, faço com os amigos. E é algo que a gente precisa desenvolver nas atividades que nós temos na vida aí, dentro do nosso lazer, é algo que é prazeroso. Então, a gente precisa desenvolver isso. E aí, ao longo da minha vida, eu fui aprendendo a fazer isso, fazer churrasco. Então, os meus amigos, a gente gosta de fazer churrasco junto. Então, cada hora um faz uma coisa. É o viver em sociedade. E aí, em 1991, eu terminei o colegial. Eu até prestei vestibular para Letras, só que eu não passei, tipo, uma pontuação. E, também, quando a gente olha, por exemplo, o aluno da escola pública. Naquele período, não havia cotas para competir com o aluno de uma escola privada. Havia muita desigualdade aí nesse sentido. Então, é algo que, para mim, foi uma situação difícil. Então, primeiro ano, em 1992, eu não estudei, eu não fiz nada. Porque eu não tinha recurso. E uma das coisas que eu valorizo muito são as pessoas que trazem para a gente algumas indicações. Então, eu tenho um tio que ele fez um curso Técnico em Calçados e ele fez esse curso técnico e me chamou para fazer. Estudando, vai lá, presta o curso técnico. Um curso de dois anos, o SENAI. Aí, em 1993, 94, não, 92, 93, eu fiz esse curso. Agora, eu fiquei na dúvida. 94, eu acho que eu entrei na faculdade. E aí, o que aconteceu? Esse curso Técnico em Calçados foi um divisor de águas para mim.

**MLMC:** Foi curso técnico em que área?

**AHC:** Em Calçados. Porque aqui em Franca, o foco principal é calçado. E aqui, embora tivesse o período, acho que já vinha de SENAI, a Industrial, que eu não tinha muito conhecimento com relação aos cursos técnicos. E eu acabei que foi para fazer esse curso técnico no SENAI. Para mim, foi algo muito bom porque na empresa que eu trabalhava, nesse período, eu trabalhava na esteira, produzindo dois mil pares por dia, trabalhando de pé, no calor, muito cansativo, muito desgastante a função. E surgiu uma vaga do planejamento, para trabalhar no planejamento. E eu me inscrevi. Então, nós nos inscrevemos em três pessoas e eu acabei tendo essa vaga justamente por conta do curso técnico. Eu estar estudando, estar fazendo curso técnico. Então, para mim, foi um divisor de águas porque, a

partir daí, eu passei a trabalhar na administração das empresas. Então, eu trabalhei cinco anos na produção. Essa era a segunda fábrica que eu já trabalhava. E a terceira, aliás, que a primeira eu trabalhei 15 dias. Para você ter uma ideia, eu falo da mudança da legislação nas organizações. Essa primeira empresa que eu trabalhei 15 dias, eu tinha que pintar o couro. Eles cortavam o couro, mas, às vezes, o tingimento não atravessava, só ficava com um fiozinho claro. Então, o sapato tinha que estar preto ou marrom. E aí tinha um produto químico que eu tinha que segurar e pintar esse produto e deixar para ele ir para o processo produtivo. Só que o produto químico tinha um cheiro muito forte e aí me deu uma crise de rinite, alérgica, muito forte. E aí eu passei pelo médico e lá o médico me demitiu. Disse que eu não podia trabalhar lá, que eu tinha asma. Aí, na época, nós fomos no médico, o médico disse que eu não tinha nada. Ele fez uma carta para mim. Acho que eu tenho essa carta guardada até hoje. Vai sujar a minha carteira, meu primeiro registro, 15 dias só. Então, antes a gente tinha isso. Sujar significa manchar o seu nome porque você não fica muito tempo na empresa. Qual foi a razão que eu saí? Ele usou que seria asmática, mas não era. Era justamente a exposição a esse produto sem nenhum equipamento segurança. Então, no caso, eu tinha que ter uma luva. A luva eu acho que eu tinha. Era a máscara. Então, eu ficava aspirando aquilo por oito horas diárias. Meu organismo não suportou. Depois eu entrei numa outra empresa, trabalhei um ano e seis meses. E aí, nessa que eu passei da função para a administração, eu trabalhei cinco anos. Então, no terceiro ano, eu saí na produção e fui trabalhar na administração, fazer planejamento na administração. Então, o curso técnico, ele contribuiu muito para isso. E aí, quando eu terminei o curso técnico, e aí eu retomo essa questão dos amigos que falam com a gente, uma outra amiga fazia faculdade de economia. E aí ela falou para mim: – Cida entra na faculdade de economia presta o vestibular, depois você passa na administração. Acho que a economia é mais fácil para você passar, é menos um pouquinho, mas depois você transfere. Aí eu, cara, eu vou pensar, mas tinha aquela questão, aquela questão financeira que ficava, porque a faculdade era particular. E aí, num belo dia, o contador da empresa, às vésperas de Natal, ele passou pela minha mesa e me jogou 50 reais em cima da mesa e falou assim, toma, você comprar um presente para você. Então, eu peguei esses 50 reais e fui lá e fiz o vestibular, fiz a inscrição para o vestibular, paguei 35 reais. E aí, como ele havia pedido para eu comprar um presente para mim, eu passei numa joalheria e comprei um anelzinho folheado, paguei 15 reais, tenho esse anel também guardado aí. E eu comecei a trabalhar, comecei a faculdade. Só que nós começamos em fevereiro, março, a empresa que eu trabalhava fechou. E isso por quê? Na época, eu ganhava 100 reais e pagava 80 na faculdade. Então, eu tinha uns 9 reais de INSS, então, caiu para 91 e sobrava nove reais para eu poder viver. E pagava 80 na faculdade. E aí, eu passei um sufoco. Aí, nesse período, o que que acontecia? Desde os 12 anos de idade, eu ia trabalhar na casa da minha tia e, no sábado, eu ia fazer faxina na casa dela. Todo sábado, eu fazia e ela me pagava um valor por mês. Era com esse valor que

eu comprava roupa, sapato, qualquer coisa. Que eu conseguia me manter, mas essa diferença de salário e de qualidade. Por isso que eu falo que a gente tem que buscar caminhos. Eu vejo os alunos nossos vendendo bombons, é uma coisa, é outra, justamente porque é para conseguir uma renda para se manter. Então, aí, quando eu entrei na faculdade, eu abri a empresa que eu trabalhava em função de um problema que aconteceu com Franca, de abertura econômica e o mercado...

**MLMC:** Eu acho que você tem que falar um pouquinho mais próximo do microfone, porque tem horas que falha.

**AHC:** Está certo. Então, em função daquele período lá, nos anos 90, houve a abertura econômica em 1991. Aí, em 1994, umas cinco grandes empresas de Franca fecharam, porque elas não conseguiram ter um volume de produção, porque o exportador levou a produção para China. Então, nós perdemos o mercado. E aí, essa empresa fechou e me deu cinco promissórias. Eu acerto que foi cinco promissórias de 65 reais. E eu pagava 80 da faculdade. Aí eu fui, conversei com o diretor da escola da faculdade, expliquei minha situação, entreguei as promissórias para eles, perguntei o que a gente podia fazer, porque eu não queria parar de estudar. E aí ele me deu um desconto e aí minha mensalidade caiu para 65, 65 reais na época. E aí eu consegui pagar, mas fiquei desempregada.

**MLMC:** E que faculdade você estava fazendo?

**AHC:** A Uni-Facef (Centro Universitário). Faculdade de Economia.

**MLMC:** E que curso?

**AHC:** Curso de Economia. Aliás, a faculdade é de Administração, Economia e Ciências Contábeis. Hoje é um Centro Universitário que tem Medicina, Enfermagem, Engenharia. Inclusive, esse curso de Economia, ele está saindo por conta de demanda e assim por diante, eles não estão ofertando mais vestibular para a equipe. E aí, nessa faculdade, nos cinco meses eu fiquei desempregada, recebi auxílio de desemprego, consegui equilibrar com essas parcelas da faculdade, mas eu também descobri aqui que umas sacoleiras que iam para Monte Sião e Jacutinga e era período de inverno frio, aqui é bem frio. Então eu ia nessas cidades e comprava malhas, aquelas cacharréus, calças, blusas, de lã, e eu vendia. Então eu também vendia e fazia renda dessa maneira, conseguia me organizar. Eu vendia pelo dobro do preço, eu vendia pelo dobro do preço, eu vendia bem. Então eu fiz isso nesses cinco meses. E aí aconteceu que em setembro, acho que foi em setembro, outubro, uma amiga minha me chamou para trabalhar numa loja, numa perfumaria, e aí eu fui para fazer um teste, e aí graças a Deus, essa perfumaria foi o que me ajudou a conseguir fazer a minha faculdade. Chamava Ronal Perfumaria e eu lembro que lá eu passei a ganhar 285 reais. Mas nisso a faculdade, os 5 anos, todo ano ela subia. E no começo eu fazia serviços gerais. A moça do caixa, ela saía para o almoço e eu ficava no lugar dela, a vendedora que estava em férias cuidava do setor dela, por-

que cada um tinha um setor para cuidar. E assim eu fazia. Aí chegou um momento, saiu uma vendedora, aí o gerente perguntou se eu queria ser vendedora, mas que tinha cota para atingir e assim por diante. E eu aceitei. E até falava muito com os meus colegas. Eu tenho que atingir cota, porque o mês que eu não atingia cota, eu não conseguia pagar a faculdade. Então, no mês, eu tinha aquela competição que nós tínhamos, não entre nós, mas essa competição consigo mesmo. E eu pegava esse valor da cota, tinha que vender lá 12 mil reais por mês, 14 mil reais, dividia pelos dias e colocava. Nesse dia, eu tenho que vender tanto, só que quando chovia e o pagamento estava baixo, eu não conseguia vender. Então, em outros países eu precisava vender mais. E aí eu fazia até promessas. Houve dias que eu tinha que vender, por exemplo, se a minha média era 500 reais por dia, eu tinha que vender 3 mil reais para atingir a cota, e eu conseguia. Mas eu fazia até promessas. Falava assim, se eu atingir a cota, eu vou doar 3 cestas básicas. E aí eu atingi a cota. Parecia uma venda que eu conseguia fazer isso. Então, a minha faculdade, mas eu consegui pagar graças a essa cota. E aí, quando eu terminei a faculdade também, eu saí da perfumaria, porque eu tive algumas modificações, mudança de gerência, mas, na verdade, era um anseio pelo novo. A gente está terminando a faculdade, a gente quer novos desafios, sempre assim. Então, nesse período, eu deixei de ser vendedora. Lá na faculdade, uma moça, que o pai dela era dono de um curtume. E aí ela me chamou para trabalhar lá, era como recepcionista. E aí, no início, eu fiquei meio receosa, porque eu nunca tinha pedido demissão em nenhum emprego. Eu já estava nessa empresa cinco anos também. E aí ela me salvou. Então, eu terminei a faculdade, o meu baile de formatura foi em dezembro. Eu já pedi demissão na loja, trabalhei até o final de dezembro. Eles precisavam de mim. No dia 1º de janeiro, eu comecei o meu trabalho no curtume. Já tinha terminado a faculdade. Aí eu comecei a trabalhar no curtume. Se chamava Belafranca. Dos tempos da faculdade, eu tenho muitas lembranças boas. A gente tem grupo de WhatsApp de todas as turmas. Essa turma fica pegando no meu pé, porque sou eu que organizo a festa. E aí eu marco várias datas, eles não aparecem. Eu falo para eles: – a gente organiza a festa no Centro de memória da Industrial. Como é que vocês não vão organizar para a gente? Dá um espaço para ceder a faculdade para a gente fazer. Mas eu tenho problemas com relação aos alunos. Eles não acham datas, e lá no período da faculdade, foi muito bom, porque eu era da turma do fundão, sempre fui da turma do fundão. Essa questão, eu nunca fui muito estudiosa. Hoje em dia, eu me considero uma pessoa que se dedica, que busca, mas naquele período, nem tanto. Mas aconteceu um fator na faculdade. Por exemplo, quando nós chegamos no terceiro ano da faculdade, a economia exige muito da gente. E ela exige muito. Então, eu senti essa falta de estar estudando mais, de estar estudando além dos professores passavam. E aí lá, nós éramos três amigos que nós combinamos. No quarto e quinto ano, nós estudávamos aqui na minha casa. Terça, quarta e quinta, a gente estudava das 11h à 1h da manhã, das 11h às 2h da manhã. No outro dia, eu acordava às 7 e ia trabalhar.

**MLMC:** Isso em que ano?

**AHC:** 1998, 1999, 2000. Então, estudávamos na... Eu, Valmir e Claudinho. E aí, como eu te falei, eu era da forma de estudar, eu sou brincalhona. E aí, meu pai é um homem muito machista. Então, ele não gosta desse negócio de mulher conversar com o homem, de brincar, isso e aquilo. E eu trazia esses meninos para a gente estudar em casa. Então, a gente estudava na copa. Ele mesmo, com a porta fechada, ele reclamava com a minha mãe. Ele acordava, e ele falava assim: – como que eles estão estudando? Se toda hora que eu acordo, eles estão dando risada. Então, ele ficava bravo com isso. Mas, Maria Lucia, a gente trabalhava o dia inteiro, fazia a faculdade. Como é que a gente ia ficar ali concentrado, sem dar uma risadinha sempre?

**MLMC:** Não estou te ouvindo agora. Não sei o que aconteceu.

**AHC:** A gente chegava aqui. Eu pegava uma vasilha plástica e arreventava quase um saquinho, meio que um pipoca, um guaraná. E aí, a gente ia estudando e comendo essa pipoca, tomando esse guaraná, e rindo, e isso e aquilo. E isso aí, pelo menos para mim, me ajudou muito. Por quê? Nós fomos a primeira turma a fazer, acho que foi em 1999. Nós fomos fazer o provão, naquela época, o ENADE, que hoje é ENADE, se chamava provão. E aí, esse provão era algo bem complicado para nós. Então, o que nós fazíamos? Então, a gente estudava. Quando chegou o dia do provão, eu lembrava, primeiro, da piada, da besteira que nós falamos, do riso. Depois, eu lembrava do que eu tinha estudado. Até eu já ouvia essa questão, que a gente não pode estudar uma disciplina só por três horas. A gente tem que associar outras disciplinas. Você tem que sair, tomar um ar, e assim por diante. Então, na minha mente, primeiro, eu lembrava da besteira. Depois, eu lembrava do que era sério. E aí, aconteceu que, nesse provão, eu tirei a melhor nota da faculdade. Então, provão de Ciências Contábeis, de Administração e de Economia, eu tirei a melhor nota da faculdade. Então, isso até um amigo contou isso para mim há alguns anos aí, que ele contou para mim. Eu guardo esse provão comigo. Mas, ali, eu vi que, na prova, havia a prova de livre escolha e a prova dissertativa. Então, na prova dissertativa, eu tirei a nota máxima da instituição. Então, isso aí me ajudou muito. Me ajudou muito com os estudos que nós fazíamos durante o período. Então, você ter grupos de estudos, eu acho muito importante. A gente se fortalece. Então, é uma das peculiaridades da faculdade. Uma outra coisa que eu me lembro é que eu sempre tive muita dificuldade em matemática. Esse ano, eu pretendo me formar em matemática. Faço a Faculdade de Matemática à distância. E aí, a matemática sempre foi um desafio para mim. Eu fazia um colão, era uma folha de ofício em que eu colocava tudo o que eu precisava fazer para cada ano. No dia da prova, toda a matéria. Então, quais eram as variáveis. Se você tinha que fazer aquilo. Então, eu não ficava fazendo exercício. Porque eu acho que, se você não souber o que fazer, não adianta você fazer os exercícios vai ser erro e acerto, com esse tipo de coisa. Você não sabe como é que você chega lá. Então, é o

que hoje o pessoal chama de mapa mental. Então, eu fazia esse mapa mental aí. Por exemplo, essa disciplina era estatística. E aí, no dia de uma prova, um amigo chegou e falou assim para mim: – Cida, eu não estudei para a prova. Você me explica a matéria? Aí, eu fui ao estudo. Abri essa folha. Expliquei a folha para ele. E aí, falei para ele: – pode ficar com a folha. Eu já estudei, está tudo bem. Está tudo bem. Eu sei que ele falou: – Eu não fiz a prova. Eu fiz a prova. Ele tirou nota 9. E eu tirei 5. Então, eu falei: – Eu sou melhor para explicar do que para fazer. Então, mas a matemática me desafia.

**MLMC:** Cida, eu queria aproveitar. Já que nós estamos com 40 minutos de entrevista. E eu queria perguntar, então, eu estou percebendo que da faculdade você foi direto para a Paula Souza? Ou começou a lecionar?

**AHC:** Não. Eu terminei a faculdade. Teoricamente, a faculdade foi um banho de água fria. Por quê? Nessa formação de Economia, a gente não encontra muito emprego no interior. Eu teria que ir para São Paulo ou para Brasília. Mas aí, tinha essa questão, eu tenho a faculdade, mas eu não tenho experiência profissional na área. Nas empresas que eu trabalhava, eu fazia planejamento, eu fazia obras, mas não tinha essa experiência. Então, de quando eu formei, de 2000 até 2007, eu fiquei só trabalhando nessas empresas que eu trabalhei. Então, Paula Souza, ela veio para mim em dois períodos. Lá em 1985. Na década de 80, deve ter sido 1985, 1986, eu tinha uns 11, 12 anos, e eu fiz um curso lá de Mecanografia. Mas eu acho que eu parei desse curso. Eu não sei o que aconteceu, eu era criança. Eu fiz esse curso lá. Até preciso procurar documentos, se tem o meu nome. Mas eu me lembro que eu estudei lá o sábado, sábado a tarde, eu fazia esse curso. E aí, quando eu trabalhei, eu trabalhei seis anos, saí de lá, fui para uma exportadora. E essa exportadora demitiu todos nós, porque o negócio deles aqui no Brasil não tinha dado certo, demitiu todos nós. E aí nós ficamos assim, 28 funcionários. O que nós vamos fazer agora? Eu tinha terminado a faculdade, cursinho em português, muito pouca coisa nesse período. E aí nós falamos assim: – vamos prestar vestibulinho na Etec. Então, eu fui. Em 2007, no final de 2006, eu prestei o vestibulinho, eu passei no vestibulinho e me tornei aluna. Então, em 2008, até julho de 2009, eu fui aluna da Etec. E nessas aulas...

**MLMC:** De que curso?

**AHC:** O curso Técnico em Administração. Eu fiz o curso Técnico em Administração. E aí, um professor, que até hoje fala essa questão de evolução, a gente tem que pensar sempre em crescer, se espelhar em crescer. O professor Vanderlei Naves de Andrade, ele é diretor. Ele era professor na Etec nesse período. Ele foi para Serrana. E hoje ele é o atual diretor de Serrana. E aí o Vanderlei me dava aula. E eu fazia seminários, conversava em sala e tal. Já tinha formação em Economia. Aí o Vanderlei falava assim: – Cida, presta o concurso aqui, a gente está precisando de professor, você tem perfil. Vem Cida, presta o concurso aqui. A gente está pre-

cisando. E aí, eu até brinquei com os meninos. Se eu passar no concurso, eu faço uma galinhada para a turma. Estou devendo uma galinhada faz 10 anos. Também não tem jeito para a gente se encontrar. Aí, com essa turma, de 2008, de 2009, por volta de junho, alguma coisa assim, prestei o concurso. E entrei na Etec dia 27 de setembro. Eu entrei na Etec para trabalhar. Inclusive, dei aula para alguns que fizeram o curso comigo de administração e foram fazer curso de logística. Então, foi quando eu comecei a trabalhar na Etec. Eu trabalhava, até então, como fiz o curso técnico, depois fui em outra empresa. Fui trabalhar numa fábrica de sapatinhos. Aí, eu trabalhei de 2008 até 2011.

**AHC:** Em 2011, eu pedi demissão na fábrica de calçados para ficar só com a Etec. Então, em 2011, eu saí. E, também, a Etec tinha muitas aulas. E aí, eu tinha um problema assim. Na época, não tinha carro. Aí, eu chegava em casa quase meia-noite e tinha que preparar aula para o dia seguinte. Então, eu dormia das duas às seis da manhã. Trabalhava o dia todo na fábrica, e ia para a Etec dar aula. Então, eu sentia um cansaço tremendo. Eu fiz isso por dois anos. Mas, aí, eu pedi demissão e fiquei só na Etec. E aí, na Etec, quando chegou 2011, mais ao final de 2011, eu comecei a me sentir meio aqui, meio que inativa, olha, você só dá aula. O que você está fazendo? Até eu tinha uma carga muito forte. E aí, eu resolvi ingressar no mestrado em 2012. Até 2014, eu fiz mestrado em Desenvolvimento Regional na UNI-FACEF. E aí, em 2014, a minha relação com o Centro de Memória, quem trouxe essa relação para mim foi a professora Joana, porque ela era coordenadora de uma das extensões aqui da Etec. Então, ela me chamava a participar de uma coisa ou outra. O primeiro artigo que eu escrevi, porque eu já tinha uma habilidade por conta de mestrado, foi sobre a enfermagem, o curso de Enfermagem. Eu me lembro que eu fiquei pesquisando os arquivos, porque o que acontece? Às vezes, a gente não tem o mesmo horário. A gente não concilia. Falei para vocês nos estudos, mas, às vezes, a gente não consegue conciliar o mesmo horário. Eu, a professora Joana e a professora Mê. Às vezes, eu trabalho com uma, às vezes, eu trabalho com outra. E aí, eu comecei o Centro de Memória, conheci o trabalho do Centro de Memória, o trabalho de 2014.

**MLMC:** Deixa-me te perguntar uma coisinha, Cida. Nesse projeto que você trabalhou, nesse artigo da enfermagem, você tinha projeto já de HAE, não tinha? De enfermagem?

**AHC:** Não.

**MLMC:** Você identificou muitos objetos na escola?

**AHC:** Eu identifiquei.

**MLMC:** No Centro de Memória tem bastante objetos da enfermagem?

**AHC:** Tem. Tem muitos objetos. Inclusive, eu estou com um cuidado tremendo com relação a esse arquivo aqui, porque quando você começou aquelas

fichas de identificação de objetos, eu comecei essas fichas de identificação de objetos, aí eu tenho uma dificuldade de procurar a história do objeto. Então, eu medi esses objetos, eu desenhei, fotografei esses objetos. Então, eu tenho uma planilha que tem 40 objetos de enfermagem, entre seringas, aparelho de aferir pressão, só que aparelhos muito antigos, que tinham peças de couro, borracha, alguma coisa que se perdeu. Eu fotografei também alguns objetos, eu fiquei em dúvida se eles eram da Enfermagem ou de Química, então algumas peças de laboratório. Mas tem muitos livros da enfermagem, tem posteres, como, por exemplo, a parte cerebral, a parte de músculos. Então, nós temos esses posteres. Fotos eu não identifiquei, mas tem muitas fotos da enfermagem. Recentemente, elas deram para a gente uma caixa cheia de seringas, aquelas seringas que são reutilizáveis. Você as esteriliza e utiliza elas novamente. Um aparelhinho para fazer testes para ver se a pessoa está com infecção de urina. Então, a enfermagem, ela tem sim.

**MLMC:** Eu acho que na escola de vocês era até produzido aquele símbolo da enfermagem metálica, não era?

**AHC:** Sim, nós temos lá a lamparina, do curso de enfermagem.

**MLMC:** Lamparina, isso mesmo.

**AHC:** Lamparina. Ela foi confeccionada pelos alunos da fundição. O curso de enfermagem, ele iniciou em 1974. Então, tem essa lamparina. Inclusive, a professora Mê (Maria Medianeira Nouer Acchutt Monteiro), quando fez um estudo sobre a função, tem um banner lá no Centro de Memória que fala da lamparina, da história, da Florence Nightingale. Então, tem todo esse contexto. Tem um outro fator, o Maria Lucia tem um suporte para soro que os alunos fizeram para o curso de enfermagem. Fica lá muito pesado. Ele deve pesar quase uns 13 ou 14 quilos. Eu pesei também esse objeto.

**MLMC:** E de que ano é isso?

**AHC:** Ah, não pergunto. Vou ter que conversar com alguém lá.

**MLMC:** Não, só curiosidade.

**AHC:** Ele é muito antigo. Porque é interessante, que havia lá o curso de fundição. Então, o que elas precisavam, a fundição fazia. Então, o curso de Fundição, ele ajudou muito nesse sentido. O curso de Marcenaria também. Tanto que no laboratório de enfermagem, longe do Centro de Memória, uma professora me chamou lá há algum tempo. Eu até tirei algumas fotos de um armário que foi feito para guardar os objetos de uso deles no curso de enfermagem. Então, tem gaveta para guardar para gases, para várias coisas. E esse objeto foi feito lá na escola. Foi feito no curso de marcenaria.

**MLMC:** E esse armário está no Centro de Memória?

**AHC:** Não. Esse armário, elas usam. Ele fica no laboratório de enfermagem. Ah. Então, tem muitas coisas, muitas curiosidades. Então, o meu foco de pesquisa foi sobre o curso de enfermagem. Mas quando a gente fala do Centro de Memória, a Etec que tem 96 anos, tem muita história lá para ser trabalhada. Tem muito documento para ser trabalhado. E, realmente, nós precisamos realmente muito tempo para trabalhar lá. E esse trabalho voluntário para os alunos. A Jô me mostra as fotos de quando começou. E eu participo desse processo de agora, de 2014 para cá. Eu participo das reuniões. Escrevo artigos. Mas, assim, eu sinto que o Centro de Memória ainda tem muita coisa a ser descoberta, muita coisa a ser explorada. As pessoas, às vezes, nos procuram de um tempo para cá, eu escrevi alguns artigos sobre a enfermagem, mas eu parti também para a eletrotécnica, que é um curso que começou em 1971. Bem interessante. Até porque esses alunos nos procuraram. Eles têm um grupo de mais de 100 alunos. Nós fazemos os encontros de memória.



*Aparecida Helena Costa apresentando trabalho em Encontro de Memórias  
no Centro de Capacitação do Centro Paula Souza, em 2019.*

*Fonte: Arquivo pessoal de Aparecida Helena Costa, em 2025.*

**MLMC:** E tem muitos objetos desse curso no Centro de Memória?

**AHC:** Esse curso, no ano passado, eu levei um professor da área e ele me descreveu alguns objetos que tem lá. Então, assim, são objetos maiores. Então, tem uns 5 ou 6 objetos lá. Até porque os meninos, os meninos têm 60 anos, estão aposentados. Eles vão lá na escola no Centro de Memória e quando eles chegam

no laboratório de eletrotécnica, eles falam assim: – nossa, não mudou nada, está tudo igual. Então, esses objetos estão lá.

**MLMC:** Eles estão na escola, no laboratório ou estão no Centro de Memória?

**AHC:** Estão em uso. Então, assim, eles têm painéis novos, mas eles têm algumas coisas são daquele período. Então, o layout não mudou, igual eles falam, que não mudou nada, é justamente porque eles estudaram lá na década de 70 e eles ainda veem esses objetos lá. Até para nós, o que acontece? Nós temos, nós fazemos uma boa apresentação do Centro de Memória, todos os professores sabem a importância do Centro de Memória, tanto que quando eu levo esses professores lá, por exemplo, o professor Luiz Mozart Carreira, o professor Hérbet Ferreira do Espírito Santo, eles chegam lá no Centro de Memória e eles começam a relembrar o tempo que eles eram alunos. Na década de 70, eles foram alunos. Então, toda vez que tem algum objeto no laboratório deles que eles não vão utilizar, eles concedem para a gente. Então, há um ou dois anos, por exemplo, eles levaram para a gente uma balança de precisão. Ela foi colocada lá no Centro de Memória. Então, eles levam esses objetos que estão lá, que não estão mais em uso. Mas tem muita coisa que está desde o início do curso, eles estão lá e eles estão utilizando. Eles estão usando. Então, assim, com relação ao Centro de Memória, é um trabalho imenso, é algo que eu gosto muito de fazer. Mas a gente precisa trabalhar essa questão do tempo. Por quê? Eu procuro sempre deixar o Centro de Memória ficar aberto. A gente o usa em processos com a escola, por exemplo, tem a Semana do Folclore. Então, nós usamos o Centro de Memória para fazer exposição de objetos folclóricos. Então, os alunos vão lá no Centro de Memória. Os alunos, quando ingressam na escola, eles fazem uma apresentação da escola e fazem a apresentação no Centro de Memória. Então, nós procuramos trabalhar esse aspecto da memória da escola. Por quê? O aluno leva esse objeto. Na cidade a escola tem uma aceitação muito grande, um nível de aprovação muito grande dos nossos alunos, em função do que a escola vem promovendo ao longo do tempo. Então, a escola tem um peso muito grande. No passado, ela teve um peso maior. Hoje, tem muito mais, mesmo que nós sejamos curso técnico, existe uma competição entre a faculdade e o curso técnico. Mas nós trabalhamos por justiça. Mesmo assim, nós temos um ponto, uma aceitação muito grande sobre a escola.

**MLMC:** Então, para o ano que vem, Cida, eu estou pensando, eu e a Júlia estamos conversando, nós temos que propor, nesse ano, projetos para o ano que vem, e nós estamos pensando em focar no Museu Virtual. Eu estou até fazendo um piloto, mas como eu sei que você está muito afobada, eu ia até te convidar, mas agora eu estou, depois vamos conversar sobre isso. Mas, para o ano que vem, vamos focar os projetos para o Museu Virtual. Porque a gente já tem muito material. Então, a gente tem que, agora, parar, não trazer mais, mas dar uma parada para poder disponibilizar para os pesquisadores. Porque ao disponibilizar o Mu-

seu Virtual, quando, por exemplo, você quer conhecer a história de objeto, esse objeto pode ter em uma outra Etec. E você pode dialogar com a história daquele objeto de lá. Então, a gente vai conseguir identificar fabricantes, uma série de coisas, né?

**AHC:** Isso é bom. Isso é bom. Mas podemos conversar, sim. Nós podemos conversar, sim. Eu gosto muito desse trabalho da Etec. Nós precisamos de... Eu falo de mais professores, eu chamo os professores lá para a gente escrever artigos juntos e assim por diante. Houve um período que até alguns professores, como eu tenho projeto na biblioteca, eles me procuraram na biblioteca para que a gente pudesse desenvolver alguns projetos, escrever alguns artigos. Tem muitas áreas a serem exploradas lá na Etec. Eu os convidei, né? Quando nós fizemos eu acho que os 90 anos... É, seis anos atrás, olha só. Assim que eu entrei no centro de memória, foi colocada uma placa na frente da escola. Aliás, essa placa dos 80 e a placa dos 90 anos. Todo mundo passava, ninguém nem dava bola para essa placa. E aí a gente falou nossa, nós temos 90 anos, essa placa aí, vamos fazer o quê? Pronto, vamos cobrir a placa. Foi, vamos cobrir a placa e a gente marca um dia para descerrar a placa. E aí a professora Joana, a diretora do período gostaram, então comprei um cetim vermelho e nós colocamos lá. E aí nesse dia de descerrar a placa nós chamamos o aluno, foi aluno da Etec, ele tem uma empresa de fundição, ele fez a placa e doou para a gente. E aí nesse dia nós chamamos os alunos à noite, cantamos o Hino Nacional, tocamos as músicas da banda, foi muito emocionante.

**MLMC:** Você sabe que vai sair no livro, no livro que eu estou trabalhando agora, que o Centro Paula Souza vai publicar, que teve licitação e tudo, vai sair o artigo da Joana, que tem uma fotografia dessa inauguração. reinauguração.

**AHC:** Então, e aí nesse dia eu falei para eles, gente, vamos escrever um livro para os 100 anos. Então nós vamos fazer 100 anos daqui a quatro anos, agora três e meio. E aí eu gostaria que a gente escrevesse um livro a respeito. E chamei os professores para a gente participar. Então, nas nossas reuniões pedagógicas, nós conversamos sobre isso. E nós precisamos realmente trabalhar isso de pouco a pouco tempo, né, para chegar nesses 100 anos.

**MLMC:** Vamos ver se a gente faz os catálogos, porque vocês têm mais de 300 objetos no Centro de Memória. Então, vamos ver se a gente faz os catálogos por área, não sei, vamos conversar sobre isso, até esses 100 anos a gente já ter tudo isso publicado, para salvaguardar esses objetos que são importantes, né, da ciência e tecnologia para a história.

**AHC:** Interessante, Maria Lucia, nós podemos, de repente, fazer esses catálogos com os professores da área. Nós podemos nos dividir, eu e a Mê, que tem a parte de gestão, de indústria, de saúde e tal, e a gente pegar, separar essas áreas e trabalhar com os professores. E aí fica uma obra também com eles.



*Maria Medianeira, Joana Borini e Aparecida H. Costa no Centro de Memória da escola, s/d.  
Fonte: Arquivo pessoal de Aparecida Helena Costa, em 2025.*

**MLMC:** Sim, sim. Dá uma pensada a respeito disso. Vamos pensar nisso.

**AHC:** Então, assim, esse trabalho do Centro de Memória, eu pesquisei há algum tempo, que ele é fomentador da cultura organizacional, é algo que a gente tem que trazer nas nossas apresentações. Então, os alunos, quando eu desenvolvo projetos e eu abro o Centro de Memória, sempre que aparece alguém lá, eu conto a história, a história dos projetos. Às vezes a gente vê os olhos dos alunos brilharem, tanto que nós temos... Eles se oferecem para ser voluntários, depois a gente precisa acertar a questão de horário. Mas eles se interessam muito pela história. É algo que nós precisamos trabalhar na nossa cultura. Não é só algo da escola, mas a nossa cultura da região de Franca, a nossa cultura do Estado de São Paulo, do Brasil, e assim por diante. Quando a gente olha esse aspecto da história, da multimídia, nós brasileiros precisamos nos empenhar mais. Eu acho que a escola é um caminho para a gente traçar isso. Então, é algo que nós precisamos ter em mente. Está sempre trabalhando isso. Até porque dentro desse espaço que a gente trabalha, nós fazemos muitas pesquisas, escrevemos artigos, e isso é uma forma de impulsionar o aluno a entrar num grupo científico na faculdade quando ele estiver estudando e assim por diante, para que a gente possa ter mais pessoas pesquisadoras que estudem, que busquem contextos e assim por diante. Principalmente da história oral, que é o que nós estamos conversando agora.

**MLMC:** Cida, olha, nós estamos quase uma hora conversando. Eu adoraria continuar essa entrevista com você, mas em função do tempo que nós levamos para transcrever, eu acho que vou ter que fazer uma outra entrevista depois com você.

**AHC:** Está certo.

**MLMC:** Essa daqui eu vou transcrevê-la, mandar os termos de autorização, como você sabe, é um processo colaborativo, e daí assim que transcrever a entrevista vou lhe passar o texto, e assim vamos trabalhando juntas para poder publicar no nosso site de memórias. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, hoje que é dia 27 de agosto de 2020, agradeço muito você ter concedido essa entrevista para nós do Centro Paula Souza. E, como você é do GEPEMHEP, nós vamos ter oportunidade de nos encontrarmos muitas outras vezes, eu vou encerrar a entrevista agora.

**AHC:** Muito bem, só meu agradecimento aqui antes de você terminar. A Etec tem sido um divisor de águas na minha vida, o fato de eu ter feito mestrado e adentrado nesse grupo, se eu conseguisse continuar a produzir, eu gosto muito de estudar a educação profissional, porque a nossa profissão, praticamente quanto ao aspecto virtual. Eu quero muito agradecer e eu gosto muito de participar e precisando eu estou à disposição. Obrigada.

**MLMC:** Obrigada.

# 7.

## JULIA NAOMI KANAZAWA

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Cônego José Bento, em Jacareí



A professora Júlia Naomi Kanazawa é Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (2023), Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (2008) e Licenciada em História pela Universidade Estadual Paulista (1990). No Centro Paula Souza é docente da Etec Cônego José Bento, desde 1995, e Professora Coordenadora de Projetos no Centro de Capacitações, desde 2020. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GE-PEMHEP) do Centro Paula Souza. Tem experiência na área da Educação, com ênfase em ensino-aprendizagem. Atua como pesquisadora nos seguintes temas: história e memória da educação profissional, cultura material escolar e imigração japonesa.



*Centro de Memória da Etec Cônego José Bento  
Fotografia: Júlia Naomi Kanazawa, em 8/04/2024*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, professora Júlia Naomi Kanazawa, hoje, que é dia 3 de agosto de 2020, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para o nosso programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, principalmente, porque a professora trabalha há muitos anos no Centro Paula Souza, e praticamente quase iniciou no projeto de Historiografia das escolas técnicas mais antigas do estado de São Paulo. Então, eu gostaria de pedir para você se poderia contar um pouco da sua história de vida, onde você estudou, onde você nasceu, como é que você chegou no Centro Paula Souza, por quais motivos escolheu a sua profissão (risos), e depois, enfatizasse esse período que você tem trabalhado brilhantemente no Centro de Memória da Etec Cônego José Bento, em Jacareí.

**Julia Naomi Kanazawa (JNK):** Bom dia, Maria Lucia. Obrigada por essa oportunidade. Será um prazer conceder essa entrevista. Meu nome é Julia Naomi Kanazawa. Eu sou filha de descendentes de imigrantes japoneses. Eu chamaria de nisei. Então, meus pais vieram do Japão, em diferentes momentos da imigração para o Brasil. Meu pai veio de Fukushima num processo de imigração conhecido como Cotia Seinen. Esse processo de imigração foi feito entre a cooperativa agrícola do Brasil com o governo japonês para que jovens solteiros do Japão viessem para o Brasil trabalhar nas propriedades das famílias japonesas, que eram cooperadas aqui no Brasil. Porque os filhos dos japoneses agricultores aqui no Brasil já não queriam seguir a carreira do pai. Então, faltaria... Estava faltando mão de

obra nessas propriedades. Daí, a solução alternativa buscada foi fazer um acordo com a cooperativa daqui. Fazer um acordo com o governo japonês e de trazer esses jovens solteiros. Então, de 1955 a 1959, esse processo que ficou conhecido como Cotia Seinen foi aplicado no Brasil. Meu pai veio em 1956. Falava-se em jovens solteiros, mas teve jovem que já veio casado aqui no Brasil. Mas em sua maioria eram solteiros. E meu pai, ele ficou com uma família de agricultores lá em Itaquera.

**JNK:** Então, por esse acordo, esses jovens teriam que ficar quatro anos na propriedade dessa família. E a partir daí, ele poderia adquirir seu próprio terreno e prosseguir a sua atividade. Quando completou três anos nessa propriedade familiar, ele pediu autorização para o senhor para ele poder estudar lá na Escola Profissional de Espírito Santo do Pinhal. Então, ele foi autorizado e ele fez dois anos de mestria na Escola Profissional de Pinhal. Depois, ele veio para Jacareí, num bairro conhecido como Santana, juntamente com outros jovens na época, e adquiriram propriedades nesse bairro. E daí ele começou a praticar agricultura.

**JNK:** A minha mãe já veio num outro processo de migração conhecido como JAMIC (Japan Migration and Colonization) que é uma companhia de colonização japonesa, que adquiriu terras vizinhas ao bairro onde meu pai tinha se instalado, em que o governo comprou terras e loteou para os imigrantes, tanto os que vieram do Japão como aqueles que já estavam radicados aqui em Jacareí. Então, ela chegou em 1961, juntamente com a sua família, e, também... Na verdade, eles se dedicaram à criação de aves, primeiramente. Depois, também se dedicaram à plantação de frutas. E aí, meus pais se conheceram, casaram-se e foram morar num bairro vizinho, conhecido como Takamori. E iniciaram a plantação de flores.

**JNK:** Bom, então a minha vida está relacionada à prática também da agricultura por meio dos meus pais.

**MLMC:** Que ano eles se casaram?

**JNK:** Então (risos), na verdade Maria Lucia, eu fui gerada antes do casamento oficial. Mas foi em 62, eles se casaram... 62... É isso mesmo, acho que em 62 eles se casaram. Eu nasci em julho de 63. Então, daí eles foram morar. Eu já tinha nascido. E adquiriram uma propriedade perto de onde eles moravam, que era Takamori. E lá eles começaram também a produzir flores, inicialmente. E a partir daí, seguimos a vida familiar até a década de 80. Eles se dedicaram à atividade agrícola. Depois meu pai faleceu e daí minha mãe voltou para o Japão. Ficou bastante tempo lá e depois retornou ao Brasil novamente. Hoje ela vive em São José dos Campos com a minha irmã e meu cunhado. Está com 76 anos. Bom, meu pai também quando veio para o Brasil, quando ele morava no bairro Santana, ele ensinou a língua portuguesa para os imigrantes que moravam na região. Minha mãe já tinha terminado o ensino médio no Japão e daí ela também se dedicou à agricultura aqui em Jacareí.

**MLMC:** E como é que você estudou?

**JNK:** Ah, sim, é verdade. Eu estudei de primeira à quarta série numa escola rural no bairro Parateí, que é onde meus pais constituíram a propriedade e tudo. E era uma escola mista, chamava Escola Mista Rural do Parateí do Meio. Hoje é uma escola da Secretaria de Educação, chamada Laura Gomes. Mas eu fiz de primeira à quarta série nesta instituição. Mas eu já morava no bairro que meu pai tinha adquirido a propriedade, que era Takamori. Então nós andávamos em torno de dois quilômetros à beira da linha do trem para chegar na escola e estudar. E do sexto ao terceiro ensino médio, nós tivemos que deslocar para a cidade e estudar numa instituição, que muitos dos que moravam na zona rural estudaram, que é a Escola Estadual Dr. Francisco Gomes da Silva Prado, que é uma escola que eu estudei durante toda a minha vida, até a terceira série do ensino médio e voltei para dar aulas. Eu me efetivei lá também como professora de História.

**MLMC:** E foi lá que você se aposentou também, não?

**JNK:** Também, na Secretaria de Educação, sim. Na Secretaria de Educação eu me aposentei por lá. Mas até chegar a me efetivar nesta escola, eu já dei aulas em outras escolas também. Mas na época da efetivação, no concurso que eu passei, eu escolhi essa escola para dar aulas (risos).

**MLMC:** E que disciplinas você sempre deu?

**JNK:** História. A minha licenciatura foi em História. E eu estudei na Universidade Estadual Paulista, lá no campus de Assis. Não dei aulas de outras disciplinas, digo, Geografia, por exemplo, porque a minha carga horária não contemplava, naquele momento. O direito de dar aulas em Geografia. Mas sempre foi em História (risos).

**MLMC:** E você estudou de que período? Você fez a faculdade?

**JNK:** A faculdade foi em 80... terminei no final... eu terminei em 89 a faculdade. Então, passei quatro anos em Assis, embora nesse meio tempo... eu vim para a Unicamp e estudei seis meses. Depois eu voltei para lá para concluir o meu curso. E na época que eu era estudante, eu realizei um projeto de pesquisa pela FAPESP, de Iniciação Científica, sobre a Folia de Reis e a Festa do Divino Espírito Santo no Vale do Paranapanema. Um estudo mais antropológico, e, também fiz estágio no Museu da Prefeitura Municipal de Assis.

**MLMC:** E esse trabalho de Iniciação Científica era com algum professor específico da escola? Como era? Como funcionava?

**JNK:** Sim, era com orientador. Era a professora Célia Penço, que dava aula de antropologia na universidade. Mas fui coorientada por uma professora de História Medieval, a professora Maria Guadalupe Sanches. E, também com a ajuda de outros professores, mas oficialmente era a professora Célia Penço.

**MLMC:** E isso foi mais ou menos em que período?

**JNK:** Foi na década de 80 mesmo que eu fiz, 86. Em torno de 86 mesmo, 86, 87 foi. É, 86. Então, nessa pesquisa de iniciação, nós participamos de in loco das festas, tanto da Festa de Folia de Reis, como do Divino Espírito Santo, que era bastante... promovida. Eram festas locais, bastante frequentadas, praticadas, enfim.

**MLMC:** Até hoje, ainda assim, essas festas existem.

**JNK:** Até hoje existem aqui em Jacareí, por exemplo, tem bairros que promovem a Folia de Reis, especialmente.

**MLMC:** O que é muito bom, não é?

**JNK:** É, o que é muito bom. Bom, Maria Lucia, você me questionou por que eu fui fazer História. É, sempre a gente tem uma referência. Eu tinha um professor de História, o professor José Simplício, que já naquela época ele tinha uma estratégia diferente de dar aulas, que não só em livros didáticos. Ele usava livros didáticos, mas a forma como ele conduzia a aula, de participação dialógica, tudo, é que me fez assim encantar pela História, de tentar compreender melhor a realidade, a sociedade que a gente vivia. Embora ele não tivesse muita paciência com a gente, eu percebia isso, mas ele tinha uma... Embora eu tivesse também professores de História, já naquela linha mais tradicional, positivista, que também foram igualmente competentes.

**JNK:** O professor Simplício, penso que ele não tinha muita essa paciência, porque ele já dava aula na universidade, e a gente era bem assim, na idade, ainda sexto, sétimo ano, que brincava um pouco na sala de aula.

**MLMC:** Você quer dizer que no ginásio você já começou a se interessar por História?

**JNK:** É, na verdade, eu tinha fascínio pela História do Egito antigo, da forma como o professor passava... passava as aulas dele, né? Então era bastante assim, interativa a aula dele, ele fazia a gente participar, participar dos fatos. (risos) Então eu já gostava bastante de História, mas também gostava de outras disciplinas, viu, Maria Lucia? Não vou... não vou dizer que eu não... gostava demais ou menos de outras matérias, gostava de Matemática também (risos). Pode ser que a Física e Química tivesse mais dificuldades, mas eu sempre gostei de todas as disciplinas. Então a minha trajetória, assim como dos meus colegas descendentes de japoneses, foi nessa escola, que formou a geração de descendentes japoneses. É uma referência para todos nós.

**MLMC:** E quando você ingressou na... você ingressou primeiro na Secretaria da Educação, depois foi para a Paula Souza, como foi esse processo?

**JNK:** Ah, sim! Eu ingressei em 91 na Secretaria da Educação, como ACT, não era na condição ainda de efetiva, e sempre estava prestando atenção nos concursos, né? Então, quando eu comecei a dar aula, falei assim: – ah, um dia eu quero

dar aula aqui na Escola Silva Prado, uma escola que eu formei. Da mesma forma, quando eu passava em frente à Escola Agrícola, falava: – ah, um dia eu quero dar aula aqui. Daí apareceu o concurso, que foi em 94, foi um concurso estadual, não era um concurso local. Então foi o primeiro concurso que o Centro Paula Souza abriu para o ingresso dos professores na rede. Na rede Paula Souza. Aí eu prestei, iniciei até com duas aulas, porque só tinham quatro, mas eu só podia assumir com duas aulas, porque as outras aulas estavam ainda com uma professora que estava terminando o contrato, né? Aí, na verdade, na época, eu tinha empatado com o professor, mas o que me desempatou foi a minha experiência no segundo grau, que eu já tinha pela Secretaria da Educação. E assim estou, este ano, há 25 anos no Centro Paula Souza.

**MLMC:** Quer dizer, você ingressou já num período histórico.

**JNK:** Sim, sim (risos).

**MLMC:** Essa mudança de virem as escolas técnicas da Secretaria da Educação para a Secretaria da Ciência e Tecnologia, né?

**JNK:** Sim, é porque daí foi aberto o concurso, né, Maria Lucia. Então, na época eu estava prestando atenção nos concursos e tal, e prestei não só do Centro Paula Souza, mas também das prefeituras, enfim. Aí, como fui chamada e classificada em primeiro lugar, acabei escolhendo também na Secretaria da Ciência e Tecnologia na época, né? Sim.

**MLMC:** Então, você ficou quanto tempo só com duas aulas, e depois quantas aulas você passou a ter?

**JNK:** Ah, sim, sempre foram poucas, Maria Lucia. No ano seguinte, quando terminou o contrato da professora, aí eu já assumi as quatro aulas. Durante muito tempo, quando a escola só ofertou ensino Técnico Agropecuário, eu fiquei em torno dessas quatro aulas. Aí, quando na década de 90 se ampliou os cursos de Administração, Florestas, eu dei aulas à noite também, mas daí já comecei a dar aulas também no período noturno. Mas sempre em torno de dez aulas, de quatro a dez aulas. Hoje, que com a expansão, eu já tenho mais aulas (risos). E, ao mesmo tempo, eu acumulava cargo na Secretaria da Educação.

**MLMC:** E no Centro de Memória, como é que foi o seu ingresso?

**JNK:** Ah, então, na verdade, não necessariamente no Centro de Memória, mas no trabalho com a História e Memória da Instituição Escolar, eu já tinha Hae (horas atividades específicas) com a professora Júlia Falivene. Então, em 97, eu já tinha proposto um projeto Hae para ela. Ela era coordenadora, né?

**MLMC:** Exatamente, desse projeto de Historiografia mesmo, nessa época.

**JNK:** Sim, mas inicialmente eu entrei com uma solicitação de Hae a parte, antes de ingressar no projeto Historiografia. Isso se deu em 98, né, se não me engano.

**JNK:** É isso. Então, em 97, eu tinha o projeto que se chamava História da Nossa Escola, quando já fui levantando algumas fontes e trabalhar com pesquisa para recuperar a história da escola.

**MLMC:** Porque a Júlia (Júlia Falivene Alves), a Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes), ela fez esse convite para o Centro Paula Souza, de ter acesso aos arquivos escolares, em 96, junto com uma orientanda dela.

**JNK:** Sim, sim.

**MLMC:** Uma publicista.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** Daí, em 97, a Júlia já começou um trabalho com várias escolas.

**JNK:** Sim, mas não foi nesse primeiro momento que eu ingressei, né; no projeto de Historiografia. Nossa escola ingressou...

**MLMC:** Entendi.

**JNK:** Ela convidou, acho que, quatro escolas, primeiramente, né?

**MLMC:** Exatamente, isso. Em 97, tinham mais escolas, mas depois a FAPESP só aprovou para quatro escolas.

**JNK:** Sim, sim.

**MLMC:** Para começar o projeto.

**JNK:** É, então, na verdade, eu já tinha um projeto individual. Daí, então, veio o convite para estar participando desse projeto de Historiografia, mais tarde.

**MLMC:** E como é que foi o ingresso? Que ano foi e o que aconteceu quando você ingressou?

**JNK:** No projeto de Historiografia?

**MLMC:** No de Historiografia, porque o centro de memória não tinha, então.

**MLMC:** Só foi quando você ingressou?

**JNK:** Sim, só quando ingressou, porque uma das metas desse projeto era mesmo criar centros de memória nas escolas participantes, né? Isso. Organizar, então...

**JNK:** E nem tínhamos pensado que o centro de memória fosse na antiga casa do diretor, porque lá ainda estava sendo ocupada pela Oficina Pedagógica de Jacaréi, da Secretaria de Educação. Eles não tinham ainda saído do prédio. Então, a nossa proposta inicial era de instalar o centro de memória debaixo ali de onde funciona... Lá no prédio administrativo, naquela parte debaixo da secretaria, da diretoria. Inclusive, o professor Oswaldo, numa ocasião, foi fazer uma vistoria do

local, tudo, e ele, na época, tinha comentado que ali não seria um local adequado por conta da umidade, enfim, da estrutura. Mas foi lá, numa pequena sala, que nós começamos a organizar os documentos e higienizar.



*Prédio da administração onde iniciaram a higienização de documentos da cultura escolar, em 2000.*

*Fotografia: Arquivo pessoal Júlia Naomi Kanazawa, em 2025.*

**MLMC:** Qual o professor Oswaldo? O Giorgi?

**JNK:** Não, o de Sorocaba. Você está lembrada dele, que era arquiteto?

**MLMC:** Ah sim, estou lembrada, da Fernando Prestes (Oswaldo Luiz Casconi).

**JNK:** Isso, na época ele estava assessorando o projeto também no sentido de...

**MLMC:** Identificar os lugares, porque ele é arquiteto.

**JNK:** Isso, os lugares, digamos, ideais para se organizar o centro de memória. Na época, o que a gente tinha para apresentar era esse espaço. Mas nós começamos lá a organizar...

**MLMC:** Onde ficava exatamente esse espaço?

**JNK:** Debaixo do... É no prédio administrativo.

**MLMC:** A onde fica a sala da direção?

**JNK:** Isso, mas na parte de baixo, onde hoje você tem a sala da APM, a cozinha dos funcionários e professores. Bom, mas lá, anteriormente, no começo da escola, também funcionou os dormitórios para os alunos. Então, numa dessas partes,

nós iniciamos a organização do nosso centro de memória. A conquista do espaço lá da Secretaria... Quer dizer, da Oficina Pedagógica, foi possível porque a professora Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes), a Júlia (Júlia Falivene Alves), a diretora nossa, na época, a Nády (Nády Moscoso Cicarelli), e nós, professores, nos empenhamos para solicitar o local para poder criar o nosso... Criar não, para a gente instalar o nosso centro de memória, que está até hoje.

**MLMC:** O que é fantástico.

**JNK:** Sim, nós temos problemas, já tivemos vários problemas também, inclusive de ... chuvas, que não tinha um telhado adequado, mas agora a gente já não tem tantos problemas, porque foi reformado o telhado, enfim.

**MLMC:** Mas hoje tem um espaço com várias salas que você pode distribuir, por isso que eu falo do fantástico, não têm tantos problemas.



*A diretora Nády Moscoso Cicarelli e Edmilson José Tavares Pimentel inaugurando o Centro de Memória da Etec Cônego José Bento, em 20 de dezembro de 2000.*

*Fotografia: Arquivo pessoal Júlia Naomi Kanazawa, em 2025.*

**JNK:** É verdade, problemas estruturais, porque a construção tem muita madeira, foi feito um processo de descupinização também na época, com a verba da FAPESP foi possível fazer isso, porque lá o cupim é de solo. Mas enfim, com certeza nós temos um espaço privilegiado né Maria Lucia (risos) ... Então é uma casa, tem os seus cômodos que a gente pode dispor de uma forma mais adequada o acervo, mas eu ainda acho que para nós o espaço já está ficando pequeno o espaço, a gente teve que ampliar, por exemplo, para a gente abrigar os equipamentos, as ferramentas, nós tivemos que fazer isso em outro espaço, o “Espaço Memória” que é onde funcionou a escola primária também dentro da escola profissional.

**MLMC:** Júlia, com essa entrevista hoje, eu imagino o orgulho que a sua mãe tem, os seus pais tinham, de você ter frequentado uma escola agrícola e depois estar trabalhando em uma escola agrícola. Agora eu consigo entender as pinturas da sua mãe da escola, porque deve ter de um valor aí relacionado com pertencimento muito interessante.

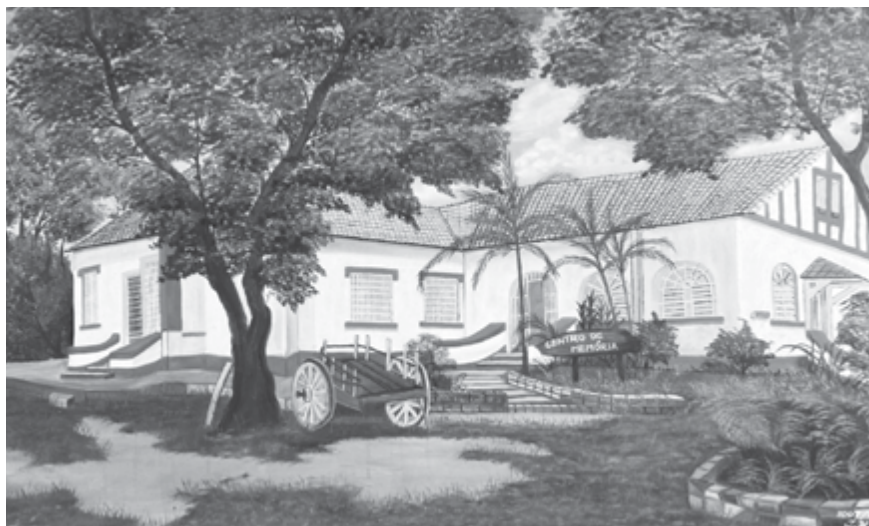
**JNK:** Na verdade Maria Lucia, eu acabei encontrando uma fotografia porque meus pais participavam das feiras agrícolas aqui na Etec (mostra a fotografia durante entrevista audiovisual). Então encontrei uma foto com os meus pais aqui no jardim de 69.

**MLMC:** Olha, essa fotografia vai para algum arquivo histórico (risos).

**JNK:** Aí, eu lembro Maria Lúcia que eu adorava andar de chinelos, e eu vim de chinelo, olha eu aqui (mostra na fotografia) não importava a roupa que eu estava (risos), olha eu aqui de chinelo. Até hoje eu adoro andar de chinelo. Então toda arrumada, o chinelo para mim era, era um calçado de saída também (risos).



*Com meus pais, Choju Kanazawa e Teruyo Kanazawa, no jardim do Ginásio Agrícola Estadual/Colégio Técnico Agrícola Estadual Cônego José Bento, em 1969.  
Fotografia: Arquivo pessoal Júlia Naomi Kanazawa, em 2025.*



*Centro de Memória Etec Cônego José Bento, pintado pela sra. Teruyo Kanazawa, em 2007.  
Fotografia: Arquivo pessoal Júlia Naomi Kanazawa, em 2025.*

**MLMC:** Muito interessante.

**JNK:** Então, eu tenho uma aluna da escola agora, que vai fazer um trabalho de conclusão sobre o jardim da escola. Então, eu falei que vou fornecer esse material para ela fazer o estudo dela sobre o jardim da escola.

**MLMC:** Aí que bom, que bom.

**JNK:** Além de outras fotografias, é claro. Mas, Maria Lucia, a escola que eu estudei de primeira à quarta série eram aquelas escolas rurais que existiam na época, dos vários municípios do estado de São Paulo, e que foram criadas para estar atendendo essa população rural que não dava para se deslocar.

**MLMC:** Julia tem algumas práticas que você desenvolve com os estudantes, que eu sempre admiro muito, desde quando te conheço. Eu queria que você falasse um pouco como é que surgiu essa ideia de trabalhar com os estudantes e como é que você vai ampliando e como você vai construindo isso, porque dá para perceber que é um trabalho contínuo, está dentro de uma linha de pesquisa, e que hoje eu fiquei sabendo que desde o colégio você trabalhava com iniciação científica e isso dá para compreender melhor toda a sua trajetória.

**JNK:** Então Maria Lucia, eu gostaria de destacar que: – meus pais sempre deram um valor muito grande para o estudo, e eles sempre valorizaram a formação acadêmica dos filhos e me lembro como meu pai já tinha dado aulas de português para os imigrantes daqui. Eu lembro que tanto ele como a minha mãe, eles estimulavam sempre e acompanhavam as nossas tarefas, faziam com a gente do lado

da mesa. Então eu tenho bastante essa lembrança da valorização do estudo para eles. De seguir carreira depois, nas universidades, enfim. Agora essa prática de envolver alunos, eu já na Secretaria da Educação, eu e meu marido, que também já deu aulas de História, a gente já desenvolvia trabalhos com os alunos de pesquisa, de pesquisa histórica com os alunos. É claro, dentro das condições dos alunos de ensino médio, então nós, a prática historiadora que a gente sempre defende não é formar historiadores, mas os alunos precisam entender que a História é uma ciência, é uma ciência em construção, mas que não é aquilo que está nos livros didáticos, aquelas relações de fatos, de datas, mas que tem todo um trabalho de pesquisa por trás, até chegar nessa compilação de fatos, de datas, do livro didático. Então pensando nisso também, eu sempre tive essa intenção de tornar a História, de mostrar, demonstrar aos alunos de que a História também é uma ciência, mesmo que eles não sigam a carreira de historiador, mas que existe uma prática.

**MLMC:** É científico.

**JNK:** Exatamente. Nesse sentido que eu me preocupo ao dar aulas, mas não é ficar ensinando fatos e datas, mas a prática em si.

**MLMC:** Você sabe Julia, que isso que você está falando agora, quando eu dava aula de Bromatologia na Carlos de Campos, eu entrava uma hora antes para encher as lousas do laboratório com moléculas, para eles entenderem, não era para eles gravarem tudo, mas para eles entenderem e eu contar para eles como é que surgiu aquele método de análise e o que significavam aqueles componentes e que aquela era uma linguagem dos químicos.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** E que eles não precisavam decorar, mas saberem exatamente sobre o desenvolvimento da ciência. Eu gostei muito de saber que você também fazia um trabalho semelhante com os estudantes.

**JNK:** Sim, na verdade eu sempre defendi essa ideia porque desde a minha formação eu já tive essa, como que se diz, essa defesa dessa prática: não é mais aquela História positivista. É, eu falo assim: gente o conhecimento é construído, não existe verdades absolutas, ainda mais em História (risos). Então eu me lembro muito de uma leitura que eu fiz, que é “Ensinar e aprender”, e que é muito mais difícil. E é justamente o que o Pedro Demo defende hoje: – você tem que ensinar o aluno a aprender, que é muito mais difícil do que simplesmente jogar conteúdo para ele.

**MLMC:** Porque até o aprender defende muito do envolvimento dele na busca pelo conhecimento.

**JNK:** Sim, e eu sempre falo para eles que nesse sentido, o professor também tem que ser sempre um pesquisador, porque daí ele vai entender o que é a busca pelo conhecimento e é o que o Novoa, o professor Novoa também defende: – que

o professor tem que ser um pesquisador também, para que na sua prática ele vai entender o caminho.

**MLMC:** E aquele professor que não é rotineiro. Porque eu me lembro que todos os anos você vai montar o plano de ensino e você altera também, você vai buscar coisas novas. Você se estimula e você estimula o outro também.

**JNK:** Eu sempre falo também o plano ele é o nosso caminho: – não é simplesmente copiar e colar (risos). Então isso eu já defendo desde o meu início como professora e com o projeto de Historiografia, e isso já antes com a Julia e com as orientações dela, isso ficou mais claro. Por quê? Porque ele exigia uma formação pedagógica no desenvolvimento do projeto, então você tinha que envolver os alunos nas atividades.

**MLMC:** Até porque a gente produz mais naquilo que a gente se vê e que tem uma relação de pertencimento.

**JNK:** Sim exatamente. E aí você vê também o aluno como produtor, produtor de conhecimento, não digo a nível de universitário.

**MLMC:** Gostei da palestra do Pedro Demo e eu vi que você estava lá também, exatamente. Ele ressaltou muito isso do aluno autor.

**JNK:** Sim do aluno autor. Porque é claro que dentro dos limites do Ensino Médio, mas eu dou muito e proponho essa produção narrativa e que você também sempre pede, pediu, nos clubes de memórias, e eu acho que é importante sobre essa questão da autoria.

**MLMC:** Porque a pessoa tem que refletir sobre o que ela leu, ela dar destaque para determinados pontos e se apropriar dele para os projetos que ela desenvolve.

**JNK:** Sim, refletir também na prática do professor também. Então essa questão de envolver alunos ela também sempre esteve presente na nossa prática porque senão, é o sentido, também, Maria Lucia, de aprendizagem.

**MLMC:** Julia, você acha, porque eu sempre tive mais dificuldade de conseguir isso na Carlos de Campos, de envolver alunos, também eu fiquei um ano e pouco só. Bom, não é bem verdade, eu tinha uma turma de alunos sim. Mas eu sempre tive dificuldade de envolver outros professores, por mais que eu fale: – envolvam os alunos.

**JNK:** Então, eu acho e aí eu tenho conversado com alguns colegas, que também me questionam como que se consegue envolver os alunos. Mas isso também tem que partir um pouco de nós Maria Lucia, porque eles não vão vir só. Penso que: – a partir da nossa fala eles se interessam.

**MLMC:** Você vê que eu voltei atrás, porque eu fazia exatamente o que você faz: – eles iam para os “Desafios Escolares”, eu os envolvia em vários eventos, e daí nós ganhávamos prêmios e fizemos até programa de rádio.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** É isso mesmo, você sempre envolve um grupo menor, como é trabalhar com memórias. Você tem um grupo que não é tão grande, mas é difícil também atrair profissionais para esse projeto, e como é difícil fazer a sociedade valorizar o patrimônio social e cultural.

**JNK:** Isso é uma questão cultural também (risos) do país como um todo Maria Lucia, mas a gente vai insistindo, você entendeu.

**MLMC:** Júlia tem alguma outra coisa que você gostaria de destacar para a gente fechar a entrevista?

**JNK:** Ah! bom, mas tinha várias outras coisas. Então, na verdade, eu quis manter um pouco o vínculo com a sala de aula, mesmo como coordenadora de projetos. (risos)

**MLMC:** É muito importante destacar que agora você é uma das coordenadoras de projetos do GEPEMHEP.

**JNK:** Eu agradeço bastante o seu convite Maria Lucia, é um privilégio, e espero estar colaborando mesmo, com o trabalho.

**MLMC:** E está Júlia e nós temos muitas coisas ainda para fazer juntas.

**JNK:** Sim, mas eu quis manter o vínculo com as salas de aula Maria Lucia, justamente para eu poder estar envolvendo no trabalho, continuar envolvendo no trabalho do centro de memória.

**MLMC:** Eu acho importante você continuar ligada ao centro de memória até para a gente fazer essa ponte do Centro de Memória de Jacareí com o GEPEMHEP, para a gente ir envolvendo depois os professores e inclusive posteriormente para a gente ampliar o grupo.

**JNK:** Sim, sim.

**MLMC:** Inclusive, porque você tem melhor do que todos os nossos centros de memória. E mesmo o apoio que você tem da direção da escola, e que tem vários pontos positivos na Etec Cônego José Bento de valorização desse patrimônio cultural histórico educativo.

**JNK:** Sim, sim. Isso, né. Eu, em relação aos diretores, nós não temos do que reclamar, porque desde o início eles sempre valorizaram o nosso trabalho, mas também sempre a gente tem que estar lutando para isso, né Maria Lucia. De sempre estar repetindo: – olha isso é importante, assim como nós fazemos com os alunos,

**MLMC:** Com os professores.

**JNK:** Sim, com os colegas, e eu sempre penso assim: – num diálogo que a gente tem que estabelecer e tentar conscientizar da importância. Porque é muito

importante o professor ter um olhar sobre o passado, entender esse passado, para realmente ele analisar o presente.

**MLMC:** Em todas as áreas, né, e por isso eu acho importante ter os centros de memória nas escolas e envolver os professores. E, no nosso trabalho, no meu e no seu, eu também acho importante nós termos linhas de pesquisa, que a gente abraça enquanto pesquisador individual, e as metas que a gente tem na Cetec todos os anos, e de estar sempre propondo projetos novos e coletivos. Então, eu acho que a gente vai se dar muito bem trabalhando, porque a gente tem os mesmos objetivos.

**JNK:** E, também não só as metas na Cetec, mas metas na Etec também.

**MLMC:** É, tanto que eu tenho já há alguns anos, eu tenho incluído nos pareceres, e eu tenho dito para eles ligarem com as metas do Planos Pedagógico, coloco no parecer e quando não tem, eu coloco que não tem, para eles ir absorvendo isso, para gente ir trabalhando em rede, né. Porque teremos mais força trabalhando em rede.

**JNK:** E, também essa questão da cooperação mesmo, Maria Lucia.

**MLMC:** Sim. E, também da instituição valorizar o trabalho.

**JNK:** Sim, sim. Eu posso dizer que eu tenho colegas, funcionários, que valorizam esse patrimônio e sempre estão também contribuindo e insistindo.

**MLMC:** Nos nossos projetos eu agradeço muito o professor Almério pelo apoio, você vê que faz parte do Plano de Metas já há alguns anos, e que está ligado a meta do gabinete e então que a gente tem apoio institucional, com a produção de livro anual.

**JNK:** Sim, sim. O reconhecimento.

**MLMC:** Isso que nós fazemos hoje vai ficar para as gerações futuras. Como hoje nos apropriamos desses escritos por Horácio Augusto da Silveira, ainda bem que ele deixou escrito.

**JNK:** Sim, pois é (risos). Então, eu acho importante o nosso trabalho, é um legado, a gente sempre tem que pensar que a gente tem que envolver e estimular. É um trabalho árduo, mas é o que nos motiva.

**MLMC:** Árduo, porque nunca damos conta de tudo o que temos para fazer.

**JNK:** E, também motivacional Maria Lucia, a gente tem essa motivação em primeiro lugar (risos).

**MLMC:** Bom, Julia eu vou transcrever essa entrevista e eu agradeço muito você ter concedido, hoje que é dia 3 de agosto de 2020, para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, essa entrevista que faz parte do programa “História oral na educação: memórias do trabalho docente” e assim que eu a transcrever vou lhe encaminhar os termos de autorização para

que a gente possa disponibilizar no nosso centro de memória no site de memórias e depois vamos fazer outras entrevistas porque eu tenho certeza que você tem muito o que contar para nós.

**JNK:** (risos) Eu sempre vou estar contribuindo e eu agradeço mesmo por esta ocasião, evidentemente que tenho outras várias coisas para falar, mas deixaremos isso para um outro momento.

**MLMC:** E, também espero que a próxima não seja como essa que estamos fazendo em época de pandemia, em isolamento, embora tecnológica, nada substitui olho no olho principalmente numa entrevista de história oral.

**JNK:** Exatamente, mas não deixa de ser uma oportunidade também, não é Maria Lucia.

**MLMC:** Não podemos perder nenhuma. Ainda bem que no Centro Paula Souza nós já vínhamos trabalhando de forma híbrida, parcialmente, porque senão não teríamos conseguido se adaptar tão rapidamente.

**JNK:** Sim.

**MLMC:** Acho excelente que está acontecendo conosco e poder continuar trabalhando juntos, mesmo isolados.

**JNK:** Sim, e estamos trabalhando bastante Maria Lucia.

**MLMC:** Muito.

**JNK:** Sim, que bom Maria Lucia.

**MLMC:** Como não dá para sair, então é trabalho, trabalho, trabalho.

**JNK:** Sempre penso que o trabalho faz parte da existência humana e a que gente tem que encontrar sentido.

**MLMC:** Como dizia o Ferreira Gullar: “A arte existe porque a vida só não basta”

**JNK:** (risos) Eu penso que a gente sempre tem que encontrar um motivo para o nosso trabalho, com direcionamento e aliado é claro ao lazer, porque o trabalho faz parte da existência humana.

**MLMC:** Obrigado, ciao.

**JNK:** Ciao (latidos de cachorros)

# 8.

## MÁRCIA CIRINO DOS SANTOS

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Dona Escolástica Rosa, em Santos



Márcia Cirino dos Santos é Pós-graduada em Planejamento, Implementação em Gestão de Educação à Distância pelo LANTE/UFF (2017) e em Gestão de Negócios em Alimentação Coletividades SENAC/CEATEL (1996). Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes para as Disciplinas do Currículo Profissional de Nível Médio – Saúde na Fatec Baixada Santista/Centro Paula Souza (2008), e Graduada em Ciências Biológicas pela UNIMES (2007) e em Nutrição pela UNIMEP (1985). Licenciatura em Pedagogia pela UNIP (2014). Atualmente é docente do Curso Técnico em Nutrição e Dietética na Etec Dona Escolástica Rosa no Centro Paula Souza e integrante do GEPEMHEP.



*Centro de Memória da Etec Dona Escolástica Rosa, em 2025.  
Fotografia: Márcia Cirino dos Santos, em 14/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, Márcia Cirino do Santos. Eu agradeço muito você hoje estar concedendo uma entrevista de História Oral de Vida, para o nosso programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. Você que atua na Etec Dona Escolástica Rosa, em Santos. E, também no nosso Grupo de Pesquisa de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, e essa entrevista vai fazer parte, como eu disse, do nosso programa, que está no nosso site de memórias. Então, para nós é importante essa sua entrevista hoje, que é dia 16 de outubro de 2020. Eu gostaria muito de lhe perguntar, que você deixasse registrado, inclusive por causa da sua atuação no grupo de pesquisa com o Centro de Memória da sua escola, como é que foi a sua história de vida na educação? Onde você nasceu? Que escolas você estudou? Como é que você sentiu que a sua vocação era para a nutrição? E escolheu essa carreira, que hoje, inclusive, é o Dia Mundial da Alimentação. E, também, como foi esse percurso, a ponto de você começar a lecionar no Centro Paula Souza. Então, gostaria um pouco que você falasse também da sua carreira, porque a carreira do nutricionista também tem vários chapéus, várias pontas. Então, se você pudesse deixar esses registros.

**Marcia Cirino dos Santos (MCS):** Ok. Muito obrigada, Maria Lucia, pelo convite. Vamos, então, iniciando, meu nome é Márcia Cirino dos Santos. Eu nasci na cidade de Cubatão, também aqui localizada, próxima de Santos. E vivi muito tempo numa unidade, que a gente fala que é Fabril, em Cubatão, porque é uma vila que pertencia a uma indústria de papel. Fiquei lá mais ou menos até os 18 anos, que depois eu fui para a faculdade. Estudei toda a minha vida em escola pública, estudei no Zenon Cleantes de Moura que era ali na vila Fabril mesmo. Fiz até praticamente o primário,

depois eu fui para o ginásio e colegial no Colégio Estadual Afonso Schmidt, já em Cubatão. E depois, na faculdade, eu acabei indo para Piracicaba. Eu fui a primeira turma a participar da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba). A gente até fez umas lutas na época, tudo. Eu sempre gostei dessa área de Biologia, de Microbiologia, essas coisas assim, desde a época que eu acho que me conheço por gente. E quando eu fui a uma feira de profissões, na época foi no Colégio Objetivo aqui em Santos, e apresentaram Nutrição e tal, eu me identifiquei um pouquinho, eu achei que era mais ou menos a minha praia, que era a área da alimentação, uma coisa que eu também gostava, e aí eu fiz vestibular em Mogi, que é perto, aqui em Mogi das Cruzes, e fiz também em Piracicaba. Por que Piracicaba? Minha prima estudou lá, fez biomédicas lá, e ela morava em Tatuí, que também é interior de São Paulo. E eu já tinha ido nessa faculdade, gostei dela, acabei passando e me mudei para Piracicaba, porque eu tinha que ficar lá, porque é longe da minha casa, mais ou menos umas duas horas e meia, até quatro, que eu considerava, por causa dos ônibus, que a gente ia de ônibus. Fiquei lá, então, desde 81, até que me formei em 85, na primeira turma, voltei para Santos, comecei a trabalhar em Santos, mas eu fui convidada para tirar umas férias de uma moça lá em Poços de Caldas. E, acabei ficando lá em Poços de Caldas, mais ou menos em torno de um ano e meio, trabalhando sempre dentro de cozinha industrial. Aí acabei voltando depois para Santos, mais ou menos em 87, trabalhei em algumas empresas pequenas, depois trabalhei em torno de 20 anos dentro da Copebrás, uma empresa, não considero multinacional, mas é uma empresa também estrangeira, capital estrangeiro também, e fiquei também mais ou menos 20 anos. E pensando assim, acabei saindo da empresa, tudo por N motivos. E, eu gostava sempre de lecionar, eu sempre fiz muitos cursos, mesmo trabalhando, eu gosto dessa área de sempre estar me aprofundando. E, eu lembrei da Escolástica Rosa que ela tinha um curso Técnico de Nutrição. E, eu acabei indo verificar se estavam precisando de professor. Na época não, e logo depois, em 2004, abriu um concurso, em 2003 abriu um concurso, eu passei, então ia ser o Técnico em Nutrição e Dietética pelo Centro Paula Souza, não pelo Estado, porque a escola foi administrada há muitos anos pela Educação, pelo Estado, pela Secretaria de Educação, então quando entrou o Centro Paula Souza, em 2004, precisavam de professores, foi realizado o concurso, e eu acabei passando com mais 4 ou 5 colegas, e aí a gente começou a lecionar na Escolástica Rosa, que na época ele se localizava na Avenida da Praia, na Bartolomeu de Gusmão, 111, no bairro Aparecida, de frente à praia.

**MCS:** Aquele colégio era o máximo para mim, porque eu nunca tinha entrado nesse colégio, a gente sempre passava na porta. Porque você passa de ônibus ou de carro para ir para a ponta da praia, para algum lugar, você acaba passando de frente por esse monumento, eu vou falar assim, porque eu sempre gostei assim desses lugares. Acho que me identifico um pouquinho, e fui lecionar lá no Centro Paula Souza, na Etec Dona Escolástica Rosa, participando, primeiro a gente ministrava a aula noturna, depois abriu o curso de manhã e à tarde, então eu pelo menos comecei a ministrar a aula nos três períodos, mas já era no prédio.

**MLMC:** As aulas eram ministradas nesse prédio-monumento ou era na Aristóteles?

**MCS:** Não, não, já era no Escolástica mesmo, porque lá no Escolástica já era a Etec, Etec não, já era Escolástica Rosa, já tinha o curso de Nutrição, tanto que eu peguei a turma saindo, eu ainda lecionei durante um ano na turma que estava saindo, porque na época era três anos, e aí depois que entrou pelo Centro Paula Souza, então a gente fazia, finalizamos o pessoal que estava saindo, e entramos pelo Escolástica Rosa. Apesar, que durante os seis primeiros meses a gente se reportava ao Aristóteles Ferreira (Etec Aristóteles Ferreira), tanto que na carteira profissional era Aristóteles, depois que a gente entrou pelo Escolástica Rosa, transferência, tudo, que aí já tinha saído toda a parte da Secretaria da Educação, e começou realmente o Centro Paula Souza somente com o ensino modular.

**MLMC:** Que ano começou o curso de Nutrição lá?

**MCS:** O ano que começou pelo Centro Paula Souza foi em 2004 mesmo, mas a gente tem registro que ele começou mais ou menos em 1980, 81, a gente já tem esse curso de Nutrição pela Secretaria de Educação, durou mais ou menos uns 20 anos, ele lá. E, aí a gente entrou em 2004, teve alguns percalços no meio do caminho, a gente tinha, com o tempo a gente ficou nos três períodos, como eu falei, manhã, tarde e noite. Depois começou o curso, ele foi fechado no período da tarde, porque não tinha muito coró, não tinha muita procura, e durante de manhã também ficou. E agora a gente está com o EMTEC, que é o Ensino Médio Integrado ao Técnico, e saiu o modular de manhã, então o Ensino Modular da Nutrição a gente, de um ano e meio, a gente só tem no período da noite, e no período da manhã a gente tem o EMTEC, que é o Médio Integrado ao Técnico, que dura três anos.

**MCS:** Então, quando você entra naquela escola, desculpa, entrava, porque agora realmente a gente já não está mais nesse prédio, a gente teve alguns problemas técnicos lá nesse prédio, e a gente teve que fechar o contrato. Teve que desligar o contrato, a gente saiu e fomos para um outro prédio. Mas esse prédio, assim, ele é muito bonito, infelizmente ele está um pouquinho degradado, porque teve algumas preocupações com, não só com o poder público, mas até mesmo o privado, algumas pessoas parecem que não se interessaram em cuidar daquele prédio, vamos dizer assim. E desde que a gente entrou, a gente tinha o prédio da frente, que a gente fala, que é o prédio principal, e tínhamos algumas estruturas no fundo do prédio, que era a antiga sala do diretor, nós tínhamos uma capela, que até um tempo atrás ela ainda funcionava, que era a Capela Dom Bosco. Depois foram reformados alguns galpões para ministrar aulas de Metalurgia, e do outro lado nós tínhamos alguns galpões, que um era fechado, e o outro ele tinha a parte toda da Tipografia, que é aí que eu me identifiquei mais com essa parte de História, do curso, de quanto tempo já tinha a Etec, que se a gente for considerar a Escola Dona Escolástica Rosa, ela tem mais de 110 anos. Então isso daí foi me agradando, foi me estimulando, porque eu sempre gostei dessa área de História, eu sempre queria

aprofundar esse ensinamento, essa curiosidade minha. Então tinha um senhor que tomava conta e ele acabava falando algumas coisas do que acontecia, na época, que ele ensinava na parte da Tipografia. Tivemos vários professores que já foram alunos na época também, que era da Secretaria da Educação, com os cursos de Metalurgia mesmo. Então, até da Escola Naval que tinha lá também. Então a gente foi conversando, foi entrando nessa área, e eu gostei. Em 2009, eu lembro que eu e a professora Maria Tereza Andriani Paiva, que trabalhava com a gente, nós fomos convidadas a participar, não era bem o Clube de Memórias, era um projeto até seu Maria Lucia, eu não lembro agora mais o nome, se era Saberes, que teve alguns projetos.



*Equipamentos e materiais didáticos de Tipografia em um dos prédios da Etec Dona Escolástica Rosa. Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 23/05/2013.*

**MLMC:** Era “Saberes e Sabores”.

**MCS:** É, eu acho que foi mais ou menos em 2009, uma coisa assim.

**MLMC:** 2010.

**MCS:** 2010. Só que infelizmente, a gente não foi autorizada a participar, e a gente, eu fiquei lá, nós tínhamos também uma, um estudo, da nossa escola, que era a professora Daisy (Daisy Rodrigues de Lima Simões), a responsável junto com o professor Waldemar (Waldemar Tavares Jr.), que ele pertencia a escola Aristóteles. E com isso eu fiquei muitas vezes conversando com ela, verificando o que ela fazia, na Historiografia, porque era chamada, tinha uma sala só de Historiografia, e eu

acabei conversando. Por isso, ficava conversando com ela, o professor Waldemar, me dando as informações da própria escola. Tudo, a gente acaba conversando nos corredores, no horário dos intervalos, que ele ia muito também lá, no Escolástica, porque é muito próximo ao Aristóteles e o Escolástica Rosa, então a gente...

**MLMC:** Até porque restaurou a capela lá de vocês, foi na época do Waldemar aí.

**MCS:** Foi, foi mais ou menos em 2012, 2013 a capela foi totalmente restaurada, ela estava muito linda, tinha a missa toda primeira segunda-feira do mês, seis horas da tarde, porque do lado da nossa escola, do Escolástica, tem uma igreja, então esse responsável, era o responsável por essa capela no Escolástica Rosa, do Dom Bosco, e ele sempre fazia a missa uma vez por mês, toda primeira segunda-feira do mês. Só que depois com o tempo, a gente teve alguns problemas, o próprio professor Waldemar teve que se afastar, a professora Daisy, ela acabou se aposentando, e acabou a Historiografia ficando um pouquinho sem ter ninguém para tomar conta. Aí na época eu me ofereci para uma pessoa, não gostou muito, porque achava que não tinha interesse em continuar essa área, apesar da escola ter mais de cem anos, pelo que a gente sempre estuda, é uma das primeiras escolas, a nível principalmente do estado de São Paulo. Então, eu achava que a gente tinha que preservar essa memória, porque eu acho que não pode morrer, e acabei voltando, acabei verificando que tinha um Clube de Memórias. Eu acabei me inscrevendo e acabei indo, acabei sendo aprovada, até você conversou bastante comigo, tudo, e depois se eu não me engano isso foi em 2013, também, e quando foi em 2014, foi me autorizado a fazer uma HAE, porque a escola, como Centro Paula Souza, faria dez anos, e aí a gente acabou também comemorando os dez anos da escola, juntamente com os dez anos do curso Técnico de Nutrição. Eu fiquei fazendo, participando como HAE durante dois anos, aí já no terceiro já não tinha sido mais aprovado, mesmo eu falando que poderia ser sem HAE mesmo, mas não quiseram, não me foi autorizado. Mas, eu acabei continuando cuidando dessa parte, eu cuidava da Historiografia, nos momentos que eu podia. Eu ia conversar muito com o seu Ferreira, lá na Tipografia, ele acabou se aposentando porque como a gente tinha que sair da escola, ele acabou saindo da escola também, e todo o material que ele tinha, vamos dizer assim: – material que seriam modelos, de letras, de material de tipografia, ele acabou doando para o Centro Paula Souza, para a Escola Dona Escolástica Rosa, eu cataloguei a maioria deles, o que tinha que catalogar, abri um espaço que seria mais ou menos um armário e guardei todo esse material.

**MLMC:** Márcia, deixa te contar que a partir desse mês está sendo implementado um Programa do Governo do Estado que se chama “SP Sem Papel”, que já é aquele que nós já conversamos várias vezes sobre isso, que é aquele Sistema de Gestão Documental do Arquivo do Estado de São Paulo, e que a Paula Souza começou a participar, em 2012, com a formação da comissão da CADA. Então, agora eu mesmo estou fazendo cursos, agora essa semana. Comecei a semana passada, e lá consta o arquivo permanente e a preservação do documento histórico, isso vai ajudar muito a preservarmos e a salvaguardar documentos que

são importantes para a história da instituição. Então vai ser uma forma de mostrar para os diretores, para aqueles que não valorizam os espaços de memória, o quanto esses espaços são importantes, inclusive para otimizar, para rever o que nós produzimos no passado, para não ficar repetindo coisas que já foram feitas e não deram certo tem uma função o centro de memória.

**MCS:** Tem, porque você vê o que às vezes deu errado para consertar, e o que dá certo a gente continuar, eu acho que é isso. Acho que a história faz parte disso, da gente fazer isso, e quando a gente teve que sair do prédio vai fazer dois anos agora em janeiro, agora de 2021, a gente teve um processo muito longo. Porque foram reformados, a gente não podia, e falar nisso, reformar muito o prédio, porque o prédio ele foi tombado a nível estadual e a nível municipal. Então, ele tem realmente, a gente brinca que ele foi tombado duas vezes, mais ou menos em 2000. Se eu não me engano, em 2014 ou 2015, foi oferecido para uma universidade aqui de Santos fazer um projeto para revitalizar a escola, para que ela se tornasse a mesma escola de quase 100 anos atrás. Porque eles, com algumas reformas, eles tiraram um pouquinho a estrutura interna, a externa não, a externa continua o mesmo, mas algumas passarelas foram construídas, que na época não tinha, porque a gente tem como se fosse quatro escadas, mas são dois pavimentos eu lembro que essa universidade ficou lá com a gente muito tempo, eles fizeram todo o projeto que não foi barato na época, e apresentaram para a direção e apresentou também para alguns professores, a gente acabou não indo, não foram todos os professores convidados, mas eu lembro que o valor na época ficava muito caro, ficava acho que mais de 20 milhões. Isso há uns quatro, cinco anos atrás, porque até o projeto ser levantado, foi oferecido para o Centro Paula Souza, foi conversado com o governo do estado, mas não foi para frente essa que não é uma reforma, é um restauro. Então o restauro acaba sendo caro, e onde era a Historiografia, infelizmente a gente teve um problema, que foi colocado como é que se fala: – foram colocados material de limpeza tudo isso e a Historiografia ficou guardada no fundo do armário. Porque infelizmente a gente não tinha onde colocar como não era autorizado, não tinha HAE, não tinha ninguém para ser responsável pela área, então a gente acabou não tendo condições de ter um lugar próprio. E, há dois anos atrás, infelizmente nós tivemos esse problema de ter que mudar da escola, deu um problema, que o prédio ele foi como é que fala: – no falecimento do, aí agora me fugiu, do João Octávio, ele deixou para Santa Casa não só essa estrutura do Escolástica Rosa como várias casas, terrenos para que ele tomasse conta da escola, como se fosse escola mesmo. Mas, infelizmente a Santa Casa com alguns administradores não tomou conta, e a gente acabou não tendo como ficar na escola. Porque a escola foi se deteriorando mesmo com algumas reformas internas, troca de lâmpadas, da parte elétrica, essas coisas que a gente poderia arrumar, como é que fala: – e as telhas, tudo isso a gente estava arrumando e a gente estava conseguindo ficar na escola. Porém, infelizmente o novo como é que eu posso falar: – o novo administrador da Santa Casa, ele deu um problema, e ele quis rescindir o contrato, porque estavam falando que não tinha mais condições

de habitar. Porque entraram com uma ação civil no Ministério Público, que a gente tinha que sair da escola, porque senão a gente poderia sofrer algum acidente, como não só os profissionais, mas com os alunos também, e aí o Ministério Público deu para gente mais ou menos uns três, quatro meses, para sair da escola. A direção pediu para pelo menos a gente ficar até o final de dezembro, até dia 16 ou 18 de dezembro, porque aí acabava-se o ano letivo. E, então começamos a procurar uma nova, vamos dizer assim: – um novo um novo prédio, um novo espaço.

**MCS:** Só um segundinho, que eu acabei esquecendo um negócio aqui, aí a gente acabou mudando, estamos agora num local que também é alugado é um outro prédio, a gente está dividindo esse prédio com a Fatec. Porque a Fatec também teve que sair do espaço do Escolástica Rosa. Porque ela ficava a Fatec da Baixada Santista, ela ficava entre o Escolástica Rosa e o Aristóteles, que é um prédio, ela foi junto com a gente para esse prédio na cidade, na Senador Feijó, só que esse prédio também é uma área com uma outra empresa, então a gente está no terceiro andar, quarto e quinto andar. Então, vamos dizer assim: – o quinto andar é a Fatec e a gente está dividindo o quarto andar, e a gente fica também no terceiro. Quando a gente foi tudo transferido para esse local, apesar que a gente já está lá há quase dois anos, a gente não teve o espaço para Historiografia. Então, todo o meu material, que eu recolhi da Tipografia com o Sr. Ferreira ele está indo encaixotado, ele está numa sala. Tudo que era da antiga Historiografia, que foi guardado pela professora Daisy, professor Waldemar, também está numa caixa dentro de uma sala, que a gente não sabe onde vai ficar. Eu já tentei conversar com as pessoas responsáveis, mas infelizmente falaram que para esse prédio novo não foi projetado o Centro de Memória igual a gente tinha no antigo prédio do Escolástica Rosa. E aí eu falei que pelo menos era uma sala pequena.

**MLMC:** Eu me lembro que era uma sala bem pequena, quando eu estive lá em 2002 por aí, e depois quando eu fui entrevistar o Sr. José Ferreira, eu não consegui visitar o espaço do Centro de Memória, porque provavelmente já estava desmontado.

**MCS:** Estava, já estava desmontado quando eu peguei tudo do material dele, que eu fui recolhendo, tudo não, porque não dava para recolher. Eu até queria recolher outras coisas, mas como eles tinham a guarda civil, eles falaram que a gente não podia ficar entrando lá. Então antes dele sair, ele me deu uma caixa com vários papéis, com várias partes de Tipografia, tudo. Aí eu pedi pelo menos um armário e, dentro da sala da Nutrição tinham dois armários na época, aí eu conversei com a minha coordenadora, ela falou: – não, você fica com esse armário. E, eu até coloquei Arquivo Tipografia, tudo direitinho, arrumei e fui colocando lá dentro as caixas, fui separando, eu tive a ajuda de alguns alunos, que só ajudaram por gostar mesmo também dessa área da história e da escola, porque tinha sido até ex-aluna que acabou me ajudando também nessa arrumação, vamos dizer assim. Mas, infelizmente a gente não sabe o que vai acontecer com esse material rico, porque ele tem muita coisa lá dentro. Ele já tinha participado, o Escolástica Rosa já tinha

participado também da montagem daquele livro das “Escolas Técnicas mais Antigas do Estado de São Paulo”, e foram guardados muito material e a gente precisava revitalizar isso. Eu faço pedido todo ano, todo começo de ano eu peço para entrar, para a gente fazer, para a gente cuidar dessa parte de memória, mas não sei, a gente tem esse entrave, que acho que a maioria das escolas tem, que são alguns diretores que não sei, não gostam da memória, não gostam de história, não sei.



*José Ferreira, gráfico, no prédio que foi do curso de Tipografia da Escola Profissional Dona Escolástica Rosa.*

*Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 23/05/2013.*

**MLMC:** No próximo ano eu e a Júlia Naomi vamos começar a trabalhar mais, assim não sei os caminhos ainda. Mas, para tentar viabilizar a formalização dos Centros de Memória, porque nós fazemos parte dos Planos de Metas com projetos todos os anos, eu tenho mais de 20 projetos de memória de professores, só que é necessário ter uma portaria para que a gente possa regulamentar os Centros de memória. Então, eu estou muito feliz com esse “SP sem papel”, porque isso é uma forma também de a gente começar a discutir a nossa organização, inclusive da preservação desses documentos que são digitais, que já são nato-digitais, e recuperar o anterior. Porque assim, os diretores têm responsabilidade sobre aquele inventário, que foi feito, dizer que não tem: – tem. Então a gente tem como depois cobrar isso da escola e nós vamos fazê-lo.

**MCS:** Daí porque foi realmente feito, foi feito todo esse inventário, foi feita a relação de todo o material que a Daisy fez, ela arrumou tudo certinho, eu tenho até cópia do que foi guardado, mas infelizmente quando eu fui desmontar o Centro, a Historiografia, que já não era Historiografia, já era a parte do material de limpeza

eu cheguei lá: – Ah não, eu já guardei tudo nas caixas. Eu falei, mas como você guardou nas caixas, eu tinha que identificar cada caixa. Não, não, mas eu já fiz isso então está bom, eu falei: – não vou discutir, porque é óbvio que você não está filmando, não está contando.

**MLMC:** Agora você sabe nesse período de pandemia, nós estamos com mais de 100 fichas, nós estamos com quase 200 fichas de registro de objetos no piloto, que nós estamos fazendo. Eu, a Júlia, a Sueli Oliani, naquele museu virtual. Porque, para o ano que vem também, a gente quer começar a fazer o plano museológico, e daí nós vamos convidar outras escolas. Então, por exemplo, esse teu trabalho da Tipografia, sabe. De todo aquele material que você conseguiu coletar, fotografias e tal. Tudo isso dá para a gente, depois, deixar registrado no museu virtual. Porque, mesmo que aquele espaço não seja mais nosso, ele faz parte da história da Etec Dona Escolástica Rosa. Então, ele tem que ficar para essa memória, para saber o que aconteceu lá. Como a gente tem entrevista com o Sr. José Ferreira, que está no nosso site de memórias. Eu já coloquei a entrevista dele lá, sabe. O vídeo, tudo. Porque assim fica esse registro.

**MCS:** Eu já vi também a entrevista dele, foi muito emocionante.

**MLMC:** E você sabe que no tombamento daquele prédio, tem um documento que cita o projeto. Acho que eu mandei para você na época.

**MCS:** Sim, eu acho que eu tenho.

**MLMC:** Eu encontrei por acaso. Fiquei muito feliz que citava aí o trabalho da escola.

**MCS:** Eu acho assim, todas as escolas têm uma história. Por que ela nasceu ali? Por que foi aquele bairro? Por que foi escolhido aquele local? Eu acho que não só a escola, outros lugares também. E o Escolástica, ele é sempre muito bem-vindo. Todo mundo fala dele. Em Santos, o pessoal passa e, às vezes, eu estava no ponto de ônibus e o pessoal falava, porque não tinha, às vezes, identificação. Depois que foi colocado, a identificação, porque não podia colocar na própria escola, colocavam fora: Etec e tal. Mas o pessoal achava, eles passavam ali na frente e achavam, nossa, parece hospital, parece isso. Eu falava: – não, é uma escola e tal, para quem é do lado. Às vezes, a pessoa falava e eu falava, não, aqui é uma escola, funciona uma escola. Esse prédio tem mais de 100 anos. Aqui era uma rua, e era uma identificação de rua, porque passava no meio da nossa escola, entre aspas, tinha uma rua. Depois acabou, não sei o que aconteceu, mas a gente tem umas ideias aí. Porque, se a gente for pensar, toda Escolástica Rosa era uma só. Aí, acabou se tendo a metade, um terço, mais ou menos. Ele foi cedido para o Centro Paula Souza, na época, ficou o Aristóteles Ferreira.

**MCS:** Aristóteles, se eu não me engano, ele tem acho que 50 e poucos anos lá, se eu não me engano. Não lembro mais. Depois abriram a Fatec, e por último, é que entrou realmente o Centro Paula Souza para o Escolástica Rosa. Então, a gente

tem um espaço muito grande ali do João Otávio. Ele deixou como legado dele para ser escola. Então, durante esses dois anos, a gente passa na frente da escola, na ponta da praia, e ela praticamente está fechada. Volta e meia, a gente vê só o pessoal fazendo a parte de jardinagem, carpindo, alguma coisa assim. Mas, estruturalmente, ninguém fala que vai mexer. Só comenta alguma coisa no jornal. E, toda vez que sai alguma coisa no jornal, eu também recolho. Eu estou fazendo esse tipo um arquivo pessoal meu, dessa parte do Escolástica Rosa. Porque, toda vez que sai alguma coisa no jornal, já há algum tempo, eu já fazia isso. E, quando a gente realmente foi sair do colégio, é aí que eu me interessei mais para salvar, para deixar. Porque não é para nós, é o legado que a gente deixa para os nossos filhos, os nossos netos. E, muitas pessoas também ainda iam na escola. Eles faziam pesquisas da parte também para fazer TCC, trabalho de conclusão de cursos. Eles iam fazer pesquisas lá. A gente tem duas monografias, feita por alunos, se eu não me engano, da UniSantos, se eu não me engano. Já também relacionada ao Escolástica Rosa. Porque é um legado muito importante que ficou dentro dessa cidade de Santos. Então, é muito importante para isso. E, eu acho que foi isso, eu me identifiquei muito com a escola, eu gostei. Eu gostava, assim, de lecionar. Nunca tinha lecionado. Foi a primeira vez e acabei me apaixonando. Então, eu estou lá praticamente 16 anos, já vai fazer 17 anos que eu estou lá.

**MLMC:** E 10 anos no nosso grupo?

**MCS:** Então, desde 2010, mais ou menos. Eu entrei no Clube de Memórias e acabei ficando. Quando dá, realmente, eu procuro participar com o HAE. Quando não dá, eu faço até o particular, você mesma sabe. E, quando eu estou de folga aqui em Santos, que eu não tenho aula durante o dia, porque eu peguei mais aula à noite agora. Então, eu posso ir para São Paulo, participo da capacitação, tudo. Eu retorno, eu acabo também tentando colocar no papel, aquilo que o Escolástica passou, aquilo que ele está passando, através das experiências que a gente tem. Então, fazendo parte lá com as exposições, com os encontros, e tento sempre participar do Clube de Memórias para a gente estar sabendo o que está acontecendo aí no Centro Paula Souza. Para a gente ter essa memória viva aqui, que é o Escolástica Rosa.

**MLMC:** Então, o nosso grupo agora na Cetec aumentou, com a participação da Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) lá. Então, a Júlia está trabalhando com os catálogos, porque o catálogo é o primeiro documento para depois ir para o Museu Virtual. Eu acho que, inclusive, todo esse material que você coletou da fotografia, da Tipografia, além das fotografias que você tirou, como é que estavam. Eu acho que tudo isso dá depois para você fazer um catálogo, para você publicar esse material, sabe? Porque faz parte da nossa história.

**MCS:** É.

**MLMC:** Eu ia perguntar o que você acha do grupo, mas você já deu uma finalizada quando você falou do Clube de Memórias.

**MCS:** Nossa, eu acho muito importante, porque realmente, é lógico que é o Centro Paula Souza. A gente tem muitas outras escolas, mas eu acho o grupo muito importante. E, eu acho legal, assim, ele é bem heterogêneo, por quê? Porque participam vários professores, até mesmo diretores participam do Clube de Memórias. E, a gente sabe que tem Clube de Memórias (refere-se aos Centros de Memória) que está muito mais avançado, tem Clube de Memórias que realmente, às vezes, não tem nada, tem uma salinha, igual eu brinco: – que eu tinha somente um armário de módulo lá, tudo no cantinho, que eu guardava minhas coisas. Mas, a gente sabe que realmente tem algumas escolas que gostam dessa área também e acabam dando espaço para os professores.

**MLMC:** Em Jacareí, por exemplo, a diretora, inclusive, cedeu um funcionário para ajudar a catalogar. Eles estão com mais de 10 mil documentos. Então, é muito interessante isso, inclusive, a tese de doutorado da Júlia (Júlia Naomi Kanazawa), que agora, esse mês, ela vai se qualificar, é sobre o centro de memória, é sobre o museu virtual. E isso é bom, porque valoriza esse trabalho que o grupo vem desenvolvendo. Graças, inclusive, ao professor Almério (Almério Melquiades de Araújo), porque a ideia de criar o museu virtual foi dele. E, a partir dessa proposta que ele fez, em 2013 ou 2014, nós começamos a trabalhar em cima lentamente. Porque, como você mesmo diz: – nós trabalhamos com o HAE. E daí são poucas horas, inclusive, a pandemia agora deve ter consumido bastante o seu tempo, com as mudanças do ensino.

**MCS:** Muito. Agora, quando a gente fala nessa parte aí, porque a gente ficou em recesso, mas a gente ficava trabalhando mesmo aqui em casa. Então, a gente começava a montar aulas. Então, eles queriam que a gente gravasse aula, montar aula. Você tem que mudar todo o seu material, porque você fazer uma coisa que você faz no giz, vamos dizer assim, na lousa, é diferente quando você passa para a parte do computador. Então, você tem que ter outras estruturas, até para o aluno ficar mais interessado, e participar mais das aulas. Então, algumas aulas que a gente fazia lá, não tem como fazer no virtual. Apesar que a gente ainda consegue, eu, pelo menos, até ontem, estava falando com alguns alunos, a gente tem feito algumas aulas práticas. Então, eles fazem a aula na casa deles, aí a gente pede para eles gravarem como que foi feito, a montagem de mesa, tudo. E aí, eles já vão apresentar para a gente na próxima semana. Porque algumas coisas não têm como. O curso Técnico de Nutrição, ele também tem aulas práticas. E você tem que dar uma mexida nisso. Então, eles acabam fazendo na casa deles. Lógico que não é uma medida exata, vamos dizer assim, porque muitos não tem como ter balança nem nada. Mesmo a gente morando em Santos, a gente sabe que tem muitas pessoas que têm problemas de internet, tem gente que não consegue acompanhar as aulas online. Então, a gente grava as aulas para eles depois assistirem no final de semana, assistirem até mesmo no serviço, por causa dos dados da internet, porque o Teams acaba tendo o... Vamos dizer assim, ele puxa muito a internet, porque os alunos falam isso. Às vezes, eles mesmo também não conseguem acessar a plataforma, então a gente tem que ficar chamando,

tem alguns problemas. Mas, no todo, eles estão gostando. Os alunos, graças a Deus, a gente não teve muita baixa. A gente teve uma adesão muito grande. Então, a gente tenta realmente fazer aquilo que a gente já fazia no presencial. Tenta melhorar um pouco mais aquilo que a gente faz. Então, o ano que vem parece estar melhor.

**MLMC:** O nosso evento, ele foi para março. Eu recebi mais de 60 trabalhos, porque eu acho que... Nós vamos fazer o encontro presencial, porque é o único momento que nós temos, inclusive, para trocar ideias. Então, para a gente, é fundamental. Então, eu joguei para março, mas vai ficar tudo pronto, porque eu estou com os trabalhos, com o caderno de resumo, tudo pronto agora. E, daí nós vamos fazer uma jornada em novembro. Nós vamos propor uma jornada. E eu estou pensando de a gente discutir essas práticas que nós adotamos nessa época de pandemia, porque eu acho que é importantíssimo a gente fazer esse registro. Você sabe que, entre a década de 20 e 30, a educação profissional teve vários problemas com relação àquelas febres todas, aqueles problemas que tinham, de Febre amarela. Então, eu acho que até para a gente fazer uma comparação com o que aconteceu naquela época e agora. Por exemplo, na década de 30, o Horácio da Silveira utilizava o rádio. Agora, nós estamos utilizando a internet. Vai dar para a gente discutir vários problemas sociais e fazer comparações, como é que tudo isso evoluiu. E onde a gente retrocedeu também, a ponto de acontecer tudo isso novamente.

**MCS:** Infelizmente, o povo brasileiro... A gente fala que é higiênico, mas a gente não é tão higiênico, não. A maioria... Eu sei por que, às vezes, a gente ministra aulas de Higiene Alimentar e a gente ensina a lavar a mão. Muita gente não lava a mão. A gente brinca assim: – passa a mão na água. Quando a gente trabalha na área da alimentação, igual eu trabalhei em cozinha industrial, tudo. Então, a gente falava para o funcionário: – lava a mão. Ele não lavava a mão: – Ah, eu não lavo a mão em casa, não acontece nada. Eu falei: – mas, aqui você tem que lavar a mão corretamente. Então, o brasileiro, em algumas áreas, vamos dizer assim: – ele não lava a mão direito. Então, agora é o uso do álcool gel. O álcool gel acabou, por quê? Porque o pessoal só queria passar álcool na mão. E não é esse, essa parte é para segundo plano. Você tem que fazer a higienização correta em casa. Lavar a mão...

**MLMC:** É com água e sabão, que é mais barato e mais indicado. Mas você vê: – onde é que aconteceu o problema? No mercado, onde eles tinham várias espécies diferentes, muito juntas uma com a outra. Vai saber a higienização que se tinha lá. E você vê que quando descobriram a doença, a maioria era dos que trabalhavam no mercado. Então, as pessoas têm que ter consciência da questão da higiene, dos espaços adequados, do distanciamento, entra na UAN aí. (risos)

**MCS:** É, mais ou menos isso. E a gente fica cobrando. A mesma coisa a gente fala para os alunos: – tenta, explica para o pai e para a mãe, tem que lavar a mão corretamente. Não é só agora, não é na época da pandemia. Acabou a pandemia, continua, sabe? A gente tem que continuar. A gente teve problema da H1N1 há

o quê? Há uns quatro, cinco anos atrás, e na época já falava da higienização das mãos. Acabou aquilo, parece que não precisa mais lavar a mão de novo, sabe? É uma coisa... É um retrocesso que a gente tem. O brasileiro não tem essa cultura.

**MLMC:** Pior que não é só o brasileiro, você vê que isso é mundial.

**MCS:** É, mas eu acho que o brasileiro...

**MLMC:** Eu acho que a nossa jornada vai ser muito interessante. Porque muitas coisas que foram colocadas na década de 30 exatamente estão sendo postas agora. E a gente tem que ficar atento às restrições: – de higiene, de espaço.

**MCS:** Tudo.

**MLMC:** Márcia, olha... Eu ficaria aqui conversando com você muito e muito tempo. Você sabe, é muito agradável, mesmo nos clubes de memórias, eu gosto muito lá dos intervalos. Juntos, no horário de almoço, que a gente conversa e troca ideia sobre o nosso trabalho. Mas você sabe que fazer transcrição de entrevista leva bastante tempo. Então, eu vou fazer a transcrição dessa entrevista, daí, vou te mandar os termos de autorização. Porque eu quero criar um volume só com nossos professores que atuam nos centros de memória. Porque, assim, nós entrevistamos ex-professores, professores nossos na unidade. Mas também é fundamental deixar o registro para os que virão: – quem fomos nós? Por que nós fizemos tais coisas e não fizemos outras? Assim, conhecendo um pouco de cada um de nós, eles vão poder compreender melhor esse momento que nós vivemos.

**MCS:** Foi bem pensado, gostei da sua ideia, realmente foi muito bom, porque valorizar realmente aqueles que estavam trabalhando com você, que ajudaram a construir o Clube de Memórias (refere-se aos centros de memória). Apesar que muita gente já saiu, mas tem muitas pessoas que continuam aí, firme e forte.

**MLMC:** É, temos um grupo, felizmente. Ninguém faz nada sozinho. Tanto que, assim, Memórias tem se mantido exatamente porque tem um grupo que se reúne, troca ideias, produz material. E, tem um sentimento de pertencimento com as suas unidades. E isso é fundamental, quer dizer, muitos não ficam porque talvez não percebiam essa afinidade, que a gente acabou adquirindo.

**MCS:** É verdade. Isso é verdade, sim. Muitos vêm e voltam.

**MLMC:** Obrigada.

**MCS:** Agradeço realmente poder participar desse clube. E, se Deus quiser, continuar aí, ainda há muitos anos, continuar nesse Clube de Memórias. Muito obrigada, Maria Lucia. A toda essa equipe, a Júlia também, ela é tudo de bom também. Fazendo um trabalho bom agora nessa ajuda sua aí também. Tá?

**MLMC:** Muito obrigada.

**MCS:** Tchau. Tchau.

# 9.

## MARIA TERESA GARBIN MACHADO

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Prof. Alcídio de Souza Prado, em Orllândia



Maria Teresa Garbin Machado nasceu em Orllândia, em 15 de junho de 1952. Professora aposentada de Ciências Físicas e Biológicas da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desde 2001, é Mestre em Educação, pelo Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto (2007) e Doutora em Educação Escolar, na área de História da Educação, pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR) – Unesp (2014). Atualmente aposentada, atua como pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza – GEPEMHEP, sob a coordenação da prof. Dra. Maria Lucia Mendes de Carvalho. Tem experiência em Pedagogia, Biologia e História da Educação, com publicação de artigos e participação em eventos científicos a respeito da história do ensino profissional.



*Luís César Petita, diretor, Maria Teresa Garbin Machado, curadora, Magda Barbosa dos Santos Rodrigues, supervisora, e Almério Melquiades de Araujo, em visita ao centro de memória da escola.*

*Fotografia no Centro de Memória da Etec Alcídio, em 06/11/2018.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, Maria Teresa Garbin Machado. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, dentro do programa “História oral da educação: memórias do trabalho docente”, hoje que é dia 17 de agosto de 2020. E essa entrevista é para deixar registrado um pouco da história de vida, é a nossa primeira entrevista, com os professores que são curadores de centros de memória, e no seu caso, principalmente, que você foi uma incentivadora enquanto diretora, e, depois, deu continuidade a construção do centro de memória Professor Alcídio da Etec de Orlandia. Eu gostaria que você falasse da sua trajetória, quer dizer, quando começou estudar, como decidiu ser professora, como chegou no Centro Paula Souza, e principalmente, o seu envolvimento com o centro de memória.

**Maria Teresa Garbin Machado (MTGM):** (risos) Boa tarde, Maria Lucia. É um grande prazer conversar com você. E essa pergunta, é uma pergunta difícil, porque a minha trajetória já é um pouco longa, pois eu já sou aposentada, mas eu prefiro falar dos momentos mais recentes e relacionado com o Centro Paula Souza. Certo, a minha formação, eu fiz Ciências Biológicas inicialmente, não tem nada a haver com a parte de História, e depois eu fiz Pedagogia. Eu já pertencia a Secretaria da Educação, quando a escola, a Etec Professor Alcídio de Souza Prado passou para o Centro Paula Souza. Então eu tenho, a minha história ela é entrelaçada com a história da instituição e com a história da própria escola.

Eu falo sempre que só está faltando uma plaquetinha de patrimônio em cima de mim, porque eu sou uma pessoa muito antiga da escola. Antes da passagem das escolas para o Centro Paula Souza eu já estava lá, como professora de Ciências, eu fui professora do Ensino Fundamental, e depois como professora de Biologia, quando nós entramos para o Centro Paula Souza houve concurso de Biologia e aí eu permaneci com esse cargo lá.

**MLMC:** Que ano você entrou no Alcídio?

**MTGM:** Eu nem sei, porque essa é uma pergunta muito difícil. Porque eu entrei e saí várias vezes. Na época, que a gente trabalhava na Secretaria da Educação, eu entrei como caráter temporário inicialmente, depois eu saí e, depois, eu saí e ingressei como professora de Biologia por concurso, e até que cheguei lá no Alcídio como professora efetiva. É uma história assim, é um vai e volta muito grande, até me tornar efetiva. Porque naquela época a gente transitava por várias escolas. Mas eu acho que é uma época que já ficou no passado. Uma época de muitas aventuras. Eu ingressei, inclusive, num cargo de Biologia na Secretaria da Educação, inicialmente. Fui trabalhar fora de Orlândia, ingressei numa cidade próxima chamada Guaíra, foi um dos tempos mais difíceis da minha vida, porque eu tinha filhos pequenos, tinha que viajar e tinha que deixá-los. Foi um momento assim bem conflitante. Mas, depois passou, quando a gente é jovem tudo fica mais fácil. Até que eu consegui me remover para a escola que eu sempre quis trabalhar, é uma coisa impressionante. Eu queria trabalhar na Escola Alcídio, porque na minha cabeça sempre foi dar aulas para adolescentes, trabalhar com alunos do Ensino Médio, jovens, mas eu nunca me identifiquei com alunos novos do ensino fundamental, apesar de ter sido aposentada na Secretaria da Educação, como professora de Ciências. Mas aí, eu acumulei cargo durante alguns anos, uns três ou quatro anos. Porque eu não poderia deixar o meu cargo na Secretaria da Educação, porque eu estava terminando o tempo para a aposentadoria. E, também não poderia deixar a função que eu consegui lá na Escola Técnica, porque eu tinha passado no concurso que o Centro Paula Souza tinha feito. Foi um período muito difícil na minha vida. Eu acumulava cargos e me aposentei da Secretaria da Educação, e na verdade dava 64 aulas por semana, que era o limite. E, também passou, e me aposentei da Secretaria da Educação e permaneci somente na Escola Alcídio, onde estou até hoje.

**MLMC:** E quando você se aposentou na Secretaria da Educação?

**MTGM:** Eu me aposentei em 2001 na Secretaria da Educação. E a partir daí então eu passei a me dedicar somente a Escola Alcídio, aí eu já tinha o meu cargo de professora de Biologia, em caráter indeterminado. Não havia muitas aulas, por conta que não existiam muitas classes. Nós tínhamos aquele período, também, em que o Ensino Médio desapareceu e passou a ser somente técnico. Então, eu passei por todas essas mudanças que o Centro Paula Souza passou e, também,

por conta dessas leis e diversas legislações. Mas, eu permaneci sempre lá, até que chegou um dia, que alguém chegou para mim e perguntou: – quando você vai ser diretora da escola? E eu falei: nunca. Por quê? Naquela época, nós tínhamos uma diretora muito boa, a Profa. Maria Inês, muito amiga minha, e a escola ia muito bem, a escola sempre foi identificada com um trabalho pedagógico muito diferenciado. Até que veio aquela legislação do próprio Centro Paula Souza, de que os mandatos dos diretores não poderiam ultrapassar oito anos, deveriam ser eleito por quatro anos e sim se reconduzir por mais quatro, e então até oito anos. Foi um período difícil porque a professora Mara teve que deixar o cargo dela. E aí eu fui eleita como diretora em 2004, justamente, quando da entrada da Profa. Laura Laganá. A nossa posse foi muito marcante e bonita, foi lá no Palácio do Governo, e eu me lembro muito bem dela entrando, estava todo mundo radiante naquele dia. Foi um dos dias mais felizes que eu já tive na minha carreira profissional. O meu mandato foi de 2004 a 2008, e depois, fui reconduzida de 2008 a 2012, certo. Daí eu cheguei à conclusão que a minha contribuição como diretora na escola já tinha sido feita e permaneci somente com as aulas. Recebi alguns convites para exercer outros cargos administrativos, mas eu gosto muito da sala de aula, eu gosto do convívio com os alunos, eu acho que a gente está sempre se renovando em relação a eles. E alinhada a essa trajetória profissional, eu também tive uma grande curiosidade em relação ao ensino profissional, desde quando comecei a trabalhar na Etec Alcídio. Sempre existia aquela história, aquela lenda urbana de que a educação profissional era para os desvalidos da sorte, era para os pobres e que a escola acadêmica que poderia ser para as elites condutoras, e eu sempre tive curiosidade saber o porquê disso, em que momento isso aconteceu. O que a gente observava era que a escola era muito bem quista na cidade, uma escola diferenciada como eu já falei, e com uma equipe muito afinada. E eu não encontrava nada do que eu via na realidade com aquilo que se contava, e foi onde eu comecei a ficar curiosa em relação à história da escola. Nesse período eu entrei no mestrado, e terminei o mestrado em 2007, e como você sabe o título da minha dissertação (Uma Análise Histórica do Ensino Profissional: do ensino artesanal à implantação do currículo por competências numa unidade da rede de ensino técnico estadual) é com relação a história da escola e relacionado ao currículo por competências. Então para fazer essa dissertação, eu tive que visitar fontes, tive que me aprofundar na história da escola Alcídio e também da história do ensino profissional no Brasil, desde quando ele surgiu, e daí eu fui me apaixonando cada vez mais, e daí eu fico dividida entre a Biologia, que eu adoro, e que continuo lecionando até hoje, e a parte histórica, que eu acho assim que ela é fascinante e, juntamente com essa minha curiosidade, e o mestrado que eu terminei, quando eu já era diretora, que eu iniciei meu mandato em 2004, e eu fiquei sabendo dos encontros de memória que existiam no Centro Paula Souza. Eu sempre fui uma pessoa muito participativa, com relação aos cursos que eram oferecidos. Eu sempre procurava participar daqueles que eu podia. Como diretora eu sempre tive

muitas reuniões e participei de muitos encontros relacionado a gestão. Mas eu compareci, naquele encontro que você fez, em dezembro de 2008, que foi o primeiro encontro de memórias, e esse encontro de memórias mexeu muito comigo, e encontrei uma identificação muito grande em relação as propostas que foram apresentadas por você, as propostas do encontro, e cuja finalidade principal era justamente montar centros de memória. Então eu voltei para a escola de São Paulo toda entusiasmada, após esse encontro lá em São Paulo, e como diretora eu instalei o centro de memória da escola, certo. Mas como eu era diretora, eu não poderia ser curadora naquele momento, e então uma professora de História assumiu a função de ser a curadora desse centro de memória, que foi a professora Rosângela (Rosângela Miliossi Marques), que é professora de História até hoje. Eu estou falando muito ou você quer perguntar alguma coisa ou eu posso continuar.

**MLMC:** Não, pode continuar, por favor. (risos)

**MTGM:** Então está bom. Só que naquela época, em 2008, a escola estava com uma ebulição muito grande, estava com uma reforma física radical. Então a professora Rosângela, pouco pode contribuir, e, também aconteceu que ela era Coordenadora do Ensino Médio, na época, e muitas vezes ela tinha que cobrir faltas de professores, porque não havia substitutos. Então ela se dividia entre várias atividades. É lógico que assumiu o centro de memória, mas não conseguiu exercer nenhum trabalho focado, com relação a essa parte, naquele ano de 2008, certo. Ai nos anos de 2009 e 2010, eu estou olhando meus apontamentos aqui, porque eu também esqueço. Em 2009 foi a professora Rosângela. Em 2010 e 2011, a escola passou por essa reforma radical e então não houve ninguém na continuidade do trabalho do centro de memória.

**MTGM:** No ano seguinte, em 2012, eu tive o privilégio de ter dois professores na escola, que dividiram esse trabalho e eles fizeram um trabalho maravilhoso, entre 2012 e 2013, eles instalaram realmente o centro de memória, em uma sala emprestada que havia lá, do Grêmio Estudantil. E como ele é professor de Informática, ele digitalizou grande parte das fotos. O Guilherme (Guilherme Nonino Rosa) é atualmente professor na Etec de Ribeirão Preto e está terminando o mestrado, se não me engano. A professora Claudia Massaro (Ana Claudia Pedrosa Massaro), é professora da rede, porque ela decidiu fazer psicologia, e atualmente é professora na escola particular, e, também, exerce a profissão de psicóloga. Mas ela também é professora de História, e ela desenvolveu um trabalho muito interessante e muito rico. Inclusive eles fizeram no ano de 2013, um encontro muito bonito. Aliás foi um encontro dos professores e de pessoas que passaram pela Escola Alcídio. Foi um chá. Era um chá de reencontro das pessoas que se interessassem pela história da escola. Naquela época eu estava como diretora, e participei também, e foi um dos marcos da pequena trajetória do nosso centro de memória, certo. Infelizmente, os contratos deles terminaram, eles eram contratados por período determinado, e novamente o centro de memória ficou desativado. E daí

quando eu saí da função como diretora, em 2012, eu estava fazendo doutorado, e então eu achei melhor fazer uma coisa primeiro para depois assumir outra. E daí eu passei a ser a curadora do centro de memória, desde 2014. Inclusive, em 2014, tivemos reinauguração do nosso centro de memória e você nos visitou nesse ano, não sei se você se lembra (sua visita foi em 14 e 15/04/2014).

**MLMC:** Claro que eu me lembro.



*Professoras Maria Lucia Mendes de Carvalho e Maria Teresa Garbin Machado no Centro de Memória da Etec Prof. Alcídio de Souza Prado.*

*Fotografia: Shirley da Rocha Afonso, em 15/04/2014*

**MLMC:** Eu não sabia, que aquela salinha era do Grêmio, essa história, não me contaram.

**MTGM:** Não era aquela, foi uma anterior, que era piorzinha ainda. Só que quando o centro de memória foi desativado, na verdade ele era constituído por: duas mesas, duas cadeiras, dois armários de aços, era o que tinha o centro de memória, o primeiro instalado, e então eu consegui aquela salinha lá na sala da zeladoria, eu solicitei para o diretor, se ele me cederia, e na verdade era o hallzinho de entrada, que era um depósito de diversos materiais, de papelaria e assim por diante..... foi a segunda casa do centro de memória.

**MLMC:** Essa história eu não sabia, pois foi a casa da zeladoria que eu conheci.

**MTGM:** O zelador morou lá durante muitos anos, depois ele se aposentou e a casa ficou disponível, e daí ela passou a servir de depósito, de materiais servíveis e de papelaria. Hoje essa casa da zeladoria ela abriga professores que trabalham em projetos do Centro Paula Souza, trabalham naqueles projetos EAD, e eles trabalham nessa sala da zeladoria todos os dias, porque eles têm que cumprir uma

programação definida, eles estão instalados ali. Mas daí eu fiquei sabendo também que uma salinha que ficava atrás do nosso salão de eventos, tinha sido desocupada, porque ela era um Laboratório de Enfermagem, anterior. E devido as exigências de readaptação do curso e do próprio Centro Paula Souza, ele teve que ser transferido para uma outra sala mais adequada, e de repente ela ficou vaga, e eu corri e abracei essa sala com unhas e dentes, que é onde o centro de memória está instalado hoje.



*Centro de Memória da Etec Prof. Alcídio de Souza Prado, na casa da zeladoria.  
Fotografia: Shirley da Rocha Afonso, em 15/04/2014*

**MLMC:** Desde quando você ocupa essa sala?

**MTGM:** Essa sala eu acho que eu ocupo desde 2014, não 2014 (é 2015), é quando você foi lá, mas agora eu não me lembro Maria Lucia.

**MLMC:** Dois anos depois.

**MTGM:** Acho que foi dois anos depois. Eu acho que dois anos depois, eu obtive essa outra sala, que é uma sala mais espaçosa, é uma sala fresca, uma sala sossegada e daí deu para dispor melhor os objetos que foram sendo colecionados. E eu verifico se realmente e um artefato que foram sendo colecionados e daí as pessoas ficam sabendo de alguma coisa, acham e me trazem e eu verifico se deve fazer parte do acervo do centro de memória, e assim por diante.

**MLMC:** Tem quantos metros quadrados?

**MTGM:** Olha eu não tenho, é que você faz umas perguntas que eu teria que pesquisar e procurar, em algum lugar tem a metragem da sala. Ela corresponde a duas salas do centro de memória anterior que você conheceu.

**MTGM:** Tem um vitro largo e adequado.

**MLMC:** Uns quarenta metros quadrados, provavelmente?

**MTGM:** Acho que até mais Maria Lucia.

**MLMC:** Uma sala de aula?

**MTGM:** A metade do espaço de uma sala de aula, fazendo assim, grosso modo, certo. Mas, eu acho que está muito bom, porque hoje em dia a gente tem uma luta muito grande por espaço nas nossas etecs. O diretor sempre foi colaborativo comigo, e então ele me cedeu essa sala e eu estou em uma sala muito bem instalada. E, é uma pena que estamos nesse momento de pandemia. Mas, o centro de memória é bem atuante. Ele recebe todos os anos, o Programa Visitas (visitas) para as salas ingressantes e, também, nós estamos sempre promovendo o centro de memória, e agora com essas exposições das semanas de museus e de arquivos, o centro de memória vai se tornando atuante e conhecido dentro do espaço escolar. Nós tivemos as visitas da nossa supervisora, a professora Magda (Magda Barbosa dos Santos Rodrigues) que foi inclusive no dia da nossa reinauguração (14/11/2015) e, também, do professor Almério (Almério Melquíades de Araújo) que esteve lá há dois anos atrás, em visita a nossa escola, e eu aproveitei e o levei para conhecer o centro de memória. Porque eu sei que ele é um grande incentivador da proposta que nós temos. Ele gostou muito e ele achou o centro de memória muito bonito e que estamos bem instalados. Mas, nem se compara com o Centro de Memória da Etec Dr. Júlio Cardoso, que já tem um centro de memória bem consolidado, e pela própria história da escola ser mais antiga, então tem mais artefatos e atraentes para as pessoas poderem conhecer. Mas, eu acho que a gente tem que fazer o que pode dentro do nosso pedaço, e o centro de memória a medida do possível, está conseguindo atuar principalmente na sua missão de chamar a atenção das pessoas com relação ao resgate da história do ensino profissional. E que sempre foi a minha grande curiosidade, porque me atraiu para esse grupo que nós fazemos parte hoje.

**MLMC:** Então, eu vou até pedir para você, quando eu for transcrever a sua entrevista, para me passar aquela fotografia do professor visitando o Centro de Memória, e eu vou incluir na sua entrevista para ficar o registro.

**MTGM:** Certo. Você tem a data? Ou quer que eu envie para você.

**MLMC:** Provavelmente tenho, qualquer dúvida entro em contato com você. Agora eu queria que você falasse um pouco também do nosso trabalho, assim do formato do trabalho, se você acha que ele tem contribuído com relação aos clubes

de memórias, os encontros e, também com relação ao museu virtual. Eu mesmo já coloquei 70 fichas lá, metade já produzidas e metade estou elaborando e editando, e a nossa intenção é que cada centro de memória tenham as fichas de registros de objetos para nós disponibilizarmos para os pesquisadores, porque é uma forma de nós disponibilizarmos todo esse trabalho que desenvolvemos para a sociedade. E principalmente agora, nessa época de pandemia, e porque após pandemia, eu acredito que a gente vai trabalhar muitíssimo com práticas híbridas, e esse museu vai ajudar e facilitar para ter acesso à informação virtual, e volte a todo vapor.

**MTGM:** Antes de começar a responder essa última pergunta. Eu gostaria de registrar que foi feito um trabalho em um dos seus encontros, que eu apresentei e que falou sobre a história do Centro de Memória da Etec de Orlandia, com as datas reais de cada evento que eu disse: – a data do chá do reencontro (19/10/2012), a data da visita do professor Almério, está tudo lá registrado, que foi um trabalho apresentado em 2018, no VI Encontro, certo. E o trabalho (O Centro de Memória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, de Orlandia, como protagonista de sua própria história) tem o registro até 2017, não sei se a data da visita do professor Almério está incluída, não sei se ela tinha acontecido nessa época. Depois é um material de referência. É bom a gente fazer esses trabalhos, porque nós somos obrigados a registrar os acontecimentos, que ficam na nossa memória e que depois acabam nos confundindo. E bom a gente fazer esses trabalhos que ficam na nossa memória, precisam ser registradas, mesmo que sejam recentes, porque senão elas podem acabar no esquecimento, não é verdade.

**MLMC:** Inclusive é o que estamos fazendo. Esse final de semana eu fiquei buscando fotografias dos nossos encontros, em pen driver e em HD, e tive a maior dificuldade e eu ainda não consegui encontrar todas. Porque tem algumas conosco, e as outras ficam nos computadores da instituição, que é o nosso dia a dia, porque a gente fica trabalhando nos projetos, e não vai tendo tempo de organizar os arquivos. Por isso eu acho que o museu virtual vai nos ajudar também nisso. Porque à medida que a gente vê que aquela fotografia é importante, que aquele texto é importante, a gente já coloca na ficha e já disponibiliza. Eu acho que é um método de trabalho que a gente vai se adaptando. Por que o museu virtual é assim: – o piloto agora é um trabalho conjunto com o curador digital. A gente é conteudista, mas ele está desenvolvendo o software, e conforme a gente sentindo dificuldade de acrescentar uma coisa ou outra, isso leva tempo. Hoje eu falei com ele e entrei na discussão das coleções, e ele me disse que isso é um trabalho para mais 30 dias para isso.

**MTGM:** Eu acho que nós temos uma equipe muito coesa e muito dinâmica, dentro dos limites de cada professor e, dos bibliotecários também, que atuam no nosso grupo. Embora tenhamos limitação muito grande de tempo, por conta que nós temos a nossa atividade docente e temos uma atividade paralela, que é de curadora do centro de memória e de participar do grupo, da qual você é a

principal organizadora, que eu acho que é um grupo pioneiro, e eu acho que é um grupo teimoso. Eu sei que a instituição valoriza muito o trabalho desse grupo. Mas, nos dias, atuais, e no novo normal, e no retorno, não sei se seria uma prioridade registrar o passado, embora, eu acho que sempre deva ser, porque eu acho que o passado tem que ser registrado para aprender bem no presente e no futuro. Apesar de eu não ser da área de História, eu sou da área Biológica, eu procuro me adequar da melhor maneira possível, porque eu tenho um pensamento muito racional, devido a minha própria formação, dessa maneira eu consigo registrar de uma forma pontual. Nada como crítica, porque eu acho que o nosso grupo trabalha muito, tem um dinamismo concreto. E um grupo que cuida do centro de memória, procura sempre produzir trabalhos acadêmicos, participar da melhor forma possível de eventos, de eventos diversos, simpósios, e assim por diante, porque é uma forma de representar o nosso grupo perante os outros e, que vai trazendo uma representatividade para o Centro Paula Souza, e ao mesmo tempo nós temos os nossos encontros, que eu acho que são os pilares da nossa formação. Porque os professores entram, eu vejo muito, porque já estou há muitos anos nesse grupo, e eu percebo que, muitos que entram muito bem intencionados, mas devido a formação que não é da área de História, por exemplo, eles passam a sentir muitas dificuldades, e por que não conhecem a linguagem acadêmica, são só professores de sala de aula, muitas vezes eles desistem por conta de acharem que não conseguem acompanhar o nosso ritmo no qual nós estamos, e, ao mesmo tempo, temos professores que entram, nós somos um grupo coeso, que estão lá até hoje, e é lógico que a nossa líder é você. Você é uma pessoa exigente e está sempre colocando nos para frente. O que eu acho que está muito certo.

**MLMC:** Isso que você está colocando é importante. Porque é assim: felizmente, a instituição permitiu que nós incluíssemos mais um coordenador de projetos na Cetec e então a Júlia Naomi está trabalhando conosco, sou eu e ela agora lá. Eu acho que agora com a Júlia, você me deu ideia, e eu estou adorando essas entrevistas. Porque vocês estão me dando ideias. Os projetos que começou com a Júlia Falivene, mas nós temos o nosso grupo do GEPEMHEP que tem de dez a doze anos, e daí ele é contínuo para ampliar o nosso conhecimento, quer dizer: uma formação permanente e continuada, e para um novato as vezes ele se assusta quando ouve um debate entre nós, e acho que agora tendo a Julia Naomi podemos ampliar o número de clubes de memórias, e retornar aquelas discussões do que é a história das disciplinas, o que é cultura escolar e trazer os novatos. Uma coisa que eu tenho discutido com a Júlia para a gente propor projetos para o ano que vem, é formalizar mais os centros de memória, então fazer regulamento, e agora com o museu virtual vamos ter que definir procedimentos e porque tem muitos detalhes, que tem que ser gravados para facilitar, porque são muitos grupos, as escolas mudaram muito de nomes, então você me deu ideias para o ano que vem (risos) muito obrigada.

**MTGM:** E olha, eu acho que as nossas escolas representam um tema infindável, e como você disse, elas mudaram tanto de nomes, são escolas sobreviventes, porque elas passaram por diversas secretarias de estado, passaram por diversas legislações, mudaram de nomes inúmeras vezes, mais de dez vezes. A Escola Alcídio mudou mais de dez vezes. Então é uma pesquisa que dá para pesquisar muita coisa com relação a história dessas escolas. E as que estão surgindo agora também não dá para esquecer e menosprezar essa linha histórica. Se ela vai sendo construída aos poucos é mais fácil, quando encontra os arquivos também, existem muitos espaços cronológicos, que estão no limbo. Porque as vezes fica no limbo, não se encontra as fontes primárias e o pessoal jogou fora, não dá importância e essas coisas todas que nós já conhecemos e eu acho muito importante o que você disse: por exemplo, nós já temos um referencial importante com relação a história oral. Essa parte da cultura escolar também nós já desenvolvemos bastante essa parte. E os professores que chegam falta aquele embasamento com relação a isso e vão ter que acompanhar isso sei lá como. E eles desanimam no meio do caminho.

**MLMC:** Eu acho que temos que montar turmas novas: os novatos.

**MTGM:** Os novatos, se alguém, por exemplo, já tem um respaldo pessoal em relação a uma trajetória acadêmica, que está fazendo uma pós-graduação ou algum mestrado, se a pessoa tem vontade ela vai dinamizando e vai acompanhando, mas do contrário fica muito difícil para as pessoas que estão chegando nesse momento. Nós pertencemos a grupo que já está muito afinado, nós já temos uma trajetória única. Você tem diversos professores que acompanham esse grupo há um pouco de tempo e aí você já tem resultados esperados em relação a esses professores. Você vai apresentando as linhas de trabalho e eles vão correspondendo, porque eles já tiveram aquele preparo durante todo esse tempo. Nós caminhamos juntos.

**MLMC:** Agora eu acho assim, que para a instituição o valor do nosso projeto ele é imenso, e estão nos currículos, e os currículos são o coração do curso, e os laboratórios de currículos, com o avanço tecnológico, eles são revistos a cada quatro anos, e vai saber se no futuro não vão ser reduzidos mais ainda. E eu acho que é uma grande contribuição para a organização toda, e currículo é uma das linhas de pesquisa do GEPEMHEP, e então eu acredito que esse projeto ele é a de eterno. (risos)

**MTGM:** Sim, a partir de 1980, por exemplo, as secretarias acadêmicas das escolas passaram a ter uma nova postura de arquivamento, nós passamos a ter o plano escolar anual, que é um documento riquíssimo, ele guarda toda a história institucional daquele ano. Antes, a minha tese que foi até 1978, antes tudo era feito em livros, livros a mão, livros de conselho de classe, e a partir de 1980 passaram a ter outro tipo de registro que já ajuda bem com relação a essas pesquisas históricas.

**MLMC:** Esse ano que a gente se propôs a estudar a legislação, que foi o meu primeiro clube de memórias, infelizmente nós fizemos a distância, mas a intenção era nos reunirmos para discutirmos os textos. Mas, quando você lê a legislação, principalmente, a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, eu fico muito orgulhosa da Cetec e do trabalho do professor Almério. Porque ele, assim que a legislação saiu, ele foi trabalhando na direção da legislação com relação as competências e a esses planos educacionais e que só tem o título nas legislações, e foi dentro da Cetec, com essas reuniões com diretores de escolas, e com essas reuniões que vocês fazem, que tudo isso foi sendo implantado há mais de vinte anos, e então quando eu leio agora, porque eu tive a oportunidade de ler com mais cuidado, porque nós estamos trabalhando com isso, por causa do nosso encontro. Olha, você observa que muitas instituições ainda não chegaram lá. A própria Fatec, por exemplo, ela trabalha com objetivos, e não trabalha por competências, é lógico que tem similaridade, mas tem diferenciação. E é importante essa discussão, porque você pega na Europa com a Declaração de Bolonha, que tenta unificar. Quando você trabalha por competências, você acaba unificando num continente como o nosso, porque o Brasil é um continente praticamente (risos), e a importância das legislações e das políticas públicas de educação.

**MTGM:** Eu acho assim, que nós professores ou mesmo funcionários do Centro Paula Souza, nós temos uma segurança muito grande no sentido de fazer um trabalho de vanguarda, que é um trabalho pioneiro, o professor Almério parece que está sempre na frente e tem um file para perceber as coisas, que é impressionante. Porque o Centro Paula Souza está sempre aplicando primeiro as coisas e nós temos uma segurança muito grande, está sempre na frente e nós temos uma instituição sólida, como se fosse um porto seguro, e a gente sabe que está sempre fazendo a coisa certa. E eu sempre digo, que quem está em uma Etec pode trabalhar em qualquer outra unidade ou escola. A Etec é uma escola exigente tanto na parte do cotidiano escolar, como na parte de documentação, na parte de registro no trabalho pedagógico, e então nós estamos sempre atuando e aprendendo sempre o melhor, e que é um privilégio.

**MLMC:** É verdade. A gente trabalha muito, mas vale a pena.

**MTGM:** A gente trabalha muito, mas a gente trabalha certo, correto, com segurança e sempre estamos oferecendo o melhor, e eu acho que o nosso ensino é muito bom, e eu pelo menos faço a minha parte.

**MTGM:** E com relação ao nosso grupo, ele completa a rotina da gente, porque o professor. Eu acho que ser professor é uma coisa excelente, eu adoro ser professor, porque eu sempre falo que a minha praia é a sala de aula, eu me identifico com os alunos e me renovo com eles, mas ao mesmo tempo que se cria uma rotina e com essa rotina vai ficando uma mesmice. Mas, essa mesmice eu não tenho, porque eu tenho o grupo de memórias que está sempre ali, atuando, renovando, cutucando para a gente conhecer e aprender coisas novas. Principalmente, agora,

por exemplo, com a implantação do museu virtual, que mesmo com esses últimos clubes de memórias foram feitos de uma forma remota, isto possibilitou conhecer um outro lado da atualidade, que é um outro lado que não é só presencial e que pode ser a distância, que pode ser remota. Por exemplo, essas visitas que nós fizemos em museus virtuais foram ótimas, aquela visita a Casa de Portinari, aquilo lá é uma janela que abriu para a gente em termos de possibilidades, e antes a gente não pensava, porque era tão fácil pegar o carro e ir até lá, e de repente não é mais.

**MLMC:** Quanto ao centro de memória de Franca muita gente não tinha entrado no site e não conhecia o trabalho deles, e fizeram comentários interessantes. Porque eu sugeri um roteiro e pedi para comentarem e foi muito interessante essa participação.

**MTGM:** O trabalho das meninas é pioneiro por que começou lá em 2002 e é um trabalho que teve uma continuidade, trabalhando juntas e formando uma equipe, que realmente desfrutou daquela oportunidade que a escola teve e, também, de conseguir manter o centro de memória da escola de uma maneira permanente. Porque tem muitos diretores em várias etecs, que não ligam para esse lance de memória, eles não dão importância, mas cabe aos professores estarem sempre instigando esse lado para que as etecs participem cada vez mais.

**MLMC:** Por isso Maria Teresa a importância da regulamentação, porque eu acho que já alguns anos nos fazemos parte dos planos de meta da instituição, e eu registro os meus projetos metade para pesquisas e desenvolvimento dentro da Cetec e, a outra metade, ligada ao Gabinete, porque o nosso centro de memória central envolve todas as unidades da instituição, do administrativo, e agora eu acho que regulamentando e no próximo ano, nós vamos começar, e já era um sonho da Júlia. A Júlia já começou isso, porque ela começou com o estatuto, eu vou aproveitar esse trabalho da Júlia Falivene, acho que a instituição somos nós professores e nós somos contratados para fazer a instituição crescer e esse é o nosso papel. Eu queria agradecer a sua entrevista, não sei se você tem mais alguma coisa para acrescentar, porque a conversa vai levando, mas como já ultrapassou 50 minutos, e eu quero fazer a transcrição, que vai levar mais de um dia, e vou te mandar os termos de autorização para podermos depois divulgar essa entrevista para os nossos colegas e amigos.

**MTGM:** Eu só queria dizer o seguinte: – o Centro Paula Souza sempre foi conhecido como um centro de educação profissional e tecnológica, mas tem o seu braço estendido para a história e o resgate do ensino profissional brasileiro, até uma coisa que embarca áreas completamente diferentes, uma área tecnológica demais e uma área humana demais, mas eu acho que é a riqueza das nossas etecs.

**MLMC:** E as Fatecs também.

**MTGM:** Um leque de possibilidades muito grande, diversos olhares diferentes, e o que proporciona diversas linhas de pesquisas, diversos questionamen-

tos, e a gente não encontra em uma escola ou em outras instituições, onde todo mundo tem a mesma formação. E na Etec não, mesmo quando eu era diretora, eu percebi isso em uma reunião, eu joga uma ideia para ver os diversos segmentos, da área da farmácia, da saúde e o lado tecnológico na outra ponta, voltado na tecnologia a área de informática, que eram os cursos que oferecíamos e oferecemos aqui na etec e onde cada professor tinha uma visão diferente aquela proposta, e eu acho que essa é a grande riqueza da instituição e são células da instituição com um olhar abrangente e no nosso caso específico ao nosso grupo, ao qual nos pertencemos, nós oferecemos também uma projeção da instituição quanto a área de pesquisa, tanto que nós temos um grupo de pesquisa que está lá na plataforma lattes, e isso eu acho interessante, que eu gostaria de colocar, ela contempla várias realidades diferentes.

**MLMC:** E é importante porque nos envolvemos os nossos alunos de etecs também com pesquisa, acho que desde 2010 começou a ser instituído isso, era eu e a Doroti Toyohara, porque sempre apresentamos projetos e a instituição apoiou, e agora as práticas híbridas na internet está possibilitando isso, os professores têm usado os sites acadêmicos e material para diversificar as suas práticas e para envolver os alunos. Eu assisti uma palestra do Pedro Demo que colocou que: “Ao invés de nos preocuparmos em ensinar, nós temos que nos preocupar com a aprendizagem”, você só pode indicar os caminhos.

**MLMC:** Eu agradeço muitíssimo de você ter concedido essa entrevista.

**MTGM:** Você sabe que eu gosto de bater um papinho.

**MLMC:** Muito obrigada.

**MTGM:** Eu que agradeço e espero que a gente se veja pessoalmente em breve, um grande abraço.

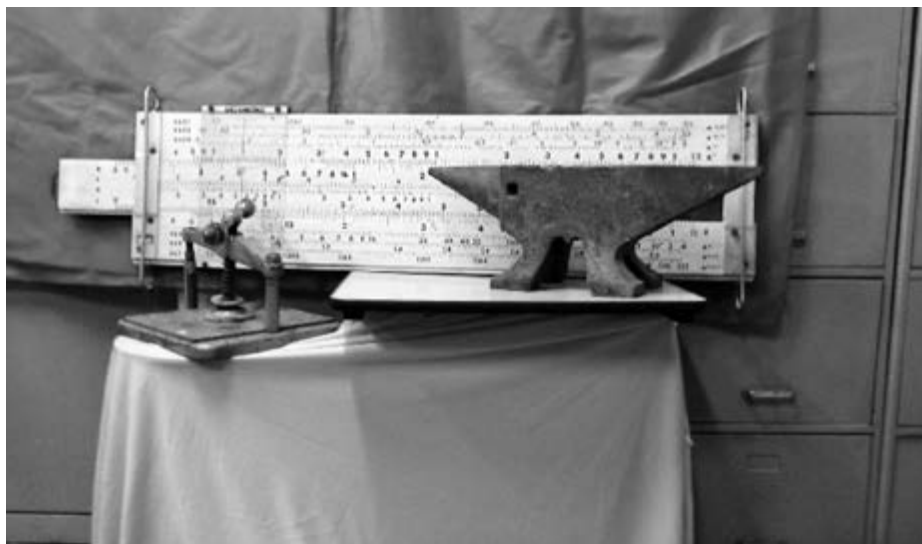
# 10.

## **PAULO EDUARDO DA SILVA**

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
José Rocha Mendes, em São Paulo



Paulo Eduardo da Silva é graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985). Professor da Secretaria de Educação de São Paulo de 1983 a 2018. Em 1995 passou a trabalhar no Centro Paula Souza, onde desenvolveu diversos projetos. É membro do GEPEMHEP desenvolvendo pesquisas em história da educação profissional no Estado de São Paulo. Desde 2011 se dedica à implantação do Centro de Memória Etec José Rocha Mendes.



*Centro de Memória da Etec José Rocha Mendes, em 02/06/2014*

*Fonte: Arquivo pessoal Paulo Eduardo da Silva, em 2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Paulo Eduardo da Silva, da Etec José Rocha Mendes, aqui em São Paulo. Eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista de História Oral de Vida para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, hoje que é dia 2 de setembro de 2020. Essa entrevista fará parte do programa “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. E nós fizemos esse convite para o professor, em função de você ser o curador do Centro de Memória dessa escola, e ter criado o

Centro de Memória, estar participando do GEPEMHEP já há alguns anos. E para nós é importante conhecer a sua história de vida, onde você nasceu, onde você estudou, por que decidiu fazer História, como você ingressou no nosso grupo de Memórias e História da Educação Profissional, e como tem sido desenvolver esse projeto na Etec José Rocha Mendes, além de toda a sua produção científica sobre a história da escola.

**Paulo Eduardo da Silva (PES):** Boa tarde, então, Maria Lucia. Bom, para começar mesmo a história de vida, eu nasci na cidade de São Paulo, vivi aqui a minha vida toda, nasci em 20 de agosto de 1961, e passei a minha vida toda na cidade de São Paulo. Fui também aluno de escola pública, sempre na escola pública, estudei, então, ainda no tempo do grupo escolar, faz tempo para caramba. Depois, ingressei no que chamavam de ginásio, e depois ainda, adolescente comecei a trabalhar e fiz o meu ensino médio noturno. Assisti também ao declínio da educação pública, porque assim, na memória que eu tenho do grupo escolar, do ginásio, o nível de ensino era bastante exigente, e no ensino médio, quando eu cheguei ao ensino médio, a despeito de ser ensino noturno, mesmo o ensino diurno já se sentia uma sensível queda na qualidade, na exigência das coisas. E, comecei a trabalhar cedo, fiz o ensino médio trabalhando o dia inteiro, frequentando a noite, com todas aquelas dificuldades. Entrei na Pontifícia Universidade Católica, a PUC de São Paulo, ali em Perdizes, no curso de História mesmo, bacharel em História, depois licenciado em História, e por que fazer História? Por que fazer História?

**MLMC:** Em que ano foi que você e, em que período foi que você fez a PUC?

**PES:** Eu ingressei em 1981, e finalizei em 1985, quer dizer, eu me formei no último ano da ditadura. (risos) Foi o último ano da ditadura, ainda o curso superior foi sob a égide da ditadura militar, porque quando eu me formei também, oficialmente a ditadura militar estava encerrada. E aí, por que fazer História? Nunca é um motivo único, nunca é um motivo único. No ensino médio, eu senti assim, uma atração muito grande pela História, apesar de que, olhando em perspectiva, eu acho que os meus professores de História também não eram muito brilhantes, especialmente no curso noturno, que tem uma série de questões embutidas, mas a despeito das aulas não serem muito atraentes, eu achava uma ciência bastante atraente, à medida em que ela procurava esclarecer os porquês. E, estudando no período da ditadura, eu tinha muitas perguntas a serem respondidas, muitas perguntas. O Brasil era um país de terceiro mundo, mas o que significava ser de terceiro mundo, além só da pobreza? Por que que alguns foram relegados ao terceiro mundo, enquanto outros tinham situações muito diferentes? Então, eu tinha uma série de perguntas mesmo que precisavam de respostas, e, para mim, a História é que seria capaz de esclarecer algumas coisas na minha cabeça, e eu achava bastante interessante essa possibilidade. E, quer dizer, quando eu finalmente me decidi, não, eu vou fazer História, além de tudo, eu tive uma grande oposição da família, porque todo mundo sabe que no Brasil o professor morre de fome, então, era uma

coisa que diziam, mas professor, tal, assim... E, imagine, eu comecei a faculdade em 1981, era o início dos anos 80, que também foi um período, assim, bastante ruim, para a educação, é só analisar as greves do magistério, começaram ali por volta de 78, 79, e, praticamente, a década de 80 e 90 inteira, foi regida, assim, por greves contínuas, greves contínuas. Porque, como eu acompanhei tudo isso, em várias ocasiões você chegou a ter duas greves no ano, duas greves no ano, e, bem da verdade, esses 20 anos, década de 80, 90, as greves se repetiam, as greves se repetiam ano após ano, muitas vezes, lamentavelmente, muitas vezes eu entrava em sala de aula para dar aula, a primeira pergunta feita no ano era quando vai começar a greve? Enfrentei repetidamente essa situação.

**MLMC:** Mas isso já como professor? Já como professor?

**PES:** Já como professor, mesmo porque a situação do ensino era tão caótica, e não tem palavra melhor para explicar, a situação do ensino era tão caótica, que as escolas ficavam caçando o professor a laço. Porque, como a minha família tinha previsto, a vida do professor era muito ruim, então já era uma fase em que, assim, a antiga geração de professores estava se aposentando, e ninguém mais queria dar aula, ninguém mais queria dar aula. Então, as escolas, para suprir a falta, pegavam estudantes de faculdade para dar aula.

**MLMC:** Mas isso já na década de 70. Eu dei muitas aulas de substituição no final da década de 70, quando eu ainda era estudante do curso de Química. Então, você vê que já vem antes da década de 80.

**PES:** Ok, mas você pegava substituição, não é isso?

**MLMC:** É.

**PES:** Mas era substituição...

**MLMC:** Ah, sim, é verdade, substituição gestante, é verdade.

**PES:** Não, então, no meu caso, como eu te disse, eu fazia faculdade trabalhando, ganhava muito mal, ganhava muito mal porque não tinha formação, aquele negócio e tal. Aí, uma colega perguntou se eu não gostaria de dar aula, e eu me apresentei lá para dar aula. Então, expliquei que eu sou estudante da PUC e tal, e a colega ali falou que tem aula aqui. Não é exagero, mas foi desse jeito, foi desse jeito. A diretora perguntou para mim, que hora são? Eu falei lá, 4h20. Ah, então corre, corre que eles ainda não foram dispensados, você pega eles lá na sala, e subi comigo e foi só me apresentar, falando que era amigo da fulana, que a fulana falou, me enfiou na sala de aula assim, na hora, sem preparar.

**MLMC:** Que ano foi isso?

**PES:** Olha, isso foi no ano da graça de 1983, Maria Lucia, foi 83.

**MLMC:** Meu Deus, que loucura.

**PES:** Não, não é pouca loucura, é muita loucura, porque eu expliquei a minha situação. Ah, então corre, corre lá, vai lá, que isso e tal. À noite, aí eu dei lá algumas aulas, dei algumas aulas, porque eu dei aquelas aulas ali que o pessoal estava esperando ainda, e à noite eu tinha aula na faculdade, cheguei na faculdade, contei para os colegas o que tinha acontecido, uma colega falou...: – mas essa mulher é louca. Ela falou desse jeito... essa mulher é louca, porque... quer dizer... eu poderia ser um assaltante, eu poderia ser... enfim, poderia ser pedreiro, poderia ser pedreiro, poderia ser caminhoneiro, eu cheguei lá, falei que era estudante, a mulher me enfiou na sala de aula. O pessoal da faculdade ficou espantado, mas isso é para você ver o nível de desespero que as escolas precisam de gente a todo custo. E você falou de aulas de substituição? Muito bem, eu entrei na sala de aula esse dia e nunca mais saí, e nunca mais saí. Então, é substituição, sim, mas essa substituição emendou com outra coisa, com mais uma, e faz 37 anos que eu dou aula, 37 anos que eu dou aula, ou seja, é assim. Eu acho que a década de 80, a coisa piorou muito por causa disso, quer dizer, só pegando a minha experiência, e assim, eu aí já trabalhando, já com aulas atribuídas e tudo, e outras escolas me ligando: – olha, mas não tem jeito de você vir para cá, porque a gente está precisando, porque tá, tá, tá, é assim. Era muito louco o negócio, porque eu peguei essas aulas no susto, e faz 37 anos e eu nunca mais larguei, entendeu? Quer dizer, não eram situações pontuais.

**MLMC:** Agora, deixa eu te fazer uma pergunta, quando você, em 83, então, você tinha um trabalho, você deixou para dar aulas, valeu apenas financeiramente ou você pensou realmente na sua carreira?

**PES:** Olha, então, o pior é que assim, a situação do professor realmente sempre foi ruim, porém, eu era estudante na faculdade e eu fazia trabalho, assim, do tipo auxiliar de escritório. Então, como um auxiliar de escritório daquela época também ganhava muito mal, porque eu não conseguia grandes empresas, firmas de nome, era tudo quebra galho para poder pagar a faculdade, para conseguir pagar a faculdade. Então, pegar aulas, até que foi interessante, mas isso porque também a atividade que eu fazia na época era muitíssimo mal remunerada. Então, pegar aulas até que foi interessante, tem o lado da carreira, porque era o que eu queria fazer, mas, assim, financeiramente também até que melhorou um pouco, até que melhorou um pouco, não porque a situação do professor fosse boa, porque não era, mas porque o tipo de trabalho que eu realizava era realmente muito desqualificado.

**MLMC:** Eu te perguntei isso porque eu passei por uma situação semelhante à sua, eu fui auxiliar de escritório, secretária, fiz o ensino médio à noite, então, por isso que te fiz essas perguntas, e foi mais ou menos como você, só que eu fiz o que você fez uns cinco anos antes. (risos)

**PES:** Nossa, pois é, e depois, bom, e depois a gente assistiu o colapso da escola pública, porque com o passar dos anos também, assim, a gente recebia

aluno que falava, sei lá, o aluno estava lá na oitava série e falava: – mas sétima série eu não tinha aula de matemática. E, não tinha aula por quê? Porque não existia o professor. Encontrei dezenas e dezenas de alunos: – eu não tive matemática e física tal ano. Porque não tinha professor, aí no outro ano não tinha geografia, enfim, a escola pública, infelizmente no Brasil, tem uma história triste, uma história muito triste.

**MLMC:** Mas você não passou por isso na década de 70? Porque eu passei por isso, quando eu entrei na Universidade de São Paulo, eu tinha que estudar matéria do ensino médio, que eu não tinha, não tive, porque faltava professor, ninguém repunha. E fui levando, sabe assim, você passou por isso também?

**PES:** Então, não, eu estou até surpreso de você me dizer isso, porque as escolas que eu frequentei, assim, tinha uma falta de professor, quer dizer, você tem aula com a dona fulana, hoje a dona fulana faltou, mas não essa coisa crônica que se tornou de assim, não existe o professor, ninguém pegou as aulas. No meu fundamental e no meu ensino médio, eu não me lembro de nenhuma disciplina com esse problema. O problema é que eu enfrentei, que hoje a gente estuda isso, tá certo? Governo militar tornou todas as escolas profissionais, só que era um ensino profissional fajuto. Então, o meu ensino médio, como é que foi? Eu fui estudar numa escola que era próxima de onde eu morava, uma escola, até hoje, uma escola muito conceituada, pública, e eu fui estudar nessa determinada escola, e o governo militar veio com essa novidade, não, agora é tudo ensino profissional, então você escolhe o ramo primário, terciário, ramo primário, secundário, terciário. E, eu pensei, bom, eu quero fazer História, eu quero fazer História, então, seria o correspondente a Humanas, seria o correspondente a Humanas, seria esse setor terciário. E, aí você tinha as matérias do Núcleo Comum: História, Geografia, Português, e tinha, e ganhava inteiramente grátis, uma formação que se dizia técnica em Contabilidade. Eu não tinha, e nunca tive nada a ver com Contabilidade, porém, eu tinha que me formar no ensino médio, para ter acesso à faculdade, e se formar no ensino médio, era fazer uma das três opções. Eu optei por aquela que eu achei se aproximasse mais, do que eu precisava. Só que, o que acontece? Então, eu tinha Organização e Normas, Mercadologia, Contabilidade, enfim, tinha uma série de matérias técnicas.

**MLMC:** Mas, era no último ano que você teve essa mudança? Era no último ano?

**PES:** Não.

**MLMC:** Era nos três anos?

**PES:** Três anos, os três anos. E aí, o que acontece? Essas matérias técnicas roubavam espaço de Química, Física, Matemática, que eu ia precisar no vestibular, porque também é bom lembrar o vestibular, naquela época, cobrava todas as ma-

térias. Hoje, mudou um pouco, mas, naquela época, não podia, por exemplo, zerar em nenhuma matéria, e, se você fosse fazer Engenharia ou História, a prova era a mesma, ou seja, caía Química, Física, Matemática, e eram matérias que eu não tinha, não tinha. Só um minuto, Maria Lucia, eu preciso ligar a minha fonte aqui.

**PES:** Pronto, voltei. Eu estava ligando a fonte, porque esgotou aqui o meu note. Então, continuando. Então, essas matérias técnicas tiravam espaço de diversas outras matérias, que eu sabia iriam cair no vestibular, e eu não tinha aquelas matérias. Por outro lado, se eu escolhesse um outro setor, setor primário ou secundário que fosse, aí eu não teria História, Geografia. Então, inclusive, inclusive, eu já li vários autores dizendo claramente que isso foi uma jogada do governo militar para negar o acesso de determinadas classes ao ensino superior, o que, para mim, faz muito sentido. Porque dificultou enormemente o meu ingresso na universidade.

**MLMC:** Porque, olha, eu peguei aquela mudança que antes era clássico e científico. No ano que eu comecei o ensino médio, eu tive que optar, foi colegial, e daí eu optei por exatas. Assim, mas eu acho, eu achei que tinha um, também a gente era muito criança, não conseguia perceber adequadamente. Mas, eu me lembro que em 71, por aí, vieram aquelas salas ambientes, que eu achava fantástica, aquelas salas ambientes, porque parecia uma sala lição das coisas, porque cada professor montava a sua sala. Mas durou pouquíssimo tempo e voltou tudo ao normal, o que eu achei muito chato. Mas, pelo que você está falando, talvez em 74 teve a outra mudança curricular e daí entraram essas disciplinas, porque eu me lembro quando eu estava, acho que já fazendo o cursinho, e se falava dessas separações no ensino médio.

**PES:** Pois é, e até é interessante deixar registrado aqui, por que o que aconteceu? Dificultou o meu acesso à universidade, e só que assim, eu fui duplamente tapeado, eu fui duplamente tapeado, porque eu achava que estava me formando Técnico em Contabilidade. O que aconteceu? Assim que eu me formei no ensino médio, eu fui procurar emprego na área de contabilidade. Afinal de contas, eu sou técnico, então vamos, pelo menos, aproveitar os anos que eu gastei aprendendo isso aqui. E aí, na entrevista de emprego, a entrevistadora me perguntou: – qual é o número do seu CRC? E eu ingenuamente perguntei: – o que é isso? E aí ela me explicou o registro em contabilidade que eu não tinha. E a entrevistadora ainda complementou, eu não sei, a própria entrevistadora me falou isso: – eu não sei o que o governo quis com essa mudança. Porque, assim, faz um curso que teoricamente é de contabilidade, você não tem registro, o seu diploma não diz que você tem essa formação, constam as matérias lá, ok. Mas efetivamente, ele não te tornava um técnico em coisa nenhuma. E eu simplesmente não podia procurar emprego nessa área, porque eu não tinha uma habilitação nessa área. Então, olha que maravilha, de um lado, nega o meu acesso à universidade, porque me tira um monte de matérias que eu deveria ter conhecimento, e de outro lado, me fornece

todo um conhecimento que eu não queria, não precisava, e que não me ajudou em nada, sequer, a arrumar um emprego. Ou seja, eu fiz esse técnico implantado pela ditadura foi, assim, uma pegadinha, foi uma verdadeira pegadinha, porque prejudicou, fecha a porta da universidade para você e fecha a porta ao emprego. Foi isso que fizeram. Deixaram você sem saída.

**MLMC:** Paulo, durante o ensino médio, você teve professores que eram mais politizados e que davam ideia de que situação nós estávamos?

**PES:** É, lamento dizer que não. Não. Tanto é, por exemplo, a aula de história mesmo que a gente tinha, até hoje eu penso, se eu dependesse daquelas aulas para gostar de história, eu não ia gostar de história, porque, efetivamente, não te acrescentava absolutamente nada. Então, não. Não tivemos professores politizados nem nada, porque também a gente sabe que era extremamente perigoso. Então, professora de geografia também. Enfim.

**MLMC:** Eu estudei em escola pública, mas eu tinha professores, que eram professores substitutos, e que eram professores da Universidade de São Paulo, tanto da área de exatas como da área de humanas. Então, eu tive a oportunidade de participar desde o movimento secundarista, indo representar a minha escola, assim, indo participar. Porque eu pensava em ser professora de história, mas eu pensava assim, eu não vou poder contar a história nessa época. E, também, como eu sempre gostei de exatas, acabei indo para exatas.

**PES:** Pois é, Maria Lucia, mas eu posso arriscar um palpite aqui de dizer os professores dessa minha escola, especialmente no ensino médio, como era uma escola muito conceituada, e só muitos anos depois eu fiquei sabendo que o diretor da escola foi indicado pelo governo para ocupar aquela direção, ou seja, o diretor era alguém plantado ali para manter a ordem e o progresso.

**MLMC:** Isso também eu percebia na minha escola, que aquela pessoa não tinha absolutamente... Assim, você olhava para ela, você não via um educador ali.

**PES:** Então, e aí eu fico imaginando, né? Como era uma escola central, num bairro bom. Eu quero crer que a grande maioria dos professores era efetiva no cargo. A grande maioria devia ser efetiva no cargo. E aí, realmente, no meu entendimento, sabe? Não é um estudante que está ali quebrando um galho que depois sai, quer dizer, o cara está amarrado ali, e vigiado pela direção. Então, eu creio que em função disso também, o pessoal pegava leve nas coisas. Eu faço essa interpretação do clima, né? Do clima que você tinha aí na escola.

**PES:** Eu sei que, olha, esse Ensino Médio, né? Semiprofissional aí, isso foi uma piada de mau gosto. Eu me senti, sabe assim? Eu calculo que toda aquela geração caiu nesse limbo. O limbo de não ter faculdade e não ter emprego. Tanto é que como é que eu me virei para pagar a faculdade, arrumava empreguinho. O empreguinho que desse, auxiliar de escritório, trabalhar no comércio também. A

gente se virava mais assim, empreguinho com salariozinho. Lembrando também que o início da década de 80 foi uma crise econômica bravíssima. Logo que eu entrei na faculdade, desemprego assim enorme. Se você conseguisse um empreguinho ruim já estava ótimo porque o país numa situação muito ruim. Enfim, eu sei que só trabalhando com memórias da educação é que eu vim a formar um painel do que estava acontecendo naquele período. E por que, por que de certas opções? Por que de certas opções? Quer dizer, a universidade tinha que ser reservada a pessoas da classe certa. Eu não era da classe certa, então, aí dificultaram a minha vida o quanto puderam, dificultaram o quanto puderam. E, num certo sentido também, acho que só reforçou a minha necessidade de conhecer história. Entender essa maluquice toda, porque o país, o Brasil é um país muito complicado. Bom, a despeito de tudo isso. Eu consegui entrar na faculdade, a PUC foi a única escola particular que eu frequentei.

**PES:** Não entrei na USP, acredito, muito em função dessas dificuldades todas que eu enfrentei. De ser aluno noturno, de um monte de coisa que eu tinha que conhecer ou não conhecer, enfim, essa confusão toda. E só consegui fazer a PUC de São Paulo por quê? Por obra do divino, a PUC é ligada à Igreja Católica e eles tinham o Bolsa Pobreza. Não era assim que eles chamavam, mas era assim que eu chamava. Alunos com muitas dificuldades financeiras, eles davam, uma bolsa restituível, aí eu contei para eles a minha triste história e consegui uma bolsa de 60%. E não fosse isso, eu hoje estaria provavelmente carregando tijolo em alguma obra aí, alguma construção por aí.

**MLMC:** Olha, mas eu tive problemas semelhantes ao seu, assim. Só que eu não me arrisquei, eu entrei primeiro numa faculdade de engenharia particular, boa, mas que era FEI. Mas eu falei, não dá. Daí, comecei a estudar sozinha. Estudei sozinha até entrar na USP, né? Porque não teria condições de estudar também.

**PES:** Parabéns a você, Maria Lucia. É admirável mesmo, eu entrei na PUC, e como eu disse, por obra do divino a PUC, quer dizer, eu pleiteei essa bolsa. Recebi a bolsa 60% já. Me ajudou demais, porque senão não teria como continuar. Cursei cinco anos, eu fui de 81 a 85, com licenciatura e tudo mais. E essa bolsa era restituível. E era uma coisa que me preocupava bastante. Só que, como também, nos anos 80, a inflação era absurda, e esse programa de bolsa da PUC, e a gente tem que reconhecer, era realmente para ajudar os pobres, eles não faziam correção da dívida. Eles não faziam correção. Porque, senão, a dívida realmente se tornaria impagável.

**MLMC:** Tipo o BNH.

**PES:** É, tipo o BNH, né? Só que não, nisso eu reconheço o papel da PUC, da Fundação São Paulo, porque eu tive 60% de bolsa, está certo, só que eles não corrigiam, ou corrigiam muito pouco, muito abaixo da inflação. Quando eu terminei o curso, olha, eu paguei algumas prestações. Eu até me lembro exatamente. Eu

paguei nove prestações, nove mensalidades, e a dívida se esgotou. Então, olha, foi melhor que negócio de pai para filho. Porque, sabe assim, a despeito de eu ganhar muito pouco, a despeito das dificuldades, eu rapidamente me livreí daquela dívida. E foi o que, na verdade, mudou a minha vida, porque, olha, 37 anos depois, cá estou eu ainda vivendo, vivendo dos meus conhecimentos em história. E, enfim, realmente eu sou obrigado a reconhecer o papel da Fundação São Paulo em auxiliar esses estudantes com dificuldade.

**MLMC:** E teve algum professor que te marcou na PUC? Teve algum professor que te marcou? Alguma área específica em História que te marcou?

**PES:** Olha, graças a Deus, Maria Lucia, foram muitos. Foram muitos mesmos, tá? Nicolau Sevcenko, um cara absolutamente genial. Todos esses, olha, por ironia, todos esses que eu vou citar, acabaram indo para a USP. Deram aula para mim na PUC e depois acabaram todos na USP. Então, Nicolau Sevcenko, cara genial, Modesto Florenzano, todos eles autores de livros, pessoal gabaritado, muito gabaritado. Esses dois foram para a PUC, para a USP, ficaram vários anos na PUC e acabaram na USP. A Ilana Blaj, Ilana Blaj, ali no prédio da História, tem uma sala com o nome dela, foi minha professora na PUC. O Elias Tomé Saliba, também muito conceituado, com vários livros escritos, também acabou indo para a USP. São muitos, são muitos. Holien Bezerra, esse eu não sei que fim levou, mas era um senhor já no meu primeiro ano de curso, ele já era um senhor, também autor de vários livros, enfim, olha, muita gente boa, muita gente de primeira linha e foi um, assim. Não vou nem dizer que foi um curso marcante, né? Porque, assim, eu fiz a minha carreira de 37 anos e ainda não parei. Eu fiz a minha carreira em cima desse conhecimento todo que eu adquiri por lá. Então, muita gente boa mesmo, e é muito legal também estar falando isso aqui. Para lembrar dos anos de faculdade. Tenho foto com a minha turminha lá no campus, no campus da PUC. E, enfim, sei lá, você queria registrar os professores, não sei se eu continuo falando dos professores ou se já é o suficiente?

**MLMC:** Não, eu fiz essa pergunta porque normalmente nós definimos a nossa profissão com base em alguns professores que são marcantes. Ou mesmo depois de ter definido a nossa profissão, sempre tem professores que a gente se inspira, que contribuem para as nossas práticas, tanto que você vê que a gente acaba selecionando alguns referenciais teóricos para escrever. Porque a gente se identifica com eles. Então, foi por isso que eu te fiz essa pergunta.

**PES:** Hum, hum. É muito legal estar tendo essa chance aqui de falar tudo isso. E eu não sei para que lado ir agora.

**MLMC:** Nesses 37 anos, no início você foi pegando aulas de substituição até se formar. E quando foi que você ingressou como efetivo? Foi na Secretaria da Educação? Que ano foi? E depois como foi que você ingressou na Paula Souza?

**PES:** Bom, então deixa eu fazer uma explicação rapidinha porque, assim, na verdade eu não fiquei pegando aulas em substituição. Eram aulas livres, é como eu disse: – a falta de mão de obra era muita. Era muita falta de mão de obra. Então, as aulas ficavam livres. Eu era ACT, admitido em caráter temporário. Admitido em caráter temporário, que seria, assim, mal comparando, o contrato determinado da Paula Souza. Na verdade, eram aulas livres. Eram aulas que ninguém pegou porque não tinha um profissional. Então, e aconteceu, você deve se lembrar do Centro Cívico, porque a gente ainda estava na Ditadura Militar e as escolas não tinham... Bom, tinha o... Depois virou Grêmio. Depois no regime, no período Democrático, virou o Grêmio Estudantil. Mas o Centro Cívico, ele tinha que ser coordenado por um professor. E eu, porque ficou vago ali, ficou vago o cargo. Ninguém assumiu aquilo lá. E aí a diretora me colocou para tomar conta do Centro Cívico. Então, eu dava aulas e, ao mesmo tempo, cuidava do Centro Cívico da escola. Recebia, algumas aulas pela coordenação do Centro Cívico. Recebia porque, efetivamente, eu dava aula em sala. Então, assim mesmo, não era uma instituição. E, como eu disse, desde então, eu já me fixei. Já me fixei na escola, tá? Aí, eu estava finalizando o curso, em 1985, o Governo do Estado abriu o concurso para efetivar professores. Só que, para participar do concurso, a gente precisava do diploma. E eu estava no último ano. Eu me inscrevi, eu e meus colegas. Os meus colegas todos lá nos inscrevemos para um cargo, um cargo efetivo. Todos nós passamos, porque havia muitas vagas também, mas passamos muito bem colocados, graças a Deus, também. E, para nossa sorte, o próprio governo pediu que a PUC acelerasse o processo dos diplomas. Porque levava, você deve lembrar disso. Os diplomas iam...

**MLMC:** Lembro sim! (risos)

**PES:** Demorava uma eternidade para o diploma ficar pronto. Mas, se você comprou e foi aprovado no concurso, o seu diploma seria acelerado. E aí, foi ótimo, né? Porque saiu lá meu nome no Diário Oficial. Eu comprovei, mostrei lá na PUC, olha, fui aprovado. Então, preciso acelerar. E aí, enfim, entregaram os diplomas para que nós pudéssemos assumir o cargo. Assumi o cargo em 1986. Em 1986, já era efetivo no Estado. Agora, como profissão, eu considero em 1983, porque foi eu entrar na sala de aula e nunca mais sair. Nunca mais sair, não teve interrupção. Não teve assim, ah, fiquei uma semana, um mês sem aulas, não. O tempo todo. Sempre tinha vaga, sempre tinha lugar, sempre tinha gente. Então, inclusive, na mesma escola, eu nem tinha que trocar de escola, porque sempre estava sobrando aula. Então, enfim, foi bom e foi mal, eu digo foi mal, porque essa situação também destruiu a escola pública.

**MLMC:** Mas você dava aula só de História ou de outras disciplinas?

**PES:** Ah, legal. Então, tá. Porque, olha só, eu tive o privilégio de dar aula no regime militar. Então, a gente tinha OSPB, Organização Social e Política Brasilei-

ra, e Educação Moral e Cívica, Educação Moral e Cívica. Então, eu pegava aula de História e dessas outras duas. Então, quer dizer, havia muitas opções de aula, havia muitas opções de aula, e mais a coordenação do Centro Cívico. Porque como eu era habilitado em Educação Moral e Cívica, então nada melhor do que tomar conta também do Centro Cívico. Enfim, agora...

**MLMC:** E o que você desenvolvia no Centro Cívico? E o que vocês desenvolviam?

**PES:** É... Assim, era muito, vamos dizer assim, tinha uma parte recreativa, uma parte recreativa, tinha a fanfarra da escola, que eu não entendia absolutamente nada de fanfarra, mas como tinha... Existiam alunos que participavam de escola de samba, de outras coisas, então, os próprios alunos ensinavam os outros, tá certo? E funcionava, funcionava porque a gente conseguiu desenvolver a fanfarra, embora eu não entendesse nada de música absolutamente, mas os próprios alunos uns ensinavam os outros e a coisa andava. E campeonato de futebol. Assim, tinha lá um lado recreativo. E, por outro lado, é claro, o regime exigia que se comemorassem as datas cívicas. Então, tinha aquelas datas mágicas, que tinha que assistir a bandeira, tinha que cantar o hino, tinha que ensinar os alunos a cantarem o hino. Além de outras atividades, vamos dizer assim, mais culturais, algumas exposições de trabalho dos alunos. Era meio pau para toda obra, tudo que a escola precisava lá. Eu era bem novo, eu era bem novinho e tudo que a escola precisava, a gente estava ali, para ajudar as festas também. Porque era papel do Centro Cívico cooperar com as festas. Então, tinha festa junina, aquelas quermesses. Bom, você imagina, era um pouco de tudo.

**MLMC:** E que ano você entrou na Paula Souza? E como foi?

**PES:** Então, na Paula Souza, aí eu já era macaco velho do Estado. Porque o meu concurso na Paula Souza foi em 1994. Em 1994, que, pelo que eu sei, foi um concurso grande. Porque muitas escolas tinham ingressado no Centro Paula Souza e precisavam também de muito professor. Então, fizeram um concursão enorme, nessa época, eu dava aula no Brasílio Machado, que fica ali na Vila Mariana, e uma colega me perguntou: – você vai prestar o concurso para a escola técnica. Eu falei, ah, eu vou, e ela falou: – olha, então, escolhe a Rocha Mendes, porque lá é muito legal, o ambiente é muito bom. Eu não fazia a mínima ideia de onde ficava a Rocha Mendes. Mas o fato dela dizer que o ambiente era muito bom, eu falei: – ah, é aqui que eu vou. Porque melhor estar num ambiente bom, do que se arriscar sei lá onde. E aí, então, em 1994, eu optei por prestar o concurso para a José Rocha Mendes, por indicação dessa colega. Porque essa colega já tinha trabalhado na Rocha Mendes, falou muito bem do ambiente lá. E, ao mesmo tempo, ela era irmã da coordenadora do curso de eletro, ela era irmã da coordenadora do curso de eletro e já tinha trabalhado lá. E aí, por todos esses motivos, olha, vai para a Rocha Mendes que o ambiente é ótimo e tal. Prestei o concurso em 1994. Em fevereiro de 1995, já comecei trabalhando. Já começamos aí eu e outros mui-

tos que ingressaram também. E aí tinha aquela troca, porque tinha gente que estava encerrando o contrato e saindo, para que esses novos ocupassem a vaga. Então, a partir de fevereiro de 1995, eu comecei a fazer parte, com muito orgulho, do Centro Paula Souza. E eu digo com muito orgulho, porque eu gosto muito de trabalhar na Paula Souza. Uma coisa que eu sempre digo, e é pura verdade, nunca trabalhei com um corpo docente tão competente. Tão competente, porque você tem muitos, são mestres, doutores, gente que tem empresa, que atua no setor técnico, no ensino profissional, e ao mesmo tempo exerce atividade profissional em microempresas próprias. Então, eu acho muito bacana. Eu acho que o pessoal da Paula Souza é muito competente. Aí, em 2011, eu conheci a Maria Lucia.

**PES:** Em 2011, eu conheci a Maria Lucia (risos) criei coragem, porque eu já sabia do projeto de memórias, mas, na época, eu estava envolvido também com outros projetos, com outras coisas. Mas, aí, apareceu esse negócio, fiquei pensando em trabalhar com memórias e me arrisquei a falar com a moça.

**MLMC:** Mas, foi em eventos que nós nos conhecemos?

**PES:** Foi o quê?

**MLMC:** Foi em eventos de memória que a gente se conheceu. Porque, assim, eu me lembro de te fazer convite e você falar assim, por enquanto, eu não posso. Eu acho que você devia estar com muitas aulas. Você vinha para os nossos eventos. Eu, novamente, te sugeria ter projeto. E, daí, uma hora você falou, não, o ano que vem eu vou começar.

**PES:** É, não, mas foi isso mesmo. Porque eu comecei a ver os encontros de memória. E, é lógico, memória e história têm tudo a ver. Mas, assim, eu não podia assumir de cara, porque, como eu disse, eu já tinha outros compromissos, outras coisas e tal. E, aí, eu fui preparando o terreno. Fui me desvencilhando, vamos dizer assim, dessas outras obrigações para assumir um projeto mesmo com memória. E, foi muito legal, foi muito legal porque projeto de memória me permite escrever. E, eu descobri que escrever é muito legal. Pesquisar e escrever, eu sempre tive essa vontade, mas a atividade de professor, essa loucura toda assim, eu não podia exercer mesmo. E o fato de ter entrado para o grupo de memórias meio que me obrigou a colocar isso em prática. E, aí, eu descobri que realmente é uma atividade muito prazerosa. Eu gosto muito de fazer parte da Paula Souza e fazer parte das Memórias, fazer parte aí do GEPEMHEP e escrever.

**MLMC:** Oh, o nosso livro vai sair esse ano, viu? Já foi assinado o contrato com a gráfica.

**PES:** Você acha que fica pronto quando?

**MLMC:** Olha, essa semana eles vão me mandar a carta de empenho porque eles me mandaram na segunda-feira o contrato assinado pela professora Laganá e

pelo responsável da Gráfica. Agora, tendo essa carta, eu estou com todo o material pronto para mandar. Eu acho que mais uns dois meses a gente tem, porque demora até aprovar o boneco. Mas vai sair em 2020.

**PES:** Vai sair ainda em 2020?

**MLMC:** Vai, vai sair.

**PES:** Pois é, e eu tenho mais um capítulo nesse aí que vai sair, o que é uma satisfação muito grande para mim. E parabéns de novo a você, né, Maria Lucia? Porque você realmente consegue tirar leite de pedra. Eu digo tirar leite...

**MLMC:** Isso é importante para a instituição. Eu acho assim, tudo isso a gente consegue porque tem o apoio da coordenação, tanto do professor Almério (Almério Melquiades de Araújo) como da professora Lucília Guerra que valorizam o projeto. E espero que nós... Esse projeto tem 23 anos e espero que ele continue com os outros, pois quando nós não estivermos mais aqui, que outros continuem desenvolvendo, como nós fizemos quando recebemos da Júlia Falivene.

**PES:** Pois é, exatamente. A Júlia também que foi uma contribuição fantástica para que tudo isso acontecesse. E quer dizer: – mas, olha, tem uma coisa que eu adoro escrever. Agora, escrever em tempos de pandemia está difícil. Eu vou deixar isso registrado aqui também. A gente escreve, a gente faz, porque o compromisso vem primeiro, mas escrever na pandemia tem sido muito difícil. Muito difícil, a pesquisa ficou, assim, travada e a gente está remando contra a maré aí para...

**MLMC:** Agora, os alunos têm acompanhado o que é proposto? Você tem sentido isso? De forma... Assim, é uma grande porcentagem que acompanha o que é proposto? É...

**PES:** Você está se referindo, assim, à nossa produção como GEPEMHEP?

**MLMC:** Não, não, estou perguntando por causa da pandemia que você falou. Porque, assim, eu sei que os professores estão tendo muito trabalho. Fazendo muitas pesquisas para poder se apropriar de pesquisa de outros professores. Porque eu mesmo também tenho assistido muitas lives, porque os professores universitários têm promovido encontros e a gente naquele afã de conhecer, de ver o que o outro está fazendo, você acaba consumindo muitas horas. Mas, eu conversando com professores nossos, do nosso grupo, eles também consomem muito tempo fazendo pesquisa para passar para o aluno, e daí a pergunta é essa: – os alunos estão aproveitando todo esse trabalho que é grande de pesquisa? Porque preparar aula para difundir é muito mais trabalhoso do que você estar na sala de aula tirando as dúvidas pessoalmente, que pessoalmente você consegue detectar um ponto aqui, outro ponto ali. E o sistema atual do teams, ele também, assim, você tem que levantar a mãozinha, nem todos levantam a mãozinha, você

não consegue enxergar ninguém. Então, é lógico que em época de pandemia, ainda bem que nós temos isso, ainda bem que o Centro Paula Souza já estava preparado, mas eu acho que as aulas presenciais, elas também são muito importantes. Como é importante se apropriar desses conhecimentos, mas eu acho que vai ter muita coisa a ser revista.

**PES:** Sim, sem dúvida nenhuma, e sobre aproveitar o nosso trabalho, o nosso desempenho. Porque são muitas horas de trabalho, enfim, é muita coisa mesmo. Olha, o que que eu posso te dizer disso? Com certeza, alguns estão aproveitando bastante, alguns participam mesmo, acompanham tudo. Agora, uma coisa que tem sempre sido recorrente nas reuniões, reuniões de professores, são alunos deprimidos, alunos desmotivados e isso não tem nada a ver com plataforma, nem com nada, não. É porque é aquilo, eu acho que assim, a gente tinha uma vida na escola e essa vida na escola foi abandonada. Lógico, né? Absoluta necessidade, tinha que ser assim, não poderia ser diferente, mas eu acho que isso derrubou muita gente. Ontem mesmo, só para você ter uma ideia, um aluno me escreveu no chat e dizendo olha, professor, eu não estou conseguindo acompanhar direito, tem tarefa para entregar, tem coisa para fazer, mas ele me explicando isso. A mãe pegou Covid, aí o pai também pegou Covid, para protegê-lo, ele foi morar com a avó e aí tá o pai e a mãe doente e ele tá morando em outra casa com a avó. Você vai esperar que resultado desse aluno, se ele ficar deprimido, se ele não conseguir fazer as tarefas, se ele não tiver cabeça para ouvir a sua aula, você tem que entender. Porque imagine que situação complicadíssima, esse aluno está vivendo o pai e a mãe doente e a gente não sabe como que isso vai terminar, ele tá com a avó e enfim, a cabeça dele deve estar...

**MLMC:** É, por isso que eu acho assim, os próprios secretários do governo, eles mesmos já anunciaram, que a gente vai juntar tudo isso, os alunos têm que ser aprovados, não tem como. E depois vamos ver como é que nós vamos fazer para recuperar, assim, não tem, não tem, é uma pandemia. Pandemia, mexe com todo mundo. É uma boa sugestão, olha, em função do...

**MLMC:** Eu estou gostando muito de conversar com você, mas certamente nós continuaríamos e teríamos muitas outras coisas para falar sobre educação, mas nesse momento eu vou interromper essa entrevista, que já tem por volta de uns 60 minutos e vou transcrevê-la, vou depois te mandar os termos de autorização para podermos publicar e difundir o vídeo e espero fazer outras entrevistas com você. Eu agradeço muito você ter contribuído aí com o nosso projeto.

**PES:** Eu agradeço muito a oportunidade de ter podido contar essas memórias todas aqui, acho que isso também é muito importante para o projeto, é muito importante para o GEPEMHEP. E sempre que precisar, a gente está aqui para cumprir o nosso papel. E veja só você, eu estou aqui conversando com você e na minha tela já tem recadinho de aluno esperando resposta, não sei o que é que está acon-

tecendo, mas está indicado ali aluno querendo falar comigo. E é assim que a gente vai vivendo a pandemia aqui.

**MLMC:** Obrigada!

**PES:** Obrigado, Maria Lucia. Até a próxima, então!

# 11.

## JUREMA RODRIGUES

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Philadelpho Gouvêia Netto, em São José do Rio Preto



Jurema Rodrigues é Licenciada em Letras pela FARFI (1984), com Licenciatura Plena em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar 1º e 2º graus pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” de Barretos/SP (1986). Magistério Matérias Pedagógicas de 2º grau pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” de Barretos/SP (1992). Pós-Graduação “Lato Sensu” Mod. Especialização em Língua Portuguesa da UNICAMP (2013). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de 1986 a 2013. Professora de Língua Portuguesa e Literatura (1996 a 2024), de Processos Criativos (2024), de Laboratório de Mediação e Intervenção (2024) da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêia Netto. Faz parte do GEPEMHEP no Centro Paula Souza, desde 2012.



*Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em 2025.*

*Fotografia: Jurema Rodrigues, em 14/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, professora Jurema Rodrigues, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, dentro do programa “História Oral da Educação: memórias do trabalho docente”, principalmente porque você, professora, é curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto, e foi quem deu origem, quem ajudou a criar esse Centro de Memória. Então, eu gostaria muito que você falasse da sua trajetória profissional enquanto professora, desde a sua formação inicial, a onde você nasceu, onde você estudou, como abraçou essa carreira de Artes, e depois, quando entrou no Centro Paula Souza e como se envolveu com o projeto de Memórias.

**Jurema Rodrigues (JR):** Boa tarde, eu agradeço essa oportunidade de estar sendo entrevistada principalmente pela professora, a doutora Maria Lucia Mendes de Carvalho, coordenadora desse projeto muito importante para todos nós.

**JR:** Bom, eu tenho 61 anos, moro com a minha filha, né, minha filha Lígia Rodrigues Oliveira, ela está fazendo doutorado em Química e atualmente eu estou muito realizada, porque hoje eu estou morando na casa que eu construí, meu sonho, amo o meu jardim, minhas flores, e agradeço a Deus pela oportunidade de ter passado por um tratamento, em 2015, e hoje está super bem e com o sonho realizado de uma casa grande, confortável, principalmente nessa época de pandemia, poder estar com conforto. Bom, nasci em 16 de julho de 1959, em São Paulo, lá

eu fiquei, nós ficamos pouco tempo, uns dois, três anos, nós mudamos para a região de Ribeirão Preto, que é da família da parte da minha mãe, depois fomos para Minas Gerais, pouco tempo, depois viemos para São José do Rio Preto, no início, em janeiro de 1967, e aqui ficamos todo esse tempo. Então parece que sou mais riopretense do que verdadeiramente de onde eu nasci.



*Jurema Rodrigues e a filha Lígia Rodrigues Oliveira  
Fotografia de Sueli Mara Oliani Oliveira Silva, em 2016*

**JR:** Eu fiz de primeira à quarta série e, também admissão, na Escola Estadual Ezequiel Ramos, depois eu fiz de quinta à oitava série, que seria o ensino fundamental, na Escola Estadual Professor Justino Gerry Faria. E o ensino médio eu fiz na escola estadual também, Escola Estadual Professor José Felício Miziara. Lá eu fiz o ensino médio, na época profissionalizante, em Patologia Clínica, porque na realidade eu tinha a intenção de fazer psiquiatria, medicina na área de psiquiatria.

**JR:** Fiz cursinho, mas não foi possível, porque na época que eu estava no ensino médio, o meu pai, ele sofreu um acidente e ficou inválido. Eu era, sou, né, a filha mais velha, antes de mim só tenho um meu irmão, minha mãe teve sete filhos, era muita gente, dependendo, e eu não pude seguir a esse, fazer a medicina, né. E, fui incentivada por uma professora minha, professora Daisy Rollemberg, que lecionava na Escola Felício Miziara. Como ela sabia que eu gostava de escrever, que eu gostava de literatura, de gramática, da comunicação, ela me incentivou e eu fiz Licenciatura em Letras. Eu fiz uma escola na faculdade particular, na época chamada FARFI, Faculdade Rio-pretense de Filosofia, Ciências e Letras. Terminei em 84, 1984. Estava trabalhando no escritório, eu trabalhava com processamento de dados na área de estoque, com o material de construção. Trabalhei por muito tempo lá, sete anos, e não havia lecionado.

**JR:** Um dia eu encontrei a minha ex-diretora, que foi diretora da Escola José Felício Miziara, Rosa Ciscone, que na época ela estava na supervisão de ensino, e a supervisora, que havia sido minha diretora, falou: – Não, você tem que lecionar. Por que você não está lecionando? Eu falei: – Ah, eu preciso lecionar, mas eu preciso deixar o emprego. Mas, eu precisava de algo que me desse, assim, pelo menos uns meses. Ela falou: – Não, eu vou te arrumar.

**JR:** Ela arrumou uma licença de gestante, em José Bonifácio, e eu fui três meses para lá, sem experiência nenhuma, só com o que eu tinha da faculdade, mas eu sempre muito criativa, foi uma experiência boa. Mas, claro, cometi meus enganos, é claro, meus erros, e nesse meio tempo também me inscrevi para aulas eventuais e de substituição aqui em São José do Rio Preto. Comecei a pegar essas aulas na Escola Maria Galante Nora, e lá em 1986 mesmo, né, segundo semestre. Em 1987, a diretora de lá, Elinez Martinez, Domingues Martinez, ela gostava muito do meu trabalho, ela falou: – Não, você vai fazer, eu vou te dar um projeto chamado PROFIC – Programa de Formação Integral da Criança. Esse programa foi muito interessante, foi importante para mim, eu tive esse privilégio de poder ter um projeto, porque com o projeto você se atualiza, você tem condições de participar. O aluno, ele ia em um período nas aulas normais, e depois ele ia em outro período comigo, e ela falou: – Eu vou aproveitar esse projeto para você dar reforço aos alunos, inclusive do ensino médio noturno, e além do reforço, eu também fazia outras atividades com eles, até de teatro, de tudo. Fiquei lá três anos com esse projeto, né, PROFIC, bem interessante, depois tive a oportunidade de me inscrever e ser selecionada para trabalhar no CEFAM.

**MLMC:** Esse projeto PROFIC, ele era dentro da secretaria, onde ele funcionava?

**JR:** Na Secretaria da Educação.

**MLMC:** Municipal ou estadual?

**JR:** Estadual, essa escola era estadual, né, a Escola Galante Nora, Professora Maria Galante Nora. E esse trabalho no PROFIC era da Secretaria da Educação. E aí eu me inscrevi, fui selecionada para lecionar no CEFAM, na disciplina de Metodologia da Língua Portuguesa. Como eu havia feito Pedagogia, eu pude me inscrever e ser selecionada. Lá eu trabalhei, no CEFAM. Primeiro deixa eu falar, né, o CEFAM é Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, um projeto muito interessante, e eu trabalhei de 1990 a 1995 como professora, depois também, além de Metodologia da Língua Portuguesa, também lecionei Língua Portuguesa e Literatura.

**JR:** E o CEFAM, ele tinha muitas vantagens. Eu recebia, né, seria como se eu tivesse 32 horas, mas eu trabalhava por vinte e poucas horas, nem 24 e ganhava ao todo por 40. E com isso eu tive oportunidades, toda a capacitação, grande parte da capacitação que eu não pude usufruir na época da faculdade, eu busquei e aprimorei.

rei, porque nós tínhamos uns HTPCs verdadeiros, né, que discutíamos realmente textos, artigos, era mesmo assim, o HTPC era realmente formador, não só para os alunos, como para nós, professores.

**MLMC:** O que era o HTPC?

**JR:** É hora de trabalho. Reunião, né, para horas de trabalho com os professores. Nós fazíamos esse HTPC toda sexta-feira, reuníamos todos os professores, a pauta da reunião sempre muito boa, os professores sempre, assim, atualizados, e isso foi um crescimento para mim. Eu fui buscando, inclusive com educadores, participei de muitas capacitações que tinha na CENP, né, em São Paulo, também é coordenadoria, né, do estudo, de estudos em São Paulo, e com isso eu fui me aperfeiçoando. Tinha também uma professora aqui em Rio Preto, que ela lecionava na área de Pedagogia, Maria Helena Matos, ela me passou muita coisa, ela me indicou muita leitura, muitos livros, e isso eu fui levando para a sala de aula, porque eu tinha a Metodologia da Língua Portuguesa, eu acompanhava também estágio dos alunos, os alunos eram bem interessados, eles ganhavam para estudar, e inclusive sempre encontro ex-alunos, e grande parte depois prestaram concurso, passaram, porque o estudo lá era muito bom. E então eu fiquei de 1990 a 1995.

**JR:** Nesse tempo também fiz um treinamento em Língua Portuguesa pela UNESP daqui, Rio Claro, não tive o certificado de que seria pós-graduação, mas foi muito importante. Nesse tempo também de CEFAM, em 1991, eu tive a oportunidade de fazer um projeto que o grupo Vitae, junto com a PUC do Rio de Janeiro, esse projeto chamava “Atualização em Língua Portuguesa para professores de segundo grau”, e eu tive a oportunidade, me inscrevi e as aulas foram na USP, na cidade universitária em São Paulo. Teve vários módulos, só que eles não deram certificado relativo à especialização pós-graduação, porque eles cortaram, eles explicaram, eles deram certificados de vários módulos. Mas, mesmo assim foi maravilhoso, foi capacitação, foi importantíssimo.

**JR:** E, nesse meio tempo que eu estava no CEFAM, eu prestei vários concursos, e eu passei no concurso da Secretaria da Educação. E, também o Centro Paula Souza, quando ele assumiu as escolas técnicas do estado de São Paulo, em 94, ele abriu o concurso, eu me inscrevi e, também passei. No concurso que eu passei, na Secretaria da Educação, eu assumi em 1995, só que eu fiquei afastada, trabalhando ainda como professora no CEFAM, e depois, no outro semestre, o governo cortou o afastamento. Então, em 1996, eu não pude ficar afastada, eu precisei ir para minha sede, né, que eu me efetivei, que foi a Escola Estadual Professor Walfredo Fogaça (Escola Estadual Walfredo de Andrade Fogaça Professor).

**JR:** Foi, assim, uma experiência muito difícil, porque eu sempre estava no bem bom dos projetos, do PROFIC, e depois do CEFAM, níveis diferentes, chegar naquela realidade de primeiro grau, de periferia, foi difícil, foi complicado. Mas,

como eu havia passado no concurso do Centro Paula Souza, chegou, e que eu fiz em Campinas, né, foi um concurso que o Centro Paula Souza abriu para todos os professores. Nesse concurso eu competi com os professores do estado de São Paulo, fui classificada, não tinha tantos pontos na casa como outros, mas na hora que eu fui escolher, em 95, nós tivemos a escolha, como a minha filha era pequena, eu não pude escolher, que na hora da atribuição veio para mim em Penápolis, uma escola técnica em Penápolis. Eu chorei muito porque eu precisei, eu não pude escolher, eu precisava ficar em São José do Rio Preto, que eu tinha efetivado, estava no Walfredo Fogaça e, também tinha filha pequena.

**JR:** E, mas, como diz, o que tem que ser, né, nesse meio tempo também eu havia prestado um concurso de coordenadora pedagógica na Prefeitura de São José do Rio Preto, passei, mas não havia sido chamada ainda. Em 1996, eu me removi para a Escola Adair Fogaça, que era pertinho da outra, né, da Walfredo Fogaça, e de repente eu tenho um telefonema da escola da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, que a atribuição tinha sido errada, tinha tido um erro na atribuição em 96, porque um professor que estava, que assumiu as aulas, né, após o concurso pelo Centro Paula Souza, ele deixou duas aulas, e a diretora na época era a Maria Carolina Cosenza Araújo. Ela atribuiu essas duas aulinhas em 96, indevidamente, para um professor, professor Geraldo, que inclusive estava após mim na classificação e ele pegou as aulas que eu não pude pegar em Penápolis.

**JR:** Para você ver, a supervisora na época anotou a discrepância, a Merli (supervisora Merli Maria Garcia Diniz), falou: – Não, é da professora Jurema Rodrigues. Ela me chamou por sorte minha, porque já tinha sido realizado o horário, o horário já estava fechado, mas nesse inteirinho eu tive a oportunidade de fazer inscrição para ser coordenadora do CEFAM, coordenadora geral do CEFAM, de São José do Rio Preto, que chama professor, chamava, né, CEFAM Professora Lucília Ferrari. Eu só pude ficar com as aulinhas do Philadelpho, que eram duas só, o ano todo, por conta de que eu estava no CEFAM, como coordenadora, então eu afastei, coordenadora eu poderia afastar, eu afastei das minhas aulas de efetiva, né, e fiquei como coordenadora no CEFAM de 96 até julho de 97.

**JR:** Eu fui eleita, aceita pelos professores, porque lá também tinha esse sistema de eleição, só que eu peguei e estava praticamente entre fogo cruzado, porque o CEFAM ele tinha dois grupos de professores, um grupo muito radical, inclusive todos eram meus colegas, né, e um grupo menos radical. Esse grupo radical, sempre em atrito, contestava a Diretoria de Ensino, principalmente o supervisor Anésio, e eu não consegui, né, seguir aquele radicalismo que eles gostariam que eu seguisse, e acabei tendo uma gestão muito ruim, porque esse grupo foi, a partir da hora que eu não fui a favor, eles foram contra, e fiquei com um grupo a favor, a minha gestão, e um grupo contra, que inclusive foi muito difícil, porque a corda sempre arrebenta pelo mais fraco, né? Eu fui perseguida, eles me caluniaram, só

que o supervisor Anésio falou: – Não, vamos fazer uma sindicância para provar. Fizeram, teve sindicância, vieram pessoas da diretoria de Rio Preto, de São Paulo, e viram, provaram que era tudo uma acusação pessoal para atingir, né, a diretoria de ensino, porque o CEFAM também já estava num processo, assim, um pouco fragilizado. Eles, como hoje, eram muito críticos, e estava ficando difícil, inclusive para a Secretaria da Educação. Bom, eu resolvi encerrar minha gestão como coordenadora pedagógica, porque eu falei assim, não, não tem clima. Tinha um grupo que era favorável, que inclusive eles escreveram, eles lutaram, eles provaram documentos a meu favor, favoráveis, e deu tudo certo.

**JR:** Só que já não dava mais, não tinha mais aquele clima, né, e eu voltei para as aulas. Eu continuei, eu inclusive tive a oportunidade de 97 de ampliar minha carga, porque uma outra professora havia deixado as aulas no Philadelpho. Então, eu fiquei, continuei na Etec Philadelpho Gouvêa Netto, e fui para a Escola Estadual Antônio de Barro Serra. Fiquei nas duas escolas. Depois eu me removi para a Escola Professor José Felício Miziara, que inclusive foi a escola que eu havia feito o ensino médio. E fui para lá em 2000, e fiquei nessa escola até 2012, quando eu me aposentei.

**JR:** Uma escola muito boa, desde a época que eu estudei, perto de outras escolas estaduais, uma escola muito boa. Lá, inclusive, eles permitiram que o Philadelpho usasse umas salas para a extensão de alguns cursos noturnos, que inclusive eu lecionei, também lecionava na Escola Professor José Felício Miziara, como da Secretaria da Educação, e na parte do Philadelpho, que era a extensão do Philadelpho também.

**MLMC:** E que disciplinas você ministrava?

**JR:** Sempre na área de Língua Portuguesa e Literatura, e, também, Linguagem, Trabalho e Tecnologia. Bom, nesse tempo, eu fui me capacitando, prestei vários concursos, eu passei, fui aprovada em vários concursos pela Secretaria da Educação, em 94, 97, 99, 2004, 2010, na Prefeitura também, em 1997, Coordenadora Pedagógica, e no Centro Paulo Souza, em 94. Atualizei, fiz várias atualizações, como eu falei, uma atualização que eu gostaria de mencionar, além de Pedagogia, de Especialização na área de Didática, e, também na área de Psicopedagogia, que eu fiz pela ICEB, em Barretos.

**MLMC:** Que ano foi?

**JR:** Foi em 2007, especialização, em 2010, nessa área de Pedagogia e Psicopedagogia, né, especialização, porque eu já havia feito, em 1990, Pedagogia e Administração Escolar, depois, em 95 eu terminei. Eu quero mencionar uma especialização que eu fiz, que foi importantíssima, que eu me senti muito realizada, foi um programa, foi na Unicamp, foi em 2011, 2012, que eu concluí, que eu fiz a monografia, Gênero Notícia, Prática Textual, e a minha professora, né, que foi a orientadora, foi a Roxane Helena Rodrigues Rojo, na Unicamp, em Campinas.

**JR:** Foi uma experiência muito boa, um crescimento para mim, uma atualização, aprendi muito. Agora, eu gostaria de falar sobre a minha história na Etec Philadelpho Gouvêia Netto, que eu amo, sempre gostei muito de trabalhar lá, como eu digo, eu acho que estava escrito, porque as aulas tiveram que voltar para mim (risos), e eu estou lá desde 1996. Primeiro, eu comecei com duas aulinhas de Língua Portuguesa e Literatura, e o curso, nessa época, os cursos eram curso técnico integral, depois, em 98, com a mudança, os cursos passaram para modular, aí que entra a Linguagem, Trabalho e Tecnologia, que eu também fui professora de alguns cursos, e teve a oportunidade do governo inserir o ensino médio nas escolas do Centro Paula Souza. E, no ensino médio, eu trabalhei todos os anos, que o Centro Paula Souza aceitou o ensino médio. De 2000 a 2008, aconteceu uma coisa muito interessante, uma parceria. Quando nós falamos de trabalho de interdisciplinaridade, muitas vezes nós colocamos no papel, mas na prática não acontece. Eu posso dizer que eu trabalhei com interdisciplinaridade, em parceria com a minha amiga, colega, professora, Sueli Mara Oliane Oliveira. Nós fizemos um trabalho de oito anos, nós fizemos uma parceria de teatro. Como funcionava?

**JR:** Nós tínhamos três salas de ensino médio de primeira série, de ensino médio todos os anos, e nessas três salas nós éramos professoras. Então, nós dividíamos a classe, cada classe, em duas turmas. Cada turma ficava com um grupo de teatro, ela com Arte e eu com Língua Portuguesa e Literatura. E nós desenvolvíamos esse trabalho de teatro, nós estimulávamos os alunos desde a criação da adaptação do teatro, porque nós dávamos obras literárias. Então, nós oferecíamos obras literárias, para cada grupo nós dávamos um nome, uma obra literária, eles teriam que fazer adaptação, eles teriam que fazer roteiro, cenário, figurino, maquiagem, e todo esse processo chegava, culminava na apresentação. Nós apresentamos todos os anos nos teatros de São José do Rio Preto, ora no Teatro Municipal, ora no Nelson Castro, nós apresentamos inclusive no Teatro do Sesc, fomos convidadas, saímos em publicação em jornais. Fomos convidadas para participar do Sesc, mostrar nosso trabalho. Desenvolvemos em todos os anos, foi um trabalho magnífico, os alunos não esquecem, um enriquecimento para eles, tanto na oralidade, como no conhecimento da arte, da literatura.

**MLMC:** Jurema, você tem registro dessas práticas?

**JR:** Todo esse material está guardado no centro de memória.

**MLMC:** Isso dá para fazer um artigo para memórias.

**JR:** Está lá no arquivo já. Temos fotos, temos tudo, está tudo arquivado.

**JR:** Aí ficamos nessa parceria até 2008. Mas, a Sueli como ela lecionava também em Mirassol, ela pegou a coordenação, então quebramos esse trabalho porque ela foi para a coordenação de Mirassol, mas eu continuei. Em 2009 até 2011, eu continuei com esse projeto, mas foi diferente, não dava mais para ficar com tan-

tas salas. Então eu fiz o projeto, inclusive um ano foi aprovado, fui remunerada, porque em todos esses anos, eu e a Sueli a gente não tivemos remuneração nesse projeto nosso. Em 2009, em 2010 até 2011, teve um ano que eu consegui remuneração, porque eu fiz um grupo de teatro na escola.

**JR:** Esse meu e da Sueli, até 2008, chamava “Arte e Literatura”, de 2009 até 2011, eu dei o nome de “Philarte”. De 2009 até 2011, esse projeto era assim: – Eu fazia um grupo de teatro com voluntários, quem gostaria de participar, nós apresentamos peças, fomos premiados, tivemos a participação de teatro no Nelson Castro, que eles passam por uma seleção, foi um trabalho magnífico, muito interessante, que eu também tenho guardado no centro de memória.

**JR:** Em 2011, a Sueli voltou, deixou a coordenação, e ela voltou e ficou comigo um pouco nesse projeto de teatro em 2011, grupo de teatro, novamente uma parceria. Também, quero mencionar que de 2000 até 2010, eu fiz um trabalho também muito bom. Eu sempre gostei de fazer o trabalho com o aluno, para mim o meu trabalho ele é importante, principalmente, porque eu envolvo alunos, e alunos voluntários. Eu fiz um trabalho com o jornal da escola, de 2000 a 2010, eu trabalhei com o jornal na escola, um jornal impresso, e eu tive o apoio, primeiro começou com final da gestão da Maria Carolina Cosenza Araújo, mas que me apoiou mesmo foi o outro diretor, Alberto Moutinho Bastos, ele sempre me incentivou, não era remunerada (risos), foi assim um prazer mesmo e uma satisfação e muitas das coisas, que eu coloco no projeto de História da Educação da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, eu aproveito das notícias que foram publicadas nos jornais da época, não só da minha época, mas de outras épocas anteriores da minha gestão com o jornal. De 2000 então, a 2010, eu fiz um concurso, então os alunos mudaram o nome do jornal que era “Moinho” e passou a ser “Jornal Phila”. Esse jornal eu contava com a participação, tinha os repórteres, jornalistas, tinha a palavra do diretor, também tinha uma coluna interessante que era “Já fui um de vocês”, que entrevistavam pessoas que haviam estudado no Philadelpho e já estavam trabalhando. Então eu sempre mesclava a parte técnica também, porque para mim era importantíssimo. Também estavam registrados trabalhos de professores, trabalhos de diversas áreas e o que era realizado nas mostras pedagógicas da escola, do Philadelpho, é o que estava registrado no Phila.

**MLMC:** E esse jornal da escola era de que período?

**JR:** De 2000 a 2010. Depois, eu em 2011, porque para fazer o jornal eu tinha o apoio do diretor e da APM, que buscava parcerias, e tinha que pagar, esse jornal tinha um custo, e pagava. Então em 2011, na gestão de Valéria Regina Donati Anguera, ela falou: – Está difícil Jurema. Mas, tinha um aluno muito bom, que pode dizer que era um hacker, e ele pegou e fez para mim online, então teve algumas edições fiz online para não pagar o impresso. E, também fiz a pedido da diretora Valéria, na gestão dela, a Revista dos 40 anos do Colégio, desde o Colégio porque que

ele começou, ele foi criado em 1970, e as aulas iniciaram em 1971. E ela contou os 40 anos de Colégio, há uma discrepância aí, porque o certo seria desde a fundação em 1956. Mas, tudo bem, eu fiz a Revista dos 40 anos, e eu fiz questão do que eu publicava tinha a participação dos alunos, é claro com a minha orientação, com a minha correção, mas as entrevistas com ex-alunos e com professores que haviam trabalhado lá. Eu sempre contei com os meus voluntários, alunos voluntários. Essa revista foi muito interessante porque nós tivemos depois uma festa de homenagem e homenageamos professores, diretores que passaram pela escola, alunos. A Fátima Quintilhiano da Silva, que inclusive ela está na revista, que eu a entrevistei também, tenho essa revista guardada também no centro de memória.

**MLMC:** Acho que você mandou essa revista para nós, não mandou?

**JR:** Mandei.

**MLMC:** Porque eu tenho no centro de memória.

**JR:** Tem sim, inclusive a capa da revista foi feita uma arte, porque tem o governador Paulo Egydio Martins, e ele estava estreado, na época era moderno e inovação, uma mesa de desenho, de grande porte para a época, porque tem o curso de edificações lá, e ao redor autoridades e o diretor Armando Francisco Poles, que está junto com ele. Bom, eu fiz todo esse trabalho. Quando foi em 2012, a Sueli falou: – Jurema abriu a inscrição para projeto de História da Educação Profissional no Centro Paula Souza, vamos fazer. Fizemos a inscrição, não sabíamos direito o que seria, mas fizemos a inscrição. Participamos da reunião do grupo de estudos e pesquisa “Memórias e História da Educação Profissional”, coordenado pela professora Dra. Maria Lucia Mendes de Carvalho, e fizemos o projeto inserimos o projeto de HAE do Centro Paula Souza e a diretora gostou, a Valéria de Regina Donati Anguera, e nós fomos aprovadas. Fizemos em 2012, foi assim, um começo, um início para nós, porque a escola tinha que chamava quartinho de “arquivo morto” e pelo amor de Deus, só sujeira, só poeira e foi muito difícil de encontrar os dados. Mas nós fomos lá, eu fuçava, tenho uma característica: guerreira, não desisto, fuço, fuço, pesquiso, vou e vou, e eu gosto de encontrar as coisas assim.

**MLMC:** Então nós temos algo em comum Jurema, eu também quando quero, pode levar dez anos.

**JR:** Eu sou persistente, eu vou e gosto de confirmar, vejo se realmente bate, vejo aqui e vejo ali. Procuo fazer isso, fazer uma confirmação, fazer uma acareação dos dados. Bom em 2012, não tivemos tanto sucesso. Em 2013, inclusive a minha professora, que está me entrevistando, ela falou assim: – bom, o trabalho de vocês foi bom, mas está muito genérico. Aquilo foi assim muito bom, porque eu corri atrás. Eu falei: – Ah! é genérico, pois espere (risos). Eu corri atrás. Eu fui e procurei trabalhos em várias revistas da Carmen e da professora também que faleceu, qual o nome dela mesmo?

**MLMC:** A Júlia.

**JR:** A Júlia, fui atrás, pesquisei, pesquisei, projeto para escrever um artigo tem que ter isso e aquilo, vi todos os dados do artigo, e em uma das reuniões foi falado sobre livros, eu e a Sueli voltando, falamos: – Vamos escrever sobre um livro. E a Sueli falou: – Parece que o Fogaça, professor da área de mecânica falou que tem um livro antigo. Aí eu já entrevistei o Fogaça, o José Rubens Fogaça, professor da área de mecânica, também o professor Edson Belon que também era de mecânica.

**MLMC:** Foi ótimo esse projeto, eu lembro de detalhes dele.

**JR:** Foi (tosse).

**JR:** Entrevistei alunos e escrevemos o artigo, e aí que eu fui ver como escrever um artigo (risos). E de lá para cá, tenho escrito todos os anos, os artigos para participar dos eventos do grupo de História da Educação Profissional, coordenado pela professora Maria Lucia Mendes de Carvalho e desses artigos, três já foram publicados nos livros, em 2014, em 2015 e em 2017. Estou esperando já o próximo.

**MLMC:** Esse próximo já foi solicitado três (orçamentos) para licitação, e está tudo pronto para mandar, com a pandemia, né.

**JR:** Que bom, que ótimo.

**MLMC:** Fez licitação, agora faz um mês que eles disseram que iam dar continuidade. Essa semana que passou, já fazia um mês, mas eles me informaram que iriam dar continuidade e essa semana eu mandei e-mail perguntando como estava. E, está tudo pronto, inclusive com a revisão de português que fez a Fernanda Demai.

**JR:** Aí, que bom.

**MLMC:** Tudo. Ainda bem que ela encontrou pouquíssimos erros, porque assim, nós corremos tanto atrás e demora tanto para a gente fazer.

**JR:** Mas é importantíssimo, porque através desses livros do Centro Paula Souza, não podem deixar de fazer, porque esses livros são registros que ficam guardados, em todas as escolas, vai para a internet e, também tenho um trabalho que foi muito bom e que em 2014 foi publicado, nós fizemos a Maria Lucia né, conosco, junto com a professora de história oral, o nome dela esqueci Maria Lucia.

**MLMC:** Suzana Ribeiro

**JR:** Suzana Ribeiro, nossa maravilhosa. Nós fizemos um trabalho de história oral e foi publicado o e-book está na internet, e eu também tenho essa participação, um trabalho assim muito interessante, e tivemos orientações, oficinas de como fazer um trabalho, primeiro uma entrevista de história oral, e depois a transcrição, e é o que eu tenho feito desde então, tudo baseado nessa capacitação que gerou um livro, e-book que está na internet, foi para a internet em 2014.

**MLMC:** E terão novos e-books que nós estamos montando devagar, mas estamos montando desde esse programa.

**JR:** E através desse treinamento e desse e-book que foi publicado em 2014, nós temos feito essas entrevistas de história oral e as transcrições que temos feitos estão hospedadas no site do centro de memória do Centro Paula Souza e, que também é importantíssimo. Por quê? É importante para todo mundo, para a comunidade escolar, para as pessoas que são entrevistadas, para nós entrevistadores, para o centro de memória, do próprio Centro Paula Souza e para a nossa história, a história da educação profissional. Um orgulho para todos nós.

**MLMC:** Eu acho importante Jurema e você pode observar nas entrevistas que nós sempre trazemos a memória aqueles professores que foram marcantes nas nossas vidas.

**JR:** Sim

**MLMC:** Então é importante a gente deixar o registro da nossa trajetória, como é que foi acontecendo para deixar para outro, até porque esse trabalho nosso é um projeto de 22 anos, e que começou com a Júlia Falivene Alves em 96 e 97, e nós estamos juntos há quase 12 anos.

**JR:** Sim.

**MLMC:** E nós temos que deixar para os outros que vão continuar depois esse trabalho, quando a gente não estiver mais por aqui.

**JR:** É verdade. E, em 2012, nós tivemos a ideia de montar o Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, depois quando teve a ampliação do prédio fizeram uma biblioteca maior e, na época, na gestão da diretora Valéria, e ela me deu um espaço para colocar o centro de memória lá.

**JR:** Colocamos o centro de memória lá. Lá tem o arquivo, lá tem vários objetos, tem o acervo tanto de livros antigos que estão lá, que já pertence ao centro de memória. Álbuns de fotografias antigas da escola, que eu montei da história da escola. Temos lá as minhas publicações, porque eu publiquei três livros, um em 2014, que eu falo do sr. Clóvis Sanfelice, dois livros em 2015, com ISBN que eu também coloquei o registro que foi a apropriação de espaços da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, e o laboratório de mecânica e mecatrônica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto e também estão registrados fatos e histórias. Os acervos muitos objetos e maquinários usados estão lá nos livros.,

**MLMC:** Temos os dois livros que você mandou para nós no centro de memória.

**JR:** E que são registros importantes. O Centro de Memória também tem vários troféus, nós temos lá muitas fotografias, nossa tem muita coisa. Tem dois painéis com imagens do centro de memória, quando eu tenho que mostrar. Em 2019, o ano passado, teve um acontecimento muito bom, na gestão, do Willians Pizolato,

diretor na época da Philadelpho Gouvêa Netto, ele me deu incentivo para montar a Galeria dos Diretores, e sempre envolvendo meus alunos. Em 2019, para montar a galeria dos diretores eu peguei fotos. Mas, os diretores que passaram pela gestão da escola, nem todos tinham fotos que dariam para ampliar, então os primeiros diretores o que eu fiz? – Eu levei algumas fotografias que eu tinha para o fotógrafo no centro da cidade, e mostrei para o profissional e ele disse assim: – não tem condições, não tem como fazer a ampliação, elas estouram.



*Jurema Rodrigues na inauguração da Galeria dos Diretores da Etec Philadelpho Gouvêa Netto  
Fotografia de Sueli Mara Oliani Oliveira Silva, em 2019*

**JR:** Então o que eu fiz? Nós temos muitos alunos que são artistas, que desenhavam bem, e eu pedi para fazerem o desenho, em grafite, no tamanho de 30 x 40 que era o tamanho dos porta-retratos que pegamos para os diretores da galeria, eu tive a ideia junto com a Sueli, e ela me orientou aquele aluno é bom, aquela aluna é boa. E eu olhava e muito exigente, dizia: – não está muito bom, precisa melhoria aqui. Eu sempre incentivando, comprei bastante papel e comprei o lápis certo para eles, e isso foi indo e quando já estava pronto e eu pedi para passar para o papel certo.

**MLMC:** Isso dá um artigo, todas essas práticas, eu mostrei as fotografias lá na Cetec e eu não me lembro da pessoa que me disse, agora, mas ela disse: – isso está muito bem-feito. Observou muito os traços. E disse que isso não é fácil fa-

zer. Mas ficou elogiando tanto, e eu falei: – Eu também acho. Ela ficou elogiando muito os traços.

**JR:** E não valia nota, porque não vale nota e eu sempre peço para os alunos, mas eles aceitam. Professora pede com jeito e quando eu peço para me ajudarem em alguma transcrição, eu já aviso é voluntário. Então os alunos fizeram, incentivei, depois eu tive que cobrar, enfim, depois eles passaram para o papel correto, mandei fazer a transcrição e, também levei para o meu diretor da época incentivei e, também conversei muito para a APM pagar os porta-retratos, fizemos uma textura na parede e coloquei molduras de gesso para ficar uma coisa apresentável e para ficar tudo certinho. Daí tudo pronto, vamos fazer a inauguração da galeria, e daí mandei os convites, convite bonito, mas não coloquei diretores que substituíram, e depois, eu fiz uma homenagem geral para aqueles que tinham substituídos, e que se sentissem homenageados também, e daí todos os diretores foram convidados e os diretores que as famílias dos diretores que haviam falecidos. Uma outra coisa que eu preciso colocar é que foi uma investigação para achar alguns ex-diretores. Porque o primeiro diretor Wuilliam Kfourri, ele foi embora, ele começou em 1956 e ficou pouco, e em 1962 foi embora para a área de Cubatão, e ninguém sabia o paradeiro. Por sorte, o diretor Willians Pizolato, que estava na gestão dele, de 2019, encontrou e ficou perguntando e não é que conseguimos achar o neto e por conta disso conseguimos uma foto para poder fazer o desenho, porque muitos registros não têm foto.

**MLMC:** Jurema eu estou que nem você, porque agora na pandemia, eu descobri a família de um superintendente nosso e porque eu estou pesquisando para escrever um artigo sobre o cinquentenário do Centro Paula Souza, abrangendo as Fatecs e tudo mais. E daí me faltava subsídios para poder entender melhor, e daí eu comecei a ir atrás, e fiquei sabendo da neta que fez pós-graduação agora esse ano, que defendeu o mestrado, e através dela eu descobri o nome, do nome eu descobri na internet e olha está sendo assim.

**JR:** E quem é?

**MLMC:** Isso para a gente entender o fundo e os grupos dentro da nossa instituição nos centros de memória, né?

**JR:** O diretor Olavo Fonseca, eu vi que ele era de Ourinhos, eu entrei na internet, mas não tive, eu digitei a nome da escola “Josefa Navarro Lemos”, porque ele veio dessa escola que na época era artesanal, e aí fui investigando, investigando, e conversei com a Eunice (Eunice Corrêa Sanches Belloti) que faz parte do nosso grupo de Ourinhos, e ela conseguiu uma cópia da carteira de reservista do diretor Olavo Fonseca, do professor e foi através dessa cópia, olhe só, foi através dessa cópia e ainda difícil de visualizar, que o meu aluno desenhou. Fez o desenho dele na época, então foi uma trajetória de investigação e depois eu fiquei

sabendo quando eu liguei no cartório e fiquei sabendo que ele havia falecido em São José de Rio Preto. Teve um outro diretor, Sérgio Miola, que ele era desenhista e músico no documento, muito importante, mas ninguém sabia de notícias e eu investiguei e depois no Philadelpho fiquei sabendo que ele foi para a escola “Voluntários de 32”, e eu fui lá. Tive a coragem e pedi para o secretário da escola permissão para ver o prontuário do diretor. Tirar foto, e daí, o secretário, muito sério tampou tudo lá, mas eu fiquei com o meu celular e tirei uma foto dele, e foi através daquela foto que fizemos o desenho, o retrato do Sérgio Miola. Então foi assim uma loucura para achar todos os dados.

**MLMC:** Agora, você tem que escrever todas essas histórias.

**JR:** É verdade (risos). Foi...

**MLMC:** Quando você for fazer o catálogo do Centro de Memória, essa galeria merece um destaque.

**JR:** Merece.

**MLMC:** Você aproveita e põe, escreve um capítulo sobre tudo isso que você está falando comigo.

**JR:** É verdade

**MLMC:** É importante esse registro, inclusive por causa dessas sagas suas, não é?

**JR:** É uma saga, falando em saga, este ano eu até compartilhei com você Maria Lucia, a questão do nome da escola, que recebeu do patrono do antigo Ginásio Philadelpho Gouvêa Neto, e na verdade esse nome não está correto, porque é Philadelpho Manoel Gouveia Neto (nome da certidão de nascimento) com um “t” só, inclusive têm vários lugares, que tem avenida com nome correto dele. Não sei por que a escola, inclusive foi na gestão do diretor Júlio Abadde de Limeira, (Júlio Américo Barbugli Abbade) que eu entrevistei esse ano e perguntei a ele, por quê? E, ele disse: não sei dizer.

**MLMC:** Não tem decreto? Você chegou a encontrar decreto?

**JR:** Sim eu encontrei. Mas, o que eu fiz: – entrei na internet e procura, procura .... E através da outra escola que havia sido, que também recebeu o nome do patrono e passou para, teve oportunidade de pôr o nome do patrono, através dela que eu consegui o decreto, e no decreto tem mais um problema que aconteceu, no decreto saiu Ginásio Estadual Industrial Philadelpho Gouvêa Neto, Neto com um “t” só. Não sei por que, até parece a frase “a batatinha quando nasce esparrama pelo chão, e não espalha as ramas pelo chão”, que no decorrer dos anos, na década de 80, incluíram mais um “t”, e quando o Centro Paula Souza assumiu a escola, já foi registrado com dois “t”. Então, hoje, nós temos que manter “Philadelpho Gou-

vêa Netto” com dois “t”. Nesse artigo que eu escrevi esse ano para participar do encontro, é o sexto encontro, né Maria Lúcia, esse ano.

**MLMC:** É o sétimo encontro.

**JR:** Perdão, sétimo encontro, nesse artigo do sétimo encontro que eu escrevi, eu deixei registrado isso. Inclusive como eu escrevi que na década de 60 e 70, até 1969, eu pus um “t” só, porque até 1969 com todas essas pesquisas minhas, ainda tinha um “t” só, e depois a partir de 80, que passaram não sei por que, a incluir mais um “t” (risos). Mas então essas histórias, a gente vai descobrindo, mas como eu disse: – Fui atrás, até a prefeitura para saber se teve uma homenagem, se está registrado, ou se tem registro porque eles me disseram: – não isso foi erro do estado, não foi feito pela prefeitura. E eu queria ver porque o Philadelpho Gouvêa Netto foi muito importante, ele foi prefeito e inclusive ele que foi um incentivador que trouxe a Unesp, na época era FAFI (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) e depois Ibilce para São José de Rio Preto. Ele foi um incentivador também da escola Philadelpho, porque eu fiz inclusive nesse artigo de 2020, eu coloquei como a escola foi criada, o Jânio Quadros autorizou a nossa escola que era escola artesanal, mas era denominada como curso prático ainda, foi autorizada através de um bilhete para o secretário, olhe só. E o Philadelpho na época ficava junto com o prefeito e uma das reportagens que eu achei sobre a implantação da escola artesanal em São José de Rio Preto, ele questiona sobre o problema do prédio, e é o nome dele que constava na prefeitura. Então ele faz parte da nossa história também. Agora essa questão de nome é complicada, porque quando eu fiz pesquisa sobre o Philadelpho Gouvêa Netto, na Biblioteca daqui de São José de Rio Preto tinha muitos erros no nome dele, inclusive no dia que ele faleceu, puseram o edital do nome dele com “f” e não com “ph”, então essas histórias acontecem e a gente vai descobrindo.

**JR:** Agora voltando a galeria dos diretores a homenagem foi maravilhosa, eu quis, não vamos fazer uma festa, homenagem, convidei as autoridades, convidei o Centro Paula Souza, todo mundo, e o prefeito também estava presente, as famílias dos ex-diretores, os diretores também vivos e as famílias tanto dos vivos como dos que haviam falecidos foram, fizemos uma homenagem, demos um mimo que era uma espécie de homenagem para eles, um porta-retrato de vidro, ficou bonito, chamei a banda municipal, chamei o maestro, e então teve violino e música, foi assim emocionante. Todos se emocionaram e, assim, foi maravilhoso, eles ficaram muito satisfeitos, as famílias ficaram satisfeitas, e depois fomos fazer a inauguração, depois da homenagem a eles, fizemos a inauguração da galeria que temos os registros, foi também muito bonito, tiramos fotos, foi maravilhoso, e tivemos a participação dos alunos.

**JR:** Mas, Maria Lucia, agora o que está atrás dos bastidores. Quem me vê, me vê na foto, toda de longo, tudo maravilhoso. Foi uma loucura, por quê? Num dia antes, eu requisitei o auditório, porque nós faríamos a homenagem aos diretores

no auditório, requisitei para que ficasse limpo, tudo. Cheguei às 7 horas da manhã, falei: – Sueli, “parceira de sempre”, me ajuda, quando ela foi lá, ela falou: – Jurema, todo o pessoal, os fotógrafos que fizeram as fotos para os formandos que eles gostam de tirar as fotos antes, deixaram tudo lá no camarim, deixaram tudo lá. Ah, Maria Lucia, mas eu não entrego os pontos, falei: – Ah! é? Fui lá perguntei para a faxineira, e a faxineira falou: Ah! fazer o quê. E não comunicaram para mim que já tinha tudo certinho que já tudo agendado, tudo oficial, registrado. Fui lá em uma sala, peguei meus alunos, fui com a sala inteira e falei: – Todo mundo ajudando a professora, peguem tudo que está aqui e levem nos dois camarins, eu não vou precisar dos camarins. Foi uma loucura, guardamos tudo, colocamos já, limpou, limpamos, os alunos ajudaram a limpar o que as faxineiras não haviam feito. Já colocamos a mesa, viemos com a toalha, o diretor já trouxe as bandeiras, (risos). Colocamos, ajeitamos tudo, colocamos a mesa depois para o café. Quem me viu e chegou depois, aí fui lá ao banheiro troquei de roupa, me arrumei, pus um sapato, uma sandália alta e fui. Quem viu aquele cenário não percebeu os bastidores. (risos)

**MLMC:** Você me fez lembrar que quando eu entrei na Etec Carlos de Campos, eu entrei em 2000, não entrei em 2001, eu entrei no meio do ano no projeto de Historiografia, e daí em 2001, nós fizemos aniversário, 90 anos, setembro faríamos 90 anos, eu ajudei a organizar a festa. Então o que eu fiz: eu estava a pouco tempo na escola, eu envolvi os meus alunos também de nutrição e nós fomos lavar a escola, só que eu não sabia que eu tinha que pedir, primeiro que eu não podia usar os alunos para fazer esse trabalho na escola, e me deram a maior bronca depois, mas eu não sabia nada disso, só sei que nós lavamos aquelas escadarias de mármore e ficou toda branquinha e tudo limpo. Porque eu pensava assim: – Nós vamos convidar professores que estudaram aqui na década de 30, na década de 40, assim já com bastante idade, onde eles se preocupavam enormemente, né, assim, com a questão de higiene e com a questão de organização, então eu não tive dúvida de cuidar da escola, não me arrependo não, porque ficou muito bonito, a nossa festa ficou linda dos noventa anos mesmo com a bronca que eu levei. (risos)

**JR:** Não, não pode arrepender.

**MLMC:** E ninguém sabe, agora que estou contando. (risos)

**JR:** É inclusive, os fotógrafos são os meus alunos, filmadores meus alunos. Eu já vou atribuindo assim: – você vai fotografar, você também tira foto, você faz isso, faz aquilo. E depois também falei: – Quero alunos. Então minha classe, os alunos que estavam comigo, e que teriam aula com a Sueli, fomos, não poderíamos chamar a escola toda que não dava certo. Então tinha alunos, tinha tudo, e foi muito bom e maravilhoso, todos ficaram satisfeitos. E nós temos esses registros. Inclusive, nesse, todo esse tempo de quarentena, na semana passada eu fui à escola para pegar os DVDs, que eu tinha deixado do professor Armando, que eu

tinha pedido para um técnico, para descarregar da filmadora que o aluno filmou para mim, mas quem descarregou foi esse técnico, mas ele deixou no meu armário, e eu fui buscar, e eu tinha uma cópia pelo celular, mas não era a mesma coisa porque eu tinha feito uma gravação também que deixei no meu celular quando eu fui fazer a entrevista, foi a minha sorte, e quando eu fui fazendo a entrevista e o que estava na filmadora. Bom quando eu estive lá, eu olhei assim na escola, foi uma sensação muito estranha, parece que o tempo tinha parado, eu olhei no pátio, eu olhei na galeria dos diretores, perfeita, (risos), intacta, tudo certinho lá, estava lindo, maravilhoso, olhei um painel que eu havia feito com os meus alunos, sobre leitura, incentivo à leitura. Ah, a gente olha assim, eu olhei principalmente para a galeria dos diretores, e falei isso vai ficar para sempre...

**MLMC:** Jurema ....

**JR:** É muito importante.

**MLMC:** Eu vou ter que interromper, infelizmente, a nossa entrevista está muito agradável, porque eu tenho feito entrevistas entre 30 e 50 minutos.

**JR:** Nossa nós já estamos falando demais.

**MLMC:** E com a nossa, eu acabei me envolvendo (risos), e como boa ouvinte que eu gosto de ser, e vou ter que interromper, porque nossa entrevista dobrou o tempo, eu vou transcrever a entrevista e vou te mandar porque é um trabalho de duas mãos, então vou te enviar a transcrição e os termos de autorização. Então, eu quero te agradecer muito você ter concedido essa entrevista, hoje para nós que é dia 20 de agosto de 2020, nessa época difícil que é de pandemia.

**JR:** Eu agradeço, foi assim, é gratificante poder relatar não só o meu trabalho, mas o nosso trabalho, nosso trabalho de história oral do Centro Paula Souza, e especialmente da Philadelpho Gouvêa Netto.

**JR:** Muito obrigada

**MLMC:** Obrigada.

# 12.

## **PATRÍCIA CAMPOS MAGALHÃES**

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba



Patrícia Campos Magalhães tem graduação em Ciências Jurídicas pela Universidade de Taubaté (UNITAU) e graduação em Letras (R2) pela Claretiano. É também pós-graduada em Português, Literatura e Linguagem, pela Universidade Claretiano, especialista em Educação Técnica pela Faculdade São Luiz EAD. Tem experiência em advocacia e como professora do ensino profissional. Foi mestranda em Desenvolvimento Humano, pela Universidade de Taubaté (UNITAU).



*Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo  
Fotografia: Patrícia Campos Magalhães, em 15/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Patrícia Campos Magalhães, eu agradeço muito você estar concedendo hoje, que é dia 11 de setembro de 2020, essa entrevista de História Oral de Vida para o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, principalmente porque você está conosco no GEPEMHEP há muitos anos, é uma das criadoras do Centro de Memória da Etec João Gomes de Araújo, em Pindamonhangaba. E eu fico muito feliz de você dar continuidade a esse projeto, nessa escola, numa escola que tem muita história. Então nós gostaríamos que você deixasse o registro da sua história de vida, onde você nasceu, onde você estudou, as decisões que você foi tomando para se tornar, ter feito o curso de Direito, quando você decidiu começar a lecionar, ingressou no Centro Paula Souza e, principalmente, a sua relação com o Centro de Memória.

**Patrícia Campos Magalhães (PCM):** Está bom, então vamos começar. Eu tenho 49 anos, eu nasci em São Paulo, fui para São Paulo só para nascer, porque minha mãe já tinha 43 anos na época, e a cidade de Pindamonhangaba não tinha estrutura para o parto dela, e ela era professora, servidora pública, e nós fomos para São Paulo para ver a terra, ver a terra. Eu sou de família de professores, minha

mãe, minhas tias são professoras, eu estudei sempre em escola particular, sempre fui caçula da família, então eu sempre fui muito mimada, no sentido de cuidada, da olhada, e a influência dessas tias, dessa minha mãe, elas me fizeram professora desde pequena. Eu acho que isso foi importante para mim e para as minhas irmãs, minhas irmãs também são professoras, aqui não é virou bibliotecária, então está tudo dentro da mesma linha de vida, de proposta de vida. Quando eu fui, eu estudei em uma escola muito boa, na cidade de Taubaté, em 86, 87, 88. Em 88, então, a gente teve a Constituição Federal e eu era encantada, não só com história, como também com política, e eu me apaixonei pelo Direito por causa de alguns professores que eu tive nessa escola, que me ensinaram a entender a importância da Constituição Federal. E eu acabei entrando no Direito, eu fiquei muito em dúvida se eu iria fazer História ou Direito, mas eu acabei entrando na Faculdade de Direito por causa dessa influência, desse clima que existia lá em 88, da democracia, da abertura política, o final das “diretas já”, a gente já estava vivendo um outro momento, daí as primeiras eleições diretas. Então eu fui com esse impulso do momento, e assim, eu sou muito boa de discussão, eu tenho um outro lado meu, que é o lado paterno, que ele é político também, e eu fui fazer Direito. E aí teve uma época em que eu precisava ganhar dinheiro, porque eu era, apesar de eu ser a caçula numa família de professores e tal, a gente não era rico, ninguém era rico em casa. E aí, então, eu tinha uma amiga que era professora de português, e ela falou, por que você não dá aula eventual? E eu fazendo Direito no horário noturno, fui dar aula eventual durante o dia em escola rural, e me encantei com aquele universo.

**PCM:** Então era uma realidade que para mim era muito próxima de tudo que eu tinha visto, ouvido, falado. Eu estudava à noite o que eu gostava, que era o Direito, e de manhã e de tarde eu estava vivendo com outras realidades, e tendo sempre aquele olhar social, e observando as crianças, e tentando ajudar aqui e ali, fazendo uma horta comunitária, ajudando a levantar dinheiro para ajudar uma família, aquela coisa toda lá. E aí, então, eu me apaixonei pela sala de aula. Mas eu estava fazendo isso. Isso foi, ainda vi ontem, isso foi em 90. Em 1990, eu estava entrando no terceiro ano de faculdade.

**MLMC:** A escola era em Pinda (Pindamonhangaba) mesmo?

**PCM:** Em Pinda. Era depois da Dutra, eu pegava um ônibus perto da minha casa, parava na Dutra, atravessava uma passarela, atravessava um pasto para dar aula nesse lugar. Mas, assim, o dinheiro que eu ganhava lá não ajudava na faculdade. A faculdade foi financiada por uma tia minha. Minha tia que foi professora na Etec, que não era Etec, lá no passado. Eu não vou contar a história dela. E aí, então, eu me apaixonei por essa realidade de sala de aula e tal, mas eu também não tinha coragem de largar o Direito, porque eu também era apaixonada pelo Direito. Foi um momento muito, assim, para mim, uma coisa muito complicada, porque do mesmo jeito que eu gostava de ir com os alunos lá, sei lá, pintar uma parede lá, brincar, ficar no pátio com eles e ensinar coisas para eles, eu tinha que

me vestir para ir em uma audiência, em estágio, aí comecei a fazer estágio, fazer estágio e tal. Então, eu fiquei num mundo muito dividido, um mundo que me ensinava como é que eu fazia para ganhar dinheiro, para ser dura em uma audiência, para ter uma postura de advogada, e um mundo que me trazia muita... muita... um prazer muito grande. E era, assim, um momento em que as pessoas, as crianças eram muito carentes e eu tinha muito para dar para aquelas crianças. E eu fiquei muito em dúvida na época, eu cheguei a pensar em desistir do Direito para fazer História e tal, mas aí eu falei assim: – meu, eu não vou perder três anos de faculdade, quatro anos de faculdade, para começar uma outra. Eu vou terminar o direito e depois eu faço outra. Aí, eu me formo em 94, eu me afasto da sala de aula durante dois anos, de 92 a 94, eu me afasto da sala de aula por dois anos, porque eu viro estagiária da Defensoria Pública, que na época era a Procuradoria do Estado, e, por sinal, quem era o meu superior em São Paulo era o Michel Temer, conheci pessoalmente o Michel Temer. E aí, eu era estagiária nessa época, então não podia acumular cargo. E aí, eu me afasto, fico como estagiária durante dois anos e quando eu me formo, eu volto para a sala de aula, porque a advocacia já era um momento muito complicado para a advocacia. E aí, enfim, eu voltei para a sala de aula e continuava advogando, dando aula e advogando, dando aula e advogando. Em 96, surge o concurso público da Paula Souza, e a minha irmã, que é minha irmã, a segunda irmã, tem uma mais velha, é a segunda, ela era professora, pelo Centro Paula Souza, de Artes, e ela me fala: – você não quer dar aula lá na Etec? Não era Etec na época. Que eles estão contratando professor de legislação, que o professor fulano, o doutor Roberto Marcondes, ele vai se aposentar, ele vai se afastar, ele vai sair da escola. E eu prestei o concurso. Eram cinco candidatos, me lembro disso direitinho, eram cinco candidatos. E o concurso foi em São Paulo. Era, logo a gente foi em 96, eu entrei em 96, a Etec virou, a escola virou Etec em 94, então fazia pouquíssimo tempo que a escola tinha virado Etec. Então nós fomos para São Paulo para fazer o concurso, e o concurso escrito, a prova objetiva, eu fui muito bem. Mas na prática eu fui muito mal, por quê? Porque eu tinha que dar uma aula, e eu tinha mais quatro concorrentes, esses quatro eram mais velhos do que eu. Estava muito calor, era em junho, assim, era maio, junho, mas estava calor, e eu fui com uma roupa de inverno, eu fui com roupa de advogada de inverno, e eu cheguei para dar aula no prédio do Centro Paula Souza, o prédio antigo lá do Centro Paula Souza, e aí eu fui a última a ser chamada pelo nome P, lá atrás. E quando eu entrei na sala de aula, eu passei muito mal, fiquei nervosa e tal. E aí na hora de vir a classificação, eu peguei o quinto lugar. Então eu fui classificada, fui muito bem na parte teórica, na parte prática eu peguei o quinto lugar. E aí a diretora, eles começaram a chamar as pessoas, e aí nessa época eu comecei a fazer Letras. Nesse período que eu entrei na Paula Souza, eu estava fazendo Letras, como é essa, hoje a gente tem a R2, que a gente faz uma vez por mês, e eu fazia, naquela época eu fazia Letras. E aí a diretora da escola foi chamando, e os professores, só uma professora que ficou, que é a professora Arlete (Arlete Cândido Monteiro Vieira),

que foi a primeira, até porque ela já era professora da escola, mas os outros foram declinando e chegou a minha vez. E aí eu entro na escola pela primeira vez. E essa escola, a João Gomes de Araújo, é uma escola que eu não estudei nela. Era uma escola que é do outro lado da cidade, quer dizer, hoje é ali, mas para mim, por eu ser caçula, filho de mãe mais velha e tal, eles colocaram em uma escola mais perto e particular. Até por uma questão de segurança, até porque não queria me buscar, enfim, aquela coisa. Então, mas era uma escola cheia de história. Por quê? Porque essa escola, minha tia trabalhou lá 40 anos, os meus irmãos todos estudaram lá. Quando eu era criança pequena, eu cheguei a ir nessa escola buscar o uniforme de fanfarra do meu irmão, junto com o meu irmão. Então, eu me lembro que o primeiro lugar, onde era o centro de memória, era o lugar onde se guardavam os instrumentos da fanfarra. Engraçado, né? Foi uma coisa que me chamou atenção, porque era muito instrumento, eu nunca tinha visto, era muito rico. A minha escola era uma escola rica e particular, mas eu era criança e nunca tinha visto uma escola tão grande com tanta coisa rica, bonita. Porque criança tem aquela quantidade enorme de instrumentos. Na minha adolescência, eu fui jogar vôlei nessa escola, nas quadras, que hoje é a oficina mecânica. Então, como essa escola é uma escola que já fazia parte da história da minha família, todos os acessos que eu tive a ela foram acessos registrados, porque eu tentava lembrar o que eles tinham me contado daquele espaço. Entendeu? Então, quando eu fui contratada e eu entrei naquele espaço, eu, apesar de eu não ter um vínculo anterior, pessoal anterior, eu tinha um vínculo familiar com aquilo tudo lá. Mas eram pouquíssimas aulas e eu continuei advogando. Eu larguei a advocacia há cinco anos. Eu advoguei até agora, 45 anos. Porque chegou uma época em que eu ganhava muito mais dinheiro advogando do que dando aula. E aí, eu dava aula de legislação e eu fui passando por esse processo de modificação. As aulas eram Contabilidade, como é hoje, o ETIM, era tudo junto. E depois teve lá a LDB, virou os modulares, aí eu fui reduzindo as aulas. E eu passei por muita tensão e eu me lembro que chegou uma época que eu falava para minha mãe assim: – ai mãe, eu não vou mais dar aula lá, não vou mais dar. Eu estou com cinco aulinhas só, estou ganhando menos de um salário-mínimo, estou ganhando dinheiro com uma advogada. E ela falava assim: – minha filha, o Estado é o Estado, não saia do Estado, mantenha seu pezinho lá. E aí, eu me lembro, o primeiro acesso que eu tive às informações históricas sobre a escola, apesar de ouvir os irmãos e tal, não havia nenhuma preocupação com o resgate da história da escola. Em nenhum momento eu me lembro de ter comemorado o aniversário da escola. Por exemplo, o aniversário de 70 anos eu estava lá, de 80 anos foi a 10 anos, 70 foi a 20, eu estava lá, não me lembro. Eu não me lembro de ninguém fazer uma homenagem a algum outro professor, eu não me lembro de arquivos sobre documentos, eu não me lembro de nada disso, porque não existia esse olhar. Durante muito tempo, a direção, quando eu entrei, a direção que ficou acho que 10 anos, ela tinha um... ela é muito engraçada, ela é uma pessoa maravilhosa. Eu não sei se posso falar o nome, mas ela tinha...

**MLMC:** Deixa-me perguntar qual é o nome dela?

**PCM:** A professora Ivete (Ivete da Mota Colin). O olhar dela era sempre de modernidade, de futuro. Então, ela era uma pessoa que não valorizava muito o passado. E eu também, como eu era muito nova e continuava advogando, tinha outros assuntos, não tinha um olhar de preocupação. E eu me lembro de que ela gostava muito de tudo que era novo, e aí tudo que era velho era deixado de lado. E não tinha ninguém que batesse de frente. Chegou uma época que a gente tinha um piano na escola que foi colocado na calçada. O piano apodreceu na calçada. Porque não existia... as carteiras foram trocadas. Absurdamente trocadas, absolutamente trocadas. Então, nada... não existia uma valorização do passado. O primeiro acesso que eu tive às fotografias, o acervo fotográfico da escola, foi um dia que eu entrei na sala do segundo diretor, o diretor Serrano (Antonio Serrano), entrei na sala dele para conversar e eu vi uma caixa em um lado, assim, e falei assim: – o que é isso aí, Serrano? Falei, isso aí é o acervo das fotografias da escola. Falei, mas isso é uma riqueza. Falei, mas ninguém quer fazer nada. Ninguém quer fazer nada. Alguém tem que fazer esse trabalho voluntário. Mas já existia o trabalho de resgate do centro de memória, que eu não sei... foi bem antes. Há quanto tempo faz que existe o centro de memória?

**MLMC:** O trabalho de memória começou com a Júlia (Júlia Falivene Alves) em 97.

**PCM:** Então, já existia. Foi logo no final, quando ele saiu. E foi quando foi lançado aquele livro com aqueles prédios antigos?

**MLMC:** Foi em 2002, que lançaram os livros.

**PCM:** Mas a pesquisa foi anterior, não é? Eu me lembro...

**MLMC:** A pesquisa com apoio da FAPESP foi de 98 a 2002.

**PCM:** Bom, e aí eu me lembro de eu ter ficado chocada de ver aquela quantidade de material jogado lá, sem nenhum cuidado.

**MLMC:** Bom, em que ano foi isso que você viu essas fotos?

**PCM:** Olha, foi no ano que ele saiu. Deixa-me pensar aqui. A Mirtes (Mirtes Marroco Paim) ficou 10 anos, a Mirtes saiu ano passado. Foi em 2009, 2008, 2009. Eu me lembro do lugar onde era a sala dele. Ele tinha mexido no prédio, então eu consigo localizar mais ou menos a data, porque era uma sala que hoje não é mais essa sala, entendeu?

**MLMC:** Bom, e estava perto da comemoração dos 80 anos quase, não é?

**PCM:** Pois quando eu vi, eu me lembrei disso. Como é que a nossa escola não se atentou para essa pesquisa que estava acontecendo? Mas não existia esse olhar mesmo. Eu acho que a escola não tinha esse olhar, não existia uma sensibilidade para isso. Nós passamos muitos anos na escola perdendo algumas tradições, como formatura, baile, festa, sabe? Eu me lembro de uma ex-diretora nossa chamada

professora Heloísa (Heloisa Ferraz Schmidt Romeiro). Ela não foi minha diretora, mas ela foi diretora na década de 60, 70. E ela, quando... Eu fico com medo de falar, não é uma denúncia, mas são fatos. Quando o professor Serrano ganhou as eleições, a professora Heloísa estava para aposentar-se pela segunda vez, ela falou assim: – eu gosto muito do Serrano. Ele foi o responsável, Maria Lucia, pela criação do prédio da Mecânica. Ele é um dos que eu entrevistei para o Memórias desse ano. E aí a professora Heloísa falou assim, eu gosto muito do Serrano, mas nós vamos perder muito em pedagogia, porque ele não tem... A formação dele era de engenharia. Então o olhar dele era tecnológico, ele não tinha um olhar como os outros diretores vinham da formação escolar, entendeu? Então a gente teve um lapso de tempo aí. A primeira diretora minha não tinha um olhar histórico, e o segundo diretor não tinha um olhar pedagógico. O olhar dele era mais tecnológico, mas cada um deles cumpriu a sua função. Quando... Bom... Em... 2008, eu fui para São José, que abriu a Etec de São José dos Campos, e o diretor de Caçapava perguntou para mim se eu tinha interesse de ir para lá para ajudar a montar o ensino médio lá. Essas alturas já estava formada em Letras. E aí eu fui para São José, eu estava com pouquíssimas aulas em Pinda, eu estava perdendo o vínculo, eu quase perdi, eu só não perdi porque uma amiga me deixou duas aulas para eu não perder o vínculo com a Etec daqui de Pinda. Foi uma época que teve um enxugamento, foi antes do Plano de Expansão chegar para a gente. O Plano de Expansão começou a acontecer em 2006, eu acho que em São Paulo, mas chegou para a gente em 2008, 2009. Então foi antes. E aí quando eu vi que eu ia perder o meu vínculo, eu fui para São José e montei lá. E lá, eu amadureci muito enquanto gestora, enquanto gestora pedagógica mesmo, apesar de eu não ser formada em pedagogia. E eu fui montar...

**MLMC:** Você foi como coordenadora pedagógica?

**PCM:** Eu fui como coordenadora do ensino médio. Eu fui ajudar a montar o ensino médio. Tinha uma coordenação pedagógica e eu fui como coordenadora do ensino médio de lá. E foi uma experiência maravilhosa porque eu volto lá na década de 90 com um público jovem, um público novinho, com os objetivos mil de futuro, diferente do público do técnico. Fiquei dois anos lá em São José. Quando o Ensino Médio começou a caminhar, a direção daqui, me chama para assumir uma descentralizada e fala: – Patrícia, vem para Pinda, que eu quero que você assume uma descentralizada e crie e forme o primeiro curso Técnico em Serviços Jurídicos, que veio de cima para baixo. O Tribunal de Justiça pediu para o Centro Paula Souza criar o Técnico em Serviço Jurídico para atender a demanda de qualificação dos servidores do tribunal.

**MLMC:** Eu lembro disso.

**PCM:** Você lembra? E aí deu tão certo que eles ampliaram isso para a população. E aí a gente começou a aceitar a questão da descentralizada, a questão da expansão, e aí eu montei, eu comecei e coloquei o curso Técnico em Serviços Jurídicos.

**MLMC:** Foi mais ou menos em 2010?

**PCM:** É, 2009, 2010, é isso mesmo. Foi um desafio, porque era um candidato para uma vaga, eu tinha alunos que eram faxineiros do fórum, que queriam entender o que estava acontecendo dentro do universo deles, e tinha muitas mulheres que nunca trabalharam, precisavam voltar no mercado de trabalho, que queriam entender o jurídico, muitas queriam saber a respeito de divórcio, de separação, e foi um desafio e tanto, eu fui meio... E o pessoal do jurídico é muito crítico, eles têm uma postura de... Eu sou muito crítica, esse é o perfil do advogado, de quem é da área jurídica. E aí eu aprendi a lidar com o meu espelho ali, na marra, o meu espelho ali está na marra. E aí eu fiz alguns concursos entre eles, a gente promoveu alguns concursos. Entre eles, e entrou o atual diretor da escola. O atual diretor da escola, ele foi concursado para atender a primeira turma do jurídico. E foi meu aluno...

**MLMC:** Qual é o nome do atual diretor?

**PCM:** Professor Mário, Mário Augusto Souza. E é novo, tem 34 anos, 35 anos, supernovo. Ele foi meu aluno quando ele tinha 12 anos, no cursinho que eu dei. Depois ele entrou na Etec. Bom, aí eu fiquei um tempo, aí quando a Mirtes entrou, que o professor Serrano, que é esse que eu falei, que era da área de mecânica, ele teve que sair, porque ele completou a idade 65, que tem pessoas desligadas, é isso, 70 anos, não sei.

**MLMC:** Ele era 70.

**PCM:** 70. Quando ele completou 70 anos, ele foi, ele disse que ele não foi, foi aposentadoria expulsória. A Mirtes, que era a coordenadora pedagógica dele, assume a direção, e ela assume com um olhar de administradora, com um olhar mais delicado. Eu acho que a Mirtes, apesar de ser uma pessoa muito dura, ela é dura na fala, ela é dura nos atos e tal, ela foi uma excelente diretora. Eu acho que, eu vou rasgar o verbo aqui, eu não puxo o saco em ninguém, viu Maria Lucia. Eu falo isso inclusive para ela, mas eu acho que a escola melhorou muito depois que ela entrou. Só quem estava antes lembra, quem está depois, que entrou com ela, não acha, mas como eu estou lá mais tempo, eu sei o quanto ela melhorou a escola. E, ela foi resgatando algumas coisas, como as formaturas que a gente tinha perdido. Eu me lembro, a primeira formatura que ela fez, não tinha, não tinha o hino nacional, a gente esqueceu de colocar lá, são umas coisas assim, umas coisas que são detalhes, que eram detalhes importantes, para a história da escola, é uma instituição muito grande para ser perdida.

**MLMC:** Você vê que eu faço os nossos eventos com cerimonial e as bandeiras. (risos)

**PCM:** Então, e a gente teve uma perda, teve um tempo que não havia isso, era uma coisa, papo, veio o aluno sair, tchau, acabou e pronto. E a Mirtes então, ela

vem para cá com uma ideia de gestora, uma ideia, ela é muito boa, eu gosto muito dela e ela é muito boa, muito inteligente, muito esperta e muito, o olhar dela é um olhar muito amplo. E aí coincide com os 79 anos da escola e ela chama a Lúcia para ser responsável pelo Centro de Memória. Na verdade, ela chama quatro ou cinco pessoas, eu não lembro quais são, para ser curadora do Centro de Memória. Para tentar o projeto. E a Lúcia (Lucia da Silva Teixeira) que era minha amiga, a gente chegou a ir para a Europa juntas, então falei assim: – mas esse projeto é para a Patrícia, vocês precisam chamar a Patrícia. Eu já estava super envolvida com outras coisas e tal, aí eu fui, aí eles me chamaram, porque eu não tinha, eu não dava cara que eu tinha esse perfil. E aí então eu assumi o projeto, eu, a Lúcia e a Cilmara (Cilmara Aparecida Ribeiro) . E aí era uma coisa muito difícil, porque ninguém sabia a história da escola. Não existia nada da história da escola. A gente sabia mais ou menos do que os outros falavam, mas ninguém sabia a linha do tempo.



*Patrícia Campos Magalhães, Lúcia da Silva Teixeira e Cilmara Aparecida Ribeiro, em 2013.  
Arquivo pessoal de Patrícia Campos Magalhães, em 2025.*



*Patricia Magalhães apresentando trabalho em jornada  
do GEPEMHEP, na Etec de Artes, em 2013.  
Arquivo pessoal de Patricia Campos Magalhães, em 2025.*

**PCM:** E aí eu me lembro, eu sentada lá na minha casa, o meu irmão, meu irmão é arquiteto, gosta muito de história e tal, ele falou assim: – o que você está pensando aí? Cara, eu preciso contar a história da escola, aniversário dela dos 80 anos e tal, e eu não sei nem por onde eu começo: – você começa pelo começo. E aí eu fui, e ele falou assim: – mas vai no Tribuna, na Tribuna do Norte, que a Tribuna do Norte tem os jornais todos lá. E eu fui até a Tribuna do Norte, que é uma fundação, uma fundação centenária que a gente tem. A Tribuna não tinha todos os exemplares, porque eu tinha que pesquisar desde antes. Eu falo assim, para entender que a escola, ela iniciou em 31, eu preciso entender qual foi o processo dela. E acabei indo para o Arquivo Municipal, onde eu localizei todos os jornais de lá para cá. E aí a Lúcia e a Cilmara vieram comigo, e nós dividimos as pesquisas dos jornais em períodos. Então o meu foi de 1930, 29, 28, até 1960. A Lúcia de 60, 70, 80, e a Cilmara nos últimos anos. E foi um trabalho de formiguinha. Nós passamos aquele ano fotografando os jornais, mas foi um mergulho na história da cidade. Nós descobrimos contos, histórias.

**PCM:** Aí vai a Revolução Constitucionalista, a escola para de funcionar para virar banco de sangue, para virar hospital. E aí você começa a ver o quanto a escola

era importante para uma sociedade tão pequena naquela época. E era uma sociedade que era dividida, tinha os fazendeiros e tinha o pessoal pobre. Quando eu comecei a ver que, em paralelo, a história da nossa escola, que era contada com glamour, com festas, com eventos e tal, existia a história do Núcleo Ferroviário, eu não sabia. Mas eu tive um insight na época. Eu falei assim: – gente, vamos começar a fotografar a história do núcleo ferroviário, porque eu tenho certeza, que vai chegar um momento em que as duas vão se unir. E foi o que aconteceu. Depois a gente descobriu que a escola se tornou técnica porque o núcleo ferroviário acabou virando industrial, Industrial deixou de existir, virou Centro Interescolar e acabou virando a nossa escola. Então foi uma coisa de intuição, de perceber. E aí vem, como é que você conseguiu ter esse insight?

Qual o tempo que eu estudei em escolas boas, professores bons, o tempo de leitura, o tempo de pesquisa que eu gosto e tal. E aí quando eu comecei a perceber isso, e aí era muito claro para mim nos jornais que as notícias escolares eram importantes. Tanto da João Gomes quanto do núcleo ferroviário. Eles eram notícias semanais. E aí foi onde a gente conseguiu fazer a linha do tempo. E em cima dessa linha do tempo, a gente conseguiu encaixar os documentos que a gente foi encontrando. A minha maior preocupação quando eu assumi essa responsabilidade foi de tirar os objetos de onde eles estavam para colocar num espaço destinado ao centro de memória e saber que o centro de memória é uma política pública, que pode ser mudada. E de repente aquilo que tem valor passa a ser só um papel velho e pode ser jogado fora. Então desde o começo, eu ainda brincava com as duas, eu falava assim: – quem é que vai ficar guardando o templo? Porque se você monta um espaço destinado a memórias, você espera que aquilo continue, porque aquilo vai virar nada se você não continuar ou se alguém não continuar o seu trabalho.

**MLMC:** Patrícia, por isso a importância das nossas publicações.

**PCM:** Eu sei.

**MLMC:** Quando você está contando, você está narrando o envolvimento de vocês nesse projeto, eu estou me lembrando. O nosso segundo livro, ele traz essas pesquisas dos projetos de HAE desse período, em que nós fizemos uma parceria com a Fatec Jundiaí e entramos num projeto que envolveu os cursos ferroviários. Porque quando a Sueli Soares Batista queria que nós entrássemos num projeto da Fatec Jundiaí, eu comentei com ela assim: – olha, eu posso entrar envolvendo educação profissional, eu sei que esse curso existiu, porque eu já li sobre ele no livro do Arnaldo Laurindo. E daí foi maravilhoso, porque daí você já tinha essas descobertas e você pôde desenvolver projetos, a gente trabalhou com história oral e eu nem conhecia a existência dos núcleos ferroviários. E, também fui atrás da legislação, tentar ampliar o conhecimento sobre isso, acabou que aquele segundo volume nosso tem uns oito artigos sobre esses cursos ferroviários. Quer dizer, foi muito gratificante esse trabalho conjunto que nós fizemos.

**PCM:** Muito legal mesmo. E eu sei que quando, no auge dos 90 anos da escola e tal, a Mirtes falou, a gente tinha um cantinho, que era o cantinho que antigamente guardava os instrumentos da fanfarra e que, na época, era um lugar de depósito de papel higiênico, papelada, enfim. Ele foi tirado tudo dali e deram para a gente aquele canto. Era um canto super nobre, no fundo do corredor, logo próximo da entrada. Porém, é um canto sem internet, é um canto sem... Sem condições de a gente trabalhar em pesquisa ali. Você ficar naquele lugar ali não era um... Não era possível. A pesquisa ali, só se fosse uma... A pesquisa ali sem computador, sem internet, sem o telefone, sem o nada. A gente está falando de coisas de 10 anos atrás que tudo era muito caro. A internet do celular era caro, a ligação do celular era cara, tudo era caro. E a gente ficou lá nesse canto. Nós colocamos alguns objetos antigos, algumas fotografias em exposição e ficamos ali. E eu, na época, eu falava assim: – nós vamos colocar, mas documento importante não pode ser tirado de onde está. Porque se a gente tirar, depois não vai ter espaço para voltar. E se um dia mudar, se um dia fechar, isso daí vai virar lixo. Eu me lembro dessa minha maior preocupação era virar lixo, aquelas coisas. Então, por exemplo, eu tenho... Eu sei onde está e espero que continue onde estejam. Uma carta do ex-aluno que foi ministro do Geisel (Ernesto Geisel), agradecendo a escola pela educação que ele teve. Está no prontuário dele. A carta do ministro dos esportes pedindo para o João do Pulo ser dispensado, porque o João do Pulo (João Carlos de Oliveira) foi nosso aluno. Não nosso, foi do núcleo, mas acabou unindo. Ser dispensado nos exames finais, porque ele ia para o Panamericano. O prontuário do Geraldo Alckmin (Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho). Então, são documentos que eu não... Eu falo assim: – aquilo a gente não mexe. Aquilo lá, tem coisa lá que está há 60 anos guardado. 70 anos...

**MLMC:** Por isso Patrícia, a importância, eu também acho que tem documentos que são do arquivo permanente da escola. Inclusive, porque a gente não tem espaço no centro de memória. Porque teria que ter uma outra política dentro da instituição que seria centro de documentação e memória, como está sendo construído lá no IFSP São Paulo. Mas, no nosso caso, não é assim. Então, eu acho que... Por exemplo, esses documentos têm que escanear. Você está fazendo o catálogo, tem que pôr lá, chamar a atenção que o Alckmin foi nosso aluno. Sabe, esses documentos de eventos importantes que aconteceram. Porque tendo no digital, sabe-se que ele está em determinado lugar. E até na fonte, citar onde é que ele está. Secretaria Acadêmica, Diretoria de Serviços.

**PCM:** Não sei se a gente podia conversar isso depois, senão vai ficar ruim para você transcrever. Mas eu preciso falar com você sobre isso, tá?

**MLMC:** Claro, claro.

**PCM:** Entendeu? Senão a gente vai acabar entrando nisso e vai ficar ruim para você depois. É um trabalhão. Daqui a enquanto é para contar, né?

**MLMC:** Eu estou conversando com uma advogada. Eu sei o quanto é difícil transcrever.

**PCM:** E eu tenho uma pergunta para te fazer, que me preocupa bastante, e eu não quero fazer agora para não atrapalhar. Entendeu?

**MLMC:** Claro.

**PCM:** Então, a gente foi para esse lugarzinho lá, que era um lugar que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) chegou a visitar. A gente tinha umas prateleiras de concreto. Então, era super adequado para guardar os equipamentos e tal. Mas aquele espaço foi observado como espaço nobre, sendo destinado a nada. A verdade é essa. Tem gente que não valoriza a história. Então, é aquilo que o professor da Live dessa semana falou. Muitas vezes é desprezar. E aí houve uma crise política interna e esse espaço foi tomado de nós e foi jogado... Nós fomos jogadas para o fundo do... do antigo banheiro, no fundo desse salão. Lá no fundo, atrás da última parede, tem um banheiro, que era um vestiário feminino, e a gente foi jogada. Mas a entrada não era pelo salão, a entrada era pelos fundos mesmo. Um lugar insalubre, um lugar horroroso, um lugar sem aluno, um lugar sem internet. Aí não tinha nada, né? Não tinha ventilador, não tinha internet, não tinha luz, não tinha nada. E quando eu vi que eu estava assim, eu não vou ficar lá. Porque o que eles pensam em memórias é que você tem que ficar sentada dentro dessa salinha de memórias. Eles não entendem que memórias é você ir olhar um documento, olhar uma coisa, entrar na internet, ler um livro, fazer uma pesquisa. Eu falo assim: – não, não, é lá insalubre. O sol batia de frente lá. E eu briguei lá, que não. Bom, quando eu fui fazer uma... dar uma olhada, eu ia lá a cada 15 dias e tal, mas teve férias. Teve as férias e eu voltei, que eu vi que o espaço estava super inadequado, que, além de tudo, virou depósito de lâmpada queimada. E eu falei, os documentos, alguns documentos que a gente tinha, que eram importantes, inclusive as fotos da caixa que eu vi na mão do antigo diretor, que estavam comigo. Eles não podem ficar aqui. E falei com a direção. Falei assim, olha, essas alturas de direção já tinham tirado o pé da questão da memória. Já tinha feito 90 anos, já tinha publicado o livro, o site que a Cilmara fez ficou maravilhoso. Ela mandou cancelar, por causa de R\$20,00 por mês, a manutenção. E ela também já estava saindo, então estava em decadência. Quando eu falei para ela fazer, eu disse, eu preciso tirar as coisas de lá. Não dá para ficar. Eu vou deixar os equipamentos, que não tem onde colocar, mas os documentos eu vou colocar num cantinho da biblioteca, que eu sei que ninguém mexe, porque está lá, faz 30 anos que está do mesmo jeito. Ah, tá bom. Peguei uma pasta, essas pastas de arquivo, coloquei as fotografias, coloquei os documentos, não sei o que. Chegou dezembro, eu tirei férias. Quando chegou em fevereiro, eu entro na biblioteca, tudo mudado. Tudo, aquilo que nunca mexeram, mexeram. E eu coloquei lá, centro de memória, não mexa, entregue se precisa mexer, entregue para a Patrícia. E sumiu.

**MLMC:** Que ano foi isso?

**PCM:** Foi em 2018. Em 2018, e sumiu a documentação, eu fiquei desesperada atrás, fotografia, não sabia onde localizar. Aí o rapaz que cuida do acervo da escola me ajudou, nós localizamos uma pasta, tem uma outra pasta, que acabei descobrindo agora, há pouco tempo, que está na mão da professora Marília (Marília Schimidt). E aí eu fiquei muito, muito agradecida de eu ter tido um outro insight, esse vai brigar comigo, porque teve uma época da minha vida em que eu publiquei muitas fotos no Facebook. E as fotos que sumiram estão lá. Então eu resgatei muita coisa de lá. Mas eu vou achar, eu vou achar aquelas fotos, as fotos estão na escola. As fotos estão na escola, alguém vai ter que traçar conta disso para mim. Então me deixou mais tranquila que muita coisa que tinha escaneado para colocar no Face, estava em mãos, eu tinha aquelas fotos em mãos. Então isso me deixou mais tranquila. Mas me incomodou, porque aconteceu exatamente o meu maior medo. E aí, graças a Deus, vão ter documentos importantes. Porque parte do acervo, parte do acervo eu não deixei mexer. Bom, quando o professor Mário ganhou a eleição, ele pediu apoio na época, eu falei para ele, eu te apoio. Até porque ele foi meu aluno, meu colega, meu colega de profissão, mas a gente vai trabalhar o Centro de Memória, eu quero um espaço nobre para o Centro de Memória, que não é certo o que está acontecendo. E aí ele me deu o outro lado do corredor, não era mais para cá, que é o que virou um arquivo da secretaria, depois até a gente mostra as fotos para você. Ele me deu o outro lado do corredor, que é um anexo da Biblioteca. Quais são os problemas desse anexo? O anexo, ele é pela CIPAT, pela CIPA a gente não pode ter nada lá. Pelos engenheiros também. Por quê? Porque a caixa de força fica dentro do Centro de Memória. A caixa de força da escola inteira fica dentro do Centro de Memória. E tem um armário que é de guardar material da biblioteca.

**MLMC:** Patrícia, só para deixar um registro aqui, aproveitando a sua fala, a caixa central do Edifício Paula Souza, ligado ao pessoal da informática de todo o edifício, fica dentro do Centro de Memória do Centro Paula Souza. E quando eu assumi esse centro, porque eu sou curadora, como vocês são das unidades, eu sou a curadora lá. Quando eu assumi, menina, o pessoal deixava a janela aberta, tinha comida, barata. Eu comecei por ordem. Eu falei, é lógico que a gente entende que tem uma série de dificuldades, a gente está pegando um prédio, não é fácil você transferir a caixa, mas vamos viver em conjunto aqui.

**PCM:** É o que dá.

**MLMC:** Ninguém come no Centro de Memória, tanto que nunca mais teve barata no Centro de Memória.

**PCM:** É o que dá. É o que temos para hoje, é isso. Então, ele me concedeu um cantinho lá onde eu fiz a exposição do maquinário que a gente tem, e tem um armário que eu tenho alguns arquivos lá que eu guardei, mas ainda não é o adequado. Eu tenho uma série de dificuldades, entre elas eu sou uma pessoa que é um problemaço, que sou uma pessoa muito desorganizada. Então, o que acontece?

Eu ser desorganizada nas minhas coisas é um problema. Agora, na escola eu não posso, então eu preciso centrar a minha vida nesse momento, não nesse, nesse momento nós estamos só centrando em casa mesmo, mas para colocar as coisas conforme tem que ser feito.

**MLMC:** Patrícia, qual é o tamanho dessa sala anexa, mais ou menos?

**PCM:** Eu vou mostrar a foto para você, é bem pequena, é bem pequena.

**MLMC:** Quanto? Um cinco por seis?

**PCM:** Não, ela é um corredor, ela deve ter uns dois por quatro, mais ou menos. Ela é bem pequena mesmo. Eu vou mostrar a foto para você. E aí, ele me colocou nessa sala e eu falei assim: – não, mas eu não estou satisfeita com o meu trabalho no Memórias, eu acho que está faltando-me ampliar minhas atividades para os alunos. O fato de eu não estar dando aula para o ensino médio complica um pouco, porque os alunos que são envolvidos nessas coisas não são os adultos, são as crianças mais jovens. E aquele ano eu peguei aula com uma turminha problema, era uma turma muito problema. E eu estava dando aula sobre narração para eles e eu comecei a contar a história da escola. E eles pararam para me escutar. E eu falei assim, essa turma é uma turma boa para eu trabalhar com eles em algum projeto. Por sinal, é essa turminha que está aqui, que fotinho deles. E aí, eu pensei na exposição da Primavera de Museus e foi muito legal.

**MLMC:** Essa exposição foi maravilhosa. Eu entrevistei uma pessoa que eu falei sobre a sua exposição esses dias. Contando como é, assim, onde você fez, e a importância disso para preservar a memória, tanto do institucional nosso, do nosso projeto, que isso dá valor para o nosso projeto. Dessa difusão que você fez.

**PCM:** Isso. Mas foi meio complicado, viu Maria Lucia. Isso aqui. Porque eu não tive apoio da escola, eu fiz a palestra, se eu não tivesse levado os meus alunos, não ia ninguém. Não foi ninguém de direção. A exposição ficou lá, não foi ninguém de direção. Ninguém. Quando eu digo ninguém, é ninguém. Que foi, assim, uma professora que acompanhou um aluno, uma outra professora biblioteca ativa, sabe? E a palestra que eu dei estava lotada, mas os alunos foram, porque eu pedi, são alunos meus que gostam de mim, então não houve, assim, não deram importância, não deram a mínima para a minha exposição. Foi tão... Estou falando, vai ficar registrado, mas é a verdade. Foi tão absurdo o que aconteceu que o último dia da exposição coincidiu com o dia de um evento da escola e eles precisavam dos cavaletes. E o diretor me ligou cedo e falou assim: – Patrícia, cadê os cavaletes. Eu falei: – olha, vocês me emprestaram o cavalete, o cavalete vai ficar até hoje ou amanhã, eu entrego para vocês. Não, mas eu preciso do cavalete hoje aqui. Falei, não, hoje não. O cavalete está na exposição, é o último dia da exposição. Eu estou indo lá buscar.

**MLMC:** Bom, ele é o diretor, é ele que está assumindo, né?

**PCM:** Ele que assumiu. Fazia três meses que ele estava lá. Eu disse, estou indo lá buscar. Ele falou, você não vai, porque isso é assédio. O que você está fazendo é assédio. Você não vai. Eu posso ir lá buscar, você não vai buscar. Aí eu fui e desmontei a exposição um dia antes para entregar os cavaletes que eles estavam precisando. Mas foi muito difícil, não foi reconhecido, sabe? Tanto que quando você me convidou para ir para São Paulo, que eu contei, aí ele ficou assim, nossa, é, é, vocês não foram, ninguém foi. Não foi, não foi, ninguém foi. Quem foi, quem foi, quem foi, foram os meus alunos. E foi porque eles gostam das histórias que eu conto, do jeito que eu falo, e eles foram por causa disso.

**MLMC:** Mas, Patrícia, deixa eu te contar uma coisa.

**PCM:** Sim.

**MLMC:** Eu acho que é um problema cultural nosso. É um trabalho de formiguinha o que nós fazemos. Você vê que as pessoas sempre comentam do nosso projeto, mas o pessoal não tem ideia do esforço que a gente faz. E eu estou te contando isso porque como eu desenvolvo atividades, ações educativas, como vocês, para eu ter público quando eu organizo as minhas exposições, eu sempre dentro do projeto eu envolvo escolas, sabe? E meio quase que convoco os professores para trazerem os alunos. Porque se eu não fizer isso, nem os nossos, nem os funcionários do Centro Paula Souza, que estão no edifício.

**PCM:** Vão lá olhar.

**MLMC:** Vão lá olhar e assinar a lista. Eu tenho que ficar cobrando das pessoas, passar nas salas e tal. Então, você vê que é um problema cultural. Agora, por outro lado, eu acho assim, insistindo nisso, colocando os arquivos nas ações educativas, nós estamos preservando os nossos espaços. Então, a gente tem que continuar, sabe?

**PCM:** Ah, eu continuo. Pode deixar que eu continuo.

**MLMC:** E você vê que eu sempre faço exposições em paralelo aos nossos eventos, sempre com essa intenção.

**PCM:** Porque essa exposição foi feita no museu, mas era para ser feita na Etec. Quando eu fiz a minha inscrição na Primavera de Museus, eu falei que a exposição ia ser na Etec. E aí já tinha sido combinado que ia ser no corredor, porque é onde os alunos passariam. Eles ficam muito curiosos em ver um monóculo. Ninguém sabe o que é aquilo. Ninguém sabe o que é aquilo. Hoje é impossível, né? Com a pandemia, imagina, cada um olhando, imagina. É uma coisa de um ano atrás. Foi ontem, ontem fez um ano. Ia ser no corredor. E, de uma hora para outra, eles cancelaram a minha exposição para fazer uma exposição sobre prevenção ao suicídio. Aí eu fiquei muito brava. Fiquei muito. Como assim? Como cancelaram a minha exposição? Está tudo comprado. É o meu dinheiro, né? Os alunos estão esperando. Aí eu falo, então está bom. Então não vou fazer aqui, vou

fazer no museu. E aí eu fui para o museu. Cheguei lá, o curador... Eu não sabia. É, e o curador de lá foi meu aluno da década de 90.

**MLMC:** Que interessante.

**PCM:** Como é o nome dele? Mauro (Mauro Morais). Eu não sei. Esqueci o sobrenome dele. Ele falou: – Patrícia, a porta está aberta para você fazer a exposição que você quiser. Quer vir da palestra, pode vir. Vem aqui a hora que você quiser, do jeito que você quiser. Então foi muito legal, porque foi assim... Consegui transformar o limão na limonada. E aí, assim, só para a gente contar o restinho do final dessa história. Existe uma casa... Eu também entendo o diretor, porque ele tinha acabado de assumir uma bucha, sabe Maria Lúcia. Ele assumiu uma escola com R\$300 de dinheiro na APM, sabe? Não era fácil também ele fazer três meses que ele estava na direção. Eu entendo, jovem, ainda está tirando, tendo que fazer um monte de coisa. Tendo que lidar com política interna. Enfim, eu entendo. Estou amenizando aí, porque ele é uma boa pessoa, ele é um bom rapaz. Ele tem muito ainda para fazer pela escola. Eu acho que ele fica por lá muitos anos. E aí, a gente tem um... Do lado tem uma casa de caseiro, mas não tem mais sentido, porque a gente hoje tem vigia. E o caseiro morreu. O caseiro morreu. Teve um piripaque lá e morreu o Edson. E aí, ele pediu a casa, a família foi embora, e a intenção dele, se Deus quiser, quando tudo isso passar, é transformar essa casa do caseiro na biblioteca e no espaço de memória. Então, ele tem a intenção de...

**MLMC:** Tomara, tomara!

**PCM:** Tomara, tomara! E, assim, disso tudo, eu tenho que te agradecer, porque tem uma fase da minha vida em que foi marcado, e é uma coisa que a gente não vai esquecer nunca mais. É o olhar do pesquisador. Eu não tinha noção do que era uma pesquisa antes. Foi no engajamento do projeto de memórias que me fez saber o que é o recorte, o que é o tempo, qual a importância do tempo, a cronologia, a importância de cada objeto que você está olhando. Olhar para a escola e ver... Muitas vezes tem essa cadeira que a gente comentou, eu nunca olhei para ela como um objeto histórico, mas ela é um objeto histórico. Então, esse olhar de historiador me fez tomar uma sensação muito legal, que foi a sensação que eu deixei lá atrás quando eu resolvi ser advogada. Fui ser professora, mas nunca fui professora de História. Na época, eu queria ser professora de história. E aí a história voltou para a minha vida por meio do centro de memória. Hoje eu tenho três bases da minha vida, que é o Direito, porque eu durmo sendo advogada e acordo sendo advogada, eu sonho sendo advogada, isso faz parte do meu ser. Eu tenho a literatura, que é uma coisa que eu amo, que eu adoro ler, e tenho a história, que ela retorna na minha vida através do projeto de memórias. Então, é isso.

Eu queria registrar esse agradecimento. Se eu olho o meu primeiro artigo, eu fico pensando assim, meu Deus do céu, podia ser tão melhor, sabe? Foi o centro de memória, foi o projeto de vocês que me ensinam.

**MLMC:** Patrícia, eu adoraria continuar conversando com você. Nós estamos quase uma hora conversando e teríamos muito mais assuntos. Então, eu acho que provavelmente faremos outras entrevistas. Eu espero que essa próxima entrevista seja aí na sua escola, logo que essa pandemia passar, né? E daí esse espaço, esse novo espaço aí esteja liberado. Vou estar na maior torcida. Porque você merece pela dedicação a esse projeto, a dedicação à escola. Então, foi um prazer fazer essa entrevista com você.

**PCM:** Muito obrigada.

**MLMC:** Eu vou transcrever a entrevista, vou depois te passar, porque é um trabalho que você faz entrevistas, você sabe que é um trabalho de coautoria, mesmo aqueles nomes que agora a gente não lembrou completamente, na transcrição dá para complementar.

**PCM:** Sim.

**MLMC:** E eu fico muito agradecida mesmo.

**PCM:** Muito obrigada Maria Lucia. Muito obrigada.

# 13.

## MARLENE APARECIDA GUISELINI BENEDETTI

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Trajano Camargo, em Limeira



Marlene Aparecida Guiselini Benedetti nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira/SP. Fez Educação básica: o primário no Grupo Escolar Cel. Flaminio Ferreira de Camargo, o ginásio e o magistério fez no Instituto de Educação Castello Branco. E os cursos superiores de: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP), História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG), e Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Quanto a trajetória profissional foi professora na rede estadual de 1968 a 1994, onde exerceu o cargo de diretora, por dois anos, e o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, na Escola Estadual Prof. Antonio Perches Lordello. Em 1995, começou a lecionar na Etec Trajano Camargo, onde se aposentou em maio de 2023. Desde 2008, realiza pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo e faz parte do GEPEMHEP do Centro Paula Souza.



*Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Trajano Camargo, em Limeira/SP.  
Fotografias: Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, em 10/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia!

**Marlene Aparecida Guiselini Benedetti (MAGB):** Bom dia, Maria Lucia.

**MLMC:** Marlene Guiselini Benedetti, hoje, que é dia 4 de agosto de 2020, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, que vai ser inclusa no nosso programa de “História oral na educação” e “memórias do trabalho docente”. Numa época de pandemia, de isolamento, mas a tecnologia nos permite estarmos em contato, estarmos juntas, nesse período difícil que o mundo inteiro passa.

**MLMC:** Eu gostaria de perguntar Marlene, que você contasse um pouco da sua trajetória de vida: onde você nasceu, onde estudou, qual foi a motivação que te

levou a ser professora de História e, principalmente, também desse ênfase as suas atividades no centro de memória, e como é que você teve interesse pela história da escola, a ponto de criar o centro de memória, você não é só curadora do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em Limeira, mas você é a protagonista de todo esse trabalho que tem sido realizado lá.

**MAGB:** É, eu já ia fazer uma inversão, uma subversão da ordem, eu ia começar dos dias de hoje para voltar lá trás, mas então nós não vamos discutir e não vamos fazer uma entrevista longa, o objetivo aqui é que você disse que tinha como propósito entrevistar os curadores dos centros de memória da Paula Souza.

**MAGB:** Então, eu me chamo Marlene Aparecida Guiselini Benedetti. Eu nasci em Limeira, 15 de abril de 1946, portanto, 74 anos, e estudei sempre em escola pública, o grupo escolar, o instituto de educação. Fiz o Magistério muito a contragosto, mas é história de vida. Meu pai tinha morrido, eu era filha mais velha, e a minha mãe estava esperando mais um filho, o sexto filho. Aí, eu fui fazer Magistério, mas eu nunca gostei. Uma das coisas que eu não gostava no curso de Magistério, é que, eu não tenho habilidade com crianças, e o ensino é só decoreba. Você não podia deixar uma vírgula fora do lugar que diminuiria a sua nota. Apesar disso, eu saí bem, ganhei até prêmio. Não cheguei nos 90, não. É que o primeiro ano eu fui muito mal, eu não gostava e não gostei, mas eu tive ótimas amigas na sala que foram ótimas professoras. Depois eu fui fazer faculdade, fiz o curso de Ciências e Letras de Rio Claro, curso de Ciências Sociais, porque era o curso possível, dentro dos meus conhecimentos. Gostei demais, aquilo abriu a minha cabeça, eu tinha 17 anos. Uma cabeça incrível, eu amei o curso de Ciências Sociais, que a gente tinha muito amor, era o Paul Singer, que morreu a questão de dois anos atrás, mas era excelente professor de Economia, não que eu tenha apreendido demais, porque acho que eu não servia muito para economia, mas ele era excelente pessoa, bem-humorado, escutava todo mundo. Assim dava umas provas difíceis, era prova com consulta, e a gente levava um monte de livros, mas se você não leu aquilo lá não adianta nada consultar. Enfim, era um amado professor, mas que teve que se acertar, como era da área de humanas, com o regime militar.

**MAGB:** Daí eu fui até para Rio Preto, achando que eu poderia conseguir, não para Fernandópolis, que era para frente de Rio Preto, pensando que seria mais longe desse meio, achar aulas. Eu disse que nós vamos fazer da vida, deixei passar uma oportunidade na faculdade, eu não escolhi direito, deveria ter escolhido Antropologia ou Ciências Políticas, o poder me atrai, é essa questão. E aí fui longe achando que eu conseguiria umas aulas, e de fato consegui. Era muito quente lá, não tinha internet naquele tempo, tinha curso de História e Ciências Sociais, em Rio Preto, e que é próximo a Fernandópolis. Nessas alturas eu consegui umas aulas em Araras, cidade próximo a Limeira, que eu moro aqui, né, adorei o pessoal de lá, dava aula de Geografia, imagina se a gente sabia tanta Geografia assim. Mas um pessoal maravilhoso, era escola industrial, hoje em dia é a Etec Alberto Feres, lá de Araras. Daí

eu consegui vir para Limeira, não, naquele tempo eu tinha uma documentação, nós chamávamos carteirinha, não lembro mais o nome. O seu diploma lhe dava direito de ter três matérias. O diploma tem uma coisa interessante: – Rio Claro era uma faculdade isolada, quando ela foi fazer o registro, o meu registro de Ciências Sociais está como Universidade de Campinas, ainda não era estadual de Campinas, e eu acho isso interessante. Logo depois, é que foi criada a UNICAMP, a questão de dois anos atrás fez 50 anos. Daí então, enfim, eu fico dois anos em Araras, e depois eu venho para Limeira, e eu acho que era para dar aula, e eu tenho caderno anotado quais escolas eu dei aula, quais as disciplinas, mas vamos deixar isso aqui, que eu realmente lembro que foram essas. Eu já comecei a dar aula em Magistério, dava aula de ESPB, de Educação Moral, de Estudos Sociais, e meus primeiros alunos eram apenas sete anos mais novos do que eu, então até hoje eu me recordo desses alunos, alguns eram muito legais, e eu me lembro de vários deles. Enfim, eu fiquei um tempo lá e depois começou, as aulas foram reduzindo. A gente é do tempo dos anos 70, tempo de escolas particulares, faculdade de final de semana, não era ensino remoto, eram faculdades de final de semana, eram escolas particulares e de fim de semana. E elas proliferaram, inclusive o Jarbas Passarinho devia ter alguma, e nós fomos fazer em Amparo, e eu fui fazer em Amparo, Pedagogia, e não que eu tivesse interesse. Esses cursos superiores que a gente aproveitava os currículos que a gente tinha, eles davam pontos para a gente. E a gente seguia, começando subia na carreira, mas não revertia no salário não, não era uma qualificação, era para atribuição de aula. E nós fomos fazer, a gente ia de final de semana, ia de carro, era uma turminha boa, e aprendia alguma coisa, mas esse tempo vai passar, e a questão é que eu queria prestar concurso público, fazia tempo que não tinha. Em 1980, vai ter curso público, e nessas alturas eu tive que escolher um curso de História.

**MAGB:** Em 1980, eu fiquei sabendo que foi recusada a minha carteirinha, ela dava permissão para lecionar, mas não dava permissão para você fazer concurso, então eu fui atrás de um curso de História. Nessa altura eu era casada e com os filhos pequenos, dava aula. A alternativa foi fazer Guaxupé, faculdade particular, lá no Sul de Minas, acho que foi um ano, um ano e pouquinho, fiz seis disciplinas só para completar currículo e enfim é o curso que me permitiu prestar concurso, eu passei muito bem, embora fizesse somente 41 dias que o meu marido tinha morrido tragicamente, eu fiz o concurso, e fui muito bem classificada, e eu escolhi aqui a escola Prof. Antonio Perches Lordello. Aquela escola, que eu fiquei 16 anos, sendo que uns anos antes, eu fui diretora, me escolheram como diretora por questões políticas. Eu dava aula no Castello Branco, onde eu sempre estudei, e o meu diretor escolheu a mim e a outra amiga também, para a gente começar uma escolinha que tinha só quatro classes de quinta série, e começamos essa escola que já era grupo, e então escola de primeiro, e depois de segundo grau, eu comecei lá. Eu fiz o possível, é que nós vamos ter me dediquei e cheguei à conclusão, que eu não gosto dessa parte de direção: – Não, eu não gosto dessa parte de direção. Mas lá nós tivemos excelentes alunos, era uma escola de vila, mas ela sempre foi escola de qualidade.

Eu e as minhas amigas fizemos uma escola de qualidade, daí ganhamos concurso, aquele tempo de ditadura, Brasil grande, essa coisa toda, existia até concurso de imposto de renda. Um que eu me lembro, foi assim: 50 anos, acho que era Revolução Constitucionalista de 1932, então aí eu li profundamente o que é, orientei os alunos, e duas alunas minhas conseguiram classificação, acho que não deve ter muita gente que participou, uma ganhou em terceiro lugar, e a outra, ganhou em primeiro lugar, fiquei feliz. Eu estava na plateia, mas a diretora ficou só com ela os louros e não chamou a professora a coitada a professora que leu o trabalho e ficou o final de semana, porque eu sempre tive bastante aulas e bastante alunos, e foi um negócio marcante, são as coisas que eu falo são importantes, as meninas escreviam bem, fizeram o que a gente foi propondo, e o trabalho ficou bom e acho que também não devia ter muitos candidatos. Então a gente ganhou alguns prêmios com os alunos. Essas alturas, passado um tempo, eu estava para me aposentar, já fazia 28 anos que eu estava no Perches e lá eu dei aula de História, só de História.

**MLMC:** Que ano foi isso Marlene?

**MAGB:** Eu comecei lá em 1980. Houve o concurso.

**MLMC:** Foi 2008 que você se aposentou?

**MAGB:** Não. Eu me aposentei em 96. Em 1996, fazia 28 anos que eu dava aula. Eu comecei em 68, no começo de 1968. E quando teve, eu estava próxima assim, e uma amiga disse: você precisa ganhar mais, com dois filhos para criar, essa coisa toda, e viúva, você precisa ganhar mais, volta e pega a aposentadoria. Naquele altura, eu estava muito infeliz, era muita aula, de manhã, a tarde e à noite, e eu tinha que levar lanche e substituí até no Cotil, eu fazia algumas coisas a mais para ganhar dinheiro, então você já viu, eu estava muito cansada. Mas eu tinha licença prêmio, essa coisa toda e fui tirando.

**MAGB:** Quando chegou em 94, a Paula Souza fez um concurso, eu gosto de desafio. Olha todo mundo que está lá no Trajano vai ser efetivado. Eu só estudei um pouco de legislação, porque também é outra coisa que eu não gosto, de legislação, e li alguma coisa. Eu e uma amiga fomos de ônibus para Campinas. Nossa! E, quando nós chegamos lá tinha tanta gente, era para técnico, foi o único concurso da Paula Souza, e não é muito justo esse pessoal vem de tão longe e poderia ser descentralizado, veio todo mundo para Campinas, ficou a noite inteira andando de ônibus. Quando eu pego a prova, olha só, mas daí eu achei o caminho, passei em primeiro lugar, e a escolha naquele tempo era a escola que você queria. A Trajano perto da minha casa, e tenho uma ligação grande com o Trajano. É claro que depois de 25 anos lá eu tenho muito mais, eu comecei a dar aula lá, já era só escola técnica. Mas tinha aula de História e mais tarde que as coisas vão mudando, eu tenho no ETIM, eu dava Ética e a noite eu dava História, e a gente dava curso de Qualificação, ou seja, pegava aquilo que aparecia. Meu filho não estava aqui, estava em Londres, e o outro trabalhava em outra cidade. E eu estava aqui meio sem fazer nada. Mas um dia me apresentaram

uns livros da escola, encadernados e bonitos, e eu sempre conto isso nos nossos encontros, fiquei fascinada com os livros, não entendi o que era e não sabia o que era aquilo. E aí a escola ia fazer 50 anos. Nós estamos em 2006, eu peguei aquele livro, eu não me lembro bem, a gente nem tinha caderno, que eu chamo de Diário de Bordo, caderno de pesquisa. Daí comecei a procurar alguma coisa na diretoria de serviços e resolvi fazer um texto, e eu ia mandar para a diretora ler o texto.

**MLMC:** Quando foi isso? Em 1985?

**MAGB:** Não, 2003.

**MAGB:** Então, eu estava no Trajano desde 1995. Me aposentei no Perches 96. Em 1995, levei as duas juntas, e em 1996, me aposentei do Perches, do estado. Aí só fiquei só no Trajano, e daí eu fiz um texto, mas eu ia dar para diretora ler, porque eu sempre achava esquisito, você faz uma festa e vai comemorar o quê? Tem que comemorar uma história e não tinha nada para comemorar. E nessas alturas o que nós vamos fazer? A diretora fala assim, eles resolveram: – a Marlene vai ver. E eu li o texto e faz uma festa e os alunos são convidados, e as autoridades, uma festa bonita, etc e tal. Falei assim: gostaram e para li e para lá. Passado uns dias, eu tenho uma aluna me traz um papel do pai dela dizendo assim: – a escola não tem só 50 anos, a escola é mais velha que meu pai, que estudou numa Escola Profissional Dr. Trajano Camargo. E se alguém na escola sabia disso, eu não sabia, nossa, e foi aquela coisa. Aí, eu fiquei com vontade de procurar e comecei a ir atrás, e então o que eu fiz? Eu falo que: – de todo o trabalho que fiz, e que eu faço com o maior carinho, e que me deu mais trabalho teórico, eu li livros de história, eu fiz pesquisa em arquivo de jornal, e não pensei naquele tempo em recorrer a internet, e eu descobri quatro depoentes. E desses depoentes, eu não tinha celular para gravar, eu não tinha gravador, aquele era tempo de fitinha, e mais tarde eu comprei uma filmadora, mas muito tempo depois, e eu fazia pesquisa lá, ele vai falando e você vai escrevendo rapidinho e eu chegava em casa e escrevia o que eles tinham dito. E foi daí que eu consegui fazer um trabalho com imagens e com depoimentos, e digo assim: – duas coisas que eu fiquei satisfeita: – graças a dona Ida (Ida de Souza Coelho), que quando eu conversei com ela, ela estava com 89 ou 90 anos e ela morreu a cerca de três anos, com 99 anos, e por incrível que pareça ela tinha uma memória fabulosa e jogaram na escola um panfleto falando de um convite do programa de funcionamento da Escola Profissional Dr. Trajano Camargo, e lá eu vi que tinha um hino. Eu levei para a minha depoente, a dona Ida, de várias entrevistas, e por incrível que pareça, ela conseguiu lembrar a música. Pedi para o diretor Zé Henrique (José Henrique Heydman Jr.) que adora a escola e está há mais de 40 anos lá, e eu levei para o maestro do coral aqui, que colocou sonoridade naquela letra e gravou um CD, e o que decidimos fazer? Eu decidi fazer uma festa da escola, que deu um trabalho fenomenal. Isso, era no ano 2007, e um vereador ficou sabendo, e que agora é prefeito da cidade.

**MLMC:** Como é o nome dele?

**MAGB:** Mario Gotion. A gente fazia musculação juntos. E conversando, entre um exercício e outro, uns minutinhos, vai lá na Câmara Municipal tem uma sessão aberta e você vai lá apresentar o trabalho. A gente é cara de pau, a gente pega e vai, e uma sessão toda segunda feira, e eu fui lá, e o pessoal gostou. E quando o aniversário da escola, dia 17 de maio, dia da escola, eu fiz uma festa que ficou uma festa bonita. Ficou uma festa bonita, porque: – Tinha quatro depoentes e três estavam presentes, e aí. O coral estava magnífico e a escola estava enfeitada. Eu mandei fazer até roupa longa, imagina só, e eu era bem mais nova.

**MLMC:** Tem fotografias dessa época Marlene?

**MAGB:** Eu tenho e capaz de ter até alguma coisa gravada, viu.

**MLMC:** Eu vou te pedir uma fotografia desse evento para colocar junto com esse documento de registro da entrevista

**MAGB:** Essa aí eu devo ter fácil aqui em casa. Eu tenho os depoentes e eu falo assim: eu tive que fazer uma correção outro dia, ela foi criada em 34, e começou a funcionar em 34. Mas a gente pelo fato do ano letivo começava no início do ano, eu achei que tinha o livro de 36, 37, 38 e 39. Eu não tinha o livro de 35, e esse eu não tenho, ele deve ter sumido. Eu achei que era o ano de 35, mas depois, com depoente falando era 35, mas eles eram crianças e já tinha 80 anos, não lembrava se era competente, não lembrava se era bem-vestida, que eles adoravam a escola, que mais gente tinha uma classe social melhor que a deles que também frequentava a escola. Então eu tive essas lembranças e daí eu fiz uma história e isso eu acho uma coisa fabulosa e fabulosa inclusive por causa do hino. Passados anos, esqueci de falar de 2003 a 2006, não fiz nada, dei minhas aulas. Em 2006, o Zé Henrique, diretor, disse: está na hora de você escrever essa história. Ele é da área de Engenharia Mecânica e acha que é fácil. Está na hora de você voltar escrever a história da escola, então ele não sabe a dura que e fazer pesquisa em história, na Trajano falta dados de livro de matrículas, por exemplo: – a Júlia de Jacaréi tem, a Joana tem lá em Franca, eu não tenho livros de diplomas, mas o Trajano não tem, tem muitas falhas. E então eu comecei a pensar e a escrever, e aí você assumiu, acho que em 2008, você assumiu essa parte do Paula Souza. Porque antes, eu conhecia a Júlia Falivene durante dez anos, eu ia mensalmente a São Paulo fazer curso, eu convivi com a Júlia é uma pessoa ótima, que irá fazer muita falta, muita inspiradora, que vai fazer muita falta, uma pessoa tranquila, amiga. Eu já tinha uma identificação com o Trajano, que é perto da minha casa, a família morou aqui perto de mim, os meus irmãos estudaram na escola, os parentes estudaram na escola. É uma escola imponente, quer dizer: – ela e visível, a conclusão dela foi em 1970, total. Então eu tenho uma ligação afetiva com a escola, então eu resolvi fazer parte desse clube de memórias. Professor de História gosta de velharia, gosta de acumular e daí ficou nesse tempo. Mas juntando uma coisa com a outra, e no final de 2015, consegui uma salinha de 22 m<sup>2</sup> no andar superior, bem no meio da

escola, E daí você colocar, pega os troféus, o que mais tem são os troféus esportivos, que a gente leva, de Química não são muitos aparelhos, pego inclusive coisas do lixo, daquele material que era para ser leiloada, faz uns dez anos, nunca foi, e não foi leiloado, hoje em dia deve ter virado pó, enfim, você juntou material, mas a sala não comporta mais coisa. E seria para fazer as fotografias, mas eu já pedi material, inclusive para assessoria, que não tinha o centro de memória e você viu que estava tudo aqui em casa, quando você veio, numas caixas, e a gente faz de modo bem precário utilizando os alunos.

**MLMC:** Marlene, tem que deixar esse registro, eu lembro que estive em 2015, inclusive você gentilmente, me deixou ficar na sua casa, e eu adorei, porque eu iria conhecer essa documentação que você conseguiu receber durante as entrevistas, quer dizer, que são arquivos pessoais, que você teve acesso por causa de todo esse trabalho que você realizou. É, importante ficar esse registro.



*Participantes na Sessão Solene de 57 anos da Etec Trajano Camargo, em 17 de maio de 2010, e alguns deles, deram depoimentos durante o evento. Na primeira fila, da esquerda para a direita, o sr. Alfredo Pezzoto (depoente), profa. Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, sra. Ida de Souza Coelho (depoente) sra. Dora Arruda Binotti (depoente), ex-profa. Maria Negro Lencioni, sr. Trajano de Barros Camargo Filho, e na segunda fila: ex-prof. Caetano Grizzo prof. José Henrique Heydman Jr. (diretor), ex-prof. Herly Machado de Campos, ex-diretor prof. Manoel da Silva, Carmelita de Souza Dias.*

*Fonte: Arquivo pessoal de Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, em 2020*

**MAGB:** Em 2016, daí você estimulou e vamos fazer e então vamos fazer. Tem horas que a gente precisa de uns estímulos e motivação, E aí a escola faz

anualmente uma Feira de Tecnologia e então eu resolvi, então vamos fazer a inauguração: – olha um sucesso. Tem umas fotos em álbuns, e os visitantes têm uma atração por tudo que funciona, eu tenho projetor de slides e tem os alunos da Fran que foram organizando. Enfim, abrimos o centro de memória e depois a gente vai organizando e vai aprendendo, daí sim, a partir de 2009 começamos com as HAE do Centro Paula Souza. Antes disso, eu fiz tudo por conta própria, não, eu tinha 2,5h que a escola dava para mim, a título de contribuição, então começamos de modo mais sistemático. Chega um ponto que você fala assim: – o que você faz com o centro de memória? – Eu já orientei ex-alunos nossos que faziam faculdade, usando o centro de memória; eu já fiz alunos meus no caso monitores de História, a fazer sobre os troféus da educação física durante o regime militar. Eu participo de alguma coisa motivada pela Maria Lucia, eu não sou uma Júlia na vida, a Júlia Naomi. Eu participei de semanas de museu, esse ano, no ano passado e três vezes. E esse ano eu resolvi, porque estávamos com pandemia, e eu resolvi fazer um vídeo, eu fiz uns slides e fiz a biografia que eu já tinha comentado, da esposa do Dr. Trajano, a dona Maria Teresa Trajano Camargo, quem foi ela? Ela foi prefeita de Limeira, de 1934-5, em 1935 ela foi deputada estadual, duas únicas mulheres, por coincidência duas Maria Teresa, a outra era de Campinas, até o golpe de Vargas que criou o Estado Novo, ele acabou com as Assembleias Legislativas e colocou os interventores, ela era quase a embaixatriz da cidade e ela recebia empresários e políticos e que frequentavam a casa dela, aqui a chácara, e em São Paulo, a casa dela na avenida Brasil. Então eu fiz os slides e a biografia e os alunos, um colocou em vídeo e a outra narrou. E o que eu tenho feito, eu agora tenho gerido um outro vídeo e agora vamos fazer do Dr. Trajano, um vídeo com música e narrativa, e aumentei uma biografia. O ano passado, nós pudemos fazer trabalho sobre o patrono da escola, e eu fiz do Dr. Trajano, peguei na Câmara Municipal um pouco do viés político dele, e tinha um conteúdo maior para colocar na biografia dele, foi o que foi feito. E o que eu tenho feito? – Eu agora uma outra coisa que eu descobri, faz algum tempo, e tudo isso está relacionado a pesquisa de memórias e história educativa do Trajano, e eu falei assim: – esses alunos vem para cá e eles não sabe quem foi Trajano Camargo? Não, não sei. Uma porque é novo, outra porque não conhece a história da cidade, pois Trajano Camargo aqui é nome de rua e central, é um empresário de indústria de máquinas aqui, pioneiro da indústria de máquinas, hipervalorizado. Os mais velhos, não há como não conhecer, mas os mais novos não conhecem. Então eu resolvi fazer uns slides para apresentar a esses alunos. O que a gente tem no centro de memória e quem foram eles? A Maria Teresa que criou a Escola Profissional, enquanto prefeita da cidade, em setembro de 1934, e o nome Dr. Trajano, um nome muito adequado, porque era uma escola profissional, e a escola naquele tempo era municipal. E deve ter sido a Máquinas São Paulo, depois foi gerenciado pela dona Maria Teresa com um filho, por quase quinze anos, porque ela deve ter doado as máquinas de costura, os tornos, ou seja, patrocinado essa escola. Voltando lá, eu faço uma apresentação de slides e com

isso eu desperto mais o interesse deles pela história da escola. Esse ano, por causa da pandemia, nós fizemos umas tantas coisas.

**MLMC:** Marlene vou fazer uma interrupção agora, eu gostaria que você contasse um pouco das suas práticas com os estudantes, porque eu acho muito interessante o trabalho que você faz envolvendo os seus alunos, a ponto de nós termos estudantes que se formaram historiadores e estão na área de arquivologia, então eu gostaria que você deixasse registrado a importância desses alunos

**MAGB:** Olha Maria Lucia, eu nem sei, eu tenho uma filosofia, que é assim: – faça o melhor que você possa, tem horas que a gente faz aquilo que é para gente e não para o outro, aquilo que lhe dá satisfação. Eu sou uma das mais velhas do Centro Paula Souza, 74 anos, 52 de magistério, desses 52, onze meses como diretora de uma escola pequenininha, dois anos como coordenadora do curso noturno lá no Perches Cordeiro, eu só gosto de ser professora, e nunca quis ser professora. Eu demorei um bom tempo para aceitar esse fato, e eu gosto dos meus alunos. E eles sabem que eu faço uma série de coisas para eles, eu olho nos olhos deles e sou muito de cutucar, eu já tentei várias técnicas: – já fiz trabalho em grupo, já dei aula com música clássica de fundo, eu faço prova em dupla, mas no fundo eu pego documento do tempo, e vou fazendo, faço os alunos fazerem slides e fazerem apresentação. Eu acho que eu motivo, e a minha voz e o meu temperamento, eles não convidam a dormir, certo. Então os alunos ficam mais atentos, e eu estou sempre no meio deles, inclusive me comunico com ex-alunos, que fez História ou não. Eu acho que não é uma experiência que você passa para os outros, mas eu digo assim: – eu adoro História e agora eu estou amando ouvir, aprendendo e reciclando e vou passar para eles: – aulas USP, que tem no Youtube, cada professor maravilhoso, estou aprendendo, separo uns trechinhos, e eu chamo todo mundo para as aulas remoto, boto um trequinho, paro e eu explico. Enfim, eu não sei, agora a coisa e desse jeito, sabe, sei lá

**MLMC:** Marlene conte um pouco também da sua experiência dentro do grupo, o que que você acha do GEPEMHEP? Das propostas que existem? E o que poderia ser melhorado?

**MAGB:** Essa aí, você não me deu chance e não deixou nenhuma pergunta antes, agora fica difícil, mas a gente sempre tem ideia de alguma coisa. Claro que com o tempo a gente vai fazendo um círculo de amizades, sinceramente não dá para agradar todo mundo. Eu considero assim: – eu sou professora, tenho mais de 400 alunos, já tive mais de 500, e eu sou professora em primeiro lugar e isso me toma tempo, muito tempo. Agora é muito registro, muito registro. Mas o que é bom, tem aquele outro lado, professora-pesquisadora, eu acho que isso é motivador, sabe porque: – você está criando e você não está criando uma metodologia, eu acho muito bom esse espaço de criação. Não sei se agora, eu ainda teria alguma coisa de Trajano. Parece que esgotou o assunto, o que tem de Trajano

Camargo para falar, quer dizer a gente procurando acha. De momento, eu não sei, talvez escrever alguma coisa sobre o curso feminino, que começou em 1960.

**MLMC:** Agora tem o museu virtual e que nós temos agora que terminá-lo.

**MAGB:** Esse museu virtual, vamos ver o que vai sair, aí. Mas sei lá, eu gosto do Clube de Memórias? Eu gosto, obriga a gente a fazer leituras, tem horas que eu não gosto de leitura. Eu gosto de ler livros de história, e gosto de ler como se fosse um romance, eu não gosto de metodologia, mas enfim eu gosto de fazer entrevistas. Eu acho que eu fiz umas vinte, e tem umas que tem horas que não são entrevistas e parecem bate papo, eu sou muito abelhuda e eu entro muito na conversa, discuto, entendeu. Mas enfim, elas me ajudaram de sobremaneira a escrever a história, porque não tem tantos objetos e nem tanta documentação. Então o que é bom no Clube de Memórias? Eu acho ele é muito motivador. Você na qualidade de coordenadora você motiva a fazer leitura, você procura, você propõe um tema, e a gente vai atrás do tema e depois apresenta. Isso é que é bom, a gente sente gratificada, depois a anos, a Paula Souza tem a publicação, ela é que tem a publicação de livros, e você atrai gente de outros lugares. Eu na verdade, eu sempre gostei de conhecimento, eu sempre gostei de saber, talvez não seja tanta curiosidade, mas eu gosto de saber, eu gosto de conhecer. Eu acho que é isto e, também ficou feliz com a realização dos outros. Aquele que não sabia fazer um trabalho e fez. Então eu acho que a gente tem que ser motivadora e um ajuda o outro, e eu digo: – tem que se sentir reconhecido, recompensado, eu acho que são coisas básicas na profissão. Mas eu não tenho muitos alunos que queiram ser professor. Os meus alunos me chamam de professora ou pelo nome, Marlene, nada de dona Marlene. Eles dizem assim: para aguentar o que vocês aguentam, porque não é fácil. Eu digo que professor tem que ser resiliente, você levanta a cara, levanta e cai e vai para frente, e você acha que faz alguma diferença na vida deles, ou em termos de conhecimento ou em termos de valor ou em termos de interesse.

**MLMC:** Com certeza a gente faz diferença na vida de algumas pessoas, como alguns professores fizeram na nossa vida, você começou a entrevista citando alguns professores. Ainda bem que isso recompensa muito.

**MAGB:** A gente sabe, que a gente não é amada por todos, mas não tem importância, você faz aquilo que você acha que tem que fazer. E eu na profissão, eu tive muito reconhecimento, eu já fui homenageada mais do que uma vez na escola, já fui homenageada na Câmara Municipal.

**MLMC:** Já foi homenageada pelo GEPEMHEP.

**MAGB:** Depois disso a vida não foi mais a mesma (risos), foi em 2016. Eu recebi um prêmio importante, o Fumagali. Eu fui escolhida como a professora do Ensino Médio do ano pelo Trajano, isso em 2005. Então eu já tive comemoração

interna e externa em termos de profissão. Essa parte aí é resolvida. Não sei o trabalho é tanto de qualidade, mas alguns são escolhidos para fazer publicações nos livros, a gente faz e eu teria coisas para aprender, eu não sei fazer banners. Eu falei Júlia, você me ensina, e ela disse: ensino. Eu gostaria de aprender a fazer edição de vídeos. Tem tanta coisa que acontece que a gente nem sabe.



*Marlene Benedetti recebendo o Prêmio Fumagali na Câmara Municipal de Limeira, em 2005.*

*Fotografia: Marlene Aparecida Guiseline Benedetti, em 10/04/2025.*

**MLMC:** Marlene, você está dando ideia para os próximos clubes de memória, com toda essa mudança tecnológica, eu acho que para o ano que vem, a gente pode propor isso nos Clubes de Memórias, e dar uma repaginada nos tempos que estamos vivendo agora.

**MAGB:** Eu acho que a gente poderia fazer alguns registros, o que nós estamos aprendendo? Nós nos superamos. Se tudo voltar à normalidade, e eu espero que sim. O que nós estamos aprendendo, nós estamos aprendendo essa coisa de tecnologia. Nós estamos por conta de NSA, eu tive que comprar outro computador, tenho dois agora.

**MLMC:** O que é NSA?

**MAGB:** Ele tem um nome, é um sistema onde a gente marca presença e nota dos alunos e que nós fazemos registros dos alunos, não são todas as esco-

las da Paula Souza. Nós fazemos aqui há uns cinco anos, onde a gente marca a frequência dos alunos. Você poderia fazer para o grupo, propor: – o que foi mais marcante nesse ano para você, profissionalmente e pessoalmente, como você se sentiu? Eu acho que é uma boa temática. O ser humano vai continuar sendo os mesmos, mas as práticas da gente elas mudam. Se voltar, e voltar tudo pessoalmente: – a gente vai continuar a ter acesso ao Teams, essa ferramenta tem hora que dificulta, mas tem horas que ela ajuda.

**MLMC:** Nós não vamos voltar os mesmos. Esse emprego da tecnologia já era necessário, e eu acho que daqui para frente vai ser híbrido, e isso vai resolver vários problemas de transporte, de espaço na escola, e o aluno vai ser tornar autônomo e o professor tem que ser pesquisador, eu acho que várias coisas vão mudar e nós vamos nos adaptar e vamos aprender e vamos propor coisas.

**MAGB:** Eu pergunto vocês estão aprendendo. Eu imagino assim, mas eu nem vou comentar sobre o que eu penso do ensino remoto, acho que ele tem mais acesso a material, e se ele lê é outros 500, passo texto, coloco vídeo e ele não vai ver. Deu trabalho para achar esse vídeo, quantos minutos eu tenho que colocar isso aqui. Ele está tendo mais autonomia, e isso é uma coisa que eu sempre debati, e ele gerencia o seu tempo e o seu conhecimento. Nessa semana, já saiu que o estado de São Paulo vai fazer uma mudança no ensino.

**MLMC:** Marlene, para ser autor, é uma atividade solitária. Por isso que eu acho, que nesse período, o aluno também está aprendendo a criar um espaço, que o coletivo é fundamental, mas o espaço individual, ter método de trabalho, ter disciplina, é fundamental para a aprendizagem. Eu acho que muitos alunos vão se embrenhar nesse caminho e daí vai ter um crescimento.

**MAGB:** A gente tem alunos de primeiro a terceiro anos, e então a gente nota que os alunos de terceiro ano, eles têm mais compromisso. Eles que pretendem entrar em uma faculdade, eles sabem que a gente aprende com ex-alunos. É você que tem que fazer isso, não é o professor. Ninguém vai falar: o rapaz, você fez a prova? Ninguém vai falar você vai fazer o seminário? Não sai perguntando você tem essas faltas? O aluno de terceiro ano, ele é que tem que ter autodisciplina, o de primeiro ano fica meio perdido, nos nem conhecemos os alunos do primeiro ano, e nós só temos, eu sei a cara deles, quando eu vejo os poucos que entram. Eu acho que é isso aí, eu não sei se está a contento.

**MLMC:** Marlene, a nossa intenção era fazer uma entrevista em torno de 50 a uma hora no máximo, porque você sabe que depois levamos mais de um dia para transcrevê-la. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você ter concedido essa entrevista para nós, eu vou transcrevê-la, vou lhe encaminhar os termos de autorização de imagens, para nós pudermos disponibilizar depois essa entrevista no nosso site de memórias e espero contar com você para dar continuidade nas próximas entrevistas.

**MAGB:** Ok, Maria Lucia.

**MLMC:** Muito obrigada Marlene.

**MAGB:** Bom dia.

**MLMC:** Bom dia

# 14.

## SUELI MARA OLIANI OLIVEIRA SILVA

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Prof. Matheus Leite de Abreu, em Mirassol



Sueli Mara Oliani Oliveira Silva é Licenciada em Educação Artística pela PUC-Campinas (1989). Licenciada em Pedagogia pela Uniube (2009). Atualização “Programa Gestão Escolar e Tecnologias” pela PUC/SP (2009). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Artes “Lato Sensu” pela Barão de Mauá (2013). Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1990 a 2018). Professora de Artes da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1994 a 1996, 1998 a 2020) e da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1999 a 2020). Coordenadora do Ensino Médio e Pedagógica na Etec Professor Matheus Leite de Abreu (2004 a 2012). Participa do GEPEMHEP, desde 2012.



*Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Prof. Matheus Leite de Abreu  
Fotografia: Sueli Mara Oliane Oliveira, em 9/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, Sueli Mara Oliveira.

**Sueli Mara Oliane Oliveira Silva (SMOOS):** Bom dia.

**MLMC:** Eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós, do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, hoje que é dia 14 de agosto de 2020. Principalmente para o nosso programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, e por você ser curadora, inclusive participou, uma das responsáveis pela criação do Centro de Memória da Etec de Mirassol. Então, eu agradeço mesmo você estar conosco. Eu vou te fazer somente uma pergunta, porque a nossa entrevista é sobre história de vida. Eu gostaria muito que você falasse onde você nasceu, quando nasceu, e que escolas você estudou, como é que foi a sua trajetória até chegar nessa formação de Artes, e como é que você ingressou no Centro Paula Souza e, também quando ingressou, e como foi se envolvendo com esse projeto a ponto de você ser a criadora e curadora desse Centro de Memória que tem progredido muito, que tem feito um lindo trabalho.

**SMOOS:** Muito obrigada, Maria Lucia, bom dia. Eu nasci aqui em Mirassol, estado de São Paulo, no dia 29 de novembro de 1967. Eu sou filha de Jesus de Paula Oliveira e Ocleide Oliane Oliveira, ambos falecidos. Sou casada com José Fernando da Silva. Eu iniciei os meus estudos em 1974, aos seis anos de idade, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Anísio José Moreira. Mas eu concluí o primário

e o ginásio em outra escola, a Escola Estadual de Primeiro Grau Edmur Neves. Isso foi em 1981. Em 1982, eu fui fazer o segundo grau, eu volto a estudar na Escola Anísio, e ali eu faço o curso do magistério. Então ficou a habilitação específica do primeiro grau para o magistério na área da pré-escola. Eu me formei em 1985 no magistério. Em 1986, eu fui trabalhar como professora do Jardim 1 numa escola aqui particular de Mirassol chamada Escola Arco-Íris. Minha vocação sempre, desde pequena, foi a arte. Eu sempre gostei muito de pintar, de desenhar. O meu pai, quando eu era pequena, ele desenhava propagandas nos muros da cidade, propagandas de comércio, de alguma loja, e eu ficava encantada. Eu me lembro certinho de um mapa do Brasil que ele desenhou no muro. Eu tinha acho que cinco anos de idade. E aos seis, quando eu ingressei no primeiro ano, eu queria copiar os desenhos da Cartilha Suave. Eu queria desenhar a abelha, eu queria desenhar a igreja. E essa vontade pelo desenho somente aumentou durante todos esses anos. E aí eu resolvo fazer o curso de Educação Artística. Eu prestei o vestibular, passei na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1987. Eu me formei, em 1989, na Especialização de Desenho Técnico. Eu morei em Campinas de 1987 a 1991. Nesse período, eu também trabalhei como caixa no antigo Banco de Crédito Nacional. Então eu trabalhava durante o dia no banco e à noite eu fazia faculdade. Em 1990, lá em Campinas ainda, eu comecei como professora ACT, de caráter temporário, junto à Secretaria da Educação. Eu trabalhei na Escola Estadual Alberto Martins por dois anos, em 1990 e em 1991. Em 1992, eu retornei aqui a morar em Mirassol. Eu continuei o trabalho como professora ACT. Trabalhei assim, em várias escolas estaduais aqui de Mirassol e, também em algumas da região.

**SMOOS:** Eu trabalhei no distrito de Ruilândia, na cidade de Jaci, Bálsamo e Neves Paulista. Em 1999, eu me efetivei no Estado. E aí eu escolhi o cargo de Arte junto à escola onde iniciei os meus estudos, na Escola Anísio José Moreira. E ali eu fiquei por um tempo, e eu pedi remoção para a Escola Estadual Genaro da Marco, e ali eu aposentei no ano de 2018.

**SMOOS:** Então, eu trabalhei junto à Secretaria da Educação em algumas escolas estaduais por 28 anos e 7 meses. Concomitante a esse trabalho, junto à Secretaria da Educação, em 1994, eu comecei a trabalhar na Etec Professor Mathheus Leite de Abreu como professora de Artes. Naquela época, o meu contrato era por prazo determinado. Então, eu fiquei por dois anos, fiquei em 1994 e 1995. Aí eu precisei me afastar, cumpri um interstício de dois anos. E aí eu retorno para a Etec em 1998. Em 1999 eu prestei o concurso, passei. E aí o meu contrato passou a ser indeterminado e estou até os dias atuais. Concomitante ao trabalho junto à Secretaria da Educação e, também ao Centro Paula Souza, eu trabalhei em uma escola particular aqui de Mirassol de 1998 até o início do ano 2000. Na Copem, é o Colégio Abrão Naime. Logo depois, a partir de 2000, eu faço ampliação da minha carga horária para a Etec Philadelpho Gouveia Netto, em São José do Rio Preto. Então, eu ampliei minha carga horária junto à outra Etec. Nesse período, eu cursei

a partir do ano 2000. Em 2009, mais precisamente, eu me formei em Pedagogia pela UniUB, a Universidade de Uberaba.

**SMOOS:** Eu fiz uma pós-graduação pela Barão de Mauá, de Ribeirão Preto, sobre a metodologia do ensino de artes. Nas duas Etecs, eu também trabalhei como professora de Filosofia na Etec Professor Matheus Leite de Abreu, em Mirassol, e, também dei aula de Ética na Etec Philadelpho Gouveia Netto, além de ser professora de Artes todos esses anos. Eu fui coordenadora do ensino médio na Etec de Mirassol do ano 2003 a 2006.

**SMOOS:** De 2006 a 2011, eu fiquei na coordenação pedagógica. E, quando eu saio da coordenação pedagógica, em 2012, eu início os projetos sobre a memória e história da educação profissional. Eu começo a fazer parte do grupo de pesquisa “Memória e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza”. O primeiro trabalho desenvolvido foi em 2012, na Etec Philadelpho Gouveia Netto, e foi o projeto de HAE “Resgatando a História da Escola Artesanal”, em parceria com a professora Jurema Rodrigues, minha amiga, sempre parceira dos meus projetos. E eu faço mais um outro projeto no Philadelpho, foi em 2013, e o projeto de pesquisa foi sobre o curso de Mecânica, também em parceria com a professora Jurema. Em 2014, a pedido do diretor da Etec Professor Matheus Leite de Abreu, o professor, na época, Paulo Antônio Sacchi, que também é um dos meus parceiros do Centro de Memória, ele pediu para que eu iniciasse esse trabalho de pesquisa e história da educação profissional na nossa Etec. Ele viu o trabalho que estava sendo desenvolvido no Philadelpho, ele se interessou e me convidou para começar ali na nossa Etec. Aceitei, claro, né? E assim começou o meu trabalho de pesquisa em Mirassol. A nossa Etec foi criada por meio do Decreto nº 7.887, de 1963.

**SMOOS:** A primeira denominação que a escola recebeu foi Escola de Iniciação Agrícola de Mirassol, mas a escola foi inaugurada somente em 11 de março de 1965, no dia em que Mirassol estava completando 40 anos de emancipação. Ele era distrito de Rio Preto e passa a condição de município em 1925. Então, 40 anos depois, em comemoração, eles inauguram a nossa escola. Mas as aulas se iniciaram somente no dia 1 de abril de 1965, porque as instalações não estavam prontas ainda para o recebimento dos alunos. Essas escolas eram subordinadas à Diretoria do Ensino Agrícola do Estado de São Paulo, mas eram mantidas com verbas da Secretaria da Educação. No início, o perfil dos nossos alunos era de crianças de 7 ou 8 anos que iam para cursar o antigo primário junto com as aulas do campo. Essa característica de aulas no campo, agrícola, vai nortear todos os nossos cursos durante a nossa trajetória. Sempre nós tivemos cursos relacionados ao campo em nossa Etec, por conta da Fazenda Escola. A partir de 1968, a escola foi transformada em Colégio Técnico Agrícola de Mirassol. Então, as salas do ginásio, que até então estavam funcionando, começaram a ser supridas. Logo, já em 1972, foram instaladas as primeiras séries do Colégio Técnico.

**MLMC:** Deixa-me fazer uma interrupção. A Matheus ela foi criada, em 1973, e inaugurada em 1975. Mas, anteriormente, existia uma outra escola em Mirassol, a Artesanal.

**SMOOS:** Não.

**MLMC:** Porque você está falando do período de 1960.

**SMOOS:** Não. É, 1963. Foi a Escola de Iniciação Agrícola.

**SMOOS:** A Escola Artesanal também aconteceu aqui no município de Mirassol, mas ela funcionou na Escola Estadual Genaro da Marco, onde eu me aposentei.

**MLMC:** E depois fechou. E depois funcionou em outra escola.

**SMOOS:** Isso. Continuaram alguns cursos, como de Mecânica, até mais ou menos 1992, 1993. Quando eu retornei aqui para Mirassol, tinha cursos na Escola Estadual Genaro Domarco.

**MLMC:** Mas elas não vieram para a Paula Souza.

**SMOOS:** Não.

**MLMC:** Ela não veio.

**SMOOS:** Não.

**MLMC:** Só veio a Matheus.

**SMOOS:** Sim. Somente a professor Matheus, desde abril.

**MLMC:** Obrigada.

**SMOOS:** De nada.

**SMOOS:** Então, o Colégio Técnico começou a funcionar em 1968, também subordinado à Diretoria de Ensino Agrícola, sendo mantido pela Secretaria da Educação. E o Colégio passa a Escola Estadual de Segundo Grau de Mirassol em 1976. Por quê? Essa Diretoria de Ensino Agrícola se extinguiu e passa a pertencer à Secretaria da Educação. Então, a partir de 1976, Escola Estadual de Segundo Grau Professor Mateus Leite de Abreu, não, de Mirassol. Em 1979, aí sim, ela é patronada, em homenagem ao professor, que chega aqui na cidade, em 1938. Então, ela passa a se chamar Escola Estadual de Segundo Grau Professor Mateus Leite de Abreu. Em 1985, ela passa a se chamar Escola Técnica Agrícola Estadual de Segundo Grau Professor Mateus Leite de Abreu.

**SMOOS:** Em 1991, essas escolas passam a pertencer à Secretaria da Ciência e Tecnologia, e a nossa escola passa a se chamar Escola Técnica Estadual Professor Mateus Leite de Abreu, como está até os dias atuais. E em 1994, ela vai para o Centro Paula Souza, que é também subordinada a essa Secretaria da Ciência e

Tecnologia. Bom, voltando, fiz uma breve linha do tempo da história, da trajetória da nossa escola.

**SMOOS:** Em 2014, a pedido do diretor, o professor Paulo Antônio Sacchi, eu começo a desenvolver o primeiro projeto de HAE, que fazia um recorte temporal sobre a Escola de Iniciação Agrícola e o Colégio Técnico. Então, eu fiz um recorte temporal de 1965 até 1975. Para compor esse estudo, eu fiz uma busca no arquivo permanente da escola, em livros. Eu pesquisei os jornais no museu aqui, de Jesualdo de Oliveira, que tem bastante informações sobre esses períodos. E fiz uma entrevista de história oral com o nosso primeiro diretor, o professor Antônio Ferdinando Francisco Possebon. Ele foi nosso diretor por mais de 23 anos em nossa instituição. Essa entrevista serviu para enriquecer muito esse projeto realizado em 2014 e, também outros que vieram nos anos seguintes.

**MLMC:** Queria te fazer uma pergunta: – Então, nesses objetos que temos no Centro de Memória, tem objetos que são do período da Escola Artesanal? Veio algum material para vocês?

**SMOOS:** Temos. Da Escola de Iniciação Agrícola, temos.

**MLMC:** Por isso que o seu artigo consta com os grupos desde a origem, não é?

**SMOOS:** Isso, temos. Interessante isso. Nós temos um extrator de grampos que era utilizado para fazer acerca da nossa escola nesse período. Nós temos a enxó, que eles debastavam a madeira para poder fazer essa cerca ou construir o aviário, como foi realizado.

**MLMC:** É muito interessante isso, porque até hoje nós temos o pessoal do Palácio da área social. São eles que participam dessa transferência de material, de licitação entre uma escola e outra. Que é como a história da Etec Philadelpho, as escolas transferindo, fazendo escambo com os objetos. Obrigada.

**SMOOS:** Vou comentar um pouco mais do próximo projeto de 2015. Por meio desse projeto, foi possível perceber o corpo docente, o corpo discente, os primeiros funcionários, os primeiros professores, as precárias instalações que funcionaram no começo, como que era a horta, como que era o convívio com os alunos, porque eles ficavam na escola no regime de internato. Foi possível perceber bastante aspectos desse período. Em 2015, a escola estava completando os 50 anos da inauguração. Aí, nós resolvemos fazer a criação do nosso centro de memória. O projeto desenvolvido foi estudo dos objetos científicos e tecnológicos do curso Técnico em Agropecuária. Contou com a ajuda de funcionários, de alunos, de professores. Nós fizemos um concurso entre os alunos: – adote um objeto da ciência e tecnologia para compor o estudo de algum desses objetos. Conseguimos 119 artefatos na época, entre livros, troféus, fotografias, equipamentos, utensílios. Esse grupo de alunos eles pesquisaram uma parte da história de alguns desses objetos. Foi muito

importante. A primeira instalação onde funcionou o nosso centro de memória era uma das primeiras salas de aula construídas lá em 1965. Era uma sala que estava com o arquivo permanente da escola. Era uma sala ampla. Nós resolvemos retirar o material junto com a comunidade. E nós transferimos o arquivo permanente para um outro local. E ali nós fizemos a adequação do espaço para colocar. Fizemos uma curadoria para poder dispor esses objetos no espaço que nós tínhamos na época.

**MLMC:** Eu queria só fazer uma interrupção. Ao ouvi-la, eu fico comparando com o nosso projeto desse ano. Infelizmente, nós estamos longe por causa da pandemia. Teríamos discutido muito mais presencialmente. Trocando ideias entre nós. Porque embora essa tecnologia seja interessante, mas ela reduz a participação das pessoas. É um ou outro que fala e o tempo é muito curto.

**SMOOS:** O tempo é curto.

**MLMC:** Pessoalmente, nós temos o cafezinho, temos o almoço. Então, a gente acaba conversando muito mais. Trocando ideias para o nosso trabalho. E, também, agora, as aulas da pós-graduação já começaram agora no início de agosto. E eu, como sou novata na pós-graduação, estou agindo como se fosse um aluno da pós. Estou lendo todo o material do curso. E até depois, talvez, até passe para vocês isso para um clube de memória. Porque eu estou lendo um documento da Unesco. Ontem, até passei o dia todo lendo esse documento. Ele fala que dá dificuldade, que uma legislação, uma política de educação, ela tem que ser discutida com a comunidade para ser implantada. Porque senão ela não dá certo. E daí eu lembrei dos nossos estudos esse ano que foram as políticas educacionais no regime militar. E agora, eu acho que dá para fazer um projeto no futuro das escolas de explorar mesmo esse período. Porque, você veja, eles tentaram implantar a educação profissional para toda a educação. E não deu certo. Teve que mudar a legislação de 60 para 70, de 70 para 80. E agora, pelas entrevistas, pela riqueza das entrevistas, você vai vendo as dificuldades, porque veio a lei, as pessoas foram se virando para implantar. E a gente só conseguiu quando houve mudanças. Porque quando as escolas vieram para Paula Souza, vieram com muitas dificuldades. Muito interessante, obrigada.

**SMOOS:** Durante a entrevista com o Sr. Possebon, essa entrevista de 2014, ele fala bem isso. Que a escola, a nossa escola, ela teve muitas transformações na parte física mesmo, por conta de prefeitos aqui da época, que abraçaram mesmo a causa. E eles conseguiram, junto com um pouco da verba, da educação, mas eles conseguiram construir, por exemplo, as outras salas de aula, que era uma coisa que eles estavam precisando demais. Eles estavam utilizando no começo o refeitório como sala de aula. Então, a partir de 1976, por exemplo, eles fazem já a inauguração dessas duas salas de aula, eles fazem a inauguração do aviário, e toda essa verba que eles conseguiram foi por conta da política aqui do município. O prefeito Leopoldo Gotardi, junto com Elias Tomé, que ajudaram na estrutura

física da escola. Importante. Então, em 2015, nós fizemos esse estudo dos objetos científicos e tecnológicos. Os alunos ficaram assim muito empolgados: – olha, tem essa ferramenta, para que servia essa ferramenta? Eles mesmos começaram a perguntar para os professores. Nós começamos a elaborar o estudo de parte desses objetos nesse período.

**SMOOS:** Em 2016, eu volto a falar um pouco sobre a trajetória da nossa escola. Eu faço um outro recorte temporal de 1976 a 1985, quando a escola passa a pertencer à Secretaria da Educação. Foi possível também observar, por meio do relato da história oral do senhor Possebon, muitos aspectos do período, o alojamento, a cooperativa, como que eles trabalhavam no campo, o corpo docente, a grade curricular. Eu pesquisei em livros, livro ponto da época, que estão todos no arquivo permanente. Eu procurei livros aqui da cidade. Tinha, na realidade, um historiador aqui em Mirassol, o senhor Ariovaldo Corrêa, e ele fez um trabalho de história muito importante nesse período, fala sobre a nossa escola, como era o funcionamento. Então, foi uma fonte de pesquisa muito importante para fazer esse projeto de HAE. Para a composição do nosso acervo, em 2017 e 2018, eu desenvolvi dois projetos. Nós começamos a fazer o inventário desses objetos.

**SMOOS:** O nosso acervo já tinha 130 artefatos. Conforme os anos foram passando, fomos vendo outros objetos que estavam ali na Fazenda Escola para fazer a composição do nosso acervo. No ano de 2017, fiz o trabalho para registro no Livro Tombo dos Objetos do Centro de Memória. Eu escrevi o número do objeto, o nome do objeto, o nome vulgar, o ano de fabricação. Logo depois, nós tiramos as fotos dos objetos. Eu sempre tive muito apoio de três, quatro alunos durante todo esse período, trabalhando com a história de memória e pesquisa. Eles me auxiliaram bastante para tirar a fotografia. Esse catálogo montado foi diversificado em áreas. Nós temos um catálogo da Agricultura, um catálogo da Pecuária, um catálogo até da parte de Educação Física, por conta da balança antropométrica que nós temos lá, bem antiga. E, logo depois de fazer esse catálogo, nós elaboramos o fundo, o Fundo Etec, esse fundo, tem o grupo, principal, com as denominações que a escola recebeu durante toda a sua trajetória, o subgrupo, os cursos oferecidos durante também a sua trajetória, e as séries diversificadas em biblioteca, em laboratórios, entre outros. Para o ano de 2017, nós fizemos o registro de 22 objetos. Para o ano de 2018, nós fizemos 26 objetos, nós contamos a história, e fizemos de cada um deles, as fichas de registro. Em 2018, eu fiz a primeira entrevista de história oral com o professor Paulo Antônio Sacchi, nesse período nós apresentamos na jornada, o artigo sobre o teodolito ótico-mecânico como instrumento da topografia, no curso Técnico em Agropecuária.

**SMOOS:** Em 2019, eu desenvolvi o projeto “Arquitetura escolar e a história das instalações agrícolas”, do curso Técnico em Agropecuária. Esse projeto também, eu fiquei, assim, muito feliz, não que eu não tenha ficado com os outros, mas, assim, por ter encontrado as plantas baixas da escola, as entrevistas de his-

tória oral que eu fiz com o Osmar Scrivante, professor Osmar Escrivante, o diretor, o professor Itamar e o Paulo Sacchi, novamente. O professor Paulo Sacchi, enriqueceu bastante esse projeto, porque tanto o Osmar como o Paulo Sacchi, eles estão há muito tempo na nossa instituição. Então, eles conseguiram identificar as instalações agrícolas, por onde passaram os projetos, a história das instalações, da pocilga, do curral, por exemplo, a disposição das hortas, das culturas e a história dos prédios, construídos ao longo da história. E, também, em 2019, o nosso centro de memória, ele ganha novas instalações, nós fomos para um ambiente maior, com duas salas, que, antigamente, esse ambiente, ele foi construído para abrigar as meninas. Era um alojamento feminino, aí, logo depois, o alojamento feminino, ele foi desativado e, ali, funcionou, por muito tempo, a biblioteca da nossa escola e, aí, a biblioteca, ela precisou, assim, passar para um ambiente próximo às salas de aula e, aí, surgiu a ideia de pegar o acervo do centro de memória, né, que estava naquela sala, né, e passar para essas novas instalações.

**SMOOS:** Isso, daí, foi sempre discutido em reuniões de conselho, junto com a equipe de gestão, professores e, no dia 6 de junho, nós inauguramos. No dia 6 de junho de 2019 e, junto, com o conselho e com a comunidade, nós decidimos patronar, o nosso centro de memória em homenagem ao nosso primeiro diretor, o professor Antônio Ferdinando Francisco Possebon. Foi um evento muito importante para a nossa escola, muitas autoridades estavam presentes, representantes de deputados, o prefeito, alguns vereadores, a família inteira do professor Possebon estava presente, foi um evento, assim, que deixou a gente muito, muito satisfeito.

**SMOOS:** Esse ano de 2020, eu estou continuando a catalogar, “catalogar não”, aliás, é escrever a história dos objetos, que compõe o nosso acervo, que atualmente, ele já está com 150 artefatos. Então, eu estou fazendo um trabalho de pesquisa sobre esses 36 objetos, e é importante falar também que nosso centro de memória, ele também tem um acervo de 80 espécies do banco de sementes crioulas. Esse projeto é um projeto do centro de memória, ele está sendo desenvolvido desde 2018 com o professor e pesquisador, o professor Paulo Antônio Sacchi, e está, sim, nós estamos, fizemos, aliás, o processo de catalogação dessas sementes e agora estamos terminando o artigo para apresentar, que vai falar sobre a história dessas sementes que fizeram parte, da nossa história, desde a inauguração até os dias atuais. Dessas 80 sementes, 60 foram cultivadas, na nossa trajetória.

**MLMC:** Setenta?

**SMOOS:** Sessenta. 20 estão fazendo parte do acervo, mas por conta da pandemia, o Paulo está, está totalmente preservada, bonitinho, certinho, mas ele não conseguiu ainda fazer a produção, ele está pegando, assim, aos poucos e está fazendo lá no sítio onde ele mora.



*Paulo Antônio Sacchi durante entrevista de história oral na educação no Centro de Memória, em 2019*

*Fonte: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/historiaaoraldocVer.php?cma=92&vol=8>  
Acesso em: 14 abr. 2024*

**MLMC:** Então, eu queria até te fazer uma pergunta: – quantos metros quadrados tem as novas instalações do centro de memória? Mais ou menos.

**SMOOS:** Mária Lucia, eu acho que tem, eu acho que uns 80.

**MLMC:** Então, é mais ou menos do tamanho do Centro de Memória lá da Paula Souza, sala 11.

**SMOOS:** É, é a disposição um pouco diferente, mas é mais ou menos o mesmo espaço, porque há dois alojamentos femininos, eram dois quartos.

**MLMC:** Então, eu acho que o seu centro de memória é o único centro de memória que nós temos de história natural.

**SMOOS:** Sim.

**MLMC:** Então, por isso até que eu falei se daria para deixar um espaço até ser separado para a história natural e depois para os artefatos, né?

**SMOOS:** Sim.

**MLMC:** Até porque a semente pode dar algum probleminha, né, de cada instalação, que tem que estar, tem que ter um cuidado diferenciado, né?

**SMOOS:** Sim.

**MLMC:** Porque eu já estou pensando num projeto para você e o Paulo. Por causa dessa entrevista, eu consegui enxergar uma parceria aí entre você e o Paulo

Sacchi, que eu não vou falar agora, mas eu vou falar mais para frente. Porque agora a gente tem um monte de coisa, aí que nós estamos fazendo. Mas para dar continuidade, para o projeto do ano que vem, que envolve a sua área, que é a sua especialidade e que envolve a especialidade dele, entendeu? Enquanto pesquisador, e daí dá para vocês fazerem um produto conjunto que vai ficar bem interessante.

**SMOOS:** Ah, que bom, que bom!

**MLMC:** E essa ideia eu tirei dessa dissertação que eu vou participar agora dia 28, lá de São Carlos, da Federal de São Carlos, e que é professora de Artes.

**SMOOS:** Olha, interessante!

**MLMC:** Mas como eu não posso passar nada agora, depois que defender a dissertação, eu passo.

**SMOOS:** Ah sim, pode passar! Então, mas o acervo das sementes, como que nós resolvemos? Nós fizemos um painel, né? E nesse painel é tipo a amostra deles. Então, é um painel de madeira que tem algumas ampolas grandes, né? E tem todas as sementes, mas ali é para demonstração. Quem visita o centro de memória sabe que aquelas sementes ali, todas identificadas, sabem que tem o acervo das sementes crioulas e suas variedades. E do lado, nós colocamos a geladeira. Aí sim, elas estão todas conservadas, todas com etiqueta, com o nome, tudo certinho, bo-nitinho, dentro da geladeira.

**MLMC:** Então, como o Paulo Sacchi está cultivando no sítio dele, diga a ele para ele ir fotografando, porque já vai servir para o projeto do ano que vem.

**SMOOS:** Ele está fotografando, ele já está fotografando, ele manda para mim.

**MLMC:** Ah, ótimo! Porque depois, quando vocês estiverem escrevendo, eu vou palpitando e vai construindo esse trabalho, aí vai dar um e-book.

**SMOOS:** Sim, sim, eu não esqueci o e-book, não. Eu já, eu estou mais ou menos assim com ele esquematizado, de como que ele vai ficar. Vai ficar bom, se Deus quiser.

**MLMC:** Mas essa outra ideia que eu vou dar para vocês também, então vai dar outro e-book.

**SMOOS:** Ah, que legal! Porque vai envolver artes e vai envolver o agrônomo. Ah, que bom!

**MLMC:** Por isso que eu falei, é bom que ele vá fotografando, que vão sair vários trabalhos daí.

**SMOOS:** Ah, que bom! Fico feliz, Maria Lucia. Fico feliz mesmo.

**MLMC:** Pode continuar com a sua ideia, porque essa é uma adicional. (risos)

**SMOOS:** Está bom! Está bom!

**MLMC:** Agora eu queria te perguntar, aproveitar: – o que, assim, você está, então, como você mesmo disse, você está conosco desde 2012, no grupo? O que é muito bom? Porque a gente tem um grupo coeso. Tem muita gente que vem, assim, vem, participa, ouve, mas felizmente a gente tem um grupo coeso, que está sempre junto.

**SMOOS:** Sim, estamos juntas.

**MLMC:** É, estamos sempre, mesmo a distância, estamos juntos. Sim. E eu queria, assim, como é que você, por exemplo, teve dificuldades com relação ao museu virtual? O que você acha dele? Você acha que vai contribuir depois para a gente difundir para as outras pessoas, né? Porque daí os alunos também vão ter acesso, né?

**SMOOS:** No início, assim, eu tive algumas dificuldades, né? Mas era mais com relação a mexer na ferramenta, mas depois eu não tive dificuldade nenhuma. Eu já sabia, prestava atenção onde certinho tinha que inserir a história, o número do objeto, a data, não tive dificuldades para inserir as informações. Só essa observação, né? Que poderia colocar um artigo, alguma coisa assim, na história do objeto, né?

**MLMC:** Isso que vai dar problema, então. Porque nós estamos fazendo o piloto para depois escrever. Naquele catálogo que eu fiz do Centro de Memória da Carlos de Campos, de uma Sala de Reserva Técnica, eu descrevi para chegar no inventário, porque era difícil o pessoal registrar. Eu vejo assim que você seguiu à risca o processo todo, né? Então, fica muito mais fácil.

**SMOOS:** Sim, as orientações que vocês passaram, elas foram, assim, precisas.

**MLMC:** Então, agora nós precisamos fazer isso com o Museu Virtual. Porque você vem fazendo, basta ir olhando seus artigos, né? Aqueles grupos, os nomes dessas escolas, né?

**SMOOS:** Sim.

**MLMC:** Porque nós sabemos, como nós vamos coletando os documentos nas entrevistas, nos arquivos pessoais, né? Tanto que agora eu fico pensando assim, a gente tem que separar coleções do fundo, né? Porque tem objetos que foram embora, mas eles voltaram, mas eles eram da escola. E tem material que é do professor. Então, daí ele vem como arquivo pessoal e vai entrar em coleção. Então, eu estou já pensando assim, como é que eu vou tentar escrever de forma sucinta, mas definir. Provavelmente, utilizando aquele dicionário de arquivística que nós já discutimos da professora Ana Maria Camargo, né? E não ficar inventando a roda. Então, utilizando esse material, mas de uma forma simplificada para facilitar. Agora, esse piloto é importante porque a gente vai vendo as dificuldades. Dificuldade que você

tem, necessidade que você tem, se dá para pôr, se não dá para pôr, né? E daí, é por isso que eu te convidei, né? Porque eu vi que você vinha fazendo um trabalho semelhante ao que eu fiz na Carlos de Campos, né? Então, fica mais fácil a gente dialogar. E agora, a Júlia está fazendo, né? E, também as entrevistas de história oral. Se não fossem elas, eu não conseguia descobrir nada também.

**SMOOS:** Sim, muito importantes. As quatro realizadas, na realidade, cinco, porque o Paulo (Paulo Antônio Sacchi) fez duas, mas enriqueceram muito a historiografia do período, contribuiu muito para a história do objeto, para a ficha de registro do objeto. Se não fosse, eu acho que não seria tão enriquecida essa parte.

**MLMC:** Uma coisa que eu estou fazendo, é que muita coisa não está aqui comigo, estão lá na Cetec. Mas, assim, todos aqueles documentos que vocês me mandaram de ata de reunião e tal, aqueles documentos, eles vão entrar como sigilosos, mas eles vão ficar arquivados. Eu estou colocando agora, você pode ver que eu estou pondo lá termo de cessão, carta de cessão, porque eu fico muito preocupada, uma hora a gente vai se aposentar também, né? Queira ou não? Que ninguém é eterno. Então, de deixar esses documentos para quem vem, para saber que nós colocamos no site e tudo, mas o Centro Paula Souza tem autorização para fazer isso. Então, eu estou começando a colocar, não coloquei mais porque elas não estão aqui, estão no meu HD. No meu não, no HD da instituição, está na minha gaveta lá, ou está no computador, mas também está no HD. E a gente nem se dá conta, eu achei até que era fácil de eu ter acesso, eu falei, assim, uma coisa ou outra, até eu tenho mais acesso àquelas que eu entrevistei, que é o que eu estou colocando, porque daí as pessoas me mandaram por e-mail. O original vai ficar no Centro de Memória de Origem, né? Mas a gente tem, pela Paula Souza, o documento digital para mostrar que tem esse trabalho.

**SMOOS:** Eu acho fundamental, como você comentou no início ali, sobre o Museu Virtual, para que os alunos tenham acesso, não é?

**MLMC:** Você vê, só deles terem acesso àquele álbum fotográfico (referindo-se ao Álbum Fotográfico do projeto de Historiografia de 2002). Eu já fui em Feira Tecnológica da Paula Souza, que a pessoa não sabia que eu era do projeto e tal: – mas onde é que você teve acesso a esse livro? De onde surgiu a ideia? No site da Paula Souza. Então, você, assim, ainda mais agora, que nós vamos começar a trabalhar de forma híbrida, práticas híbridas, mas ainda que a gente tem que trabalhar nesse Museu Virtual. Por isso que eu falei: – eu vou aproveitar agora, que eu estou em casa trabalhando, e a Júlia também precisa, né? Estou trabalhando nisso também, né?

**SMOOS:** É uma coisa, assim, que acontece, né? Quando nós estávamos na escola, os alunos, eles ficavam, assim, curiosos, né? Ai, professora, deixa a gente ver o museu? Eles falam museu. Ai eu falo, centro de memória. Ai, então: – vamos lá. Ai eles ficam vendo: – olha esse teodolito, para que que servia? Eu falo assim: – vocês vão estudar no terceiro ano ainda, né? Então, eles vão se identificando com os objetos, com as fotografias.

**MLMC:** Então, para o ano que vem, nós também vamos trabalhar bastante com a questão da gestão, porque eu acho, assim, a partir desse piloto do Museu Virtual, vai dar para a gente discutir, por quê? Para poder colocar no ar o Museu Virtual, vamos ter que fazer um plano museológico, né? Como eu fiz o pós-doc em museologia e patrimônio, na maior cara de pau, eu e a Júlia vamos fazer, né? Vou pedir auxílio para quem é especialista, é óbvio, né? Mas nós vamos fazer para colocar no site e, também começar a pensar, ao fazer o plano museológico, os regulamentos, para começar a ter regulamento em cada centro de memória. Porque assim nós vamos fechando isso, não é? Assim, quem entrar sabe que teve, que você inaugurou, que passou pelo conselho. A gente deixar essa documentação organizada, porque assim é uma forma de a gente manter perene o nosso trabalho, né? Que nós já pegamos, porque esse projeto tem 22 anos, né? Se não fosse o professor Almério ou a Júlia Falivene, nós não teríamos o nosso grupo aí, agora já com quase 12 anos, né?

**SMOOS:** Sim.

**MLMC:** Mas assim, nós tivemos essa herança para dar continuidade? E depois de todo esse tempo trabalhando, nós queremos também que outros que venham e deem continuidade ao nosso trabalho?

**SMOOS:** Sim, valorizem, né?

**MLMC:** E que é importante, que nem você falou: – os alunos observarem, verem a evolução tecnológica, onde houve avanço, onde houve retrocesso, porque não é só avanço, né? Mas, isso é que ajuda a pensar e a refletir tudo isso.

**SMOOS:** E fico muito feliz pela entrevista, viu? Se eu puder estar contando um pouquinho da minha vida. E da minha carreira profissional e do meu trabalho.

**MLMC:** Olha, Sueli, eu é que agradeço você ter concedido essa entrevista para nós. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, hoje, que é dia 14 de agosto de 2020. Eu vou transcrever essa entrevista, vou encaminhar para você, e depois, nós vamos publicá-la no nosso site de memória. Vou enviar os termos de autorização.

**SMOOS:** Tudo bem.

**MLMC:** Foi muito bom, eu vou encaminhar depois a gravação também para você.

**SMOOS:** Tá bom, Maria Lucia, eu agradeço muito, muito a oportunidade dessa entrevista, viu.

**MLMC:** Vou interromper agora a gravação um momento.

# 15.

## FÁBIA DOVIGO PAIS

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Pedro Ferreira Alves, em Mogi Mirim



Fábيا Dovigo Pais tem Licenciatura Plena em História pelo Centro Universitário Amparense (1994) e complementação Pedagógica em Português pela Faculdade Maria Imaculada (1999). Leciona o componente curricular de História no ensino médio e técnico da Escola Técnica Estadual Pedro Ferreira Alves (2000-2023). Experiência na área de História, com ênfase em História Oral, atuando principalmente nos seguintes temas: arquivística, ações educativas, história oral, arquitetura e memória e história. Foi membro do GEPEMHEP participando da criação do centro de memória escolar.



*Centro de Memória da Etec Pedro Ferreira Alves, em 21/03/2018.*

*Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, professora Fábila Dovigo Pais, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista hoje, que é dia 27 de outubro de 2020, para o nosso Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza. Essa entrevista vai fazer parte, o vídeo, depois a transcrição da entrevista, para o Programa “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, e a minha decisão de começar a entrevistar os nossos professores, que são curadores de Centro de Memória, é para que também a gente deixe esses registros de quem somos nós, o que nós fazemos. Eu gostaria que a professora pudesse contar para nós sobre a sua trajetória, onde você nasceu, o que você estudou, como é que você tomou a decisão de seguir essa carreira, qual foi o seu percurso enquanto professora até chegar no Centro Paula Souza?

**Fábia Dovigo Pais (FDP):** Muito bem, bom dia, professora Maria Lucia, eu agradeço o convite para conceder essa entrevista para a História Oral da Educação Profissional, estou muito feliz mesmo, sentindo privilegiada pelo convite para compor esse material todo, que a gente já vem produzindo há muito tempo, então é uma satisfação imensa. Bom, professora Maria Lucia, como começou a minha vida, acho que a minha profissão está muito ligada com a minha infância e com a minha família, eu nasci na cidade de Mogi Guaçu, aqui no interior de São Paulo, próxima a Campinas, a Mogi Guaçu e a Mogi Mirim, são cidades vizinhas. A minha mãe é mineira, minha mãe veio lá de Minas Gerais, a região de Monte Sião, Santa Rita do Sapucaí, meu pai é descendente de italiano, então nós somos de uma família muito grande. Por um lado, do meu pai, e a minha infância foi conviver com os primos, com as primas, muito almoço em família, e quando eu era criança, junto com os meus primos, nós sempre estivemos muito envolvidos com arte, eu lembro que os meus primos faziam cinemas, através de slides e projetavam para a gente os heróis da época, da década de 1970. Eu nasci em 1972, então eu tive uma infância em que me envolvia muito com a arte, isso era muito comum. Depois os meus primos mais velhos, porque eu sou a filha mais velha dos meus pais, mas uma das netas mais novas do meu avô paterno, do meu avô e da minha avó. Então, quando os primos mais velhos foram crescendo, muitos deles foram para a área da educação, e a gente sempre tem alguns que a gente se aproxima mais, que a gente gosta mais e tudo mais ali, tem mais identidade, e eu sempre fui me identificando mais com eles, me aproximando mais desses primos mais velhos que foram para a educação. Além do mais, quando eu era muito menina, eu fiz o infantil, o pré, na época, eu fiz o pré, eu fiz a primeira série, que hoje é o Ensino Fundamental 1, Ensino Fundamental 2, eu fiz o Ensino Médio, e quando menina, eu brincava muito de escolinha, enquanto todas as meninas estavam brincando de boneca, eu ia de escolinha ali. Então, o mundo escolar me atraía muito, eu sempre gostava muito de estudar do mundo escolar, isso sempre me atraiu. Eu confesso que eu fui desenvolvendo cada vez mais essa vontade pela educação, e desde menina, desde muito adolescente. Eu gostava muito de política, gostava de entender a sociedade, de entender o comportamento humano na sociedade, sabe, isso era uma coisa minha, desde adolescente. Quando eu fiz o Ensino Médio, perdão, o Ensino Fundamental, eu fui presidente de grêmio estudantil, eu participava, organizava muitas gincanas, então, eu tinha o perfil de uma aluna um tanto habilidosa, eu tinha habilidade por várias áreas. Quando eu fiz o Ensino Médio, estava mudando o currículo, era uma época em que se fazia o Ensino Médio com o curso técnico. Então, em Mogi Guaçu tinha a FEG, e a FEG Mogi Mirim; Monsenhor Nora, Luiz Martini, em Mogi Guaçu também. Então, essas três escolas, elas ofereciam o curso técnico, mas o Luiz Martini e o Monsenhor Nora só ofereciam o magistério, e a FEG, em Mogi Guaçu, oferecia o magistério e o curso técnico em edificações. E tinha a Etec, em Mogi Mirim, é claro. A Etec Pedro Ferreira Alves, que tinha o curso de Mecânica, o curso de Secretariado, ali na década de 80, final da década de 80, quando eu já estava fazendo Ensino Médio. Minha mãe

jamais pensava em deixar eu estudar na outra cidade, apesar de ser perto, não tinha essa preocupação, os pais queriam a gente próximo deles ali. Então, minha mãe jamais me deixaria estudar aqui em Mogi Mirim para fazer Secretariado. Eu tive uma prima que fez, morando em Mogi Guaçu, eu não. E o magistério, eu não tinha muito interesse em fazer, porque, na verdade, eu não tinha interesse em alfabetizar, eu gostava da educação, mas não gostava da alfabetização, isso era certo. E depois, como estava mudando esse currículo, como eu disse, da passagem ali dessas escolas que só ensinava os cursos técnicos, como estava havendo uma mudança curricular no Ensino Médio, eu lembro que eu terminei o Ensino Fundamental num ano, e não no ano seguinte, mas no outro, entraria uma grade curricular para o Ensino Médio, onde a oferta seria maior do Ensino Médio em várias outras escolas estaduais, e o currículo seria completo. Então, eu teria língua portuguesa, inglês, filosofia, psicologia, história, geografia, química, física, matemática, biologia. E aquilo me cresceu os olhos, eu falei: – nossa, é isso mesmo que eu quero.

**MLMC:** Que ano você começou o Ensino Médio?

**FDP:** Eu comecei o Ensino Médio em 90, 1990, eu comecei o Ensino Médio. Então, essa mudança, ela abriu meus olhos, eu falei: – nossa, vai ser muito bom para mim, esse currículo completo, porque ao final do Ensino Médio, eu vou conseguir observar o que eu realmente quero. Mas, eu acho que era o realmente quero, no sentido de qual área eu iria lecionar, porque eu sempre, desde o Ensino Médio, me via sendo já professora. Então, já no Ensino Médio, ali no início da década de 90, eu tinha isso comigo, que eu queria lecionar. Então, eu terminei o Ensino Médio, e fiz, cursei, os três anos do Ensino Médio, na cidade de Mogi Guaçu, em escolas próximas da minha casa. O primeiro e o segundo ano eu cursei no Luiz Martini, e a metade do segundo ano para o terceiro, eu cursei na escola que era mais perto da minha casa ainda. Ou seja, até estudar no Luiz Martini, que era a escola lá no centro, para a minha mãe era demais, então a proteção dos pais. Então, um ano e meio eu fiquei no Luiz Martini, e o outro ano e meio eu fui estudar na escola no bairro perto de casa, e professores excelentes. Eu tive um Ensino Médio muito bom, professores excelentes, e eu sou muito grata. Quando eu terminei o Ensino Médio, o professor Osvaldo Luiz Miranda, trabalhava na Etec Pedro Ferreira Alves de Mogi Mirim, e eu não escondo isso de ninguém, sabe Maria Lucia? Minha mãe era empregada doméstica dele, olha como a vida era. Minha mãe era empregada doméstica do professor Osvaldo Luiz Miranda lá da Etec, e ele acompanhava a nossa vida de alguma maneira. Então ele perguntou para a minha mãe: – Marina, o que a Fábia vai fazer quando ela terminar o Ensino Médio? Minha mãe disse assim: – olha, senhor Osvaldo, ela disse que quer fazer Psicologia, mas para ela fazer Psicologia ela tem que ir embora para Assis, que lá é que tem a escola pública, que ela não vai pagar, do jeitinho dela foi explicando. Ela disse que queria fazer em Campinas, mas nós não tendo dinheiro para pagar, enfim, professor Osvaldo, ela vai precisar trabalhar e estudar ao mesmo tempo, porque senão eu não consigo deixar

ela estudar. Então, o professor Osvaldo entrou em contato comigo, a gente conversava, eles eram excelentes mesmo, como pessoas, como são até hoje. O professor entrou em contato comigo me perguntando, e eu disse: – eu quero fazer Psicologia, professor Osvaldo, mas tenho dúvida na educação, sempre quis ser professora. E aí ele foi conversando comigo, mas professora do quê? Então, eu fui conversando, acho que eu quero ser professora de língua portuguesa, eu gosto muito da linguagem, gosto de leitura, gosto de escrever, acho que eu quero ser professora de língua portuguesa. E aí, então, ele foi conversando comigo, dizendo que ele fazia História, a Faculdade de História em Amparo, na cidade de Amparo, aqui interior de São Paulo, e que estavam mudando as diretrizes da educação e o professor de História tinha que ser formado. Ele tinha que ter licenciatura plena em História para lecionar, e o pedagogo seria uma segunda opção, e que o mercado, ali do magistério ia precisar de muitos professores de História. Eu pensei comigo, falei: – mas História, eu gosto, eu gosto, exige leitura, linguagem, eu falo de pessoas, eu vou observar ali o comportamento das pessoas, pois Maria Lucia foi a melhor decisão da minha vida. Porque História, como eu acabei de falar, a gente analisa o comportamento das pessoas, a gente observa a sociedade, a gente fala de política e a gente fala de memória. Então, eu digo sempre que o meu ingresso na Etec, depois, foi uma consequência também de tudo isso, de todo esse resultado.

**MLMC:** Em que ano você foi fazer História e onde?

**FDP:** Eu fui fazer História, hoje é a Universidade de Amparo, que é a denominação dela, e eu comecei História, Maria Lucia, em 1992.

**MLMC:** E você trabalhava ou você foi morar na cidade? Como foi?

**FDP:** Sim, eu trabalhava, eu sempre vivi na cidade, meu pai é operário, electricista industrial, que Mogi Guaçu é uma região de muitas cerâmicas, então, eu sempre morei na cidade e a minha mãe é doméstica e artesã. Eu sempre morei na cidade. Maria Lucia, desculpa, faz a sua pergunta de novo.

**MLMC:** Não, eu perguntei se você mudou para Amparo, eu fiquei preocupada.

**FDP:** Não, eu não mudei para Amparo, eu morava na cidade de Mogi Guaçu, era um grupo muito pequeno que estudava em Amparo, nós éramos, assim, 14 professores, alunos que faziam faculdade em Amparo, e a gente viajava todo dia, a gente ia e voltava todo dia, era uma viagem longa, 70 quilômetros de ida e 70 quilômetros de volta. Ingressei na faculdade de Amparo, então, em 1992. Eu vivia na cidade, então, eu não tive problema, foi tranquilo. Ah, sim, Maria Lucia, me lembrei. E eu trabalhava na época, quando eu estava terminando o ensino médio, que eu ingressei na faculdade, eu era costureira industrial, eu era costureira industrial, os empregadores também, eles nunca, assim, colocaram empecilho para que eu estudasse. Então, tinha que fazer as horas extras, mas era tudo encaixado, porque a dona da confecção, ela queria que a gente estudasse, ela incentivava, então, ela

vinha, conversava comigo, perguntava de como eram as atividades ali do estudo, se estava dando tudo certo, e consegui. Consegui conciliar a faculdade, o estudo, e foi bem interessante. Porém, quando eu já estava com um ano e meio de faculdade, naquela época, por conta da mudança do currículo e do ingresso dos professores de História no mercado do magistério, eu comecei a lecionar História com um ano e meio, isso foi dia 28 de maio de 1993. Então, eu era estudante de História, eu tinha feito três semestres, e na época eu já podia lecionar, então, eu ingressei muito jovem também no magistério, com 19 anos, eu comecei a lecionar História, primeiro para o Ensino Fundamental, ali para a quinta, sexta, sétima série, e depois eu fui para o Ensino Médio. Comecei a lecionar para o Ensino Médio, totalizando, foram sete anos aproximadamente de exercício da profissão na rede estadual de ensino, um ano em escola particular, e acho que eu fiz um ano como coordenadora pedagógica numa escola estadual também. Nesse ano, que eu fui coordenadora pedagógica na escola, ocorreram umas mudanças no currículo escolar, e a disciplina de História, ela foi muito reduzida, então, por exemplo, em algumas séries, quatro aulas de História na semana, em outras havia três aulas de História na semana, e aí em 1996, houve uma reforma também curricular do Ensino Médio, e essas aulas de História reduziram de quatro e três para duas aulas em todas as séries. E, eu fiquei meio sem aula, eu estava na coordenação com um mínimo de aula de História, mesmo com aproximadamente sete anos já do exercício do magistério. E aí, de novo, o professor Oswaldo entra na minha vida, eu encontrei com ele, e ele tinha comentado comigo que haveria um concurso público na Etec Pedro Ferreira Alves, ele me avisou desse concurso, eu fiquei meio assim. E aí, na mesma semana, o meu primo, que é engenheiro mecânico e que também já dava aula na Etec, o Márcio, o professor Márcio Silvério, também entrou em contato comigo, ligou em casa e disse: – Fábria, vai ter concurso de História na Etec Pedro Ferreira Alves, a professora Leico (Leico Nichi) vai se aposentar e vai mudar para a cidade de Jales. Isso, Jales. Você não quer prestar o concurso? E eu continuei pensando, falei, caramba, eu nunca estudei lá, sei do quanto a escola foi importante para o ensino técnico, nunca estudei lá, e agora você é docente? Ah, Maria Lucia, eu confesso que eu não pensei duas vezes, eu sempre fui meio... eu sempre gostei de desafios, algo diferente na minha vida, assim, e eu sempre quis permanecer numa escola, eu acho que todo professor, ele quer realizar o projeto dele de forma mais permanente, numa escola, e aí eu pensei, eu acho que lá eu vou conseguir fazer isso. E eu sempre me interessei pelo ensino técnico, sabe, assim, sempre mesmo, apesar de lecionar na escola estadual, eu sempre gostei do ensino técnico, sempre lia a respeito dele. E aí, então, ingressei na Etec Pedro Ferreira Alves através de um concurso público, foi a primeira aprovada, eu ingressei no Centro Paula Souza, no dia 2 de agosto do ano de 2000, e de novo, influenciada pelo professor Oswaldo Luiz Miranda, que na época era professor da área de Secretariado de lá. E, então, eu costumo dizer até que o professor Oswaldo Luiz Miranda, ele é meio meu padrinho. Eu sou o que eu sou, eu devo muito, eu sou o que eu sou por causa do professor Oswaldo.

**MLMC:** Você entrevistou o professor Oswaldo? Ele precisa entrar para a história aí da escola.

**FDP:** Precisa, Maria Lucia. O professor Oswaldo, eu ainda não entrevistei ele, porque ele tem uma vida corrida, ele se aposentou como diretor de uma escola em Mogi Guaçu, mas ele fica entre Mogi Guaçu e Andradás, e teve um ano que eu fiz um projeto para o nosso encontro de memória, e eu teria que ter entrevistado ele, só que no momento da entrevista ele foi para Andradás, e eu não consegui. Ele estava em viagem, e eu não consegui entrevistar ele, mas agora eu vou, eu preciso fazer isso. Principalmente, porque depois eu conheci o meu esposo, que era da cidade de Mogi Mirim, e ele tinha feito, ele fez o curso Técnico em Secretariado na Etec, no ano de 1987. Nessa ocasião, e quando eu conheci o meu esposo, que ele comentou que ele foi aluno da Etec, eu ainda não era professora da Etec, ele comentou comigo que o professor Oswaldo tinha dado aula para ele, e que o professor Oswaldo era um excelente professor e tinha, assim, influenciado muito a vida dele. E aí eu comentei, olha, então nós temos algo muito em comum, porque o professor Oswaldo também influenciou muito a minha vida, né. Então, é uma história pessoal mesmo ligada à profissional, e você tem razão, eu preciso entrevistar o professor Oswaldo com certeza.

**MLMC:** E você, assim, eu gostei muito na sua entrevista dessa relação do professor influenciando o aluno na sua carreira. E realmente isso acontece com todos nós, eu também sou química graças a um professor. Devido às atividades do meu pai, que não era engenheiro, mas trabalhava com os engenheiros, também eu sei que a minha formação de ter feito engenharia tem relação com isso. Então você vê como é que a família, os professores, tem uma influência enorme sobre o adolescente, que tem muitas dúvidas. Quando eu estou te ouvindo, eu fiquei pensando, poxa, eu também tinha essa cabeça de adolescente, com muitas possibilidades, só que você sabe que, embora eu também sempre trabalhei para estudar, eu passei na quarta série, naquela época era no ginásio, que hoje seria a oitava série, eu passei para a noite para poder começar a trabalhar. Todo o meu colégio à noite, trabalhando durante o dia, mas mesmo trabalhando desde criança, porque comecei a trabalhar com 14 anos, você sabe que eu sempre gostei de estudar, e daí ao estudar, até na faculdade, eu não pensava no que eu ia trabalhar, eu continuava sendo estudante, só me caiu a ficha quando eu entrei na Rhodia e vi o quanto o trabalho é árduo e rotineiro. E, daí eu levei um susto e pensei assim: – ainda bem que eu fiquei muitos anos na universidade, fazendo cursos, porque agora a vida está difícil. Então, aproveitando esse gancho, eu queria assim, como é que você vê, eu sei que você tem atividades também de coordenação, eu lembro que quando fui visitar o Centro de Memória, em Mogi Mirim, você era coordenadora naquele período, e como é que você vê essa relação professor-aluno, nesse período que você conviveu aí com eles? Porque agora a gente, na pandemia, nós estamos um ano quase isolados dentro de casa, mas antes, essa influência você consegue perceber nos alunos?

**FDP:** Consigo, Maria Lucia, consigo sim. A minha trajetória na Etec foi assim: – eu ingressei no dia 2 de agosto de 2000, e quando foi no ano seguinte, o diretor Magalhães (Roberto José Magalhães), que era o diretor da época, ele me convidou para ser assistente técnico de direção. Eu falei: – nossa, caramba, acho que eu devo ser boa mesmo. Acho que eu devo ser uma pessoa muito dedicada à educação, com muito compromisso e responsabilidade. Como eu sempre fui, eu sou assim, eu sou de muito compromisso e responsabilidade, com educação e tudo mais. E aí, a minha trajetória na Etec também foi assim, eu fiquei quase 6 anos como assistente técnico de direção, que era ATD que falava. Então, ao lado do professor Magalhães, eu trabalhei muito a questão assim de implementação de cursos, contato com empresas e contato com aluno também, porque ATD tinha contato com aluno também. Então, nesses seis primeiros anos, seis, quase sete primeiros anos de Etec, o meu convívio com o aluno, eu confesso que foi um pouco distante, mas para mim foi extremamente positivo, porque eu fui me aprofundando mais ainda nas questões da escola técnica, isso me deixou muito feliz. Em seguida, eu tive meu filho. Assim, nesses seis primeiros anos, acho que foi em 2005, meu filho nasceu, e aí eu confesso que quando se tem família para a mulher é mais difícil conciliar, assim, um cargo que exige tanta presença. Eu sei que outras mulheres até conseguem fazer isso, mas na época eu não consegui. Então, eu retornei para a sala de aula, quando o meu filho nasceu, e eu retornei para a sala de aula com poucas turmas. O meu retorno foi em 2009, que eu retornei para a sala de aula, meu retorno foi com poucas turmas, e aos poucos eu fui aumentando. E, também ocorreu a expansão do ensino profissionalizante, do governo do José Serra, então as minhas aulas foram aumentando, e eu fui, eu confesso, que eu tive que voltar a aprender dar aula. Então eu estudava muito mais para poder dar aula, preparava muito mais as aulas, então o ato de estudar sempre teve presente na minha vida. Então, eu fui influenciando os alunos a partir daí, conforme a sua pergunta agora, eu fui influenciando sim, os alunos a partir daí. Eu sinto que eu tenho certa influência sobre eles, uma influência positiva, sim. Muitos deles até chegam para mim e dizem assim: – professora, eu vou seguir a área do magistério. E aí eu pergunto: – mas o que você quer fazer? Ah, eu quero fazer matemática, eu quero fazer química, eu quero fazer biologia, eu quero fazer história. Eles vêm, eles vêm contar para mim, sim, que eles querem fazer magistério. Alguns me surpreendem, eu quero fazer história, a senhora me incentivou muito, a senhora me influencia muito, a maneira como a senhora ensina história, faz enxergar história de um jeito diferente. Ah, eu estava fazendo lá o Enem, e tinham tantas questões lá de História, todas elas eu lembrei da senhora, a senhora me ajudou. Professora, eu fui muito bem no Enem em História. Então, eu acho que é o ato de estudar sempre, de perceber a atualidade, de perceber, como se diz, a tendência das coisas, do mundo da educação, me atualizando sempre, eu acho que isso vai me aproximando um pouco dos alunos, e eles vão se influenciando. Maria Lucia, eu acho que é dessa maneira que eu os influencio, sabe? E é curioso...

**MLMC:** E como é que surgiu o seu interesse pelo centro de memória?

**FDP:** Ah, então o interesse pelo Centro de Memória, ele foi... ele foi diferente, sabe? Foi diferente e não foi. Quando eu fiz faculdade, eu fiz monografia, era monografia que chamava na época. E a minha monografia era sobre a energia elétrica aqui na cidade de Mogi Mirim, de Mogi Guaçu. E aquilo ficou na minha cabeça, ter ido para biblioteca, ter mexido nos jornais antigos e tudo mais. Aquilo mexeu comigo. Mas quando você vai para sala de aula, há um tempo, a historiografia não se preocupava tanto em ensinar isso aos alunos, os livros didáticos, por exemplo. Não era essa a preocupação. Então, eu fiquei com aquilo, nossa, mas a história, ela envolve a memória. Eu sempre fiquei com aquilo, mas nunca tendo oportunidade de aplicar a memória efetivamente. E quando eu voltei a dar aula, em 2009, a diretora da ocasião era a professora Hirlei (Hirlei Felicidade Assunção Magalhães). E ela chegou para mim e disse assim: – Fábria, chegou esse livro aqui para nós da biblioteca. Era o primeiro livro que vocês tinham produzido, Maria Lucia. O livro vermelho, eu não vou lembrar o título dele agora.

**MLMC:** Cultura, Saberes e Práticas.

**FDP:** Exatamente. Da capa vermelha, e ela me deu aquele livro, e eu gosto de novidade e tudo mais, e eu li o livro em uma semana. Eu falei: – nossa, mas que coisa interessante, disse 2009. Depois, como eu ainda tinha poucas aulas, foi demorando para eu perceber outras atividades que o Centro Paula Souza estava fazendo. Porque eu estava na fase de transição, saindo das atividades que eram administrativas e voltando para aquelas atividades que eram do docente. E aí, em conversa com o Wagner, com o professor Wagner Braz, eu disse a ele: – Wagner, nós precisamos pensar em algo que vai resgatar a memória. Resgatar, era o termo que a gente usava. Resgatar a memória dessa escola. Como que nós podemos fazer isso? Olha, eu conheci esse livro através da diretora Hirlei. Ela me apresentou. O que você acha? Aí ele falou: – legal. E, olha, de 2009, demorou um pouquinho ainda para a gente ter acesso, compreender que a gente poderia participar do GEPEMHEP, que foi em 2013. Foi quando eu ingressei no GEPEMHEP. Então, na verdade, o que me chamou a atenção em participar do grupo de memória foi essa prática que eu tive lá na faculdade. E o professor nosso, que era excelente, de novo, professor influenciando, para que trabalhasse essa questão da memória. E esse livro, o primeiro livro de vocês, do grupo GEPEMHEP, que havia sido impresso e entregue em mãos pela diretora Hirlei. Foi aí que eu observei e falei: – não, não tem como fazer isso. E a partir de 2013, então, ingressando no clube de memórias, os nossos estudos, as nossas reflexões, as nossas produções, os artigos que a gente foi escrevendo. Em 2015, nós criamos o nosso centro de memória na Etec Pedro Ferreira Alves. Essa ideia do projeto de memória foi se consolidando. Foi se tornando mais madura.



*Fábria D. Pais e Wagner Braz no Centro de Memória da  
Etec Pedro Ferreira Alves, em 21/03/2018.*

*Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**MLMC:** E como é que você vê a relação dos professores da comunidade escolar com o centro de memória?

**FDP:** Maria Lucia, eles adoram. Eles adoram o centro de memória. A relação é ótima, é muito boa, é de aceitação. No dia a dia, os funcionários mais antigos, eles se dirigem a mim sempre para contar algo que aconteceu na escola. Eu acho isso muito interessante. Eu já falei que eu tenho vontade de andar com o celular no áudio, e às vezes isso até acontece. A pessoa começa a falar alguma coisa e eu falo: espera aí, e ligo o gravador. Então, eles aceitam muito bem, eles gostam. Os professores se dirigem muito a mim, sempre relatando algo sobre a memória da escola. Eles cobram demais, eles falam assim: – quando que vai estar aberto para gente visitar? Eu falo, mas vocês podem visitar a hora que vocês quiserem. É só vocês falarem comigo, agendar. Ah, mas a gente queria passear por lá. Não, mas aí eu explico todas as regras que nós temos ali da visitação, que é um centro de memória, não é um museu. Eu explico que nós não temos um funcionário destinado para cuidar ali do centro, que são projetos e o professor Wagner, a gente costuma abrir muito o centro de memória, principalmente para visitação da escola toda, nos meses de maio e de outubro. E aí, nós temos muita visitação nesses meses. E os professores se encantam com as fotografias, com a memória, os alunos também. Então, o centro de memória tem uma boa aceitação. Eu não vejo, assim, nem um diretor que não nos apoie. Agora, nós vamos ter mudança de diretor e não me preocupa. Eu tenho certeza, que nós vamos permanecer com esse espaço, sim. Ao contrário, na visão deles, o centro de memória poderia até ser mais ativo, ter mais atividade ainda. É que nos falta recurso humano, para deixá-lo mais atuante ali.

**MLMC:** Olha, Fábria, eu gostei muito de conversar com você e eu conversaria horas e horas, porque só a respeito do centro de memória, teria muita coisa. Porque eu me lembro, quando eu visitei o espaço da escola, é um espaço muito rico, inclusive com máquinas e exposição no pátio da escola. Vocês também estão pertinho da Fatec. Então, tem muita história em torno da escola que, inclusive, precisa ser escrita. E, realmente, você tem razão, a gente precisaria ter mais recursos. Mas, como nós também precisaríamos ter mais recursos para outros campos, dentro da própria educação, eu fico feliz de já termos a possibilidade de publicar um livro anualmente, de ter apoio institucional para criar um museu virtual. Esse apoio, realmente, ele é devido ao professor Almério Melquiades de Araújo, que também valoriza essa área de história da educação profissional e tecnológica. E, por isso, nós temos tantos projetos de HAE todos os anos. Eu acho que nós, de memória, provavelmente, somos um dos grupos que temos um número grande e constante, até por causa do GEPEMHEP. Porque, felizmente, nós somos que nem uma constelação. Nós temos um grupo fixo, que são os professores envolvidos com o GEPEMHEP e com os centros de memória, que são curadores. E temos professores que vão e voltam, às vezes não voltam, porque eles percebem que é um trabalho que consome muitas horas nossas e muito além do projeto de HAE. Porque precisa de muita leitura para poder escrever.

**FDP:** Sim, mas eu acho que nós somos privilegiados com as nossas HAEs. Eu não tenho queixa, não. Nós somos privilegiados, e eu acho que o nosso centro de memória está no ritmo necessário. A gente tem tido retorno, produção, é o que você fala, uns vão, outros nem voltam.

**MLMC:** Vão e não voltam, mas temos um grupo fixo.

**FDP:** Sim, mas eu acho que nós somos privilegiados e é necessário. Eu acho que é necessário ter essa história da educação profissional.

**MLMC:** Sim, inclusive pensando no laboratório de currículo. Você vê, currículo é um dos nossos eixos temáticos. O currículo é o coração lá na escola, através dele que tudo se desenvolve, tudo se desenrola, porque ele está ligado com as políticas públicas, mas também está ligado com as nossas práticas, com o plano de ensino, do trabalho docente, com o plano de ensino escolar. E a nossa história está ligada a esses documentos. Então é muito interessante, eu também adoro. Espero continuar bastante tempo na Paula Souza. Nós entramos no mesmo ano, só que eu entrei em fevereiro, você entrou em agosto.

**FDP:** É verdade.

**MLMC:** E eu sou simplesmente 20 anos mais velha do que você. Mas com relação a gente ter os mesmos interesses e os mesmos objetivos, eu acho que nós somos iguais e nós estamos aí batalhando. O ano que vem a gente vai começar a trabalhar mais na regulamentação dos centros de memória, porque a gente tem

22 anos de existência e 22 centros de memória. Embora na instituição conste no regulamento (regulamento das escolas técnicas), desde 2006, e isso graças a Julia Falivene. Eu fiz uma entrevista de história oral e obtive a informação que a Julia Falivene participou da revisão do regulamento das escolas técnicas. E, nessa revisão, foi incluso a questão da memória, porque esse projeto já vinha acontecendo, desde 96. Então você vê assim que é um trabalho longo, mas que aos poucos vai crescendo, vai crescendo.

**FDP:** Sim, sim.

**MLMC:** Então muito obrigada, eu vou transcrever essa entrevista, vou passar para você com os termos de autorização e depois a nossa intenção é ter um e-book só com os nossos curadores de centro de memória. Obrigada.

**FDP:** Eu que agradeço a professora Maria Lucia pelo convite, fico muito grata mesmo por ter participado da história da educação profissional, mais precisamente da Etec que eu leciono. Eu agradeço imensamente, viu?

**MLMC:** Muito obrigada, foi uma satisfação. Bom dia.

**FDP:** Bom dia.

# 16.

## **EDNÉIA CHINELLATO**

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
João Jorge Geraissate, em Penápolis



Ednéia Chinellato é pedagoga com especialização em História do Brasil pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora no Centro Paula Souza e atua na Etec João Jorge Geraissate, em Penápolis, desde 2010. É docente na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, onde dá aulas de História. Possui experiências como coordenadora de Área do Núcleo Comum na Etec João Jorge Geraissate, coordenadora do Portal Educacional Klikideia no Centro Paula Souza, coordenadora Pedagógica na Escola Estadual Maria Mathilde Castein Castilho, em Glicério, SP, e como professora em escola particular de ensino. É membro do GEPEMHEP do Centro Paula Souza.



*Centro de Memória da Etec João Jorge Geraissate, em 2018.  
Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, professora Ednéia Chinellato. Eu agradeço muito você ter aceitado o convite dessa entrevista, hoje que é dia 25 de setembro de 2020. Essa entrevista está sendo proposta para o nosso Programa de “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”. Eu estou entrevistando os professores que são curadores de Centro de Memória, para o nosso Centro de Memória Central, que é o Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, lá no Edifício Paula Souza. A intenção dessa entrevista é conhecer um pouco da sua história de vida. Você que, em 2016, criou o Centro de Memória da Etec João Jorge Geraissate, em Penápolis, e já está há algum tempo conosco no Grupo de Memórias e História da Educação Profissional. Então, eu gostaria que você contasse um pouco da sua história de vida, onde você nasceu, onde você estudou, que escolas você passou, como você decidiu pela sua carreira, primeiro de formação e depois como professora. Quando você entrou no Centro Paula Souza? Podemos começar por aí?

**Ednéia Chinellato (EC):** Sim, podemos sim. Bom, boa tarde, professora Maria Lucia. Fiquei, sim, muito feliz com o convite, me senti lisonjeada. Obrigada. É um prazer conceder uma entrevista no Centro de Memória, no qual eu faço parte também. Então, é um prazer. Obrigada. Então, vou falar um pouquinho de mim, que é tão bom falar da gente. Eu sou a Ednéia Chinellato, sou a terceira filha, tenho dois irmãos, Wanderley e o Geraldo. Sou a caçula, meu pai, minha mãe, hoje com 84 anos, os dois (meu pai e minha mãe os dois com 84 anos). A minha vida de estudante, eu sempre estudei em escola pública. E, então, até terceiro colegial, assim. Na minha época, onde eu estudava, do primeiro ano até o 9º ano, era em uma escola. Aí, depois, né, houve uma reestruturação, da legislação, e o ensino médio foi transferido

para uma outra escola. E, assim, aconteceu. Eu fui, fiquei até o 9º ano, na escola Yone Dias de Aguiar. Depois, eu fui fazer o ensino médio, na Escola Adelino Peters.

**MLMC:** Você nasceu em Penápolis mesmo?

**EC:** Isso, eu nasci em Penápolis mesmo, no dia 23 de fevereiro, em Penápolis. Aí, eu fui estudar, então, nessa Escola Adelino Peters, fui fazer o Ensino Médio, que também é pública. E, lá, eu fiz o primeiro ano, e, depois, no final do primeiro ano, eu fiz a opção de estudar o magistério. Então, eu fiz o magistério, primeiro, segundo e terceiro magistério. No terceiro ano, eu prestei vestibular para a FUNEPE, e fui fazer Pedagogia. Fiz Pedagogia, FUNEPE é a Fundação Educacional de Penápolis, é a faculdade que nós temos na nossa cidade. Estudei Pedagogia, e, no finalzinho de Pedagogia, tinha o curso de História. E, nós fomos com um grupo, um grupo de amigos, que estávamos estudando já há bastante tempo. E, estávamos terminando Pedagogia. E, agora, o que nós vamos fazer? Vamos fazer História. E, aí, fizemos novamente o vestibular, e fomos fazer História.

**MLMC:** Isso foi em que ano, que você foi fazer História?

**EC:** Em que ano? Foi na década de 90. Porque assim, deixa eu pensar aqui um pouquinho, 85, eu acho, 88, que eu terminei. Aí, nós fomos fazer... Aí, terminou História. E, aí, bom, nós terminamos História. E, agora? Quando eu estava fazendo terminando a faculdade de História, eu já comecei a dar aula. Algumas aulas em substituição nas escolas estaduais aqui em Penápolis. No finalzinho do curso de História, nós resolvemos fazer uma especialização em Londrina, na UEL. Aí, escrevemos o projeto, mandamos para a universidade, e fomos aprovadas. Então, nós fomos estudar esse grupo de pessoas da classe, nós fomos estudar especialização em História do Brasil, na UEL. E terminei o curso, fiz a minha... o TCC, que seria hoje, e passei pela banca, em 98. Não, desculpa, 98 não, 96. E essa é a minha história de vida.

**MLMC:** Quando você ingressou no Centro Paula Souza?

**EC:** Então, eu, nesse período de 90, me casei em 95. Eu terminei a especialização, já estava casada, em São Paulo. Aí, neste período, depois de 97, já trabalhava lá em São Paulo, em uma escola particular, de ensino médio, de maternal até o ensino médio. Fiquei lá por 5 anos. Antes, eu tinha feito um concurso para o Estado, e aí, nesse período, como demorou bastante para chamar, nós resolvemos voltar para Penápolis. Meu marido resolveu voltar para Penápolis. E aí, depois de 5 anos morando em São Paulo, eu retorno para Penápolis. Voltei para cá, consegui o emprego de uma escola particular. E, nesse período, o que eu tinha feito concurso para o Estado, o Estado me chama para trabalhar. E aí, eu ingressei, pedi demissão da escola particular, porque não dava conciliar o horário, até que eu fui à escola para trabalhar, era em Piracicaba, e eu sou de Penápolis, morando em Penápolis. Então, era muito difícil, não dava para conciliar. Fui, levei todo o meu prontuário para Piracicaba, para trabalhar lá, só que aí eu fiz a inscrição para o artigo 22. Bom, e aí, por minha felicidade, eu consegui, fui em Birigui, que é a Delegacia de Ensino,

fui, tive a atribuição marcada, e aí eu consegui, fui para Birigui, uma cidade perto de Penápolis, pelo artigo 22, uma carga de aula completa.

**MLMC:** E Birigui fica a quantos quilômetros de Penápolis?

**EC:** Isso, Birigui fica 30 quilômetros de Penápolis, em uma escola do Estado, escola pública também. E aí, eu tinha carga completa nessa escola. Eu tinha aula, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio. E aí, eu viajava todos os dias para Penápolis, porque era perto. Bom, aí teve um período que houve uma mudança de horário, eu acabava ficando uns dias na casa de uma professora, que morava lá em Birigui, quando eu saía da escola às seis horas, seis e pouquinho, porque tinha ATPC, eu dormia na casa dela, no dia seguinte eu tinha aula, e aí eu retornava a tardezinha para Penápolis. No final desse ano, que eu consegui estar em Birigui, eu pedi remoção.

**MLMC:** Que ano foi isso? Você lembra?

**EC:** Lembro, tem dez anos disso, foi 11 anos. E aí eu pedi remoção, há 11 anos atrás, para Penápolis. Você tinha que indicar várias escolas ou cidades, e eu indiquei, então, Penápolis, Glicério, e aí consegui me trazer remoção para Glicério. E é onde eu estou, em Glicério, até hoje, na rede pública. Na rede pública, a professora Telma Maeda também trabalhava, em Glicério, e ela era professora e coordenadora do Centro Paula Souza. Um dia, conversando na hora do intervalo, ela falou assim: – não gostaria de substituir uma professora de História, que ela está precisando faltar, e eu preciso de pessoas para substituir, para dar aula. Eu pensei, vamos conhecer, não sabia, mas tinha sim muita vontade de estudar na Colégio Agrícola, porque, em Penápolis, o Colégio Agrícola era bastante conhecido, bastante famoso, e trabalhar no Colégio Agrícola, para mim, era um sonho. Nossa, vou conhecer. E aí fui, conheci a escola, e foi uma experiência única, porque eu cheguei para conhecer, para me apresentar, para levar uma documentação, ver o que era necessário. E aí, estava na sala, numa sala de espera, a professora Luciane Bento Bozzolo Tridapali, que hoje ela é orientadora educacional também, e nós éramos amigas há muito tempo, e eu não sabia que ela estava lá. Então assim, foi uma experiência muito, muito boa para mim.

**MLMC:** Que ano foi isso?

**EC:** Isso foi em 2000, comecei trabalhando, 2010, 2009. Então, eu trabalhei em substituição um bimestre, aí teve concurso, e tínhamos duas pessoas, eu, que não tinha mestrado, não tinha doutorado, e um professor que tinha doutorado, então ele tinha alguns pontos na frente. Eu fui muito bem classificada, mas ele acabou entrando por conta dos pontos a mais, que ele tinha do doutorado. Então eu trabalhei lá em substituição, um bimestre. Aí, eu dei aula no ensino médio, e era, não era ETIM, era ensino médio normal, não era integrado. Era integrado, não era o ETIM, era só o ensino médio com as áreas técnicas. Então, acabou. Aí, fiquei um bimestre, acabei saindo no final, quando esse concurso que teve, professor, doutor, começou a dar aula. No final do ano, ele saiu, e aí abriu o concurso novamente, eu fiquei sabendo, prestei o concurso, com outros professores, aí já

tinha mais que dois professores, e a banca me escolheu, eu acabei pegando em primeiro lugar, inclusive o professor doutor que foi especialista, me avaliou, me deixou bastante feliz. E aí eu peguei em primeiro lugar, e aí fui registrada mesmo, então a partir de 2010, e estou até hoje. Como não era do Centro de Memória, só faço parte hoje, foi uma conversa com a professora Regina (Regina de Fátima Ferline Teixeira). Como eu gosto muito desse assunto de memórias, de guardar, porque realmente acho que os objetos falam, e nós estamos vendo isso essa semana, bastante intensidade, eu conversando com a Regina, e disse que eu precisava entrar no site do Centro Paula Souza, e ver o trabalho que a professora Maria Lucia desenvolve com o Centro de Memória. Eu até então não conhecia, mas ela falou com tanto carinho, e ela falou com tanto entusiasmo do centro de memória, da Etec e do Centro Paula Souza, e da professora Maria Lucia, com tanto carinho, eu falei assim: – eu vou entrar e vou conhecer. E aí entrei, ela me apresentou o site, entrei em todas as páginas. Demorou um pouco, alguns meses, para eu poder compreender como funcionava todo esse sistema. Conversei com a professora Regina novamente, e trouxemos algumas informações sobre isso. Foi quando aí conversei com a professora, entreguei meu primeiro projeto, e estou aí até hoje.



*Entrada principal do Centro de Memória da Etec João Jorge Geraissate, em 2018.  
Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

Nosso centro de memória hoje tem quatro salas, a gente começou com duas salas apenas. A verdade é que a organização do centro de memória começou lá em 2012. Eu fui recolhendo os objetos que tinha na escola, fomos colocando em um espaço que o diretor nos concedeu, e fomos fazendo limpeza, depois fomos se organizando, e hoje nós temos quatro salas, mais de 110 artefatos, exposição constante lá, permanente.

**MLMC:** Quatro salas e 110 objetos?



*Entrada principal do Centro de Memória da Etec João Jorge Geraissate, em 2018.*

*Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**EC:** Olha, tem mais de 110, Maria Lucia. Nós temos, porque assim, a primeira sala, ela foi organizada assim, nós temos um cantinho que tem a fanfarra e os uniformes, depois nós temos uma parede, nessa parede tem uma prateleira, uma parede lateral, do lado esquerdo, e tem assim os artefatos que representam a secretaria, os telefones, os sorobans que usavam na sala de aula, temos balanças. Então, nessa primeira sala, nós temos esses vários objetos representando vários momentos da história do Colégio Agrícola, desde 1970. Então, tem parte da secretaria, tem parte da fanfarra, tem um espaço de... tem torradores de café, um sino. Antigamente a escola não tinha um sinal, o sinal era dado no sino, o inspetor que batia, tem troféu, claro, se a escola foi premiada, uma mesa, no cantinho onde eu coloquei os livros que os alunos assinam, os visitantes assinam, e tem uma cadeira muito, muito charmosa, que é a cadeira xerife da marca Cimo, bastante famosa também, e aí...

**MLMC:** Por que essa cadeira é famosa?

**EC:** Então, porque... assim que foi a cadeira do diretor, desde quando a escola, desde quando o Colégio Agrícola pertencia à Secretaria da Educação, essa cadeira chegou provavelmente, porque a empresa Cimo, começou a fabricar móveis escolares.

**MLMC:** Que ano foi isso, você sabe?

**EC:** 1972 a cadeira chegou na escola. Então, a escola foi fundada em 1970, a inauguração dela foi em 1970, e ela começou a funcionar até 1970. Então, em 71, 72, essa cadeira chegou para a sala da direção. Então, assim, a marca Cimo, a empresa Cimo, ela fabricava, começou a fabricar também móveis para a escola. E... só temos essa cadeira com essa marca. E ela ficou por muito tempo na sala da direção. E foram quatro... acho que oito anos atrás que ela foi para o centro de memória. E teve um diretor que optou por não a usá-la. Ele trocou de cadeira, mas ela ainda permaneceu um pouco lá, de ladinho, e depois ela foi para o centro de memória. Então, assim, uma cadeira que hoje chegou famosa, porque ela ficou muito tempo como uma cadeira do diretor. E mesmo na ausência do diretor, quando entrava de férias, outra pessoa que ia substituir, sentava-se na cadeira do diretor. Então ela tinha um peso. Ela se sentava na cadeira do diretor. Até hoje os alunos têm... Eu posso me sentar na cadeira do diretor? Então, assim, você estar naquele espaço, naquela cadeira, é você carregar o peso do seu cargo, da responsabilidade de ser diretor. Então é por isso que eu falo que ela é famosa.

**MLMC:** Você falou que tem sorobans na escola. Tem alguma matéria jornalística ou algum outro texto e tal que justificam esses objetos na escola?

**EC:** Não, escrito nós não temos.

**MLMC:** Você sabe que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) tem também no Centro de Memória de Jacareí?

**EC:** Ontem nós tivemos uma live dos centros de memória do grupo da Júlia. E aí ela falou, ela apresentou os sorobans que ela tem. E na minha escola também agrícola nós temos o amarelo, que é o grande, maior que o professor usava. A visibilidade dele é maior, então os alunos conseguem entender melhor. E os menores, que eles são marrons, as pecinhas deles são marrons, que era usado pelos alunos. Então eu tenho um exemplar de cada lá no centro de memória, tanto o amarelo, do professor, e o marrom, que é dos alunos.

**MLMC:** Essa live que vocês fizeram ontem, participou quem?

**EC:** Foram os professores que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) coordena.

**MLMC:** Ah, que estão trabalhando na produção dos catálogos?

**EC:** Isso, na verdade sim, foi ideia de uma professora.

**MLMC:** Acho que foi a Patrícia de Pindamonhangaba.

**EC:** Isso, de Pindamonhangaba, exatamente. E aí através da Biblioteca Ativa, a Maria da Biblioteca Ativa, ela aceitou o convite, nós aceitamos o convite através da professora, e fizemos. E eu sinto que foi bastante bacana.

**MLMC:** Vocês têm que mandar essa gravação para a gente pôr no site de memórias.

**EC:** Tá. A Júlia acho que tem.

**MLMC:** Foi ela que gravou?

**EC:** Eu acho que fica gravado no YouTube Maria Lucia.

**MLMC:** Ah, eu vou verificar e vou conversar com ela. Porque pode ficar no nosso acervo. Eu estou guardando masterclass, uma série de coisas que aconteceram nessa época, que depois vão ser, principalmente por ser uma época de pandemia, será material de pesquisa. Então, é importante ter esses registros.

**EC:** Esse recurso remoto está sendo muito bom porque a gente consegue encontrar várias pessoas, que talvez em uma reunião a gente não conseguisse reunir tantas pessoas individuais, da aula, dificuldades, e a gente consegue, através desse recurso remoto, se reunir todos no mesmo horário, à noite, principalmente, que é bastante difícil.

**MLMC:** Exatamente. A gente sempre fala que ainda bem que a Paula Souza já estava preparada com essas parcerias com a Microsoft, e rapidamente a gente conseguiu se adaptar.

**EC:** Essa plataforma que nós estamos usando ela dá essa facilidade. As aulas são gravadas, sempre essa é gravada, disponível para todo mundo. É muito bom.

**MLMC:** E os seus alunos, eles têm participado todos no horário de aula ou alguns participam fora do horário?

**EC:** Não. Alguns participam fora do horário. Os terceiros anos a participação deles é bastante maciça. Eles não participam no horário da aula, mas eles entregam as atividades, mandam perguntas ou algum questionamento no chat, ou em outros e-mails que a gente disponibilizou para eles. Então, os terceiros anos nós estamos com uma boa participação.

**MLMC:** E eles explicam por que eles não participam no horário?

**EC:** Alguns estão fazendo estágio, eles estão no finalzinho, fazendo estágio em fazendas. Outros estão trabalhando nas próprias fazendas, porque muitos dos nossos alunos têm perfil agrícola. Então, eles trabalham com os pais ou com alguém da família. Então, muitos estão fazendo estágio.

**MLMC:** Então, esse trabalho, esse ensino híbrido, remoto, para eles é interessante, não é?

**EC:** Foi, está sendo muito proveitoso para eles, os alunos, porque eles estão podendo aprender com a gente e ainda fazer um estágio paralelo.

**MLMC:** Teve um ano, Edneia, que você não teve projeto de memória, porque você tinha um projeto na biblioteca ativa.

**EC:** Isso.

**MLMC:** Teve como você conciliar o centro de memória com a biblioteca ativa?

**EC:** É, teve. Eu não estava com o projeto escrito com o HAE. Mas, na verdade, assim, desde quando eu me apaixonei, quando eu conheci o projeto de centro de memória e me apaixonei por ele, eu nunca parei das coisas acontecerem no centro de memória, lá da escola do João Jorge Geraissate. Então, assim, eu tenho duas salas. A primeira sala são as características que eu passei. A segunda sala, nós temos um armário de madeira, que é o armário da enfermaria, que tem vários objetos. É uma enfermaria, depois tem uma maca, uma balança e alguns objetos de cozinha.

**MLMC:** Todos esses objetos vão estar no catálogo?

**EC:** Não todos, mas a maioria vão estar, sim. É uma certa dificuldade, porque a gente não pode entrar na escola. A escola está fechada, mas, assim, algumas fotos que eu tive, eu estou fazendo o catálogo. Tem algumas fotos que não estão com uma qualidade boa, mas a gente está tentando. Mas vão ter, sim, vários objetos desses. A terceira sala, que nós chamamos de sala da área técnica, porque lá nessa sala, nós temos implementos agrícolas, objetos de tração animal. Temos outros objetos que os professores utilizam para fazer o nível de terra, os arados, arreios. A última sala, que é uma sala um pouquinho menor, que tem uma mesa de estudo em reunião com os alunos. Nessa última sala são poucos os objetos. É uma sala mais de estudo. E os alunos, assim, tem uma participação, todos eles, que me ajudam a montar. A participação dos alunos, desde a sua formação até a conservação dos jardins, tem um lindo jardim na frente, pois a escola será agrícola. E o centro de memória, ele fica bem na frente. Você entra no portão lateral, passa pela guarita e você já vai dar de frente com o centro de memória e tem um jardim bastante florido. E esse ano, especificamente, que eu fiquei sem o projeto, eu continuei trabalhando no centro de memória. Conservamos, os alunos iam lá, fazendo a limpeza, recebendo visitas, eu trabalhava à noite na biblioteca.

**MLMC:** Esse ano não deu tempo de aprovar seu projeto ou você ficou com o projeto da biblioteca?

**EC:** Não, na verdade, eu fiquei com o projeto da biblioteca e atendi um pedido da direção para eu ficar um pouco mais disponível para a biblioteca. Porque nós não temos bibliotecária, nós não tínhamos estagiários também.

**MLMC:** Mas você acha interessante esse trabalho junto com a biblioteca? Porque dá para você envolver com os livros didáticos históricos, com os planos de curso.

**EC:** Sim, inclusive com alguns livros que tem na escola, que é, como se coloca aí, como obras raras, obras raras no sentido assim de ter livros de década de 70 que eram utilizados em sala de aula. E aí eu pude ter acesso próximo a esses livros, ter conhecimento. Alguns livros foram para o centro de memória também, estão lá. Agora só falta a questão da higienização deles, deixar todos preparados. Mas eles estão guardados no centro de memória por mim.

**MLMC:** Muito bom isso que você está fazendo, porque assim, os livros, eles deixaram em 2002 de serem considerados patrimônio. Mas para nós, é importante essas obras que seriam descartadas e que fazem parte dos planos de curso, é importante a gente ter no centro de memória, ou senão ter um armário na biblioteca como um arquivo histórico. Mas no seu caso, que você tem um ótimo espaço no centro de memória, dá para ir abrindo e porque as pessoas também podem ir consultar lá?

**EC:** Olha, Maria Lucia, são quatro salas, mas são pequenas.

**MLMC:** Eu lembro das fotos, das imagens do seu centro de memória. Inclusive, tem uma sala que tem os implementos agrícolas, que essa não sai da minha cabeça. (risos)

**EC:** Ah, é uma sala linda, você vai adorar.

**MLMC:** É, com aqueles espaços. Eu sou engenheira agrícola, então, sou apaixonada pela sala.

**EC:** Então, assim, esse ano, eu ganhei, no centro de memória alguns outros instrumentos, que é aqueles instrumentos que os alunos usam para fazer coisa de livro, para fazer... Eles olham, ficam olhando no espaço, o outro aluno fica bem longe para fazer a distância. E nós temos vários objetos desses. E aí também tem uma bandeira. Então, assim, aquele espaço é o espaço da área técnica. Os professores podem, inclusive, lá dar aula para os alunos, porque os implementos da identificação animal foram utilizados na escola. Temos uma matraca, aquelas bombas de matracas... de mata formiga, desculpa. Correção, né? De mata formiga, como ficou conhecido. Uma... Um espaço, um reservatório, aí você colocava o veneno e depois você baixava uma alavanquinha com uma borrachinha e colocava no buraco da formiga. Então, assim, eles adoram, ficar nessa sala. A máquina de escrever, que eu descrevi também é uma máquina que tem bastante sucesso. Não só com os nossos alunos do ensino médio, mas os alunos do infantil, porque a escola recebe vários alunos da escola municipal para visitar o colégio. Eles passam pelo centro de memória e eles ficam encantados. Então, tem uma máquina lá, tem um espaço que eles podem mexer. Por exemplo, uma criancinha peque-

nininha que eu falei que ele lá nunca viu. – Posso mexer? Pode, você pode ir lá, colocar o papel, eles olham e dizem assim: – nossa, já sai impresso o papel, já sai impresso. Então, assim, esse enriquecimento, essa troca e ver o aluno aprendendo, isso é que te motiva e deixa o centro de memória, assim, com bastante carinho. Porque você tem um espaço que conta a história da escola. Esse ano a escola completou 50 anos. Por conta da pandemia, nós não tivemos a escola aberta para a visita. Mas, no ano retrasado, nós fizemos. E, assim, foi muito bacana, porque os alunos estavam lá dentro para fazer a visita monitorada, eles também estavam ali do lado de fora, dando todo o apoio e, assim, você vê ex-alunos chegando e olhando na televisão e falando assim, nossa, essa televisão é da minha época, e eles contam a história da televisão. Uma enfermeira que chegou e falou assim: – ela abraçou o armário e falou assim: – gente, esse é o meu armário. Então, assim, tudo que a gente vê nas literaturas, aquela história de memória afetiva, você quer uma expressão melhor do que uma enfermeira que chega e abraça o armário e fala assim: – meu armário, olha que coisa linda. Eu acho que só isso já justifica nós montarmos dentro das etecs, das fatecs, em todos os lugares, um centro de memória. As pessoas...

**MLMC:** Bem, eu acho que, de repente, aos poucos, você também ir criando acervos de história oral com algumas pessoas, porque daí você depois pode convocar, que nem o caso dessa enfermeira. E vão servindo, você vai tendo ideias para outros projetos.

**EC:** É verdade. E, assim, eu sou muito feliz na Etec, porque quantos os alunos, professores, funcionários, eles não descartam nada. Tudo que tem, assim, um objeto que, às vezes, não dá mais para ser usado, eu chego, às vezes, no centro de memória e tenho um presente na frente. Por exemplo, quem colocou o site, foi tal funcionário, foi tal pessoa porque perguntou se você se interessa para guardar no centro de memória. Então, assim, a história do centro de memória e a importância da valorização desses objetos, porque fazem parte da história, já foi incorporada pela instituição do Colégio Agrícola. E eu acho muito bacana isso. Então, tem um respeito. Então, eu não tenho lá objetos antigos, eu não tenho lá artefatos velhos, eu tenho artefatos que as pessoas colocaram que têm um significado, tanto dos ex-alunos, quanto dos alunos que estão lá. Outro dia eu cheguei, tinha um balde de leite, que era utilizado no curral. Aí, eu falei: – gente esqueceram um balde, lá no centro de memória. Aí, alguém disse assim: – ah, não, professora, fomos nós que deixamos lá para você colocar no centro de memória, porque nós não vamos usar mais. Então, assim, eu fiquei muito feliz, porque o que eu percebi com isso, eles respeitam o centro de memória e eles respeitam a importância de guardar essa memória.

**MLMC:** A sua escola tem quantos alunos?

**EC:** Nós temos aproximadamente 300 alunos.

**MLMC:** É bom que é uma comunidade que dá para trabalhar. Dá para vocês terem essa relação de pertencimento com a escola.

**EC:** É, eu acho que essa palavra é isso mesmo, o pertencimento. Às vezes, eu chego na sala de aula e digo, professora, essa semana nós usamos o centro de memória. Eles gostam de estar lá. Eles gostam, na verdade, de aula prática. Então, eles vão, eles limpam todo o jardim, eles plantam. Eu costumo dizer que o jardim lá da escola é um jardim da área de humanas. Por quê?

**MLMC:** Eu me lembro quando você com os estudantes, me lembro dos relatórios, né? Porque como eu fico lendo os relatórios, quando você criou esse jardim, eu lembro das imagens. Deve estar muito bonito mesmo. (risos)

**EC:** Mas o gostoso de tudo isso é que ele se renova, por quê? Tem um aluno falando assim: – professora, olha, eu trouxe uma muda de uma árvore, posso plantar ali fora? Ah, onde você achar que deve. Então, ele vai lá, ele planta, aí ele vai cuidar que lá é dele. Então, não tem assim, um local para plantar uva, outro local para plantar banana. Eles vão lá e plantam. Então, nós temos algumas árvores frutíferas. Porque assim, eu herdei esse jardim, já tinha uma parte formada de um curso que teve jardinagem. E aí, a professora perguntou se podia fazer a aula prática na frente do centro de memória. Eu adorei a ideia, eu falei: – claro. Então, ela plantou algumas árvores frutíferas.

**MLMC:** Você sabe que eu estou pensando nos projetos para o ano que vem já. E foi ótima a sua fala, porque eu também quero formar um grupo, o ano que vem, com esse enfoque. Eu acho que vai dar para eu te fazer um convite.

**EC:** Daí, o ano que vem, em cima disso. Obrigada.

**MLMC:** Eu estou amadurecendo a ideia, depois vou discutir, discutir com a Júlia, discutir com a minha chefia.

**EC:** Tomara que dê certo. Porque é muito gratificante, um passeio de memória, fazer parte. Você se apaixonou, agora eu entendo perfeitamente por que você está há tanto tempo nesse projeto.

**MLMC:** Mas você sabe que nem agora, eu estou escrevendo um artigo. E eu não tenho os materiais aqui. Tem coisas que eu preciso do documento, ele está lá no centro de memória. Eu fico assim, esse documento está em tal pasta. Dá vontade de sair daqui e pegar um táxi lá (risos). Não pode, você tem que respeitar. Ainda mais eu que sou do grupo de risco, por causa da idade. Então, eu nem posso fazer isso. Mas assim, eu fico pensando, a primeira coisa que eu vou fazer quando entrar no centro de memória é acessar aquele documento.

**EC:** E a gente tem saudade, não tem? A gente tem saudade do espaço.

**MLMC:** Muita saudade, muita saudade.

**EC:** A gente tem saudade dos alunos.

**MLMC:** Eles fizeram uma enquete aí. Quantos dias para trabalhar online, para trabalhar... Eu falei, poxa, mas eu tenho que trabalhar um dia na central, um dia no centro de memória, no mínimo.

**EC:** É uma história muito gostosa. Então, esse jardim, eu falo que é um jardim humano por isso. Porque os alunos chegam e assim, eu ganho um presente, eu ganho uma samambaia da mãe, minha mãe mandou para você, professora. Gente, é uma delícia isso, então, assim, esse reconhecimento da comunidade escolar me deixa bastante feliz. Porque eu sei que se eu sair de lá, alguém vai continuar, e os próprios alunos, eles gostam de estar, eles gostam de ir lá me ajudar a limpar, eles varrem, cuidam do jardim.

**MLMC:** A importância desses catálogos, desse catálogo, desse material que você está fazendo. E, também por isso que eu insisti com você para mandar um trabalho escrito. Eu vou ler o seu trabalho, vou fazer comentários. O fato de nós conversamos, hoje... Essa conversa é muito interessante, porque a gente nos clubes de memórias acaba discutindo especificamente o tema da oficina. E essa conversa que nós estamos tendo hoje permite com que a gente se conheça mais, que uma conheça melhor a outra. Então, eu acho que isso também vai estreitando os nossos laços, para poder produzir junto. Porque você falando dos objetos que chegam no centro de memória. Por exemplo, esse ano, como eu fiquei? Eu me coloquei como meta ficar um dia inteiro no centro de memória. E, o fato de eu ter feito isso, embora por um mês e meio. Porque depois, com a pandemia, nós ficamos isolados. Eu tive acesso a objetos de Física lá da Fatec São Paulo, quando ela foi criada. E que eles vão doar para o centro de memória. Tanto que a gente já estava com a documentação, com transferência do patrimônio, sabe? Eu com o professor. E eles vão até apresentar trabalho agora. Porque nós transferimos o nosso encontro para março, para ser presencial. E daí, eles mandaram o trabalho. As fotografias, inclusive, são minhas. Porque eu fotografei e mandei as fotografias para eles. Então, eu estou estreitando esse laço com a Fatec São Paulo para poder contar a história do Centro Paula Souza.

**EC:** Isso é um prazer.

**MLMC:** Então, a paixão é a mesma. A paixão que você tem pelo seu colégio agrícola. Também a que eu tenho, assim, por estar no Centro Paula Souza, pela Carlos de Campos, que eu já fiz um catálogo. A história da Carlos de Campos, eu não sou curadora lá. Mas, hoje, estou sempre envolvida no campo da alimentação e nutrição.

**EC:** É, sim. E a gente agradece ao Centro Paula Souza. Se não fosse, como que a gente teria essa habilidade, que a gente desenvolveu de se apaixonar pelos objetos.

**MLMC:** Tanto que foi aprovado o nosso livro, já está na gráfica. Estou esperando chegar o primeiro boneco agora para fazer a revisão. Então, quer dizer, a gente tem esse apoio também institucional. E isso é importante, porque ficam os registros dos nossos trabalhos. Os cadernos de resumos, o nosso site. A hora que você quiser, organiza um arquivo de fotografias de como está o centro de memória agora, que a gente hospeda no seu link lá do centro de memória.

**EC:** Ah, está bom.

**MLMC:** Porque é importante ir mostrando essa evolução. Essa evolução do jardim.

**EC:** Essa mudança.

**MLMC:** Exatamente.

**EC:** Gostoso muito. Então, o centro de memória, assim como a história, ela não é parada. Ela não é aquilo e acabou, ela vai sempre mudando. O centro de memória, ele acompanha, inclusive, as ideias dos alunos que chegam. Então, você não pode mudar, colocar esse troféu aqui, essa máquina aqui? Pode, né? Então, porque quando eu permito que eles façam isso, eles fazem essas alterações, eu permito também que eles se integrem, aquilo lá faz parte deles, também. Ele que mudou, ele que ajudou. No início, os objetos, os artefatos, eles ficavam no chão. Aí, eu recebi uma visita de uma museóloga, e aí ela deu uma dica. Ela falou assim: – olha, contém você que agora é bem recente, você acabou de montar o centro de memória, mas arruma uns tablados para você colocar. E arrumei, consegui, assim, algumas partes de paletes, algumas tábuas, e esses objetos agora já não estão diretamente no chão.

**MLMC:** É isso mesmo.

**EC:** Eles estão dentro de um tablado. Então, as coisas vão acontecendo dessa maneira. Os alunos vão, trabalham, alunos até à noite, trabalham lá, tudo. Então, é gostoso. É uma área de lazer. Tem uma responsabilidade, tudo, mas é uma área que eles ficam lá na frente, sentam-se, conversam.

**MLMC:** E é uma área de reflexão, inclusive, para poder pensar na evolução da tecnologia, refletir sobre isso. Eu acho que é um espaço que vai dar para fazer muita coisa. Tanto que nós, esse ano, eu e a Júlia trabalhamos no museu virtual. Nós estamos com mais de 100 fichas lá. O catálogo de vocês é o início para depois vocês entrarem para preencherem o museu virtual. E nós queremos regulamentar tudo isso, regulamentar o centro de memória. Tanto que os últimos centros de memória, nos últimos dois anos, eles têm sido criados só com autorização pelo Conselho de Escola. Porque eu comecei a fazer isso, já para ir começando a pensar na regulamentação. Porque a hora que nós não estivermos mais na escola, outros já têm um roteiro, porque é que nem quando você falou desse suporte.

Como a gente está mais distante, às vezes a gente não tem tempo de discutir detalhes. Então, por exemplo, isso que... Quando a Camila foi organizar, bem na entrada da escola, a exposição com objetos, Camila da Getúlio Vargas (Camila Polido Bais Hagio), eu fiquei preocupada. Eu falei: – olha, tem que ter um suporte, até porque eu fiz... Como eu fiz o meu pos doc em museologia e patrimônio, eu aprendi uma série de coisas lá. Tanto que a gente tem discutido exposições com vocês nos clubes de memória. E daí... Só que não tinha material, que nem você teve a facilidade dos paletes. Lá não tinha, então, ela pôs fita para demarcar, sabe? Os espaços que não podia pisar, não podia... Então, são muitos detalhes, mas que a gente vai compartilhando e vai trabalhando junto.

**EC:** É importante as capacitações. Então, a capacitação de limpeza, do centro de memória também mudou, da capacitação que foi oferecida. Hoje eu só faço um pano, tenho um espanador para tirar o pó também, tenho essa preocupação. As balanças, porque tem uma balança...

**MLMC:** Mas o espanador, ele espalha o pó, viu? Precisa tomar cuidado.

**EC:** É, mas assim, eu passo o espanador e depois tem um paninho branquinho, tipo uma flanelinha, que a gente passa... Depois, a gente tira o pó e depois passa esse paninho. Não pode ter um produto químico dentro do centro de memória, a gente não usa. E tem, assim, uma balança que é o xodó de todos. Aquela balança que tem um pezinho, dois bracinhos, dois pratos e os pezinhos, que eram usados para pesar sementes na horta orgânica e, também no laboratório de química. E aí eu montei, tem uma bancada com três balanças diferentes. E eu fiz um ‘aquário’, que nós chamamos aquário de vidro e colocamos para proteger a balança.

**MLMC:** Então, futuramente, você pode relacionar livros didáticos, os livros didáticos de química da década de 70, que provavelmente você vai encontrar aquelas balanças, sabe? Fazer essas relações. Eu tenho feito isso lá na Carlos de Campos e tenho publicado para entender por que aquele objeto está no centro de memória. E tenho feito essas relações com os livros das décadas de 40, 50. É bem interessante. Aos poucos faz... O primeiro é fazer o que você fez, né? Ir organizando, precisa ter os objetos, precisa ter o catálogo. Daí a fase seguinte vai ser essa de você associar livros com documentos de acervo, da escola, ou entrevistas de história oral, como foi essa que abraçou o armário. Essa que abraçou o armário é uma entrevista com ela, é importante para poder entender por que aquele armário está ali, como é que ele era utilizado, em que práticas ele era utilizado.

**EC:** Inclusive tem vários objetos lá dentro. Os dentistas usavam também.

**MLMC:** Uma entrevista com ela vai ser extremamente rico para um artigo.

**EC:** Eu já vou marcar. Assim que acabar a pandemia eu vou ver se consigo entrar em contato com ela. Algo também bastante interessante, eu conversei an-

tes da pandemia com uma pessoa que trabalhava na década de 72, ele foi inspetor. E foi através dele que me confirmou a questão do sino. Porque eu tinha uma certa dúvida. Tem o sino na escola. Todo mundo colocava que o sinal era por sino, mas não temos nenhum registro que é realmente o sino. E aí eu encontrei esses funcionários, um professor conversando com ele, professor José Henrique (José Henrique Furlan Falzone), que tem uma memória da escola, porque ele é um dos primeiros professores, foi diretor por muito tempo. É mais antigo da escola. Então ele só tem um funcionário e tal. E eu conversei rapidamente com esse funcionário e ele confirmou que o sino realmente era o sinal era por sino. Mas por ser do grupo de risco eu também não posso entrevistá-lo.

**MLMC:** Mas de repente você pode fazer uma entrevista se é da escola e ele tem acesso ao teams, você pode fazer entrevista como estou fazendo com você.

**EC:** Não, esse funcionário ele ainda não domina as questões tecnológicas assim. Então eu tenho que ir visitá-lo mesmo em casa dele.

**MLMC:** Entendi. Isso tem acontecido comigo, às vezes eu tenho cancelado eu tenho cancelado entrevistas, porque tem dado problema exatamente por esse motivo. Eu adoraria continuar conversando com você, mas em função das limitações de tempo que nós estabelecemos, eu queria te dizer que eu vou transcrever essa entrevista. Essa entrevista é colaborativa, portanto, eu vou lhe mandar o texto se precisar fazer alguma alteração, revisão. Assim como os termos de autorização também para ficar no nosso museu virtual. E nós depois podemos criar um e-book só com os curadores dos centros de memória.

**EC:** Ótimo.

**MLMC:** De qualquer forma, então agradeço muito você ter concedido essa entrevista hoje para nós.

**EC:** Eu que agradeço e fico assim, a ideia de a gente estar fazendo um estatuto, acho interessante nós fazermos uma entrevista que nós participamos. Eu gostei muito da ideia de o centro de memória ter um estatuto. Então ela está se antecipando, a Júlia, porque eu falei com ela...

**EC:** Não, não é da Júlia, não. Lembra da entrevista que nós fizemos uma lá, que nós participamos de um centro de memória do professor Arnaldo.

**MLMC:** É porque nós vamos fazer um regimento, eu conversei com a Júlia, para o ano que vem, que nem nós discutimos o grupo, criamos o grupo em conjunto, e tudo nós temos discutido em conjunto, inclusive os catálogos. Então, o ano que vem a gente vai discutir com vocês nos clubes de memória para a gente criar os regimentos.

**EC:** Isso. Na verdade, eu não tinha conversado isso com a Júlia. Ficou na minha cabeça por conta dessa...

**MLMC:** Não, mas é bom você fazer isso. É bom você fazer isso, que você vai trazer ideias para nós. Na hora que a gente tiver... É verdade, na hora que a gente estiver propondo, como vai ser uma discussão conjunta para fazer revisão, para sair o texto final, vai contribuir. Porque eu mesma, quando for montar agora o projeto para o ano que vem, eu vou me apropriar do trabalho da Júlia Falivene. Porque a Júlia Falivene, em 2004, por aí, ela já vinha trabalhando essa questão de a gente criar o regimento. Ela, inclusive, falava em estatuto. E até ela falava em criar associação de ex-alunos. Só que para criar uma associação de ex-alunos, a gente precisa estar mais bem regulamentado. Aqueles centros de memória que já existem, eu não estou pedindo documentação. Mas, por exemplo, mesmo esse regimento que a gente vai criar, ele depois também vai passar pelo conselho de escola. Porque cada unidade, a direção é que administra. Então, a gente tem que ir vendo como é que nós vamos fazer esse trabalho. Mas, de qualquer forma, é importante que nem nós estamos fazendo com o Museu Virtual, com os catálogos. Começar a regulamentar. Porque, ao regulamentar, a gente vai poder participar de concursos externos. Coisa que a gente não pode fazer ainda, porque não tem uma regulamentação.

**EC:** A diretora Marli Parra Asato é de História também, da área de História. Então, ela dá total apoio aos centros de memória. Ela, inclusive, ampliou para mais duas salas. Fizemos uma reinauguração, agora, a gente não tem em uma placa. Ele tem um nome, ele chama Centro de Memória Dr. Edson Jorge Geraissate, que foi o fundador da escola. Então, ele tem identidade.

**MLMC:** É muito bom isso. Inclusive, hoje, eu recebi um e-mail de um concurso que teve lá na Espanha. Está no nosso site de memórias, depois você até entra, está em notícias, que o Carlos já hospedou. Lá tem até o regimento para participar do concurso. Tem premiações de museus do Brasil. São museus escolares.

**EC:** Olha que interessante.

**MLMC:** Então, é interessante porque dão ideias para nós e a primeira coisa que ele pedia lá são documentos de regulamentação. Então, nós temos que... É que nem, por exemplo, no SISEM. Não dá para cadastrar se não estiver regulamentado. Então, nós temos que fazer isso. Eu acho que a gente está devagar, mas estamos indo.

**EC:** E estamos caminhando é o nosso objetivo. A gente está nessa linha e a gente vai indo.

**MLMC:** Nosso site tem mais de dez anos.

**EC:** Cada conquista que nós temos por ano é comemorar mesmo.

**MLMC:** Então, assim... Ednéia Chinellato, muito obrigada. Foi um prazer falar com você.

**EC:** A alegria foi toda minha. Foi uma tarde muito gostosa. Queria falar que o Centro de Memória é um espaço muito bom. É um prazer, uma alegria. Obrigada.

**MLMC:** Eu vou interromper, então, a ligação. Um abraço.

**EC:** Outro, tchau. Um abraço.

# 17.

## KATIA VARGAS ABRUCESE

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
Dr. Carolino da Motta e Silva, em Espírito Santo do Pinhal



Katia Vargas Abrucese é graduada em Artes Plásticas pela Puccamp (1984), em Pedagogia (1990), com Pós-Graduação em Psicopedagogia (1994). Lecionou na rede estadual de ensino durante 28 anos, onde durante 15 anos atuou como diretora e vice-diretora de escola. Ingressou em 2008 na Etec Dr. Carolino da Motta e Silva onde ministra aulas de Arte e Filosofia no Ensino Médio Integrado e Ética e Cidadania Organizacional no Curso Técnico modular. É membro do GEPEMHEP desde 2019.



*Centro de Memória da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, em 2020.  
Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Kátia Vargas Abrucese, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista hoje aqui para mim, Maria Lucia Mendes de Carvalho. Hoje que é dia 11 de setembro de 2020, entrevista esta, para o nosso Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, principalmente porque você professora Kátia, é a curadora do Centro de Memória, não só curadora, como a criadora do Centro de Memória, embora esteja conosco há pouco tempo no grupo de pesquisa. Mas, desde o início, você é uma entusiasta e rapidamente conseguiu articular à comunidade escolar, para liberar espaço e para criar o Centro de Memória. Eu gostaria muito, nessa entrevista de história oral de vida, que você nos contasse sobre a sua trajetória enquanto professora, onde você nasceu, como é que foi o seu período de escola, de formação, se foi mesmo em Espírito Santo do Pinhal, se você chegou a estudar na Etec Dr. Carolino da Motta e Silva, como chegou a ser professora nessa escola, como decidiu por essa área de Artes, se teve algum professor que te influenciou e por isso você fez essa escolha. Então, é sobre essa sua história de vida que é importante para nós, professores, que eu gostaria que você contasse. (risos)

**Kátia Vargas Abrucese (KVA):** Está legal. Bom dia, Maria Lucia, é um prazer para mim estar aqui conversando com você, é um prazer estar nesse grupo maravilhoso, que eu tenho aprendido demais, nossa, muito bom mesmo, e me tornar uma pesquisadora (risos). Muito bom. Olha, Maria Lucia, eu nasci em Espírito Santo do Pinhal, eu estudei em escola pública desde o pré-zinho, na época, até o terceiro colegial, já me formei com 17 anos em Cardial Leme aqui, era uma escola maravilhosa, pública. Aí passei com 17 anos em três faculdades, e uma delas foi a PUC Campinas, e aí fui, com 17 anos, cursei a Educação Artística, na época. Sempre gostei de duas grandes coisas, de jogar basquete, apesar da minha altura, de jogar basquete e, de desenhar e pintar, sempre.

**MLMC:** Que ano você entrou na PUC?

**KVA:** Eu entrei em 81, 1981, foi o ano que eu me formei mesmo, no terceiro colegial.

**MLMC:** Você jogava no time de basquete?

**KVA:** É, da Comissão Pinhalense de Esportes (risos). Não tenho muita altura, não, mas eu era muito rápida, viajei muito com a comissão, muito gostoso. Mas nossa, aí a minha mãe ficava brava comigo porque eu só pensava em bola, ela falava assim: – bom, então o castigo da Kátia é só tirar a bola. Ai, nossa, eu queria ter um negócio. Bom, mas enfim, fui para a área de Artes, aí fiquei em Campinas. Morei em Campinas durante sete anos, quis fazer um intercâmbio para a Itália na época, mas claro, de última hora não consegui, de fotografia. Eu gosto muito de fotografia também. Aí acabei, meu pai adoecendo, eu ter que vir para Pinhal, e nesse meio tempo, em 88, a escola agrícola me ligou, que tinha algumas aulas de Artes, e se eu não queria dar aula, que eu já estava formada, tudo. Aí vim, vim

para Pinhal, eu morava em Campinas, vim para Pinhal, e aqui fiquei, voltei. Voltei e fiquei, de 88 na agrícola até 93. Aí como surgiu aquela história da escola padrão, eu acabei fazendo a opção, porque a gente estaria assim, ficando só em uma escola, que era uma loucura. A gente tinha professor que fazia em três, quatro, cinco escolas, era uma loucura. Quase uma, uma por dia, sabe? Escolas diferentes durante a semana, era uma verdadeira. Aí eu fiz a opção, eu já estava em quatro escolas. E aí eu fiz a opção para ficar em uma só e ganhar 30% a mais. Aí eu acabei ficando na escola padrão e deixei a agrícola. Em 94, ela saiu da Secretaria de Educação para o Centro Paula Souza, e eu volto depois, acho que foi em 2004, numa substituição, fiquei dois anos. Em 2008, eu voltei e aí já fiquei. Estou lá até hoje e pretendo, assim, ficar bom tempo ainda. Quando foi há dois anos...

**MLMC:** Mas agora você é indeterminada?

**KVA:** Sou, sou indeterminada. Há dois anos, eu tomei pé desse projeto, de vocês, do Centro Paula Souza. E eu vendo aquela escola, como há muitos anos eu já conhecia, e aí eu fiquei olhando aquelas coisas todas, eu falei: – Senhor da Glória, como é que nós vamos fazer para esse negócio aqui não ruir de vez? Vamos ter que fazer alguma coisa, aí foi que eu pedi para o meu diretor um aval para eu fazer alguma coisa desse gênero, que era salvar a memória da escola. Aí fui e mandei para você o HAE. Todo o objetivo do qual queria, do que eu pretendia. Muito crua, porque nunca tinha me aventurado a uma coisa dessa, aí eu falei: – meu Deus, me ajude. Apanhei bastante no começo, porque o meu viés de olhar as coisas, não é como historiadora, é como artista. Então eu focava muito mais na parte artística do que na parte de historiadora.

**MLMC:** Você conheceu até o grupo através da professora Vera Vecchiarelli, não foi?

**KVA:** Foi, foi.

**MLMC:** Porque eu lembro que ela conversava comigo assim, ela falava assim: – olha, tem uma professora, eu acho que ela teria que vir trabalhar conosco. E daí eu falava assim: – faz o convite, faz o convite. Eu falei, até porque a escola dela é a primeira escola agrícola de 1935. Eu falei assim: – eu tenho um sonho com aquela escola. E daí foi uma alegria você ter vindo trabalhar conosco.

**KVA:** Nossa, que bom, eu fico muito contente, Maria Lucia. Assim, espero estar fazendo as coisas a contento. Mas olha, a gente aprende, a gente vai aprendendo conforme a música toca, a gente vai dançando. (risos) Mas então, estou amando fazer esse trabalho, tenho descoberto muita coisa, muita coisa. Inclusive, numa entrevista que eu fiz, assim, informalmente, com a neta de um ex-aluno da escola, ela vai e me mostra este livro: olha que maravilha.

**MLMC:** De 1937.

**KVA:** De 1937, nossa, foi um achado, porque aqui a gente foi desenvolvendo, desenrolando e eu perguntando: olha, foi uma coisa maravilhosa. Aí ela mostrou para mim jornais que o avô dela compilou e encadernou, sabe? Fantástico, fantástico. Então, eu colhi muito material. Para esse outro artigo, esse último artigo aqui sobre o primeiro diretor da escola, que permaneceu durante 30 anos, ele se aposentou ali. Nossa, os feitos desse homem foram fantásticos. Inclusive, eu acabei entrevistando a neta desse diretor.

**MLMC:** Como é que é o nome do diretor?

**KVA:** Professor Coelho. Francisco da Silveira Coelho. E aí ela foi contando uma porção de coisas e no meio dessas coisas, olha, veja bem, muito interessante: – o presidente Eurico Gaspar Dutra, juntamente com o seu ministério, através de um amigo, que era pinhalense, veio para Pinhal no dia 25 de agosto de 1949. Olha isso, para, como fala? Fazer..

**MLMC:** Inauguração.

**KVA:** Uma inauguração, isso. Da praça onde tinha o busto do Duque de Caxias. Está aqui ainda. Maravilhoso. Um busto realmente artístico.

**MLMC:** E quem fez esse busto? Foi algum artista local?

**KVA:** Não, não. Não foi o local, não. Eu não estou me recordando agora o nome do artista, mas eu vou procurar saber e te falo. Então, veio ele e os ministros todos, Chefe da Casa Civil, Ministro do Trabalho, Ministro da Marinha, Ministro da Guerra.

**MLMC:** E isso você tem fotos?

**KVA:** Tenho. Tenho fotos.

**MLMC:** Em matéria de jornal, é isso?

**KVA:** Em matéria de jornal e fotos mesmo. Fotos. Do qual eu também vou fazer aí... Melhor, eu coloquei no meu artigo as fotos.

**MLMC:** Ele chegou a visitar a escola?

**KVA:** Então, a foto que está lá é na escola, no bosque da escola. Está o presidente, está o governador, está o diretor da escola e os ministros todos atrás. É fantástico, né? Então, Pinhal não pode deixar morrer toda essa história. Então, por essas e outras histórias, é que eu venho aí trabalhando com... Nossa, com muito prazer mesmo, para estar divulgando essa riqueza que nós temos aqui, que tivemos outrora e espero que a gente consiga fazer alguma coisa para salvar guardar mesmo essa história.

**MLMC:** Uma coisa que a gente precisaria fazer aí, eu sei que não é tão simples, mas envolver algum professor da área de agricultura, como é o Paulo Sacchi, lá em Mirassol, para trabalhar um banco de sementes.

**KVA:** De sementes? Eu andei conversando, a gente fez uma reunião no começo do ano, que eu expus o meu trabalho e coloquei das sementes crioulas, lembra?

**MLMC:** Isso.

**KVA:** Você mandou, e aí, como estávamos todos na reunião, os agrônomos, os veterinários, todos, aí eu falei sobre esse trabalho: esse projeto, que seria muito importante, para que a gente também pudesse dar uma alavancada na própria escola.

**MLMC:** Por que estou te perguntando isso? Assim, até eu propus para o ano que vem, como a Sueli (Sueli Mara Oliani Oliveira Silva) também é da área de Artes, ela tem mais de 80 sementes. Esse catálogo das sementes só com as fotografias, eles estão no nosso site, no link em Centros de Memória, no Centro de Memória de Mirassol. Mas ela vai ampliar esse trabalho para produzir um catálogo, até um e-book artístico.

**KVA:** Nossa, maravilha!

**MLMC:** Por isso, assim, daí ela começa o ano que vem e, de repente, é a hora que começar a fazer esse projeto. Porque daí a gente vai criando os e-books.

**KVA:** Sim, sim.

**MLMC:** E a questão das sementes, elas têm relação com o local, com a região, com o solo da fazenda.

**KVA:** Eu estou tentando, viu, Maria Lucia? Você não fica triste, não.

**MLMC:** Não, a gente vai de grão em grão (risos). Sem dúvida, sem dúvida.

**KVA:** Mas é isso, essa minha trajetória aqui de vida está sendo gratificante, muito.

**MLMC:** Eu percebo que você também envolve os alunos pelas fotografias no seu relatório. E como é que é esse trabalho com os alunos? Como é que eles se sentem?

**KVA:** Olha, quando é segunda-feira, agora. Segunda, não, quarta-feira. Quarta-feira, um dos meus pupilos, monitores, falou assim: – professora, que delícia, eu precisava, eu preciso... Porque eu, mesmo remotamente, eu tenho colocado algumas coisas para eles do que eu estou fazendo. Então, a gente montou um grupo no teams para poder a gente conversar um pouco. A gente marca um horário para a reunião e a gente conversa a respeito disso. E aí ele falou: – professora, eu não estou acreditando que esse vai ser o meu último ano. Eu falei: – não, por isso não, vai. Você pode continuar? Mesmo...

**MLMC:** Exatamente. Porque futuramente a gente precisa criar umas associações de amigos do Centro de Memória.



*Kátia Vargas com os monitores de memórias difundindo o Centro de Memóriza da Etec Dr. Carolino da Motta e Silva no auditório da escola, em 2020.*

*Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**KVA:** É maravilhoso, então, e eles disseram: – professora, a gente não quer deixar. Aí teve um ex-aluno meu que sabia, quando ele saiu da escola já há três, dois anos, dois anos ele saiu da escola, eu estava no início desse meu projeto. E aí ele veio me entrevistar, pediu alguns dados para colocar no TCC dele, sabe. Então,

eu achei uma belezinha. Aí eu pedi para ele, quando terminasse, mandar para mim. Para eu ver, porque ele está fazendo história.

**MLMC:** Uma coisa que seria interessante é verificar a possibilidade de escanear esse livro que você tem.

**KVA:** Ah, sim.

**MLMC:** Porque daí a gente coloca no seu Centro de Memória virtual. Porque daí dá para você trabalhar com os alunos, quando você... Ele fica de documento escaneado, como ele é institucional, a gente pode fazer isso. Não precisa pedir autorização para ninguém. É verdade.

Tem algumas coisas que são superinteressantes, mas como não é institucional, a pessoa tem que consultar no Centro de Memória. Mas o que é institucional? E mesmo... Eu mesmo, esse livro que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) utilizou agora no nosso último Clube de Memória, que eu comprei no sebo, porque eu fico procurando, sabe? Eu fico procurando sempre no sebo online. Foi assim que eu achei várias coisas. Mas daí eu achei tão importante aquele livro, que é a criação do curso técnico na Getúlio Vargas. Você vai ler, você vai ver. E é uma proposta que também ele fez em 37, para envolver os sindicatos, para envolver as empresas. Por isso que o Horácio da Silveira é homenageado pelo Senai. Porque ele foi um precursor para envolver as empresas para a formação do trabalhador.

**KVA:** O trabalhador, não é, gente? É fantástico. Fantástico.

**MLMC:** Então, se você tiver algum pupilo, tiver a possibilidade, você escaneia, vai ficar em PDF, e a gente coloca no seu link do Centro de Memória.

**KVA:** Perfeito, farei isso.

**MLMC:** Agora, conta mais da sua atividade como professora, das turmas.

**KVA:** Olha, assim graças a Deus eu tenho um bom contato com os alunos. A gente fala a mesma língua. Então, é fácil você envolvê-los naquilo que você está pensando. Claro, não é a maioria, mas são pessoas que têm um olhar diferente, têm gosto pelo que fazem. Então, eu vou me envolvendo com eles assim: por dar Artes, eu sou um pouco... Como é que eles falam? Ah, professora, você é meio doidinha. Não, só um pouquinho, pouca coisa. É pouquinho coisa. Mas eu acho que é pelo próprio jeito de vida mesmo, de encarar as coisas, a gente vai deixando as coisas um pouco mais suaves. Então, eles acabam...

**MLMC:** Conversar em cultura é impossível, quando eu vejo tirarem a verba da cultura, como a gente está passando atualmente, é uma tristeza, porque a cultura te permite refletir. Eu acho que é por isso que os alunos gostam de Artes como você falou.

**KVA:** Eles se envolvem.

**MLMC:** Porque eles têm vários caminhos.

**KVA:** Sim, vários.

**MLMC:** Tem diálogo, não é?

**KVA:** Sim, a gente para ouvir. Infelizmente, tem muitas professoras que acabam não fazendo isso. Não parando para ouvir os anseios. Claro que a gente não vai abrir, mas que dê um norte para que eles consigam se situar no espaço e no tempo, porque está difícil. Hoje, quando a gente se reúne pelo teams, eles falavam para a professora como está difícil. Eu falei: – olha, gente está difícil, mas vai melhorar. Nós não podemos perder a esperança que as coisas melhorem.

**MLMC:** Até porque nós não temos outra saída nesse momento. Não, se você sair à rua, você está se arriscando.

**KVA:** Exatamente. Então, respondo, colocando você e outras pessoas em risco. Exatamente. Então, a gente tem que ser cautelosos para que as coisas acabem bem.

**MLMC:** Eu acho que ainda bem que a Paula Souza já tinha parceria com a Microsoft. Então, nós conseguimos, com todas as dificuldades que cada um de nós tem com a tecnologia, porque a gente não estava utilizando isso de forma rotineira. E, mesmo a própria Microsoft, eu lembro que eles foram também melhorando o teams, até agora, e continuam trabalhando dessa forma.

**KVA:** Olha, é fantástico. Eu estou gostando, porém é cansativo, claro, porque a gente não tinha, eu não tinha, essa coisa do computador. Eu gosto mais de mão na massa, vamos, faz e tal. Aí a hora que você para, é obrigada a parar, e dá um opa, agora vou ter que encarar isso aqui, quer dizer, é mais um aprendizado, é mais um desafio da gente estar tentando aqui se organizar, para poder conseguir fazer com que eles se sintam motivados ainda para produzir, para aprender. Não está sendo fácil, mas...

**MLMC:** Então, eu imagino, eu tenho conversado sobre isso com os professores. Você, por exemplo, quantos por cento participam da sua aula?

**KVA:** Então, as classes que mais participam, nós temos quatro cursos integrais, que são: Agropecuária, nós temos a Informática para internet, quatro, não, três, e Meio Ambiente, só esses três. Aí são quatro turmas por ano que entra, tá. Os que mais entram são segundo e terceiros anos, de Informática para internet e de Meio Ambiente. O Agropecuário são dois, três. Os outros são mais, dez, doze, o Meio Ambiente chega até uns quinze, entendeu? Mas não mais que isso.

**MLMC:** Principalmente por quê?

**KVA:** Não imagina, principalmente porque os alunos, os pais perderam o emprego, estão saindo para procurar emprego para poder ajudar em casa. Sabe? Então, nós temos, assim, uma gama de situações que é complicada. Então, como

fica gravado, as aulas, os links que a gente coloca de vídeos e textos, eles podem acessar à noite quando chegam em casa.

**MLMC:** Então... Era isso que eu ia te falar, você sabe, porque, assim, antes de começar a trabalhar com memória, eu trabalhei dez anos com segurança alimentar. E nesse período, assim, tinha parcerias, visitei escolas agrícolas. Como eu sou engenheira agrícola, era um prazer trabalhar nessa área. E o que eu sentia nas escolas agrícolas era dificuldade, realmente. Assim, os alunos vinham para as nossas escolas, mas eles tinham problemas financeiros; às vezes, inclusive, tinha problemas até de transporte. Assim, para ele chegar na escola, era só aquele horário. Se não estivesse ali naquele horário, não tinha.

**KVA:** E vou te falar uma coisa, Maria Lucia. A gente abriga 160 alunos internos. Porque aqui nós temos, tanto feminino quanto masculino. Nós temos, aqui pela região, muitos alunos que não têm condição de pagar os ônibus fretados para chegar até a escola por ser uma fazenda. Então, nós temos, assim, 160 alunos esse ano, que estão fazendo, nossa, um sacrifício imenso, porque os gastos em casa ficaram maiores. Porque não estão mais na escola, e assim, a alimentação, o dormitório, ficava mais barato para os pais. Agora, eles retornando para casa, o gasto com comida foi maior. Então, muitos têm que realmente ir trabalhar para ajudar em casa. Olha, são situações assim, que nem o Centro Paula Souza, disponibilizou os chips, porque tem alunos que não têm internet, tem o telefone, mas não tinha internet. Tem vários alunos nossos que moram na roça, e não chega, não dá, não tem cobertura.

**MLMC:** Eu cheguei a vivenciar, na época que eu estava no Programa Mais Alimentos, era um projeto grande, envolvia a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral) proposto inclusive pela Embrapa, e envolvia o Centro Paula Souza. E eu cheguei a visitar vários municípios que estavam envolvidos no projeto, e um deles, o Paula Souza abriu uma escola no período da tarde para um curso de Agroecologia, tipo descentralizada, ocupando uma escola pública para oferecer o curso. Então, montou tudo, ficou tudo certinho. Estranharam numa visita que eu fiz, o secretário falou assim: – não, acho que não teve nem cinco inscrições. Ele falando comigo. Eu falei: – mas não é possível, aqui é uma região agrícola, qual é o motivo? Olha o motivo: – o ônibus só passava de manhã, e depois voltava à noite. O período da tarde não tinha ônibus. Quer dizer, quem planejou o curso lá? Isso envolve o governo local.

**KVA:** O planejamento local, sem dúvida.

**MLMC:** Não percebeu isso, quer dizer, a escola tinha disponibilidade no período da tarde para ser descentralizada, mas os alunos não tinham transporte. Então, são N dificuldades, inclusive, eu me espantei nessa época, porque a gente fica só na capital, na cidade, você não tem noção, mesmo em São Paulo, a gente tem bolsões de pobreza, a gente tem dificuldades enormes, e que precisam ser superadas.

**KVA:** Pois é, é uma briga isso. Mas aqui a gente tem feito, o nosso diretor vai até as cidades vizinhas e conversa com o prefeito para ver a viabilidade de um transporte um pouco mais em conta para os alunos e bolsa transporte para quem não tem condição mínima de pagar. Então, a gente vai trabalhando desse jeito, mas é um custo, nossa!

**MLMC:** Mas eu acho importante esse registro, porque é o seguinte: – quando a gente estuda história da educação, eu me lembro que Horácio da Silveira, que foi diretor da Carlos de Campos, ele veio em 1923, e depois foi nosso primeiro superintendente. Ele, em 1918, ingressou como diretor na escola de Amparo. E ele foi negociar com a empresa ferroviária para os alunos não pagarem para poderem vir para a escola.

**KVA:** Para a escola!

**MLMC:** Não sei te dizer se é uma escola agrícola, não é bem uma escola agrícola, é um liceu. É um liceu.

**KVA:** Isso. Amparo é um Liceu...

**MLMC:** E depois, logo em seguida, como eu trabalho no campo da alimentação e nutrição, as minhas pesquisas, eu até no primeiro artigo que eu escrevi sobre o Horácio da Silveira, em 2010, que está no nosso primeiro livro, eu fiz questão de colocar a questão da sopa escolar. Porque os alunos passavam o dia inteiro na escola e eles tinham que comer. Então, o Horácio da Silveira começou a promover a sopa escolar lá, tudo articulado. E daí está escrito assim, com a sopa escolar, vinha dois quilos de pães (risos). Eles comiam muito pão, era uma época de desnutrição, e daí quando a gente conversa hoje, que nem eu contei um caso, você contou outro, a gente percebe que nós continuamos com uma série de dificuldades, ainda referente às mesmas coisas: alimentação escolar nas escolas, transporte, e a dificuldade das famílias, e a necessidade das famílias de que seus filhos estudem, para manter essas crianças no campo, ainda mais agora com essa mudança no mundo do trabalho, que cada vez é menor, então a gente tem que buscar outras saídas.

**KVA:** É, sem dúvida. O que eu posso ajudar, nossa, eu estou lá, eu sempre estou acudindo um, acudindo outro, vamos lá, professores vão fazer isso, vão fazer aquilo, e a gente vai trabalhando. Porque, nossa, você vê, como eu dou Artes, na época, em 88, quando eu entrei no agrícola, eu trabalhava com eles assim, bimestralmente, mais atividade prática do que propriamente a história da arte, como a gente faz hoje. Então, eu ensinava para eles, selaria, né? Coisa de selaria, corda, barro, tudo que a gente tinha ali, entendeu? Para poder ir trabalhando com as coisas da terra. E madeira, esculpia, montava, a gente, aliás, nós temos até hoje desativado, né? Porque agora ninguém pode fazer nada, porque é trabalho, né? É trabalho, então é um negócio meio complicado. Mas, na época, a marcenaria, a gente cortava na serra de tico-tico, sabe? Olha, era maravilhoso.

**MLMC:** Eu imagino, e eu entendo o que você está falando, porque, assim, eu fiquei um ano e meio em sala de aula com os alunos na Carlos de Campos, depois que eu fui para a coordenadoria, trabalhar com professores. Mas, esse um ano e meio, que eu fiquei em sala de aula foi extremamente rico, porque, assim: – eu também sou do fazer. O currículo é fundamental, eu acho que ter política pública nacional de educação é fundamental. Agora, o currículo não é uma camisa de força, o currículo, eu acho, ele nos orienta. Então, vamos supor, eu tenho que falar de história da arte, eu vou falar de história da arte. Mas, nós somos muito do fazer. Mesmo eu, de tecnologia dos alimentos, assim, eu via a necessidade dos alunos, o que o mercado estava precisando do técnico de nutrição, eu ficava, todo ano, eu ficava propondo práticas que tivessem relação com a empregabilidade. Porque os nossos alunos vão fazer curso técnico, porque eles querem trabalhar, né? Então, eu ficava dosando, sabe, entre prática e teoria.

**KVA:** É para entender.

**MLMC:** Você tem que despertar o interesse do aluno.

**KVA:** Sem dúvida, aí nessa época, no ano seguinte, então eu ensinei, a gente fez, como é que fala? Moldura de macramê em espelho, a gente fez pêndulo para vaso, a gente fez cortina, nossa, eu fiz uma delícia. Na época a gente não fotografava nada, a gente não tinha nem celular, então tinha que levar a máquina, quem que levava a máquina? Ninguém. Hoje em dia, a minha ex-aluna, que mora na Holanda, a Marisa, ela era de Mogi Guaçu, é uma cidade perto aqui de Pinhal. Um dia ela chegou em casa, não em casa, ela chegou na escola, me abraçou, falou assim: – aí professora, eu vou contar para a senhora que os trabalhos que eu fiz aqui, que eu levei para a feira em Mogi Guaçu, fez a minha família ter o que comer durante a semana. Menina, mas eu chorei tanto, mas eu chorei tanto, falei: – nossa senhora, Marisinha, então vamos produzir mais não sei o que, aí a gente fez, sabe? Um monte de coisa, de trabalho extra, que eu acabava ficando um pouco além do horário de aula, acabavam as aulas, com eles fazendo uma macramê né? Para ela poder levar para a feira em Mogi Guaçu e ajudar a família dela. Hoje, graças a Deus, ela está super bem, mora fora do país, quando vem para Mogi Guaçu, ela vem para Pinhal, vai lá na escola e olha, é gratificante.

**MLMC:** E é por isso que nós continuamos professores. Eu também vejo isso, são pequenas coisas que nos motivam. Eu estou velhinha, mas eu não vou desistir (risos), porque assim, eu não sei se eu iria viver sem esse ambiente nosso.

**KVA:** É a coisa mais gostosa, é sacrificante, Maria Lucia? Por tudo, porque a gente, infelizmente, nós não somos bem remunerados. Eu fui professora da Secretaria da Educação também, me aposentei por lá. Lá eu fui professora e diretora de escola, diretora durante 13 anos. Mas, olha, eu vou falar um negócio para você: – eu sou apaixonada pelo que eu faço, então as pessoas falam assim: – mas por que você sabe pintar, você sabe fazer isso, fazer aquilo? Você podia estar mui-

to melhor. Então, gente, eu não sei, o muito melhor financeiramente pode até ser, mas eu como pessoa, não vejo...

**MLMC:** Eu também gosto de trabalhar o coletivo, viu? Eu também. Eu gosto de estar no meio do pessoal, de estar trocando ideias.

**KVA:** É a história que tem, aí, briga, fala: – nossa, vocês hoje não querem saber de nada, não sei o que. E os alunos falam professora hoje, e eles falam: nossa professora, hoje a senhora estava brava, hein? Alguém tem que fazer alguma coisa? Eu amo o que eu faço, então... E quanto ao grupo de pesquisa, nossa, gente, eu não me imaginava fazer isso, mas eu fui me apaixonando tanto, que eu estou aqui, assim, e não pretendo parar.

**MLMC:** E vira um hábito, você vê que cada vez que a gente vai escrevendo, assim, a gente vai melhorando. É um treinamento, por isso que eu sempre insisto. Eu começo com um pôster e depois eu falo: – vai escrevendo, vai escrevendo. Eu sei que a pessoa, ela... Até porque todo esse material, esse conhecimento que você tem, tem que difundir.

**KVA:** Sim, é muito bom. Não pode ficar guardado, não. As pessoas... Ninguém sabia quem era Carolino da Motta e Silva. Ninguém sabia. Tem um nome lá, mas e daí?

**MLMC:** Olha, eu adorei ter feito... Agora, assim que... Eu estou com dois ou três livros para sair. Estou com um na gráfica agora.

**KVA:** Que maravilha!

**MLMC:** E ainda bem. Eu sou sempre assim, quando põe na gráfica, eu já corro para organizar o outro.

**KVA:** O outro?

**MLMC:** É. E daí, eu acho que aquele evento que nós fizemos o ano passado, o do patrono, ele foi muito importante. Muitos professores ficaram gratificados e eu, principalmente, de ter toda essa história. Então, a gente tem muito o que fazer na instituição. O que é bom. Katia, eu vou ter que interromper a nossa gravação, porque eu, por causa que estipulei mais ou menos um tempo. Porque você, também, que trabalha com história oral, sabe quanto tempo a gente leva para transcrever, vou transcrever essa entrevista, vou te mandar os termos de autorização.

**KVA:** Obrigada.

**MLMC:** É um trabalho colaborativo. Então, vai ter alguns acertos, você vai fazer. É um trabalho coautoria. Mas eu agradeço muito você ter concedido essa entrevista hoje para nós, do Centro de Memória da Paula Souza.

**KVA:** É, mulher, eu que fico gratificada, viu? Gratidão eterna.

**MLMC:** Obrigada.

**KVA:** Obrigada, tchau. Tchau, querida.

# 18.

## **LIENE CUNHA VIANA BITTAR**

Acervo escolar da Faculdade de Tecnologia  
Dr. Thomaz Novelino, em Franca



Liene Cunha Viana Bittar possui doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2003). Professora da Fatec Franca, tem experiência na área de Letras (Literatura) e Comunicação Social, com ênfase em Comunicação Empresarial. Atua principalmente nos seguintes temas: comunicação empresarial, comunicação e expressão, literatura portuguesa, literatura e história, estudos culturais, análise literária, educação a distância e metodologia da pesquisa.



*Fachada da Fatec Dr. Thomaz Novelino.*

*Fonte: Arquivo pessoal Liene Cunha Viana Bittar, em 16/04/2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, professora Liene Cunha Bittar. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para o nosso Programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”, projeto esse que é coordenado por nós, do Grupo de Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica, e que está no nosso site de memórias em percurso histórico. Nesse momento de pandemia, eu contatei os professores do nosso grupo, estou contatando, para que a gente possa realizar essas entrevistas de história oral de vida. Então, eu gostaria muito que você deixasse registrado hoje, que é dia 29 de setembro de 2020, essa entrevista para o nosso Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, contando sobre a sua história de vida. Onde você nasceu? Onde estudou? Qual foi o seu percurso? Como é que foi o seu percurso também para ingressar na Fatec Dr. Thomaz Novelino, em Franca. Você começou a atuar com maior frequência no nosso grupo em 2018, e como tem sido esse trabalho de busca de constituição do Centro de Memória na sua instituição?

**Liene Cunha Viana Bittar (LCVB):** Boa tarde, Maria Lucia, obrigada pelo convite. É um prazer participar do grupo e é um prazer conceder essa entrevista. Uma atividade que eu tenho feito bastante na vida ultimamente que é participar do grupo de memórias, e gosto demais disso, gosto muito. Então, sempre que eu penso, estou fazendo muitas coisas, eu preciso eliminar alguma coisa, o grupo de memórias eu sempre coloco de lado, falo: – isso eu não posso tirar, porque é um grande prazer trabalhar com a História, a Memória da Educação, e especificamen-

te da Educação Profissional, que sempre foi algo muito distante da minha vida, mas hoje faz parte totalmente da minha história já também. Eu nasci em Lins, mas eu morei no estado de São Paulo inteiro, em todos os cantos do estado, porque meu pai era engenheiro da CESP, então ele construía barragem, e acabava, a gente mudava, então era nômade. E quando eu acabei o colégio, eu fui fazer, eu nunca tinha pensado em ser professora, eu sempre amei literatura, amei história, amei geografia, mas eu nunca tinha pensado em ser professora. Então, eu fui fazer jornalismo, quando eu acabei o colegial, lá na UNESP de Bauru. Fiz dois anos, e achei que não era aquilo que eu queria para a minha vida. Fiquei um tanto decepcionada, porque eu era muito idealista, e eu comecei a perceber que aquilo era uma profissão como qualquer outra, que eu não ia mudar o mundo sendo jornalista. Na verdade, hoje, eu acho que foi até um exagero meu, mas foi uma decepção, e eu resolvi ser professora, como a minha mãe, que era professora de português e inglês, e fui fazer a faculdade que ela fez, que foi a UNESP de Araraquara. Então, muitos anos depois, eu voltei para a faculdade dela. Eu prestei vestibular de novo, e fui fazer Letras, até porque eu estava em dúvida, então, eu larguei a faculdade, eu prestei primeiro, aí, quando eu entrei, eu fui lá e cancelei minha matrícula em jornalismo. E, na faculdade, eu fui fazer também as línguas que a minha mãe fez, que foram inglês e alemão, e assim, mais ou menos, seguindo o rastro dela. Mas eu...

**MLMC:** Que ano foi isso, Liene?

**LCVB:** A primeira vez que eu entrei no vestibular foi em 88. Aí, eu entrei em Letras em 90. Nossa, faz tempo! Faz bastante tempo. Mas foi muito legal quando eu entrei, porque essa história de professor, muitos dos meus professores foram colegas da minha mãe ou foram professores dela ainda. Então, eu lembro, quando eu fui fazer a matrícula, minha mãe me levou, e aí, ela foi para as salas dos professores enquanto eu fazia a matrícula. Daí, já voltou com um monte de gente para me conhecer. Foi muito gostoso, assim, sabe? Foi... Era como estar em casa, né? No final, eu acabei ficando 13 anos lá na UNESP de Araraquara, porque eu acabei a graduação, já fui fazer o mestrado, depois o doutorado, e eu fiquei... Era a minha casa mesmo. Quando eu acabei o doutorado e não tinha concurso para mim lá, eu chorei muito, porque eu me senti uma filha rejeitada. Eu falei, nossa, eu fiquei uma parte enorme da minha vida aqui, agora eu vou embora. Como que eu vou embora, né? Eu não sabia o que fazer, porque desde que eu resolvi fazer Letras, eu nunca pensei em ser professora. Eu queria fazer pesquisa. Eu sempre gostei de literatura e queria fazer pesquisa. Entrei na faculdade para isso. E eu achava que eu não ia me dar muito bem dando aula, não. Mas, quando eu acabei a faculdade, eu vi que o mundo é diferente. Na verdade, eu comecei a trabalhar um pouquinho, eu dei aula um ano antes de entrar no mestrado, porque eles colocaram uma regra lá que a gente tinha que ter um ano depois de formado para poder entrar no mestrado. E aí eu acabei dando um ano de aula para criança. Foi o único ano que eu dei no estado para criança.

**MLMC:** Mas era em Araraquara mesmo?

**LCVB:** Não. Aí eu fui dar aula em Ibitinga, que é a cidade onde minha mãe estava morando, porque foi onde eu tive facilidade de conseguir pegar aulas. Daí eu consegui pegar bastante aulas, assim foi bem tranquilo. Araraquara até tentei, mas eu não consegui. Ela tinha mais concorrência, era diferente. E aí eu acabei indo para lá, mas o ano todo eu fiz o mestrado já como especial. Então, eu ficava uma parte da semana em Araraquara, uma parte da semana em Ibitinga para dar aula, porque eu não tinha bolsa ainda, não tinha entrado oficialmente. Mas, durante a graduação eu já fazia iniciação científica, então eu já tinha meu orientador, meu projeto. No fim da graduação estava tudo prontinho. Eu só não pude oficializar a entrada por causa dessa regra que eles instituíram. Foi naquele ano, inclusive, e tinha mais dois colegas que queriam prestar. Um deles é até professor da Federal de São Carlos agora. E a gente não pôde entrar. Nós três ficamos, ah, que droga! Porque nós três com tudo prontinho para entrar já. Foi muito... E eu tinha, assim, eu me acostumei muito a estudar. Então, era minha profissão. Tenho uma curiosidade, assim que eu entrei no mestrado, eu me casei com um colega meu do mestrado e nós fomos morar numa casa em Araraquara que o pai dele comprou para a gente. E hoje, meu filho mora lá nessa casa com a namorada e quando eu vou lá eu fico maluca. Por quê? Até eu fui faz menos de um mês e eu falei filho: – mas aquele quarto menor é o quarto do escritório, porque ele estava reclamando que está ruim para estudar, não tem espaço bom para ele estudar. Eu falei: – filho, mas o quarto é para você fazer seu escritório, onde ele fez um roupeiro no quarto. E eu falei: – coloca seu computador aqui, que era aqui que ficava o meu, a minha mesa. Aí ele fala: – mãe, aqui não é mais a sua casa. Eu esqueço, porque foram anos tendo como profissão estudar, eu tinha bolsa, tanto de mestrado quanto de doutorado, então eu fiquei estudando bastante tempo, todo dia acordava, trocava de roupa e se sentava para estudar, isso que eu falo com os alunos.

**MLMC:** Que ano você casou?

**LCVB:** Deixa eu pensar: – é que eu confundo 2000 com 90, Maria Lucia, uma coisa de idade. 93 foi 94. 94, tá. Faz bastante tempo, meu filho já é bem moço, ele nasceu em 98. Então eu vou lá e eu me vejo estudando, é uma casa pequena num condomínio, assim, num bairro, e eu tenho muita saudade daquela época. Fiz muitos amigos no mestrado, a gente viajava junto demais, eu ia para congresso todo mês, foi um tempo muito produtivo. E eu não tinha noção do que seria ser professora nessa época, porque agora, inclusive no mestrado, eu não sei, eu sei que no doutorado tem que ter uma experiência docente, uma parte, mas naquele momento não existia isso. Acabei o doutorado em 2003, faz muito tempo. Então, assim, eu era pesquisadora. Quando eu entrei no doutorado, eu comecei a dar umas aulas também, paralelamente, e comecei em faculdade particular, foi meu primeiro contato com um tipo totalmente diferente de aluno do tipo que eu era, e dos meus colegas, das pessoas que eu conhecia, foi bem chocante, um choque de

realidade mesmo. A universidade tem uma diferença muito grande em relação a faculdades particulares. Eu tive uma dificuldade de adaptação inicial, já comecei achando um ambiente muito diferente daquele no qual eu estudei. Mas, com o tempo, a gente vai se acostumando. E dei aula de muitas disciplinas, inclusive literatura, que é minha área de formação. Eu comecei dando aula e parei no curso de Letras, porque eu me sentia muito frustrada, porque aquilo que eu estudei eu não conseguia. Os alunos, sabe, eu precisava simplificar bastante as coisas, e eu achei muito ruim. Aí eu comecei a dar aula de metodologia científica, de comunicação e expressão para cursos como engenharia, biomedicina, cursos variados, e eu gostei muito mais. Eu achei muito mais interessante, eu achei que eu produzia muito mais lá do que tentando ensinar literatura para os alunos de Letras da universidade particular. E eu acabei mexendo mais ou menos nessa área, tanto que até hoje são as minhas principais disciplinas, e comunicação empresarial, que é a menina dos meus olhos hoje, é o que eu adoro dar aula. Então, eu dando aula em faculdade particular, entrei em colégio também, cursinho, comecei a dar aula de redação, e eu acabei ficando assim, virei professora, uma coisa que eu não imaginava que aconteceria. Virei professora ainda até de cursinho, de salas com 120 alunos, eu achava que eu nunca ia fazer isso, não. Porque é uma... ser professor é um... é muito diferente da gente saber a matéria. É mais ou menos a gente virar, assim, um MC, né? O mestre de cerimônias. E eu sou supertímida, achei que eu nunca fosse conseguir fazer isso. Mas no final...

**MLMC:** Mas você sabe que até hoje, quando eu vou dar aula, que eu entro num clube de memórias, assim, eu me preparo um dia antes, eu não sei se as pessoas percebem isso, mas eu me preparo, eu releio o texto, eu fico imaginando o que nós vamos falar. Ser professor não é fácil. (risos)

**LCVB:** Não, não mesmo. Eu sempre comento isso, porque em alguns dias nós não estamos, assim, super bem, né? E na sala de aula tem que ficar super bem, então não dá para você: – Ah, eu estou muito triste, eu estou com dor, estou preocupada. Isso tudo não pode existir na sala de aula. A gente tem que virar mesmo o mestre de cerimônias e levar tudo, levantar a sala. E eu continuo sendo muito tímida. Então, olha, é muito engraçado você falar isso entre pessoas que estão juntas há bastante tempo já. Que participam lá do grupo. Na verdade, eu comecei no grupo em 2013. É que eu ia, assim, mais às reuniões, fazia meus trabalhos, eu não me metia muito. Mas a gente ainda fica preocupado muitas vezes, e tem essa questão, acho que a responsabilidade é isso que você falou.

**MLMC:** Eu acho que é a questão da responsabilidade, porque mesmo no nosso grupo sempre tem novatos. E os novatos, às vezes, eu percebo isso durante a oficina, eles falam esse grupo aí está formado. Porque a gente acaba discutindo referenciais teóricos, conceitos que nós já assimilamos bem. E para um novato ele se sente um peixe fora d'água.

**LCVB:** É verdade.

**MLMC:** Você fica assim, o que eu faço? Por onde que eu vou? Porque também eu não posso me dedicar só àquele grupo novato e deixar o grupo, porque na verdade a oficina é um espaço de reunião, é o único espaço que a gente tem de reunião presencial de professores que vêm de longe para desenvolver o nosso trabalho, no dia a dia nas nossas instituições. Então é uma responsabilidade, que é o que você falou, a gente é meio mestre de cerimônia o tempo todo tendo que coordenar ali o evento.

**LCVB:** Exatamente, você tem essa dupla responsabilidade, de não deixar o pessoal antigo desanimar e enturmar o pessoal que entra. Colocar a par do que nós estamos estudando, é bem diferente mesmo. Então, aí dando aula em colégio, em várias faculdades particulares, corrigi, fui de banca de redação da PUC lá de São Paulo por uns anos também, era um serviço que eu gostava muito de fazer, parei quando eu tive meu último filho, em 2007, que ele nasceu em outubro, eu não conseguiria ir lá fazer correção e acabei saindo da banca. E gostava muito de fazer isso, apesar de ser muito cansativo. Assim, uma maratona.

**MLMC:** Quantos filhos você tem?

**LCVB:** Tenho dois, um tem 22 o outro tem 12. Tem 10 anos de diferença. E então eu acabei ficando em faculdades, várias faculdades particulares e aqueles processos de abertura de faculdade também, e passei por períodos dando aula em várias cidades. Numa determinada época, eu estava acabando o doutorado, eu dava aula em Barretos, no colégio cursinho, e dava aula em São Paulo, numa ONG que fazia um curso de capacitação para professores do Estado e então eu viajava e morava em Ibitinga, aí eu viajava para Barretos, para São Paulo, aí o colégio começou o processo de abertura de uma faculdade, aí o diretor ficava louco atrás de mim. Já aconteceu assim, de eu sair do trabalho meia-noite em São Paulo pegar ônibus para Barretos, para de manhã encontrar MEC lá, assim, uma loucura. Assim, eu parecia um pastel. Foi muito, uma época muito complicada, mas ao mesmo tempo, isso é interessante, principalmente quando a gente é mais nova, dá conta de fazer tudo isso, porque a experiência que a gente vai ganhando. E é uma experiência, é muito interessante, então, na verdade, acho que eu fui agregando coisas, fora congressos, que eu ia, nunca parei de ir, de apresentar trabalho, então foi uma vida bem agitada, assim, bem cansativa.

**LCVB:** No final de 2005, que eu estava muito cansada, eu quase sofri acidente, viajando para Barretos, e aí eu resolvi parar de trabalhar. Eu resolvi parar, e falei, não, eu vou agora ver o que eu quero fazer da vida, eu não quero mais essa vida de professor que viaja, eu estou muito cansada, e foram dois quase acidentes, que eu sofri, dormindo na estrada, então eu falei: – agora chega, já deu, eu comia no carro, era uma loucura. Eu falei: – não, agora eu vou parar, e parei para pensar na vida, o que eu ia fazer. No final de 2007, não, isso foi no final de 2006,

na verdade, aí em 2008 aconteceu a implantação da Fatec aqui em Franca, e eu achei uma oportunidade incrível para eu voltar à docência, e eu fiquei sem trabalhar esse tempo todo. Eu fiquei estudando, eu me aproximei muito da história daqui, porque eu tinha tentado já fazer doutorado aqui na História de Franca, mas não existia doutorado ainda na minha época, e eu tinha feito um ano já, e aí eu comecei a me aproximar de novo, mas aí não tinha mais o que fazer lá, agora, em 2006. Mas eu acabei ficando indo bastante, participando de congresso, bastante coisa deles, fazendo bastante cursos, assim, porque eu gosto de estudar, então era uma distração para mim. Mas quando a Fatec abriu, eu achei uma oportunidade incrível, porque o que eu queria era dar aula numa universidade pública, e eu tive sempre uma trava, que assim chama marido e filho, que acaba, eu via o pessoal indo lá para o Mato Grosso, prestar concurso, eu nunca pude prestar um concurso longe, assim, porque eu sempre tinha que voltar para casa toda semana, e muita gente dependendo de mim, então era complicado, fazer esse tipo de coisa. Aí eu prestei o concurso da Fatec, fiquei muito contente, mas aí eu fiquei com muito medo, porque, conforme eu fui amadurecendo a ideia, eu fiquei com muita vontade de passar, e nossa, eu fiquei apavorada, e tinha 12 candidatas, depois seis foram deferidos e foram fazer a prova. Nós fomos fazer a prova em Taquaritinga, porque o meu concurso foi o primeiro da Fatec Franca.

**LCVB:** Então nem existia a Fatec Franca ainda, naquele momento o que existia aqui era uma salinha com o diretor e um telefone. Na verdade, era a sala da telefonista da Unesp, que tinham cedido para ele, era uma sala assim, assim, o dobro do tamanho da mesa, que eu tenho aqui na minha frente, coitado, era bem restrito. Então esses primeiros concursos foram feitos fora, na verdade acho que os três primeiros só, e eu fui fazer o concurso lá em Taquaritinga, que fica daqui de Franca, dá uns 150, 170, 180 quilômetros, mais ou menos. E, eu tinha criança pequena, meu filho não tinha um ano ainda, deixei aqui, eram dois dias de concurso, aí eu fui para lá, e Taquaritinga fica a 40 minutos da cidade onde minha mãe mora, então eu pude fazer, eu pude fazer a prova, quando acabou a tarde, eu fui para a casa dela dormir e preparar a prova didática do outro dia, porque a gente fez o sorteio lá no fim da tarde, e eu pude ir para lá. E, aí eram seis pessoas concorrendo, seis pessoas daqui de Franca. Eu encontrei pessoas que eu conhecia lá, concorrendo comigo, é muito estressante, é uma situação terrível, muito, muito.

**MLMC:** Eu prestei concurso também, eu prestei concurso para entrar na Paula Souza, e foi muito engraçado, porque assim, eu queria entrar de qualquer jeito para dar aula para educação profissional. Eu prestei concurso, eu me inscrevi em três escolas da Paula Souza, na Carlos de Campos, naquela escola, no Horácio da Silveira, que tem ali na Casa Verde, e lá na Martin Luther King. Só que menina, eu, na Carlos de Campos, eu fui muito, eu me senti muito bem. Eu fui bem, eu tinha estudado, e outra, era a minha área de atuação, Tecnologia dos Alimentos. Era uma coisa que eu estava muito fresca, assim, então, lá na, no Ho-

rácio da Silveira, eu fui prestar para Química, e daí tinha um colega lá também, assim, colega que eu digo, não o conhecia, que era um professor de Química, que também vinha da indústria, como eu, que vinha da indústria. E, é muito interessante, porque, assim, eu vim com aquela ideia de projeto da indústria, porque eu trabalhava em centro de pesquisa, e quando eu dei a minha aula, que é a aula que hoje se dá e que se cobra dos professores, a banca não gostou, sabe? E eu tinha aquela experiência com o Funbec (Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências), com o Funbec da USP, porque da época que eu dava aula, então foi muito engraçado, E, daí, como eu passei em primeiro lugar na Carlos de Campos, eu assumi as aulas lá, e eu passei, eu acho que eu passei em Química, eu passei em Meio Ambiente, não passei em Química, eu só sei que lá na Horácio eu não passei em Química, passou o professor. Ele passou, e depois virou meu colega na Carlos de Campos. E, daí foi muito engraçado, porque um ano depois, a Júlia Falivene, e não sei se você lembra daquela professora de meio ambiente também, que eu sei que as duas, como eu trabalhava com projetos na Carlos de Campos, me convidavam para ir à Cetec apresentar os meus projetos, daí eu encontrava com aquelas professoras que tinham me reprovado, nunca contei essa história para ninguém, estou contando agora aqui para você, depois de 20 anos, mas é muito engraçado isso. É muito, assim, é estranho.

**LCVB:** É estranho.

**MLMC:** Eu sou Química também, então, assim, mas a metodologia que eu usei e tal, e que era uma metodologia lá do Funbec que eu usava dando aula no estado de temporária e tal, o pessoal não gostou, que é o que a gente faz hoje, de visão global, holística, é interessante isso.

**LCVB:** Então, o concurso, assim, nunca é exatamente uma coisa, não é exato, não tem jeito. Eu já até, já fiz, até já fui presidente de banca de concurso depois, no Centro Paula Souza, e é muito complicado a gente dizer exatamente, assim, escolher o professor, mas a gente tenta, fazer algumas tentativas. Lá nesse concurso, o meu currículo não teve grande nota, porque meu currículo era de literatura, e as outras, então, a minha nota, né, minha pontuação nesse aspecto não foi tão alta, e das outras professoras, elas eram da área de comunicação, e aí eu fiquei, eu achei, eu achei que eu não fosse passar mesmo. Mas, depois eu tirei 10 na aula, então eu passei à frente das outras concorrentes, e uma pessoa que estava na banca naquele momento, que eu conheci naquele momento, foi a professora Mara Regina Mellini, que é de Sertãozinho, depois eu fui fazer uma banca para Mara subir de cargo, dentro do Centro Paula Souza, fui lá para Sertãozinho fazer a banca da Mara. E ela, assim, me animou muito, ficou muito entusiasmada, eu tinha acabado de fazer, nesse período sabático que eu passei, eu gosto muito de sapato, e eu queria saber fazer sapato. Eu fui fazer curso de modelagem de calçados, de desenho de calçados no Senai, e eu tinha acabado de fazer. Eu estava fazendo o curso nesse momento, tinha acabado de modelagem, estava fazendo

de desenho. E na aula, era como uma missão organizacional, eu, assim, coloquei a aula dentro de uma fábrica, como se os alunos, fiz assim, como se os alunos estivessem numa fábrica mesmo, num ambiente de fábrica, num ambiente de produção. E a Mara adorou isso, eu nunca esqueci, que ela ficou muito entusiasmada com a aula, ela achou muito legal. E depois, eu também encontrando...

**MLMC:** Que ano foi que você fez isso?

**LCVB:** 2007, 2008.

**MLMC:** Você vai gerar uma outra mentalidade, Paula Souza, porque eu fiz exatamente isso. Eu fui ensinar Química, as leis básicas da química, a partir de uma usina, e das reações e tal. E você vê? Você contextualizou e achou que tinha menos. Avaliação, mesmo com os alunos, com os nossos professores, eu tento criar uma sistemática que todo mundo participe o tempo todo, não sei se é perceptível isso para vocês, mas eu envolvo sempre todo mundo, porque cada um tem o seu tempo.

**LCVB:** Exatamente, mas é realmente uma grande mudança, você vê como foi essa contextualização mesmo, que foi assim, valorizaram e me passaram na frente de todo mundo. Foi muito interessante. Eu fiquei tão feliz que eu não sabia nem como eu ia dirigir de volta para Franca, a hora que acabou, porque nossa, eu fiquei muito feliz. E, desde o começo, eu tinha conhecido já o professor Paulo César, que era o diretor daqui eu conheci lá no momento, tinham indeferido minha inscrição, dizendo que eu não tinha tempo suficiente de experiência no ensino superior, que seriam seis anos, para quem tem doutorado. E, no entanto, eu tinha. Então, eu fiz um recurso, levei para ele, daí naquela situação, a inscrição eu tinha feito na Etec, nem existia a Fatec aqui ainda, na época. Aí, na hora da, um pouco antes do concurso, faltavam dois dias, eu levei para o professor Paulo, aí eu o conheci nesse momento, ele era uma pessoa incrível, ele é ainda, ele só não dá aula mais no Centro Paula Souza. Uma pessoa incrível, muito legal, eu me senti em casa lá, eu falei: – agora eu quero mesmo ficar aqui, eu quero trabalhar nesse lugar, nossa, eu fiquei muito, com muita vontade mesmo. E aí, deu certo, fiquei superfeliz a hora que eu saí de lá. E saindo, aí as aulas já começaram, foi tudo assim, a toque de caixa, já teve a, era comunicação organizacional, essa área que eu adoro, adoro, eu tinha alguns anos de experiência na matéria. Mas, eu nunca tinha me dedicado assim, tão de corpo e alma, tão nessa contextualização mesmo, assim, eu sempre faço, coloco os alunos dentro de fábrica, eu falo que a gente conversa sobre causos, porque aqui em Franca a gente é quase mineiro, então não tem case na aula. E o tempo todo, assim, adoro, adoro. Fiquei muito feliz. E como eu era a única professora, inicialmente, eu dei aula uma semana inteira para os alunos, até chegar o segundo professor, que começou a dividir comigo, que foi o professor Daltro Carvalho, e aí entrou a terceira, que era a professora de moda, a professora Natalie Rodrigues Alves Ferreira Andrade, e aí nós come-

çamos, né? Aí eu comecei a dar menos aula, dividir. Eles tiveram muita sorte de pegar uma pessoa que, no meio de outubro, não estava trabalhando e podia dar muita aula, porque começou em outubro aqui a Fatec.

**MLMC:** E que curso? Como era o nome do curso tecnológico?

**LCVB:** O primeiro era “Gestão da Produção Industrial Calçados”. Depois, esse nome Calçados acabou saindo do nome do curso, porque muitos alunos não queriam mais trabalhar em fábrica e eles tinham uma impressão de que eles iam continuar sendo aquilo que a gente chama de chão de fábrica: cortadores, pers-pontadores, eles não conseguiam ter essa visão de que eles seriam gestores. A gente tinha muita dificuldade de tirar isso da cabeça deles. Até que a professora June Tabah, que ainda foi a primeira coordenadora, na gestão da primeira coordenação, ela pediu para tirar esse nome Calçados.

Então, na verdade, a gente trabalha bastante com calçados, que é uma área importantíssima da cidade, mas não pode mais ter no nome do curso.

**MLMC:** Você sabe, Liene, que eu montei um curso, acho que em 2006, para formar Técnico em Calçados, que era parceria lá com a Bertin. Só que depois acabou que eles, nós tivemos todo esse trabalho, mas eles decidiram trabalhar com o Senai, e esse curso não foi para frente lá. Processamento de carnes foi, mas esse não. Mas, nesse período, eu fui visitar o Senai aí em Franca e, também fui visitar o nosso centro de memória. E quando eu chego lá na escola, na Etec, eu comecei a conversar com eles. Eu vi aquelas fotos dos alunos que tinham feito curso de calçado no passado e daí eu falei: – vocês têm que ter equipamento aqui, daí nós vamos olhar naquele material que vai embora da escola. Estava cheio de máquina lá, da época dos cursos de calçados. Daí recuperaram algumas coisas que hoje estão no centro de memória. Olha, Franca seria uma cidade que eu moraria e faria pesquisa sem parar, porque é muito rica.

**LCVB:** Muito, muito mesmo, o centro de memória da Etec é incrível, porque é um lugar muito antigo, tem muito tempo, muita história. E hoje, assim, eu tenho muito carinho pela Etec, até prestei um concurso lá no ano passado. Eu passei, mas era para pessoal de reserva. E porque, assim, de vontade de dar aula no Ensino Médio, que eu tenho tido de novo. E aí eu acabei prestando o concurso. Aí a banca perguntou, mas o que você veio fazer aqui? Mas eu falei assim: – eu tenho muita vontade de dar aula no ensino médio.

**MLMC:** E eu também tenho uma vontade enorme que você consiga dar aula lá. Porque, assim, teremos projeto de HAE com você. (risos)

**LCVB:** É um lugar muito gostoso. Eu gosto muito de lá e nós temos muitos alunos que vêm de lá para a Fatec. Eu até entrevistei, eu fiz o trabalho que eu entreguei agora para a última jornada. Eu entrevistei as meninas todas vieram de lá. As meninas que fazem recursos humanos na Fatec, elas fizeram, estudaram

lá primeiro: Secretariado, Administração, Finanças, Gestão Financeira. Então, é um lugar, assim, que eu acho muito acolhedor. E ainda de ouvir as histórias do centro de memória de lá, a gente fica apaixonado pelo lugar. Realmente é uma escola maravilhosa.

**LCVB:** Então, a Fatec foi crescendo, eu tinha quatro aulas no começo. Eu ganhava 600 reais. Eu nunca esqueci esse valor. Que depois de dois anos dependendo de marido, eu achava demais ganhar 600 reais. Nossa, eu ganho 600 reais. E quatro aulas por semana. Mas aí logo começaram a me encher de horas de atividade, a gente tinha um pessoal muito limitado lá. Eu comecei a cuidar da biblioteca, ficava lá o dia inteirinho. E a gente tinha uma sala só, nós funcionávamos na UNESP ainda, no prédio antigo da UNESP, que tinha sido um colégio de freira. E é bem no centro, eu morava três quarteirões de lá, e eu ia a pé todo dia. Era uma delícia. E nós tínhamos só uma salinha de aula, um laboratório e uma sala: que era secretaria, diretoria, sala dos professores e cozinha. Que tinha uma cozinha que a gente compartilhava lá, mas acabava levando café. Até levei uma cafeteira para lá. Eu sou assim, sabe? Aonde eu vou, eu mudo. Aí já comecei a levar as coisas, levei cafeteira para a gente poder tomar à noite lá na sala dos professores, que não tinha, porque a cozinha coletiva lá ficava fechada. E a gente compartilhava com o resto da UNESP. E com o começo de um Poupatempo que existe, que não é para pessoas, não é para civis, é para prefeituras do governo. Eles já tinham começado a ocupar o prédio. E nós dividíamos tudo lá. E essa sala era uma loucura, porque imagina, colocar todo mundo junto o dia inteiro. Todas as secretarias, diretoria, sala dos professores, biblioteca. Era tudo no mesmo espaço. E era muito gostoso ao mesmo tempo. Com móveis herdados da UNESP, foi bem começo heroico mesmo, foi muito interessante, e foi muito gostoso. E foi crescendo, crescendo, a gente mudou de prédio. Eu preciso conseguir trabalhar com esse prédio. Agora, eu tenho meninos hoje, desde 2018, eu fiz um grupo de estudos de comunicação organizacional na Fatec. E eu acabei desviando os meus meninos para me ajudar a montar o Centro de Memória da Fatec Franca, que eu preciso montar. Hoje, inclusive, uma das minhas atribuições, foi um dia muito corrido, foi oficialização da iniciação científica de uma das alunas, que apresentou trabalho no semestre passado na jornada. Agora, ela mandou de novo, e agora, ela foi oficializada a iniciação científica dela. Com o propósito de planejar a montagem do centro de memória virtual da Fatec Franca. Então, assim, isso é muita alegria para mim. Eu falo os meus meninos, até o diretor um dia riu, porque ele falou assim: onde eu o vejo a Liene, está com os meninos atrás. Sim. São três hoje. E eles andam atrás de mim pela faculdade. A gente faz encontros. Isso mesmo sem... Assim, eu não tenho projeto disso. Eu fiz alguns, fiz uma revista para a Fatec. Mas, eu não tenho uma atividade. Eu tenho duas horas de atividade só. E eu até acabei de pedir para a coordenadora, para colocar para a orientação de TG. Porque eu tenho seis orientandos. Oito, na verdade. E aí, é muita coisa. Então, toda essa parte da iniciação

científica. Isso é extra, é um trabalho extra. Porque a Fatec acabou crescendo bastante. Nós temos três cursos, aí, eu tenho aula demais. Eu não tenho mais horário.

**MLMC:** Quantos alunos tem a Fatec atualmente, de Franca?

**LCVB:** Olha, eu acho que há dois semestres, que foi a última vez que eu tinha pedido o levantamento para a secretaria: – eram oitocentos.

**MLMC:** É bastante.

**LCVB:** Bastante gente. Então, não. Eu acho que já passaram oitocentos. Nossa, minha cabeça está muito ruim. Mas, eu lembro desse número oitocentos. Mas, agora tem três cursos em três horários. Eu acho que é isso mesmo, Maria Lucia. Porque, são três cursos, em dois horários, na verdade. E é bastante aluno. É bem agitado. Era antes da pandemia. É bem agitado a faculdade. E, eu acabo assim. A faculdade acaba sendo minha outra casa também. Eu dedico muito tempo à Fatec. Aí, eu faço projeto, eu brigo por causa de coleta seletiva de lixo. Aí, eu vou para a sala para os alunos, e vou pedir lixo para separar para a secretaria. Vou dar palestra interessante. Eu faço viagens a São Paulo, nas quais nós vamos a museus, uma por semestre, eu faço. A do primeiro semestre, não deu tempo. Nós íamos ver o museu, aquela exposição sobre o Egito, lá no Centro Cultural Banco do Brasil.

**MLMC:** Então, eu vi no Rio.

**LCVB:** É, eu também vi no Rio. Quando eu vi no Rio, em janeiro, eu falei: – nossa, eu tenho que levar os meninos. Aí, quando eu vi que ia para São Paulo. Mas, foi bem quando começou, acho que teve uma semana de exposição, e já começou o isolamento. Agora, nós vamos a São Paulo na primeira semana de dezembro. Não sei como as coisas vão estar ainda. Mas, eu preciso levar. Eu já tenho um ônibus de 46 pessoas fechado. Agora, não tem jeito. Então, eu acabo fazendo bastante coisa na faculdade também, eu coordeno o trabalho de graduação do GPI, da gestão da produção industrial. E é bastante envolvimento, a gente acaba tendo, assim. É uma outra casa.

**MLMC:** Mas, você mora em Franca agora? Você mora em Franca?

**LCVB:** Eu moro em Franca. Eu vim para Franca, em... 99. No comecinho de 99. Aí, eu... eu me separei. E mudei daqui uns... 2, 3 anos. E me casei de novo, e voltei para cá. Então, na verdade, Franca hoje é o lugar onde eu mais morei na minha vida. Já bateu a Araraquara. Eu já... Eu fiquei aqui já bastante tempo. Eu já sou bem francana, já falo aí o tempo inteiro. E falo cantado. Então, é isso. A gente acaba tendo um envolvimento muito intenso, a Fatec acaba sendo a outra vida. E hoje, eu sou muito professora. Muito, inclusive, eu estou com alguns problemas de saúde, aqui tentando marcar médico na quinta-feira, que é a única manhã em que eu não dou aula. E... Marcar exames? Aí, as pessoas estavam me falando: – mas, você está doente? Por que você não deixa de dar aula? Eu falei: – gente, mas eu

tenho tanta coisa para fazer com os meninos. Eu não consigo, se eu deixar uma semana, vai ser o caos. Então, é uma... Um pensamento que a gente acaba tendo, de imprescindibilidade. Mas, é... na verdade, é uma... a gente acaba virando professor. A gente não é mais outras coisas. A gente acaba sendo professor o tempo todo.

**MLMC:** Eu fico pensando nisso também. Você vê, eu já tenho 20 anos de Paula Souza. Daqui há cinco anos, eu estaria me aposentando na segunda profissão, que é essa de professor. E daí... de Paula Souza, mas eu tenho aulas que eu dava, se for juntar, eu dei uns cinco anos de aulas antes, sabe, assim, de substituição. Então, eu já tenho uns 25 anos de professor, e daí, eu fico pensando: – mas, eu acho que eu não consigo viver sem isso, sabe? Assim... Como é importante esse trabalho que a gente faz e... Por que ele vai ficar para outras pessoas? Da mesma forma que a gente se apropria do centro de memória, da história dos outros, para entender o nosso fazer, outros irão se apropriar do nosso trabalho no futuro. Então, eu acho que é isso que você... A gente está sempre querendo fazer, querendo fazer, querendo fazer. É. Com muita coisa.

**LCVB:** A gente se afoga, de tanto querer fazer. Mas, é... É isso que a gente acaba virando mesmo, virando professor o tempo todo. E, muitas vezes, até quando eu ligo para um Serviço de Atendimento ao Cliente e essas coisas, eu ligo e eu falo: – olha, eu sou professora de comunicação empresarial. Você não está agindo corretamente em relação a isso, aquilo, aquilo, outro. E eu conto para os alunos, eles morrem de dar risada. Eles falam: – você é muito cara de pau. Eu falo: – não é questão de ser cara de pau, é que eu sou professora de comunicação empresarial o tempo inteiro. Eu não sou outra coisa. Esses dias, o meu filho mais velho falou: – mãe, por que você não presta concurso numa grande universidade? Você não vai dar aula de literatura? Eu falei: – nossa, filho, eu não sou mais professora de literatura. Sou professora de comunicação empresarial. E aí ele falou assim: – não dá para acreditar numa coisa dessa. Eu falei: – não, eu já mudei completamente. E eu tenho um amor muito grande pelo ensino profissional. Até essa semana lendo um livro que tem lá na... no site do Centro de Memória do Centro Paula Souza, que a Júlia (Júlia Naomi Kanazawa) pediu para a gente ler. Eu fiquei maluca pelo livro. Daí eu falei: – não, espera, meu tempo é bem curto agora, eu preciso fazer uma coisa objetiva que a Júlia pediu, mas eu preciso voltar ao livro, porque você lê assim a cada linha. É a história do Brasil, é a história, é o pensamento daquele momento, é a política brasileira, é a sociedade brasileira. Está tudo lá.

**MLMC:** Eu vou te contar a história desse livro. Esse livro do Horácio da Silveira, de 1937, que ele fala de alguns problemas da educação profissional, é da minha coleção pessoal. Acontece que, em 2016, eu achei, porque eu fico procurando coisas da educação profissional na Estante Virtual, foi assim que eu encontrei várias obras que eu comprei em sebo. E esse daí, quando eu comprei, que eu li, que ele contava a origem do curso técnico da Getúlio Vargas e as parcerias que ele propunha, que foi feito com os sindicatos, e foi criado um anexo ao Instituto

Profissional Masculino que existia. Portanto, é uma história muito semelhante ao curso de alimentação que o Pompêo criou, porque também era anexo ao Instituto Profissional Feminino. Eu falei, esse livro eu vou escanear e eu vou deixar para todos os professores terem acesso. Nem a Júlia sabia que esse livro é da minha coleção. (risos) Mas foi uma grande, foi muito interessante. Outra coisa importante nesse artigo é que ele coloca a importância do material didático, de uniformizar para as escolas. Porque até então os alunos produziam tanto os tornos como os paquímetros, os materiais de medição que você tem lá na escola, no Centro de Memória de Limeira. Então assim, eu achei valiosíssimo. E agora você vê que a Júlia está estudando. Os projetos da Júlia desse ano são todos sobre cultura material e sobre os objetos escolares. E ela descobriu no site de memória, o que me dá uma grande alegria, porque isso mostra o quanto o nosso site tem sido utilizado. Nessa época de pandemia, cresceu bastante o acesso a ele. Eu fiquei muito feliz por isso.

**LCVB:** Então, eu acho que essa questão, eu não sabia que era Horácio da Silveira. Não tem lá no livro essa informação. Eu procurei bastante. Eu achei que fosse publicação da secretaria mesmo, a superintendência que eles chamam.

**MLMC:** É porque é institucional. Isso, ele era o superintendente na época. A superintendência foi criada entre 1934 e 1938. Nesse período, ele era diretor da Carlos de Campos. Só que em 1938 saiu a nomeação dele. É aquela história, você está no cargo, trabalha, daí foi oficializado em 1938. Nesse período de gestão, ele produziu várias obras que nós temos no Centro de Memória da Carlos de Campos. Esse a gente não tinha, mas ele está relacionado, eu acho que no livro do Arnaldo Laurindo. Quando eu encontrei esse livro, eu falei ele conta exatamente isso que você falou. As parcerias com as empresas para criar uma profissão que precisava existir, porque até então eram cursos secundários profissionalizantes, ensino profissionalizante. E era curso de aperfeiçoamento para a formação de professores para o ensino profissional. O primeiro curso técnico foi criado na Getúlio Vargas. E esse documento fala sobre essa gestão para a criação desse curso. É por isso que a gente tem que escrever tudo que nós fazemos e deixar esse registro.

**LCVB:** E outra coisa que eu pensei essa semana a respeito desse livro, agora o governo está implantando mudanças no ensino médio aqui no Brasil com a finalidade de profissionalizar os alunos mais cedo. Essa questão da memória, Maria Lucia, você falou tem tido mais acesso. Cada vez mais eu acho que ela tem uma importância muito grande, porque é isso o que pode balizar o futuro, balizar como as transformações vão ser feitas, como vai ser o nosso futuro. Porque, no momento, em que vão ser feitas essas mudanças, é fundamental a gente saber, conhecer esse passado, como isso começou. E muito importante também, eu acho que isso é uma questão importantíssima para a memória, essa relação daquilo com o tempo, com o tempo, com aquele momento. Tem umas afirmações lá que para a gente são escabrosas, mas a gente relacionando, você vê direitinho,

you see the question, the paternalism of the State, questions that we cannot do, we have to take, with this distance of now, we have to perceive as important that we see and do not repeat some things. As people have this notion, this importance.

**MLMC:** I think that we are going to work in a hybrid way, we are learning this hard lessons quickly in this period of pandemic. Then, having access to information, leaving it available for people is fundamental, because if we also do not create these mechanisms now, we are going to lose the richness of the history. Then, this worries me a lot, the spaces, the availability of this material, the images. I think that we are going to prepare for this, as the Government of the State, now, even, issued this São Paulo without paper. São Paulo without paper, but it needs spaces to guarantee the preservation of memory, both recent, that are the documents, as this rescue that we do of documentation of the past.

**LCVB:** Exactly, very important. I think that the work of the group each time is becoming more important. I, personally, I failed at the beginning that I never had contact with professional education in my life. I did Anglo school to take the entrance exam, that school of correspondence. I did not know what was professional education until I entered Fatec. I did not have the notion of what it was. And even inside Fatec, it was in the group that I started to understand the meaning and each time more to understand the meaning for all society, not only for those who take courses, to understand what it means professional education. It is very, very, very interesting, important, it is a fundamental theme.

**MLMC:** And people learn the importance of education and work. Because work exists all the time, since we get up and until the time we go to sleep. Even intellectual work is work. Then, and this distance that, at times, the Brazilian still has that of the one who works. And from there comes professional education with a differentiated look. Then, I think that we are the ones who are the education professional and technological, we have to show the value for society of this work, of this education that we live, of this learning process.

**LCVB:** Exactly, exactly.

**MLMC:** Liene, I liked a lot to talk with you. We are talking here already for more than 50 minutes. I will transcribe this interview, after I send it, with the terms of authorization, so that we can disseminate in our site of memories, in a historical journey, in the program of Oral History in Education. I only have to thank you, it was great to talk with you, because day by day we do not have time to talk about our work, about our formation. And today, your history, your trajectory, is part even of the beginning of the history of Fatec de Franca. Then it was very good this record for us.

**LCVB:** Bom, eu tenho, eu te agradeço novamente pela oportunidade de falar, de me expressar, mas também pela oportunidade de fazer parte do grupo, que é, eu acho que é uma coisa muito importante do Centro Paula Souza. E são os momentos em que a gente pode trocar essas experiências também e muito interessantes. E é engraçado que quando eu cheguei lá no começo, eu falava, e a Etec não tem nada a ver comigo, nem sei o que são meninos. E hoje não, hoje eu me sinto assim, eu sinto o Centro Paula Souza como uma coisa só. E a importância de a gente preservar a memória e muito, muito gostoso, é muito gratificante fazer parte do grupo.

**MLMC:** Obrigada.

# 19.

## LUCÍLIA DOS ANJOS FELGUEIRAS GUERRA

Unidade de Ensino Médio e Técnico, em São Paulo



Lucília dos Anjos Felgueiras Guerra fez Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em Música pela Universidade São Judas Tadeu (1989). Professora de Artes do Ensino Médio e da Educação de Jovens e Adultos, e Teoria da Comunicação e História da Arte para cursos das áreas de Arte e Design. Foi Coordenadora de Projetos de capacitação para docentes das disciplinas da Área de Produção Cultural e Design, e Diretora da Escola Técnica Estadual de Artes. Atuou no Gfac organizando e elaborando novos cursos da área de Artes dentro do Centro Paula Souza. Cursa Pós-Graduação Lato Sensu na UNESP – Universidade do Estado de São Paulo, em Fundamentos da Cultura e das Artes.



*Lucília Guerra em reunião semestral de departamento da Cetec Capacitações, em 2018.*

*Fonte: Arquivo pessoal de Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, professora Lucília Guerra. Hoje que é dia 18 de agosto de 2020, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, dentro do programa “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. É uma primeira entrevista que nós estamos, que a professora está nos concedendo, agradeço essa oportunidade para conhecermos um pouco da sua trajetória, onde você estudou, como abraçou essa profissão de ar-

tes, como foi a sua trajetória dentro do Centro Paula Souza, como professora, como coordenadora de projetos, você tem, assim, você passou por vários departamentos para chegar à diretora do Grupo de Formação Continuada de Professores, então, eu acho que conhecer a sua história é uma contribuição para todos nós que somos professores do Centro Paula Souza.

**Lucília dos Anjos Felgueiras Guerra (LAFG):** Na verdade, primeiro, eu gostaria de agradecer a gentileza do convite e queria também manifestar toda a admiração que eu tenho por esse trabalho de resgate de memórias, que, na verdade, eu já manifestei isso publicamente diversas vezes, porque esse projeto está dentro do departamento que eu coordeno, está dentro da Cetec também, faz parte, o nosso departamento faz parte da Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e esse é um projeto que eu tenho muito carinho, não só por toda a gênese dele, que a gente não pode esquecer de mencionar a professora Júlia Falivene, num momento tão delicado em que nós recentemente a perdemos, mas é um projeto que teve aí as mãos dela conduzindo um projeto tão bonito, e nós entendemos que nesse país onde a memória é algo que não é relevante, vamos dizer assim, não é considerado relevante, esse trabalho é um trabalho glorioso mesmo, é um trabalho árduo, mas ele tem um valor muito grande. E considerando também que a educação profissional no Brasil também é muito pouco divulgada, difundida, e não tem esse viés de ampliação que nós lamentamos muito, o Centro Paula Souza faz um trabalho de excelência para manter a qualidade da educação profissional e ampliar sempre que possível as modalidades de oferta e a maneira como o trabalho vem sendo desenvolvido pelo Centro Paula Souza, garantindo não só a ampliação, mas uma ampliação qualificada. E nós entendemos também que o Centro Paula Souza tem um trabalho que demonstra toda essa relevância e essa segurança na qualidade da sua oferta, porque também aposta em atualização curricular permanente, na formação continuada dos professores, e nessa proximidade de relacionamento da supervisão educacional junto às unidades, para garantir a melhor qualidade de educação na frente, lá na ponta, junto ao aluno. Então, eu acredito que essa trajetória do Centro Paula Souza foi uma das questões que sempre me encantaram muito. Eu acredito que desde o momento em que eu ingressei na instituição, lá em 2004, quando eu entrei no Centro Paula Souza, eu vi esse universo tão empreendedor da instituição em favor da educação profissional. E eu fico muito feliz que esse projeto de Memórias esteja captando toda essa trajetória do Centro Paula Souza, esteja resgatando não só do Centro Paula Souza, mas de toda a educação profissional do estado de São Paulo, e tem feito uma colaboração tão importante para aqueles que buscam as informações relacionadas aos vários cursos, às várias carreiras em que o Centro Paula Souza transita. E eu acho que é tão importante esse trabalho.

**LAFG:** Então, novamente, gostaria de agradecer o convite, principalmente para fazer parte de um projeto que eu valorizo tanto, até porque isso faz parte, como você já mencionou, da minha formação base. Então, eu me formei já há 30 anos em

Artes, eu me formei dentro da área de artes para a educação básica, então a minha habilitação é Música, então eu me desenvolvi como docente nessa área, e fui trilhando vários outros caminhos dentro do meu percurso profissional, eu trabalhei no mercado financeiro, eu tive empresa. Então, muito antes de abraçar a educação com os dois braços, era só uma paixão platônica, na verdade eu me formei em Arte e Educação, mas como eu já transitava em outras áreas, eu acabei abraçando com esses dois braços tardiamente a educação. Mas sempre estive no foco dos meus interesses, das minhas leituras, das minhas pesquisas, porque a educação é uma paixão para a vida toda, uma vez que a gente abraça, é sempre mesmo para toda a vida. E eu venho de uma formação inicial, uma formação de nível médio no técnico. Então, para compartilhar um pouco essa trajetória educacional minha, eu me formei em publicidade, numa época em que não tinha essa oferta de forma pública, então o meu pai e a minha mãe sempre quiseram que eu tivesse uma profissão, desde cedo, e eles pediram para que eu escolhesse uma carreira, e meus pais eram imigrantes, e com uma formação muito elementar, de uma forma muito simples, eles falaram: – olha, é muito importante que você estude para ter uma profissão, eu ouvi isso desde muito pequena. E isso ficou sempre dentro de mim, e eu acho que é interessante como algumas coisas nos marcam para a vida toda. E a educação profissional, então, ela entrou na minha vida desde muito cedo, com essa voz muito clara dos meus pais, em relação à eu ter uma profissão, e eu sempre gostei muito da área de Arte, sempre foi uma paixão para a minha vida, acho que foi o primeiro amor dentro de todas as profissões, foi abraçar as Artes, e depois eu entendi o quanto que é importante a educação pela arte, e como a arte pode ser muito transformadora, para a vida de alguém, e como a educação pode ter esse benefício duplo, a formação de alguém, e a formação da sensibilidade, a educação sensível dos alunos. Então, aí foi nesse começo, no Centro Paula Souza, em 2004, eu entrei para abraçar algumas aulas que estavam precisando de professor, e depois, em seguida, já consegui avançar nessas aulas, conseguir mais aulas, e depois, lógico, fui cada vez mais apaixonando mais pela sala de aula, e abracei também que eu considero uma outra missão, a parte da educação, que é a formação de jovens e adultos.

**LAFG:** Então, eu tenho muito orgulho de ter trabalhado na Etec Camargo Aranha, no curso EJA. Eu acho que no EJA, e depois, na sequência, no PROEJA também, que era um curso noturno de educação profissional, combinado com a educação de jovens e adultos. E eu sempre tive muita satisfação de lidar com esse público. É um público muito diferente, é um público que muitos consideram muito difícil, mas eu entendo que, quando tratamos essa educação com todo o respeito, nós desenvolvemos a autoestima de quem estuda, e eu acho que o aprendizado é de mão dupla. Não tem como alguém que dá aula no EJA não aprender, não aprender muito, com toda a trajetória, a riqueza de vida daqueles alunos, e você fazer contribuições muito pontuais, mas também muito substanciais na vida dessas pessoas. Então, eu tenho muito orgulho desse trabalho, eu acho que é algo que me transformou muito, trabalhar com esse público.

**MLMC:** O que foi que você trabalhou com esse público?

**LAFG:** De 2004, logo que eu assumi as aulas, já teve uma turma de EJA que eu assumi, e eu fiquei de 2004 até 2007 nesse trabalho. E foi algo muito revelador para mim. Então, eu fiz esse processo em 2004, então, ingressei na instituição, foi, inclusive, um pós-grevo do Centro Paulista que teve, entre os professores, e foi um trabalho muito árduo de recuperação das aulas que foram perdidas. Então, nós fizemos um trabalho de recuperação dessas aulas, desses alunos, até o final do ano. Quando foi no ano de 2005, eu assumi a primeira coordenação de curso, eu recebi um convite da diretora Marilda Simone Brito para que eu assumisse a coordenação dos cursos na área de Gestão, porque eu tinha tido empresa, tinha trabalhado no mercado financeiro, tinha formação na área de Secretariado, tinha formação em Gestão Empresarial, e eram outras formações que eu fui tendo na vida, inclusive, para apoiar nos desafios que eu tive. Então, diante desse novo trabalho, como coordenadora de curso, eu assumi a coordenação dos cursos da área de gestão, que era Administração, Secretariado, e Gestão de Pequenos Negócios. E foi também uma experiência muito digna, porque a Etec Camargo Aranha tinha muitas turmas na época, nesses cursos, e nós tínhamos o desafio de manter a qualidade dessa escola, que sempre foi um símbolo de excelência. Então, eu tinha muitas turmas mesmo, tinha turmas de manhã e à noite. Então, eu fiquei seis meses nessa função, no meio de 2005 até o final do ano, quando recebi um novo convite para assumir o Ensino Médio. Então, por isso que eu fiquei só esse período, porque no início do ano começariam as novas turmas de ensino médio, e eu fiquei nessa atividade, no ensino médio, por dois anos, os anos de 2006 e 2007. E, nesse meio de caminho, eu assumi a coordenação do ensino médio, e do EJA e do PROEJA, porque nós éramos uma unidade que assumimos esse novo projeto de PROEJA, eram 40 unidades, e uma dessas unidades era a Camargo Aranha. Então, eu assumi o EJA, o PROEJA e o ensino médio. Então, aí eu tinha uma carga horária limite, dentro da Camargo Aranha, para assumir todas essas atividades e mais as minhas aulas.

**LAFG:** Então, foram anos de muito trabalho, de um exercício muito interessante e diverso, que eu atuei. Além disso, nesse trabalho do PROEJA, eu conheci a professora Júlia Falivene. Aliás, eu a tinha conhecido em algumas solenidades relacionadas ao ensino médio, porque o ensino médio da Camargo Aranha sempre foi muito bem colocado nesse período. Então, nós tínhamos vários eventos, entre as escolas que se destacavam bastante no Enem, a gente ainda estava no processo de expansão da rede, e a Camargo Aranha sempre estava nas solenidades do ensino médio, foi quando eu conheci a professora Júlia Falivene. E em uma das atividades relacionadas ao PROEJA, que eu coordenava, eu desenvolvi um projeto junto com ela, e nessa ocasião ela me convidou para integrar um grupo do ensino médio na Cetec. E eu não tinha horas, como mencionei, eu tinha uma carga limite, mas era muito difícil recusar o pedido da professora Júlia, e principalmente o encantamento que eu tinha para conseguir aprender com ela.

**LAFG:** Acho que eu tinha uma vontade muito grande de aprender a trabalhar com a professora Júlia, e absorver tudo aquilo que ela pudesse me ensinar. Então, eu aceitei fazer parte dessa equipe, mesmo não tendo carga horária, eu fazia isso nos horários mais alternativos, mas eu tinha muito prazer, e eu me lembro dela com carinho, pela gentileza e pela generosidade que ela sempre teve de nos ensinar. Eu acho que ela sempre vai ser uma pessoa que vai me emocionar, e vai me trazer recordações muito importantes dos percursos que eu tive com ela. E assim começou minha trajetória na Cetec também, então, desde o ano de 2007, eu comecei já com esse projeto, mesmo sem ter as horas; mas, independente, disso, eu tinha horas maravilhosas de aprendizagem com o grupo e com a professora Júlia. E, a partir de 2008, eu deixei as horas na Camargo Aranha, e comecei a me dedicar às horas na Cetec, mesmo que parcialmente, porque eu não deixei a sala de aula, e ainda ajudei na implantação de uma nova Etec num curso de Técnico em Design Gráfico, na época. Então, a Etec de Vila Formosa, na verdade, na época da implantação, eu acabei assumindo boa parte das aulas porque não havia professores, enquanto nós estávamos preparando o concurso público, eu fiquei responsável por boa parte dessas aulas. Então, eu ajudei na implantação, a professora Fúlvia (Fúlvia Napolitano) estava fazendo a implantação da Cetec, e me convidou para ajudá-la com as aulas do curso Técnico em Design Gráfico. Então, eu dei aulas também na Martin Luther King, mesmo que por um tempo muito curto, mas foram todas experiências muito agregadoras, e acredito que a questão mais importante desse percurso foi entender a identidade única de cada Etec, que cada uma tem seus códigos, que tem que ser muito bem respeitados, e que tem uma identidade com o seu bairro. Então, acho que isso é algo muito singular que a gente observa no Centro Paula Souza.

**LAFG:** E fui para a Cetec, acumulando com as aulas, com algumas horas, e aí sim engrenamos o projeto de capacitação dos professores do ensino médio. Então, preparei capacitações nos anos de 2008 e 2009, 2009 já com 40 horas, com dedicação exclusiva na escola. Eu tive um prazer muito grande de aprender também com um professor que sempre vai me marcar muito, que é o professor Almério. O professor Almério Melquíades de Araújo foi um grande professor, é um grande professor, um grande mestre para mim. Eu sempre falo que a gente tem várias especializações, pós-graduações, a cada reunião, a cada encontro que nós fazemos com o professor Almério, com a professora Laura (Laura Laganá), que são grandes mestres mesmo, de educação profissional e de educação no sentido global. Então, eu entendo que foi uma experiência extremamente digna. Nesse período, também comecei a atuar com a professora Fernanda Demai e comecei a apoiá-la em alguns cursos que eram dentro da minha área de expertise. Eu já tinha feito um apoio à professora Soely (Soely Farias Martins), quando era coordenadora dos cursos de gestão para reformulação do Técnico em Secretariado e, depois, eu sempre me apaixonei muito por currículo. O currículo é algo que me deixa muito entusiasmada. Eu sempre brincava com a professora Soely e com a professora Fernanda

Demais que o grande poder está no setor de currículos, porque é ali que se faz a mágica de construir um percurso pelo qual o aluno vai conquistar o seu diploma e, muitas vezes, a capacidade de ingressar no mercado de trabalho com toda a plena consciência profissional. Então, escrever currículos foi uma paixão que eu descobri nesse período e comecei a apoiar a professora Fernanda em alguns percursos e o professor Almério também me pediu para ajudar na construção dos currículos que, depois, futuramente, seriam da Etec Jornalista Roberto Marinho. Então, aí também comecei a construir os currículos na área de Produção Cultural e Design e, paralelamente a isso, também fiz uma especialização em Fundamentos de Cultura e Artes na Unesp e fui fazendo outras formações também para me apoiar e me atualizar nas questões de arte.

**LAFG:** Atualmente, também faço um MBA em História da Arte e Cultura Visual e acho que a gente sempre tem que estudar e se aprofundar nas áreas de interesse, inclusive para que a gente tenha expertise de discurso, melhorar o nosso suporte de estudos. Então, na verdade, é também a intenção desses percursos como estudante que eu tenho feito. Ainda, infelizmente, menos do que eu gostaria pela falta de tempo mesmo. Uma outra questão que eu me recordo também nessa trajetória, de nos aprofundarmos muito os estudos nos currículos na área de Produção Cultural e Design. Quando eu assumi a coordenação de eixo tecnológico, que foi uma frente aberta pela professora Fernanda, para que a gente conseguisse centralizar as discussões a respeito dos eixos tecnológicos, eu consegui fazer uma ampliação junto com a professora Fernanda e com a equipe de vários especialistas que nós convidamos para a construção dos currículos, os cursos para fazer uma oferta lá na Etec de Artes, que era uma escola dedicada a esse trabalho, que teve sua inauguração em 2008, e precisava também ampliar a possibilidade das ofertas nessa área. Então, eu ajudei a construir os currículos relacionados à produção cultural e design na área de Música, ampliamos também as discussões sobre o curso de Dança, incluímos o curso de Teatro, reformulamos Design de Interiores, Design de Móveis, Processos Fotográficos, depois Design Gráfico que mudou para Comunicação Visual. Então, foram vários cursos, Multimídia, Produção de Áudio e Vídeo, e hoje eu somo a participação em 23 elaborações e reelaborações curriculares no Centro Paula Souza.

**MLMC:** Mas, nesse período, você já era diretora da Etec de Artes?

**LAFG:** Não, quando eu comecei a fazer esses currículos, eu não era diretora, eu era coordenadora de projetos na Cetec. Em 2009, o professor Almério pediu para que eu fosse entrevistada para aceitar a direção da escola de forma pró-tempore, e eu assumi em 2010.

**LAFG:** Em 2010, então, eu entrei na direção da escola, da Etec de Artes, como pró-tempore, e em 2011, eu fiz o processo de seleção de diretores, o processo eleitoral, e aí eu fui eleita nessa escola, pela comunidade escolar, e eu tenho

bastante alegria, na verdade não é orgulho, é alegria de ter sido aceita por essa comunidade. Eu tive, na época, 97,4% dos votos, então eu fiquei muito feliz com esse resultado, porque eu tinha um ano e meio de trabalho, então eu considerei isso uma aprovação das primeiras ações, dos primeiros passos, e eu fui diretora dessa escola de 2010 até o meio de 2014, porque nessa ocasião eu fui convidada a assumir a direção do Centro de Capacitação. Mas nesse percurso em que eu estava na direção da escola, no ano de 2010 eu me dediquei integralmente à direção da escola, para estruturá-la, para montar as equipes, para conseguirmos consolidar a oferta de educação profissional na área de Artes nessa escola, e eu me dediquei exclusivamente a esse trabalho.

**LAFG:** Em 2011, eu fiz algum apoio à professora Fernanda Demai em relação ao eixo de Produção Cultural e Design, mas não oficialmente. A partir de 2011, o professor Almério pediu que eu participasse de um processo de seleção, a professora Fernanda me solicitou que eu fizesse isso, e eu fui selecionada pela professora Fernanda Demai para a continuidade do trabalho como coordenadora de eixo tecnológico de Produção Cultural e Design, e a partir de 2011, oficialmente eu tinha horas, além da direção da escola, para continuar coordenando o trabalho de formulação e reformulação. E aí eu continuei até atingir esse número de cerca de 23 currículos que foram elaborados comigo nessa gestão, e por uma equipe de especialistas, apoiando as várias frentes de desenvolvimento curricular. Então, eu trabalhei nesse viés do currículo e da implantação mesmo, propriamente dita, da Etec de Artes. Nesse caminho, também a professora Laura e o professor Almério me solicitaram apoio na implantação da Etec Jornalista Roberto Marinho. Então, nesse, além dos currículos que eu elaborei junto com... Eu elaborei junto com a professora Fernanda, inicialmente, em parceria com a Rede Globo, que nos apoiou e que, inclusive, nos solicitou os cursos de Multimídia e Produção de Áudio e Vídeo. Eu fiz a implantação completa dessa escola, desde a obra da construção do prédio, junto com a equipe da Rede Globo, a implantação dos laboratórios, a constituição e padronização dos laboratórios desse projeto, e nós fizemos aí o concurso público da construção das equipes dessa escola, até a seleção da pessoa que dirigiu a escola nesse período pró-tempore, que é o professor Mauro (Mauro Guto), que foi gestor da Vasco Antônio Venchiarutti, e depois, quando essa Etec foi implantada, em 2011, eu também comecei o projeto de implantação da Etec de Esportes. Daí, também acompanhei desde a obra até a implantação, a reformulação, a adequação do curso, e esse curso começou dentro da Etec de Artes, também, sobre a minha direção nessa época, e a transposição desse curso depois para a sede que hoje existe da Etec de Esportes, a Etec Otto Baumgart, que é uma Etec de excelência também, tem um prédio único, um centro esportivo, e também a posse do diretor que atualmente é o diretor dessa unidade escolar, que é o professor Lincoln também, eu tenho muito orgulho dessas duas parcerias, do professor Mauro e do professor Lincoln, são diretores que eu tive muito orgulho de entregar essas escolas que foram

da minha implantação, da implantação da Etec de Artes para a constituição dessas unidades. Então, foram muitos trabalhos simultâneos, os currículos, as implantações das escolas, que é algo de muita responsabilidade, muito trabalho.

**LAFG:** Eu tive uma equipe muito importante dentro da Etec de Artes, que foi braço para a construção de muitos currículos, um agradecimento especial ao professor Cláudio Santana, que hoje é o diretor da Etec de Artes, e que é um parceiro muito importante na construção dos currículos, na construção da identidade da Etec de Artes, ele foi coordenador pedagógico na minha gestão, foi coordenador, depois coordenador pedagógico, e hoje é o diretor da escola. É um braço muito importante do Centro Paula Souza na identidade das Artes, dessa formação em Artes que o Centro Paula Souza oferece. Então, eu tive boas oportunidades, bons amigos, bons parceiros de trabalho, excelentes professores para a minha trajetória, e essa minha entrada no Centro de Capacitação, que é um braço da Cetec, é um departamento da Cetec, e que eu tive muito orgulho de começar trabalhando com a professora Júlia, e depois retornei como diretora de departamento, eu tenho uma alegria muito grande de estar nesse departamento por dois motivos, pela missão que esse departamento encampa, que é a formação continuada de professores, que são pessoas tão importantes no processo de educação, não só, logicamente, porque exercem uma atividade de um protagonismo muito grande, que é a formação, a educação, se dá muito pelo braço dos professores, mas porque é tão importante o trabalho de valorização do professor pela formação continuada, pelo trabalho que esse professor tem ser valorizado por meio da formação continuada, é algo que acredito muito, acredito muito no trabalho do professor, e como ele tem que ser valorizado em vários aspectos, e um deles é esse trabalho que nós realizamos no Centro de Capacitação. Fora esse trabalho, e essa missão tão grande do Centro de Capacitação, é a possibilidade...

**MLMC:** Quando começou?

**LAFG:** Em 2014, eu assumi a convite, inclusive, da professora Sabrina. A professora Sabrina, ela estava como responsável ali, de forma interina, porque ela sempre foi do grupo de Supervisão, e ela intencionava retornar as atividades na supervisão, e o professor Almério e a professora Sabrina me convidaram para assumir o departamento, então, inclusive, eu saí mesmo sem findar o meu mandato da Etec de Artes, na verdade, eu fiquei quatro anos e meio, que seria mais do que um mandato, mas eu fiquei um ano e meio pro tempore, e eu tive uma satisfação muito grande, e embora eu tivesse recebido convites de outras instituições, inclusive, nada me tocou tanto quanto ser convidada para retornar ao Centro de Capacitação, justamente pela crença que eu tenho nesse departamento e nas atividades que nós realizamos para apoiar os nossos professores, então, o trabalho de realização dos eventos, é um Centro de Capacitação não só capacita, mas promove encontros, são vários encontros diferentes e especiais, que tornam o trabalho do professor mais

reflexivo, ele consegue pensar diferente a sua prática a partir das experiências que nós proporcionamos dentro do Centro de Capacitação, então, inclusive o próprio projeto de Memórias promove os encontros e os eventos que fazem com que, cada vez mais, o professor entenda o papel, a importância de tudo aquilo que ele realiza dentro da sala de aula. Então a gente quer tornar a sala de aula mais especial a partir dessas intervenções. E, eu acredito que, nesse último ano também, eu tenho que compartilhar que isso é algo de relevância. Eu fiz parte da construção do novo catálogo nacional de cursos técnicos, baseado na experiência, baseada na experiência que eu tive como diretora de uma escola de arte, como responsável pelo eixo de produção cultural e design, pela minha formação técnica e toda a minha trajetória envolvendo a área de artes, eu fui convidada, indicada pelo professor Almério, o Centro Paula Souza recebeu um convite para indicar profissionais, o professor Almério me indicou, indicou também o professor Gilson, da área de gestão, e eu como professora responsável na área de produção cultural e design, a elaborar o catálogo nacional de cursos técnicos. Então, é a oportunidade de o Centro Paula Souza também fazer uma conexão para fora de seus muros. E nós ajudamos a construir uma identidade nacional baseada também nas experiências que nós congregamos dentro da nossa instituição nessas áreas. Então, só esse compartilhamento, que eu acho que é bem importante, que nós façamos uma contribuição em nível nacional, que nós dialoguemos com a sociedade, com parceiros, com empresas. Para a construção dos nossos currículos, da nossa, das nossas formações, que nós oferecemos também junto às empresas.

**LAFG:** Então, eu recebi em 2014 um departamento que tinha já uma articulação de muitos anos, porque a formação continuada é algo que o Centro Paula Souza preza há mais de 30 anos. Mas, nos últimos seis anos, eu fui tendo algumas iniciativas para ampliar a identidade do Centro Paula Souza com a formação em serviço, que é uma formação que nós já adotamos há muito tempo. Mas, mais do que isso, uma formação mais articulada com o mercado. Os especialistas que compõem hoje o quadro de formação, tanto de nível médio, na área do ensino médio, da base nacional comum, como também as formações dos eixos tecnológicos, são aí capitaneados por profissionais muito bem estruturados, que têm uma carreira de muito sucesso, as carreiras individuais e que trouxeram esse repertório para o Centro de Capacitação, para nós compartilharmos com os nossos pares, com os nossos professores. E, também, algo que eu quis fazer nesses últimos anos é ampliar muito a formação à distância, justamente porque eu acredito que a formação à distância pode levar os nossos cursos e os nossos encontros, os nossos diálogos, para mais longe, para mais gente, pessoas que não poderiam vir presencialmente, na sede do Centro Paula Souza, quando possam também evoluir, ampliar o alcance do seu trabalho. Nós também começamos a desenvolver cursos para os gestores escolares, a gente entende qual é a importância dessa formação para esses profissionais que assumem aí, generosamente, abdicam aí

da sua tranquilidade enquanto professores, para o desassossego da direção escolar. Eu digo desassossego não com um lamento, mas com a responsabilidade de assumir a gestão de uma unidade escolar. Eu que, interinamente, fiquei responsável por três, quase que simultaneamente, a Etec Roberto Marinho, a Etec de Esportes, a Etec de Arte, sei o peso da gestão escolar. E eu entendo que nós temos, sim, que prestar esse apoio aos gestores. E, também, uma nova frente que, nos últimos dois anos, nós abrimos foi a capacitação de funcionários, para que os nossos funcionários que atendem nas escolas, que atendem na administração central e que prestam um serviço muito, muito, muito importante nas nossas escolas, nas nossas unidades, possam, também, ter a oportunidade de evoluir nas suas atividades profissionais e melhorar a qualidade da prestação do seu serviço por meio da formação continuada. Então, pode falar.

**MLMC:** Eu queria fazer uma interrupção, só para lhe questionar, sobre a sua forma de gestão. Porque, eu que estou há 20 anos, sou subordinada na sua diretoria. Então, presencio a sua forma de atuação, e eu acho que uma das coisas que nós temos de mais importante na Cetec Capacitações, é essa liberdade de criação que você, como o professor Almério, sempre nos deram na elaboração dos projetos, que depois, vamos discutindo com vocês. Mas, vocês sempre abrem espaço para reflexão, para crítica do próprio trabalho. Se você pudesse falar um pouquinho sobre, assim, esse teu perfil. Porque, hoje, essa entrevista, agora, foi muito importante para deixar para a história da educação profissional, o seu percurso. Inclusive, a importância dele para o eixo de gestão na área artística. Mas, a sua forma de gerir o grupo de professores na capacitação, eu acho importantíssimo, sabe, assim, principalmente, pelo trabalho que a gente desenvolve. Então, se você pudesse falar um pouquinho sobre isso, também é uma aprendizagem para todos nós.

**LAFG:** Olha, eu queria te agradecer, porque você é muito gentil de falar isso. Eu falo que, quando a gente está chefiando uma equipe, é quase como a gente está criando um filho. A gente tenta muito acertar e a gente fica muito feliz quando tudo dá certo. E a gente se esforça, se estuda, aprende. Então, eu comparo essas duas questões. Mas, eu, como sou uma defensora da educação sensível, que a gente precisa de sensibilidade, de empatia, para a gente conseguir o melhor das pessoas, eu entendo que uma das coisas mais importantes que a gente tem é a liberdade. Eu acho que a liberdade é algo que deve fazer parte de todo o trabalho. Eu acho que o professor Almério, também, como grande professor, a professora Laura, também, eles valorizam muito a identidade. Então, eu já falei de identidade agora há pouco, da identidade das escolas, que as escolas são únicas. E eu entendo que cada um da equipe é único e tem uma contribuição única. Então, dentro da minha abordagem sensível, que eu acho que nós temos que ter esse perfil de educar as pessoas pela sensibilidade, também, não poderia ser diferente. Eu acho que nós temos que ter,

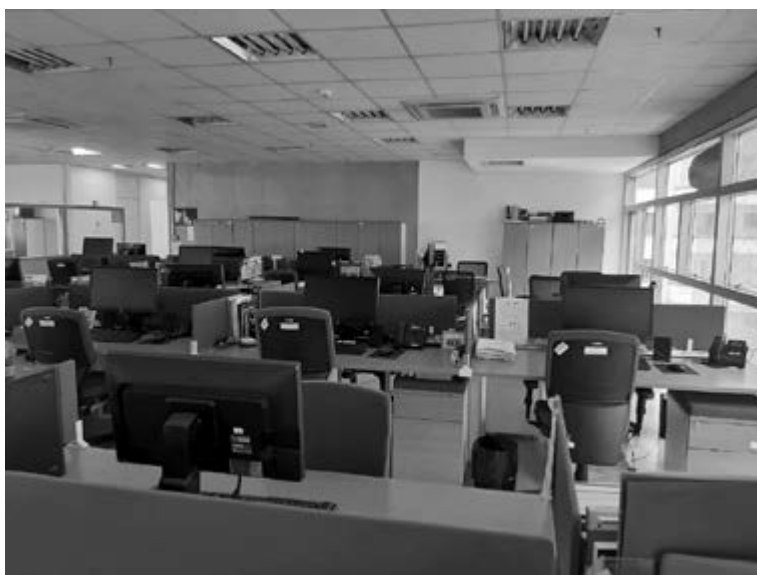
sim, a liberdade de criação, a liberdade de proposta. O que, muitas vezes, eu faço são sutis direcionamentos, para que esses trabalhos sejam adequados às metas da Cetec, às metas institucionais, inclusive, do Plano Nacional de Educação. Acho que tudo tem que conspirar a favor de metas mais globais. Mas, eu acho que essa singularidade da proposição de trabalhos, ela tem que ser mantida a todo custo e eu prezo isso muito. E uma das questões que eu também prezo, até o professor Almério fala: – você fica com um atendimento muito individualizado, mas, apesar de eu saber o quanto isso toma do meu tempo e do meu dia, eu tenho muito orgulho de fazer esse atendimento individualizado, porque eu quero que cada um da minha equipe possa ter 100% de certeza que eu estou lá para ele e por ele, né, e que o meu trabalho é viabilizar o trabalho dele. Então, ninguém trabalha para mim, mas todo mundo trabalha junto em prol de objetivos muito maiores do que aqueles que eu mesma posso colocar. E uma das questões que sempre me angustiam é quando eu não consigo dar o atendimento no tempo com a agilidade que eu gostaria, porque eu acho que todo mundo tem urgências e a minha urgência é o atendimento das urgências de cada um da minha equipe.

**LAFG:** Então, eu gosto muito de pensar que o seu problema, por exemplo, é o mais importante e naquele momento que eu estou discutindo com aquela pessoa, eu não estou pensando em mais nada, a não ser no projeto daquela pessoa, enquanto ele pode agregar valor para todas as metas tão grandes que a gente tem dentro da instituição. Eu acho que isso sempre da segurança para o coordenador de projetos desenvolver o seu trabalho dentro da sua melhor habilidade. Eu acho que quando a gente não dá espaço para que essas habilidades fluam e apareçam e brilhem dentro da equipe, eu acho que é porque eu estou deixando essa pessoa sem a atenção devida. Então, eu sempre faço essa mea-culpa de pensar o quanto eu posso dar de atenção para os projetos e quanto eu posso estar ajudando a viabilizar as ações. Eu acho que o meu trabalho é ser esse canal de conexão entre a possibilidade e a realidade. Eu acho que eu tenho que fazer esse trabalho, ele é minha obrigação, mas eu devo muito do sucesso do trabalho do Centro de Capacitação a essa equipe incrível que eu tenho, de talentos únicos e que eu faço questão que cada um brilhe individualmente. Eu não quero que eles brilhem para mim, mas que eles brilhem para além de mim, porque eu acho que a grande responsabilidade de qualquer gestor, qualquer líder de equipe, é fazer a sua equipe brilhar, fazer a sua equipe explorar todo o seu potencial, dedicar todo o seu potencial e ter um ambiente aberto, um ambiente de liberdade, um ambiente de crescimento coletivo e individual. Eu acho que essa possibilidade tem que ser ampliada, tem que ser aberta e ampliada cada vez mais, porque eu acho que o talento ele não pode ver limites, o talento ele não pode ver fronteiras. E quando a gente consegue desenvolver um trabalho sem limite, sem fronteira, mas sempre cercado da ética, da criatividade, do bom senso e do espírito público, a gente consegue o melhor das pessoas. E eu acho que essa é a minha grande missão.

**LAFG:** Eu nunca consigo pensar em nenhum membro da minha equipe de forma superficial, sempre cada um é muito importante, é fundamental, é vital para o sucesso do grupo, para o sucesso do conjunto e principalmente para o sucesso da linha que aquela pessoa defende dentro do nosso grupo. E várias frentes, como eu disse, foram abertas, então tem membros da equipe que não existiam originalmente lá atrás, nos projetos do Centro de Capacitação, mas que hoje ganharam um aspecto vital, que é os projetos relacionados à psicologia, os processos relacionados a direito, que foram ganhando espaço, até porque os tempos foram mudando e foram sendo necessários novos caminhos, novos trabalhos. E essas pessoas também foram sendo abraçadas pelo Centro de Capacitação e foram tendo também seus espaços abertos. Então, Maria Lucia, eu acho que todo o trabalho que eu desenvolvo é um trabalho de suporte. Suporte para que cada um possa dar o seu melhor e, principalmente, dar o seu melhor em prol de uma educação pública com muita qualidade, que é o que o Centro Paula Souza sempre ambiciona e, embora o professor Almério muitas vezes fala que a gente não pode ser pretencioso, eu também não gosto de ser injusta, e eu sempre valorizo muito o resultado que o Centro Paula Souza demonstra em todas as estatísticas, isso é fato, e o quanto que o Centro de Capacitação tem colaborado para essa excelência que o Centro Paula Souza pretende e, raramente, deixa de demonstrar. Então, acho que a gente pode confiar muito nesses resultados, que é fruto de muito trabalho e um trabalho que vocês fazem parte da equipe do Centro de Capacitação e do qual eu orgulho muito. Então, acho que a gente tem essa liberdade assegurada, essa criatividade sem limites, que eu sempre falo, quando alguém vem com um projeto maluco para mim, eu sempre falo que eu sou a maluca maior, porque eu sou aquela que abraça e aquela que incentiva a ir para além, porque eu acho que a gente sempre tem que pensar para frente, acima, é assim que a gente também pode conseguir a transformação da educação, e eu acho que muito do que a gente conseguiu nesse período de pandemia, em que nós tivemos desafios sanitários, desafios da educação remota, tantas coisas que nos sobrevieram, eu acho que a criatividade dos nossos professores, a criatividade da nossa equipe de dar suporte de formas tão únicas para esses professores não se sentirem sozinhos nessa jornada tão difícil, eu acho que também é fruto dessa liberdade de criação e de proposta. Então, eu acho que se eu tivesse que pensar em tudo sozinha, lógico que nós não teríamos resultados tão ímpares que nós temos. Então, a liberdade ajuda a compor um projeto grandioso, que é o que a gente gosta sempre de entregar para a sociedade.

**MLMC:** Professora, com relação à pandemia, eu gostaria de ressaltar a importância de o Centro Paula Souza já estar na frente. Nós resgatamos vídeos da professora Laura Laganá de 2010, falando das parcerias com a Microsoft. Todo esse trabalho que você acabou de colocar, de já ter iniciado à distância há algum tempo no Centro de Capacitação. Então, isso contribuiu para você rapidamente nos fazer encontrar opções, para atuar junto aos alunos, junto às escolas, e isso é muito

gratificante. Por isso que eu, quando eu te fiz essa pergunta agora para contar da sua gestão, eu falei do seu trabalho, do professor Almério, porque todos nós, nessas entrevistas que eu tenho feito, nós, a gente sempre fala do Centro de Capacitações, e da importância dessa formação continuada nos nossos projetos, principalmente de memória, que ele vai crescendo, crescendo. Agora, agradecendo, inclusive, a participação da Júlia Naomi, no nosso grupo, porque agora eu vou poder, a partir do ano que vem, a gente começar a dividir as capacitações para os novatos e para os que já estão há mais de 10 anos no projeto. Então, você vê que o grupo, assim, o trabalho vai crescendo. Então, eu agradeço muito, muito vocês, porque se não fosse com o apoio da gestão, nós não estaríamos com esses projetos no plano de metas, e crescendo dentro da instituição.



*Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão durante a pandemia, em 2020.*

*Fonte: Arquivo pessoal de Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

**LAFG:** E o plano de metas, ele sempre tem essa preocupação de pensar a partir, também, das necessidades que a gente detecta na sociedade e nas escolas. Então, o plano de metas, a gente não pode só se lançar com ideias próprias, mas partir de realidades postas. Então, vários projetos que nós tínhamos bons indicadores, eles viraram metas institucionais. Eu acho que o centro de memória, todo esse projeto de história da educação profissional, ele foi ganhando mais corpo, até porque as ações iniciais se mostraram efetivas, se mostraram de relevância, não só pela questão, como que nós podemos falar, da questão estrutural, filosófica, da importância da memória, mas, principalmente, porque nós tocamos as pessoas e as escolas pensando em quanto que a gente consegue preservar da trajetória tão im-

portante que a educação tem na vida das pessoas, por meio de projetos como esse. Então, os professores que se envolvem, eles se envolvem e eles conseguem trazer contribuições relevantes. Então, o projeto, ele também foi se tornando uma meta, porque se tornou muito indispensável. E eu queria fazer alusão aos projetos de material didático que nós temos, também, dentro do Centro de Capacitação, porque quem ouve Centro de Capacitação entende que é apenas para formação continuada, mas, vários projetos abraçamos como é o caso do projeto de Memória, porque ele é um projeto de pesquisa, na verdade. Nós também temos a construção dos materiais didáticos, que eu incentivei muito para que nós ampliemos, justamente porque a dificuldade de encontrar material didático de qualidade na área técnica é bem complicado, inclusive, para tornar isso acessível. Nós temos aí uma vasta, um vasto número de publicações na área de saúde, que foi construída ao longo do tempo. Nós temos, também, projetos de apoio científico, como é o projeto de Robótica, que também é amparado pelo nosso departamento. E ele era um projeto, há seis anos, de um polo. Hoje, nós temos 25 polos espalhados por todo o Estado, justamente para ampliar o letramento científico dos jovens. Então, o Centro de Capacitação não é só para a formação continuada, mas vários outros nichos de trabalho nós fomos descobrindo. E eu acho que essas descobertas e esse engajamento das equipes foram sendo ampliadas, como é o caso do próprio projeto de Memórias. Quanto que ele recebeu de ampliação e de incentivo para que a gente conseguisse captar mais histórias, captar mais momentos, mais objetos, buscar histórias dos prédios, dos bairros, da importância daqueles cursos no desenvolvimento daquela comunidade. Então, acho que essas questões, elas são muito além de um projeto, de um departamento, de uma instituição. Eles fazem parte da estrutura de desenvolvimento das comunidades, das cidades, dos municípios e do próprio Estado de São Paulo e da educação profissional brasileira.

**MLMC:** Professora, eu gostaria de agradecer a sua entrevista, porque eu sei que você tem reunião daqui a pouco. E dizer que eu vou transcrever essa entrevista, daí vou lhe enviar o texto, porque o texto é sempre, a transcrição final é um trabalho colaborativo, de dupla autoria. E vou lhe mandar os termos de autorização e dizer que, olha, essa sua entrevista vai ser muito importante e bastante referenciada, porque ela traz a sua trajetória e a sua descrição das atividades da Cetec, foi muito importante. E a entrevista de história oral, ela tem contribuído muito para nós, porque a gente tem muitas atividades num tempo muito curto e acaba que a entrevista de história oral, às vezes, um texto que fica no site, ele pode contribuir com outros pesquisadores para escrever a história da educação profissional. Talvez não sejamos nós, mas outros irão se apropriar dessas informações. Então, é isso, eu queria novamente agradecer a sua participação nesse programa de História Oral da Educação.

**LAFG:** Eu gostaria de agradecer o convite, eu acho que a minha contribuição é uma contribuição, vamos dizer assim, até emotiva, porque educar para mim, o

trabalho com educação, ele é muito mais do que o meu emprego, o local onde eu trabalho, a atividade profissional que eu tenho, ele é uma missão. Acho que a gente que trabalha com educação sabe a importância desse trabalho, eu que trabalho ainda no viés das artes também, não agora especificamente, mas eu nunca perco esse viés, inclusive, pessoalmente, eu gosto sempre de estar conectada. Eu acho que é mais missionário ainda esse trabalho, porque a arte também, como a gente estava falando de memória, a arte também não é valorizada na altura do que deveria nesse país, mas eu acho que nós temos que ser bravos lutadores e eu acho que nós temos que contribuir para as reflexões. Eu acho que o trabalho apaixonado que a gente vê na Cetec e que é encabeçado pelo professor Almério já há muitos anos e a professora Laura, como nosso superintendente, também há muitos anos. Isso dá uma condução segura para as nossas atividades, para os nossos trabalhos, eu acho que toda essa trajetória que nós vemos, tem sido percorrida pelo Centro Paula Souza, pela Cetec, é feita, inclusive, muitas e muitas vezes eu falei isso tanto para o professor Almério quanto para a professora Laura, que o Centro Paula Souza é um lugar de pessoas apaixonadas e de projetos muito surpreendentes. Eu acho que o fruto final das realizações do Centro Paula Souza tem muito a ver com isso, as pessoas são muito envolvidas, são muito apaixonadas pelo que fazem, querem fazer o melhor, se dedicam e o resultado de todo esse trabalho, toda essa dedicação e paixão em projetos muito significativos faz do Centro Paula Souza uma instituição de relevância no cenário da educação profissional no Brasil. No estado de São Paulo, é claro, inclusive pela pulverização da oferta das unidades, mas eu agradeço muito a oportunidade de expressar minha gratidão. Acho que a gente tem que ser grato quando trabalha com educação, porque a educação ela nos dá mais do que nos tira. Então, acho que o mais importante desse trabalho é toda essa trajetória fazer com que eu me veja uma construção feita pela educação. Eu acho que todo professor deve se pensar fruto da educação. E não só que ele realiza frutos para a educação. Então, eu tenho o privilégio de ser uma educadora, tenho o privilégio de chefiar uma equipe brilhante de pessoas incríveis e de ter pessoas, grandes professores, grandes mestres, desde a minha educação elementar até a minha trajetória profissional cercada de pessoas incríveis e maravilhosas, como as que eu já citei. E eu queria fazer mais uma homenagem na minha fala à professora Júlia Falivene, que ela vai estar eternamente na minha trajetória como um farol, uma pessoa iluminada que sempre buscou o melhor da educação básica, porque ela entende que, básico mesmo, a educação não tem nada. O que a gente precisa é tornar cada momento da vida do jovem um momento único e especial, que transforma a sua vida para sempre.

**MLMC:** Olha, obrigada, a professora Júlia Falivene e a Doroti Toyohara, também são as duas pessoas ligadas à minha trajetória no Centro Paula Souza e eu também tenho muito orgulho de ser Centro Paula Souza. Obrigada professora. Só um minutinho a gravação e já falo.

# 20.

## JULIA FALIVENE ROBERTO ALVES

Unidade de Ensino Médio e Técnico, em São Paulo



Júlia Falivene Alves era Licenciada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica da Campinas (PUCAMP), professora de Sociologia, Economia Política, Ética e Cidadania e História, sempre em escolas públicas por opção política. No Centro Paula Souza, atuou como Professora Responsável pela Disciplina História, por Projetos, integrante da Coordenadoria Pedagógica do Telecurso TEC e Coordenadora e Professora de Cursos de Formação Continuada em Práticas Pedagógicas. É autora de livros didáticos e paradidáticos: *Invasão Cultural Norteamericana no Brasil*, *Metrópoles: cidadania e qualidade de vida*; Capítulo “Cidades Maravilhosas cheias de violências mil”, in *Violência em Debate*; Capítulo “Com que cara chegaremos ao terceiro milênio?”, in *Identidade Nacional*; *Ética, cidadania e trabalho*; A prova-teste como instrumento de avaliação de competências: princípios, elaboração, validação e possibilidades.”; *Ética Profissional e Cidadania Organizacional*, em co-autoria com Carmen Bassi; *Avaliação Educacional: da Teoria à Prática*. Em parceria com a Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes (USP), organizou as obras “Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais” e “Escolas profissionais públicas do Estado de São Paulo: história em imagens (Álbum Fotográfico)”.



*Publicações do projeto pioneiro “Pesquisa sobre o ensino público no Estado de São Paulo: memória institucional e transformações histórico-espaciais”, parceria do CMEFEUSP/CPS, apoio da FAPESP, possibilitou a criação dos primeiros oito Centros de Memória em escolas técnicas (1998 – 2001).*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, Julia Falivene Alves. Eu gostaria de agradecer por você, novamente, estar nos recebendo para conceder uma entrevista. Hoje, dia 05 de outubro de 2014.

**Júlia Falivene Roberto Alves (JFRA):** Um dia importante para a história do Brasil.

**MLMC:** Um dia importante para a história do Brasil, e um dia que você vai nos conceder a entrevista sobre o seu período no Centro Paula Souza, que foi quando nós paramos na outra entrevista. E, também por que amanhã nós comemoramos 45 anos de Centro Paula Souza.

**JFRA:** Que lindo...

**MLMC:** Também é uma data muito importante para nós que trabalhamos com história da educação profissional.

**JFRA:** É.

**MLMC:** Eu sei que você contasse com foi a sua trajetória no Centro Paula Souza. Eu sei que você escreveu vários livros, desenvolveu práticas pedagógicas, e por isso eu gostaria que você contasse um pouco para nós dessa sua trajetória.

**JFRA:** Em primeiro lugar eu quero agradecer a você por ter me escolhido entrevistar, entre outras pessoas, porque eu sou apaixonada pelo Centro Paula Souza, e toda a minha trajetória profissional me encantou, e eu fui feliz todo o tempo.

**JFRA:** Desde o primeiro dia que eu dei a primeira aula. A gente não dá aula, a gente trabalha com a aula. A iniciativa de dar e o aluno de receber. Então, desde o primeiro dia de aula como professora até o último, eu só tive satisfação em ser educadora.

**JFRA:** Mas o período do Centro Paula Souza foi muito especial, muito, muito... Porque, eu trabalhava nas escolas públicas. Eu trabalhei em algumas como na última entrevista você viu, e a última que eu trabalhei, eu trabalhei vinte anos. Então eu fazia projetos, mas a gente não chamava de projeto. Eu fazia interdisciplinaridade, mas a gente não chamava de interdisciplinaridade. ... E sempre trabalhando aquele espírito de fazer coisas com os alunos, atividades que eles aprendessem por si mesmos, e a gente fosse só uma orientadora.

**JFRA:** Por exemplo, eu me senti privilegiada, porque eu era casada, mas não tinha filhos. Mas, o meu rico salário de professora no começo da carreira, depois não, me dava a oportunidade que para outras pessoas não era dada. Porque tinham filhos para cuidar, talvez não tivesse um casamento assim com mais recursos, por parte da união conjugal. Então eu podia, naquela época, eu podia estudar muito, gostava muito, lia muito. Então é lógico que eu inventava coisas para fazer.

**JFRA:** Mas, nunca isso se aproximou da décima parte do que foi de estímulo para eu melhorar. Para eu me abrir mais os horizontes, do que o período que eu fiquei no Centro Paula Souza. Mas eu devo esse fato de ter entrado no Centro Paula Souza, ao fato de ter trabalhado no MMDC, na Mooca, onde a Márcia Loducca trabalhava e o Carlos, que foi diretor da ETESP. Mas acho que no momento não é mais ele. E a Márcia foi trabalhar no Centro Paula Souza e ficou encantada. E falava do Centro Paula Souza e falava, e então quando houve uma vaga ele também foi, o Carlos foi trabalhar lá. Até então eu nem sabia que existia, eu não tenho vergonha de confessar.

**JFRA:** Só um parêntesis: – Naquela época tinha uma professora ou professor responsável por disciplina trabalhando com o Almério. Não chamava Cetec, chamava GATE. Eu não me lembro se no começo tinha esse nome – GATE, que a gente até achava engraçado, ou se chamava Coordenadoria do Ensino Técnico. Então era a Márcia em contato com a professora Fátima Simões de Souza, soube que ela estava trabalhando com um grupo de professores de História, que era pequeno, porque eram só oito “etes”, eram somente oito professores, as vezes um pouco mais, porque em alguma escola havia dois. Então ela soube que a Fátima estava trabalhando para introduzir a história temática lá. O professor Pedro Paulo Funari, que na época ele era da USP, mas ele estava entrando na UNICAMP, como ele era doutor, como o que é depois de doutorado?

**MLMC:** Livre docência.

**JFRA:** Ele que dava assessoria, porque ele tinha participado também das discussões da história temática. E eu já estava fazendo a história temática, que era lá no MMDC, porque eu tinha sido uma das professoras que participou da apresentação do programa pela CEMPE. Cada delegacia mandou um representante, a delegacia de ensino, e eu fui uma das enviadas por Deus.

**MLMC:** Que ano foi isso?

**JFRA:** Agora que é perigoso. Foi em 1986.

**JFRA:** Eu fiz uma cola. Eu não decorava data e então eles também não precisavam decorar. Então eu anotei aqui na minha cola que foi em 1986, que foi a reunião.

**JFRA:** Então quando eles falaram em história temática, nossa, eu fiquei babando. Mas falei assim, afasta um pouquinho isso. Não o tempo todo. Era época dos jogos olímpicos. Os professores de história sempre falavam um pouco de jogos olímpicos. Eu aproveitava um pouco mais a oportunidade e, eu começava na Grécia, e a maioria aos pouquinhos eu ia chegando até entrar aqui no Brasil, e os vários esportes. Por exemplo, se fosse um outro evento histórico muito importante eu também fazia, mas aproveitava aquilo, mas não só com o fato de que tinha importância histórica. Eu fazia um jogo entre o começou daquele processo histórico que desencadeou um outro do nosso tempo e começava muitas vezes de trás para a frente. Com os alunos, o que eles tinham de informação, e como que eles trocavam as informações com os colegas, e daí eu pulava lá o carnaval.

**JFRA:** Então eu tinha a oportunidade de fazer a história temática, e tinha uma professora e ela competia comigo a simpatia com os alunos. E quando teve uma copa do mundo, eu dei uma prova, como o tema – futebol, e, ela ficou indignada: – que é isso? – Uma professora de História falando de futebol. Mas ela não foi ver tudo o que foi dito, o que foi discutido, e que o futebol já existia aqui entre os Maias, que é uma coisa complicada hoje, mas que na época era um evento religioso. Eram duas equipes com onze jogadores, tinha a pelota e tinha o seguinte problema, hoje para nós, para eles não: o time que perdia. Como chama o coordenador? O coordenador do time.

**MLMC:** Capitão do time.

**JFRA:** Isso: – Capitão do time! Então pensa bem era um povo aqui da América Latina, muito tempo antes de Cristo, que já tinha ideia de onze, tinha a bola e não tinha aquela trave mas tinha uma parede com argola. Quando você foi ao México você viu? Quando a gente vai ver alguma pirâmide, tem lá o campo, e ficava uma rodela como se fosse basquete. Para nós o futebol chegou por causa dos ingleses. Então eu fazia essa tramoia toda e adoravam. Os alunos que estavam no terceiro ano, eles ficavam meios preocupados, porque eles queriam matéria para o vestibular. E eu fala para eles, se vocês gostarem de estudar, vocês podem estudar sozinhos qualquer coisa. Aqui nós estamos exercitando a pesquisa, ver a intenção das coisas, a diferença, e isso vai ser um campo muito fértil para vocês. Inclusive, fazerem o seu curso universitário ou não fazerem, é uma coisa para sua vida. Daí eles começaram a gostar, gostar. E as vezes tinham crise e daí começaram a professora faz tempo que a gente não estuda.... Você não tem livro? Eu estou te ensinando a ler, e então estuda sozinho, vai estudando que você consegue. Ninguém me proibiu, foi só uma que deu problema lá por causa do futebol, porque jogos olímpicos podia. Daí eu fui convidada para participar e reproduzir aos outros professores. Então

eu consegui dar sequência ao meu trabalho, só que agora muito mais livre, muito mais certa, de que eu estava no caminho ideal e assim por diante.

**JFRA:** Bom, como a Márcia Loducca e o Carlos trabalhavam comigo, e quando eles souberam que a Fátima e o Pedro Paulo Funari estavam introduzindo a história temática, e estavam tendo um pouco de dificuldade, porque tinha professor que se espantou, e que não era culpa deles, porque desde os nossos avôs, sempre se estudou a história assim: – vamos começar pela antiguidade, encerra a cortina, e depois vêm os bárbaros, a Idade Média. E tanto que os alunos falavam por que eu tenho que estudar isso, que esse povo já morreu e eu estou vivo. Você não estaria vivo, como você está se não tivesse existido tudo isso antes. Porque você e eu, e todos aqui, somos uma síntese de todo esse tempo. De vez em quando eles davam uma dessa e depois eles vinham e diziam: – olha professora eu pensei bem; e assim ia.

**JFRA:** Então a Márcia me elogiou, eu gostava do trabalho que ela fazia e eu gostava do trabalho que eu fazia, e aí eu fui conversar com eles, e para dizer que eu já estava utilizando a história temática e que estava dando certo. Eles iam, porque eu acho que eles ganhavam pontos. Mas eles não quiseram enfrentar. Eu entendi depois por que eles não quiseram enfrentar. Primeiro porque eles tinham pouco tempo para estudo, e o tema escolhido foi “Trabalho e Cultura popular” iniciado no primeiro ano colegial. Como de costume, eles falavam do trabalho escravo em duas horas, e eles estavam meios perdidos, o ano todo com o trabalho escravo e com a cultura popular. Cultura popular, e então arrepiava, o que eu tenho que fazer com cultura popular? E na verdade eles se queixavam, porque o ano todo vai ser trabalho e trabalho escravo e cultura popular. E daí conversando, conversando, eu vi que era por causa disso. Eles não pensaram, o Pedro Paulo e a Fátima pensaram evidentemente, que a escravidão foi o período maior que nós já tivemos na nossa história. E que teve várias fases e várias coisas que aconteceram para a gente ter essa cultura popular que tem, não teriam se não fosse tanto tempo do escravo negro e, depois dos seus descendentes, quando acabou a escravidão.

**MLMC:** Inclusive na saúde eles tinham um papel fundamental: – eles faziam sangrias.

**JFRA:** Eu era uma convidada e ainda não era professora lá no Centro Paula Souza. Mas, eu ia com um gosto, porque tinha gente que também ia trabalhar com história temática, era a maior satisfação. Eu sei que daí a gente foi vendo isso e eu ia com gosto porque tinha gente que queria passar para a história temática, foi a maior satisfação. Daí a gente começou a passar textos. A gente tinha e estava recebendo para fazer isso. No fim dois a trabalhar, mas a gente não obrigou. Mas era uma questão de opção, e ele não ia ser enforcado por causa disso. Então passado uns tempos nós vimos que que podíamos mudar a programação. Eu fui contratada para substituir uma professora e trabalhar no segundo ano, e eu comecei a trabalhar história temática com o segundo ano.

**MLMC:** Para qual escola?

**JFRA:** A Etec São Paulo. Naquela época tinha o ensino técnico e o ensino médio separado. E então eu dava aula para eletrônica e mecânica, e eles não gostavam de história. Porque quem gosta de eletrônica e mecânica não é o mesmo que gostaria de fazer psicologia e sociologia. O modo de encarar o valor das ciências é diferente.

**MLMC:** Para a maioria.

**JFRA:** Para a maioria. Porque você é um caso que mostra bem, você percebeu o valor de tudo, e você incorporou na sua prática e na sua vida. Mas tem gente que acha uma bobagem e porque eu preciso disso. Enfim, trabalhei aquele resto do ano assim. Eu não sei vou poder falar tanto assim de cada projeto.

**MLMC:** Você vê, de repente no início vale a pena detalhar para a gente entender como foi.

**JFRA:** Como agora temos o Centro de Memória, daqui há 50 anos, 80, quem for consultar, vai falar eu não sabia disso. Então nós mudamos o eixo assim: – que era, esqueci. Era trabalho escravo. (folheando os escritos...) É tanta coisa, mexi tanto aqui, daqui a pouco, eu lembro.

**MLMC:** Depois, na transcrição, dá para você acrescentar.

**JFRA:** Isso: – “trabalho e cultura popular nas sociedades pré-industriais”. Tudo que veio antes do século XVIII era pré-industrial. Então os professores: – Ah, que bom! Trabalho escravo vem desde a antiguidade. Então eles foram repassando, e vendo como que o trabalho se refletia nas outras coisas.

**JFRA:** Então o primeiro ano foi assim, e o segundo ano, foi trabalho nas sociedades industriais. Sempre o trabalho, como aquele que produz. É o que produz a história: – o trabalho. É ele que produz o avanço na técnica. Nós tivemos a sorte que 84 escolas da rede da Secretaria da Educação, vieram para o Centro Paula Souza. Eles vieram muito felizes. O salário era muito melhor e eles pegaram a história temática. Depois, eles perceberam que o salário ia diminuir. Enfim, você estava nesse período?

**MLMC:** Não. Entrei em 2000.

**JFRA:** Eles eram muito felizes, eles tinham encontros e eles podiam estudar nesses encontros, e eles pegaram a história temática. Mas depois eles perceberam, como todos perceberam, que o salário ia diminuir, por que teria que repartir o bolo. Enfim, a gente trabalhou e eles tinham encontros mensais. E nesses encontros sempre o Pedro Paulo fazia um estudo com eles, e tinha um convidado que fosse professor universitário, e que tinha produzido livros cujos assuntos eles precisassem.

**JFRA:** Esses assuntos eram os mais diversos, mas sempre se tirava a relação desses assuntos com o trabalho e então foi isso. A gente sentiu muito feliz, junto os três. Mas depois, a Fátima fez um concurso e foi ser diretora em uma escola, eu fiquei no lugar dela. Daí eu já era contratada pelo Centro Paula Souza. Quando vagou as aulas de uma professora que mudou para o Paraná ou Santa Catarina, então teve concurso e eu passei, e praticamente eu já estava conhecida lá.

**MLMC:** Isso foi em que ano?

**JFRA:** Em 1992.

**MLMC:** Agora esse tema trabalho era de política governamental ou era definido pelo Centro Paula Souza?

**JFRA:** Foi na CEMPE que era um órgão da educação. Mas eu não acredito que o entusiasmo tenha envolvido muitas escolas. Eu gostaria até de saber como que faz hoje. Porque depois eu entrei no Paula Souza, me acostumei com isso, e para mim, no meu universo é história temática. E depois que eu deixei de ser só Professora Responsável por História, e passei a Professora responsável por projetos, professora responsável por equipes, e a história foi ficando para lá. Porque eu fui me envolvendo em outras coisas, e por isso eu acho que ganhei muito de ter ido para o Centro Paula Souza. Porque com aquele coordenador a gente tinha, e que você ainda tem, a gente ia para qualquer lugar. Porque ele falava com a maior naturalidade.

**MLMC:** O professor Almério, ele lê muito, e você percebe isso quando está conversando com ele.

**JFRA:** E nas férias ele vai para a Paraíba, e quando ele vai para a praia e com os livros. E então eu fui me distanciando da história, e fui para praias que já imaginei ir. Mas agora só um finalzinho que eu achei legal: – a gente propôs, mas que não deu muito certo. A gente pensou assim: – Bom, já que estamos falando de trabalho e de cultura popular, para cursos totalmente diferentes, a gente vai trabalhar a história toda igual? Não seria mais interessante que houvesse subtemas ligados a aquelas profissões: agrimensura; saneamento; cultural alimentar do brasileiro no curso de Nutrição e Dietética; história da comunicação e de registros de informação para Processamento de dados e Secretariado. Depois, quando estiver tudo anotado, para quem tiver interesse em saber. Bom, alguns professores fizeram essa incorporação do subtema do tema, e algumas experiências deram certo. Enfim, a gente fez muita coisa boa, fizemos muitas visitas, fizemos na Pinacoteca com os professores. A gente fazia um roteiro antes de sair do prédio do Centro Paula Souza e uma parte de preparação.

**MLMC:** E nessa época, o prédio não estava como agora, que a pinacoteca agora parece o Louvre.

**JFRA:** Faz uns três ou quatro anos que eu não vou para lá.

**MLMC:** Foi o ministro da cultura, o Welfort que provocou e fez essa mudança. Já tinha o Manuel?

**JFRA:** Eu sempre fui assim desde que eu era aluna. Eu não guardo nomes, não guardo datas e não é por causa da idade.

**MLMC:** Essas mudanças eu acho que ocorreram no começo do governo Lula, é o que eu me lembro.

**JFRA:** Então nós fomos a uma exposição de imigrantes, da imigração italiana. Visita ao centro histórico, eu não fui, não me lembro, acho que foi a Fátima ou o Pedro Paulo, alguém fez isso. Mas foi atividade do projeto. Nós tivemos um curso, acho que era o Itaú. Qual é o outro banco que fica lá na Paulista.

**MLMC:** O Itaú Cultural. Eles deram um curso de “transformação urbana”. Esse ano está sendo sobre formação de pessoas para os Centros de Memória, e na próxima quarta-feira vai ser sobre “vocabulário controlado”, que nós estamos trabalhando agora. Muito bom mesmo.

**JFRA:** Eu vou interessar por mais coisas, porque eu já estou caminhando para outro lado. Fizemos a visita da Luz, a Tiradentes, o Museu de Arte Sacra, e foi interessante. Eu fiz um roteiro para eles, fui fazer um roteiro. Fui várias vezes lá e fiz um roteiro interessante. Então eu sugeri que eles fizessem um trabalho com os alunos trazendo para esse museu ou levando para um museu da cidade. Daí eu fiquei contente porque uma professora apresentou e ela falou que os alunos escolheram com ela e então eles fizeram com ela o “Museu de hoje”. Um museuzinho com ela e eu achei legal, porque eles quiseram deixar marcado a experiência de vida deles. E outro estava planejando fazer o “Museu da religiosidade do Brasil de hoje”: – Ué, mas aqui só tem coisas de católicos. Mas arte sacra tem de todas as religiões, nos índios, dos negros que vieram de diversos pontos da África. E no museu de arte sacra católica, e eles tiveram essa ideia e eu achei interessante.

**MLMC:** Hoje, felizmente a gente tem o Museu Afro-brasileiro, que acho um presente, e que foi na época do Gilberto Gil.

**JFRA:** Eu ainda não conheço. Eu te contei que desisti de mudar para Campinas.

**MLMC:** Ai que bom, os amigos, os amigos agradecem.

**JFRA:** O outro projeto que eu trabalhei e que também foi muito gratificante foi o de metodologia para o ensino técnico. Esse projeto, ele surgiu por uma ideia vinda de duas escolas: a Etec Camargo Aranha e a Etec Rubens Faria de Souza. Então essas duas etecs, e eu não sei como foi, eles faziam com que no final do curso os alunos tivessem que apresentar um trabalho de conclusão. Ali é que começou a ideia.

**MLMC:** Isso em que ano foi?

**JFRA:** Um pouco antes de eu ter entrado. Por volta de 1991 ou 92.

**JFRA:** Eram dois professores, o Valdomiro Camargo, da escola da Mooca, e eram três cursos: Administração, Nutrição e Alimentos. A Silvana Brenha Ribeiro, que era da Nutrição e de Alimentos. Então eles escolhiam determinados produtos. Os que eram da área de alimentos teriam que produzir aquele produto e que deveria ser lançado no mercado, e um produto que fosse nutritivo e barato, e que fossem novos no mercado.

**JFRA:** Então a parte de alimentos ficava lá testando até chegar aquele produto. E então ficava testado, e depois, que já estava pronto passava para o pessoal de Nutrição, para ver se realmente era nutritivo e tinha aquela porcentagem toda. Depois passava para a Administração que iria bolar uma empresa que industrializasse esse produto, e que depois pensassem no lançamento e, também tratasse da propaganda.

**JFRA:** Quando eu cheguei isso já estava feito.

**JFRA:** Isso deu muito certo, porque os alunos ficavam se sentindo na profissão, e como eram diferentes, às vezes o encontro era num lugar, às vezes era em outra etc. Mas eu não sei quem teve iniciativa no Centro Paula Souza. Mas eu sei que houve uma parceria com a Vitae e com a FAT deu muito certo. E ficou uma parceria assim: o Centro Paula Souza faria isso em várias escolas, mas com muito mais subsídios, porque a Vitae ia aplicar uma tática nas escolas. Uma prática de incorporar aquelas escolas com uma porção de aparelhos de laboratórios e ia dar bolsa para os professores que trabalhassem, e a parte de informática. Enfim, deram uma boa alavancada para o desenvolvimento e era ideia para as nossas escolas.

**MLMC:** E as escolas estavam precisando nesse período, elas vieram sem recursos.

**JFRA:** Não ajudou, porque eram somente as escolas mais antigas.

**MLMC:** De qualquer forma, ajudou a estruturar essas escolas.

**JFRA:** Depois te conto, mas aquelas também tiveram, mas não eram mais financiadas pela Vitae.

**MLMC:** Eram só as oito primeiras.

**JFRA:** Era interessante porque a FAT pagava o transporte dos alunos e dos professores e o resto era tudo a Vitae que pagava. Eu sei que daí, nós tivemos o seguinte caso: nós íamos trabalhar no primeiro e segundo ano, era mais a parte do ensino médio que faria isso. Eu não lembro bem como funcionava: – os alunos tinham algumas disciplinas do ensino médio e as técnicas, três para eles saírem com uma bagagem que tivesse haver com o que eles iam fazer.

**MLMC:** Que ano foi?

**JFRA:** Você faz cada pergunta. Três anos. Começou em 1994 com a Vitae e foi até 1996.

**MLMC:** Eu fui professora de Tecnologia de Alimentos, os alunos do último ano.

**JFRA:** Que ano?

**MLMC:** 2000.

**MLMC:** Eu fui professora da última turma de Nutrição do último ano.

**JFRA:** A gente que eu falo: – era eu. Você me desculpa, eu não anotei o nome dela. Depois eu procuro. Mas agora está voltando, começou a mexer no vespeiro. Eu sei que a gente começou com um texto matriz, era o filme “Ilha das Flores” que tinha acabado de subir na mídia, tudo porque foi uma coisa inesquecível para todo mundo. A gente conseguiu ter o filme e, também a parte escrita, e tinha um roteiro, mas não só o roteiro, e a gente pode fazer isso com todas as formas do projeto. E não ficava só vendo o pessoal comer o lixo. Mas assim a visão de mundo. Porque tem essa diferença. Tem gente que vai e gasta uma nota no restaurante. E interdisciplinaridade, mas com essa mensagem. Isso é para vocês pensarem. Por que tem isso aí? Vocês já viram isso em outro lugar? A falar disso aí?

**MLMC:** Essas discussões aconteciam dentro da Paula Souza? Ou era dentro de uma secretaria?

**JFRA:** Por que você está falando isso?

**MLMC:** Para saber se tem relações com políticas públicas ou se tem relação com a equipe de projetos que começa a ampliar os horizontes.

**JFRA:** As escolas que queriam uma parceria tinham que apresentar projeto. Então aquele projeto da parceria da Camargo Aranha com Sorocaba foi apresentado e foi aprovado. Então era para ter interdisciplinaridade e, para ter também que as ciências se aperfeiçoam uma com a outra.

**JFRA:** Então você viu que tinha uma ideia de expansão e de potencialidade para o aluno viver no planeta. E daí no segundo ano, o texto continuava esse. O texto matriz eu lembro de ter feito. Eu acho que fui eu que fiz, mas eu não tenho tanta certeza. Aí tem internacionalização da economia.

**MLMC:** Quem mais trabalhava pensando nisto?

**JFRA:** Os títulos que você dá para os textos são enormes.

**MLMC:** Quando questionam que os meus títulos são enormes, e eu então digo que sou pupila da Julia.

**MLMC:** Eu me lembro muito bem no início da minha carreira, que você falava para escrever muito, e explicava por quê. Não pode gerar dúvidas. É melhor escrever mais para eles não terem dúvidas.

**MLMC:** E então eu digo que sou pupila da Júlia.

**JFRA:** Daí o que eles fizeram. Daí com os professores. Eu não era mais professora, eu era coordenadora. A gente falava Alimentos.

**MLMC:** Então o projeto Alimentos é esse programa de metodologia?

**JFRA:** A gente tem 50 anos e a família chama Nenê, o Nenê, e ninguém sabe quem é, e é essa história.

**JFRA:** Daí veio a fábrica e eles tinham que escolher os alimentos. Eu não me lembro, mas eu tenho escrito e depois eu passo para você. Eles inventavam coisas, levavam para a gente degustar: – e pensava será que ficou bom? E no último dia, que era a apresentação, eles levam para a gente degustar. E o que não dava certo, eles batiam com a cabeça: era o tal do glúten. Eles queriam fazer o macarrão sem glúten, e não dava certo, e eles queriam. E eu lembro que em toda reunião tinha o bendito do glúten.

**MLMC:** E ainda tem até hoje.

**JFRA:** Enfim, deu muito certo o projeto, foi muito badalado, gostaram e ficaram felizes. E daí, nós queríamos continuar, mas tinha acabado a parceria. Mas a gente falou nós queremos continuar, mas eles disseram que queriam continuar mesmo sem parceria.

**MLMC:** Posso falar um poema do Chacal, que se chama Grapette, que eu vou falar amanhã na minha apresentação: – “Só o impossível acontece, o resto se repete, se repete”.

**JFRA:** Nossa que lindo, eu vou anotar depois. Daí a gente continuou o projeto e convidou as escolas para dizerem se queriam ou não, e a gente limitou uma porque seria loucura trabalhar com todos. Então a gente criou outro projeto e deu o nome de projeto Geração. Então tinha a escola que escolhia geração saúde, tinha uns que faziam trabalhos com idosos, para conhecer a cidade.

**MLMC:** E daí poderia envolver várias disciplinas?

**JFRA:** Tinha que envolver todas. Trazia gente de fora para falar. Fazia trabalho em grupo com as professoras. A Sonia Morandi, maravilhosa que você conheceu e tinha a Doroti Toyohara e o Rizzo, Antonio Rizzo, deu muito certo. Naquele prédio do Banessa, que era no último andar, que tinha um jardim.

**MLMC:** Eu nunca subi lá, parece que é só depois das 15 horas.

**JFRA:** Pelo projeto Alimentos fizemos uma visita pelo centro de São Paulo e a gente levou para eles conhecerem um monte de coisas.

**MLMC:** Eu fiquei emocionada de ouvir você falar. Porque agora eu me dei conta, e eu nunca havia pensado nisso, e daí eu fui atrás da apostila da Sonia Mo-

randi, como eu fui me apropriando dessa metodologia toda, sem perceber. Estou muito emocionada quanto trabalho tem antes, e às vezes a gente nem percebe. Mas ouvindo você falar agora.

**JFRA:** Eu também fiquei emocionada. Principalmente, impulsionada pelo Almério. E daí vem um projeto que você não conhece “Historiografia”. (risos)

**JFRA:** A Historiografia das Escolas Técnicas Mais Antigas, e em 1997, ela foi até o Almério, que ela já conhecia e propôs que se fizesse um projeto com os documentos importantes que às vezes ficam jogados.

**MLMC:** Ou no porão como na Carlos de Campos.

**JFRA:** Como arquivo morto. E foi falar comigo e eu também me interessei. Foi assim, a Carmen e o Almério eles se conheciam e tinham muito afeto, e eles propuseram esse projeto para a FAPESP com esse nome imenso “Projeto Pesquisa sobre o Ensino Público Profissional no Estado de São Paulo: memória institucional e transformações histórico-espaciais “. Ele foi aprovado, e a FAPESP fez a mesma coisa que a Vitae, que era equipar. Ela deu os armários deslizantes, ela deu material para trabalhar fotografias. Tudo que se relacionasse com equipar bem para que o arquivo histórico fosse seguro, não se deteriorasse, que fosse e a escola tem ligação com a cidade, e que estudaram aqui, e tal e tal. E a coisa andou, e quantas escolas.

**MLMC:** Foram quatro no início, e depois, mais quatro.

**JFRA:** Isso mesmo. Foram quatro no início e estão dando certo, e ainda entrevistando pessoas que tinham trabalhado lá ou estudado lá. Enfim, a ideia era essa: – Conscientizar o pessoal que o arquivo é para o pesquisador e historiador, a mesma coisa que as ruínas são para os arqueólogos.

**JFRA:** Bom, como é que se trabalhava? Cada uma das escolas tinha três professores, trabalhando juntos. Primeiro de tudo tinham que tirar do lugar onde estava, era um lugar contaminadíssimo.

**MLMC:** Quando eu cheguei já estava organizado nas caixas. Eu substituí a Fabiana Valeck de Oliveira, já eram três anos, e eu peguei a parte de pesquisa.

**JFRA:** Tinha documento que estava manchado. Como segura um documento tão antigo? Que produto tinha que pôr para descontaminar. E tudo isso, era um trabalho que tinha que ter três pessoas.

**JFRA:** E tudo isso constituía um Centro de Memória, que atraísse pesquisadores, dentro da escola mesmo, os alunos estimulados pelos professores, os próprios professores, os historiadores e estudantes universitários. O cidadão curioso para saber os nomes dos antigos colegas. Enfim, então o Centro de Memória era assim o ápice do projeto, então as primeiras foram oito: – Fernando Prestes, Getúlio Vargas, Júlio Cardoso, José Cônego Bento, Aristóteles Ferreira com a Escolástica Rosa, mais antiga de todas, já tem mais de cem anos. É engraçado que

a Escolástica Rosa, porque a gente descobriu assim, por que de repente, os que estavam trabalhando no projeto de Historiografia, eles viram que a Escolástica é que foi a mãe da outra escola, que foi dela que surgiu a Aristóteles Ferreira, e ela foi incorporada como um apêndice, por que eles trabalhavam os documentos da Escolástica e da Aristóteles.

**MLMC:** Eu acho que quando eu entrei em 2001, a gente ainda não tinha acesso aos documentos da Escolástica Rosa. Depois, é que ela foi incorporada ao Paula Souza.

**JFRA:** Quando ela foi incorporada, é que os professores começaram. Tinha duas diretorias, alguns empecilhos, mas tudo bem. Cada escola foi apresentada com as fotos, e daí teve a publicação do álbum fotográfico que você trabalhou.

**MLMC:** Eu sei por que dá Carlos de Campos fui eu que escolhi as fotos, mas foi conversando com as professoras e nós fizemos as legendas.

**JFRA:** Tem uma fase, de fazer exposição no corredor da Cetec com os cartazes. Gente! Os professores vieram lá para a sede do Centro Paula Souza e nós pegamos cartolinas, já tínhamos combinados os tamanhos das fotos, e eles já trouxeram as fotos, ficou como uma exposição profissional.

**MLMC:** Agora que eu entendo, por que quando eu cheguei tinham fotografias expostas na Carlos de Campos.

**JFRA:** Eles fotografavam as fotografias. Não traziam as fotografias.

**MLMC:** Agora que eu estou entendendo aquelas cópias das fotografias no Centro de Memória.

**MLMC:** Quando foi? Em 1999?

**JFRA:** Não. Foi mais no começo, com as primeiras fotos. Eu vi e senti que o Almério, ele ficou... Aconteceu uma desgraça. Mas passou um ano, um ano e meio, e uma funcionária picou e jogou fora. Os cartazes foram picados. Eu tinha pedido para guardar sem amassar, porque a gente poderia ir para um congresso, participar, e até fazer cartazes. Foi para o brejo.

**JFRA:** Eu tive quase um colapso.

**MLMC:** Em todo o meu período na Cetec nós tínhamos que limpar os armários, porque nós tínhamos um espaço muito pequeno, e tínhamos que descartar. Eu lembro que nós lutamos por espaço e até tínhamos mais espaços do que as outras. Eu guardei todo o material do curso de carne, está comigo em casa, uma ora eu quero escrever sobre ele. Mas tem um curso de tecnólogo de cosmetologia, que eu tive que jogar fora, então o processo de desenvolvimento do curso foi para o lixo. E naquela época, eu não trabalhava com memórias como trabalho hoje. Agora que nós vamos ter que escrever uma política de conservação, por que não tem como montar um centro de memória digital sem essa discussão...

Nós nunca vamos ter espaço para guardar tudo. Mas pelo menos termos alguns exemplos.

**JFRA:** Esse trabalho que você está fazendo de entrevista, então essa memória vai sendo repassada. Seu trabalho é lindo.

**JFRA:** Você não estava na época. Mas então feito o vídeo, que depois a gente pode mostrar, teve o inventário das fotos documentais.

**MLMC:** Esse álbum agora está no nosso site de memória, em publicações, para os alunos terem acesso. Deixa-me te contar para você ficar feliz, há uns três eu fui visitar uma feira tecnológica, e uma menina fez toda uma apresentação com um pôster sobre memórias, e ao perguntar a aluna, ela montou um projeto, e ela disse que pegou do site de memórias o álbum, que contribuiu com o seu trabalho, mesmo publicado em forma digital, e eu fiquei muito feliz.

**JFRA:** (Julia mostra uma foto no álbum fotográfico) Principalmente, porque essa geração sabe como lidar com a forma digital.

**MLMC:** Eu não resisto a um contexto.

**MLMC:** Você me passou o CD, mas ele não está montando. O arquivo não é o diagramado pela Imprensa Oficial. Então vamos ter que trabalhar nele para eu poder colocar (no site) quando eu entrei em contato, mas eles ficam cinco anos com o arquivo e depois descartam. Sabendo disso, agora nós estamos com os nossos dois livros no nosso site. A gente produz alguns números impresso, porque é importante para divulgar o trabalho, mas assim que distribuimos colocamos no site para os alunos e os professores podem trabalhar com eles.

**JFRA:** Quando acabasse o projeto como é que ia ficar. Mas e os documentos que estavam chegando. Então teve a formação para as secretarias e diretores de serviço, no Centro Paula Souza, e eu continuava como coordenadora desse projeto. A Carmen participou algumas vezes, mas quem participou mais foi a Maria Cristina Vendrameto, e aquela que tinha cabelo cumprido. Como ela chamava?

**MLMC:** Iomar.

**JFA:** Iomar é. Elas também participaram e tivemos uma sorte fabulosa porque no arquivo do estado, eles estavam muito todo o sistema de catalogação e registro de arquivo e tudo, e então, elas foram e assistiram todo o curso.

**MLMC:** Vou te dar uma notícia boa e outra mais ou menos. Por exemplo, nós estamos em uma parceria com o Centro de Documentação, faz um ano e meio que nós começamos a conversar, e montando o arquivo histórico institucional, lá na sala 11, com o objetivo principalmente de preservar as obras raras e os nossos livros didáticos. E como conversamos no início da entrevista, daqui a 50 anos, o que hoje é corriqueiro, vai ser obras raras para os nossos colegas que vierem trabalhar com isso. E daí eu encontrei obras raras de 1939, por causa da minha pesquisa

para o doutorado, eu identifiquei uns livros e fui até Casa Branca. E chegando lá eu fotografei a secretaria acadêmica, porque eles tinham os arquivos em alvenaria, tudo nas caixinhas, e encontrei uns móveis antigos e fotografei tudo. Eu acho que isso deve ser resultado de todo esse trabalho.

**JFRA:** Qual cidade que você falou?

**MLMC:** Casa Branca.

**MLMC:** Embora eles não tenham um Arquivo Histórico, o primeiro diretor deles era da Superintendência, e talvez por isso, eles têm uma biblioteca riquíssima. Então falamos com o diretor para montar um Arquivo Histórico na escola, e como pretendemos digitalizar as coisas, e já estão no nosso site, tanto que a minha proposta para o ano que vem é definir três ou quatro temas. Tem que ser piloto, mas atualmente estamos numa discussão sobre o vocabulário controlado, e o CGD tem mais de 270 termos que nós vamos nos apropriar, mas vamos ter que recorrer à secretaria. Agora isso não eu acho que daqui algum tempo eu vou poder te responder. A supervisão tem um trabalho interessante que está na internet, de que documentos que essas secretarias têm que ter, que estão relacionados para os Observatórios, para o SAI, e que é fruto desse trabalho inicial. Mas eu acho que nós vamos ter que conversar com eles, vai ter que ter para a secretaria acadêmica, e nós vamos até lá para se apropriar daquele documento que é permanente e o Centro de Memória, que vai ter sempre um espaço pequeno.

**JFRA:** A secretaria acadêmica tem que entregar um documento de arquivo permanente a quem for solicitar.

**MLMC:** O tema do nosso quarto encontro de memórias é Coleções, Acervos e Centros de Memória. Eu acho que os Centros de Memória daqui para frente vai ser um espaço para guardar as coleções, de ex-professores. Eu acho que com a instituição organizada, não precisamos ter todos os documentos, eles estão no CGD.

**JFRA:** O que é o CGD?

**MLMC:** É o Centro de Gestão e Documentação. A legislação toda que está lá no CGD, basta estar lá, de preferência digitalizada, para que todas as pessoas tenham acesso. A mesma coisa prontuário de aluno, eu não preciso ter cópia no Centro de Memória, eu vou até a secretária, pesquiso e ponho de novo no lugar. A memória é de toda a instituição, é isso que nós temos que aprender para compartilhar, e a minha preocupação por ser da área técnica estudar a evolução da ciência, da tecnologia. Porque muitas vezes a técnica vem na frente da ciência, a gente desenvolve coisas, não sabe explicar, e a ciência vai descobrir isso depois, e nós estamos fazendo isso agora.

**JFRA:** Não sei se você viu que estão sendo lançadas hoje duas coleções das duas guerras mundiais. Foi durante uma das guerras que iniciou essa atitude do horário de verão para economizar energia, para nós é novidade, na nossa infância

não tinha isso aqui no Brasil, foi em outros lugares, e é antigo e a gente não sabia. É como a torre de comando no aeroporto surgiu por causa da guerra.

**MLMC:** É como a pasteurização das sopas com Napoleão. É aquela história da polaridade uma coisa ruim se transforma em uma coisa boa.

**JFRA:** E uma coisa boa.

**MLMC:** A música é mais visível e os artistas expõem mais e então a gente percebe isso de imediato. Na ciência acho que isso não está tão claro. Eu quero fazer vídeos é mostrar. Mas certamente temos em outras áreas e o Centro Paula Souza abre espaços. O que esses vinte anos nos atrapalharam, inibiram a criatividade para técnica e a tecnologia, o que isso atrapalhou e como vamos fazer daqui para frente, enquanto e cada vez eu espero que com menos influência americana e a gente possa dar um salto.

**JFRA:** Então é isso aí, do projeto de historiografia, e acabou o apoio da FAPESP. Em 2003, veio o nome “Política arquivística e história da educação” e a gente ainda contava com apoio da Iomar.



*Júlia Falivene Alves no Edifício Paula Souza, na sala de professores responsáveis por projetos na Cetec/CPS.*

*Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, 30/04/2003.*

**MLMC:** E a Carmen falava sobre o que?

**JFRA:** Ela falava sobre memória e história. Mas as outras duas falavam sobre os arquivos e eu também não entendia nada, a gente não conseguia ser tudo.

**MLMC:** Eu continuei escrevendo sobre o Dispensário de Puericultura, e daí foi um recorte pequenininho, e eu não acompanhei o trabalho do grupo.

**JFRA:** O Américo escreveu sobre o dispensário

**MLMC:** Ele escreveu sobre o Dispensário?

**MLMC:** Eu realmente agradeço muito o Almério. Como eu gostava muito de memória, eu montei um projeto sobre o Dispensário de Puericultura, com uma professora de Campinas, e em Franca, com a Joana, e em Sorocaba, também com a Fernando Prestes, com a professora Renata. O Centro Paula Souza me apoiava porque eu tinha projeto. A Luciana tirava dúvidas com ele.

**JFRA:** Tem um laboratório de fotografia.

**MLMC:** A Luciana devia ir tirar dúvidas com o Américo no Centro de Memória de Campinas.

**JFRA:** O Américo fazia um trabalho bom. Ele batalhou.

**MLMC:** Eu vou montar um laboratório de conservação de papel lá na Carlos de Campos, eu pedi para não tirar o azulejo da cozinha, é um espaço pequeno, mas nós vamos tentar.

**JFRA:** Ah, que lindo. A Associação de Arquivista e foi muito bom.

**MLMC:** Eu acho que fiz esse curso. Como fazer? E eu uso de vez em quando essas apostilas.

**JFRA:** A Cristina tinha que fazer a dissertação de mestrado, então ela começou a fazer uma tabela. Como ela não tinha conhecimento da secretaria, então nós começamos fazer as partes que deveriam existir no arquivo. Mas eu ficava só com as informações do Centro Paula Souza, e eu não sabia quase nada, mas conversávamos muito, e ela fez a tese.

**MLMC:** No final, a dissertação de mestrado dela, acho que por causa de prazo, ela fez sobre o Centro de Memória da Getúlio Vargas, eu acho que ela focou no Centro de Memória, mas eu acho que esse trabalho tem tudo a haver com a supervisão.

**JFRA:** Agora que você falou, eu fiquei com um peso na consciência: – eu deveria ter gente da supervisão para participar desse encontro.

**MLMC:** O número de pessoas era muito menor do que hoje.

**JFRA:** A gente não pode convidar porque eles não têm tempo. Todas as aquelas coisas para resolver. Enfim, fica para a próxima.

**MLMC:** Era outra estrutura. Hoje a Cetec, tem a Gfac, a Supervisão, o grupo de EAD. Na época, que você deu esses cursos o número de supervisores era muito menor, era outra estrutura.

**JFRA:** Bem então ficou assim: – Estava fazendo projeto, daí chegava outro. Acabou o de Alimentos, daí eu fiquei na Historiografia mais tempo, e depois veio o Ensino a Distância. E assim foi.

**MLMC:** Mas antes de você entrar, voltando a memória um pouquinho, quando você estava falando em temática. Eu fiquei pensando no nosso projeto de Memórias, porque a gente trabalha com temáticas, e eu sempre fico com um drama de consciência porque a gente não consegue atender todo mundo. Eu vou aos congressos e repasso para eles. A gente aprende muito olhando um ao outro. Você vê aquilo e te dá outra ideia.

**MLMC:** Hoje a gente tem os pontos de cultura, infelizmente parece que pararam com isso. Eu tenho uma admiração pelo Gilberto Gil. A partir de 2010, a lei de museus surgiu em 2009, mas só foi aprovada em 2013. São Paulo começou a se envolver, podemos ter problemas, mas estamos fazendo. Foram os museus que começaram a surgir nos municípios. Tem artigos sobre a memória. Agora nós estamos com uma lei que é o marco legal sobre a internet, e isso aumenta a nossa responsabilidade, principalmente quando divulgamos um documento na internet. É um processo que é lento e que começou em 1997. Eu fugia da arquivologia até o ano passado. Eu queria motivar as pessoas a escreverem, os dois livros foram sobre as pesquisas. Mas eu acho que daqui dois anos vai ter que ser sobre inventário.

**JFRA:** E agora essa forma de classificação toda já foi superada pela outra proposta que veio, eu acho.

**MLMC:** Daqueles cursos todos que nós fizemos no arquivo do estado, é lógico que são importantes, mas cada laboratório tem que ter a sua especificidade e tem que ter a sua organização. Nós temos que transformar tudo isso para uma ficha única, que vai ser a linguagem que nós vamos ter que nos preocupar, que até essa linguagem que nós vamos ter um centro de memória tem que ter o que código para se comunicar com o outro e que vai mudar é o número da etc. Nós temos centro de memória até na Fatec de Jundiaí que a professora Sueli é responsável. Eu tenho chamado de curadores os professores que são responsáveis. Eu acho que vamos ter que trabalhar mais o coletivo.

**MLMC:** A gente vai ter que sair cada um da sua casinha. É lógico que a gente se reúne nos Clubes de Memórias, mas acho que vamos ter que ampliar isso.

**JFRA:** Bom. Agora é Telecurso TEC.

**MLMC:** Que ano foi isso? Em 2007?

**JFRA:** Tem que ver. 2008? Pensei, eu não sei nada de ensino a distância. Mas tudo o que Almério pede é bom, então esse vai ser bom também. O encontro com a turma do Roberto Marinho. E começaram os encontros com a turma de lá e a turma de cá. Primeiro para definir bem como seria a educação à distância nesse projeto. Então foram escolhidas três: – não é profissão, foram três cursos. Só seriam esses três no começo: Administração, Gestão de Pequenas Empresas e Secretariado. Esses cursos teriam que pensar como seriam os currículos, como eles iriam aprender e o material didático.

**JFRA:** Então, então continuando aqui no telecurso, foi feito reunião, cada um fez um texto, e nenhum foi aprovado. Porque a linguagem teria que ser, falei agora pouco, só para reafirmar.

**MLMC:** Aqui tem a capa do livro, Julia.

**JFRA:** Cada um tem um rosto. Então está feio assim, porque os outros livros meus estão todos em cima na estante. Tem um para cada módulo. Eu tenho medo de subir na escada e cair.

**MLMC:** Pede para alguém subir. Não faça isso.

**JFRA:** Então esse era para todos os cursos o mesmo, porque era a base para eles depois desenvolverem cada um na sua área. Esse livro aqui, por exemplo, no começo a gente ficou assim: – poxa não aceitou nenhum texto de nós. O texto é tão fácil de ler. Mas daí a gente entendeu perfeitamente, eu fiquei maravilhada. Eles conseguiram fazer um livro gostoso.

**MLMC:** Mas eles aproveitaram o material que vocês escreveram?

**JFRA:** Não, era sim, escrever aí qualquer coisa que você queira. Eu escrevi sobre o trabalho oculto.

**MLMC:** Mas e daí, nenhum da Paula Souza escreveu?

**JFRA:** Não, espera aí. Mas nenhum de nós do Centro Paula Souza foi escolhido para escrever. A Andreia Ramal tem aparecido bastante na televisão, no programa da Fátima Bernardes, ela é uma educadora muito boa, e ela foi contratada como consultora para escrever.

**JFRA:** Ela participava dos encontros, e ela já tinha ideia de como seria um livro que fizesse o aluno trabalhar sozinho, e para alguma coisa importante. Por exemplo: começa trabalhado com uma historinha assim: – Uma padaria tá com problema e daí vem uma discussão sobre aquele problema da padaria e daí vem perguntinhas, assim: – o seu dia a dia tem muitas atividades? – quantas pessoas precisam participar de algum modo para que essa atividade aconteça? E daí transporta para a vida real do aluno.

**JFRA:** Daí todos os capítulos têm essas seções. Tem uma seção, por exemplo, aqui: – Descreva ou desenhe em um quadro, no seu bloco de notas, o processo envolvido na compra de um pão na padaria, todo o processo, indique os envolvidos em cada etapa. Vai lendo e vai fazendo o aluno pensar. Por exemplo, do tema, tem que folhear mesmo para entender, por que só assim não dá para entender. E daí tem os conceitos de planejamento, tal... entendeu?

**JFRA:** É um livro bem dinâmico, faz o aluno ir e voltar, e não é só isso, para cada capítulo tem vídeo. O vídeo é uma pessoa entrevistando um empresário, uma secretária, uma visita na padaria de Conto, famosa. Não estou podendo co-

mer doce e fui lembrar. Por que eu fui lembrar? Eles fizeram entrevistas lá dentro, as pessoas que trabalham lá. E foi assim na televisão também. Na Globo tinha um programa às 6 da manhã. Isso para quem voltou do trabalho e isso para quem ia fazer totalmente a distância. Mas tinha um também semipresencial.

**JFRA:** E, também tinha o semipresencial, as pessoas interessadas se inscrevem e tem que fazer uma prova de avaliação. Eu esqueci de falar. Tudo quanto foi avaliação aqui eu estava no meio. Mas, desde o começo que eu entrei, comecei a fazer questões para o vestibulinho, e depois, para o Telecurso, e para concurso de professor de História, e acabei escrevendo o livro sobre avaliação. Tudo foi uma oportunidade.

**MLMC:** Tem um livro que você escreveu sobre avaliação de competências. Foi nessa época?

**JFRA:** Foi nessa época. Um grosso que ninguém aguenta ler.

**MLMC:** De capa rosa. Acho que tem relação com aquele curso de transporte.

**JFRA:** Não é que tenha. Eu fiz avaliação para o curso de transporte. Tem questões que eu peguei de lá. Ah! Você tem razão. Eu peguei uma prova de transporte, e justifiquei por que era certa.

**MLMC:** Como eu também trabalho com temas, e nesse período, eu trabalhava com memória ferroviária, a convite da Fatec de Jundiaí, da professora Sueli (Batista), não sei como eu li o seu livro, eu acho que eu fui procurar material e vi que era sobre transporte. Eu acho que quando você lançou eu fiquei com isso na cabeça, e fui procurar e vi que era útil, ao que eu estava fazendo, então eu li grande parte do seu livro.

**JFRA:** E um livro que é difícil um professor ter tempo para ler tudo aquilo. Só uma pessoa que está com uma disposição bem grande como a sua para pesquisar.

**MLMC:** Quando a pessoa precisa é importante ler para a pessoa se situar, e é sobre as competências.

**JFRA:** O nosso tipo de prova para o vestibulinho. Posso falar isso? Era muito avançado para a época. Até do vestibular e daí começaram a vir provas muito semelhantes ao que estávamos fazendo, quase igual, mas não igual, porque ainda cobravam muito conhecimento, e a gente sempre cobrava uma questão problema. e como ler e raciocinar.

**MLMC:** Eu participei um ano ou dois anos da elaboração da prova de química. Acho que um dos filhos da Doroti (Doroti Quiomi Kanashiro Toyohara) ia fazer vestibulinho e ela não podia participar e fui substituir. E realmente foi uma experiência muito interessante, de poder participar de todo aquele processo. Eu também tive que fazer, e que vai e volta.

**JFRA:** Era interessante, e de uma riqueza, porque a gente fazia interdisciplinar.

**MLMC:** E todo mundo comentava. A gente se reunia.

**JFRA:** No começo a gente fazia e a gente ria de todas as questões (risos). Daí a gente dizia o que você quis dizer com isso. E começava a falar e dizia por que você não troca essa palavra.

**MLMC:** Mas eu peguei isso.

**JFRA:** E quem está do lado de fora.

**MLMC:** Eu peguei exatamente assim, com o Rizzo e todo mundo discutia, e eu pegue já nessa fase.

**JFRA:** Tá mesmo. Bom voltando aqui, eu esqueci onde eu parei. Então já tinha o livro e em cada capítulo. Eram duas irmãs, a Andreia Ramal e a Silvia, então cada capítulo que elas a faziam mandava para mim no caso do Secretariado e de Gestão, e no caso de Administração mandava para o Renato. Então a gente lia e fazia considerações. Então eles pegavam a ideia principal e foi saindo e quando ele ficou pronto, o vídeo logo em seguida já estava pronto. Levando em consideração todos os casos, aquela pessoa com mais idade, que teve um ensino médio bem longe do tempo atual. Aquele que está fazendo o ensino médio. Até nas provas, todo muito acha difícil e, também a prova era fácil.

**MLMC:** E aumentaram o número de cursos enquanto você estava lá?

**JFRA:** Não. Enquanto eu estava lá só eram esses três. e eu ia fazer o curso, para os professores. É uma que dava aula para aquele curso de quem não fez quando, na idade certa o ginásio, e daí precisava fazer um curso...

**MLMC:** Supletivo?

**JFRA:** É supletivo. É uma que é bem conhecida lá. Eu fiquei distante das pessoas, e eu demoro um pouco para lembrar. Como o do Américo, imagina esquecer do Américo, que já era de História. Enfim, o que dava certo e o que não dava. A primeira parceria foi com a prefeitura de São Paulo, foi com o CEU, era na época do Kassab. Cada CEU ia ter uma classe, e em cada classe ia ter um orientador de aprendizagem, a gente nunca usou a palavra professor. E tinha um que ia conversar e fazia encontros para ver se estava dando tudo certo, porque a agente fazia encontros presenciais para ir formando professores para ver como era educação a distância. Nesse CEU eles tinham aulas presenciais nos sábados. Era semipresencial e de sábado quase todos podiam ir dependendo do horário em que trabalhavam. Quando eles arrumavam emprego, eles paravam de fazer. Deu certo, mesmo com toda explicação, no livro e no vídeo, eram muitos trabalhadores que faziam. Daí nós fizemos a segunda parceria. Essa segunda ficou assim, em termos, porque era em Minas, o candidato Aécio. Foi ali no SENAI e lá, essa segunda parceria ficou assim, Minas tinha só ensino médio e técnico.

**MLMC:** Mais ou menos foi quando?

**JFRA:** Foi em 2008 que começou o telecurso. Foi muita coisa para eu procurar, depois eu vejo com calma.

**MLMC:** Você sabe que eles lançaram uma revista, tem uma revista que eles lançaram no grupo só histórico.

**JFRA:** Sei, mas eu não conheci ainda.

**MLMC:** E eles fizeram um volume só histórico. Tem um artigo que o Oswaldo escreveu, e ele conta e é bem interessante, eu acho que vou pôr no site de memórias. Porque os professores podem se apropriar.

**JFRA:** O Renato ia mais, e o José Vitorio. O Renato era o diretor ou o coordenador no telecurso.

**MLMC:** Ele era o diretor.

**JFRA:** Ele era diretor de escola, mas lá era o coordenador, mas eu sei que ele era o primeiro da turma. Eu nunca fui em primeiro lugar.

**JFRA:** Mas aí acabou a segunda turma, e chegou a terceira parceria, foram oferecidas 100 mil vagas, mas somente 50 mil foram preenchidas, mas na Secretaria em uma escola estadual e tinha 6000 vagas. Mas nós enfrentamos um problema muito grave. Na secretaria diziam que não podia isso ou aquilo, e então teve que ser pela internet e cada classe.

**MLMC:** Isso significa que eles não recebiam por esse trabalho extra.

**JFRA:** É. Eu acho que eles tinham duas horas para fazer isso, e que é pouco, que era o Centro Paula Souza e eles faziam o contato com os orientadores.

**JFRA:** E a quarta parceria foi com as Etecs, e daí com as etecs estava mais fácil, porque a gente tinha tido várias experiências. Foi oferecido as escolas e era o diretor que decidia se queria ou não.

**MLMC:** Isso foi em que ano?

**JFRA:** Você faz muita pergunta de ano. E eu já disse que eu não sei.

**JFRA:** Deve ter sido em 2009. E essa parceria é que está em vigor até agora. E foram dados os vídeos para todos os orientadores de aprendizagem, e eles ganharam os livros e os vídeos. Eu não sei se ainda tem esse curso na TV.

**MLMC:** Tem por que de vez em quando eu vejo.

**JFRA:** Tem. Mas é o Telecurso TEC com o Centro Paula Souza?

**MLMC:** Acho que não é mais do Centro Paula Souza. Acho que nós estamos fazendo sozinhos.

**JFRA:** A formação deles foi muito boa. A gente bolava outros. Por exemplo: – Eu criei uma ficha de avaliação de aluno. Então invés de ficar o professor lá no final, então ele vai lá e eles fazem avaliação em grupo. E cada aluno se situa no grupo. Ficaram os seguintes itens: Qual é a atividade? Qual é a sua responsabilidade/Qual foi o grau de dificuldade que ela apresentou a você? / Que esforço você dedicou para superar essa dificuldade? / Como você avalia a sua participação e de cada um dos membros do grupo? – Quais os fatores que contribuíram para o desempenho da equipe.

**MLMC:** Eu estou vendo você falar isso, e eu fiz tudo isso para o curso de Processamento de Carnes. Foi em 2005. Eu tenho todos esses questionários que eu preciso tabular. Eu não sei quando eu vou fazer isso, mas um dia eu preciso tabular isso. Mas um dia eu vou. Porque eu não gosto de deixar nada parado.

**JFRA:** Porque um dia chega mesmo. Porque esse livro mais recente, eu mandei um para o Almério, todos sem dedicatórias, por que eu estava em Campinas, e a minha amiga foi levar. Para o Almério, para a Laura, para a da Fatec, que eu não sei falar.

**MLMC:** Para a professora Helena?

**MLMC:** Helena Peterossi.

**JFRA:** Tem em e-book esse livro.

**JFRA:** Daí essa era uma planilha se avaliando e avaliando o grupo ao mesmo tempo. E daí uma outra planilha se avaliando em alguns pontos. Por exemplo: – Quais foram os meus pontos fortes nesse trabalho? Preciso melhor em Como pretendo superar os meus desafios? A avaliação tá formando, formando.

**MLMC:** É como fazer um relatório. O relatório te faz refletir e pensar nas próximas etapas.

**JFRA:** Então o Telecurso foi assim que aconteceu e a gente vibrava nos encontros.

**MLMC:** Mas isso foi quando?

**JFRA:** 2 de fevereiro de 2001.

**MLMC:** Alguém me falou a Julia não podia se aposentar. Então eu disse: – mas ela não se aposentou, por que ela continua escrevendo.(risos)

**JFRA:** Teve uma fase que eu vivi depois do tratamento do câncer. Mas eu não queria fazer nada. Era um momento de interiorização. Mas foi necessário.

**MLMC:** Eu tive uma fase de budismo e foi ótimo porque eu aprendi a controlar o meu cérebro, e foi ótimo. Porque tem tanta coisa maravilhosa para a gente fazer, mas não nada. Eu ia no templo, e eu me envolvo tanto, que queriam e quando eu vi que me passaram tanto texto, achei que estava na hora de sair.

**JFRA:** Eu tenho paixão por cinema, o meu avô foi cineasta.

**MLMC:** Você vê o canal Curta e o Arte 1?

**JFRA:** Como chama?

**MLMC:** Qualquer pessoa é o pacote da NET. É o 53.

**JFRA:** A NET daqui é da Kátia, ela pediu para ficar aqui.

**MLMC:** .... (encerrou)

# 21.

## JOSÉ FERNANDO GABRIEL

Centro de Memória da Escola Técnica Estadual  
João Belarmino, em Amparo



*José Fernando Gabriel da Etec João Belarmino, em 2018.  
Fonte: Arquivo pessoal Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 2025.*

José Fernando Gabriel fez o curso Técnico em Eletromecânica no Colégio Industrial João Belarmino, iniciado em 1973. Formou-se em História, em 1988. No Centro Paula Souza ingressou como diretor de serviços na Etec João Belarmino, em 1994, e somente retorna a sala de aula, em 2001.



*Edifício onde está o Centro de Memória da Etec João Belarmino, no piso inferior, desde 2000.  
Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 12/04/2018.*

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Boa tarde, José Fernando Gabriel, eu agradeço você estar me recebendo hoje, aqui no Centro de Memória da Etec João Belarmino, em Amparo, hoje que é dia 12 de abril de 2018, ano que nós comemoramos 10 anos do GEPEMHEP, e eu gostaria nessa visita, que infelizmente, é a minha primeira visita ao centro de memória, conhecer um pouco da sua história enquanto profissional na escola técnica, como você veio para a instituição, eu sei que você foi aluno, como se tornou professor de História e qual foi a sua relação inicial com o centro de memória, que depois você passou a ser curador desse centro de memória.

**José Fernando Gabriel (JFG):** Boa tarde, Maria Lucia. Depois de muito tempo, depois de muito vou e não vou, você acabou aparecendo. A minha história com a escola é uma memória de infância, até uma relação afetiva, e como eu morei muito tempo aqui em uma rua transversal, Antônio Prado, o Liceu é assim

que a gente chamou sempre a Escola João Belarmino. O Liceu virou a nossa área de recreio, a gente vinha aqui jogar bola na quadra, pegar fruta no pomar, caçar passarinho com estilingue. Então a relação com o Liceu é afetiva desde a infância. Nos anos 70, mais especificamente em 73, eu iniciei o curso aqui de eletromecânica, no Colégio Técnico Industrial, me formei como Técnico e Eletromecânica, e foi para mim uma realização, eu até pretendia estudar no Liceu anteriormente, gostava muito da escola, mas por contingência da vida, estudei em outra escola, e vir para cá foi assim uma coisa que causou muita satisfação e, também abriu muitas portas. Porque quando eu apresentava o diploma de Técnico em Eletromecânica do Colégio Industrial João Belarmino, aquilo abria portas. Comecei a trabalhar muito cedo, em 72, e trabalhei muito tempo, basicamente até o ano de 92, na indústria. Embora a partir dos anos 80, mais especificamente, a partir de 1988, eu fui convidado a dar aulas a noite de “Organização e Normas do Trabalho” nos cursos profissionalizantes da noite, como professor da escola, mesmo antes de ser professor, eu já trabalhei aqui na escola, e tem uma outra relação, porque a minha esposa trabalha aqui na escola, desde 81. Então quer dizer que o meu vínculo com a escola está sempre presente, quer seja com as brincadeiras de infância, quer seja na convivência como professor e, também sou casado com a atual assistente administrativa, diretora acadêmica, não sei como está hoje. Também tem essa relação com a escola além de toda essa situação (corta, me perdi)

**JFG:** Casei com a Cecília no ano de 1985, trabalhando ainda na indústria, mas sempre mantendo essa ligação. Todas as festas que ocorriam na escola, até mesmo os festejos dos 75 anos da escola, estive presente como marido da Cecília, então secretário da escola. Enfim, há uma longa correlação amorosa, afetiva com a escola. Minha esposa fazia História e eu não fazia nada. Só parei no técnico e não fiz mais nada. Mas uma viagem que eu fiz com ela às cidades históricas, aquilo me motivou a estudar História. Não a história dos livros, mas tomar contato com aquele patrimônio, ver o Aleijadinho por outra ótica, ver aquelas obras, realmente falei, é isso que eu quero fazer. E fui fazer a faculdade de História, me formei em 1988, no mesmo ano que eu dava aquelas aulas extraordinárias aqui, mas não profissionalmente. Minha profissão era chefe de almoxarifado, trabalhava com materiais na indústria. Até que em 92, por um problema de concordata na empresa, em que houve uma demissão em massa, eu me vi desempregado, tive oportunidade na empresa, mas o gérmen já estava inoculado. Quando fui convidado para dar aula de História aqui, eu aceitei de pronto. Então, desde 92, eu estou profissionalmente trabalhando na escola como professor de História.

**JFG:** Com uma breve interrupção de sete anos, quando a escola, em 94, passa ao Centro Paula Souza, eu prestei um concurso, um processo seletivo à época, e fui indicado para ser o diretor de serviços da entidade. E fiquei no cargo até 2001. Então, de 94 a 2001, saio da sala de aula e vou para o departamento da diretora de serviços. E peguei aquela fase da transição. A João Belarmino

não pertencia às escolas vinculadas ao Centro Paula Souza. Então, a partir de 94, todo aquele processo, que foi até bastante tumultuado, professores que não entendiam a mudança, demissão de um grupo, contratação de outros, eu passei por essa fase. Até que, em 2001, retornei para a sala de aula. Lembro até do Zé Vitório, que era supervisor nosso nessa época. Volta para a sala de aula, é mais gostoso. E, realmente, sala de aula é alguma coisa assim que não sei se eu consigo parar. É, realmente, é uma cachaça. Sala de aula é cachaça.

**JFG:** E aí, estou na escola desde essa época. Em 97, quando o Centro Paula Souza então, lança o projeto de Historiografia das escolas técnicas, eu estava na diretora de serviços. E começamos, então, a procurar um local para que aquele acervo, que começou a ser tratado pelo professor Paulo (Paulo Roberto Accorsi Pereira), pela professora Cláudia (Claudia Cristina Jundi Penha), e pelo professor Paulo, Paulo Roberto, que ainda está na escola, ativo, e a professora Cláudia também. Começamos, então, a procurar um local para aquele acervo que estava sendo tratado e todo aquele processo de busca, seleção, até a sua catalogação. Precisávamos de um espaço. E aí nós tínhamos, o espaço que nós estamos filmando agora, era o refeitório. Como a gente não tinha mais curso de dia inteiro, período integral, estava basicamente, vamos dizer, abandonado. Mas, enfim, estava fora de uso. Aí nós fizemos a adequação, compramos as divisórias, dividimos, deixamos a cozinha ainda em condição de ser usada e passamos a usar uma parte para a reserva técnica e a outra parte para a exposição permanente. E, infelizmente, por contingências da própria instituição, conseguimos manter a reserva técnica.

**MLMC:** Em que ano vocês deixaram de ter essa sala que era de exposição permanente?

**JFG:** Ela é recente. Ela é agora de 2014. Então, eu acho que até 2015 a gente ainda conseguiu usar como uma exposição, mas não mais. Então, em 2014 já havia sido decidido, que esse espaço então seria a sala dos coordenadores, que precisavam de um espaço mais amplo. Eles precisavam da sala dos professores para as reuniões, para a guarda desses materiais e a escola necessitava de um espaço. Por essa época, então, decidiu-se que esse espaço em que nós tínhamos o espaço de estudo, a gente fazia oficina com os alunos e a exposição permanente ou as exposições permanentes, acabou se transformando em sala da coordenação. E o acervo, o que era a reserva técnica, acabou ficando ainda preservado e estamos aí mantendo com um pouco de empenho. Empenho de menos, deveria ter mais, mas ele está pelo menos mantido.

**MLMC:** Agora, pela visita hoje, eu vi que você tem um rico acervo na área de Marcenaria, nessa área da Fundação. Esse material exposto, eu acho que seria um estímulo para os alunos até avaliarem a evolução da tecnologia, porque vocês continuam com os cursos de Mecânica. É uma pena ter perdido esse espaço, que eu espero que seja temporariamente.



*José Fernando Gabriel na sala da direção durante visita técnica a Etec João Belarmino.  
Fotografia: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 12/04/2018.*

**JFG:** O que nós estamos fazendo, principalmente na época de aniversário da escola, antes nós tínhamos uma rotatividade maior, nós mantínhamos algumas peças e trocávamos, pegávamos matemática, por exemplo. Hoje nós vamos pegar mecânica, ou durante esse mês ou durante o semestre. Com a perda do espaço, nós temos na área superior de onde nós estamos, um corredor bastante grande, bastante amplo. E na época, principalmente de aniversário da escola ou na semana técnica científica, a gente tem a possibilidade de expor parte do acervo. E é realmente bastante visitado (ruídos externos). Existem muita gente na cidade que foram alunos, que tem também essa relação afetiva com a escola, que sabe que nessa época alguma coisa vai ser exposta. Normalmente nós fazemos painéis fotográficos, nós recebemos em uma empresa alguns painéis que a gente pode fazer uma exposição de fotos. Temos painéis interiores, um rico acervo fotográfico, é muita foto de um período bastante distante. Muita documentação escrita, tem muita coi-

sa. Realmente, às vezes, quando a gente vai fazer uma curadoria desse acervo para exposição, a gente fica meio perdido. Então, normalmente a gente pega isso, um evento. E fazemos a exposição nesse corredor. Colocamos alunos monitores, treinamos um pouquinho para que naquele equipamento que está sendo veiculado, eles possam ter uma receptividade para as pessoas.

**JFG:** E depois eles vêm contar nossa, veio uma pessoa aqui que falou que estudou aqui e lembra desse professor, lembra dessa fase. Ele conta as histórias. Então, eles acabavam, os alunos relatando, aprendendo muito mais com os visitantes do que eles propriamente tentando transmitir alguma coisa. Tem muitos ex-alunos que frequentam a escola nessa época porque sabem que vão encontrar esse acervo minimamente exposto. Então, a gente não dá para fazer muita coisa. Mas o que a gente pode, a gente tem feito sim, tem mantido.

**MLMC:** Professor Gabriel, eu gostaria que você pudesse comentar um pouco sobre esse espaço que eu visitei hoje, da origem da escola. Porque achei fantástico vocês ainda terem resquícios do prédio original.

**JFG:** Infelizmente, aquele prédio, vamos dizer assim, por desleixo, não quero dizer isso. Mas, todo o esforço foi concentrado para a manutenção desse de onde nós estamos. E o prédio original, que na verdade funcionou como hospital de isolamento para varíola, lá no século XIX, ele serviu no início em 1913, quando esse prédio que nós estamos começou a aliás, ele estava sendo construído.

**MLMC:** Esse é de que ano?

**JFG:** Esse aqui começa em 10 e conclui em 14. Perdão, começa em 11, desculpe. Ele começa em 11 e é terminado em 14. Eu estou confundindo um pouquinho. Em 1913, então, tem a primeira turma. E o espaço que nós estamos, ele era uma chácara que pertencia à maçonaria Chácara Trabalho, que em 1910, por isso do 1910, foi sondado para que aqui se instalasse uma escola agrícola. O Pádua Salles, que era Ministro, Secretário de Agricultura do Estado, esteve aqui, mas achou lugar o acanhado, embora sejam 48 mil metros. E acharam outro local para que fosse fundada a escola agrícola, que acabou não sendo instalada. Quando foi editado o decreto em 1911, novamente a maçonaria disponibilizou o espaço. Olha, você tem esse espaço, vocês podem construir, é lógico que não nesses termos, mas de uma forma mais tranquila de dizer, esse espaço foi cedido para que aqui fosse construída, então, a Escola Profissional de Amparo. Enquanto esse prédio não era concluído, usou-se o antigo hospital de isolamento, o Lazareto, que nós visitamos aquelas ruínas hoje. Ali, então, foi o início das aulas, efetivamente, do nosso curso. E ali ficou até quando que começou a ser utilizado para casa de diretor?

**JFG:** Eu acho que na década de 50. Na década de 50.

**MLMC:** E quais foram os diretores que moraram lá?

**JFG:** Olha, com certeza, eu posso afirmar que foram o Herculano Monteiro, o Herculano Monteiro, ali pela década de 40, no fim da década de 40, começo de 50, e o professor José Amaral. Esse eu tive a oportunidade de conhecer, ele foi professor aqui na escola, enquanto eu vinha brincar aqui. Aliás, eu vinha brincar também não, eu estudava numa outra escola, que era uma escola, um colégio de freira, e tínhamos poucos meninos. Como não tinha um número suficiente de alunos para a prática de educação física lá no colégio, a gente vinha fazer aqui, porque o professor era o mesmo, o professor Mario Morandi, saudosa memória também. Então a gente vinha fazer educação física e o diretor nessa época era o José Amaral, que morava na casa que foi antigamente a sede da escola, o antigo Lazareto, enfim. Então essa construção permaneceu durante muito tempo. Quando eu fui aluno, na década de 70, chegaram os painéis para o curso de eletromecânica e a escola não tinha mais espaço. O colégio técnico já estava abarrotado de equipamento. Aqui ainda funcionava até encerrar de vez os cursos de profissionalizantes de primeiro grau. Essas máquinas foram instaladas lá na casa. Lá na casa, então, eu tive aula com o professor Antônio Alpa de eletricidade, que lá a gente fazia os esquemas em sala de aula e iríamos fazer os testes nesses painéis. No ano de 75. A casa também foi utilizada, essa inicialmente, para moradia de serventes. Então os zeladores também acabaram habitando aquela casa. Foi a última utilidade...

**MLMC:** De que período a que período?

**JFG:** Olha, Lúcia, eu acho que esse período já nos anos, finalzinho dos anos 70 e anos 80. Anos 90 já não mais. Anos 90 ele já estava, assim, em desuso. A gente não usava, nem nós como já professores da escola, nem tampouco para qualquer outra atividade. Então eu acho que assim, finalzinho dos anos 70 ele já entra em desuso. E aí com a própria opção por investir mais nesse prédio e... Nesses prédios que você viu ali, as construções novas, a oficina mecânica que foram construídas, o prédio acabou ficando abandonado. Aí eu posso dizer de abandono. Embora algumas vezes tenhamos tentado algumas tratativas com a prefeitura para ver se a gente conseguia minimamente preservar, mas não foi possível. Aí a própria intempere, você viu hoje, nós tivemos que passar uma parte que tem um mato bastante alto. Muitas vezes aquele mato é roçado e por vandalismo atearam fogo. Então também ele sofreu incêndio. Então a própria... Essas ações acabaram levando ele a término. E outra, você lembra que eu disse para você, aquele prédio ele é único. Ele é uma estrutura de gaiola de madeira, até mesmo uma olaria foi criada para que pudesse fazer aqueles tijolos, aquele tipo de encaixe. Então ele é único. Ele foi único e talvez por isso ele tenha decidido ruir, além da nossa falta de zelo. Nossa, porque eu também, na época, que eu fui diretor de serviço, havia possibilidade de fazer alguma coisa. Nós não conseguimos com o poder público local e quando o centro (Centro Paula Souza) encampou a nossa escola também, que é o período que eu estava, também a gente não conseguiu. Havia outras prioridades.

**MLMC:** Eu achei muito interessante na visita hoje na escola, visitar essas salas de aula com as pinturas, do curso de Pintura e Plástica. Então é uma preciosidade de vocês terem isso aqui. E eu acho que a escola, a direção tem que fazer tudo para manter isso, porque hoje nós continuamos tendo cursos de Design. Então essa história continua fazendo parte da história da educação profissional.



*José Fernando Gabriel na frente do painel que fica no corredor de entrada do Centro de Memória da Etec João Belarmino, no piso inferior, e as salas com piso e pinturas antigas, no piso superior.  
Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 12/04/2018.*

**JFG:** Aquilo foi uma surpresa porque foi feito um trabalho, na época do centenário foi feito um bom trabalho na escola. Devemos admitir isso. Ela foi básica-

mente restaurada, mas faltaram alguns critérios. Alguma parte do critério técnico mais apurado foi feito posterior.

**MLMC:** Que ano foi esse trabalho?

**JFG:** Nós recebemos essa... porque, em 2011, houve essa reforma, essa pintura, todo esse melhoramento da imagem do prédio e, algumas áreas internas pelos anos lá para o centenário, em 2011. A partir do ano de 2015, 16, nós recebemos então novamente um outro trabalho que é a estratigrafia em que foi pesquisado exatamente, vamos rever de novo todos esses trabalhos que foram feitos até chegar no emboco primitivo. Você viu que tem algumas áreas que estão no tijolo. Então quer dizer, todo esse trabalho foi feito para chegar exatamente nas paredes dos anos 11, 12, 13, 14, quando ele foi concluído. Quando eu estava dando aula o profissional que estava fazendo, não me recordo o nome não, chamavam de pica-pau, porque ele ficava o dia inteiro batendo na parede um barulhinho de pica-pau. Ele falou: – professor, corra aqui! Eu falei: o que, aconteceu alguma coisa? A hora que eu vi eu fiquei... não sei, fiquei estarecido, fiquei embaçado, ficava olhando para aquilo lá sem palavras.

**MLMC:** Fiquei deslumbrado.

**JFG:** Totalmente, totalmente, porque é de uma riqueza, você pode ver naquelas pinturas e a gente chegou, né? Eu já havia lido alguma coisa até no relatório do professor Horácio Augusto da Silveira sobre o curso de Pintura, mas eu não imaginava o que era o curso de Pintura. E ali nós tivemos um registro do que é esse curso de pintura. Da sessão artística, né? Nós tivemos aqui o Humberto Frediani, um grande mestre, cujo filho, Leandro Frediani, também depois veio dar aulas aqui de Desenho, na sessão de Plástica. A gente sabia desse potencial desses artistas, mas quando se descobriu as pinturas na parede, que foi uma obra do acaso, nós pudemos fazer a ligação.

**MLMC:** E esse artista, professor Frediani, a obra que você hoje, que eu agradeço muito ter me levado para visitar do Almeida Júnior, foi ele que reproduziu?

**JFG:** A obra do Almeida Júnior foi doação, enfim, vamos pensar em doação, do Pároco da época para um governador do Estado. E para que a cathedral, hoje cathedral, não ficasse sem uma obra, esse professor nosso, Leandro Frediani, você viu o possessivo aqui, né? Esse nosso professor, Leandro Frediani, ele fez uma cópia. O original está na Pinacoteca, do Almeida Júnior, e nós temos uma cópia, com todo respeito ao Almeida Júnior, não deve nada, você vai poder comparar, você viu a do Leandro, você vai comparar com a do Almeida Júnior.

**MLMC:** E eu também te agradeço muito por ter tido a oportunidade de conhecer de perto e fotografar o altar eucarístico, né? Que o pai do professor Paulo Accorsi, ele fez parte dessa equipe que produziu, né? Agora, outra coisa que eu gostaria que o professor Gabriel comentasse um pouco é a respeito desse prédio de 1938 da Rádio.



*Altar eucarístico na Catedral de Amparo produzido por marceneiros da escola, como o pai do professor Paulo Accorsi, que participou do projeto de Historiografia.  
Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 12/04/2018.*

**JFG:** Nós chamamos de fazendinha. A escola estava acanhada, carente de salas de aula. Aí foi feito, então, um novo prédio, concluído nessa data, que tinha duas salas de aula na parte superior, hoje abriga a diretoria acadêmica e a diretoria de serviço. Essa adequação foi feita na época que eu fui também diretor de serviço aqui. A gente precisava também, porque estava todo mundo pendurado, né? Secretaria no lado, eu na mesma sala de diretor, quer dizer. Aí tinha aquele espaço que estava ocioso também, nós fizemos uma reforma e adequamos para essa finalidade. Mas, na originalidade, ela foi criada para duas salas de aula. A parte inferior, é onde funcionava a sessão de Plástica. Vários artistas, principalmente o Leandro Frediani, trabalhou muito tempo nesse local. Tivemos aí obras primorosas, né? De antares, de pinturas, enfim. E no mesmo espaço, na parte superior, próximo das salas de aula, funcionava a sala do rádio. Tem o prefixo lá, PST4. Eu, depois de muito tempo, que vim saber o que era isso, não sabia o que era: – o PST4. Onde as informações da escola eram mandadas para a superintendência, era via rádio.





*Edifício onde funcionou a rádio P.S.T.4 que fazia transmissão para os Institutos Profissionais Feminino e Masculino, em São Paulo, durante gestão do superintendente Horácio Augusto da Silveira*  
*Fotografias: Maria Lucia Mendes de Carvalho, em 12/04/2018.*

**MLMC:** Tinha curso de inglês em 1937 pelo rádio. Eu tenho um artigo publicado, que está na internet, que eu cito. Isso porque nós encontramos num livro de recortes de jornais, que nós temos no Centro de Memória da Carlos de Campos.

**JFG:** Que interessante. O rádio está aqui no Centro de Memória. A sala está lá, a gente às vezes coloca. A última operadora foi a dona Tereza, Tereza Maurano, também. E nós temos aqui o rádio e algumas mensagens trocadas.

**MLMC:** Até que ano foi essa estação aqui?

**JFG:** Olha, anos 70, talvez ele estivesse funcionando ainda, em 69, eu estou dizendo assim, nessa transição: 60, 70. Mas isso também é memória afetiva. É do tempo que eu vim aqui para jogar bola. Eu não era tão nem de aluno, nem de nada. Mais ou menos por essa época que também o almoxarife, o Márcio Coimbra, um dia encontrei com ele e ele falou: – não, foi a Tereza, foi eu que operei aquele rádio. Eu falei: – está bom, Márcio, não vamos brigar por isso. Mas tem essa possibilidade também. Você vê que as pessoas gostam disso. Embaixo da sala do rádio, o gabinete dentário. Então, onde próximo da parte de plástico, o gabinete dentário. Esse gabinete dentário também, por essa época em que eu vinha fazer educação física e jogar bola, brincar aqui, a gente até de vez em quando ficava olhando o dentista cuidar dos alunos. O gabinete dentário está no museu histórico Bernardino de Campos. Nós temos só a escarradeira. A escarradeira ficou, mas o restante do consultório, o museu tinha exposição permanente. Hoje houve uma reformulação de conduta e de direção. Ele está na reserva técnica, mas ele está lá.

**MLMC:** Que bom saber.

**MLMC:** Olha, professor, eu lhe agradeço muito por essa entrevista. Eu vou transcrevê-la, vou editar o vídeo, e vou lhe mandar pedindo autorização para podermos publicar e difundir no nosso site de memórias do Centro Paula Souza.

**JFG:** Desde já está autorizado e se precisar por escrito, eu te faço. Lucia é assim, eu gostaria de ter um pouco mais de gás para tocar outros projetos. Você sabe disso. Vamos ver se agora a vida está um pouco mais na sombra. Não tão na sombra, mas um pouquinho. Quem sabe a gente se empenhe um pouco mais. É um acervo que você viu riquíssimo. Cada caixa daquela, quando você abre, você tem uma história nova. O acervo de uma escola centenária...

**MLMC:** Eu gostaria muitíssimo que você voltasse para o grupo, porque nos primeiros anos que eu trabalhei com você, em 2009, os seus relatórios eram muito ricos, tanto que eu utilizei no nosso primeiro livro como referência sobre o trabalho que você desenvolveu aqui. (toque da campanha da escola)

**JFG:** Interessante. Me agradou muito ser referência. Obrigada. Lúcia, mais uma vez, que seja a primeira de muitas, tá?

**MLMC:** Obrigada.

**JFG:** A porta da escola está sempre aberta para você.

**MLMC:** Obrigada, Gabriel.





# REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Hildo Ferreira de; LOBREGAT, Maria Cristina; RIBEIRO, Josina Maria Pontes. Tecnologia Social da Memória: uma contribuição para a preservação da História da Educação Profissional e Tecnológica. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e12155, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12155>. Acesso em: 22 jun. 2025.

ARAÚJO, Almério Melquíades de (org.). Proposta do Centro Paula Souza. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estruturada nos termos da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017**. Competências, habilidades e propostas de matriz curricular da BNCC por série e por componente curricular. Atualizado pelo Grupo de Formulação e Análises Curriculares em 21/02/2019, 63 p. Disponível em: [http://www.memorias.cpsctec.com.br/arquivos/bncc-gfac\\_2018-2019.pdf](http://www.memorias.cpsctec.com.br/arquivos/bncc-gfac_2018-2019.pdf). Acesso em: 09 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação Nacional. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf> Acesso em: 16 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. 2017. 600p. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf) .Acesso em: 12 mar. 2021.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **História Oral na Educação: memórias e identidades**. São Paulo: Centro Paula Souza. 1ª Ed. 2013. Disponível em: <http://www.memorias.cpsctec.com.br/publicacoes/apostilas/historiaoral.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. **Desvendando raízes e retratos no campo da alimentação e nutrição no Brasil: de Francisco Pompêo do Amaral ao Centro Paula Souza**. 486p. Tese (Doutorado em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável). Faculdade de Engenharia Agrícola, Universidade Estadual de Campinas. 2013.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Arquivo Histórico Institucional: a importância para a história da educação profissional e tecnológica no Centro Paula Souza. In: CARVALHO, M. L. M. (org.). **Coleções, Acervos e Centros de Memória**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2017, p. 39-58.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Apresentação. In: CARVALHO, M. L. M. (org.). **Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2022, p. 13-17.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de. Apresentação. In: CARVALHO, M. L. M. (org.). **História oral na educação: de profissionais a empreendedores**. São Paulo: Centro Paula Souza, 2023, 428 p.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de; MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. Centros de Memória no Centro Paula Souza: 25 anos de uma parceria entre instituição e universidade públicas. **RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo**, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023003, 2023. DOI: 10.20888/ridphe\_r.v9i00.17623. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/17623>. Acesso em: 6 jul. 2025.

CARVALHO, Maria Lucia Mendes de Carvalho. A cultura digital como prática de memórias e história da educação profissional e tecnológica. **Anais do XII Congresso Brasileiro de História da Educação**, na modalidade Comunicação Coordenada, na área temática Educação profissional. 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/cbhe2024/843233-a-cultura-digital-como-pratica-de-memorias-e-historia-da-educacao-profissional-e-tecnologica/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

CENTRO PAULA SOUZA. Institucional. Ref. primeiro semestre de 2025. **sítio eletrônico**. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/institucional/sobre-o-centro-paula-souza/>. Acesso em: 04 jul. 2025a.

CENTRO PAULA SOUZA. Memórias e história da educação profissional e tecnológica. São Paulo: Centro Paula Souza, 2020. **1 sítio eletrônico**. Disponível em: <http://www.memorias.cpscetec.com.br/>. Acesso em: 04 jul. 2025b.

CHUVA, Marcia. A relevância do Patrimônio Cultural e da Memória. **Entrevista concedida ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico** e publicada em 08 de fevereiro de 2023. Disponível em: [CRUZ, Paula Lorena Cavalcante Albano da; MONTÃO, Luana Costa Viana. Educação Patrimonial, Ensino de História e BNCC: relações possíveis. \*\*Revista Cocar\*\*. v.19. n.37. 2023 p.1-18. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7276/3272>. Acesso em: 09 dez. 2024.](https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/a-relevancia-do-patrimonio-cultural-e-da-memoria#:~:text=A%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20do%20patrim%C3%B4nio%20p%C3%ABlico%20%C3%A9%20uma%20das%20estrat%C3%A9gias%20mais,dever%C3%A3o%20projetar%20o%20seu%20futuro. Acesso em: 09 dez. 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

DOESP. **Diário Oficial Poder Executivo. Seção de 4 de janeiro de 2022**. Página 84. São Paulo, 132 (1). Resolução SDE nº 60, de 30 de dezembro de 2021. Reconhece o Centro Estadual de Educação Tecnológica “Paula Souza” – CEETEPS como Instituição Científica e Tecnológica do Estado de São Paulo – ICTESP. Disponível em: <https://bkpsitecpsnew.blob.core.windows.net/uploadsitecps/sites/1/2023/07/resolucao-SDE-60-2022-01-04.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2025.

ESCOLANO BENITO, Agustin. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Editora Alínea: Campinas, 2017.

FONTANELLI, Silvana Aparecida. Centro de Memória e Ciência da Informação: uma interação necessária. **Monografia** (Trabalho de Conclusão de curso de Biblioteconomia) na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. 2005, 105p. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/309607622\\_Centro\\_de\\_Memoria\\_e\\_Ciencia\\_da\\_Informacao\\_uma\\_interacao\\_necessaria](https://www.researchgate.net/publication/309607622_Centro_de_Memoria_e_Ciencia_da_Informacao_uma_interacao_necessaria). Acesso em: 11 dez. 2024.

GRANATO, M; SANTOS, F. P. Os Museus e a Salvaguarda do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia no Brasil. In: GRANATO, M. (org.) **Museologia e Patrimônio – Coleção MAST: 30 Anos de Pesquisa**, volume 1. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2015, p. 78-119.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 1ª Ed. São Paulo: Contexto. 2007.

MENEZES, Maria Cristina. Patrimônio Histórico-Educativo: Como Não Se Envolver? In: MENEZES, M. C (org.) **Desafios Iberoamericanos: O patrimônio Histórico-educativo em Rede**. Campinas: CIVILIS/UNICAMP-RIDPHE-CME/USP, p. 11-8, 2016.

MONTEIRO, Waldirene Malagrine. Trajetórias de vida e formação: narrativas sobre a constituição da profissionalidade docente e alfabetizadora. **Revista História Oral**, v. 18, n.2, p.149-177, jul./dez. 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/126412116/Trajet%C3%B3rias\\_de\\_vida\\_e\\_forma%C3%A7%C3%A3o\\_narrativas\\_sobre\\_a\\_constitu%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_profissionalidade\\_docente\\_e\\_alfabetizadora](https://www.academia.edu/126412116/Trajet%C3%B3rias_de_vida_e_forma%C3%A7%C3%A3o_narrativas_sobre_a_constitu%C3%A7%C3%A3o_da_profissionalidade_docente_e_alfabetizadora). Acesso em: 22 jun. 2025.

NORA, P. Entre a memória e a história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo. v. 10, dez., p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SMITH, Richard Cândida. História oral na historiografia. Autoria na História. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (orgs.). **Memória e diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral**. São Paulo: Letras e Voz: Fapesp, 2011, p. 153-160.

# APÊNDICE

## DOCUMENTO DE REGISTRO DE ENTREVISTA PARA HOSPEDAR NO SÍTIO

Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza

A seguir, o procedimento padrão que o GEPEMHEP adota para elaborar o documento de registro de entrevistas de história oral na educação, difundindo-o com o vídeo da entrevista, em um volume específico a ser montado para o projeto “HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: docentes em centros de memória”, no link “percurso histórico” do sítio de Memórias institucional, dentro do programa “HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO” (texto em word, fonte Arial 11, margens 2,5 e espaço 1,5):

### 1. CAPA:

- Documento de Registro de Entrevista para o sítio MHEPTCPS
- Centro Paula Souza
- MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
- Percurso Histórico
- Programa de História Oral na Educação
- Nome do entrevistado (a)
- Local
- Cidade/SP
- Ano

## 2. FICHA DE CADASTRO:

- 2.1 Tipo de entrevista: (História oral de vida)
- 2.2 Entrevistadora/Instituição: Maria Lucia Mendes de Carvalho/  
Coordenadora de Projetos de Memórias na Cetec/Curadora do  
Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do  
Centro Paula Souza
- 2.3 Levantamento de dados preliminares a entrevista: citar nome do  
docente pesquisador (a)
- 2.4 Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho
- 2.5 Local da entrevista: plataforma teams da Microsoft
- 2.6 Data: (em que ocorreu a entrevista)
- 2.7 Técnico de gravação:
- 2.8 Duração:  
(marcar o tempo total da entrevista gravada em minutos e segundos)
- 2.9 Número de vídeos: (durante a gravação da entrevista)
- 2.10 Transcritor (a) (nome de quem fez a transcrição da entrevista)
- 2.11 Número de páginas:

## 3. SINOPSE DA ENTREVISTA

Neste item informa-se que a entrevista foi realizada dentro do contexto do projeto “HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: docentes em centros de memória”, proposta pela Coordenadora de Projetos de Memórias, na Coordenadoria Geral de Ensino Médio e Técnico (CGETEC) do Centro Paula Souza, em anos, com o entrevistado (a) xxxxx, por este (descrever o motivo do convite a esse entrevistado (a) para participar do projeto).

## 4. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

- Data da transcrição da entrevista:
- Nome do (a) transcritor (a):
- Notas:
  - » Lembrar que antes da pergunta deverá aparecer a sigla do nome do entrevistador (a), o mesmo ocorrendo durante a resposta do entrevistado, apresentando a sigla do seu nome, a cada pergunta e resposta.

- » Se ocorreu mais de uma gravação em vídeo, informar Vídeo 1 com x minutos de gravação; Vídeo 2 com x minutos de gravação.

## **5. DESCRITORES**

Ao concluir a transcrição, faça uma leitura, descrevendo os temas levantados ou palavras-chave que facilitarão o acesso ao documento durante pesquisa online.

## **6. DADOS BIOGRÁFICOS DO (A) ENTREVISTADO (A)**

Fotografia e dados biográficos com data e local de nascimento, formação desde a educação básica, trajetória profissional em instituições ou empresas onde trabalhou e/ou trabalha, entre outras informações relevantes.

## **7. DADOS BIOGRÁFICOS DA ENTREVISTADORA**

Fotografia e dados biográficos com data e local de nascimento, formação desde a educação básica, trajetória profissional e instituições ou empresas onde trabalhou e/ou trabalha, entre outras informações relevantes)



# POSFÁCIO

Sou Divanil Urbano e minha trajetória no Centro Paula Souza se constrói a partir de uma vivência que atravessa diferentes lugares da instituição: inicialmente como aluno e, posteriormente, como profissional, professor e gestor. Em sala de aula, como docente, busquei desde o início incorporar metodologias diferenciadas, capazes de projetar nos estudantes não apenas conteúdos técnicos, mas experiências formativas que contribuíssem para sua constituição como profissionais no ensino técnico.

Em um momento posterior dessa caminhada, iniciei uma nova etapa ao assumir a função de Diretor de Escola. Ao longo de vinte anos, em três unidades distintas, foi possível construir uma gestão participativa, orientada por um olhar atento à valorização da comunidade escolar, ao fortalecimento dos vínculos institucionais e à promoção de uma educação comprometida com as diretrizes do Centro Paula Souza, sem perder de vista as especificidades locais e humanas de cada contexto.

Tempo, vivência, experiência e motivação conduziram, de forma natural, à continuidade dessa trajetória na função de Coordenador Geral das Escolas Técnicas – atualmente Coordenador Geral do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza. Nessa etapa, os desafios se ampliam, assim como as possibilidades de projeção de uma educação conectada não apenas à comunidade interna, mas também ao mundo externo, aproximando as escolas dos setores produtivos e de outros segmentos sociais. O resultado desse movimento se expressa em instituições que educam a partir de suas histórias, de seus territórios e das pessoas que as constroem cotidianamente.

A memória é um território vivo. Ela habita o gesto, a voz, o olhar e a experiência daqueles que, ao ensinar, também constroem sentidos para o mundo. Este livro, dedicado à Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, nasce justamente desse território: um espaço em que o passado não

se apresenta como um conjunto de fatos fixos, mas como uma narrativa em permanente construção, atravessada por histórias, afetos, lutas e conquistas.

O Centro Paula Souza, com mais de meio século de trajetória, constitui um dos maiores acervos vivos da formação técnica do país. Contudo, como toda instituição que cresce, inova e se transforma, sua história corre o risco de se diluir no ritmo acelerado das mudanças. Daí a importância de cultivar a memória não como nostalgia, mas como instrumento de identidade institucional, reflexão crítica e projeção de futuro. Preservar memórias é, também, preservar a possibilidade de compreender quais caminhos nos trouxeram até aqui – e quais caminhos ainda podemos construir.

Neste posfácio, celebramos o encontro entre educação e memória. Vozes que, por vezes silenciadas pelo cotidiano, encontram aqui um espaço de permanência. Vozes que narram a criação de cursos, a expansão das Etecs, a evolução das práticas pedagógicas, bem como as tensões e esperanças que marcam diferentes épocas. São narrativas que revelam uma educação profissional construída por pessoas que acreditam, dia após dia, na potência transformadora do ensino técnico.

São Paulo, 17 de dezembro de 2025.



Etoc



**HISTÓRIA  
ORAL NA  
EDUCAÇÃO**

DOCENTES  
EM CENTROS  
DE MEMÓRIA

**CENTRO PAULA SOUZA**  
Unidade do Ensino Médio e Técnico

Rua dos Andradas, 140 – Santa Ifigênia  
01208-000 – São Paulo – Tel.: (11) 3324-3300

[www.cps.sp.gov.br](http://www.cps.sp.gov.br)



**SÃO  
PAULO**

**GOVERNO  
DO ESTADO**

SÃO PAULO SÃO TODOS